OS CRUZADOS

UMA HISTÓRIA ÉPICA DAS GUERRAS PELA TERRA SANTA

DAN JONES

DO AUTOR DO *BESTSELLER* INTERNACIONAL
+ *OS TEMPLÁRIOS* +

EDITORIAL PRESENÇA

DO MESMO AUTOR

Verão de Sangue: A Revolta dos Camponeses de 1381

Os Plantagenetas: Os Reis que Fizeram a Inglaterra

A Coroa Oca: As Guerras das Rosas e a Ascensão dos Tudors

Magna Carta: A Criação e o Legado da Grande Carta

Reino Dividido: Um Ano na Vida da Inglaterra Plantageneta

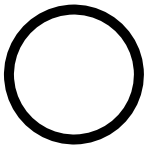
Os Templários: A Ascensão e Queda dos Guerreiros Sagrados de Deus

A Cor do Tempo: Uma Nova História do Mundo 1850–1960 (com Marina Amaral)

CRUZADOS

Uma história épica das guerras pelas Terras Santas

DAN JONES



UM LIVRO DE APOLO

www.headofzeus.com

Para Walter
χαλεπὰ τὰ καλά

Publicado pela primeira vez no Reino Unido em 2019 pela

Head of Zeus Ltd Copyright © Dan Jones, 2019

O direito moral de Dan Jones de ser identificado como autor desta obra foi afirmado de acordo com a Lei de Direitos Autorais, Desenhos e Patentes de 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão prévia do detentor dos direitos autorais e da editora deste livro.

Um registro de catálogo deste livro está disponível na Biblioteca Britânica.

ISBN (HB): 9781781858882
ISBN (E): 9781781858875

Mapas de Jamie Whyte

Design da capa: Estuary

English
Foto do autor: Peter Clark

Chefe da Zeus Ltd
5–8 Hardwick Street
LondresEC1R 4RG
WWW.HEADOFZEUS.COM

Conteúdo

Do mesmo autor
Página de título
Dedicação *Direitos autorais* *Epigrafo*
Lista of Mapas
Introdução

PARTE I: JULGAMENTO POR PROVAÇÃO

1. O Conde e o Imã
2. Poetas e ParReis Ty
3. Império sob cerco
4. Deus Vult!
5. O Conto do Pregador
6. Marcha dos Príncipes
7. O inverno mais longo
8. Jerusalém
9. Dividindo os despojos

PARTE II: REINO DOS CÉUS

10. Sigurd Jerusalemfarer
11. Campos de Sangue
12. Um Novo Knidade avançada

13. Melisende, a Magnífica
14. As Espadas de Nossos Pais
15. Convertido ou Excluído
16. História se repetindog
17. A Corrida por EEgito
18. Por causa dos nossos pecados

PARTE III: A COLHEITA DA TERRA

19. Leoas e Corações de Leão
20. Consumido pelo fogo
21. Inimigos internos
22. O Rio do Paraíso
23. *Imutador Mundi*
24. Khans e Reis
25. O Inimigo do Inferno
26. Fragmentos e Sonhos
27. Admiráveis

Mundos Novos
Epílogo: Cruzados 2.0

Seção de placa

APÊNDICES

Apêndice 1: Elenco dos personagens principais
Apêndice 2: Reis e Rainhas de Jerusalém
Apêndice 3: Papas
Apêndice 4: Imperadores

Notas
Bibliografiae

Índice
Sobre o autor
Um convite da editora

Naquela época, os homens se importavam tanto com peles quanto com suas almas imortais.

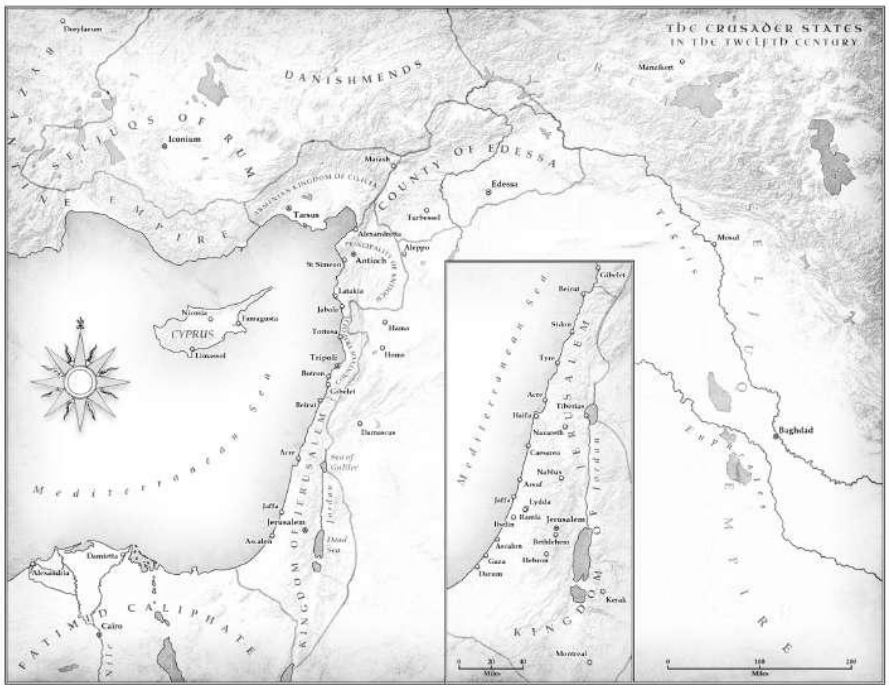
Adão de Bremen (c.1076)

Lista de Mapas

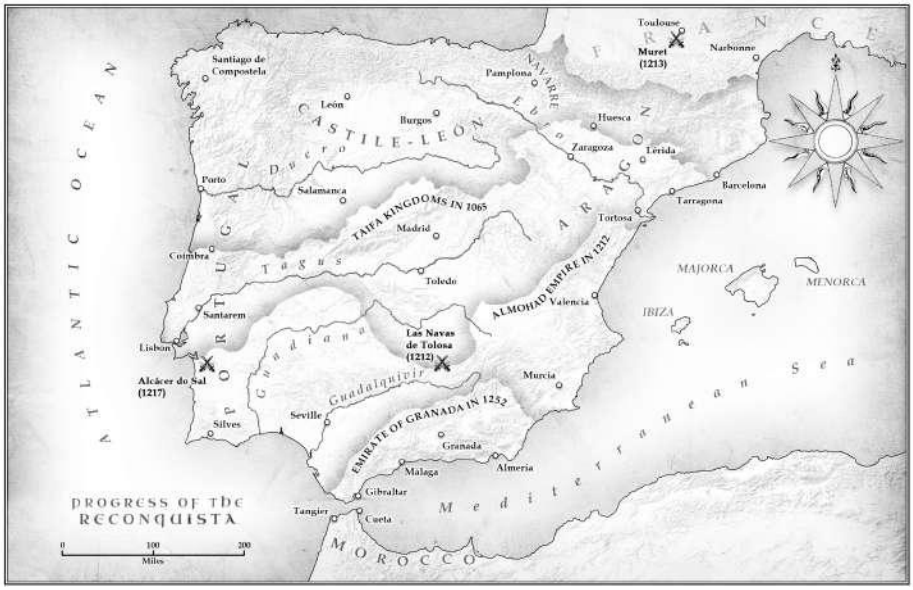
1. Europa e a Terra Santa após a Primeira Cruzada, c.1099
2. Os Estados Cruzados no Século XIIe
3. Progresso da Reconquista i
4. A Primeira Marcha dos Cruzados de Constantinopla, 1097–99
5. O Cerco de Antioquia, 1097–98
6. O Cerco de Jerusalém, junho–julho de 1099
7. A Segunda Cruzada, 1147–49
8. Tribos pagãs do Báltico, c.1100
9. O Delta do Nilo durante a Quinta Cruzada, 1217–21
10. Mongóis e mamelucos, c.1260

Europa e a Terra Santa após a Primeira Cruzada, c.1099

Os Estados Cruzados no Século XIIe



Progresso do Reconquista i



Introdução

Um épico escrito com sangue…

Pouco antes da Páscoa de 1188, um arcebispo inglês de Canterbury foi ao País de Gales em uma campanha de recrutamento. A milhares de quilômetros de distância, a guerra havia eclodido no Mediterrâneo oriental, e o arcebispo, cujo nome era Balduíno de Forde, fora encarregado de recrutar milhares de combatentes aptos para se juntarem a um exército que estava sendo destacado para lá.

À primeira vista, não era uma tarefa fácil. Para aqueles que decidissem se alistar, a viagem por terra e mar até o leste e de volta levaria pelo menos dezoito meses. Custaria muito dinheiro. Havia uma grande chance de naufrágio, roubo, emboscada ou morte por doença muito antes de o destino – o reino cristão de Jerusalém, na Palestina – ser alcançado. As chances de voltar para casa com muitos saques eram insignificantes. De fato, a perspectiva de voltar para casa era assustadoramente pequena.

O comandante inimigo – o sultão curdo do Egito e da Síria, Saladino Yusuf ibn Ayyub, coloquialmente chamado de Saladino – era altamente capaz e já havia infligido uma série de derrotas devastadoras aos exércitos dos cristãos ocidentais, genericamente conhecidos como "os francos". No verão anterior, ele havia esmagado um enorme exército em campo, aprisionado o rei de Jerusalém, confiscado a relíquia sagrada da cruz de Cristo e expulsado um governo cristão da cidade de Jerusalém. A única recompensa garantida para os participantes da guerra que se vingassem de Saladino seria a redenção na vida após a morte, onde se presumia que Deus olharia com bons olhos para os participantes, concedendo-lhes uma entrada mais tranquila e rápida no paraíso.

Embora numa era religiosa obcecada com a contagem e remissão de pecados esta fosse uma oferta mais atraente do que pode parecer hoje, Baldwin, no entanto,

teve seu trabalho interrompido, enquanto ele e sua comitiva percorriam o País de Gales de cidade em cidade: pregando, persuadindo e despertando entusiasmo para uma guerra contra um inimigo que ninguém de seu público jamais havia visto, em uma terra que pouquíssimos jamais haviam experimentado fora de suas imaginações.

Em uma pequena cidade chamada Aberteifi, no oeste do País de Gales, um jovem casal reagiu à chegada de Balduíno com uma briga. O marido havia decidido que queria se alistar na cruzada. Sua esposa estava convencida de que ele não iria a lugar nenhum. Segundo o escritor Gerald de Gales, que viajou com o Arcebispo Balduíno e manteve um registro vívido da viagem (embora, infelizmente, tenha omitido os nomes do casal), a esposa "agarrou o marido firmemente pelo manto e pelo cinto e, publicamente... o impediu de ir ao arcebispo".[1] Eles lutaram e ela venceu. Mas, escreveu Gerald, sua vitória teve uma duração terrivelmente curta: "Três noites depois, ela ouviu uma voz terrível dizendo: 'Você tirou meu servo de mim, portanto, aquilo que você deve amar lhe será tirado.'"

Naquela noite, deitada na cama, ela acidentalmente rolou durante o sono e sufocou até a morte seu filho pequeno, que dormia na mesma cama. Foi uma tragédia. E também, ela percebeu, um presságio. Embora o Arcebispo Baldwin já tivesse seguido em frente, o casal, arrasado, foi ver o bispo diocesano para relatar o terrível acidente e implorar perdão.

Só uma solução se apresentou. Todos sabiam qual era. Os cristãos que haviam concordado em partir para lutar contra Saladino anunciavam sua condição de guerreiros sagrados e juramentados no exército de Cristo costurando uma cruz de pano na manga de suas vestes.

A esposa costurou ela mesma a cruz do marido.

*

Este é um livro sobre as Cruzadas: as guerras travadas por exércitos liderados por cristãos e sancionados pelo papa contra os supostos inimigos de Cristo e da Igreja de Roma durante a Idade Média. Seu título, Cruzados, reflete tanto seu tema quanto sua abordagem. Por muito tempo, durante a Idade Média, não havia uma palavra única para descrever "as Cruzadas" como as conhecemos hoje: uma série de oito ou nove grandes expedições da Europa Ocidental à Terra Santa, complementadas por uma série de outras guerras tangencialmente conectadas, travadas desde as cidades ensolaradas da costa norte da África até as terras congeladas.

florestas da região do Báltico. No entanto, desde os primórdios do fenômeno, certamente havia uma palavra para aqueles que participaram. Os homens e mulheres que participaram dessas guerras penitenciais na esperança de salvação espiritual eram conhecidos em latim como crucesignati – aqueles marcados com a cruz. Nesse sentido, então, a ideia do cruzado precedeu a ideia das cruzadas, e essa é uma das razões pelas quais a preferi aqui.

Mais importante, porém, o título "Cruzados" reflete a abordagem narrativa que adotei neste livro. Ele é composto por uma série de episódios com personagens que participaram das cruzadas, organizados sequencial e cronologicamente para contar uma história em tela que abrange todo o período. Os indivíduos a quem encarreguei de nos guiar em nossa jornada são os "cruzados" do título do livro, e eles formam um elenco que, espero, juntos, possam nos contar a história das cruzadas desde a linha de frente.

Ao escolher esses cruzados, lancei minha rede deliberadamente em uma ampla gama de pessoas. Selecionei mulheres e homens, cristãos das igrejas oriental e ocidental, muçulmanos sunitas e xiitas, árabes, judeus, turcos, curdos, sírios, egípcios, berberes e mongóis. Há pessoas aqui da Inglaterra, País de Gales, França, Escandinávia, Alemanha, Itália, Sicília, Espanha, Portugal, dos Bálcãs e do norte da África. Há até um bando de vikings. Alguns têm papéis centrais, outros meros cameos. Mas esta é a história deles.

O resultado, considerado como um todo, é uma história declaradamente pluralista das cruzadas. Historiograficamente, isto é, não se concentra exclusivamente no estabelecimento, sobrevivência e colapso dos estados cruzados da Palestina e da Síria e nas guerras contra os muçulmanos nessas regiões. Em vez disso, situa esse fio condutor da história no contexto das histórias simultâneas de cruzadas oficiais travadas na Península Ibérica, no Báltico, na Europa Oriental, no sul da França, na Sicília e na Anatólia, e de movimentos populistas não oficiais surgidos em outros lugares. Narrativamente, significa que nossa história é conduzida por uma multidão de pessoas, um coletivo que, em conjunto, fornecerá um caleidoscópio de perspectivas intrigantes e coloridas sobre sua era compartilhada.

Esse, de qualquer forma, é o objetivo. É claro que, ao entregar este livro, estou profundamente ciente – e profundamente grato – pelos muitos excelentes estudos sobre as cruzadas que foram escritos nos últimos anos. Talvez o maior deles, apesar de sua idade, continue sendo a gloriosa crônica em três volumes de Sir Steven Runciman, Uma História das Cruzadas (1951-1954); mas, mais recentemente, leitores de língua inglesa também foram abençoados pela publicação de Christopher Tyerman.

A Guerra de Deus: Uma Nova História das Cruzadas(2006), The Crusades: The War of the Holy Land (2010), de Thomas Asbridge, Holy Warriors: A Modern History of the Crusades (2010), de Jonathan Phillips, a terceira edição de The Crusades: A History (2014), do falecido e grande Jonathan Riley-Smith, e Paul
A Corrida pelo Paraíso: Uma História Islâmica das Cruzadas, de M. Cobb (2014). Todos esses livros são guias soberbos sobre o período e, embora ao longo da narrativa eu tenha me limitado a citações exclusivamente de fontes primárias, fiquei profundamente tranquilo por ter essas exemplares obras de história moderna em minhas estantes – ao lado de centenas de outros livros e artigos, gerais e especializados, de outros estudiosos. Sem o trabalho de gerações de historiadores das Cruzadas do passado e do presente, este livro simplesmente não teria sido possível.

*Cruzados*é apresentado em três seções. A primeira abrange o período em que se desenvolveram as diversas vertentes de pensamento, atividade e guerra que influenciaram o movimento das Cruzadas, a partir da década de 1060. A obra avança em direção à surpreendente história da Primeira Cruzada e culmina com a queda de Jerusalém em julho de 1099.

A segunda parte do livro retoma a história alguns anos depois, no início do século XII. Ela traça o crescimento e o desenvolvimento dos estados cruzados na Síria e na Palestina, acompanha as guerras entre governantes cristãos e as potências islâmicas na Espanha (conhecidas como Reconquista) e explora a expansão das cruzadas para além desses dois teatros, rumo a um novo reino ao redor da costa do Mar Báltico. A narrativa desta seção do livro é ancorada por duas grandes crises: a perda de Edessa em 1144, que desencadeou a Segunda Cruzada, e a queda de Jerusalém para Saladino em 1187, que provocou a Terceira.

A parte final do livro mapeia os esforços desesperados da cristandade ocidental para reconquistar Jerusalém na primeira metade do século XIII, seguidos pelo declínio dos estados cruzados no leste após a ascensão dos impérios mongol e mameluco. Também descreve a dramática expansão e politização da ideologia e das instituições cruzadas durante e após o papado de Inocêncio III, e o processo pelo qual as cruzadas se voltaram contra novos inimigos: dentro e fora da Igreja, reais e imaginários. Mantendo seu compromisso de contar uma história longa e abrangente, Cruzados não termina em 1291 com o colapso final do reino de Jerusalém, mas em 1492, com a conclusão da Reconquista e a transmissão dos impulsos e energias das cruzadas para o oeste, para a Nova Jerusalém.

Mundo. Por fim, um breve epílogo esboça a sobrevivência e a mutação da memória das cruzadas até os dias atuais.

Cada capítulo deste livro poderia ser, e na maioria dos casos tem sido, um estudo completo por si só. Espero que o leitor em geral se inspire com o que se segue para se aprofundar na história das Cruzadas, e aqueles que leram mais neste período apreciarão a abordagem que adotei ao material. Como acontece com todos os meus livros, espero acima de tudo que esta seja uma história que entretenha, além de informativa. Pois, como Sir Steven Runciman escreveu certa vez, "a história romântica das Cruzadas foi um épico escrito com sangue".[2]

Assim foi. E assim é. Vamos começar.

Dan Jones
Staines-upon-Thames
Primavera de 2019

PARTE I

Julgamento por provação

1

O Conde e o Imã

Ele percebeu dois meios pelos quais lucraria, um para sua alma e o outro para seu benefício material…

O Conde Roger da Sicília levantou a perna e peidou. "Pela verdade da minha religião", exclamou, "há mais utilidade nisso do que no que você tem a dizer!"[1]

Seus conselheiros ficaram abatidos – e um pouco perplexos. O conde diante deles estava na casa dos 40 e tantos anos e carregado até os ossos de experiência em campanhas militares no sul da Itália e nas ilhas do Mediterrâneo central. Como um jovem guerreiro, ele fora descrito por um bajulador como "alto e bem constituído, um orador fluente, astuto em conselhos, previdente no planejamento de coisas a serem feitas, alegre e agradável com todos".[2] Na meia-idade, ele já estava um pouco mais endurecido e não era de desperdiçar palavras com tolos.

O plano recomendado pelos conselheiros parecia bom, como costumam ser os planos dos cortesãos, antes de ser destroçado pelas críticas de potentados irascíveis. Não muito longe da Sicília, do outro lado do mar – a cerca de 120 km no ponto mais próximo – jaziam os restos do que antigamente fora chamado de Cartago, posteriormente província romana da África, e agora, no final do século XI, Ifriqiya.[*] Suas cidades – incluindo a capital Mahdia (al-Mahdiyya), na costa, e Kairouan (Qayrawan), no interior, onde uma vasta mesquita e escola foram frequentadas por muitas gerações pelos maiores filósofos e cientistas naturais do norte da África – estavam sob o comando instável de uma dinastia decadente de muçulmanos berberes, conhecida como Ziridas. O interior era controlado por vários árabes.

Tribos beduínas enviadas do Egito para expulsar os ziridas. A estabilidade política estava em colapso. Ali se estendiam terras férteis e quentes. Ali se erguiam prósperas cidades portuárias. Tudo pronto para ser conquistado? Os conselheiros de Roger achavam que sim, e por isso recomendaram ao seu suserano irritadiço a proposta de um primo que uma fonte menciona apenas como "Balduíno".[3]

Este Balduíno havia tomado posse de um grande exército de soldados cristãos e estava procurando um lugar ímpio para conquistar. Pedira a bênção de Roger para ir à Sicília e usá-la como plataforma de lançamento para uma invasão de Ifriqiya. "Serei seu vizinho", exclamou, como se fossem boas notícias. Mas Roger da Sicília não se sentia um bom vizinho. Ifriqiya era, sem dúvida, governada por vários seguidores do islamismo, disse ele, mas esses infiéis eram parceiros juramentados dos sicilianos em acordos que mantinham a paz e permitiam uma rica troca de mercadorias nos mercados e portos da ilha. A última coisa que ele queria, vociferou aos seus asseclas reunidos, era um primo abusando de sua hospitalidade, travando uma guerra imprudente que interromperia o comércio siciliano se fosse bem-sucedido e lhe custaria muito dinheiro em apoio militar se fracassasse.

Ifriqiya podia de fato ser vulnerável, mas se alguém fosse explorar isso, seria o próprio Roger. Ele passara as últimas duas décadas e meia – quase toda a sua vida adulta – consolidando seu domínio na região, e seria um fim em vão se ele agora o colocasse em risco em busca de algum plano maluco arquitetado por um parente que nunca havia trabalhado o solo da ilha com seu suor.

Se este Balduíno quisesse lutar contra os muçulmanos, disse Roger, teria que encontrar uma parte diferente do Mediterrâneo para cuidar de seus negócios. Havia muitos lugares que ele poderia citar que seriam preferíveis ao quintal da Sicília. Ele convocou o enviado pessoal de Balduíno à sua presença e o informou de sua decisão. Se seu mestre estivesse realmente falando sério, disse ele, então "a melhor maneira [de proceder] é conquistar Jerusalém".[4]

E foi assim que tudo começou.

Roger, conde da Sicília, foi o self-made man por excelência da Europa no século XI. Ele nasceu por volta do ano 1040, o caçula de doze filhos de um nobre menor da Normandia chamado Tancredo de Hauteville. Considerando os protocolos de herança, nascer como segundo filho implicava um fardo vitalício de caça à fortuna, em vez de uma herança fácil: ter onze irmãos à frente era um desastre. Mas, no final do século, os normandos começaram a conquistar a Europa Ocidental. Eles

assumiu o comando da Inglaterra Saxônica em 1066. Ao mesmo tempo, o sul da Itália caiu sob seu olhar. As oportunidades podem ter sido limitadas para os filhos mais novos dentro da própria Normandia, mas para qualquer um disposto a viajar, as oportunidades eram abundantes. Assim, ainda jovem, Rogério deixou sua terra natal no que hoje é o noroeste da França e partiu para um território que já havia chamado muitos de seus parentes e compatriotas: as ricas, porém instáveis, regiões do sul da Itália, Calábria e Apúlia.

Ponta e calcanhar da bota italiana, Calábria e Apúlia eram terras onde os recursos eram abundantes, a autoridade era contestada e um jovem ambicioso com uma queda por política e guerra poderia fazer seu nome. Outros normandos do clã Hauteville já haviam obtido sucesso aqui, lutando contra as superpotências rivais na região: principalmente os gregos bizantinos e os papas romanos, ambos os quais olhavam os normandos com suspeita beirando o alarme. Os mais bem-sucedidos entre eles incluíam os irmãos de Roger, William Braço de Ferro, Drogo e o excepcionalmente talentoso Robert Guiscard (em francês antigo, guischart significa astuto ou dissimulado). Quando Roger chegou, os dois primeiros já estavam mortos e Robert Guiscard havia reivindicado o título de "conde da Apúlia e Calábria". Mas havia muitas aventuras para serem encontradas. A família havia conquistado a submissão do povo do sul da Itália cortando seus narizes, mãos e pés e arrancando seus olhos.[5]A história tribal dos normandos contava sobre sua descendência de um senhor da guerra escandinavo chamado Rollo, que se converteu ao cristianismo principalmente como um meio de garantir que homens de todos os tipos de reinos se curvassem ao seu comando.[6]Nem Roger nem Robert perderam o toque viking de persuasão na ponta de uma espada.

Graças, em grande parte, a essa reputação de violência extravagante, nem todos aprovaram a invasão normanda do sul da Itália. Na opinião de um eminente clérigo da época, os normandos eram "o lixo mais fedorento do mundo... filhos da imundície, tiranos que surgiram da plebe".[7]Mas, a partir de meados do século, o papado adotou uma visão diferente, à medida que sucessivos papas suavizaram sua hostilidade aos normandos e começaram a vê-los como aliados em potencial, rudes, mas úteis na prática, que poderiam ser empregados para promover a agenda de Roma. Em parte, o papado chegou a essa conclusão sob coação: em 1053, os normandos destruíram um exército papal no campo de batalha e fizeram prisioneiro o predecessor de Nicolau, o Papa Leão IX. Seja como for, em 1059, o Papa Nicolau II concedeu à família Hauteville o domínio sobre a Calábria e a Apúlia.

e permitiu que eles hasteassem uma bandeira papal† diante de seus exércitos no campo de batalha: uma honra que ele concedeu a Roberto Guiscardo em troca de quatro camelos como presente. E isso não era apenas uma aceitação do status quo. O papa especulou que um dia, um membro do clã normando poderia, "com a ajuda de Deus e de São Pedro", também conquistar e governar a Sicília: a grande ilha triangular do outro lado do Estreito de Messina estava sob domínio árabe desde o século IX.[8]Isso representaria um grande avanço nas ambições papais de colocar todo o sul da Itália sob o domínio da Igreja Romana.[9]Se os normandos conseguiram fazer isso, argumentava-se, então toda a perturbação causada no continente nas muitas décadas desde a chegada desses rudes nortistas poderia ter valido a pena.

*

A conquista da Sicília atraiu fortemente Roger e seu irmão Robert Guiscardo, embora não pelos mesmos motivos que atraiu o papa. Agradar a Deus poderia ser feito de forma bastante satisfatória localmente, fundando e mantendo comunidades de monges e freiras, louvando a Cristo e observando os dias festivos dos santos. Travar uma guerra expedicionária para tomar e subjugar uma ilha de 2.500 km² de extensão, com uma extensão costeira de quase 1.500 km e uma vasta região de montanhas vulcânicas em seu centro era um ato de piedade que exigia uma justificativa terrena mais substancial.

Felizmente, na Sicília havia muitas razões para se encontrar. Úmida no inverno e quente no verão, a ilha continha algumas das melhores terras agrícolas do Mediterrâneo, produzindo quantidades prodigiosas de grãos por meio de métodos agrícolas muito aprimorados sob o domínio de seus emires islâmicos. Arroz, limões, tâmaras e cana-de-açúcar prosperavam. As oficinas sicilianas produziam algodão e papiro. As águas calmas mantinham os pescadores ocupados; turistas peregrinos do sul da Espanha, sob domínio muçulmano, paravam para se refrescar enquanto se dirigiam a Meca para realizar o Hajj. Cidades costeiras, incluindo Palermo, Siracusa, Catânia, Messina e Agrigento, eram mercados centrais no Mediterrâneo central, onde comerciantes do Oriente Médio e do nordeste da África podiam fazer negócios com aqueles que operavam rotas comerciais pela Europa Central e Ocidental. A população local, composta por muçulmanos árabes e berberes, cristãos ortodoxos gregos e judeus, representava uma lucrativa fonte de renda.

base, como os emires demonstraram ao seguir a prática islâmica de impor um imposto aos infiéis conhecido como jizya sobre os não muçulmanos que não desejavam se converter.

Dito isso, o hino papal da conquista siciliana cantado para Roger e Roberto Guiscardo em 1059 fazia muito sentido. Como contou um cronista monástico siciliano chamado Geoffrey Malaterra, quando

> aquele jovem muito distinto, Roger... ouviu que a Sicília estava nas mãos dos descrentes... foi tomado pelo desejo de conquistá-la... Ele percebeu dois meios pelos quais lucraria, um para sua alma e outro para seu benefício material, se pudesse trazer ao culto divino um país entregue à idolatria.[10]

Dinheiro e imortalidade: essas duas tentações atemporais provaram ser mais do que suficientes para persuadir Roger e Robert Guiscardo a atravessar o Estreito de Messina em uma série de invasões a partir do início da década de 1060. Tomar a Sicília dos árabes não foi fácil nem rápido, mas quando os irmãos normandos concentraram toda a sua atenção, trazendo bloqueios navais e guerreiros em pequeno número, mas peritos no estilo normando de luta – com armaduras leves e cavalaria pesada, grandes escudos de madeira e torres de cerco – eles se mostraram muito difíceis de resistir. Eles exploraram as rivalidades das facções islâmicas na ilha, que, no passado, haviam contratado mercenários cristãos da Itália continental e estavam mais do que dispostos a colaborar com os exércitos normandos para promover suas próprias ambições de supremacia política.[11]Eles se entregavam a uma guerra psicológica básica, mas eficaz: estuprando as esposas dos inimigos ou enviando pombos-correio encharcados de sangue para anunciar suas vitórias. Como resultado, Palermo caiu em 1072, após um cerco de cinco meses. Em meados da década de 1080, a maior parte da ilha estava sob o comando normando. O aventureiro inveterado Roberto Guiscardo partiu em busca de mais emoção lutando no Império Bizantino, levando o domínio normando para a Dalmácia, Macedônia e Tessália, e deixando seu irmão mais novo, Roger, governar mais ou menos como quisesse como conde da Sicília.

Em 1091, a conquista da Sicília foi concluída e Roger estava se deleitando em seu papel como um dos senhores cristãos mais admirados da Europa: recebendo propostas de casamento para suas filhas dos reis da França, Alemanha e Hungria, estabelecendo bispados em toda a ilha que eram obedientes ao papado (em vez dos patriarcas orientais da Igreja Ortodoxa) e supervisionando uma população que permaneceu tão ricamente variada entre as religiões

e culturas como sempre. Roger construiu e patrocinou igrejas e mosteiros na Sicília – um ato de piedade convencional para qualquer governante da época, especialmente para um que tinha uma quantidade absurda de sangue humano em suas mãos. A mesquita de Palermo, originalmente construída como uma basílica bizantina, foi convertida mais uma vez, desta vez em uma igreja observante do rito latino. Em algumas ocasiões, ele parece ter forçado rivais muçulmanos derrotados a se converterem ao cristianismo.[12]O sistema jizya foi efetivamente revertido, de modo que os muçulmanos, em vez dos cristãos, agora pagavam um imposto (o censum ou tributum) pelo direito à sua descrença.[13]Os judeus também pagavam uma taxa. Mas Roger não estava de forma alguma criando uma teocracia. De fato, clérigos visitantes vindos do norte da Europa reclamaram do fato de Roger não apenas permitir que muçulmanos servissem em seus exércitos, mas (segundo eles) se recusar ativamente a permitir que se convertessem à causa de Cristo.[14]E o próprio conde era mais pragmático do que dogmático ao se apresentar aos seus súditos. Moedas de cobre conhecidas como trifollari, cunhadas para uso por seus súditos cristãos, mostravam Roger como um glorioso cavaleiro cristão a cavalo, carregando uma lança sagrada, e tinham seu nome inscrito em latim, Conde Roger (ROQERIVS COMES).).[15]No entanto, cada tari de ouro – uma moeda cunhada para uso de seus súditos muçulmanos – trazia uma inscrição em árabe: "Não há Deus senão Alá, Maomé é o profeta de Alá". Outras moedas árabes de Roger e seus estatutos na mesma língua referiam-se a ele de várias maneiras: imã, malik e sultão: senhor, soberano e rei.[16]

*

O que, porém, devemos concluir da intrigante história da recusa de Roger em estender seu sucesso na Sicília patrocinando uma invasão de Ifriqiya? A história nos chegou por meio de um estudioso chamado Ibn al-Athir, que viveu e morreu em Mosul (hoje Iraque) entre 1160 e 1233, e cuja obra-prima foi uma crônica magistral, confiantemente intitulada al-Kamil fi'l ta'rikh: A Obra Perfeita da História.

Ibn al-Athir foi um historiador sério que dedicou centenas de milhares de palavras a uma história do mundo, começando com a Criação e continuando até as lutas políticas e militares do mundo islâmico em geral durante sua vida, sobre a qual lançou um olhar panóptico e muitas vezes altamente perspicaz. Dada a época em que viveu, os cruzados e seus

Os motivos eram naturalmente de grande importância para ele, e ele refletiu seriamente sobre as origens das guerras santas que eclodiram espetacularmente e com frequência na bacia do Mediterrâneo durante sua vida. Sua decisão de atribuir a responsabilidade a Rogério da Sicília (a quem ele caracteriza como grosseiro, malcheiroso e cínico – o próprio arquétipo do senhor cruzado) é importante, mesmo que não deva ser tomada inteiramente ao pé da letra.‡ O personagem "Balduíno" provavelmente tem a intenção de sinalizar Balduíno I, futuro rei de Jerusalém, mas não há evidências que corroborem que essa troca tenha acontecido.

É possível que Ibn al-Athir, em seu relato, estivesse confundindo o que sabia, com base em sua retrospectiva sobre as origens das cruzadas na Terra Santa, com uma história particular de origem e sabor mais locais. Em 1087, segundo o cronista Malaterra, Ifriqiya sofreu um ataque anfíbio de um exército formado por mercadores de Pisa, "que partiram para fazer negócios na África, mas acabaram sofrendo alguns danos".[17]Em uma narrativa muito menos grotesca e pitoresca do que a de Ibn al-Athir, Malaterra simplesmente diz que os pisanos se ofereceram para conceder a Rogério a coroa de Ifriqiya se ele os ajudasse a tomar a cidade de Mádia. Rogério hesitou, alegando que havia firmado um tratado de paz com as autoridades locais há relativamente pouco tempo. Ele não mencionou Jerusalém. Segundo Malaterra, os pisanos fizeram seu próprio acordo com o governante zirida e aceitaram um pagamento em dinheiro para deixar Mádia em paz.

No entanto, há mais do que isso. Quando Ibn al-Athir apresenta sua história sobre o Conde Roger e o estado de Ifriqiya, ele o faz situando-a em um amplo contexto mediterrâneo. Mais ou menos na mesma época em que os normandos conquistavam a Sicília e ameaçavam a costa de Ifriqiya, escreveu ele, eles também "tomaram a cidade de Toledo e outras cidades da Espanha... Mais tarde, tomaram outras partes, como você verá".[18]E, de fato, "eles" fizeram isso. Na Espanha, no norte da África, nas ilhas do Mediterrâneo e em outros lugares, confrontos entre governantes rivais, obedientes a diferentes religiões, eram comuns nas décadas anteriores ao início da Primeira Cruzada.

Estas não eram guerras religiosas – na verdade, a religião era muitas vezes claramente secundária a considerações comerciais e geopolíticas.[19]Mas eram guerras entre homens religiosos e tiveram consequências que perduraram por gerações, de modo que ainda podiam ser vistas em curso na época de Ibn al-Athir. O colapso de guerras travadas por território e guerras travadas com base na fé e no dogma, com o objetivo de supremacia espiritual, desempenharia um papel fundamental no lançamento

de mais de 200 anos.

de conflito que viria a ser expresso principalmente em termos de uma batalha pela única fé verdadeira.

[*] Hoje, este é o Mahgreb oriental: aquela porção do litoral norte da África coberta aproximadamente pelo nordeste da Argélia, Tunísia e noroeste da Líbia.

[†] Poucos anos depois, uma bandeira papal foi enviada a outro lorde normando: Guilherme, o Bastardo, duque da Normandia, a hasteou diante de seus exércitos quando invadiu a Inglaterra em 1066.

[‡] Curiosamente, a flatulência demonstrativa de Roger não era um detalhe exclusivo de Ibn al-Athir. Geoffrey Malaterra registra um caso de um exército normando sitiando Palermo em 1064, durante cuja campanha o exército foi infestado por tarântulas. "Qualquer um que fosse picado por elas se via cheio de gás e sofria tanto que não conseguia evitar que o mesmo gás saísse do seu ânus com um chocalho repugnante." Wolf, Kenneth Baxter (trad.), The Deeds of Count Roger of Calabria and Sicily and of his Brother Duke Robert Guiscard: por Geoffrey Malaterra (Ann Arbor, 2005), p. 114.

2

Poetas e Reis da Festa

Agora que estão fortes e capazes, os cristãos desejam recuperar o que perderam pela força…

Quando a Sicília começou a cair sob o domínio normando na década de 1070, com a ilha se desintegrando cidade por cidade diante dos ataques dos soldados bárbaros do Conde Roger, portando escudos em forma de lágrimas gigantes, um jovem poeta muçulmano reuniu sua família e fugiu. Seu nome era Ibn Hamdis (ʿAbd al-Jabbar Ibn Hamdis) e ele tinha 24 anos. Nascido em Siracusa por volta de 1054, ele cresceu em um conforto refinado como filho de uma família abastada, desfrutando e absorvendo uma educação literária que o dotou de uma facilidade vitalícia para a poesia árabe popular, marca registrada da alta cultura da época. Esse talento permitiu-lhe compreender a destruição, a dor e a perda que veria durante sua longa e movimentada vida. Isso também o tornaria famoso e lhe daria acesso às muitas cortes eruditas do Mediterrâneo islâmico.

Deixar a Sicília foi um golpe em sua alma, e sua partida o deixou para sempre em luto pela turbulenta ilha onde nasceu. "Fui banido do Paraíso", escreveu ele certa vez; nostalgia e saudade permeavam a poesia que ele continuou a compor até bem depois de completar oitenta anos.[1] Mas se o exílio foi doloroso, também foi proveitoso. Após deixar a Sicília, Ibn Hamdis rumou para o oeste e tornou-se companheiro assalariado de um dos maiores mecenas artísticos de sua época, Muhammad al-Mu'tamid ibn Abbad, rei da taifa de Sevilha. Al-Mu'tamid, aproximando-se de seu quadragésimo aniversário quando Ibn Hamdis chegou, era ele próprio um poeta talentoso; herdara sua habilidade com as palavras de um pai bruto, mas eloquente, al-

Mu'tadid, cuja implacável campanha militar fez de Sevilha um dos estados mais poderosos da região e cujos métodos de lidar com seus inimigos eram positivamente traiçoeiros, incluindo, em uma ocasião, sufocar um grupo de diplomatas visitantes até a morte na casa de banhos de seu palácio.[2]

Al-Mu'tamid foi um governante um pouco menos desonesto que seu pai e um compositor de versos mais talentoso.[3]Ele adotou Ibn Hamdis como um dos vários parceiros de treino lírico e o colocou em sua folha de pagamento. Assim, o exilado siciliano fixou residência em uma das cortes mais intelectuais e sensuais do Ocidente, onde os prazeres ilícitos do vinho e do sexo casual eram livremente disponíveis e a vida, escreveu ele, "só era desculpável quando caminhávamos pelas margens do prazer e abandonávamos toda restrição".[4] Ibn Hamdis ansiava eternamente por sua terra natal, mas as coisas estavam, pelo menos momentaneamente, boas.

*

A preeminência de Sevilha era relativamente recente. Se um jovem muçulmano de letras tivesse buscado refúgio na região um século antes, teria corrido sem hesitar para Córdoba, a capital regional do califado omíada: uma megacidade de meio milhão de habitantes e uma das metrópoles mais sofisticadas e inspiradoras do mundo, onde cientistas, astrólogos, filósofos e matemáticos exploravam os mistérios do universo enquanto artesãos e arquitetos testavam os limites da perfeição artística. Mas em 1031, o califado omíada entrou em colapso e Córdoba mergulhou em torpor intelectual, com suas bibliotecas saqueadas, livros queimados e suas famosas oficinas abandonadas.

Desse vácuo, emergiram várias dezenas de pequenos reinos nominalmente independentes – taifas –, dos quais Sevilha ocupava o primeiro lugar (os outros incluíam Málaga e Granada, Toledo, Valência, Dénia, as Ilhas Baleares, Saragoça e Lérida). A taifa – a palavra significa estado principesco independente e às vezes é traduzida como "reino partidário" – de Sevilha compreendia uma grande faixa do sul islâmico da Espanha, ou al-Andalus. A cidade de Sevilha, que emprestou seu nome ao reino, situava-se a cerca de 200 km ao norte do Estreito de Gibraltar, organizada em torno de um alcazar (castelo ou palácio) às margens do rio Guadalquivir. Seus domínios estendiam-se, em seus pontos mais distantes, de Silves e do Algarve, na costa atlântica do atual Portugal, até Múrcia, a leste. Sob o governo de al-Mu'tamid

Durante a dinastia Abádida, conhecida como os Abádidas, Sevilha havia absorvido muitos dos pequenos reinos que a cercavam e incorporado belas terras agrícolas, portos movimentados e rotas comerciais estratégicas que ligavam o norte da África ao continente europeu. Era famosa pela qualidade de seus instrumentos musicais, pela tinta vermelha para tecidos, pela cana-de-açúcar e pelos azeites de oliva. A atitude predominante de sua classe governante foi explicada em versos pelo pai de al-Mu'tamid: "Divido meu tempo entre trabalho duro e lazer, / Manhãs para assuntos de Estado, noites para prazeres!"[5]

O governo de Al-Mu'tamid marcou o apogeu do poder de Sevilha e, se ele tivesse tido mais sorte ou enfrentado desafios um pouco diferentes, é possível que tivesse continuado a expandir as fronteiras de Sevilha até reunir todas as taifas em algo que mais uma vez se assemelhasse ao califado omíada, que ruiu pouco antes de seu nascimento. Como se viu, ele presidiu sua miserável desintegração, anunciada inicialmente por um rei do outro lado da Hispânia: Afonso VI de Castela e Leão.

*

A cerca de 400 km ao norte-nordeste de Sevilha, situavam-se as imponentes muralhas de pedra de Toledo, outrora a poderosa capital do império visigótico, e agora, sob o domínio islâmico, repleta de belas pontes, banhos públicos, mercados e mesquitas. Toledo atravessava o largo e caudaloso rio Tejo – o mais longo curso de água da Península Ibérica, nascendo nos Montes Universais e desaguando 1.000 km depois no Atlântico, em Lisboa. Seu vale e bacia eram terras de fronteira, uma zona liminar disputada, além da qual se estendia o território controlado pelos reis cristãos do norte da Espanha. Lá, como no sul, o país era dividido entre governantes rivais que compartilhavam uma religião, mas brigavam e se acotovelavam constantemente pela supremacia. Galícia, Leão, Castela, Aragão, Navarra e Barcelona eram os mais proeminentes desses estados do norte. E, assim como no sul, um estado e um governante suplantavam os outros em poder e influência.

De 1072 até sua morte em 1109, às vésperas de seu septuagésimo aniversário, o Rei Afonso VI foi o governante. Seu apelido era "El Bravo", e ele estava determinado a honrá-lo. Ele detinha as coroas de Castela e Leão e governava a Galícia e partes de Navarra. Em termos de território e reputação, ele

foi o principal monarca cristão abaixo dos Pireneus. Ele foi descrito por um cronista admirador como "católico em todos os aspectos" e "tão aterrorizante para os malfeitores que eles nunca ousavam se apresentar diante dele".[6] Outro escreveu que ele era "muito forte tanto no julgamento quanto nas armas, em um grau raramente encontrado entre homens mortais".[7]

Tratava-se, sem dúvida, de um elogio convencional (e Afonso deixou uma impressão muito mais tênue e menos romântica no imaginário popular espanhol do que seu antigo escudeiro Rodrigo Díaz de Vivar, mais conhecido na história como El Cid), mas esses elogios refletiam, ainda assim, o fato de que, aproximadamente da mesma forma que al-Mu'tamid dominava as taifas do sul da Espanha, Afonso dominava o norte. Sua ascensão ao poder ocorreu após derrubar seu irmão mais novo, Garcia, para tomar a Galícia, e posteriormente lucrar com a morte violenta de seu irmão mais velho, Sancho, assassinado por meio de trapaça durante um cerco. Ao longo de sua longa vida, ele teve cinco esposas e duas concubinas, travou inúmeras batalhas contra inimigos cristãos e muçulmanos e colecionou um número impressionante de títulos grandiosos, incluindo, a partir de 1077, o apelido de imperator totius Hispaniae (imperador de toda a Espanha). Isso era ambicioso, em vez de estritamente preciso: seu império se estendia da costa atlântica da Galícia, a oeste, até Barcelona, a leste, e nunca esteve totalmente seguro abaixo do Tejo, onde al-Mu'tamid e vários outros reis taifa pagavam enormes tributos financeiros, conhecidos como parias, a Afonso para que fosse deixado em paz. Mas, se o título não refletia exatamente a realidade política, certamente indicava a direção da viagem de Afonso. Ele estava determinado a expandir as fronteiras de seu reino, e foi um governante realmente ousado quem ousou se colocar em seu caminho.

*

Durante a segunda metade do século XI, as ambições de Afonso e de príncipes cristãos como ele foram fortemente incentivadas pela corte papal em Roma. Havia, é claro, laços históricos antigos entre Roma e a Espanha – a conquista da Hispânia havia sido um tema importante da expansão da República Romana desde o século III a.C. até sua submissão a Augusto em 19 a.C.; a província, a partir de então, permaneceu parte do Império Romano por quase meio milênio. No século XI d.C., os papas ocupavam lugares onde cônsules e tiranos outrora governavam supremos, e tinham uma posição semelhante.

forma de conquista em mente. A partir da década de 1060, sucessivos pontífices adotaram a ideia de submeter partes cristãs da Espanha à obediência espiritual formal de Roma: pressionando para eliminar a liturgia moçárabe, seguida por muitos cristãos arabizados em toda a região, em favor da latina, e afirmando seu direito de dirigir os assuntos religiosos e receber tributos financeiros dos povos cristãos locais.

Nisso, eles seguiam em parte a multidão, pois havia um interesse crescente pelos assuntos abaixo dos Pireneus por parte de cavaleiros, homens santos e peregrinos comuns de toda a Europa Ocidental. Os guerreiros viam a oportunidade de ganhar fortuna lutando nas frequentes e insignificantes batalhas entre os muitos governantes dos reinos e taifas. Monges que seguiam a regra cluniacense reformada (nomeada por sua origem em Cluny, na Borgonha, durante o século X) estavam cada vez mais ansiosos para introduzir sua observância nos mosteiros. Leigos piedosos que desejavam purificar suas almas do pecado seguiam o caminho penitencial para a Galícia, conhecido como Caminho de Santiago, que levava ao santuário do apóstolo, conhecido como Santiago de Compostela: um dos locais mais sagrados do mundo cristão. Esta poderia ser uma jornada perigosa: um guia turístico francês do início do século XII emitiu graves advertências sobre a impureza mortal da água do rio ao lado da estrada e a moral baixa das pessoas que moravam lá, como os fazendeiros navarros que "praticavam fornicação impura" com suas mulas e éguas.[8]Mas a jornada valeu o desconforto. Milagres eram frequentemente relatados ao longo do Caminho: lanças de soldados plantadas em um campo perto de Sahagún haviam desenvolvido folhas; Santiago havia ressuscitado um viajante injustamente enforcado por roubo; ele havia curado um jovem que havia cortado o próprio pênis em expiação pelo pecado de fornicação.[9]E no passado distante — havia rumores de que foi no ano de 834 ou 844 — São Tiago teria aparecido em armadura em uma batalha contra os muçulmanos espanhóis, ajudando as forças cristãs a vencer, o que lhe rendeu o apelido de Santiago Matamoros: São Tiago, o Matador de Mouros.

Teria sido negligente da parte de qualquer ocupante do trono de São Pedro ignorar essas tendências, e a partir da década de 1060, foram emitidas proclamações papais dando o apoio explícito de Roma aos esforços para expandir o alcance dos príncipes cristãos na Espanha. Em 1063, o Papa Alexandre II ofereceu-se para absolver alguns dos pecados de cavaleiros franceses ou italianos que "decidissem partir para a Espanha" – a implicação de outras cartas da mesma época é que, ao "partir para a Espanha", tais cavaleiros iriam lutar contra muçulmanos.[10]O destino final desses combatentes seria a cidade de Barbastro, que

era leal ao governante muçulmano de Saragoça. O cronista conhecido como Ibn Hayyan relatou um cerco de quarenta dias conduzido por cavaleiros a quem ele genericamente chamava de "os cristãos", que na verdade vinham de lugares tão próximos quanto a Catalunha e tão distantes quanto a Normandia e o sul da Itália. O cerco inicialmente pareceu ter sido concluído de forma pacífica, quando os cristãos cortaram o abastecimento de água de Barbastro bloqueando um aqueduto e os cidadãos desesperadamente sedentos ofereceram escravos e subornos em troca de paz. Mas logo depois começou um massacre, no qual foram dadas ordens para um saque e massacre generalizados. "Mais de seis mil muçulmanos caíram pelas espadas dos cristãos", escreveu Ibn Hayyan, detalhando uma debandada em pânico dos habitantes de Barbastro em direção às muralhas e portões da cidade, que levou muitos a morrerem sufocados em um esmagamento. Atrocidades, incluindo o estupro de filhas diante de seus pais e de mulheres diante de seus maridos, e o massacre impiedoso de civis foram alegados pelo cronista como "um costume invariável dos cristãos sempre que tomavam uma cidade pela força das armas... tais foram os crimes e excessos cometidos pelos cristãos nessa ocasião que não há pena eloquente o suficiente para descrevê-los".[11]

Com sua presença cosmopolita e cavalheiresca, sanção papal, métodos espetacularmente sanguinários e invocação explícita de uma agenda religiosa, o ataque a Barbastro em 1063 prenunciou claramente muitos dos elementos que mais tarde seriam considerados essenciais da "cruzada" cristã. No contexto da Espanha no final do século XI, no entanto, foi significativo porque anunciou uma mudança em direção a uma política de expansão mais agressiva – (mais tarde chamada de "Reconquista") pelos estados cristãos do norte. Inevitavelmente, essa expansão foi direcionada aos seus vizinhos muçulmanos nas taifas e continuou a ser calorosamente incentivada por Roma. Gregório VII foi eleito papa após a morte de Alexandre II em 1073 e não perdeu tempo em emitir suas próprias opiniões sobre a conquista espanhola.

"Acreditamos... que o reino da Espanha pertenceu desde os tempos antigos a São Pedro em plena soberania", escreveu Gregório no início de seu papado. Apesar das próprias pretensões de Afonso VI de ser o imperador de toda a Espanha, este foi todo o incentivo necessário. Quando Afonso enviou um de seus senhores para o sul, em Granada, para coletar o tributo pário devido pelo príncipe daquela taifa, ʿAbd Allah, este deixou claro que entendia exatamente para que lado o vento soprava. Em uma passagem registrada em sua brilhante crônica, conhecida como Tibyan, ʿAbd Allah resumiu a nova posição: "Al-Andalus originalmente pertencia

aos cristãos. Então eles foram derrotados".

pelos árabes… Agora que são fortes e capazes, os cristãos desejam recuperar o que perderam pela força.'[12]

*

ʿAbd Allah escreveu estas linhas na década de 1090, mas a retrospectiva não turvou exatamente seu julgamento. O massacre de Barbastro foi seguido por uma série de campanhas orquestradas, dirigidas pelo onipresente Afonso VI. Em 1082 ou 1083, após uma série de exigências cada vez mais extorsivas de pagamento de tributos, al-Mu'tamid de Sevilha decidiu parar de pagar parias a Afonso. Para reforçar seu ponto de vista, e evocando os piores excessos de seu pai, ele executou o embaixador que Afonso havia enviado para fazer a exigência.[13]Em resposta, Afonso lançou uma série de ataques a Sevilha no verão de 1083. Suas tropas cortaram diretamente o meio das terras de al-Mu'tamid, e o próprio Afonso cavalgou até Tarifa, trotando em direção às ondas que quebravam na praia, além da qual a costa acidentada do norte da África era claramente visível. "Este é o fim da Espanha, e eu pisei nele!", declarou.

Um ano depois, ele voltou sua atenção para um prêmio mais próximo de casa: a cidade de Toledo, onde o ineficaz governante muçulmano al-Qadir havia sido deposto por seu povo descontente. Alegando fazer o bem a um colega monarca despossuído, Afonso sitiou Toledo. A cidade foi invadida em 6 de maio de 1085. Mas al-Qadir não foi restituído ao poder; em vez disso, foi enviado para Valência, antiga colônia de Toledo, para servir como governante fantoche. Em Toledo, Afonso assumiu o controle direto do que até muito recentemente fora uma das cidades mais poderosas da Espanha muçulmana. A conquista foi, portanto, um divisor de águas, tanto política quanto simbolicamente. Chocou o mundo islâmico.[14]"Estamos presos a um inimigo que não nos deixa em paz: como alguém pode viver em uma cesta com cobras?" lamentou um observador.[15]Afonso agora controlava uma grande extensão do vale do Tejo, e um grande número de muçulmanos, tanto dentro quanto fora das muralhas de Toledo, agora não viviam em uma taifa, mas sob a proteção de um rei cristão.

Afonso evitou a lamentável carnificina que caracterizara Barbastro duas décadas antes; garantiu a liberdade de culto islâmico em troca de um imposto anual e permitiu que a mesquita central de Toledo permanecesse em mãos muçulmanas. No entanto, ele não era inteiramente um modelo de tolerância: em 1086, ele

justificou sua conquista de Toledo para uma audiência clerical alegando que sabia que "seria agradável aos olhos do Senhor se eu, o imperador Afonso, sob a liderança de Cristo, fosse capaz de restaurar aos devotos de sua fé a cidade que pessoas perversas, sob a orientação maligna de seu líder Maomé, haviam tomado dos cristãos".[16]E ele complementou seu título autoengrandecedor de "imperador de toda a Espanha" com outro: o igualmente vaidoso "imperador das duas religiões". A batalha para concretizar as ousadas reivindicações de Afonso ocuparia os governantes cristãos da Espanha pelos quatro séculos seguintes.

O rei-poeta al-Mu'tamid fora severamente humilhado por Afonso, que, com a queda da taifa de Toledo, tornara-se seu vizinho direto. Para se proteger, portanto, al-Mu'tamid olhou para o sul, através do estreito de Gibraltar, para o Marrocos e o oeste da Argélia, onde o poder estava nas mãos de uma seita berbere notoriamente perversa e puritana, conhecida como os Almorávidas (al-murabitan). Os Almorávidas seguiam uma interpretação punitivamente rigorosa da lei corânica, cobriam o rosto com véus, estabeleciam-se em mosteiros fortificados conhecidos como ribats e tinham muito pouco tempo para as indulgências sensuais da própria corte de al-Mu'tamid, onde, nas próprias palavras do rei, "Eu caminho entre esquadrões de belas mulheres que acrescentam brilho à alta patente. E através das armas dos meus guerreiros disperso a escuridão / o vinho servido por jovens mulheres nos enche de luz."[17]Seu líder, Yusuf ibn Tashfin, autodenominava-se emir dos muçulmanos (amir al-muslimin) e possuía um nível de autoconfiança semelhante ao do amaldiçoado Afonso. As conquistas dos almorávidas no norte da África não deixaram dúvidas sobre sua habilidade marcial. Pedir sua ajuda em al-Andalus era, por definição, pedir problemas. Mas al-Mu'tamid tinha pouca escolha. Com a queda de Toledo, convidou Yusuf ibn Tashfin a invadir, justificando-a com o humor mais sombrio: preferia pastorear camelos para os homens do sul, disse ele, do que guardar um chiqueiro para os infiéis.

Ele estava, na prática, renunciando ao seu reino. No início do verão de 1086, os almorávidas atravessaram o estreito e, adoçados por generosos presentes do príncipe de Sevilha, marcharam sobre os exércitos de Afonso, derrotando-os pesadamente na Batalha de Sagrajas (Zallaqa), em 23 de outubro. Afonso foi gravemente ferido, esfaqueado na coxa em combate corpo a corpo por um soldado negro africano, cuja adaga penetrou tão profundamente que prendeu a perna de Afonso ao estofamento de sua sela.[18]Ele perdeu 300 cavaleiros e cerca de metade de seu exército de 2.500 homens, mas o ferimento em seu

O prestígio era ainda maior. Um cronista marroquino posterior a chamou de "uma das vitórias mais celebradas em al-Andalus... pela qual Deus... cortou as ambições de Afonso".[19] Yusuf enviou as cabeças decepadas dos cristãos vencidos para as cidades de al-Andalus, carregadas em grandes pilhas horríveis em carroças de madeira.[20] Ele então voltou para casa, deixando Afonso na posse de Toledo. Ambos tinham muito em que pensar.

Quando al-Mu'tamid mandou chamar os almorávidas, sabia que estava fazendo um pacto com o diabo, e em 1090 as terríveis consequências de sua estratégia tornaram-se evidentes. Yusuf estava indubitavelmente comprometido em preservar a santidade e a unidade islâmicas de al-Andalus, mas, após consultar juristas no Marrocos, concluiu que isso não o obrigava a preservar os tronos dos reis partidários fracos e indefesos das taifas. A disposição destes últimos em pagar tributo aos monarcas infiéis do norte os deixou fatalmente comprometidos e – raciocinou Yusuf – prontos para serem depostos por alguém mais apto a defender o Islã.

Quando, em setembro, os almorávidas atacaram e depuseram os reis vizinhos de al-Mu'tamid em Málaga e Granada, tornou-se terrivelmente claro o que viria a seguir. No verão de 1091, Yusuf se voltou contra al-Mu'tamid e sitiou Sevilha. Numa ironia hedionda, al-Mu'tamid enviou um pedido de ajuda ao rei Afonso, que estava longe, lutando contra outro senhor taifa em Saragoça. Ele atendeu ao chamado, mas tarde demais. Em novembro, Sevilha caiu. Os filhos de al-Mu'tamid foram forçados a entregar as chaves do alcazar, e o rei-poeta foi levado de navio para a prisão no Marrocos. Ele havia selado o destino não apenas de seu reino, mas de todos os outros estados taifa, que até o final do século haviam quase todos se submetido aos almorávidas, para se tornarem parte de um império norte-africano que devia obediência religiosa (pelo menos em teoria) ao califa abássida, distante em Bagdá. Pouco território havia sido reconquistado dos estados cristãos do norte, embora os párias não fossem mais coletados. Fora isso, a política de al-Mu'tamid havia sido um fracasso total.

*

A visão de al-Mu'tamid deixando seu reino foi evidentemente lamentável. O poeta Ibn al-Labbana, contemporâneo e amigo de Ibn Hamdis no

agora dissolvido círculo de literatos que antes brincavam na corte de Sevilha, escreveu:

> Esquecerei tudo, exceto
> aquela manhã ao lado do
> Guadalquivir
> quando eles foram levados para os
> navios como os mortos para seus
> túmulos…[21]

O lamento era evidentemente justificado, pois al-Mu'tamid também escreveu amargamente sobre sua queda enquanto estava preso em Aghmat.

> Eu digo às minhas
> correntes: vocês não
> entendem?
> Eu me rendi a você. Por
> que, então, você não tem
> piedade, não tem ternura?[22]

Ele foi assassinado em 1095. Seu rival Afonso VI viveu até 1109, quando morreu enquanto ainda defendia Toledo do ataque almorávida. Na tentativa de ganhar o favor dos muçulmanos que viviam sob seu domínio, ele tomou como concubina uma mulher chamada Zaida, uma das noras de al-Mu'tamid. Mas sua acomodação com o islamismo não chegou a esse ponto.

Ibn Hamdis, por sua vez, era novamente um pária. Treze anos depois de chegar a Sevilha, vindo da Sicília, viu sua terra natal adotiva tomar o mesmo caminho que sua terra natal: dilacerada pela guerra e tomada por um invasor estrangeiro – embora, desta vez, um invasor islâmico e não cristão. Ibn Hamdis fugiu quando al-Mu'tamid foi capturado em 1091 e, posteriormente, vagou pelo resto de sua vida entre as cortes de Ifriqiya, Argélia e Marrocos, onde viveu de sua pena antes de terminar seus dias em Maiorca. Morreu cego, sozinho e cheio de arrependimento, com quase oitenta anos, em 1133. Em seus versos, aconselhou os outros a evitarem a todo custo sua própria experiência. "Acorrenta-te ao país que é tua amada pátria", escreveu ele, "e morre em tua própria morada".[23]

3

Império sob cerco

O império mais sagrado dos cristãos gregos está sofrendo muito…

Em 2 de dezembro de 1083, a princesa bizantina Ana Comnena nasceu – literalmente – de púrpura, na Câmara de Pórfiro, no Grande Palácio de Constantinopla, propriedade de seu pai. Seu parto foi lento e difícil, mas, mais tarde, ela repetiria com orgulho a história que sua mãe gostava de contar para explicar um parto que durou mais de 48 horas. À medida que a data do nascimento de Ana se aproximava, seu pai, o imperador bizantino, estava ausente. A corte aguardava nervosamente seu retorno da guerra contra os normandos do sul da Itália. Sua mãe, de quinze anos, fazendo o sinal da cruz sobre a própria barriga enormemente inchada, jurou não dar à luz até que o marido estivesse em segurança em casa. Isso causou certa preocupação no palácio, já que se temia que o retorno do imperador ainda estivesse a um mês de distância. Mas, felizmente, ele chegou a tempo de seu primogênito nascer saudável. Para Ana, isso "significou muito claramente, mesmo no útero, o amor que eu estava destinada a ter por meus pais no futuro". Pois depois disso, quando me tornei adulta e atingi a idade da razão, sem dúvida tive uma grande afeição por ambas.'[1]

Nascer princesa de Bizâncio era um privilégio; emergir ao mundo na Câmara de Pórfiro era ainda mais glorioso. O aposento tinha vista para o Estreito de Bósforo, com vista para o porto e para o cintilante Mar de Mármara, de um azul cintilante. De paredes quadradas, afunilando-se em direção a um teto piramidal, o aposento era pavimentado e revestido de mármore, "geralmente de cor púrpura".

cor… mas com manchas brancas como areia salpicadas sobre ela'.[2]Porfírio era uma pedra imperial, originalmente extraída de pedreiras nos desertos orientais do Egito. Em outras partes de Constantinopla, fora usada para construir a Coluna de Constantino, que comemorava o estabelecimento da cidade como nova capital do Império Romano no século IV d.C. O roxo era a cor imperial, reservada apenas para uso da família imperial. Os imperadores usavam roupas roxas tingidas com um extrato fétido feito de caracóis marinhos. Eles decoravam seus palácios com decorações roxas. Chegavam a assinar documentos com tinta roxa. E somente os filhos de imperadores reinantes podiam nascer neste aposento de paredes roxas: aqueles que nasceram ficaram conhecidos como porfirogênitos e porfirogênitos. Ana fazia parte desse grupo real exclusivo e era eternamente grata por isso.

Os pais imperiais de Ana eram Aleixo I Comneno e sua esposa, Irene Ducena. Irene era filha de um oficial militar de alta patente e de um aristocrata búlgaro. Aleixo era um general intransigente que ascendera ao poder como imperador bizantino por meio de um golpe de Estado no verão de 1081, dois anos antes do nascimento da filha. Ana Comnena descreveu seus pais com entusiasmo: Aleixo "lembrava um redemoinho de fogo... suas sobrancelhas escuras eram curvadas e, sob elas, o olhar era ao mesmo tempo terrível e gentil... seus ombros largos, braços musculosos e peito largo, tudo em escala heroica, invariavelmente despertava a admiração e o deleite das pessoas". Irene, por sua vez, "mantinha-se ereta como um broto jovem, orgulhoso e sempre florido, cada membro e todo o seu corpo em perfeita simetria e completa harmonia... seu rosto brilhava com a luz suave da lua... havia rosas em suas bochechas, visíveis a longa distância".[3]Quanto à própria Ana, nascida e criada no esplendor palaciano às margens do Bósforo, demonstrou desde cedo e ao longo da vida uma sede de conhecimento, letras, retórica e filosofia. Cercou-se de estudiosos, a quem patrocinava ricamente e adorava debater. Era conhecida por um deles como "Ana sábia, intelecto absoluto, lar das Graças".[4]

O presente de Ana Comnena para seus amados pais e para o mundo acadêmico foi compor, no final da vida, uma longa história do reinado de seu pai: a primeira grande história ocidental escrita por uma mulher. Escrito em grego e com um viés fortemente exculpatório, seu livro, conhecido como Alexíada, narrou, justificou e desculpou os eventos entre a ascensão de Aleixo ao poder em 1081 e sua morte em 1118. Ele forneceu uma visão extraordinária da política tensa do Império Bizantino na virada do século XII. A Alexíada estava viva

Com fofocas, informações privilegiadas, retratos dos bizantinos, seus amigos e inimigos, histórias de batalha, contos intrincados de intriga política e alusões acadêmicas descomplicadas a historiadores de épocas passadas. Apesar do preconceito de Ana em relação ao pai – um homem que ela descreveu como sendo de "virtude suprema" – seu livro ainda revelava, em sua prosa colorida, as pressões que se acumularam sobre o império e seu imperador durante as décadas de 1080 e 1090.[5] Acima de tudo, isso explicava a decisão fatídica de Alexios, em 1095, de pedir aos governantes cristãos ocidentais que o ajudassem a estabilizar seu reino, o que acabou abrindo o leste para os exércitos dos cruzados, que avançaram com resultados extraordinários e que mudaram épocas.

*

O Império Bizantino em que Ana Comnena nasceu era, embora linguística e culturalmente grego, na verdade descendente linear do Império Romano. O nome, um termo cunhado por historiadores no final da Idade Média, deriva de sua capital: Constantinopla, que outrora fora chamada de Bizâncio (hoje é Istambul). Mas, na época de Ana e de seu pai, as pessoas descreviam tanto a cidade quanto o império em termos bem diferentes. Em 330 d.C., a cidade foi consagrada por Constantino, o Grande, como uma "Nova Roma" (Nova Roma) – uma metrópole estrategicamente posicionada na intersecção de várias rotas comerciais e superestradas militares, de onde os imperadores romanos podiam governar os interesses romanos no Mediterrâneo oriental – regiões como Egito, Tessália, Trácia, Ásia Menor, Síria e Alta Mesopotâmia. Era uma cidade romana por inteiro, repleta de edifícios elegantes e grandes espaços cívicos, incluindo um fórum e um hipódromo. Após a divisão do Império Romano em 395 d.C., Constantinopla tornou-se a capital do Império Oriental e permaneceu firme quando a "velha" Roma foi saqueada quinze anos depois e o Império Ocidental entrou em colapso. Sete séculos depois dessas revoltas, Ana, sua família e todos os demais ainda se referiam a Bizâncio em termos clássicos. Aleixo era o "imperador romano". Seu povo eram os romanos. Eles viviam no Império Romano ou "Romênia". Até mesmo os falantes de árabe concordavam: esta era a Bilad al-Rum (Terra dos Romanos).[6]

Em meados do século XI, Bizâncio ainda dominava uma vasta faixa de território além de Constantinopla e seus arredores imediatos. A oeste, o império estendia-se até a Apúlia e a Calábria, na Itália, e a Dalmácia, no norte.

extremo norte do Mar Adriático. Nos Bálcãs, praticamente todos os lugares entre o Danúbio e o Peloponeso, teoricamente, atendiam ao chamado do imperador, e sua autoridade também alcançava as costas setentrionais do Mar Negro e da Península da Crimeia. As ilhas de Creta, Rodes e Chipre, no Mediterrâneo oriental, caíram sob o domínio imperial. E por terra, estendendo-se em direção ao Oriente Médio, os domínios bizantinos incluíam a Ásia Menor, a Cilícia, o litoral da grande Síria, incluindo a cidade de Antioquia, o curso superior dos rios Tigre e Eufrates, e as águas salgadas do Lago Van, formado pelas montanhas vulcânicas que hoje marcam as fronteiras entre a Turquia, o Azerbaijão e o Irã. Tudo isso, em teoria, era governado a partir de Constantinopla, onde Aleixo podia ser encontrado com mais frequência em sua residência favorita: o Palácio de Blaquerna, reformado e fortemente fortificado, ao norte de Constantinopla, logo após as vastas muralhas que protegiam a entrada da cidade em direção à terra.

Ou talvez não todos. Pois quando, em 1081, Aleixo tomou o trono do infeliz Nicéforo III, descobriu que a coroa imperial trazia consigo uma longa lista de problemas. Para começar, rebeliões aristocráticas do tipo que ele próprio liderara contra Nicéforo continuaram a ser fomentadas, e estas eram agora exacerbadas pelo fato de que, como usurpador, o direito de Aleixo, então com 25 anos, de governar Bizâncio estava inerentemente aberto a questionamentos. Tão sérias quanto eram as ameaças externas que pairavam nos confins do império. Na Itália (como vimos), os aventureiros normandos Roberto Guiscardo e Rogério I da Sicília haviam tomado a Calábria e a Apúlia e estavam consolidando seus ganhos naquela parte do mundo subjugando a Sicília – ela própria outrora uma colônia bizantina, antes da época dos árabes. Os normandos também estavam avançando para os Bálcãs: após uma vitória esmagadora no campo de batalha sobre as tropas imperiais em 1081 em Dirráquio (Dyrrakhion, ou Durrës na moderna Albânia), Roberto Guiscardo decidiu tomar os territórios imperiais da Macedônia e da Tessália.

Enquanto isso, no norte, as possessões imperiais eram continuamente assediadas, vindas da direção do Danúbio, pelos pechenegues (Patzinak), um povo tribal seminômade com aptidão para a violência implacável e vigorosa, que empregavam em vários momentos contra todos os seus vizinhos, incluindo os bizantinos. Ana Comnena frequentemente chamava os pechenegues de "citas", um termo genérico para os inúmeros povos que viviam ao norte dos mares Negro e Cáspio.

Finalmente, a leste, surgiu um povo turco conhecido como os seljúcidas, que representavam uma ameaça tão persistente quanto os normandos e tão perigosa quanto os pechenegues. Assim como os pechenegues, os seljúcidas eram uma federação frouxa de tribos turcas originárias das regiões de língua oguz da estepe da Ásia Central. Na época de Ana Comnena, eles já haviam conquistado grande parte da Pérsia, convertendo-se ao islamismo sunita ao longo do caminho. Um burocrata chamado Ibn Hassul, que trabalhava para os seljúcidas, escreveu que "Deus os criou em forma de leões, com rostos largos e narizes achatados. Seus músculos são fortes, seus punhos são enormes... Eles escalam altas montanhas, cavalgam diante do perigo, escalam picos distantes, invadem abismos estreitos e se aprofundam em terras desconhecidas."[7] Cavaleiros experientes e guerreiros ferozes, os seljúcidas invadiram a Anatólia durante a década de 1070. Em agosto de 1071, as forças imperiais sofreram uma derrota humilhante em Manzikert, no leste da Anatólia, onde foram derrotadas pelas tropas comandadas por Alp Arslan, o sultão seljúcida.[*] Desde então, os seljúcidas estavam ocupados construindo seu próprio império na Ásia Menor, que viria a ser conhecido como o sultanato de Rum.

Compreensivelmente hostil a esses saqueadores do império, Ana caracterizou os turcos (Τούρκοι – ela não usou o termo seljúcida) como bárbaros traiçoeiros.[8] Outro quase contemporâneo os chamou de "serpentes aladas... bestas sanguinárias... a nação selvagem dos infiéis".[9] Eles eram certamente tão eficazes quanto sua reputação sugeria. Em 1085, os seljúcidas já haviam conquistado ou estavam prestes a conquistar cidades por todo o império, até Esmirna, a oeste, a apenas 300 km de Constantinopla. Em 1091, o império estava sitiado por todos os lados. A notícia de que Bizâncio estava à beira do colapso se espalhou por todas as cortes da Europa Ocidental. Não pela primeira vez, os bárbaros estavam às portas de Roma. E assim, assim como seu contemporâneo al-Mu'tamid, rei do reino taifa de Sevilha, o Imperador Aleixo calculou que sua melhor esperança de salvar seu trono era encorajar outros a lutarem por ele.

*

A decisão de Aleixo de combater as ameaças ao Império Bizantino apelando para o apoio externo não foi especialmente inédita. De fato, alianças militares eram a regra do mundo em Bizâncio, onde a pura

O tamanho do império frequentemente exigia formas de realpolitik política e militar, não dogmatismo rígido, muito menos formulação de políticas baseadas na fé. À medida que seus problemas aumentavam, o imperador começou a procurar aliados onde quer que os encontrasse.

Em 29 de abril de 1091, Aleixo lidou decisivamente com os pechenegues, convocando suas forças para a batalha e aniquilando-os em uma planície ao lado do Monte Lebúnio, perto da foz do Rio Hebros (Marica), na Trácia. Foi uma derrota impressionante – talvez sua maior vitória militar. E a chave para seu sucesso foi o fato de o exército bizantino ter sido reforçado naquele dia por outro grupo de guerreiros tribais, chamados cumanos. Havia pouca afinidade entre os bizantinos e os cumanos: Ana os descreveu como "ansiosos por se fartar de sangue e carne humana e... mais do que prontos para acumular saques de nossos territórios".[10]Mas, subornados o suficiente, ajudaram Aleixo a conquistar uma vitória estrondosa. Ao descrever a batalha, Ana naturalmente deu ao pai o papel principal:

> Investindo contra o meio do inimigo... atacando seus adversários imediatos e com altos gritos espalhando medo naqueles que estavam distantes... Um povo inteiro, numerado não em dezenas de milhares, mas em incontáveis multidões, com suas mulheres e crianças, foi completamente exterminado naquele dia.[11]

Se os pechenegues foram derrotados de forma relativamente simples, no entanto, a ameaça dos turcos seljúcidas no leste era de outra ordem. Em parte, isso se devia às relações ambíguas de Aleixo com os seljúcidas na primeira década de seu reinado. Apesar de suas frequentes incursões em território bizantino, o imperador, por vezes, estendeu a mão da amizade aos turcos. Antes da Batalha de Dirráquio, no primeiro ano de seu reinado, ele lhes pediu assistência militar contra os normandos e, durante a década de 1080, cultivou uma relação de trabalho com o sultão seljúcida Malik-Shah em Bagdá, bem como com vários chefes turcos de alto escalão na Ásia Menor. O objetivo de Alexios era apaziguar, estabelecendo um governo colaborativo nas cidades da Ásia Menor que os turcos cobiçavam e que ele sentia que poderiam ser confiadas aos senhores turcos dispostos a cooperar com a política imperial, desde que as defendessem contra vassalos imperiais rebeldes ou outros inimigos de outros países.[12]A certa altura, o imperador chegou a considerar uma proposta de Malik-Shah sugerindo um casamento entre Anna e o filho mais velho do sultão, um acordo que só não deu certo.

porque Ana havia sido prometida em casamento ao nascer a um príncipe bizantino da família de sua mãe.[‡]Ao tentar controlar os seljúcidas dessa forma, Alexios estava brincando com fogo, mas tinha poucas opções melhores.

Como se viu, em 1091, a política de cooperação cautelosa com os seljúcidas fracassou espetacularmente. Naquele ano, Malik-Shah morreu, sendo substituído como sultão por um filho que rapidamente se mostrou muito menos complacente. Logo, governadores turcos amigáveis das fortalezas bizantinas foram substituídos por outros hostis. E quatro anos depois, em 1095, todo o frágil sistema havia ruído completamente. Os turcos controlavam cidades de Antioquia, a leste, até Niceia, Nicomédia e Esmirna, a oeste, e controlavam toda a costa egeia da Ásia Menor. Nos Bálcãs, tribos sérvias invadiam o território imperial em direção ao sul, exigindo expedições militares para se livrarem deles. Os recursos de Aleixo estavam perigosamente escassos e o fardo das campanhas constantes, somado ao custo de subornar aliados, estava drenando o tesouro. A desvalorização da moeda de ouro havia minado seriamente seu valor e credibilidade. Rumores de motim eram ouvidos por toda Constantinopla, apoiados pela aristocracia, pelos militares, pela corte e pela igreja. Aleixo havia chegado ao poder por meio de um golpe, seus súditos começaram a murmurar; por que ele não deveria ser removido da mesma forma?[13]O imperador enfrentava uma grave crise. E, nessas circunstâncias, Aleixo escolheu uma linha de ação que se provaria fatídica, ainda que inteiramente condizente com o personagem: decidiu apelar para o Ocidente em busca de ajuda.

*

Considerando as dificuldades que os normandos causaram a Bizâncio ao longo dos anos, pode-se estranhar que, na década de 1090, Aleixo tenha escolhido buscar ajuda exatamente na direção de onde vieram algozes como Roberto Guiscardo. Para Ana Comnena, escrevendo em retrospectiva, os povos da Europa ocidental ou "latina" poderiam ser descritos genericamente como "kelts" e, via de regra, eram o último grupo em que ela recomendaria confiar. No entanto, em meados da década de 1090, a necessidade de seu pai era grande, e sua experiência sugeria que, de tempos em tempos, alguém se deparava com um kelt que não fosse totalmente inseguro. No início de seu reinado, Aleixo pagou ao imperador alemão Henrique IV um enorme tributo de 360.000 marcos de ouro para atacar Roberto Guiscardo na Itália:

uma valiosa peça de negócio que distraiu o normando de seus ataques às possessões bizantinas.[14] Uma década mais tarde, a maior vitória militar de Alexios – a obliteração dos pechenegues em Lebounion em 1091 – foi auxiliada por
500 cavaleiros de Flandres, enviados por seu suserano, Robert, conde de Flandres,[‡] que conheceu Alexios em seu caminho de volta de uma peregrinação a Jerusalém em 1089.[15]Nem todos os celtas eram maus. E assim como Aleixo estava disposto a recorrer aos turcos ou cumanos como aliados quando achava conveniente, ele também estava mais do que feliz em apelar aos cristãos do Ocidente se isso parecesse ser do melhor interesse do império.

Em 1091, aproximadamente na mesma época da grande Batalha de Lebounion, uma carta foi enviada de Constantinopla a "Roberto, senhor e glorioso conde de Flandres, e a todos os príncipes de todo o reino, amantes da fé cristã, leigos e clérigos". A carta reclamava que "o império mais sagrado dos cristãos gregos está sendo duramente afligido pelos pechenegues e turcos, que o devastam diariamente". O autor da carta também relatou histórias horríveis de atrocidades cometidas pelos turcos em outras partes do império: lugares sagrados destruídos, decapitações frequentes, bispos sodomizados, meninos circuncidados à força e forçados a urinar sobre o próprio sangue em pias batismais, estupradores deflorando "virgens diante de suas próprias mães e forçando-as a cantar canções perversas e obscenas até que se cansem delas". O autor gritou que "quase nada resta [do império], exceto Constantinopla, que eles estão ameaçando nos tirar muito em breve" e implorou ao conde de Flandres que enviasse guerreiros cristãos pelo amor de Deus e pela salvação dos "fiéis cristãos gregos".[16]

Não se sabe ao certo quem escreveu a carta. Afirmou-se que ela foi obra do próprio Aleixo. Foi descartada como uma falsificação total. Mas o que não se discute é que outros apelos semelhantes foram feitos em nome de Aleixo por todo o Ocidente. A partir de 1091, uma campanha de apelos urgentes por ajuda foi enviada às cortes nobres e reais por toda a Europa, lamentando atrocidades e ofensas grotescas contra a propriedade cristã. Embaixadores foram enviados por toda parte, puxando as cordas do coração e da bolsa. Em Veneza, privilégios comerciais lucrativos foram oferecidos ao doge, incluindo isenções fiscais, imunidade legal para comerciantes venezianos e acesso exclusivo às melhores partes dos portos em todo o império – tudo em troca de apoio financeiro para o tesouro esgotado do império. Na França e na Alemanha, diplomatas bizantinos trouxeram presentes de relíquias para igrejas, juntamente com terríveis advertências

sobre a

estado de perigo da cristandade e dos cristãos em todo o Oriente, cujo destino, alegavam, dependia de toda a comunidade cristã em todo o mundo, unindo-se contra a depravação dos "pagãos". Às histórias de desgraça no império, somavam-se histórias drásticas de peregrinos sendo abusados e lugares sagrados profanados na Síria e na Palestina – incluindo Jerusalém, a cidade do ministério e da Paixão de Cristo. A intenção por trás dessas histórias de horror era clara e deliberada: incitar os cristãos no Ocidente contra os inimigos de Bizâncio, na esperança de que viessem em auxílio do imperador contra os supostos perpetradores.

*

Aleixo, embora muito pressionado, não era tolo. Ao longo de seu reinado, sempre que pedia ajuda a potências distantes, o fazia ciente de que a política poderia sair pela culatra. Ao apelar ao Ocidente por ajuda contra os turcos que se aproximavam da Ásia Menor, ele estava bem ciente da reputação dos guerreiros que convocava para se juntar à luta. Eles não eram exatamente os puritanos islâmicos velados que haviam cruzado do Marrocos para o sul da Espanha a mando de al-Mu'tamid de Sevilha. Mas os francos eram, no entanto, notórios por sua "paixão incontrolável, caráter errático e imprevisibilidade, sem mencionar... sua ganância por dinheiro... que sempre os levava a quebrar seus próprios acordos sem escrúpulos".[17]Aleixo sabia disso, escreveu à filha, mas mesmo assim os chamou. O que ele não esperava era que "todo o Ocidente e todos os povos que viviam entre o Adriático e o Estreito de Gibraltar migrassem em massa para a Ásia, marchando de uma ponta a outra da Europa, com suas famílias inteiras a reboque".[18]

No entanto, foi isso que aconteceu. O chamado persuasivo de Aleixo, vindo do leste, foi mais eficaz do que ele, Ana ou qualquer pessoa ao redor deles – incluindo seus algozes turcos – poderiam ter imaginado. Pois foi refratado, modificado e transmitido a uma audiência disposta por um orador perigosamente brilhante, o Papa Urbano II. A resposta que ele incitou entre seu rebanho distorceria o curso da história no Mediterrâneo e além por séculos.

* De forma bastante embaraçosa, em Manziquerta (26 de agosto de 1071), Alp Arslan capturou o então imperador Romano IV Diógenes e, em seguida, o patrocinou, libertando-o mediante o pagamento de um grande resgate. Ao retornar a Constantinopla, Romano enfrentou uma série de rebeliões, após as quais foi deposto e ficou horrivelmente cego. Morreu de infecção em decorrência dos ferimentos em 1072.

† O pretendente de Ana era Constantino Ducas, filho do deposto ex-imperador Miguel VII Ducas (r. 1071-1088), porfirogênito e, de 1081 a 1087, o "imperador júnior" oficial de Aleixo. Antes de seu noivado com Ana Comnena, Constantino havia sido prometido a Olímpia, filha de Roberto Guiscardo. A anulação desse noivado serviu de pretexto para a invasão de territórios imperiais por Roberto. Não foi à toa que a palavra "bizantino" se tornou, nos tempos modernos, sinônimo de "desconcertantemente complexo".

‡ Roberto I, conde de Flandres, tinha uma conexão normanda: sua irmã Matilde se casou com Guilherme, o Conquistador, o primeiro rei normando da Inglaterra (r. 1066–1087).

4

Deus Vult!

Você deve se apressar para levar ajuda aos seus irmãos que moram no Leste…

O Papa Urbano II foi eleito por um conclave parcial de cardeais na cidade costeira italiana de Terracina em 12 de março de 1088. Não foi um início muito auspicioso para um papado. Terracina ficava a cerca de 80 km ao sul de Roma, mas a sede tradicional do papado estava vedada a Urbano e seus amigos. Em vez disso, o trono de São Pedro foi ocupado por um antipapa conhecido como Clemente III: um fantoche e faz-tudo do Sacro Imperador Romano, o teimoso Henrique IV, de 38 anos. As tropas imperiais de Henrique bloquearam os portões, e a população caprichosa se revoltou com a chegada de aspirantes a pontífices que não obtiveram sua aprovação. No ano anterior, em sua qualidade de cardeal-bispo do porto romano de Óstia, Urbano presidiu a consagração do efêmero Papa Vítor III na Cidade Eterna. Mas agora que sua vez havia chegado, ele se viu instalado em uma catedral menor em um resort à beira-mar de segunda categoria.

Urbano estava acostumado a coisas grandiosas. Nascido Odo de Lagery, na década de 1030, em uma família nobre de Châtillon-sur-Marne, na província de Champagne, no nordeste da França, Urbano era um homem acostumado a coisas grandiosas. O cronista alemão Bernold de St. Blasien o descreveu como "distinguido por sua piedade e erudição".[1] O cardeal-bispado de Óstia, que ocupou por uma década a partir de 1078, era prestigioso e lhe rendeu trabalho como legado papal e diplomata na corte imperial na Germânia. Lá, Odo suportou algumas dificuldades desagradáveis, incluindo uma breve prisão a mando do imperador. Ele, portanto,

Aprendemos muito sobre a rivalidade política venenosa entre o Sacro Império Romano e a Santa Sé. O Sacro Imperador Romano, que geralmente também era rei dos germânicos e suserano de uma faixa da Europa Central, era geralmente coroado pelo papa, em uma tradição que remonta à época de Carlos Magno. Mas, na segunda metade do século XI, as relações cordiais entre imperadores e papas se romperam completamente. Embora isso significasse que a coroação de Urbano foi um anticlímax, também o deixou constantemente alerta para projetos que pudessem ajudar a unir a comunidade da cristandade – um desejo que foi finalmente e espetacularmente realizado nas Cruzadas.

*

Embora Urbano tivesse ascendido, de certa forma, ao cargo de papa, os anos de formação de sua vida vieram com uma tonsura e não com uma mitra na cabeça, pois ele passou grande parte de sua vida como monge na magnífica e influente abadia de Cluny, na Borgonha. Cluny era o centro de comando de uma grande e vigorosa rede de casas religiosas que surgiram e se espalharam pela Europa Ocidental durante os séculos X e XI. A abadia foi fundada pelo Duque Guilherme I, o Piedoso, da Aquitânia, no ano de 910; ele a dedicou a São Pedro e concedeu aos irmãos que ali viviam a liberdade de supervisão de qualquer autoridade, exceto a do papado. Os monges passavam a vida em ciclos intermináveis e solenes de adoração, conhecidos como oração perpétua, que ofereciam em meio a um complexo de edifícios imponentes, incluindo uma majestosa igreja da abadia, cuja segunda reconstrução começou no ano da eleição de Urbano ao papado.* Os cluníacos não reinventaram o monaquismo por completo, mas popularizaram uma forma muito mais rigorosa da Regra Beneditina, em vigor desde o século VI. Desprezavam o trabalho físico, que consideravam uma distração da vida contemplativa, e, em vez disso, adotaram uma abordagem mais rigorosa, realizada em ambientes magníficos, mas com uma atenção puritana aos princípios do silêncio, da oração e da solidão.

Tão significativa quanto a remodelação da rotina diária do monaquismo, Cluny foi pioneiro em uma nova maneira de organizar os monges e suas casas. Seus membros compunham a Ordem Clunyana – um corpo de clérigos cuja identidade compartilhada enfatizava uma unidade internacional abrangente, bem como

profunda seriedade de propósito, dignidade, opulência e uma abordagem bombástica à construção de igrejas.

Enquanto os mosteiros beneditinos tradicionais eram comunidades autônomas que seguiam a mesma Regra sob abades independentes, as casas cluníacas faziam parte de um coletivo rigidamente controlado, no qual Cluny era o líder. As casas "filhas", independentemente do reino em que estivessem situadas, eram classificadas como priorados, e cada uma respondia ao abade de Cluny.[2]No final do século XI, havia mais de 1.000 dessas casas-filhas: algumas fundações originais e outras mosteiros que foram transferidos por atacado por seus benfeitores para o sistema cluníaco.

Quando jovem, Odo de Lagery viajou para Cluny e juntou-se à prestigiosa casa-mãe. Chegou – e prosperou – sob o reinado do grande estadista e futuro santo Abade Hugo (Hugo de Semur; mais tarde, Santo Hugo de Cluny). A extraordinária energia física, a força de personalidade e as estreitas relações de Hugo com os principais reis e nobres da sua época serviram de modelo para uma carreira na alta política dentro do claustro, e o abade provou ser um patrono de Odo ao longo da sua vida: promovendo-o à elevada posição de prior de Cluny, impulsionando-o para os altos círculos diplomáticos e permanecendo um conselheiro próximo durante toda a sua vida. Odo amava o lugar; mais tarde, afirmou que Cluny "brilha como outro sol sobre a terra".[3]Isso alimentou sua paixão pela centralização e pela reforma da Igreja. Influenciou suas opiniões sobre as relações entre cristãos e muçulmanos ao redor do Mediterrâneo e o poder transformador da peregrinação popular em massa. Assim, embora Odo tenha deixado Cluny em 1078 para Roma, para se juntar a um novo mestre-mentor – o igualmente formidável Papa Gregório VII – muito do que aprendeu em Cluny permaneceu com ele até o dia de sua morte. As questões nas quais Cluny se envolveu e as estruturas por meio das quais atuou moldaram seu papado e, consequentemente, influenciaram todo o desenvolvimento das Cruzadas.[4]

*

Aninhada em Mâconnais, no sul da Borgonha, a mais de 800 km da Espanha muçulmana, 1.130 km da Sicília e 1.930 km de Constantinopla, Cluny parecia estar muito distante da linha de frente das tensões entre muçulmanos e cristãos no

século XI. No entanto, sua história recente contava uma história diferente. Apenas 100 anos antes, o abade de Cluny era um disciplinador tímido e estudioso chamado Majolus (954/6-994), tão piedoso que tinha o hábito de chorar de êxtase quase diariamente.[5]Majolus presenciou de perto o conflito entre muçulmanos e cristãos. Em 972, o abade viajava pelos Alpes quando ele e seus companheiros foram atacados por árabes emigrados de al-Andalus, que haviam estabelecido um enclave fortificado em Fraxinet (Jabal al-Qilal – hoje La Garde-Freinet, perto de Saint-Tropez). Esses árabes sequestraram Majolus, ofereceram-lhe a oportunidade de se converter ao islamismo e, quando ele recusou, o acorrentaram e o jogaram em uma caverna, mandando avisar a Cluny que os monges poderiam recuperá-lo por 1.000 libras de prata.[6]Felizmente para Majolus, Cluny tinha muito dinheiro. Assim, o bom abade retornou a Cluny são e salvo e viveu mais vinte anos, exibindo uma capacidade milagrosa de curar mordidas de cachorro e doenças como cegueira, paralisia e febre. Os árabes de Fraxinet, no entanto, tiveram menos sorte. No ano seguinte, 973, o Conde Guilherme I da Provença vingou a honra de Cluny reunindo um exército e derrotando os sequestradores de Majolus em uma planície ao lado de Fraxinet, conhecida como Tourtour. Todos eles foram postos em fuga, escravizados ou mortos. Embora tudo isso tenha ocorrido antes da época de Odo, era uma história famosa com duas lições poderosas. Primeiro, os inimigos de Cluny e Cristo podiam ser facilmente confundidos. Segundo, a ação militar punitiva era frequentemente a única linguagem que essas pessoas entendiam.

A história envolvente da aventura de Majolus com os árabes não foi a única maneira pela qual Cluny influenciou a visão de mundo de Odo, pois a abadia também esteve intimamente envolvida na Reconquista, a guerra entre os reinos cristãos do norte da Espanha e os reinos taifa muçulmanos do sul. Casas cluniacenses podiam ser encontradas ao longo das estradas da França e do norte da Itália para a Espanha, pois mosteiros prestigiosos foram deliberadamente colocados como pontos de parada onde peregrinos a Santiago de Compostela ou voluntários que se dirigiam às guerras espanholas podiam dormir, comer, rezar e maravilhar-se com relíquias sagradas enquanto viajavam pelos Pireneus.[7]Além disso, à medida que os reinos cristãos da Espanha se expandiam, os monges cluníacos construíram novas casas em seu caminho, fornecendo centros para a doutrinação de cristãos moçárabes e convertidos muçulmanos e impressionando senhores e camponeses com sua reputação de celebritas, probitas e sanctitas (fama, probidade e santidade).[8]

Durante o tempo de Odo em Cluny, as conexões entre a Espanha e a abadia eram fortes e pessoais. O Abade Hugo era confidente, conselheiro e tio do grande rei guerreiro da Reconquista, Afonso VI de Castela e Leão, e os monges de Cluny, portanto, se preocupavam em rezar pelo bem-estar e salvação de Afonso (considerando que Afonso havia aprisionado um de seus irmãos e pode ter contribuído para a morte do outro, havia muito pelo que rezar). Em reconhecimento ao papel de Cluny na lavagem de sua alma e no enriquecimento do bem-estar espiritual e da indústria turística de seu reino, Afonso garantiu que a ordem fosse lucrativamente recompensada. A partir de 1077, ele enviava 2.000 moedas de ouro (aurei) todos os anos para Cluny, com pagamentos únicos maiores mediante solicitação. Esse compromisso generoso, que permitiu ao Abade Hugo construir em uma escala tão grande, foi financiado pelos tributos punitivos cobrados por Afonso de reis taifa, como al-Mu'tamid de Sevilha, al-Muqtadir de Saragoça e al-Mutawwakil de Badajoz.[9] A cadeia de apropriação era clara: Afonso tirava de seus vizinhos descrentes e investia, via Cluny, na glória da igreja.

Aqui estava, então, um modelo para a visão de Urbano da Igreja em geral: centralizada, expansionista, atenta às possibilidades da devoção popular, particularmente quando envolviam viagens de longa distância, integrada às prioridades e até mesmo às famílias de reis seculares, e aprovando cabalmente os ataques às forças do Islã no teatro de operações do Mediterrâneo. É, de fato, revelador que uma das ações mais marcantes do ex-Cluniac Urbano no primeiro ano de seu papado tenha sido a emissão de uma bula concedendo à cidade espanhola de Toledo (arrebatada por Afonso do domínio muçulmano em 1085) a primazia em todos os assuntos espirituais abaixo dos Pireneus. Posteriormente, ele nomeou Bernardo de Sédirac, um antigo monge cluniac, como o primeiro arcebispo de Toledo. Em sua confirmação dessa nomeação, Urbano observou, com aprovação, que:

> Graças aos esforços do glorioso rei Afonso e ao trabalho árduo do povo cristão, depois que os muçulmanos foram expulsos, a cidade de Toledo foi restaurada ao rito dos cristãos… [Nós] agradecemos muito a Deus, como é apropriado, pelo fato de ter concedido ao povo cristão em nosso tempo uma vitória tão magnífica.[10]

Era um cálculo claro e atraente: o que o guerreiro havia saqueado, o papa santificou.

*

Cluny, então, deixou sua marca. No entanto, isso foi apenas parte da história, pois, como Papa Urbano II, Odo foi profundamente influenciado em seu pensamento pontifício pela agenda de seu predecessor mais beligerante: o grande "papa reformista" Gregório.

VII. Nascido por volta de 1015 na Toscana, e a quem pais de origem muito mais humilde que a de Urbano deram o nome camponês de Hildebrando, Gregório foi um pontífice abrasivo e implacável: pequeno e de voz fraca, mas impulsionado pela vida por uma combinação de arrogância, combatividade e autoconfiança quase inacreditáveis. Seu amigo, o intelectual Pedro Damião, descreveu Gregório como um "santo Satã". Seus inimigos o chamavam de algo muito pior.

Entre sua consagração como papa em 1073 e sua morte em 1085, Gregório assumiu como missão transformar a posição do papado em toda a cristandade, seguindo – e ampliando – uma tradição que remonta ao papado de Nicolau II (1059-1061). As causas que receberam a atenção entusiástica dos reformadores incluíam a simonia (a compra ou venda de cargos eclesiásticos) e o casamento clerical. Mas no cerne do programa de reforma "gregoriano" estava a insistência de que todos os governantes seculares – fossem imperadores, reis ou qualquer outra coisa – deveriam reconhecer a supremacia do vigário de Cristo na Terra. Em 1075, Gregório publicou seu Dictatus Papae, que expôs em termos estridentes a espinha dorsal política de seu papado: vinte e sete axiomas afirmando doutrinas de supremacia papal absoluta e infalibilidade, declarando que todos os papas eram, por definição, santos e atribuindo a eles o direito exclusivo de convocar sínodos, escolher bispos, julgar os casos mais importantes nos tribunais da igreja e depor reis e imperadores que os desagradassem.[11]

Essa visão extremamente franca do que significava ser um papa era mais do que apenas uma questão de egoísmo ou tirania por parte de Gregório. Foi também a causa de uma amarga e longa disputa com o Sacro Imperador Romano Henrique IV, durante a qual Gregório excomungou Henrique três vezes e o imperador, por sua vez, declarou Gregório deposto, patrocinou seus próprios antipapas e usou a força militar para instalá-los em Roma. Em retaliação, Gregório formou sua própria aliança militar com o nitidamente ímpio Roberto Guiscardo e os normandos do sul da Itália (essa aliança teve sucesso misto: em 1084, enquanto defendiam Gregório contra seus inimigos, os normandos saquearam e queimaram metade de Roma).

A disputa entre Gregório e Henrique IV é geralmente conhecida como a Disputa da Investidura, em referência à questão polarizada sobre quem era o mais qualificado para "investir" (ou seja, nomear) bispos: imperadores ou papas. Mas ela se transformou em uma luta que sobreviveu tanto aos

homens quanto ao Ocidente.

Cristandade, colocando clérigos e reis uns contra os outros, com consequências ocasionalmente assassinas.† E teve um efeito marcante no papado de Urbano desde o início. A própria escolha do nome "Urbano" por Odo expressava seu desejo de reconstruir as pontes que Gregório havia queimado (Urbano I, falecido em 230 d.C., era conhecido por sua habilidade em lidar com cismáticos). Ele buscava uma causa comum em torno da qual pudesse reunir os fiéis da cristandade ocidental. Foi exatamente essa causa que ele percebeu em 1095, o sétimo ano de seu papado, quando embaixadores do sitiado imperador bizantino Aleixo I Comneno apareceram abaixo dos Alpes. Vieram pedir a ajuda de Urbano para reunir tropas cristãs em auxílio de seus pobres irmãos no leste, que estavam sendo massacrados, segundo diziam, pelos turcos enfurecidos.

*

Na primeira semana de março de 1095, os embaixadores de Aleixo encontraram Urbano em Piacenza, na Lombardia, um ponto de parada para peregrinos a caminho de Roma, às margens do Rio Pó. Tecnicamente, este era um território sujeito ao Sacro Imperador Romano, mas, na realidade, o povo havia rejeitado a autoridade de Henrique IV – irritado, talvez, pelo fato de que, cinco anos antes, os partidários de Henrique haviam arrancado os olhos do bispo local.[12]Urbano estava em Piacenza realizando um sínodo, um concílio eclesiástico, cujos objetivos eram debater e se pronunciar sobre questões que iam desde escândalos reais até reformas eclesiásticas comuns. O papa gostava muito de realizar sínodos – ele convocaria dez em seu reinado de onze anos. E, de acordo com os registros oficiais, o de Piacenza teve uma participação particularmente expressiva, com 4.000 clérigos e 30.000 leigos presentes. Havia tantos delegados que várias sessões foram realizadas ao ar livre, em campos abertos.

Houve muito o que ouvir em Piacenza. Diplomatas apresentaram queixas contra o rei da França, Filipe I, a quem Urbano havia excomungado como punição por se divorciar ilegalmente de sua esposa, sob a alegação de que ela era insuficientemente fértil e muito gorda, e, em vez disso, se casara com sua amante, que, inconvenientemente, era casada com o conde de Anjou, um indivíduo queixoso conhecido como Fulque, o Repulsivo. Ouviram-se queixas da Imperatriz do Sacro Império Romano, Praxedis, de que seu marido, Henrique IV, era um cônjuge abusivo. Negócios menos lascivos incluíam injunções detalhadas.

contra a simonia, os cismáticos e as aberrações no calendário eclesiástico. Esses eram elementos importantes do programa de reformas de Urbano, mas nenhum deles teria o impacto duradouro dos delegados bizantinos trazendo más notícias. Quem eram os embaixadores, quando exatamente chegaram (o sínodo se reuniu de 1 a 7 de março) e exatamente o que disseram se perdeu na história.[13] Mas um relato escrito por Bernold de St Blasien preservou a substância do que foi dito. Os embaixadores, escreveu Bernold,

> Implorou humildemente ao senhor papa e a todo o povo fiel de Cristo que lhe dessem alguma ajuda contra os pagãos, em defesa da santa Igreja, que os pagãos já haviam quase destruído naquela região, tendo tomado aquele território até os muros da cidade de Constantinopla. O senhor papa, portanto, encorajou muitos homens a prestarem essa ajuda, a ponto de eles até prometerem sob juramento que, com a ajuda de Deus, iriam até lá e, com todas as suas forças, dariam sua mais fiel ajuda contra os pagãos àquele imperador.[14]

"Vão para o leste", disse Urbano, aos milhares de leigos e clérigos reunidos. Surpreendentemente, eles acreditaram em sua palavra.

A decisão de Urbano de apoiar Aleixo Comneno não foi impulsiva, nem mesmo inédita. Desde o início de seu papado, ele havia encorajado reis cristãos como Afonso VI e Rogério, conde da Sicília, que travavam guerras contra governantes islâmicos. Em relação ao Império Bizantino, ele já havia iniciado negociações preliminares para melhorar as relações entre as distantes igrejas romana e grega: em certo momento, ele viajou para a Sicília (onde tanto o latim quanto o grego eram usados) para seguir o conselho do Conde Rogério justamente sobre esse assunto.[15]As duas metades da Igreja estavam em cisma formal desde 1054, divididas por argumentos teológicos fundamentais sobre a natureza do Espírito Santo, uma discordância feroz sobre se o pão fermentado ou ázimo era apropriado para a Eucaristia e uma incapacidade de chegar a um acordo sobre a ordem de precedência do papa em Roma e do patriarca de Constantinopla. Assim como desejava sanar o cisma imperial-papal na Igreja ocidental, Urbano também ansiava por encontrar maneiras de transpor a divisão muito maior entre o Oriente e o Ocidente.

Urbano também saberia muito bem que duas décadas antes, após a desastrosa derrota dos bizantinos para os turcos na Batalha de Manzikert em 1071, o Papa Gregório havia enviado cartas aos grandes e bons da cristandade ocidental, cheias de declarações ousadas, mas em última análise fúteis, de que

ele pretendia 'levar ajuda aos cristãos que são gravemente afligidos pelas devastações mais frequentes dos sarracenos'.[16]Na década de 1070, esses apelos despertaram interesse moderado e pouca ação. Na década de 1090, porém, havia uma ameaça muito maior e inteiramente genuína a Constantinopla. Enquanto isso, a propaganda de Aleixo buscava combinar gritos de socorro na Ásia Menor com histórias escabrosas de ultrajes cometidos contra peregrinos e santuários na Terra Santa em geral, com relatos sanguinários (e muitas vezes inteiramente inventados) de Jerusalém mergulhada em sangue e de todo o mundo cristão em perigo. "Para que não percais o reino dos cristãos e, o que é ainda maior, o Sepulcro do Senhor, agi enquanto ainda tendes tempo", dizia a carta anônima endereçada de Constantinopla a Roberto, conde de Flandres. "E então não tereis condenação, mas uma recompensa no céu."[17]

Como já vimos, a autoria daquela carta a Roberto de Flandres é motivo de debate. No entanto, o argumento que ela cristalizou – elidindo o destino de Constantinopla com o do "Sepulcro do Senhor" (ou seja, Jerusalém) – foi exatamente o que Urbano desenvolveu após receber os enviados imperiais em Piacenza. Concluídos seus negócios ali, o papa não se voltou para Roma, mas cruzou os Alpes para iniciar uma viagem de verão de persuasão, pregação e exortação no sul da França. Encontrou-se com nobres e príncipes importantes da Igreja – figuras importantes da região, como Raimundo, conde de Toulouse (também conhecido como Raimundo de Saint-Gilles), Odo, duque da Borgonha, e Adhémar, bispo de Le Puy, cujas vozes tinham imenso peso entre seus compatriotas. Por meio deles e de outros, ele deu voz a contos terríveis de crueldade oriental, mais tarde recontados em detalhes sangrentos por cronistas obscenos: histórias de turcos causando tumultos nos territórios cristãos de Bizâncio e Jerusalém, estuprando, matando, circuncidando e torturando os fiéis de Deus com abandono.

Ao expor a situação aparentemente terrível no Oriente, que lhe incitara à compaixão, Urbano exaltava a missão do seu papado – uma política que arrastaria a cristandade de volta à unidade. Ele buscava o apoio de um grande número de combatentes para uma expedição militar ao Oriente, disse ele: homens que atendessem ao chamado lamentoso de Bizâncio, mas que também pudessem ser enviados para atacar os inimigos de Cristo que profanavam os espaços sagrados do Senhor. O primeiro objetivo seria Constantinopla. O destino final seria Jerusalém.

*

A viagem de Urbano chegou ao fim com dois grandes floreios. Em outubro de 1095, ele retornou à abadia de Cluny, onde sua jornada rumo ao papado havia começado um quarto de século antes. Seu antigo mentor, Hugo, ainda era o abade e, embora enfrentasse dificuldades financeiras devido às conquistas dos almorávidas na Espanha, que haviam cortado seu lucrativo suprimento de tributos de reis taifa como al-Mu'tamid, ele não havia desistido de sua paixão central pela construção. A nova igreja da abadia estava a todo vapor, um local sagrado para construção em espiral em direção ao céu. Em uma grande cerimônia, Urbano ficou ao lado de Hugo e abençoou oficialmente o altar-mor. Permaneceu na abadia por uma semana, durante a qual anunciou que, em 18 de novembro, convocaria outro grande sínodo, a 150 km de distância, em Clermont, com duração de dez dias. Os homens mais poderosos da região foram incentivados a comparecer, e o fizeram em grande número. Doze arcebispos, oitenta bispos e noventa abades atenderam ao chamado do papa. A mensagem que receberiam não era segredo, pois Urbano a vinha espalhando incansavelmente pelo interior durante todo o verão. Mesmo assim, era o encerramento cerimonial de sua viagem, imperdível.

O texto exato do sermão de Urbano no Concílio de Clermont se perdeu, mas vários relatos quase contemporâneos e parcialmente confiáveis nos contam seu conteúdo. Foi proferido em 27 de novembro de 1095, em um comício realizado ao ar livre, num dia em que o inverno se aproximava. De acordo com uma crônica escrita vários anos depois por um padre chamado Fulcher de Chartres, Urbano repetiu alguns de seus conhecidos palavrões, invectivando contra a simonia, a heresia, a violação da paz e o abuso de bispos. Então, porém, lançou um grito de guerra que ecoaria pelos séculos, falando de "uma tarefa urgente que pertence tanto a você quanto a Deus".

Ele continuou:

> Você deve se apressar para levar ajuda aos seus irmãos que moram no Leste, que precisam da sua ajuda, pela qual eles têm implorado muitas vezes.
>
> Pois os turcos, um povo persa, os atacaram... e avançaram em território romano até aquela parte do Mediterrâneo chamada Braço de São Jorge [isto é, Constantinopla]. Eles se apoderaram de cada vez mais terras dos cristãos, já os derrotaram em sete vezes mais batalhas, mataram ou capturaram muitas pessoas, destruíram igrejas e devastaram o reino de Deus.

> Portanto, com fervorosa oração... Deus os exorta, como arautos de Cristo, a repetidamente exortar homens de todas as patentes, cavaleiros e soldados de infantaria, ricos e pobres, a se apressarem em exterminar esta raça vil de nossas terras e a ajudar os habitantes cristãos a tempo...
>
> Para todos aqueles que para lá forem, haverá remissão de pecados, se chegarem ao fim desta vida acorrentada, seja marchando por terra, atravessando o mar ou lutando contra os pagãos. Concedo isso a todos os que forem, pelo poder que Deus me concedeu.[18]

O relato de Fulcher sobre o discurso de Urbano não fez nenhuma menção a Jerusalém, mas um escritor posterior conhecido como Robert the Monk relatou que Urbano apelou ao seu público para

> Partam na estrada para o Santo Sepulcro, libertem essa terra de uma raça perversa e tomem posse dela... Esta cidade real no centro do mundo [isto é, Jerusalém]... implora e anseia por liberdade, e reza incessantemente para que venham em seu auxílio. De fato, é a sua ajuda que ela busca particularmente, porque Deus lhes concedeu glória excepcional na guerra, acima de todas as outras nações... Portanto, aproveitem esta estrada para obter a remissão dos seus pecados, seguros na glória indestrutível do Reino Sagrado.

Depois disso, escreveu Robert, a multidão começou a gritar em uníssono: 'Deus vult! Deus vult!' (Deus quer! Deus quer!).[19]

Ao final do empolgante monólogo do papa, Adhémar, bispo de Le Puy, levantou-se em um movimento cuidadosamente coreografado e implorou de joelhos para poder embarcar nessa gloriosa expedição. O mesmo aconteceu com declarações de apoio em nome de Raimundo de Toulouse. A multidão, extasiada ao ver aqueles grandes homens jurando empreender uma missão tão ousada e ambiciosa, prorrompeu em um frenesi de penitência, batendo no peito e se aproximando do papa para implorar a absolvição de seus pecados antes de retornarem às suas casas e se prepararem para a nova tarefa.

Urbano disse a todos que desejassem se juntar à sua grande peregrinação ao leste para se diferenciarem dos seus vizinhos com "o sinal da cruz na testa ou no peito".[20]Mais uma vez, acreditaram em suas palavras. Daquele momento em diante, a prática de literalmente "tomar a cruz" se tornaria uma parte essencial da gramática visual das cruzadas. O teatro em Clermont fora um triunfo estrondoso e assustador, que – embora não pudesse ser conhecido na época – seria imitado por gerações. A "grande comoção", mais tarde conhecida como a Primeira Cruzada, havia começado.

*

Nos nove meses que se seguiram, um verdadeiro batalhão de clérigos piedosos percorreu as cidades e o interior da França e além, convocando as pessoas a se juntarem ao novo movimento. O exemplo foi o próprio papa, que realizou grandes comícios em lugares como Limoges e Le Mans, Toulouse e Tours, Montpellier, Nîmes e Rouen. Durante suas viagens, celebrou missas, abençoou altares de igrejas, cumprimentou nobres com a mão-de-boa-voz, doou e transladava relíquias (incluindo numerosos pequenos fragmentos da Santa Cruz que haviam sido trazidos da coleção papal), usou sua tiara papal branca e dourada em esplendor cerimonial, proferiu sermões ao ar livre e exortou seus companheiros cristãos a pegar em armas, a se afastarem de suas casas e a matarem outros seres humanos. Aqueles que o ouviram obedeceram ao seu chamado. Em Clermont, Urbano tentou moderar sua agitação com instruções de que apenas homens aptos, ricos e capazes de lutar deveriam se juntar ao seu exército, e alertou sobre a desgraça que recairia sobre aqueles que aceitassem a cruz, mas não viajassem. No entanto, como se viu, seu problema não seriam os apóstatas, mas sim os entusiastas inadequados para a nova missão, que não poderiam ser detidos nem controlados.

Em certo sentido, isso era compreensível. Um papa cavalgando além dos Alpes, liderando uma enorme comitiva repleta de cardeais, arcebispos, bispos e outros dignitários por centenas de quilômetros da paisagem francesa, era uma visão única na vida, e alegrava – e enlouquecia – os corações dos cristãos que a presenciavam. Ultimamente, vinha sendo um período difícil. Uma sucessão de secas, fomes e pragas devastava a Europa Ocidental desde 1092, deixando a população fraca e frágil; alguns dos mais pobres haviam sido reduzidos, no verão anterior, a vasculhar a terra em busca de raízes de ervas daninhas para comer.[21]Por volta de 1095 e 1096, esses problemas diminuíram, mas em seu lugar surgiram espetaculares presságios celestiais, incluindo chuvas de meteoros, eclipses e auroras peculiares, que pintaram os céus com tons vívidos e maravilhosos e encorajaram o pensamento apocalíptico.[22]Nesse contexto, Urbano oferecia uma oportunidade de expiar os pecados que levaram Deus a infligir desconfortos ao seu povo. A mensagem era ainda mais contundente quando Urbano falava de Jerusalém e de Bizâncio – com sua óbvia importância como cidade no centro do mundo, e o local da Paixão de Cristo e de seu túmulo vazio.

Logo, portanto, a peregrinação armada de Urbano estava cheia de voluntários. 'Muitas pessoas de diversas vocações, quando descobriram que haveria

"A remissão dos pecados, juraram ir com a alma purificada para onde lhes fora ordenado", escreveu Fulcher de Chartres. "Como era apropriado e agradável para todos nós ver aquelas cruzes feitas de seda, tecido de ouro ou outro belo material que esses peregrinos, fossem cavaleiros, leigos ou clérigos, costuravam nos ombros de seus mantos."[23]

Quando Urbano proferiu seu sermão em Clermont, ele esperava incitar os militantes da igreja a marchar. O sucesso foi além dos seus sonhos mais ousados.

[*] Os historiadores chamam essa segunda reconstrução da igreja da abadia de Cluny de 'Cluny III'; quando concluída, será a maior igreja do mundo.

[†] O massacre do arcebispo de Canterbury, Thomas Becket, por cavaleiros leais a Henrique II da Inglaterra estava diretamente ligado à mesma disputa de longa data.

5

O Conto do Pregador

Tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus.

As dezenas de milhares de cristãos na Europa Ocidental que se sentiram despertados pelo chamado às armas do Papa Urbano e pela intensa viagem de pregação de seus agentes em 1096 incluíam pessoas de todas as classes sociais. Iam desde grandes condes e arcebispos, que conseguiam arrecadar grandes somas de dinheiro para a cruzada e contavam com seus substanciais seguidores de cavaleiros e servos para se juntarem a ela, até aldeões comuns que não dispunham de qualquer tipo de recursos além da fé. Alguns vinham de vilas e cidades, outros do campo. Havia aqueles que se voluntariavam em busca de aventura e outros que sentiam genuinamente a necessidade de defender a cristandade contra ataques pagãos – os "bárbaros em seu frenesi", como disse Urbano.[1] Muitos, como um cavaleiro chamado Nivelo de Fréteval, do condado de Blois, no norte da França, foram fortemente atraídos pela promessa de remissão dos pecados: Nivelo ganhava a vida ameaçando moradores pobres de Blois com uma gangue de outros homens violentos, e agora via uma oportunidade de compensar sua culpa lutando em um exército de peregrinos "para obter o perdão dos meus crimes que Deus pode me dar".[2] Poucos, no entanto, causaram tanta impressão nos escritores da época quanto a figura peculiar de Pedro, o Eremita: um recluso religioso idoso e enrugado da Picardia que se tornou o primeiro e, de muitas maneiras, o menos provável líder de uma cruzada, ganhando honra e notoriedade ao levar o primeiro dos exércitos cristãos para fora do oeste e ao longo do Danúbio em direção a Constantinopla.

Carismático e viajado, Pedro era um personagem que fascinava, excitava e horrorizava seus contemporâneos em igual medida. Ele vinha da cidade de Amiens, mas, segundo seu próprio relato, havia viajado por toda parte durante sua vida, tendo estado na Terra Santa e em Constantinopla muito antes de Urbano começar a pregar a guerra no Oriente. Certamente, ele era cheio de energia e um orador altamente persuasivo: um demagogo populista que sabia como iluminar tanto os sonhos quanto os preconceitos de seus compatriotas e instigá-los a um estado de animação divina que correspondia ao seu. O cronista Guibert de Nogent, que viu Pedro no auge de sua popularidade (e não aprovou inteiramente), descreveu-o com desdém como vestindo "uma túnica de lã que chegava aos tornozelos e, por cima, um capuz; usava uma capa para cobrir a parte superior do corpo e um pouco dos braços, mas seus pés estavam descalços". Mas Guibert teve que admitir que Pedro era "muito generoso com os pobres com os presentes que recebia... restaurando a paz e os tratados onde antes havia discórdia. Tudo o que ele fazia ou dizia parecia quase divino".[3]Outro escritor descreveu Pedro como tendo poderes extraordinários de persuasão, que atraíam 'bispos, abades, clérigos, monges... depois os leigos mais nobres, príncipes de diferentes domínios... todas as pessoas comuns, tanto pecadores quanto homens piedosos, adúlteros, assassinos, ladrões, perjuros, assaltantes; ou seja, todo tipo de pessoas de fé cristã, na verdade, até mesmo o sexo feminino'.[4]Ele era tão reverenciado que os pobres arrancavam pelos do rabo de seu burro para guardar como relíquias.

Parte do sucesso de Pedro se deveu ao fato de ele ter contado uma boa história sobre sua própria vida. Como foi relatado mais tarde, ele esteve em Jerusalém em peregrinação quando jovem e, enquanto estava lá, Cristo lhe fez uma petição em sonho, entregando-lhe uma carta que lhe pedia que incitasse seus companheiros de fé a uma missão para libertar Jerusalém do domínio muçulmano. Pedro disse que, ao acordar, o patriarca de Jerusalém o abordou com o mesmo pedido, o que o inspirou a apresentar o conceito diretamente a Aleixo Comneno e ao Papa Urbano.[5]Em outras palavras, Pedro, o Eremita, afirmou ser o primeiro a impulsionar e arquiteto espiritual da missão que o papa havia pregado em Clermont.

Apesar de todos os seus talentos inquestionáveis, Pedro era um fanfarrão nato. Portanto, embora seja plausível que ele pudesse de fato ter defendido uma invasão milenarista e penitencial de Jerusalém pelos fiéis antes que a causa fosse oficialmente adotada como política eclesiástica em Clermont, ele pode igualmente ter simplesmente se apegado ao clima popular do início de 1096 e, com ou sem

Buscando o apoio formal do papado, saiu e pregou com todas as suas forças. Mas se agora acreditamos em sua história é irrelevante. O que importava em 1096 era que ele era incrivelmente eficaz em espalhar a palavra. Enquanto Urbano e seus bispos percorriam grandiosamente as terras do sul, oeste e centro da França, negociando com líderes militares e religiosos experientes a melhor maneira de reunir um exército com chances realistas de sucesso, recrutando os melhores soldados, administrando juramentos, nomeando comandantes competentes e aconselhando aqueles que desejavam se juntar ao exército sobre financiamento e provisões, Pedro, o Eremita, seguiu seu próprio caminho pelo norte da França, Renânia e oeste da Alemanha, em áreas amplamente negligenciadas pelos pregadores papais. Enquanto caminhava descalço, ele encorajava uma abordagem mais espontânea e populista para a tarefa em questão, convidando qualquer pessoa que sentisse vontade a se juntar e tentar. Como resultado, aqueles que responderam ao seu chamado variaram de nobres menores e cavaleiros com experiência no campo de batalha até pessoas que poderiam ser generosamente descritas como não combatentes, e a quem Urbano havia explicitamente alertado para não pensarem em se juntar à ação: clérigos, idosos, mulheres, crianças e aqueles tão pobres ou destituídos que tinham muito pouco mais para fazer.[*]

O Papa Urbano declarou que a data de partida de sua cruzada deveria ser 15 de agosto de 1096: a Festa da Assunção, o dia mais sagrado do verão. Mas cinco meses antes da data oficial de lançamento, na Páscoa, o heterogêneo grupo de seguidores de Pedro, o Eremita – mais tarde chamado de Cruzada Popular – já estava em movimento. Eles não viajaram juntos, mas em grupos escalonados e grupos individuais, variando de companhias de experientes combatentes militares, como os oito cavaleiros e dezenas de soldados de infantaria que seguiram o senhor francês Walter de Sans Avoir ('o Sem-Vinte') em uma das primeiras partidas, a um grupo de milhares de camponeses que caminharam para o leste atrás de um ganso milagroso e uma cabra-babá que eles acreditavam terem sido possuídos pelo Espírito Santo.[6]O próprio Pedro marchou brandindo uma carta de autoridade divina que, segundo ele, havia literalmente caído do céu. Eles eram um grupo variado e idiossincrático. Mas, no início do verão de 1096, as primeiras facções desse movimento populista presunçoso já haviam começado a surgir em Bizâncio.

Quando chegaram a Constantinopla, muitos já tinham sangue nas mãos.

*

Apesar de todo o entusiasmo pela guerra santa que se espalhou pela Europa Ocidental na década de 1090 – seja por Urbano e seus pregadores oficiais, seja pelos esforços independentes de Pedro, o Eremita, e outros demagogos –, havia um paradoxo constrangedor em seu cerne. Como os seguidores de Jesus Cristo poderiam cogitar ir à guerra em nome de um homem cujo ministério era ostensivamente fundado no perdão? No Sermão da Montanha, Cristo disse: "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus."[7]No entanto, ali estavam os aspirantes a filhos de Deus reunindo um grupo de guerra em uma escala nunca vista na história da Igreja. O fato de terem feito isso com tão pouca perturbação em sua consciência coletiva nos diz muito sobre a espantosa plasticidade de pensamento que se tornara uma marca registrada do cristianismo em seu primeiro milênio.

Jesus de Nazaré era um homem de paz. Mundano quando necessário, e até mesmo propenso a acessos de raiva, o Cristo descrito nos Evangelhos afirmou repetidamente sua preferência pela mansidão à agressão e pelo sofrimento à vingança. No entanto, como Urbano bem compreendeu, o interesse pessoal de Cristo em oferecer a outra face não anulou inteiramente a vasta literatura judaico-cristã produzida ao longo de milhares de anos que defendia precisamente o oposto.

Apesar de todas as palavras suaves de Cristo, o Antigo Testamento, que ainda era profundamente importante para os cristãos medievais, retratava um Deus ciumento, que castigava os opressores para sempre e exigia punições espetaculares para os iníquos: olho por olho, dente por dente e apedrejamento até a morte para glutões, bêbados, infratores do sábado e sodomitas.[8]Um texto popular como Macabeus, que narrava as aventuras de uma dinastia de combatentes pela liberdade israelitas, apresentava um mundo no qual a guerrilha, a circuncisão forçada e o massacre em massa eram táticas essenciais para os guerreiros de Deus.[†]Histórias como essas pareciam demonstrar que, embora um servo de Deus pudesse se parecer com Cristo, ele poderia igualmente se assemelhar a Judas Macabeu: "Em sua armadura, ele era como um gigante. Ele pegou suas armas e foi para a guerra; com sua própria espada, defendeu seu acampamento. Ele era como um leão feroz rugindo enquanto ataca."[9]

O militarismo também não se limitou ao Antigo Testamento. São Paulo, pecador reformado, apóstolo e escritor de cartas extraordinário, era profundamente adepto de analogias marciais. Sua epístola aos Efésios os encorajou a serem semelhantes a Cristo em todas as suas ações, empunhando "o capacete da salvação e a espada da salvação".

espírito'.[10] A mensagem de Paulo, por mais pacifista que fosse, ainda assim adotou uma analogia violenta que era facilmente mal interpretada. E Paulo não era um caso isolado. O livro do Apocalipse de João de Patmos era positivamente alegre com o banho de sangue que ele imaginava que acompanharia o fim dos tempos (que no início do segundo milênio parecia estar próximo). Em uma passagem sinistra prevendo o destino de dois profetas, João escreveu:

> A besta que sobe do Abismo os atacará, os dominará e os matará... Durante três dias e meio, pessoas de todos os povos, tribos, línguas e nações olharão para os seus corpos e se recusarão a sepultá-los. Os habitantes da terra se alegrarão com eles e celebrarão, enviando presentes uns aos outros, porque esses dois profetas atormentaram os que vivem na terra.[11]

Os dois profetas finalmente ressuscitaram. Mas, mais uma vez, o tom estava dado. Cristo pode ter abominado a violência, mas guerras, assassinatos, derramamento de sangue e até genocídios continuaram sendo partes familiares da exegese cristã.

Várias centenas de anos após a morte de Paulo e João, o problema de conciliar a fé cristã com a violência mundana não havia desaparecido. Ao contrário, havia se cristalizado pelo fato de o cristianismo ter sido adotado em 380 d.C. como religião oficial do Império Romano. Agora, era necessária uma triangulação urgente entre o caráter amável dos ensinamentos de Cristo e as realidades da arte de governar em um império que existia em virtude da conquista militar, da subjugação e da guerra. Muitas mentes sérias se dedicaram a essa tarefa, baseando-se em uma história do pensamento político que remonta pelo menos a Aristóteles (falecido em 322 a.C.), de onde emergiu o conceito de "guerra justa": uma violência lamentável, mas legítima e até moral, desde que fosse empreendida para proteger o Estado e, em última análise, servisse para produzir ou restaurar a paz.[12]

No século IV d.C., esse tema recebeu uma conotação especificamente cristã, primeiro por Ambrósio, bispo de Milão, e depois, com mais força, por Santo Agostinho de Hipona. Agostinho não era de forma alguma um homem de guerra: era um teólogo e filósofo, cujo portfólio de preocupações abrangia desde a natureza do pecado original e da graça divina até a moralidade do roubo de pomares e das eróticas.[13] No entanto, ele entendia que, uma vez que o cristianismo trocasse o status de culto renegado pelo de credo imperial, os princípios da fé teriam que ser compatibilizados com as demandas de um império construído para a guerra. Em "Cidade de Deus", Agostinho apresentou uma defesa robusta do lugar do cristianismo dentro

o estado romano, argumentando que 'o homem sábio travará guerras justas... é a injustiça do lado oposto que impõe ao homem sábio a necessidade de travar guerras justas'.[14] Em outro lugar, ele sugeriu quatro condições claramente identificáveis sob as quais uma guerra poderia ser considerada justa: ela foi travada por uma boa causa; seu propósito era defender ou recuperar propriedade; ela foi aprovada por uma autoridade legítima; e as pessoas que lutaram foram motivadas pelos motivos certos.

Agostinho era um pragmático – e o pragmatismo agostiniano permaneceria na ordem do dia após sua morte. Quando o Império Romano do Ocidente ruiu e suas antigas possessões foram divididas entre tribos do norte germânico, o cristianismo latino rapidamente se adaptou a uma cultura na qual guerras marginais de expansão imperial ou defesa deram lugar às rixas entre reis e senhores da guerra mesquinhos. Mais uma vez, os pensadores cristãos encontraram maneiras de moldar a fé ao seu entorno, buscando alternadamente circunscrever e santificar a violência. Os clérigos do século X conceberam os conceitos gêmeos da Paz e da Trégua de Deus, ambos ativamente promovidos em sínodos como o de Urbano II em Piacenza e Clermont. A Paz de Deus era uma promessa juramentada feita por cavaleiros e outros guerreiros de se absterem de atacar os pobres, fracos, indefesos ou piedosos em qualquer momento. A Trégua de Deus era semelhante: um juramento feito pelos guerreiros de observar períodos de paz total, durante os quais também não se atacariam. A igreja também começou a abençoar ativamente reis guerreiros e até mesmo a acolhê-los nas tradições do martírio. Assim, entre os santos da igreja estavam São Osvaldo, rei da Nortúmbria (falecido em 641/642), cujas conquistas nas Ilhas Britânicas foram consideradas por escritores como o Venerável Beda como compensadas por seu entusiasmo por batismos e orações pré-batalha; e Guilherme de Gellone (falecido em 812/814), um duque toulousain que matou milhares de muçulmanos espanhóis no final do século VIII, antes de se aposentar para terminar seus dias como monge.

Quando o grande conquistador Carlos Magno foi coroado Imperador do Sacro Império Romano-Germânico pelo Papa Leão III no dia de Natal do ano 800, o pacto entre os reis guerreiros e a Igreja Latina foi consolidado, e no século XI o cristianismo – pelo menos no Ocidente – era uma religião disposta a acolher aqueles que matavam e mutilavam, desde que o fizessem com respeito às liturgias e à propriedade da Igreja. Assim, sucessivos papas, a partir da década de 1060, conseguiram justificar a entrega de estandartes papais de guerra a homens como os turbulentos irmãos normandos Roberto Guiscardo e Rogério, conde da Sicília; por que a torcida papal por guerras contra

Muçulmanos e outros descrentes na Espanha eram consistentes há várias décadas; e é por isso que, em 1074, Gregório VII não viu nada de inconcebível em propor levar um exército de Deus para vingar os bizantinos após sua derrota para os turcos de Alp Arslan em Manzikert. Foi também por isso que a visão de Urbano e Pedro, o Eremita, clérigos de todos os níveis, percorrendo a França e pregando fervorosamente a doutrina de uma guerra santa baseada na penitência pessoal e na justiça coletiva, foi, embora certamente incomum, não inteiramente nova.[15]

*

No final da primavera de 1096, tendo sido deliberadamente provocados a um crescendo de chauvinismo cristão pelos pregadores, não foi surpresa que os primeiros cruzados que deixaram a Renânia sob a inspiração de Pedro, o Eremita, estivessem à procura de qualquer um que pudesse ser percebido como inimigo de Cristo. Eles não precisaram viajar para muito longe de casa. Os primeiros alvos e vítimas da vanguarda cruzada não foram os temidos infiéis às portas de Constantinopla, mas sim comunidades de judeus que viviam em cidades da Europa Ocidental e Central, como Colônia, Worms, Speyer e Mainz.

Um dos pequenos líderes que vieram à tona na primeira metade de 1096, fortemente influenciado por Pedro e pela vertente populista da pregação das cruzadas, foi Emicho de Flonheim: um nobre rico considerado por um cronista como "de péssima reputação por conta de seu modo de vida tirânico".[16] Em 1096, o bando de Emicho fazia parte de um contingente de 12.000 cruzados da Renânia que se reuniram em Mainz. Lá, lançaram um ataque grotesco à população judaica da cidade. "Conduzidos pelas cidades do Reno, do Meno e também do Danúbio, destruíram completamente a execrável raça dos judeus onde quer que os encontrassem (sendo, mesmo nesse aspecto, zelosamente devotados à religião cristã) ou os forçaram a se juntar à Igreja", escreveu o mesmo cronista, revelando o preconceito antissemita que compartilhava com Emicho, mesmo desaprovando o caráter do conde.[17]

O povo judeu de Mainz já tinha ouvido falar do terror que se alastrava pela rodovia antes de chegar à sua cidade: houve incêndios em casas e sinagogas em muitas cidades próximas, além de espancamentos, assassinatos em massa e roubo de grandes quantias de dinheiro de judeus envolvidos.

no negócio de agiotagem, proibido aos cristãos pelo direito canônico. Quando os ataques começaram, muitos judeus buscaram proteção junto a Rothard, arcebispo de Mainz, que ofereceu abrigo a cerca de 700 pessoas "no amplo salão de sua própria casa, longe da vista do Conde Emicho e seus seguidores, para que pudessem permanecer sãs e salvas em um lugar muito seguro e forte". Mas o salão não era seguro nem forte o suficiente para resistir à depravação dos cruzados, que sitiaram a residência do arcebispo ao amanhecer, arrombaram as portas e iniciaram um massacre no qual, segundo o cronista Alberto de Aachen:

> Eles mataram as mulheres... e com suas espadas perfuraram crianças delicadas de qualquer idade e sexo. Os judeus, vendo que seus inimigos cristãos os atacavam e a seus filhos, e que não poupavam nenhuma idade, também se lançaram uns sobre os outros, irmão, filhos, esposas e irmãs, e assim pereceram uns aos outros. É horrível dizer, mães cortaram a garganta de crianças amamentadas com facas e esfaquearam outras, preferindo que elas perecessem assim por suas próprias mãos a serem mortas pelas armas dos incircuncisos.[18]

Esta não era de forma alguma uma visão exclusiva de Mainz. Em Worms, Isaac, filho de Daniel, foi arrastado pelas ruas lamacentas por uma corda amarrada ao pescoço, enquanto seus algozes o desafiavam a se converter ou morrer. Por fim, com a língua saltando para fora da cabeça, Isaac passou o dedo pela própria garganta. Os cruzados e os habitantes de Worms ao seu redor não precisaram de mais convite: cortaram-lhe a cabeça.[19]Em Wevelinghofen, ao norte de Colônia, suicídios em massa ocorreram quando homens e mulheres jovens se jogaram no Reno e pais mataram seus filhos para não vê-los cair nas mãos do inimigo.[20]Provavelmente não há como responder se essa orgia de violência antissemita foi inspirada pela agenda amplamente compartilhada pelos cruzados de vingança pela traição de Cristo no momento de Sua crucificação ou se ela simplesmente representou a sede de sangue de uma multidão frenética que mal podia esperar para exercer sua fúria justificada.[21]Mas o triste efeito sobre os judeus de Mainz era evidente. "Desta cruel matança de judeus, alguns escaparam", escreveu Alberto de Aachen, observando que, desses poucos, vários foram batizados à força no cristianismo. "Com enormes despojos tomados dessas pessoas, o Conde Emicho... e toda aquela intolerável companhia de homens e mulheres continuaram seu caminho para Jerusalém, rumando para o Reino da Hungria."[22]

*

A estrada que a primeira vanguarda dos cruzados havia escolhido era bem trilhada, ao longo da qual muitas gerações de peregrinos e mercadores que viajavam de e para o leste já haviam percorrido, remontando pelo menos ao século IV d.C. Vindo do sul da Alemanha, a rota inicialmente seguia o curso do Danúbio, levando aqueles que a seguiam para fora dos Alpes e descendo por florestas, campos e pântanos, em um longo desvio em direção a Belgrado. Dali, era possível seguir uma antiga rota romana conhecida como Via Diagonalis (ou Via Militaris), que atravessava os Bálcãs até Constantinopla. No total, a jornada era de cerca de 2.000 km: uma distância enorme para percorrer a pé, e na qual o reabastecimento regular e as relações amigáveis com os governantes locais eram vitais. Como os vários grupos da Cruzada Popular inspirados por Pedro, o Eremita, descobriram, isso estava longe de ser simples.

Os primeiros problemas surgiram na Hungria. Embora este fosse um território nominalmente amigável, governado por um rei cristão, Colomano I, qualquer pessoa que conhecesse a história daquele reino saberia que os governantes húngaros só se converteram ao caminho de Cristo no início do século XI, e que as mais recentes revoltas sangrentas anticristãs estavam bem presentes na memória.[23]A Hungria não foi organizada como uma aristocracia feudal de estilo ocidental, mas sim como um semitribal reino potencialmente muito perigoso para ocidentaisDesconhecido de um mundo tão diferente. Era território estrangeiro, onde cabeças sábias teriam aconselhado cautela. Em vez disso, longe de casa e exaltados, muitos dos primeiros cruzados se comportaram de forma atroz e foram recompensados na mesma moeda. Os primeiros membros da Cruzada Popular a entrar em território húngaro foram o pequeno grupo liderado pelo aliado de Pedro, o abastado lorde francês Walter de Sans Avoir. Razoavelmente inofensivo e pequeno demais para ser um fardo sério em território estrangeiro, Walter e seus seguidores receberam salvo-conduto através da Hungria, que incluía o direito de comprar alimentos e outros suprimentos nos mercados locais. Eles atravessaram o reino em segurança e foram apanhados em Belgrado por guias bizantinos que os viram eles a caminho de Constantinopla.

Duas semanas atrás deles, chegou Pedro, o Eremita, com sua carta celestial na mão e entre 15.000 e 20.000 pessoas às suas costas – algumas delas armadas e até treinadas para a guerra, mas um número igual de peregrinos com pouco ou nada em seu nome. Tendo descarregado parte de seu rancor no

Judeus da Renânia, essas brigadas também cruzaram a Hungria em junho com relativamente pouca dificuldade. Mas a onda seguinte, seguindo-os, teve um desempenho muito diferente. Em julho, dois bandos distintos de cruzados alemães despertaram a ira extrema do Rei Colomano ao saquear e abusar da população local, com uma grave escaramuça tendo início depois que um bando de cruzados "apunhalou um jovem húngaro na rua do mercado com uma estaca em suas partes íntimas".[24]Relutante em tolerar esse abuso contra seu povo ou sua hospitalidade, Coloman enviou suas tropas, primeiro para desarmar e depois para matar os encrenqueiros. E quando as forças maiores e virulentamente belicosas do violento Conde Emicho de Flonheim chegaram no início de agosto, Coloman simplesmente fechou suas fronteiras. Isso levou Emicho a sitiar uma fortaleza fronteiriça em Wieselburg, o que durou três semanas. Terminou com os húngaros dispersando o exército de Emicho ao vento.[25]A porta para novas bandas populistas cruzadas estava, pelo menos temporariamente, fechada.

À frente, em território bizantino além de Belgrado, os problemas também se acumulavam. Embora as autoridades imperiais de Aleixo tivessem se encarregado dos primeiros pequenos grupos de cruzados e até organizado mercados policiados por oficiais que falavam línguas ocidentais, à medida que o número de ocidentais reunidos em território bizantino aumentava de centenas para dezenas de milhares, tensões e eclosões de combates tornaram-se a norma, com batalhas constantes contra milícias gregas locais em Nish (Niš) e ao longo da estrada para Sófia. A essa altura, a mera presença dos cruzados já se tornava um sério motivo de preocupação. A princesa imperial Ana Comnena lembrou-se da apreensão sentida em Constantinopla quando a população soube que o primeiro dos tão esperados "exércitos francos" eram essas hordas indisciplinadas. Ana ouviu as pessoas rirem baixinho porque o líder se chamava "Koukoupetros" – literalmente, Pedro, o Cuco – e notou que uma praga de gafanhotos arrancadores de videiras anunciava sua chegada. Os exércitos deste cuco, ela disse, continham alguns guerreiros cercados por "uma multidão de civis, em maior número do que a areia da praia ou as estrelas do céu, carregando palmeiras e cruzes nos ombros".[26]

Como era de se esperar, sua chegada à capital em 1º de agosto causou ainda mais alvoroço, pois "esses homens, sem um príncipe sábio para liderá-los", logo estavam "destruindo igrejas e palácios na cidade, levando seus pertences, retirando o chumbo dos telhados e vendendo-o aos gregos".[27]Não demorou muito para que Alexios se cansasse de ver sua cidade destruída, então ele encorajou as forças unidas de Pedro, o Eremita, e Walter de Sans

Avoir cruzou o Bósforo e montou acampamento em Kibotos para aguardar reforços. Mas aqui, mais uma vez, a paciência se mostrou além deles. Ana registrou que certa vez, na Ásia Menor, os cruzados agiram "com horrível crueldade contra toda a população; bebês foram cortados em pedaços, empalados em espetos de madeira e assados na fogueira; idosos foram submetidos a todo tipo de tortura".

Agora, tornava-se evidente que, por mais impressionante que tivesse sido o esforço de recrutamento de Pedro e por mais surpreendente que tenha sido sua conquista em apenas reunir e marchar um enorme exército de voluntários por 2.000 km de território majoritariamente estrangeiro, os exércitos da Cruzada Popular estavam seriamente fora de seu alcance. Para sobreviver, dependiam dos suprimentos que Aleixo enviava através do Bósforo e além, de qualquer coisa que pudessem encontrar para saquear entre os gregos e turcos da área imediata. Agora, também estavam altamente vulneráveis a ataques, pois, uma vez a leste de Constantinopla, estavam em território disputado entre os bizantinos e os seljúcidas de Rum. Depois que um grupo de cavaleiros alemães e italianos tomou um castelo abandonado perto de Niceia, chamado Xerigordo, eles foram sitiados por uma força de turcos convocada pelo senhor da guerra Quilij Arslan I, que governava Niceia e controlava parte suficiente da Ásia Menor turca para se autodenominar sultão.

Cercados no castelo durante um escaldante verão na Anatólia, os cruzados de Xerigordo sofreram uma sede terrível, reduzidos a beber sangue de cavalo e urina humana para sobreviver. Enfraquecidos, foram finalmente aniquilados por um exército composto por "homens de guerra muito experientes com o arco de chifre e osso e arqueiros muito ágeis". Por fim, ágeis cavaleiros turcos invadiram o castelo, sequestraram algumas das mais belas e jovens cruzadas, massacraram as restantes com vários meios inventivos (incluindo amarrá-las a postes e atirar flechas contra elas) e, em seguida, construíram um monte com os cadáveres, que deixaram apodrecer como um aviso aos exércitos latinos subsequentes que se aproximassem de Niceia pelo oeste.[28]O grosso do exército acampado em Kibotos exigiu que seus líderes se vingassem com uma marcha sobre Niceia. Mas isso só provocou novos ataques das tropas turcas. Quando o outono chegou, os peregrinos e guerreiros da Cruzada Popular estavam queimados de sol, famintos e forçados à submissão. Em 21 de outubro, Qilij Arslan lançou um grande ataque à própria Kibotos, matando Walter de Sans Avoir e vários outros, e desmantelando os restos mortais do exército cruzado sobrevivente.

Pedro, o Eremita, escapou desse destino horrível e voltou às pressas através do Bósforo para Constantinopla. Ele pregaria em outro dia e permaneceu uma figura constante, embora agora em grande parte periférica, na cruzada enquanto ela se desenrolava. Mas muitos de seus seguidores foram mortos, enquanto os cavaleiros que conseguiram sair vivos de Kibotos agora se encontravam à solta, sem comandantes. Era evidente que eles – e todos os outros – precisavam urgentemente de generais com seriedade e experiência. Aleixo Comneno havia enviado generais ao oeste para convocar os exércitos de Deus. Na primavera de 1096, parecia inteiramente possível que ele tivesse, em vez disso, aberto a porta dos fundos do império para uma matilha de demônios.

[*] Agentes papais desencorajavam firmemente aqueles que seriam um dreno de recursos a se juntarem à missão. Em um caso memorável, o bispo de Toulouse teve dificuldade em convencer uma mulher abastada, Emerias de Altejas, de que ela não era apta a lutar contra os infiéis e deveria, em vez disso, concentrar sua filantropia na fundação de um asilo para indigentes mais perto de casa. Veja seu registro em "A Database of Crusaders to the Holy Land", 1095-1149.alturatps://www.dhi.ac.uk.

[†] Segundo o relato de Guibert de Nogent sobre o sermão de Urbano em Clermont, o papa deu o exemplo dos Macabeus para explicar por que "também vos é justamente concedido, soldados cristãos, defender a liberdade de vosso país pela força das armas". Esta passagem de Guibert é pungente com justificativas posteriores, mas o exemplo era claramente aquele que ele presumia que agradaria a seus leitores. Levine, Robert (trad.) The Deeds of God through the Franks: A Translation of Guibert de Nogent's Gesta Dei per Francos (Woodbridge: 1997), p. 43.

6

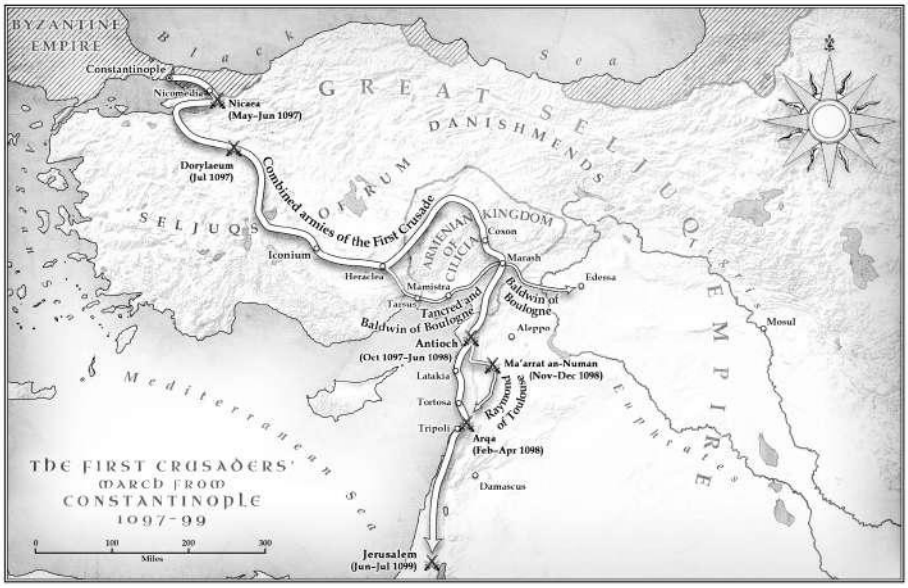
Marcha dos Príncipes

Permaneçam firmes todos juntos, confiando em Cristo e na vitória da Santa Cruz. Hoje, se Deus quiser, todos vocês ganharão muito despojo...

O destino decretou que o filho de Robert Guiscard, Bohemond, cresceria e se tornaria um príncipe. Mesmo quando bebê, seus pais sabiam que ele tinha um destino extraordinário. Seu nome de batismo era Mark, mas seu pai, ao notar o tamanho da criança, deu-lhe um apelido peculiar, em referência a um gigante mítico, Buamundus Gigas, cujos feitos divertidos Robert ouvira serem contados em um jantar.[1] Acabaria sendo um apelido apropriado. Na idade adulta, Boemundo viajou o mundo, envolveu-se em muitas aventuras de tirar o fôlego e impressionou, mesmo que não tenha encantado, todos que conheceu. Ele era "uma bela figura, mesmo entre os maiores", escreveu um cronista admirado.[2] Outro viu 'um herói de grande estatura'.[3] Um terceiro descreveu um "grande guerreiro" e um "homem muito distinto".[4]O autor do poema épico de cruzada conhecido como Chanson d'Antioche elogiou Bohemond como "nobre e corajoso".[5]Ana Comnena o considerava rancoroso, malévolo, enganador, traiçoeiro, inconstante, ganancioso, amargo, um mentiroso congênito e um "maior criador de problemas" que superava "em sua vilania e pura ousadia" todos os outros latinos que atravessavam Bizâncio.[6]Mas até ela tinha que admitir que ele era magneticamente bonito: alto, de peito largo e bonito, com mãos grandes, olhos azuis claros cativantes e uma pele clara, seu cabelo cortado curto ao redor das orelhas e seu queixo barbeado bem liso, ambos provocativamente

em desacordo com um mundo em que tranças e barbas eram os símbolos habituais do machismo.[7]

A Primeira Marcha dos Cruzados de Constantinopla, 1097–99



Apesar de estar fora de sintonia com a moda dominante, Boemundo era ambicioso, astuto e um guerreiro nato, altamente habilidoso em cercos. Assim como seu pai, Roberto, e seu tio, Rogério, conde da Sicília, ele descobriu que a maneira mais confiável de progredir no mundo era com uma espada na mão, e fora abençoado com a capacidade física e os laços familiares para fazer exatamente isso. O desprezo de Ana Comnena foi merecido com o tempo: Boemundo juntou-se aos ataques militares de seu pai a Bizâncio no início da década de 1080, enquanto os normandos do sul da Itália tentavam expandir seus territórios para os Bálcãs. Em 1088, ele reivindicou o título italiano de príncipe de Taranto, uma grande patente concedida para compensar o fato de ter sido privado de qualquer território substancial para governar quando seu pai morreu em 1085 (o prestigioso ducado da Apúlia foi estabelecido pelo insípido meio-irmão de Boemundo, Rogério Borsa). Mas o que faltava a Boemundo em terras patrimoniais ele compensava com longa experiência no campo de batalha – seu currículo incluía o comando de uma divisão do exército normando na famosa Batalha de Dirráquio. Boemundo estava no auge de sua vida militar quando o mundo latino começou a se mobilizar em torno da pregação do Papa Urbano em 1095. Ele supôs que a nova cruzada seria sua formação – e estava certo.

*

Muito do que se sabe sobre a cruzada de Boemundo foi registrado por um seguidor anônimo e energicamente bajulador, cuja crônica, hoje conhecida como Gesta Francorum (Atos dos Francos), narra a carreira de cruzado do príncipe de Taranto a partir de 1096. Ao descrever a decisão de Boemundo de se juntar ao movimento, o autor dá a impressão de um senhor tomado espontaneamente pelo espírito do Todo-Poderoso:

> Ele estava sitiando Amalfi [entre julho e agosto de 1096] quando soube que um imenso exército de cruzados francos havia chegado, indo ao Santo Sepulcro e pronto para lutar contra os pagãos. Então, começou a investigar cuidadosamente as armas que carregavam, o emblema que usavam na peregrinação de Cristo e o grito de guerra que gritavam em batalha. Foi-lhe dito: "Eles estão bem armados, usam o emblema da cruz de Cristo no braço direito ou entre os ombros e, como grito de guerra, gritam todos juntos: 'Deus vult! Deus vult! Deus vult!'". Então Boemundo, inspirado pelo Espírito Santo, ordenou que o manto mais valioso que possuía fosse imediatamente cortado e transformado em cruzes, e a maioria dos cavaleiros que estavam no cerco começaram a se juntar a ele imediatamente.[8]

Esta é uma boa história, mas é um pouco exagerado acreditar que o mundano e bem-relacionado Boemundo – um membro do clã normando que havia fornecido exércitos para proteger Gregório VII e Urbano de seus inimigos na Santa Sé – só ouviu falar do grande projeto de Urbano quando viu os exércitos de Cristo marcharem diante de sua tenda de campanha. Que a cruzada exigia a atenção e o envolvimento de homens de status havia sido deixado claro desde o início e comprovado por contraexemplos durante a Cruzada Popular.[9]Assim, Boemundo – que falava grego e talvez um pouco de árabe também, conhecia bem os Comnenos e tinha experiência em combates nas periferias da Anatólia – quase certamente conquistou a confiança de Urbano desde o início. Sua repentina conversão às cruzadas durante o cerco de Amalfi, no verão de 1096, foi uma pantomima; o que surpreendeu foi que ele tivesse ocultado suas intenções por tanto tempo.

Havia um forte toque normando em grande parte da liderança da Primeira Cruzada. É verdade que Raimundo, conde de Toulouse, e o bispo Adhémar de Le Puy, o grande barão e bispo que fora o primeiro a se juntar à cruzada em Clermont, eram homens do sul francês, enquanto Hugo, irmão de Filipe I da França, conde de Vermandois – outro recruta de destaque –

foi assinado para garantir o envolvimento da dinastia real capetiana.[*] Mas a maioria dos outros "príncipes" proeminentes (como eram genericamente, embora não com total precisão, conhecidos) eram normandos ou tinham laços estreitos com eles. Um contingente importante foi formado por Roberto "Curthose", duque da Normandia, e Estêvão, conde de Blois: filho e genro, respectivamente, do falecido Guilherme, o Conquistador, rei da Inglaterra.[†] Outro era comandado por Godofredo de Bouillon, duque da Baixa Lorena, e Balduíno de Bolonha: irmãos cujo pai lutara ao lado do Conquistador na Batalha de Hastings. Trouxeram consigo Roberto II, conde de Flandres, cuja tia Matilde fora esposa do Conquistador. E havia também Boemundo, representando o ramo sul da diáspora normanda. Com ele cavalgavam seu sobrinho de vinte anos, Tancredo de Hauteville, seu primo de Salerno conhecido como Ricardo do Principado, e tantos outros cavaleiros de seu círculo familiar que o tio de Boemundo, Rogério, conde da Sicília, que notoriamente desprezava a ideia de uma cruzada com uma grande gargalhada de desgosto, "foi deixado quase sozinho".[10]

O que levou todos esses homens — alguns dos senhores mais poderosos, ricos e temidos do oeste — a deixarem suas casas e se juntarem à cruzada foi uma questão sobre a qual os contemporâneos deram várias opiniões.[11] A necessidade da igreja oriental certamente foi levada a sério.[12] A promessa de remissão dos pecados era outra grande atração, principalmente para aqueles que pecavam para viver: cavaleiros e outros guerreiros do tipo que dominavam as cortes normandas (a Gesta Francorum dava ênfase especial à remissão dos pecados, sugerindo que a perspectiva de lavagem da alma realmente importava para Boemundo e seu círculo).[13] Reviver as glórias de uma era de ouro meio esquecida de militarismo aprovado pela Igreja também teve seu apelo: um cronista sugeriu que os príncipes eram encorajados a "não ficar aquém, mas se inspirar na coragem de seus antepassados".[14] Por fim, havia a promessa de pilhagem. Geoffrey Malaterra, que conhecia bem os normandos do sul, afirmou que Boemundo partiu em cruzadas em busca de conquistas, em primeiro lugar, e de sua alma, em distante segundo lugar. Isso era um tanto injusto: fé, glória e ouro não podiam ser facilmente separados (um membro do exército de Boemundo voltaria do leste encantado por ter adquirido algo que considerava muito mais precioso do que moedas ou um título de senhor: uma mecha de cabelo da Virgem Maria).[15] Na verdade, havia inúmeras razões pelas quais nobres e cavaleiros foram às cruzadas em 1095-1096; o que importava no final era que eles foram.

*

Trabalhando de acordo com o prazo sugerido pelo papa, 15 de agosto, e partindo em ondas escalonadas por rotas divergentes, a fim de aliviar as demandas logísticas dos territórios que cruzavam, Boemundo e os outros príncipes partiram para Bizâncio durante o final do verão e outono de 1096, justamente quando a Cruzada Popular estava se esvaindo. Seus seguidores somavam talvez 80.000: cavaleiros, escudeiros, servos, clérigos, cozinheiros, navegadores, cavalariços, engenheiros, tradutores, peregrinos desarmados, mulheres, crianças e muitos outros. Cronistas descreveram vividamente as cenas em cidades e lares por toda a Europa, enquanto maridos cheios de piedosa sede de viajar se despediam de suas esposas – ou então empacotavam suas famílias inteiras para a viagem de suas vidas – enquanto cavaleiros hipotecavam suas casas para levantar o capital necessário para uma expedição que deveria durar um ano ou mais. Alguns, como Ralph, o Vermelho, de Pont-Echanfray, e Hugo, o Berserk, vindos de Montescaglioso, no sul da Itália, eram soldados experientes acostumados a lutar nas guerras dos normandos (Ralph havia servido a Bohemond e seu pai antes de tomar a cruz). Outros estavam saindo de casa pela primeira vez. O capelão militar de Bohemond, Ralph de Caen, que escreveu uma biografia de Tancredo de Hauteville, descreveu o humor deste último no início da cruzada:

> Era como se a vitalidade do homem antes adormecido fosse revivida, seus poderes despertados, seus olhos abertos e sua ousadia posta em movimento... Sua alma estava em uma encruzilhada. Qual dos dois caminhos deveria seguir? Os Evangelhos ou o mundo? Sua experiência com as armas [agora] o chamava de volta ao serviço de Cristo. Essa dupla oportunidade de luta energizava o homem.[16]

*

Essa energia seria de grande utilidade para os príncipes na jornada que os aguardava. Boemundo e Tancredo cruzaram o Adriático em outubro de 1096, desembarcando nos Bálcãs e partindo para o leste pela estrada de peregrinação através da Macedônia e da Trácia, conhecida desde os tempos romanos como Via Egnácia. Outros, como Godofredo de Bulhão, atravessaram a Hungria por terra, seguindo a rota seguida pela Cruzada Popular. As tropas de 3.000 a 4.000 homens de Boemundo eram provavelmente o menor dos exércitos principescos, e a princípio ele não parecia ter pressa. Seus homens caminhavam lentamente, com o passo

com uma média de insignificantes 5 km por dia. Eles celebraram o Natal em Castória e só viram Constantinopla na Páscoa. No entanto, o ritmo lento não era sinal de apatia. Boemundo percebeu que era, de certa forma, o guerreiro latino menos favorito de Aleixo Comneno; ele diminuiu o passo de seu exército para um passo lento, a fim de evitar parecer excessivamente determinado a despejar tropas na capital bizantina. Ele também insistiu que seus homens se abstivessem de roubar e antagonizar súditos bizantinos. Em troca, Aleixo garantiu que o exército de Boemundo fosse escoltado vigilante e respeitosamente por dois de seus conselheiros domésticos de alto escalão, conhecidos como kyriopalatios, que mantinham os conflitos com os moradores locais suspeitos ao mínimo.[17]

Em 1º de abril de 1097, Boemundo deteve seu exército em Rusa (Keshan), a cerca de 190 km de Constantinopla, e viajou para a capital com apenas uma comitiva pessoal, para ser recebido pelo imperador no norte da cidade, em Blaquerna, com seu fabuloso palácio recém-restaurado a um custo prodigioso. Mesmo para um homem familiarizado com Bizâncio há muito tempo, Constantinopla era uma visão fabulosa, descrita em termos extasiados por Roberto, o Monge, como "igual a Roma na altura de suas muralhas e na nobre estrutura de seus edifícios". Atrás de defesas imponentes, uma constelação de belas igrejas abrigava a maior coleção de relíquias cristãs do mundo – incluindo um frasco com o Sangue Sagrado, pedaços da Santa Cruz, a coroa de espinhos, partes dos corpos de todos os apóstolos e sete cabeças de santos, incluindo duas pertencentes a João Batista.[‡]

Se Constantinopla ficou satisfeita em ver Boemundo era outra questão. Relatos conflitantes sobre a primeira aparição de Boemundo em Bizâncio eram permeados de intenções hostis. Para Ana Comnena, Boemundo personificava o latim pérfido, "um perjuro nato" que esperava "tomar a própria capital imperial".[18]Escritores pró-normandos chamavam Alexios de "o imperador miserável" e "o tirano" que era "astuto e de fala mansa, um enganador prolífico e engenhoso".[19]Entretanto, quando Boemundo chegou a Constantinopla, o passado ficou momentaneamente no passado.[20]A rivalidade normando-bizantina pode ter datado de quase vinte anos, mas a inimizade deu lugar a uma familiaridade cautelosa agora que Boemundo chegou como amigo e não como um incômodo. Fundamentalmente, Boemundo sabia como lidar com o imperador, o que geralmente era motivo de extrema bajulação, por mais insincera que fosse. A mesma percepção demorou a se manifestar entre os outros príncipes. Quando Hugo de Vermandois escreveu para anunciar sua viagem à corte imperial – onde os herdeiros de Augusto e Constantino costumavam sentar-se entronizados em

púrpura, guardados por gigantes

leões mecânicos e assistido por dezenas de eunucos — ele se apresentou como "rei dos reis, o maior de todos sob os céus" e exigiu que "eu fosse recebido em minha chegada e com a pompa e a cerimônia apropriadas ao meu nobre nascimento".[21]Anna Komnene zombou: "absurdo".

Boemundo sabia que não. Embora sempre cauteloso (houve um pequeno incidente diplomático quando acusou o imperador de envenenar sua comida), dedicou-se, no entanto, a uma demonstração gratuita de charme, aceitando de bom grado a hospitalidade sufocante do imperador e seus generosos presentes de joias e bugigangas. Tão importante quanto isso, garantiu que seus homens se abstivessem de causar qualquer dano evitável a Bizâncio.

Mais significativamente para o curso das futuras cruzadas, durante a estadia de Boemundo em Constantinopla, ele fez um voto de lealdade ao imperador que se assemelhava muito a um juramento feudal de homenagem. Em seguida, ele persuadiu, intimidou e intimidou muitos dos outros príncipes que chegavam aos portões da cidade desde dezembro anterior a fazerem o mesmo. Em alguns casos, isso despertou considerável antipatia. No entanto, juramentos foram feitos sobre relíquias, incluindo a Santa Cruz e a coroa de espinhos, por Godofredo de Bouillon, Hugo de Vermandois, Roberto de Flandres, Estêvão de Blois, Tancredo de Hauteville e muitos dos senhores menores, todos os quais juraram devolver ao império quaisquer cidades e fortalezas sob domínio turco que pudessem capturar ao longo da estrada para Jerusalém.[22] Até Raimundo de Toulouse, que detestava o imperador, comprometeu-se a contragosto a não danificar sua propriedade. Por sua vez, Aleixo jurou que "não causaria nem permitiria que ninguém incomodasse ou aborrecesse nossos peregrinos a caminho do Santo Sepulcro". Ele também concedeu aos príncipes cruzados presentes impressionantes em tesouros e vestimentas religiosas caras, e aventou a possibilidade de concessões de terras bem a leste da Ásia Menor – caso os cruzados chegassem lá.[23]

A repentina demonstração de subserviência de Boemundo em relação a Aleixo confundiu o autor da Gesta Francorum: "Por que cavaleiros tão corajosos e determinados fizeram uma coisa dessas? Deve ter sido movidos por uma necessidade desesperada."[24]Outro cronista se maravilhou com o fato de os poderosos latinos terem se preparado para dobrar os joelhos diante dos "pequenos gregos, os mais preguiçosos de todos os povos".[25]Na verdade, o interesse próprio pairava sobre ambos os lados. Aleixo havia convidado os exércitos para seus territórios e pretendia vê-los mobilizados para expulsar os turcos da Ásia Menor antes que desaparecessem em direção a Jerusalém. Os cruzados, por sua vez, não podiam esperar

prosseguir.

Sem a boa vontade e o apoio financeiro do imperador, o próprio Boemundo chegara com o menor exército e a posição mais baixa entre todos os príncipes; ele percebeu que havia muito a ganhar em prestígio e poder se conseguisse se tornar o homem que uniria os líderes orientais e ocidentais. Para tanto, Boemundo chegou a solicitar ao imperador que o nomeasse seu doméstico – um título que denotaria comando supremo na Ásia Menor –, mas Aleixo hesitou; Boemundo não poderia "superar o cretense cretense", disse Ana.[§]A troca de juramentos, mediada por Boemundo, consolidou efetivamente um relacionamento que — por um tempo — produziria resultados espetaculares para ambos os lados.

*

Com a Páscoa celebrada, as homenagens prestadas e dezenas de milhares de soldados – incluindo 7.500 soldados de cavalaria pesada e talvez seis vezes mais soldados de infantaria leve – aguardando do outro lado do Bósforo, na ponta ocidental da Ásia Menor, não havia muito sentido em perder tempo. No início de maio, Boemundo e os outros príncipes marcharam com seus exércitos para sudeste, em direção ao primeiro alvo combinado com o imperador: Niceia, o sultão seljúcida de Rum, capital de Qilij Arslan. Chegaram e montaram acampamento em 6 de maio. Uma semana depois, sitiaram a cidade.

Boemundo atacou muitas cidades em vida, mas em Niceia encontrou defesas formidáveis. Muralhas enormes, pontilhadas de torres encimadas por catapultas, protegiam três lados da cidade.[26]Um grande lago chamado Ascânia (Ascanius/Iznik) tornava o quarto lado inacessível aos sitiantes, ao mesmo tempo que permitia o reabastecimento de alimentos, lenha, armaduras e outras provisões para os cidadãos. Roberto, o Monge, considerava-o "o principal lugar da Anatólia, ao qual nenhum outro se iguala".[27]Os príncipes acamparam ordenadamente ao redor das muralhas (os homens de Boemundo posicionaram-se diante dos portões principais de Niceia) para efetuar um bloqueio terrestre enquanto seus engenheiros construíam máquinas de cerco. Uma testemunha ocular viu aríetes, galpões móveis para proteger sapadores conhecidos como "porcas", "gatos" e "raposas", torres de madeira e petrárias, ou catapultas que atiravam pedras.[28]Quando estas foram construídas, iniciou-se uma troca de projéteis de e para as ameias, com escaramuças ocasionais entre sitiantes e sitiados. "Os apoiadores de Cristo mobilizaram suas forças ao redor da cidade e atacaram bravamente", escreveu Robert.

O Monge. 'Os turcos, lutando por suas vidas, ofereceram forte resistência. Dispararam flechas envenenadas, de modo que até mesmo os levemente feridos tiveram uma morte horrível.'[29]

Logo, em meio ao serrar e cortar de máquinas de guerra inacabadas, ao estrondo de pedras se chocando e aos gritos vindos das muralhas, vieram gritos ainda mais sinistros. Em 16 de maio, as florestas atrás dos cruzados subitamente ganharam vida: um exército de socorro enviado por Qilij Arslan avançou, "exultando com a certeza da vitória, trazendo consigo cordas para nos conduzir amarrados a Khorasan [ou seja, como escravos para sermos levados para a Pérsia]".[30] Eles atacaram os sitiantes e um grande confronto começou fora dos muros da cidade.

Os soldados de socorro podem ter presumido que um exército cruzado era muito parecido com o outro, e que os exércitos dos príncipes seriam tão facilmente derrotados quanto os seguidores de Pedro, o Eremita, no ano anterior. Logo foram desiludidos dessa ideia, derrotados por uma carga de cavalaria comandada por Raimundo de Toulouse e pelo Bispo Adhémar. Grandes números foram mortos em ambos os lados, e uma terrível retribuição se seguiu. Os cruzados decapitaram cadáveres e atiraram as cabeças decepadas por cima das muralhas de Niceia. Os cidadãos baixaram ganchos das muralhas, pescando soldados latinos, cujos corpos penduraram em zombaria nas torres.

Em 1º de junho, sapadores cavaram um túnel sob uma das torres de Niceia. Naquela noite, incendiaram as estruturas de madeira que sustentavam a mina, derrubando-a e parte da muralha acima. Agora, havia uma brecha onde os esforços para invadir a cidade poderiam ser concentrados. Iniciou-se uma disputa diária, na qual as tropas cruzadas tentavam repetidamente invadir a brecha, enquanto os defensores dentro da cidade empilhavam escombros para barricou-a. Para os envolvidos, era uma emoção quase impossível. "Acho que ninguém jamais viu, ou verá novamente, tantos cavaleiros valentes", exclamou uma testemunha ocular latina.[31]

No entanto, após vários dias inconclusivos, o cerco estava entrando em um impasse. Enquanto a cidade pudesse ser abastecida pelo lago, toleraria qualquer quantidade de bombardeio. O que quebrou o impasse foi a ação empreendida não por Boemundo e seus aliados latinos, mas pelo imperador que eles tanto se preocuparam em cortejar. Aleixo se abstivera da ação em Niceia, sem desejo de participar de uma luta que contratara estrangeiros para provocar em seu nome. Mas ele havia atravessado o Bósforo e ficado a um dia de cavalgada de distância, monitorando os acontecimentos da segurança de uma magnífica tenda em forma de cidade, com um átrio com

torres, que exigia vinte camelos para ser percorrida.

transporte.[32]Para representá-lo entre os príncipes, enviou um de seus conselheiros militares mais confiáveis, um eunuco árabe-grego grisalho e jocoso chamado Tatikios, que lutara contra o pai de Boemundo, Roberto, na década de 1080, e que se distinguia tanto por seu histórico militar exemplar quanto pela ausência do nariz, no lugar do qual usava uma prótese de ouro. Ainda mais valioso, Aleixo enviou uma pequena flotilha de navios, arrastados 40 km por terra a partir das margens do Bósforo por bois e homens usando tiras de couro nos ombros. Estes foram lançados silenciosamente no Lago Ascânia, em prontidão para um grande ataque combinado.

Ao amanhecer de 18 de junho, a flotilha zarpou através da Ascânia em direção à orla marítima de Niceia. Tripuladas por turcopoles fortemente armados (mercenários imperiais recrutados do mesmo grupo étnico do inimigo), as embarcações flutuaram lenta e ameaçadoramente à vista dos defensores de Niceia. Do lado da terra, um pesado ataque com torres de cerco e catapultas estava ocorrendo. Como escreveu Roberto, o Monge:

> [Quando] os que estavam na cidade viram os navios, ficaram aterrorizados e, perdendo a vontade de resistir, caíram no chão como se já estivessem mortos. Todos uivavam, filhas com mães, rapazes com moças, velhos com jovens. Dor e miséria estavam por toda parte, pois não havia esperança de escapar.[33]

Tendo resistido por mais de sete semanas, os nicenos estavam abatidos. Eles pediram uma trégua, e a guarnição (junto com a esposa e os filhos de Qilij Arslan) se rendeu para ser levada para a prisão em Constantinopla. Com a queda da cidade, houve pilhagem abundante: alguns dos cavaleiros francos agora guardavam cimitarras turcas curvas, tiradas das mãos mortas do inimigo. A queda de Niceia decorrera de um modelo de cooperação entre latinos e bizantinos. "Foi a Gália que a garantiu, a Grécia que a ajudou e Deus que a realizou", observou Ralph de Caen, com satisfação.[34]

*

Em conformidade com os juramentos feitos, Niceia foi entregue a Aleixo, que cobriu os príncipes latinos, incluindo Boemundo, de presentes e distribuiu esmolas às tropas do exército cruzado. Dez dias depois, tendo se revigorado e se aconselhedo com o imperador

sobre a melhor maneira de lutar contra os turcos no campo (e também sobre receber sua graciosa permissão para partir)[**]—Os príncipes desmontaram o acampamento e avançaram para o leste, em direção ao interior da Anatólia. Dividiram o exército em duas divisões, que seguiriam estradas paralelas em direção a um acampamento militar romano abandonado em Dorileia (Dorylaion), a cerca de quatro dias de marcha. A primeira divisão era liderada por Raimundo de Toulouse, o bispo Adhémar, Godofredo de Bouillon e Hugo de Vermandois. A segunda era chefiada por Boemundo, Tancredo e Roberto Curthose, duque da Normandia. Uma longa e difícil marcha de verão pela Ásia Menor os aguardava. Qilij Arslan certamente reuniria suas próprias tropas para outro ataque.

Não demorou muito para que o próximo ataque de Qilij Arslan acontecesse. Quando o exército de Boemundo se aproximava de Dorileia, que ficava na confluência de dois vales, na madrugada de 1º de julho, "uma massa inumerável, terrível e quase avassaladora de turcos avançou repentinamente sobre [eles]".[35] O autor da Gesta Francorum lembrou-se de ter ouvido gritos de "alguma palavra diabólica que não entendo" — certamente o grito de guerra islâmico de Allahu Akhbar ('Deus é grande').[36]Cronistas sugeriram (com licença poética) que mais de um quarto de milhão de turcos, reforçados com soldados árabes, atacaram o exército de Boemundo, forçando-o a montar uma defesa na qual os cavaleiros repeliram as primeiras ondas, enquanto soldados de infantaria com armas mais leves montaram um acampamento defensivo no qual os não combatentes poderiam ser protegidos. Essa formação resistiu por um tempo, mas ficou claro que, separados do exército de Raimundo, Godofredo e Adhémar, os latinos estavam em grande desvantagem numérica. À medida que os turcos se aproximavam do acampamento, todas as pessoas capazes foram mobilizadas: mulheres transportando água para refrescar os homens perto da linha de frente e incentivando-os. Apesar de estarem em menor número e ocasionalmente em pânico, com líderes como Boemundo cogitando uma retirada desordenada, as fileiras dos cruzados não se desfizeram. De acordo com a Gesta Francorum, um lema motivacional foi transmitido ao longo da linha: "Permaneçam firmes todos juntos, confiando em Cristo e na vitória da Santa Cruz. Hoje, se Deus quiser, todos vocês ganharão muito saque."[37]

Anos mais tarde, a Batalha de Dorileia ganharia status lendário como o momento em que a Primeira Cruzada realmente ganhou vida. O escritor Raimundo de Aguilera, que viajou na comitiva de Raimundo, conde de Toulouse, relatou avistamentos dentro das linhas latinas de protetores miraculosos e fantasmagóricos: "Dois belos cavaleiros em armaduras

reluzentes, cavalgando à frente de nossos soldados e aparentemente invulneráveis aos golpes das lanças turcas."[38]Que

eles soavam muito como os guerreiros celestiais que supostamente protegeram Judas Macabeu nos tempos antigos, o que provavelmente não foi coincidência.[39]Foi certamente a primeira vez que uma batalha em grande escala foi travada contra arqueiros turcos montados, cujas táticas de ataques relâmpago e retirada simulada sob uma chuva de flechas foram projetadas para causar caos nas fileiras inimigas e separá-las, convidando a cavalaria a tentar a perseguição em vez de manter uma formação disciplinada. Aleixo havia enviado o eunuco de nariz dourado, Tatikios, com os príncipes para aconselhá-los a resistir a esse estratagema (e o lema "mantenha-se firme" sugere que suas palavras foram ouvidas). No entanto, Boemundo e Roberto Curthose fizeram tudo o que puderam para impedir que seus guerreiros abandonassem o acampamento e fugissem em confusão, enquanto enviavam mensagens desesperadas aos outros príncipes para que atravessassem o país às pressas e os reforçassem.

Uma disputa brutal de flechas devastadoras contra carnificinas a curta distância durou das 9h até o meio-dia. Por um momento perigoso, uma debandada pareceu possível quando os turcos invadiram o meio do acampamento latino. Raimundo de Toulouse avançou para o vale com vários milhares de seus próprios cavaleiros, recém-chegados ao campo de batalha; os turcos deram meia-volta e fugiram, na esperança de lutar outro dia. Os francos, tomados pelo alívio e orgulhosos por terem sobrevivido, celebraram entoando versos beligerantes do Antigo Testamento ('Tua destra, ó Senhor, despedaçou o inimigo'), enterraram como mártires todos os mortos que usavam a cruz dos cruzados, saquearam e profanaram os cadáveres daqueles que não a usavam e se prepararam para continuar sua marcha para o leste.

Assim, sob a liderança de Boemundo e dos outros príncipes, o desastre da Cruzada Popular foi gradualmente esquecido. Mais tarde, o Monge Roberto imaginou um furioso Qilij Arlsan repreendendo as tropas turcas que encontrou fugindo de Dorileia. "Vocês são completamente loucos. Nunca enfrentaram o valor franco nem experimentaram a coragem deles. A força deles não é humana: vem do céu — ou do diabo."[40]Pode ter sido fantasioso, mas Qilij Arslan não tentou enfrentar o exército cruzado no campo de batalha novamente. De certa forma, não precisava. Animados pela vitória, os príncipes decidiram rumar para a vasta cidade de Antioquia, que ficava às portas da Anatólia e da Síria. Uma jornada de verão de três meses por uma região extremamente hostil os aguardava. Já teriam problemas suficientes.

* O rei da França ainda estava excomungado em 1095 e, portanto, persona non grata.

† Guilherme, o Conquistador, morreu em 1087 e foi sucedido na Inglaterra pelo segundo de seus três filhos, Guilherme II Rufo (falecido em 1100).

‡ Uma terceira cabeça de João Batista pode ser encontrada em Damasco.

§ Os cretenses tinham fama de astutos. A expressão moderna é: "não fale besteira para um mentiroso".

** Aleixo tinha pouco interesse em se juntar aos francos em sua jornada mais ao leste: ele não estava seguro o suficiente em sua posição política em Constantinopla e temia ataques nos territórios ocidentais se partisse para o leste.

7

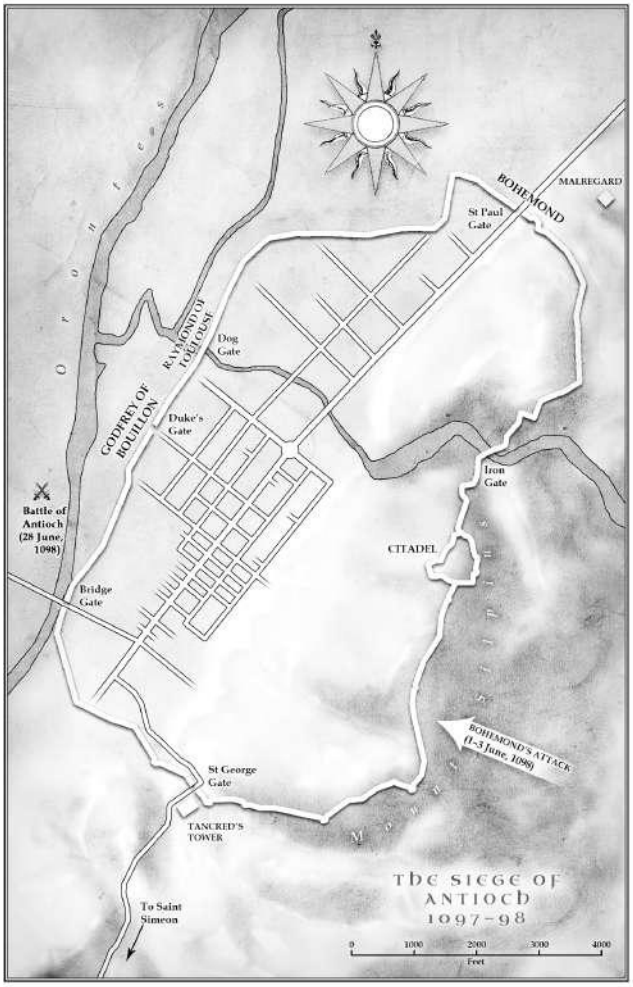
O inverno mais longo

A terra estava coberta de sangue…

Os homens e mulheres que se juntaram à marcha dos príncipes por terra, de Constantinopla à Terra Santa, partiram sabendo que seria um trabalho brutal e até fatal. Testados pela força das armas em Dorileia, eles suportaram três meses de desconforto, miséria e perigo enquanto as colunas de peregrinos armados e desarmados, com dezenas de milhares de homens, rumavam para sudeste, em direção a Icônio (Konya) e, além dela, a Antioquia. À frente deles, os turcos de Qilij Arslan operavam uma política de terra arrasada, abandonando cidades e retirando guarnições, e removendo estoques de gado e alimentos, ouro, prata, ornamentos de igreja e qualquer outra coisa útil aos exércitos francos.

Essas táticas de desperdício não eram sutis, mas foram bem planejadas para exacerbar as dificuldades dos latinos enquanto marchavam. Os príncipes, seguindo o conselho de Aleixo e seu representante, o eunuco-general Tatikios, de nariz dourado, planejaram deliberadamente uma rota tortuosa para o leste, através da Ásia Menor, incluindo uma digressão de 300 km pelos montes Tauro. O objetivo era reconquistar o território perdido de Aleixo – e eles conseguiram. Com pouca oposição séria, recuperaram várias cidades bizantinas importantes do domínio turco: Antioquia da Pisídia, Icônio, Heracleia, Cesareia da Capadócia, Coxão e Marash. Libertar Jerusalém pode ter sido a ambição máxima dos cruzados, mas os príncipes não se esqueceram de seu dever para com Bizâncio e de seus juramentos ao seu imperador.

O Cerco de Antioquia, 1097–98



Tudo isso foi muito útil para Aleixo, de volta a Constantinopla: uma retribuição digna pelos muitos presentes e banquetes que ele havia oferecido aos líderes francos durante a visita à sua capital. Mas, para os cruzados, isso representou uma longa expedição por terrenos tão ameaçadores quanto os arqueiros turcos montados que ocasionalmente apareciam para assediá-los. Longos trechos do árido planalto da Anatólia consistiam em terreno íngreme, irregular e inabitável; percorrê-lo proporcionava a miséria penitencial que tantos cruzados buscavam ao tomar a cruz.[1] O escritor Peter Tudebode, um padre de Civray, perto de Poitou, registrou que "a fome e a sede nos assolavam a todo momento. Nossa única alimentação consistia em plantas espinhosas colhidas aleatoriamente e descascadas à mão... muitos de nossos cavaleiros partiram a pé porque a maioria dos cavalos morreu".[2] À medida que suas montarias decaíam, os guerreiros eram forçados a montar em bois, usando cabras, ovelhas e até cães para carregar suas mochilas. Os cruzados eram

"dominadas pela angústia da sede". Um escritor descreveu a agonia de mães grávidas que abortavam seus filhos na beira da estrada devido à desidratação severa: "Suas gargantas secavam, seus úteros murchavam e todas as veias do corpo eram drenadas pelo calor indescritível do sol e daquela região ressecada."[3]

De tempos em tempos, os exércitos passavam por terrenos férteis e bem irrigados, como na Pisídia, onde a seca e o calor davam lugar à abundância, 'prados deliciosos' onde os soldados cruzados podiam encher seus odres de água e forragear ou negociar suprimentos, enquanto os líderes principescos desfrutavam de arredores 'muito frutíferos para as caçadas nas quais a nobreza gostava de se divertir e se exercitar'.[4]Mesmo isso, no entanto, não era totalmente seguro. Quando o exército parou para acampar perto de uma região arborizada, Godofredo de Bouillon foi atacado por um urso gigantesco, que o arrancou do cavalo com as garras, tentou dilacerar sua garganta e "despertou toda a floresta e montanhas com seu rugido terrível". Em pânico, Godofredo enroscou a espada nas pernas e cortou um dos músculos da panturrilha até o tendão. Somente a rapidez de raciocínio e a bravura de um camponês chamado Husechin salvaram a vida de Godofredo: ele saltou sobre o urso e o esfaqueou no fígado. O conde sobreviveu e foi tratado por médicos do exército; o urso foi dividido em porções para obter sua pele e carne. Mas "todo o exército ficou confuso com a má notícia".[5]

Outra fonte de confusão residia no irmão de Godofredo, Balduíno de Bolonha. Quando o exército cruzado passou por Heracleia e se preparou para ramificar-se em sua rotatória para as montanhas Tauro, o obstinado Balduíno decidiu separar-se do corpo principal de tropas e levar seus homens para o sul, na direção de Tarso, na Cilícia. Esta era uma cidade com histórias vívidas: local do primeiro encontro entre Marco Antônio e a imperatriz egípcia Cleópatra, e local de nascimento do apóstolo São Paulo. Também ficava perto da costa do Mediterrâneo, em posição privilegiada para ajudar a manter uma cadeia de suprimentos entre Bizâncio e o litoral da Síria e da Palestina – caso os cruzados chegassem tão longe.

Ralph de Caen descreveu Tarso como maravilhosa pelas "alturas de suas torres, o comprimento das muralhas, a estatura orgulhosa das casas".[6]Era tão rico que atraiu não apenas Balduíno de Bolonha, mas também outro príncipe: o jovem primo de Boemundo, Tancredo de Hauteville. Eles tomaram Tarso facilmente, pois os cidadãos armênios e, em sua maioria, cristãos, abriram os portões sem oferecer resistência significativa. Mas ocorreram graves atos de violência.

Após uma discussão entre os príncipes sobre qual estandarte deveria ser hasteado na cidadela capturada, os ânimos se exaltaram, depois se exaltaram, e espadas e lanças foram preparadas, com os cavaleiros dos lordes atacando uns aos outros em uma sangrenta batalha. "Parecia insano que aqueles que haviam partido juntos contra um inimigo se voltassem uns contra os outros", desdenhou Ralph de Caen. Mas eles se voltaram uns contra os outros, travando hostilidades constantes enquanto avançavam pela Cilícia. Quando se juntaram aos principais exércitos cruzados na cidade armênia de Marash, por volta de meados de outubro, já haviam capturado cidades como Adana e Mamistra. Mas as primeiras brechas no controle já haviam sido expostas.

*

Desceram das montanhas para Antioquia em meados de outubro de 1097. A cidade era um belo espetáculo para se contemplar. Fundada pelos selêucidas no início do século IV a.C. em um vau no vale do rio Orontes, e poderosamente fortificada durante o século VI d.C. pelo imperador romano oriental Justiniano, o Grande, havia crescido até se tornar um magnífico posto avançado na fronteira entre os impérios do Ocidente e do Oriente. Os montes Amanus (Nur), ao norte da cidade, continham passagens que ligavam a Síria à Ásia Menor. A nordeste, o vale do Orontes se abria em um pântano estagnado, além do qual se estendiam as amplas planícies do planalto de Alepo e, mais adiante ainda, a Mesopotâmia. A oeste, Antioquia era servida por um novo porto mediterrâneo, São Simeão.* que era pequena, mas adequada às necessidades da cidade e destinada a prosperar durante o século XII. E suas defesas naturais eram impressionantes. "Rios e montanhas corriam ao longo de seus flancos. A cidade era até mesmo ligada ao flanco da montanha [Monte Silpius/Habib-I Neccar] com muralhas que chegavam até o cume e uma cidadela construída lá também", escreveu um Ralph de Caen, boquiaberto.[7] Estêvão, conde de Blois, escreveu à sua amada esposa Adela relatando que Antioquia era "maior do que se pode imaginar, extremamente forte e inatacável", e calculou que dentro de seus muros havia "cinco mil turcos corajosos... assim como um número infinito de sarracenos... árabes, turcopolos, sírios, armênios e outros povos".[8]

Apesar de toda essa aparente segurança natural, Antioquia também era profundamente instável. Bem abaixo da cidade, na própria terra, uma junção complexa de três

Falhas tectônicas causavam terremotos frequentes e calamitosos. Um grande tremor em 115 d.C. derrubou edifícios e quase matou os imperadores romanos Trajano e Adriano; outro em 526 d.C. matou cerca de 250 mil pessoas e causou incêndios que praticamente destruíram a cidade. Apropriadamente, a política de Antioquia também era turbulenta e até mesmo assassina: a visão de longo prazo da história de Antioquia era de rebelião, revolta e invasão.

Antioquia havia servido a senhores romanos, árabes e bizantinos, mas, na época em que os cruzados apareceram diante de suas muralhas, estava sob os cuidados de um emir seljúcida chamado Yaghi-Siyan. Ele era governador de Antioquia desde que aquela cidade orgulhosa fora arrancada das garras de Bizâncio pelo grande sultão seljúcida Malik-Shah, em 1084. Era um homem idoso, escreveu um cronista, com uma cabeça enorme, orelhas "largas e peludas", longos cabelos brancos e uma barba que lhe descia até o umbigo.[9] Mas, como governante de Antioquia, ele tinha muito a fazer para coçar aquela barba farta, alarmado. Sob Malik-Shah, o sultanato seljúcida foi brevemente estável, unificado – e vasto. A autoridade do sultão abrangia, pelo menos em teoria, o território de Merv e Transoxiana, a nordeste, até o Golfo Pérsico, a sudeste, e as costas dos mares Egeu, Negro e Mediterrâneo, a oeste.[†] Os rivais estavam à distância: os avanços na Anatólia de Qilij Arslan e dos chamados seljúcidas de Rum mantinham os bizantinos à distância; enquanto no sul da Síria e na Palestina, os seljúcidas mantinham um domínio absoluto sobre a decadente dinastia xiita de califas egípcios, conhecida como fatímidas.

No entanto, quando Malik-Shah morreu em 1092, Yaghi-Siyan e os outros emires seljúcidas como ele, que controlavam cidades como Aleppo, Damasco, Mosul e Homs, foram subitamente mergulhados em um estado de crise autoinfligida e guerra civil. Uma disputa pelo poder pelo controle do sultanato eclodiu entre o irmão e os filhos de Malik-Shah, cujos efeitos se espalharam rapidamente por todo o império. Cada emir olhava para si mesmo, para sua própria cidade e para suas próprias ambições privadas, em vez do bem-estar do próprio império. Rivalidades mesquinhas e lealdades inconstantes abundavam. Yaghi-Siyan, que apoiou o irmão de Malik-Shah, Tutush, em sua tentativa de conquistar o sultanato, ficou desconfortavelmente inseguro quando Tutush foi morto em batalha em 1095 por exércitos leais ao filho de quinze anos de Malik-Shah, Barkiyaruq.

Yaghi-Siyan não foi removido de seu posto em Antioquia, mas não podia mais automaticamente assumir o apoio ou a confiança do jovem sultão Barkiyaruq nas diversas capitais seljúcidas de Isfahan, Bagdá e Rayy. Ele

Também teve que lidar com o fato de que seus vizinhos próximos e companheiros emires na Síria estavam divididos pelas linhas faccionais que haviam surgido durante o período de sucessão, e que nem todos eles seriam capazes de ajudá-lo caso Antioquia fosse atacada. Assim, em 1098, quando os príncipes cruzados chegaram ao vale do Orontes, ele estava longe de estar perfeitamente preparado para defender sua cidade ou a honra dos seljúcidas.

A notícia se espalhava por toda a Síria, pelo menos desde dezembro de 1096, de que "os exércitos dos francos haviam surgido da direção do mar de Constantinopla com forças incalculáveis". Ibn al-Qalanisi, um cronista radicado em Damasco, lembrou que "à medida que esses relatos se sucediam e se espalhavam de boca em boca, por toda parte, o povo ficava ansioso e perturbado".[10] A notícia da vitória dos latinos em Dorileia os precedeu: "uma calamidade vergonhosa para a causa do Islã", resmungou Ibn al-Qalanisi. O que não estava claro era o momento em que os cruzados poderiam ser esperados – razão pela qual, em outubro de 1097, Yaghi-Siyan não estava preparando Antioquia para o ataque iminente, mas sim em campanha com uma frágil coalizão de outros emires na Síria central.[11]

Quando chegou a notícia de que Boemundo e os outros príncipes haviam atravessado o Orontes em uma travessia fortificada conhecida como Ponte de Ferro, uma discussão eclodiu entre os emires quanto à melhor resposta. Yaghi-Siyan correu de volta para Antioquia, mas seus camaradas não o acompanharam imediatamente. A primeira ação do governador antioqueno, demonstrando a falta de confiança em relação ao destino de sua cidade, foi expulsar todos os cristãos que ali viviam, para se proteger de uma revolta interna. Mensageiros foram então enviados a Damasco, Mosul e a todas as outras cidades do império seljúcida, implorando aos senhores locais que enviassem tropas para impedir que os francos derrubassem seu domínio e estabelecessem uma base na Síria, de onde pudessem começar a atacar em direção ao sul, em direção a Jerusalém. Essa demora em organizar a resistência foi de enorme ajuda para os príncipes. "Nossos inimigos, os turcos, que estavam dentro da cidade, tinham tanto medo de nós que nenhum deles tentou atacar nossos homens por quase duas semanas", relembrou o autor da Gesta Francorum. "Enquanto isso, nos familiarizamos com os arredores de Antioquia e encontramos lá muitas provisões, vinhedos frutíferos e covas cheias de milho armazenado, macieiras carregadas de frutas e todo tipo de outras coisas boas para comer."[12]Os cronistas muçulmanos recordaram os acontecimentos em termos menos bucólicos: os francos devastando, massacrando indiscriminadamente e

incitando os habitantes de castelos e fortes da região a se rebelarem e assassinarem suas guarnições.[13]Isso ocorreu de forma mais útil — ou inútil — em Artah, conhecida como "o escudo de Antioquia", que guardava a abordagem oriental da cidade.[14]As pessoas notaram que um cometa estranho foi visto passando pelos céus por vinte dias no meio do verão; cada vez mais isso parecia um presságio.[15]

Os primeiros cruzados, liderados pelo "valente Boemundo", chegaram aos portões de Antioquia na noite de terça-feira, 20 de outubro, e bloquearam a estrada principal que dava acesso à cidade "para que ninguém pudesse sair ou entrar secretamente à noite".[16]No dia seguinte, o exército principal se posicionou atrás deles nas margens do Orontes e começou a montar um bloqueio tão completo quanto possível em pontos-chave do gigantesco perímetro da cidade. Permitiram que os cristãos expulsos acampassem com eles, embora houvesse alguma suspeita de que isso fosse um convite à espionagem, já que as esposas e os filhos dos homens estavam sob a proteção de Yaghi-Siyan – e, portanto, também à sua mercê – dentro das muralhas da cidade. Para proteger o exército de ataques a cavalo de dentro da cidade, os príncipes cavaram uma grande vala em frente ao acampamento principal. Patrulhas foram montadas para impedir que bens e suprimentos essenciais fossem trazidos para a cidade – Ibn al-Qalanisi relatou que o preço de mercadorias essenciais como azeite e sal em Antioquia flutuava vertiginosamente de acordo com o sucesso ou fracasso dos contrabandistas que desafiavam a guarda franca.[17]O principal desafio para os cruzados era o tamanho da cidade – sua expansão pelo vale tornava um bloqueio total extremamente difícil de manter, e suas muralhas maciças impediam a invasão com aríetes e catapultas. No entanto, Yaghi-Siyan, por sua vez, não tinha a menor confiança em um esforço coordenado com força suficiente para expulsar os francos. Ambos os lados se entrincheiraram durante um longo e infeliz inverno.

*

Enquanto os cruzados acampavam fora de Antioquia, e os vários emires do norte da Síria debatiam a melhor maneira de socorrer Yaghi-Siyan em sua cidadela no topo da colina, um dos príncipes francos se destacou por sua ausência. Balduíno de Bolonha, tendo se desviado do exército principal duas vezes durante a marcha pela Ásia Menor, o fez uma terceira vez antes da descida em direção a Antioquia, tomando sua própria rota através do Orontes e seguindo para o Eufrates, onde

Ele encontrou seu caminho para a cidade de Edessa. O governador de Edessa, um cristão armênio chamado Thoros, que governava como um fantoche dos seljúcidas, havia enviado uma mensagem a Balduíno pedindo-lhe que o libertasse da subserviência. Balduíno chegou à cidade em meados de fevereiro de 1098, investiu-a com suas tropas, persuadiu Thoros a realizar um ritual público no qual abraçou Balduíno contra o peito nu e, assim, o adotou como filho, e então começou a liderar um exército combinado de cruzados e edessanos em torno das cidades próximas e forçar os turcos de lá à obediência ou à morte. Mas logo após sua chegada, Balduíno incitou – ou pelo menos se recusou a impedir – um golpe popular no qual seu pai recém-adquirido foi assassinado. Em 10 de março, Balduíno foi oficialmente proclamado duque (um estilo bizantino para governante) de Edessa. Ele traduziu o título para um estilo ocidental mais familiar: tornou-se "conde" do condado de Edessa, mas, fora isso, fez um esforço deliberado para adaptar sua aparência aos costumes armênios, deixando crescer o cabelo e a barba castanho-escuros e vestindo uma toga. Casou-se com a filha de um nobre armênio, a quem a tradição passou a chamar de Arda, embora, na vida privada, sua preferência ao longo da vida tenha sido a companhia de homens.[18]Isso não era relevante. Balduíno havia estabelecido o primeiro estado "cruzado" latino na Grande Síria. Não seria o último.

Enquanto Balduíno invadia Edessa, em Antioquia, Yaghi-Siyan ainda podia olhar de sua cidadela nas montanhas e ver o restante dos exércitos cruzados dispostos diante de seus portões e ao longo das encostas do vale. Não era uma visão animadora. Os latinos haviam sido reabastecidos no início e no final do inverno por navios ocidentais que chegavam a São Simeão via Chipre – navios genoveses chegaram em novembro, seguidos por vinte e dois navios ingleses e italianos em março de 1098, cujas tripulações garantiram formalmente o porto, bem como a vizinha Latakia, para o exército cruzado.[19]Ao norte das muralhas da cidade, em uma colina conhecida como "Malregard", engenheiros que haviam chegado em um desses barcos construíram um pequeno forte. Os príncipes também haviam conquistado ganhos significativos na região, com Boemundo, Tancredo, Godofredo de Bulhão, Roberto de Flandres e Roberto da Normandia se espalhando e atacando cidades sob o domínio de Antioquia ou da vizinha Alepo. Além disso (e de forma muito significativa), enviados dos fatímidas xiitas ismaelitas no Cairo foram recebidos, e um pacto de não agressão foi firmado.

No entanto, esses sucessos não conseguiram esconder o sofrimento dos cruzados. Eles suportaram por mais de seis meses as terríveis privações de um cerco de inverno – exposição, desnutrição e doenças – além de

como rechaçar grandes ataques a grupos de saqueadores liderados pelos governantes de Alepo e Damasco, que tardiamente se mobilizaram para a tarefa de auxiliar Yaghi-Siyan. Estêvão de Blois escreveu à esposa expressando seu horror pelo fato de o calor escaldante do verão da Anatólia ter dado lugar a um inverno de "temperaturas extremamente baixas e uma chuva torrencial interminável", pouco diferente do noroeste da Europa.[20]Ralph de Caen queixou-se de ventos tão fortes que "nem tenda nem cabana resistiam". Cavalos morriam e pessoas passavam fome. "A ferrugem tomou conta de todas as armas de ferro e aço. Os escudos perderam os pregos e as capas de couro... Os arcos perderam os tendões e as flechas ficaram sem as flechas." Os príncipes, escreveu Ralph, suportavam as mesmas condições miseráveis que os pobres – embora ele tenha notado que "era muito mais difícil para os nobres, visto que o camponês é mais resistente do que o nobre".[21]O ânimo despencava por toda parte. Tatikios deixou o cerco em fevereiro de 1098, aparentemente com a intenção de retornar a Constantinopla para solicitar mais tropas. Pedro, o Eremita, que havia viajado por terra com a cruzada dos príncipes, mas se manteve muito mais discreto do que em sua própria desventura em 1095-1096, também tentou abandonar a cidade e teve que ser arrastado de volta e repreendido por Boemundo por sua deslealdade.

A primavera trouxe alívio dos elementos, mas o impasse continuou até o início de junho, quando o impasse foi quebrado, talvez inevitavelmente, por Boemundo. Ele era o mais experiente e astuto dos príncipes; durante os meses de inverno, quando havia perigo regular de expedições de socorro de Alepo e Damasco, os outros príncipes o elegeram comandante geral. Esta foi uma mudança significativa na organização militar da cruzada – até então, eles estavam sob a autoridade nominal de Aleixo Comneno e a orientação espiritual do Bispo Adhémar de Le Puy. No final de maio, Boemundo demonstrou por que seus colegas haviam depositado sua fé nele. Como relatado pelo cronista moçuli Ibn al-Athir, "após o cerco de Antioquia ter durado muito tempo, os francos fizeram contato com um dos homens que guarneciam as torres, que era um armeiro de língua grega".[22]Este armeiro era a chave de Boemundo para abrir Antioquia. Ibn al-Athir deu seu nome como Ruzbah, enquanto, segundo Ibn al-Qalanisi, ele era um armênio chamado Nayruz ou Fayruz. Do lado cristão, Fulcher de Chartres registrou uma história emocionante, mas talvez fantasiosa, de que Cristo teria aparecido ao armeiro em sonho três vezes e o convencido a vender a cidade.[23]Seja qual for seu nome e sua história, ele mudou o curso do cerco – e a carreira de Bohemond. Por meio de mensagens secretas

trocado com Ruzbah/Fayruz, Boemundo prometeu-lhe uma rica recompensa se ele se tornasse um traidor.

Em 2 de junho de 1098, o gambito de Boemundo foi lançado. Durante a tarde, um grande contingente do exército cruzado iniciou uma marcha simulada em direção ao interior da Síria para convencer os defensores de que o cerco estava sendo aliviado ou retirado. Naquela noite, porém, retornaram e encontraram uma escada feita de couro de touro, baixada de uma das três torres sob a guarda de Ruzbah/Fayruz. A um sinal de seu molhe, um grupo de tropas de elite subiu a escada, subjugou os guardas no topo da torre e começou a berrar "Deus vult!" para seus camaradas lá embaixo. Pouco depois, um portão foi destrancado e homens carregando a bandeira vermelho-sangue de Boemundo invadiram o local. "Todos vieram correndo o mais rápido que puderam e entraram pelos portões da cidade, matando todos os turcos e sarracenos que encontraram lá", escreveu o autor da Gesta Francorum, que participou do ataque.[24]O amanhecer estava raiando sobre Antioquia.

Os toques de trombeta que anunciavam a presença dos homens de Boemundo no topo das muralhas despertaram Yaghi-Siyan da cama; ele encontrou seus homens em pânico. O pânico era contagioso. Presumindo incorretamente que a cidadela havia caído para os francos, o emir "foi tomado pelo medo, abriu o portão da cidade e fugiu precipitadamente com trinta soldados", escreveu Ibn al-Athir. "Isso foi uma bênção para os francos. Se ele tivesse se mantido firme por um tempo, eles teriam perecido."[25]Em vez disso, seu pequeno grupo seguiu desordenadamente em direção a Aleppo, na esperança de salvar suas peles, se não sua cidade.

No final, Yaghi-Siyan não salvou nenhum dos dois. Após várias horas na estrada, "ele começou a lamentar e lamentar-se por ter abandonado a esposa, os filhos e a população muçulmana". Então, tomado pela tristeza ou pela insolação, caiu do cavalo, inconsciente. "Um armênio, que estava cortando lenha e o encontrou em seu último suspiro, o matou, cortou sua cabeça e a levou aos francos em Antioquia", relatou Ibn al-Athir.[26]O enorme troféu, de orelhas grandes e barbas, foi entregue aos príncipes latinos em uma sacola. E estava longe de ser a única cabeça a ser levada enquanto a cidade caía em um massacre, liderado pelos cruzados e apoiado por cristãos insurgentes dentre a população. Ibn al-Qalanisi calculou que "o número de homens, mulheres e crianças mortos, feitos prisioneiros e escravizados entre sua população é incalculável".[27]Como começou na penumbra da madrugada, a matança foi indiscriminada; o cronista alemão Albert de Aachen escreveu que "a terra estava coberta de sangue e os cadáveres dos massacrados...

"Os corpos de cristãos, gauleses, gregos, sírios e armênios se misturaram". Centenas de pessoas fugiram para a cidadela no topo da cidade: o único lugar que as forças de Boemundo não conseguiram invadir. Mas, na subida íngreme para chegar lá, muitos caíram da borda e "morreram com pescoços, pernas, braços e todos os membros quebrados em uma queda incrível e espantosa".[28]

*

A queda de Antioquia não poderia ter ocorrido em momento mais propício para os cruzados, pois, como seus batedores vinham lhes dizendo com crescente urgência há várias semanas, um enorme exército de socorro estava se reunindo, reunido sob a liderança do comandante militar do novo sultão, Qiwam al-Dawla Karbugha, atabeg de Mosul ('atabeg' era um termo que denotava um regente ou governador militar que governava em nome de um emir jovem ou ausente). Karbugha reuniu tropas de Damasco, Sindjar, Homs, Jerusalém, Ásia Menor e outros lugares para formar um exército que um escritor fervoroso improvávelmente contava com 800.000 cavaleiros e 300.000 infantaria.[29]Em maio, a bandeira roxa de guerra de Karbugha e as muitas outras de seus aliados foram hasteadas perto de Edessa, onde sitiaram o novo governante, Balduíno, por três semanas. Assim que a notícia da queda de Antioquia chegou até eles, no entanto, deixaram Balduíno e marcharam para o oeste, chegando ao vale do Orontes apenas quatro dias após Yaghi-Siyan ter abandonado seu posto.

A situação se inverteu. Os cruzados ocuparam a cidade (mas não a cidadela), enquanto do lado de fora das muralhas se reunia um enorme exército com a intenção de expulsá-los. Mas havia uma diferença fundamental. Enquanto Yaghi-Siyan tinha suprimentos suficientes para abastecer a população de Antioquia durante nove meses de bloqueio, agora os estoques estavam quase esgotados. A eficácia do embargo dos próprios cruzados havia garantido que não restasse comida.

Percebendo o que estava prestes a acontecer, milhares fugiram da cidade antes que o exército de Karbugha a isolasse. Entre eles, estava Estêvão de Blois, que alegou (ou fingiu) estar doente e levou consigo cerca de 4.000 peregrinos e guerreiros para buscar refúgio na cidade amiga de Alexandreta. Isso reduziu a pressão sobre os recursos em Antioquia, mas abalou o moral. Boemundo fez tudo o que pôde para repreender e envergonhar aqueles que tentaram desertar, mas rumores circularam pela cidade de que os príncipes queriam processá-los.

Paz. Dizia-se que, em Constantinopla, Aleixo Comneno recusou um pedido de reforços. O Bispo Adhémar fez o possível para animar os peregrinos abatidos, mas a melhor interpretação que conseguiu dar à situação foi o martírio: "Permaneçamos firmes e morramos em nome do Senhor, pois é o propósito da nossa jornada."[30]

Na terceira semana de junho, Karbugha isolou Antioquia, e as condições dentro da cidade já eram terríveis. "Nossos homens comiam carne de cavalos e jumentos e a vendiam uns aos outros", lembrou o autor da Gesta Francorum. "A fome era tão terrível que os homens ferviam e comiam folhas de figueiras, videiras, cardos e todos os tipos de árvores. Outros cozinhavam peles secas de cavalos, camelos, jumentos, bois ou búfalos."[31]Ralph de Caen registrou pessoas fervendo sopa com o couro das solas de sapatos velhos.[32]

Levados ao limite pelo calor, pela fome e pela intensidade do conflito, as pessoas dentro e fora de Antioquia começaram a vivenciar sinais e visões. Um meteoro caiu no acampamento dos sitiantes na noite de 13 para 14 de junho. A Gesta Francorum conta a história vividamente embelezada da mãe de Karbugha, uma adivinha, que alertou o filho contra ataques aos cruzados. Tendo "estudado os planetas, os doze signos do Zodíaco e todos os tipos de presságios", ela "encontrou prognósticos de que o povo cristão está fadado a nos derrotar completamente" e que o próprio Karbugha acabaria sendo morto no decorrer de uma grande guerra.[33]

Enquanto isso, em Antioquia, um pobre peregrino da Provença chamado Pedro Bartolomeu começou a sonhar com Santo André, o Apóstolo, que lhe contou que, enterrada na igreja de São Pedro, estava uma relíquia da Lança Sagrada que havia sido usada para perfurar o lado de Cristo na cruz. Na manhã de 14 de junho, em meio a muita festa, um buraco foi cavado na igreja, no qual Pedro pulou, "vestido apenas com uma camisa e descalço". Ele devidamente recuperou a ponta da lança e foi recompensado com muita alegria por seus cansados companheiros e uma última visita de Santo André, que trouxe Jesus Cristo consigo e ordenou a Pedro que beijasse o pé ensanguentado do Senhor.[34]Nem todos acreditaram na descoberta milagrosa de Pedro, e alguns meses depois ele foi submetido a uma provação de fogo para testar a veracidade de suas alegações, o que resultou em sua morte em agonia devido a queimaduras graves.[35]Mas em meados de junho, era um fio no qual os cruzados famintos e abatidos — cuja capacidade de luta diminuía a cada cavalo que comiam — podiam pendurar suas tênues esperanças de sobrevivência.

O momento da verdade chegou na manhã de 28 de junho. Os cruzados – comandados por Boemundo, capitaneados pelos príncipes, fortificados pelo

Santo

Lance, desesperados pelo fato de que enfrentariam a morte certa por inanição se esperassem mais, partiram de Antioquia em busca de uma luta que decidiria sua campanha. Karbugha jurou que não lhes seria mostrada nem misericórdia nem condições, enviando uma mensagem aos detentores de Antioquia: "Só minha espada os expulsará".[36]O atabeg jogava xadrez com um de seus oficiais quando os portões da cidade se abriram e as seis divisões dos desgrenhados exércitos francos marcharam para fora, com padres e monges de túnicas brancas cantando à frente de suas fileiras, e outros clérigos clamando pela proteção de Deus das muralhas da cidade acima. Ele se levantou da mesa e ordenou que suas tropas se formassem.[37]

Caía uma chuva leve. Os francos estavam quase todos a pé, com não mais de 200 cavalos aptos para a batalha em todo o exército. Sua aparência desleixada era exacerbada pela presença de um regimento de tafurs – guerreiros indigentes que carregavam grandes escudos de madeira e cuja reputação de ferocidade era reforçada por histórias de que gostavam de devorar seus inimigos: "Eles os cortavam em pedaços à vista dos pagãos e os ferviam ou grelhavam... então os devoravam avidamente, sem pão ou qualquer tempero, dizendo uns aos outros: 'Isto é absolutamente delicioso, muito melhor do que carne de porco ou presunto assado.'"[38]Mas, se os cruzados eram fracos e rudes, também eram disciplinados e lutavam por sua sobrevivência. Karbugha, por sua vez, comandava um exército ambivalente que, quando pressionado para a batalha, se dividia em suas facções componentes. Os líderes discutiam sobre as melhores táticas para resistir à investida franca, e a hesitação contagiou as tropas, que estavam dispersas demais pelo enorme perímetro da cidade para lutar.

Boemundo e os príncipes incitaram seus homens a avançarem para uma batalha às margens do Orontes, na qual subjugaram rapidamente a parte das forças de Karbugha ali posicionadas e, em seguida, repeliram um ataque pela retaguarda. O pânico se espalhou pelo restante do exército muçulmano. Em vez de se levantarem para lutar, eles simplesmente se dispersaram. Karbugha também fugiu, juntamente com os últimos oficiais, deixando para trás os não combatentes e uma companhia de voluntários que haviam jurado lutar como mujahidin, buscando o martírio. "Os francos mataram milhares [das tropas de Karbugha] e apreenderam como despojo as provisões, dinheiro, móveis, cavalos e armas que estavam no acampamento", escreveu Ibn al-Athir. Lá, muitas atrocidades foram cometidas: crianças foram pisoteadas pelos cascos dos cavalos; mulheres foram trespassadas na barriga com lanças. Um grande prêmio de guerra foi o grande pavilhão de Karbugha, projetado

'no estilo de uma cidade com torres e muros de várias cores e sedas'.[39]Os participantes mal podiam acreditar na vitória. Raimundo de Aguilera, que lutou entre as fileiras dos cruzados naquele dia, mais tarde agradeceu a São Pedro e São Paulo por libertá-los, "porque através daqueles santos intercessores o Senhor Jesus Cristo trouxe este triunfo à igreja peregrina dos francos".[40]Em Antioquia, a guarnição que defendia a cidadela se rendeu. Contra todas as probabilidades, os cruzados haviam tomado uma das grandes cidades da Síria. À frente deles, Jerusalém agora os acenava.

[*] O antigo porto marítimo de Antioquia, Selêucia Pérsia, ficou assoreado e caiu em ruínas no século V. ANÚNCIO.

[†] Os seljúcidas, portanto, dominavam as principais rotas comerciais terrestres que atravessavam o Oriente Médio, conectando os mercados da Europa com as oficinas da Ásia Central e da China.

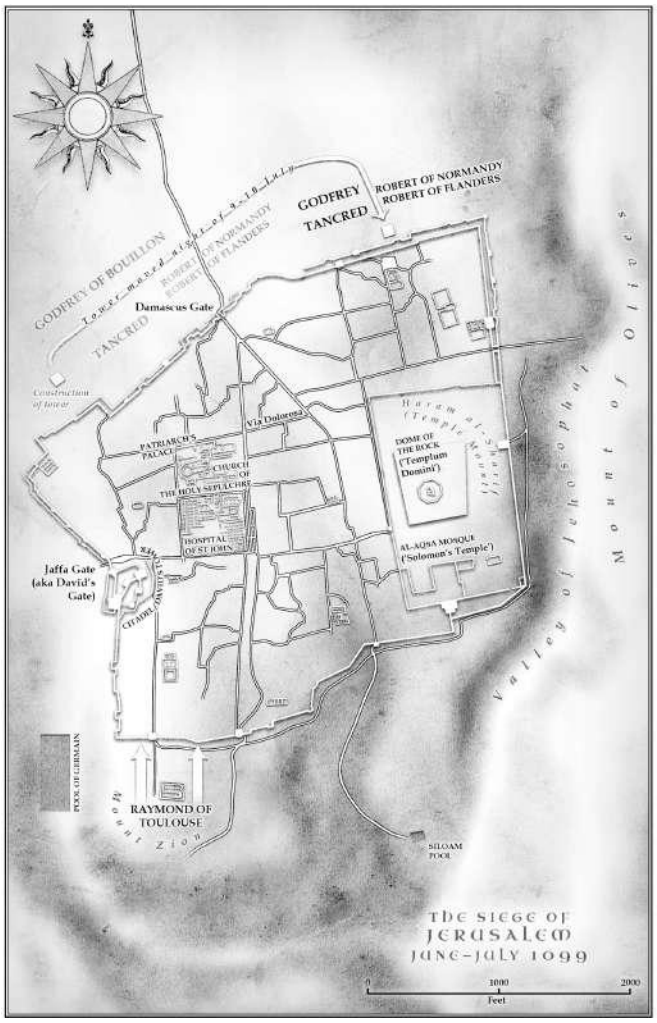
8

Jerusalém

Os governantes estavam todos em desacordo… e então
os francos conquistaram as terras.

Quando Najm al-Din Ilghazi ibn Artuq, cogovernante de Jerusalém, estava sóbrio, era uma força a ser reconhecida: um general e político audacioso e um dos mais competentes de todos os pequenos emires do conturbado império seljúcida. Mas também era um beberrão incorrigível e, quando tentado pelo odre de vinho ou pelo leite de égua fermentado, um tóxico básico na cultura nômade turca, tendia a desaparecer em grandes bebedeiras. As inevitáveis ressacas debilitantes frequentemente o deixavam incapaz até mesmo de se mover por dias a fio.[1] Esses impulsos dipsomaníacos o tornavam imprevisível. Ele era capaz de violência sádica, frequentemente ordenando que seus prisioneiros fossem torturados até a morte: enterrados vivos ou pendurados pelos pés e crivados de flechas. Uma propensão à crueldade não era incomum na época: o aliado e contemporâneo de Ilghazi, Tughtakin, governante de Damasco,[*] gostava de decapitar seus inimigos e ter seus crânios moldados em taças cerimoniais adornadas com joias; entre os cruzados, tortura e mutilação eram praticadas sem remorso contra inimigos e suspeitos de espionagem.[2] Mas mesmo em uma época feroz, Ilghazi deixou uma impressão em seus contemporâneos como um praticante de atrocidades inventivas.

O Cerco de Jerusalém, junho-julho de 1099



Ilghazi e seu irmão Sokmen herdaram o governo de Jerusalém em 1091, após a morte de seu pai, Artuq, que ocupava o cargo desde 1079. Assim como Artuq, Ilghazi e Sokmen foram nomeados sob a autoridade do grande sultão seljúcida Malik-Shah. Mas, como todos os governadores seljúcidas durante a turbulenta década de 1090, Ilghazi e Sokmen viram suas posições cada vez mais precárias após a morte de Malik-Shah. Seus problemas chegaram ao auge em agosto de 1098, logo após a queda de Antioquia, quando máquinas de cerco, incluindo mais de quarenta enormes trabucos, apareceram diante das famosas muralhas de Jerusalém e começaram a bombardeá-las com pedras, causando o colapso de grande parte delas. O cerco durou "um pouco mais de quarenta dias", registrou Ibn al-Athir.[3]Foi um ataque repentino e violento, conduzido com propósitos gananciosos e zelo religioso. Provocou o domínio seljúcida.

em Jerusalém ao colapso. E abriu caminho diretamente para uma mudança histórica na política da Terra Santa. Mas não foi obra dos cruzados.

Os monstros atiradores de pedras que apareceram nos arredores de Jerusalém em 1098 foram, na verdade, enviados por um inimigo de muito mais longa data: os fatímidas do Egito. Os fatímidas eram uma dinastia de muçulmanos xiitas ismaelitas – adeptos de um ramo do islamismo que os seljúcidas, leais ao califa abássida sunita em Bagdá, consideravam herético. Doutrinariamente, as diferenças entre sunitas e xiitas remontavam ao século VII d.C.: o produto de divisões venenosas entre os parentes e descendentes imediatos do profeta Maomé. Os fatímidas do século XI reivindicavam descendência e legitimidade da filha de Maomé, Fátima, e de seu marido Ali. De suas origens entre as tribos berberes na Argélia em 909 d.C., os fatímidas ascenderam rapidamente ao comando de um império que, em sua maior extensão, se estendia do Magreb ao litoral do Mar Vermelho, na Arábia, e muito ao norte, na Síria. Em 1098, o império havia desabado consideravelmente em extensão e autoridade desde seu auge, e estava dilacerado por cismas e facções.[†]Mas ainda era uma força a ser reconhecida em todo o Mediterrâneo oriental. Os califas fatímidas personificavam o que consideravam ser a autoridade espiritual suprema de sua sede no Cairo, enquanto seus vizires distribuíam poder político e militar em seu nome. Galeras navais fatímidas rondavam os mares entre o delta do Nilo e a Ásia Menor, e seus generais eram capazes de projetar força por terra até o norte, como Damasco. Não havia absolutamente nenhuma afinidade entre os seljúcidas e os fatímidas, uma vez que disputavam a influência sobre os mesmos portos, as mesmas rotas comerciais, as mesmas cidades pagadoras de tributos e os mesmos locais sagrados. De fato, tal era a inimizade que os cronistas islâmicos da época suspeitavam que os fatímidas acolhessem ativamente os cruzados na Síria, esperando que eles enfraquecessem o domínio dos turcos na esfera de influência fatímida, criando uma zona-tampão cristã entre suas terras e as dos seljúcidas.[4]Verdade ou não, era evidente que os infortúnios dos seljúcidas no cerco de Antioquia estavam longe de ser motivo de solidariedade entre todos os muçulmanos. Em vez disso, eram uma oportunidade de ganho oportunista entre inimigos entrincheirados e implacáveis, que já se desentenderam muito antes de os latinos aparecerem.[5]

O líder das forças fatímidas que atacaram Jerusalém em 1098 era um vizir conhecido pelo nome imodesto de al-Malik al-Afdal ('o príncipe excelente'). O estudioso e biógrafo do século XIII, Ibn Khallikan, elogiou al-Afdal como 'um governante capaz' que 'possuía um julgamento superior' e

um apetite ilimitado por demonstrações ostensivas de consumo.[6]Al-Afdal possuía pelo menos 100 turbantes bordados a ouro, escreveu Ibn Khallikan, pendurados em ganchos individuais de ouro nas dez salas de estar de seus aposentos palacianos. Ele possuía mais gado e tesouros do que se podia contar, usava um tinteiro de ouro incrustado de joias e fornecia agulhas de tricô douradas às suas escravas. Quando chegou diante de Jerusalém, trouxe consigo o que Ibn al-Qalanisi chamou de "um forte askar [exército]" e um desejo inabalável de tomar a cidade dos dois irmãos que a controlavam.

A ferocidade do bombardeio que al-Afdal desencadeou sobre Jerusalém foi maior do que Ilghazi e Sokmen conseguiram resistir. Após a brecha nas muralhas, os homens de al-Afdal lutaram para entrar na cidadela e ofereceram a vida aos irmãos em troca de uma transferência da cidade para o controle fatímida. "Ele demonstrou bondade e generosidade para com os dois emires", escreveu Ibn al-Qalanisi, "e libertou tanto eles quanto seus apoiadores".[7]Al-Afdal podia se dar ao luxo de ser generoso, e Ilghazi e Sokmen sabiam que o jogo estava perdido. Eles seguiram para o norte, em direção a Damasco, para lutar mais um dia. O vizir voltou para casa, no Egito, deixando um homem chamado Iftikhar al-Dawla no comando da Cidade Santa. Em meados de setembro de 1098, tudo estava calmo novamente em Jerusalém. Mas não permaneceria assim por muito tempo.

*

Quinhentos quilômetros (800 km) ao norte, os cruzados começavam pela primeira vez a vacilar em seus propósitos. A queda de Antioquia fora um golpe enorme, mas também expôs divisões em sua liderança, centradas no papel e nas ambições de Boemundo. Na primeira semana de julho de 1098, a guarnição dentro da cidadela de Antioquia, no topo da colina, rendeu-se formalmente às suas mãos, em vez de aos príncipes em massa ou ao legado papal Adhémar de Le Puy como seu chefe espiritual (Adhémar, por acaso, morreu em 1º de agosto de 1098, passando sua autoridade legada a um clérigo flamengo chamado Arnulfo de Chocques). Boemundo recebeu a cidade de bom grado e assumiu como seu novo governante.

Essa tomada de poder gerou controvérsia imediata. Os juramentos que Boemundo e os demais príncipes haviam feito a Aleixo Comneno no ano anterior sugeriam que quem assumisse o comando de Antioquia seria apenas um governante temporário, sujeito à aprovação do imperador, como havia sido o caso em

cidades que os cruzados haviam invadido por toda a Anatólia. No entanto, Boemundo, tendo hasteado sua bandeira sobre a cidadela, demonstrava agora muito pouco desejo de vê-la arriada em favor da bandeira imperial. Diante da feroz dissidência, expressa com mais veemência por Raimundo, conde de Toulouse, que investiu partes da cidade com suas próprias tropas, Boemundo afirmou que, como o primeiro príncipe a chegar a Antioquia, ele deveria ser o único a mantê-la. Ele citou a falha do imperador em apoiar os cruzados com um exército de Bizâncio durante seus momentos mais sombrios. "Como pode ser justo renunciarmos ao que conquistamos com nosso próprio suor e trabalho?", perguntou ele, de acordo com Ana Comnena.[8]Para Ana, o comportamento de Boemundo em Antioquia personificava sua duplicidade e irresponsabilidade, e moldava seu retrato geralmente mordaz dele. Para Raimundo e outros, isso era o cúmulo da irresponsabilidade egoísta. Tendo emergido como o principal líder secular da cruzada durante a marcha pela Ásia Menor, Boemundo agora parecia estar recuando antes que Jerusalém estivesse à vista. Mas nada – nem mesmo as ferozes objeções de Raimundo – o faria mudar de ideia. Depois de todo o sangue derramado e da miséria sofrida em Antioquia, alguém precisava assumir a responsabilidade de defender a cidade contra a insurreição ou a reconquista seljúcida. Boemundo decidiu que era esse homem e, ao fazê-lo, estabeleceu um segundo estado cruzado para se situar ao lado do incipiente condado de Edessa, de Balduíno. O principado de Antioquia, um poderoso estado de passagem entre Bizâncio, a Cilícia e o norte da Síria, perduraria por quase dois séculos. Enquanto Boemundo se empenhava em proteger as fronteiras de seu novo apanágio, ficou claro que sua atenção não estava mais em Jerusalém.[9]

Com Tatikios e Estêvão de Blois retornando para o oeste, em direção a Constantinopla, Balduíno ausente em Edessa e Adhémar em seu túmulo – o bispo foi enterrado no mesmo buraco de onde a Lança Sagrada havia sido recuperada –, foi um exército cruzado debilitado que finalmente partiu para o sul, partindo de Antioquia, em novembro de 1098. As disputas entre Boemundo, Raimundo e os outros príncipes causaram um hiato desmoralizante de quatro meses em sua marcha, e as divisões continuaram entre os líderes mesmo quando partiram para a próxima etapa de sua aventura. De acordo com o capelão Raimundo de Aguilera, peregrinos e soldados comuns começaram a murmurar sobre covardia entre os príncipes e a falar em motim ou deserção, dizendo uns aos outros: "Meu Deus! Um ano na terra dos pagãos e a perda de duzentos mil soldados; não é?"

isso é o suficiente?'[10]Quando finalmente estavam na estrada novamente, eles estavam com sede de sangue.

A quatro ou cinco dias de Antioquia, a pequena cidade de Ma'arrat an-Nu'man (Marra) caiu no seu campo de visão. Cinquenta anos antes, o estudioso e poeta persa Nasir Khusraw viajara por Ma'arrat e notara mercados florescentes que vendiam figos, azeitonas, pistaches e amêndoas para os habitantes da cidade, cujas casas eram protegidas por muros de pedra e uma coluna cilíndrica com a inscrição de um amuleto para afastar escorpiões.[11]Quando os cruzados chegaram em 28 de novembro, os cidadãos correram para o topo das muralhas e começaram a bombardear o exército abaixo com uma saraivada de "pedras... dardos, fogo, colmeias e cal", para inibir tentativas de escalar e minar as defesas.[12]Funcionou, mas apenas por um tempo. Durante as duas semanas seguintes, os engenheiros provençais de Raimundo de Toulouse construíram uma grande torre de cerco móvel de quatro rodas e trabalharam para preencher uma vala ao lado de uma das muralhas da cidade, enquanto os soldados de Boemundo atacavam do lado oposto. Em 11 de dezembro, a torre de Raimundo, juntamente com outras escadas e máquinas, foi empurrada contra as fortificações. Ao pôr do sol, a cidade foi tomada pela tempestade. Durante toda a noite, uma multidão desorganizada de infantaria comum correu descontroladamente pelas ruas, saqueando casas e acendendo fogueiras para despistar os cidadãos que se refugiaram em seus porões. "Quando a pilhagem [subterrânea] se mostrou decepcionante, eles torturaram até a morte os infelizes muçulmanos ao seu alcance", lembrou Raimundo de Aguilers.[13]Mulheres e crianças foram massacradas, e escravos foram levados para serem vendidos de volta em Antioquia. O autor da Gesta Francorum testemunhou a carnificina: "Nenhum canto da cidade estava livre de cadáveres sarracenos, e mal se podia andar pelas ruas da cidade a não ser pisando nos cadáveres dos sarracenos." Com a aproximação do solstício de inverno, havia pouca comida disponível dentro ou fora da cidade do que em Antioquia, e mais uma vez o espectro doloroso do canibalismo despertou. "[Nossos homens] rasgavam os corpos dos mortos, porque costumavam encontrar besantes [ou seja, moedas de ouro] escondidas em suas entranhas", escreveu o autor da Gesta Francorum. "Outros cortavam a carne morta em fatias e a cozinhavam para comer."[14]Então, com a barriga cheia e o apetite pela matança aguçado, eles partiram para o próximo alvo.

*

Enquanto os cruzados avançavam pela Síria em direção à costa libanesa, com cruzes à sua frente e gordura humana coagulando em suas barbas, um poeta chamado Mu'izzi compôs versos para o sultão seljúcida Berkyaruq em Isfahan. Ele implorou ao rei que se vingasse, em nome da "religião árabe", dos latinos que profanaram as terras muçulmanas. "Você deve matar aqueles cães amaldiçoados e criaturas miseráveis, os lobos que afiaram seus dentes e garras", escreveu ele. "Você deve prender os francos e cortar suas gargantas com punhais adornados com joias, devoradores de vida e jorrando sangue. Você deve fazer bolas de polo com as cabeças dos francos na rua e tacos de polo com suas mãos e pés."[15] No entanto, quanto mais os malditos francos atacavam, massacravam, torturavam, massacravam, escravizavam e devoravam o Dar al-Islam, mais diminuíam as chances realistas de se aproveitarem de seus crânios. Por toda a Síria, e especialmente ao longo da rota para Jerusalém, que passava pela estrada costeira através das regiões do Líbano e da Palestina, emires seljúcidas e governantes semi-independentes de cidades presas entre a influência seljúcida e fatímida enviavam tributos aos príncipes cruzados, negociando para serem deixados em paz (para quaisquer cruzados com experiência em guerra contra os reinos taifa da Espanha, esse era um curso de eventos familiar). Enquanto isso, os príncipes cristãos continuavam a discutir entre si: Boemundo deixou a cruzada em 1º de março para retornar definitivamente a Antioquia, enquanto outros, como seu sobrinho Tancredo, se dividiam em facções políticas em constante mudança. A suspeita mútua se agravou entre os cruzados provençais que seguiram Raimundo de Toulouse e os normandos e outros francos. A unidade do ano anterior estava se evaporando. No entanto, eles se aproximavam do alvo. Haviam percorrido cerca de 3.200 km desde que deixaram a Europa; agora, restavam apenas 320 km entre eles e Jerusalém, controlada pelos fatímidas.

O último bastião de resistência significativa à marcha dos cruzados foi uma fortaleza em Arqa (Akkar), que resistiu a um cerco brutal de três meses entre fevereiro e maio de 1099, durante o qual os cruzados se fartaram de "pequenos juncos com sabor de mel" — cana-de-açúcar — e os cavaleiros atacaram por toda parte em busca de batalhas e saques.[16]O governante de Trípoli, senhor de Arqa, cansou-se de ver seus homens morrerem e ofereceu uma oferta de paz de 15.000 moedas de ouro, juntamente com cavalos, mulas e tecidos ricos. Em outro lugar, o governante de Jubayl (Jableh) ofereceu 5.000 moedas de ouro e "um suprimento abundante de vinho".[17]Na Páscoa, rumores chegavam de Constantinopla sugerindo que Aleixo Comneno finalmente havia decidido zarpar com uma frota em apoio à cruzada, trazendo consigo uma enorme

reforços de tropas, ouro e suprimentos. Ele nunca apareceria, mas mesmo sem o apoio do imperador, os cruzados eram implacáveis. Não estava claro quem, se é que alguém, seria capaz de comandar uma resistência eficaz.

*

No Cairo, o vizir fatímida, al-Afdal, de turbante dourado, acompanhava os acontecimentos com interesse, embora ainda não alarmado. Ao contrário de Qilij Arslan, Yaghi-Siyan, Karbugha e os demais, ele não havia encontrado pessoalmente a resiliência e a peculiar boa sorte dos francos, cada vez mais convencidos de que eram protegidos por santos guerreiros como São Jorge e Santo André. Mas estava prestes a encontrá-los. Durante o cerco de Antioquia, ele havia firmado um pacto de não agressão com os príncipes; agora, à medida que avançavam em direção aos seus territórios, esse pacto se desfez. Mergulhando a pena em seu tinteiro dourado, al-Afdal escreveu cartas de mobilização que foram transmitidas por pombo-correio aos governantes e fiéis muçulmanos de Acre, Cesareia e outros lugares. O vizir exortou os emires a resistirem com todas as suas forças a "uma geração de cães, uma raça tola, teimosa e desordeira".[18]

Era mais fácil falar do que fazer. Durante a segunda quinzena de maio, Tiro, Acre, Haifa e Cesareia permitiram que os cruzados passassem com o mínimo de resistência. "As pessoas fugiram em pânico de suas moradas diante deles", registrou Ibn al-Qalanisi.[19]O exército era menos incomodado pelas tropas seljúcidas ou fatímidas do que pelas "cobras de fogo" que encontravam perto de Sidon; as picadas das cobras podiam ser fatais; um dos únicos remédios conhecidos era fazer sexo imediatamente com alguém, para "se libertar do inchaço e do calor do veneno".[20]Em 2 de junho, os cruzados haviam se voltado para o interior em Arsuf e se dirigiam para Ramla, pela estrada que atravessava as colinas da Judeia até Jerusalém. Tudo o que encontraram ao longo da marcha foram sinais de fortalezas abandonadas. Os fatímidas incendiaram o porto de Jaffa (Tel-Aviv Jafo) e deixaram Ramla deserta. Eles efetivamente limparam o caminho. E assim, na terça-feira, 7 de junho, o inacreditável finalmente aconteceu: guardas postados nas muralhas de Jerusalém relataram ao governador Iftikhar al-Dawla que haviam avistado um exército de francos se aproximando: "alegres e exultantes", chorando de alegria e cantando hinos. Muitos estavam com sede ou famintos, outros acometidos por doenças ou sofrendo de desnutrição. O exército, reduzido a não mais de 15.000 combatentes, dos quais apenas cerca de 1.500 eram cavaleiros,

tinha apenas um terço do tamanho daquela que partira de Constantinopla. Havia perdido vários de seus líderes mais proeminentes e aqueles que permaneceram estavam frequentemente em desacordo. Mesmo assim, os cruzados haviam chegado ao seu destino, e o destino da cidade estava prestes a ser decidido.

Jerusalém era uma cidade de tamanho modesto, mas bem protegida. Aninhada nas colinas da Judeia, em seu lado oriental, desfrutava da posição defensiva natural do vale íngreme de Jehoshophat; neste e em todos os outros lados, a cidade também era guardada por grossas muralhas pontuadas por portões, torres de vigia e uma cidadela conhecida como Torre de Davi (o mihrab dawud), que dava para o portão adjacente à estrada de Jaffa. Uma série de fossos fornecia proteção adicional no lado norte. As defesas haviam sido aprimoradas desde que os homens de al-Afdal haviam aberto buracos nas muralhas no verão anterior, e Iftikhar al-Dawla tinha uma guarnição de cerca de 1.000 soldados à sua disposição para proteger uma população de não mais de 30.000 habitantes. Além das milícias regulares formadas entre os cidadãos, esses soldados incluíam 400 cavaleiros de elite enviados do Cairo por al-Afdal, que incluíam, como disse Fulcher de Chartres, "árabes e etíopes" (com o que ele queria dizer negros africanos).[21]A cidade tinha seu próprio suprimento de água, e Iftikhar al-Dawla teve o cuidado de bloquear os poços fora da cidade, garantindo que os cruzados, se não quisessem morrer de sede, teriam que trazer sua própria água de quilômetros de distância, carregada em grandes cantis costurados com pele de boi, ou então correr o risco de retirá-la da Piscina de Siloé, que estava bem ao alcance das flechas das ameias.[‡]Embora em vários pontos as muralhas da cidade fossem dominadas por terrenos elevados de onde mísseis poderiam ser facilmente lançados nas ruas, e embora ela já tivesse sido conquistada duas vezes nos trinta anos anteriores exatamente pelo mesmo tipo de cerco em que os francos se mostraram mortalmente proficientes, o governador foi assegurado por mensageiros do vizir que ele não teria que resistir por muito tempo antes que um exército viesse do Egito para resgatá-lo, "para se envolver na Guerra Santa contra [os cruzados], destruí-los, socorrer e proteger a cidade contra eles".[22]Tudo o que ele tinha que fazer era esperar.

Diante disso, Iftikhar al-Dawla tinha duas considerações preocupantes. A primeira era uma questão de praticidade militar: os cruzados sabiam tão bem quanto ele que al-Afdal estava preparando uma expedição de socorro, pois mensageiros capturados lhes haviam dito que ela poderia ser esperada até o final de julho. Eles estavam elaborando seus planos de acordo com isso. A segunda era uma questão de motivação. Os francos podiam estar cansados, ressequidos, doentes e exaustos, mas

Estavam agora dispostos diante de um lugar que consideravam o objeto de sua peregrinação e, cosmologicamente, o centro da Terra. Era o local do ministério de Cristo, sua Paixão, ressurreição e ascensão; o local de sepultamento da cabeça do primeiro homem, Adão, e o ponto de partida das jornadas dos apóstolos. "Que outra cidade já vivenciou um mistério tão maravilhoso, do qual provém a salvação de todos os fiéis?", perguntou o cronista Roberto, o Monge.[23]Para os judeus, a cidade também tinha profunda importância, por ser o local onde a Arca da Aliança outrora residira. Para os muçulmanos, era o local da Mesquita de Al-Aqsa e do Domo da Rocha, onde Maomé orou e ascendeu aos céus para conferenciar com Deus e os patriarcas durante sua Jornada Noturna. Mas, em julho de 1099, foram os cristãos do Ocidente latino que fizeram a jornada mais incrível para se colocarem à sombra das muralhas de Jerusalém. Isso contaria muito.

Durante o primeiro mês do cerco, os defensores permaneceram firmes. Todos os visitantes e moradores cristãos foram expulsos da cidade assim que os francos chegaram. Os cruzados estavam ocupados com as difíceis tarefas de abastecer-se nas colinas quase sem água e remontar – ou construir do zero – as torres, aríetes e catapultas necessários para derrubar as muralhas. Eles foram auxiliados nesse esforço em 17 de junho, quando uma pequena frota de seis navios genoveses atracou nas ruínas do porto arrasado de Jaffa com suprimentos de construção. Os navios foram atacados por galés egípcias enquanto estavam ancorados, e as tripulações foram forçadas a queimar seus navios e fugir, mas não antes de descarregarem suprimentos valiosos de madeira e equipamentos de carpintaria.

No início de julho, exércitos francos podiam ser vistos em dois pontos-chave da cidade. Ao sul, do lado de fora do Portão de Sião, acampava o exército provençal de Raimundo, conde de Toulouse. Quase todos os demais príncipes – os Robertos da Normandia e Flandres, Godofredo de Bouillon e Tancredo de Hauteville – estavam alinhados ao norte, onde estavam preenchendo fossos e martelando as muralhas entre o extremo nordeste da cidade, no topo do vale, e a chamada Torre Quadrangular, a quase 1.500 metros de distância, no extremo noroeste. Emboscadas eram armadas ao longo dos caminhos que atravessavam o Monte das Oliveiras, onde mensageiros regularmente saíam do lado menos defendido da cidade para levar informações ao vizir no Cairo: quando os francos capturavam um infeliz rapaz de recados, torturavam-no para obter informações, amarravam-no de pés e mãos e o atiravam na direção da cidade, do couro.

balde de um trabuco. Ele não conseguiu escapar, caindo bem antes das paredes em um afloramento rochoso, onde "quebrou o pescoço, os nervos e os ossos", morrendo instantaneamente.[24]

Apesar desses espetáculos desagradáveis, os defensores resistiram por um mês, observando os cruzados abaixo deles labutando sob o calor. Mas na sexta-feira, 8 de julho, foram recebidos por uma nova visão: vindo da direção do vale de Jeosafá, surgiu um desfile religioso de penitentes. Inspirados pela visita do fantasma do falecido bispo Adhémar e pelos conselhos de um eremita local, um estilita que vivia em "uma torre antiga e alta", os cruzados estavam todos em jejum há três dias.[25]Agora, descalços e solenes, eles marchavam do Monte das Oliveiras até o Monte Sião, perto do acampamento de Raimundo de Toulouse. Enquanto caminhavam, desarmados e carregando relíquias sagradas, os homens de Iftikhar al-Dawla desfrutavam de um dia de campo. Nas ameias, tropas muçulmanas traziam alegremente cruzes de dentro da cidade, cuspindo e urinando nelas, pendurando-as em forcas em miniatura e despedaçando-as contra as muralhas. Em seguida, miravam com seus arcos e matavam ou feriam muitos clérigos e leigos. Parecia fácil demais.

Na semana seguinte, porém, tudo mudou. Os cruzados levaram várias semanas para montar sua artilharia mais pesada, mas, uma vez montada, era letal. No fim de semana seguinte à procissão religiosa, os exércitos do norte transportaram todo o seu maquinário de cerco para se concentrar em um trecho de 800 metros de muralhas duplas que se estendia a leste do Portão de Santo Estêvão. Na quinta-feira seguinte, 14 de julho, uma bateria poderosa começou. Três manganelas iniciaram o ataque, forçando os defensores a recuarem das muralhas. Escudos de grandes almofadas forradas de palha haviam sido pendurados nas muralhas para amortecer o impacto dos tiros de trabuco, mas Godofredo de Bouillon lançou uma saraivada de flechas em chamas para afastá-los. Então, veio o baque nauseante e percussivo de um enorme aríete com cabeça de ferro, de "peso e habilidade horríveis".[26]Isso atravessou a parte externa das duas muralhas, abrindo uma brecha que acabou sendo grande o suficiente para atravessar uma das maiores torres de cerco dos cruzados.[§]A torre era uma estrutura de madeira, do comprimento de uma lança, mais alta que a própria muralha, encimada por uma cruz de ouro brilhante e coberta com peles de cavalo e camelo retardantes de chamas, esticadas sobre uma gaiola de vime, que protegia os ocupantes contra uma mistura inflamável de enxofre, piche e cera derretida conhecida como fogo grego, que os guardas de Jerusalém atiravam em potes que "vomitavam" chamas.[27]

Agora era óbvio que a ajuda do Egito não chegaria a tempo de defender a cidade. Iftikhar al-Dawla tinha quatorze de suas próprias manganelas dentro de Jerusalém e as dividiu entre os dois pontos vulneráveis nas defesas, o que atrasou o progresso dos cruzados por um tempo, impedindo-os de mover suas torres perto o suficiente da muralha para permitir uma tentativa de ataque às muralhas. Mas, ao cair da noite de quinta-feira, 14 de julho, após um longo dia de batalha absolutamente feroz, ficou claro que ele não conseguiria resistir por muito mais tempo. Ao amanhecer do dia seguinte, a grande torre com a cruz dourada foi finalmente posicionada contra a muralha interna a nordeste, com Godofredo no topo, disparando sua besta (ao sul, os homens de Raimundo de Toulouse também fizeram contato com a alvenaria, mas sua máquina de cerco foi queimada com fogo grego). O topo da torre de Godofredo era um lugar perigoso: com uma chuva constante e cada vez mais desesperada de mísseis, a guarnição de Jerusalém quase a derrubou. Eles observaram o barco balançar e quase tombar, ameaçando jogar todos a bordo para a morte.[28]Uma pedra lançada de dentro da cidade quase atingiu Godfrey e atingiu o soldado que estava ao lado dele: "Seu crânio foi quebrado e seu pescoço despedaçado", escreveu Albert de Aachen.[29]

Se a torre ou o príncipe tivessem caído, a cidade poderia ter sobrevivido. Mas nenhum dos dois sobreviveu. Dentro da cidade, uma pedra de uma mangonel franca esmagou até a morte duas mulheres que supostamente tentavam lançar um feitiço sobre a artilharia inimiga, juntamente com três meninas que estavam ao lado delas.[30]Bem acima, uma rajada repentina de flechas com pontas de algodão em chamas ultrapassou as muralhas por tempo suficiente para que uma ponte levadiça fosse baixada da torre de cerco.[31]As primeiras tropas francas, comandadas por Godofredo, avançaram por cima. Logo, lutaram para descer das torres até as ruas da cidade. Sacerdotes de túnica branca, entoando o kyrie eleison, correram com longas escadas para ajudar os exércitos abaixo da torre a subir e pular a muralha abandonada. Então, as escadas não foram mais necessárias: os ferrolhos dos portões foram puxados e todo o poderio do exército cruzado entrou em ação. Muitos esperaram quase quatro anos por este momento. Enquanto invadiam, exultantes, a cidade onde Cristo morrera em agonia pela salvação de seus pecados, assumiram como missão vingar-se de cada descrente que encontrassem. O vizir al-Afdal não estava em lugar nenhum. Seu povo, abandonado, estava prestes a ser destruído.

*

O massacre de Jerusalém nos dias seguintes à sua queda para os cruzados na sexta-feira, 15 de julho de 1099, foi uma das atrocidades de sua época, um exemplo extremo dos direitos de um partido vitorioso de negar misericórdia aos vencidos e um desperdício bíblico em consonância com outros massacres inspirados pelos normandos, como o "assalto" do norte da Inglaterra por Guilherme, o Conquistador, em 1069.

70. Com a investida dos cruzados, Iftikhar al-Dawla fez um acordo para salvar a sua própria pele e a das forças egípcias que haviam sobrevivido à defesa das muralhas. Sob a proteção de Raimundo de Toulouse, eles foram retirados da cidade às pressas e escoltados até a fortaleza fatímida mais próxima, em Ascalon. Atrás deles, nas palavras de Ibn al-Athir, "os habitantes tornaram-se presas da espada".[32]Como os cristãos haviam sido expulsos no início do cerco, cada habitante era agora considerado presa legítima para os milhares de zelosos guerreiros-peregrinos que corriam de casa em casa assassinando e saqueando durante uma semana inteira. Raimundo de Aguilera estava entre eles e, mais tarde, escreveu:

> Alguns pagãos foram misericordiosamente decapitados, outros, perfurados por flechas, atirados de torres, e outros ainda, torturados por um longo tempo, foram queimados até a morte em chamas abrasadoras. Pilhas de cabeças, mãos e pés jaziam nas casas e ruas, e de fato havia uma correria de homens e cavaleiros sobre os cadáveres.[33]

Em cenas que lembram os tumultos vergonhosos que ocorreram na Renânia no início da Cruzada Popular, um grande número de judeus foi assassinado; eles "se reuniram na sinagoga e os francos a queimaram sobre suas cabeças".[34]Milhares de cidadãos muçulmanos fugiram para a grande plataforma elevada do Monte do Templo, onde se abrigaram dentro, ao redor e até mesmo no topo da mesquita de Al-Aqsa. Tancredo de Hauteville e outro senhor, Gastão de Béarn, ofereceram-lhes seus estandartes como sinal de proteção, mas os príncipes há muito haviam perdido o controle da orgia de violência. Milhares e milhares foram mortos, seja pelas mãos da multidão ou por seus próprios desígnios, enquanto saltavam do Monte do Templo em desespero para escapar da tortura até a morte. Alguns foram afogados em cisternas. Bebês arrancados de suas mães foram esmagados de cabeça contra paredes e batentes de portas. Muitos cronistas cristãos viram neste extermínio em massa no local do Templo de Salomão a realização de uma profecia do Apocalipse de São João.

João. Eles escreveram, ecoando as palavras de João, sobre cruzados cavalgando em sangue até os joelhos ou até os freios dos cavalos.[35]Naturalmente, junto com a matança, veio um frenesi de rapina, enquanto príncipes e pobres peregrinos enchiam seus braços com tesouros: "Ouro e prata, cavalos e mulas e casas cheias de todos os tipos de bens". Tancredo, apesar de sua vã preocupação com o bem-estar dos cidadãos muçulmanos, saqueou avidamente o santuário ao redor do Domo da Rocha (que os cruzados chamavam de Templo do Senhor). Sua guarda pessoal passou dois dias arrancando "uma quantidade incomparável de ouro e prata das muralhas", um ato de pirataria descarada pelo qual Tancredo foi posteriormente censurado.[36]Do outro lado da cidade, na Igreja do Santo Sepulcro, alguns peregrinos decidiram rezar, batendo palmas, cantando e entoando o Ofício da Ressurreição, normalmente reservado para a Páscoa.[37]Enquanto isso, seus companheiros se divertiam matando famílias inteiras, "para que nem uma criança, menino ou menina, nem mesmo um bebê de um ano escapasse vivo das mãos do assassino".[38]A violência só diminuiu quando as ruas ficaram tão cheias de corpos que começaram a feder. Nesse momento, os padres deram a ordem para que os corpos fossem arrastados para fora dos muros e incinerados. "Eles foram queimados em piras como pirâmides, e ninguém, exceto Deus, sabe quantos eram", escreveu o autor da Gesta Francorum..[39]

Quando os sobreviventes que conseguiram fugir de Jerusalém chegaram à corte do califa sunita abássida em Bagdá, contaram uma história que "trouxe lágrimas aos olhos e feriu o coração". Nas orações de sexta-feira, a notícia era transmitida aos fiéis na mesquita: uma história sobre "a matança de homens, a escravização de mulheres e crianças e o saque de propriedades que haviam caído sobre os muçulmanos naquele reverenciado e augusto local".[40]Para Ibn al-Athir e outros estudiosos que escreveram após o evento, estava claro o que havia causado a calamidade: "Os governantes estavam todos em desacordo... e então os francos conquistaram as terras."[41]

De volta a Jerusalém, os cruzados vitoriosos tiveram uma visão mais elevada de sua conquista. "Deus Todo-Poderoso, que emoção profunda, que alegria, que tristeza sentiram, após sofrimentos inauditos, jamais experimentados por nenhum exército, como as torturas do parto, quando, como crianças recém-nascidas, viram que haviam alcançado as novas alegrias da visão há muito desejada", rapsodou Guibert de Nogent.[42]Se eles haviam tido sucesso por meio de fracassos políticos entre seus inimigos, de seus próprios feitos heroicos de resistência ou da vontade do Todo-Poderoso, ninguém poderia afirmar com certeza. Seja como for, Jerusalém havia caído. Urbano II

A missão havia sido cumprida. Os francos haviam chegado à Terra Santa e agora estavam lá para ficar.

[*] Durante os ataques dos cruzados a Antioquia e Jerusalém, Tughtakin foi atabeg de Damasco, servindo ao neto de Alp Arslan, Duqaq. Em 1104, tornou-se governante por direito próprio.

[†] A principal causa do cisma no império fatímida na década de 1090 foi uma disputa sucessória que se seguiu à morte do califa al-Mustansir em 1094. Os seguidores de seu filho mais velho, Nizar, que foi deserdado e assassinado, rejeitaram a autoridade do novo califa, al-Musta'li. Essa cisão dissolveu a unidade fatímida no Egito e levou indiretamente à formação de um estado dissidente xiita, de origem persa, chamado Nizari, na Síria, mais comumente (embora incorretamente) de Hashishiyya ou Assassinos.

[‡] Vários cronistas latinos relataram histórias sobre a sujeira e a escassez da água disponível durante o cerco de Jerusalém, o que causou doenças generalizadas e muito mal-estar, já que aqueles que coletavam água cobravam taxas exorbitantes de seus companheiros cruzados pelo privilégio de beber até mesmo um gole de lama poluída e cheia de vermes.

[§] Para abrir espaço para que a máquina de cerco atacasse a brecha, os cruzados tiveram primeiro que incendiar o aríete, que havia ficado preso nas muralhas depois de cumprir sua função; eles conseguiram fazer isso apesar dos defensores jogarem água nas muralhas para apagar o fogo.

9

Dividindo os despojos

Tanto para os bárbaros…

Pouco antes do Natal de 1099, Boemundo de Antioquia e Balduíno de Edessa desceram a Jerusalém para completar suas peregrinações com uma primeira visita à Cidade Santa. Era mais um inverno rigoroso, e a jornada de mais de 400 km do norte da Síria até a Palestina trouxe o clima ruim e a constante falta de suprimentos. Fulcro de Chartres viajou com Boemundo e Balduíno e registrou as condições precárias: fome aliviada apenas comendo carne de burro e camelo ou mastigando cana-de-açúcar; bandidos muçulmanos "espreitando as trilhas estreitas ao longo do caminho" para roubar ou matar forrageadores; "frio excessivo e tempestades frequentes", após as quais "o calor do sol não era suficiente para secar nossas roupas encharcadas, quando outra chuva nos atormentava por quatro ou cinco dias".[1]Estava tão úmido e frio que as tropas morreram devido à exposição em suas tendas.

Ao longo do caminho, não encontraram ninguém que lhes vendesse comida ou suprimentos, exceto os emires de Cesareia e Trípoli, alinhados aos fatímidas, que negociavam grãos e pão a preços exorbitantes. E quando chegaram a Jerusalém em 21 de dezembro, suas manifestações de piedosa alegria e alívio foram temperadas pelas imagens e cheiros persistentes da vitória de seus companheiros cruzados cinco meses antes. "Que fedor havia ao redor das muralhas da cidade... dos corpos em decomposição dos sarracenos mortos por nossos camaradas, jazendo onde quer que tivessem sido caçados", escreveu Fulcher.[2]Ao passar pelos portões da cidade, o grupo de peregrinos foi forçado a cobrir a boca e tapar o nariz para se proteger do miasma nauseante.

Em Jerusalém, encontraram o irmão mais velho de Balduíno, Godofredo de Bouillon, reinando supremo. Godofredo havia sido eleito para a proeminência oito dias após a queda da cidade, em 22 de julho. Ele se recusou a assumir o título de rei, optando por ser chamado de "Advogado [ou Defensor] do Santo Sepulcro". Ao lado dele, Arnulfo de Chocques foi confirmado como o primeiro patriarca latino de Jerusalém em 1º de agosto. Assim que Godofredo foi nomeado, foi forçado a marchar com um exército para fora de Jerusalém até o reduto costeiro fatímida de Ascalon, a 70 km de distância, onde o vizir fatímida al-Afdal estava, tardiamente, reunindo um exército para invadir Jerusalém e expulsar os infiéis impertinentes.

De alguma forma, mais uma vez, os cruzados triunfaram, derrotando um grande exército fatímida em uma terrível batalha travada fora dos muros de Ascalon em 12 de agosto. Al-Afdal foi posto em fuga e sua espada foi capturada (naturalmente, descobriu-se que se tratava de uma arma gloriosa, avaliada em sessenta besantes).[3] "A batalha foi terrível, mas o poder de Deus estava conosco", escreveu o autor da Gesta Francorum.[4]E, de fato, a série de sucessos dos cruzados no campo de batalha começava a parecer milagrosa. Era verdade que eles haviam se tornado astutos pela longa experiência e estavam endurecidos até a miséria extrema, mas agora também possuíam um novo e notável profilático divino: um fragmento da Verdadeira Cruz. Envolto em um relicário de ouro, ele havia sido descoberto torturando os padres ortodoxos que o guardavam no Santo Sepulcro. Quando carregada para a batalha pelo patriarca, essa relíquia – que explícita e obviamente rivalizava com outra parte da Cruz mantida em Constantinopla por Aleixo Comneno – era considerada invencível aos ataques dos infiéis. No entanto, isso não os tornava imunes às maquinações uns dos outros, como a visita de Boemundo e Balduíno no Natal de 1099 demonstraria.

*

Os dois príncipes dos estados cruzados do norte não chegaram a Jerusalém sozinhos. No início da jornada, eles haviam reunido outro personagem formidável, chamado Daimbert (ou Dagobert), arcebispo de Pisa: um alto clérigo originário das terras germânicas ao redor de Mainz, que Urbano II provavelmente havia nomeado legado papal.[5]Daimbert esteve em Clermont em 1095 e pregou a Primeira Cruzada em sua língua italiana.

arquidiocese. No entanto, ele nunca se juntou aos exércitos dos príncipes. Em vez disso, o papa o enviou em 1098 a Afonso VI de Castela, para ajudar a organizar as novas terras conquistadas dos governantes muçulmanos na Espanha em nome da Igreja Romana. Segundo Alberto de Aachen, que olhava para Daimbert com desprezo declarado, este havia sido um empreendimento lucrativo. O arcebispo, disse Alberto, desviou grandes quantias de tesouros que lhe foram presenteados por Afonso, mais notavelmente "um carneiro de ouro de maravilhoso e belo trabalho", que deveria ser um presente para o papa.[6] Em vez de enviar esta bugiganga brilhante para Roma, alegou Alberto, Daimbert a guardou para si e ainda carregava o carneiro e um esconderijo de seu tesouro espanhol quando chegou à Terra Santa com uma grande frota de navios pisanos no outono de 1099. Ao longo do caminho, ele saqueou várias ilhas gregas e travou batalhas constantes contra navios bizantinos equipados com cabeças de leão de bronze que lançavam fogo grego de suas bocas. Daimbert fez contato com Boemundo na cidade bizantina de Latakia, que o novo príncipe de Antioquia estava sitiando entusiasticamente, enviou seus navios para Jaffa e seguiu para o sul com a delegação que apareceu em Jerusalém em 21 de dezembro.

A julgar pelo relato de Fulcher de Chartres, a visita de Boemundo, Balduíno e Daimbert a Jerusalém foi um evento pacífico e festivo, no qual os príncipes visitaram a Igreja do Santo Sepulcro "e outros lugares sagrados", viajando então 13 km ao sul da cidade, até Belém. Na véspera de Natal, na grande Igreja da Natividade, em forma de cruz, uniram-se em oração no local onde o menino Jesus havia sido colocado em uma manjedoura.[7] O Natal foi passado em Jerusalém e, no Ano Novo, o grupo saiu da cidade mais uma vez para se banhar no Rio Jordão. Durante a primeira semana de janeiro de 1100, cortaram folhas de palmeira das famosas árvores de Jericó.[*] antes de Boemundo e Balduíno partirem de volta para o norte, para retornar aos seus novos lares via Tiberíades e o Mar da Galileia. Foi, ou pareceu ser, um Natal feliz.

No entanto, por trás das celebrações, as coisas não eram tão pacíficas. No decorrer de sua narrativa festiva, Fulcher observou que, enquanto Boemundo e Balduíno estavam em Jerusalém, Godofredo "e os outros chefes" nomearam "Lorde Daimbert como Patriarca na Igreja do Santo Sepulcro". Isso significou que, após apenas seis meses, Arnulfo de Chocques foi afastado. Fulcher não explicou essa mudança abrupta na incipiente liderança latina de Jerusalém. Se o tivesse feito, teria sido forçado a admitir que se tratava, na verdade, de um golpe orquestrado em favor de Boemundo. Aparentemente, de

Em lugar nenhum, um forasteiro que não participara da longa marcha para o leste recebera o novo cargo mais prestigioso do mundo cristão. O patriarca, é claro, trouxera tesouros, navios de guerra pisanos e o apoio de Roma – mas mais importante do que tudo isso era sua utilidade para o astuto príncipe de Antioquia.

Quando Ana Comnena refletiu em sua crônica sobre o comportamento de Boemundo nessa época, ela escreveu que ele "não mudou nada, um homem que nunca aprendeu o que era manter a paz... um completo patife".[8]Certamente, ele sempre teve um olhar voltado para o próprio benefício. Durante a visita de Natal de 1099, Daimbert usou seus novos poderes patriarcais para abençoar Boemundo em seu título de príncipe de Antioquia. Assim, sancionou oficialmente, em nome da Igreja Latina, a flagrante quebra de juramento cometida por Boemundo ao se recusar a entregar a cidade a Bizâncio no ano anterior. Para reforçar esse ponto, ele também confirmou uma série de novas nomeações eclesiásticas em Antioquia, anulando o direito do patriarca grego de lá.[9]As reivindicações bizantinas à cidade de Boemundo e ao estado que ele pretendia construir em torno dela estavam sendo sistematicamente eliminadas. Além disso, a introdução de Daimbert como patriarca em Jerusalém teve um custo direto para os latinos, pois ele exigia o controle de uma grande parte da cidade (que se tornou o "bairro do Patriarca" e incluía o próprio Santo Sepulcro), bem como amplos direitos no porto de Jafa. Não era de se admirar que, escrevendo sua crônica muitos anos depois, Ana Comnena rangesse os dentes contra o egoísmo e a impudência de Boemundo e deplorasse a depravação de seus aliados pisanos. "Até logo para os bárbaros", escreveu ela.[10]Boemundo receberia o que merecia: em agosto de 1100, foi capturado durante uma campanha em Melitene (Malatya), ao norte de Edessa, às margens do alto Eufrates, e levado acorrentado como prisioneiro de Danishmend Ghazi, o governante do nordeste da Ásia Menor, que foi, por vezes, aliado do pequeno sultão seljúcida Qilij Arslan. Ele só foi libertado em maio de 1103, mediante o pagamento de um vasto resgate de 100.000 besantes. No entanto, este não foi o fim de sua carreira, e suas relações conturbadas com o imperador Aleixo estavam destinadas a continuar pelo resto da década, dando ainda mais motivos para o descontentamento de Ana Comnena. Se toda a iniquidade e duplicidade dos francos – ou celtas, como ela os chamava – pudessem ter recebido uma única forma humana, seria a de Boemundo.

Com o amanhecer de um novo século, o mapa da Terra Santa e do Mediterrâneo oriental mudava rapidamente. Em Jerusalém, um reino latino

tornou-se realidade no final de 1100, quando Godofredo de Bouillon morreu e seu irmão, Balduíno de Edessa, foi convocado para o sul para celebrar um segundo Natal em Belém. Lá, em 25 de dezembro, ele foi coroado Balduíno I, rei de Jerusalém. Ele estava destinado a um reinado muito mais longo do que seu irmão, que havia sido terrivelmente enfraquecido por sua árdua cruzada e talvez nunca tivesse se recuperado totalmente dos ferimentos graves que sofreu lutando contra um urso na Ásia Menor. Balduíno governaria até 1118 (seu primo, Balduíno de Bourcq, o sucedeu como conde de Edessa) e, durante esse tempo, travou uma guerra constante contra os fatímidas. Essa guerra exigiu não apenas ações defensivas contra os exércitos que marchavam para fora do Egito, mas também campanhas para garantir mais cidades para o domínio franco. Era uma questão de importância existencial que o reino cruzado se expandisse para além da cidade de Jerusalém, o estreito e perigoso corredor de terra que se estendia até Jaffa e o mar. Assim, durante a primeira década de seu reinado, Balduíno atacou, com graus variados de sucesso, Arsuf, Cesareia, Acre, Tiro, Beirute, Sídon e Trípoli. Aos poucos, ao longo do reinado de Balduíno, um verdadeiro reino cruzado começaria a emergir.

Nessas campanhas, Balduíno contou com o auxílio de camaradas antigos e novos. Dos príncipes que partiram após Clermont, alguns – como Godofredo, Balduíno e Tancredo de Hauteville – estabeleceram-se no leste. Outros retornaram para o oeste: Roberto de Flandres e Roberto da Normandia decidiram retornar às suas terras natais, que sofriam consideravelmente com a falta de um senhorio estável. Alguns, entre eles Boemundo, tentariam atravessar os dois lados do Mediterrâneo, viajando entre a França, os Bálcãs, Bizâncio e os novos estados cruzados. E outros ainda tentaram manter vivo o ímpeto da Primeira Cruzada. Estêvão de Blois havia abandonado a cruzada em Antioquia em 1098, pela qual foi criticado como "um canalha e um miserável" pelo autor da Gesta Francorum, e estava determinado a expiar seu fracasso.[11]Tanto ele quanto Hugo de Vermandois – juntamente com o irreprimível Raimundo de Toulouse – juntaram-se a um exército de senhores e camponeses ocidentais que partiram para reforçar os cruzados, marchando por terra de Constantinopla através da Ásia Menor no verão de 1101. Sua missão malfadada foi dispersada pelos exércitos unidos de Qilij Arslan, Radwan, emir de Aleppo, e Danishmend Ghazi. Tanto Estêvão quanto Hugo morreram no decorrer desta campanha. Raimundo, no entanto, permaneceu no leste e trabalhou até sua própria morte em 1105 para estabelecer um quarto estado cruzado entre

Jerusalém e Antioquia, que em 1109 se tornaria o condado de Trípoli.

Enquanto isso, na Europa Ocidental, centenas de sobreviventes das cruzadas cambaleavam de volta para suas casas – alguns doentes, outros feridos, e pouquíssimos haviam ganhado mais do que gastaram – carregando folhas de palmeira e contando histórias de tirar o fôlego de sofrimento e bravura. Alguns carregavam relíquias, e dezenas de igrejas e mosteiros na França, Flandres, Inglaterra, Itália e outros lugares foram dotados de fragmentos de pedra lascada do túmulo de Cristo no Santo Sepulcro, lascas de metal da ponta da Lança Sagrada de Antioquia, lascas da Verdadeira Cruz e diversas partes de corpos de santos, incluindo o braço, o ombro e as costelas de São Jorge, que foram roubados de um baú de mármore em um mosteiro em algum lugar da Cilícia e acabaram na abadia de Anchin, em Flandres.[12]Mas muitos outros cruzados trouxeram de volta apenas cicatrizes mentais e físicas. Raimbold de Caron, que lutou em Antioquia e alegou ter sido o primeiro homem a cruzar os muros de Jerusalém em 15 de julho de 1099, retornou sem uma das mãos e caiu em uma vida de violência decididamente profana, o que lhe rendeu quatorze anos de penitência imposta pela Igreja como punição por ordenar o espancamento e a castração de um monge de Bonneval.

Poucos desses sobreviventes desejavam retornar ao leste, mas havia outros que o desejavam. E havia também os recém-chegados. Embora a queda de Jerusalém tivesse sido um triunfo aparentemente milagroso, não pôs fim aos impulsos que impulsionavam as cruzadas. Muitos cavaleiros ainda viajavam do oeste em busca de uma luta penitencial contra os infiéis: Alberto, conde de Biandrate, e seu irmão Guido, chegaram ao leste com o bispo de Milão e um grupo de outros lombardos em 1101 e foram mortos lutando contra os turcos. Um capitão inglês chamado Godric de Finchale juntou-se a duas missões distintas no leste na década seguinte à queda de Jerusalém, após o que se retirou para o oeste para se tornar um eremita.

Para certas famílias, como as dinastias Montlhéry e Le Puiset, casadas entre si, no centro da França, a peregrinação armada aos estados cruzados se tornaria uma tradição e um dever passado de geração em geração.[13]Para outros grupos, como os mercadores marítimos gananciosos e aventureiros de cidades-estado italianas como Pisa, Gênova e Veneza, auxiliar na sobrevivência e no crescimento dos estados cruzados tornou-se uma questão não apenas de piedade, mas também de uma oportunidade de negócios inestimável. Os navios pisanos que trouxeram o Patriarca Daimbert para o leste não duraram muito, mas em junho de 1100, o doge de

O filho de Veneza, Vitale Giovanni, chegou via Rodes com 200 navios e passou a emprestar o poder marítimo veneziano aos ataques dos cruzados na costa do Levante. Os genoveses enviaram mais de 150 galés entre 1100 e 1109, participando de campanhas de Cesareia, ao sul, até Mamistra, no interior da Cilícia, ao norte, e mantendo registros detalhados da política de Jerusalém e da Terra Santa em seus anais urbanos.[14]

Essas contribuições essenciais para a estabilização dos estados cruzados foram empreendidas com intenção piedosa e sensibilidade tanto ao desejo individual dos cidadãos de realizar peregrinações armadas penitenciais quanto ao desejo mais amplo da comunidade cívica de ganhar reputação por seus feitos religiosos. No entanto, ao mesmo tempo, as galés só entravam em batalha sob a condição de que seus ocupantes recebessem lucrativos direitos comerciais e receitas em cada cidade tomada. Fé e negócios eram dois lados da mesma moeda.[15]

Não se tratou de uma mudança radical. Embarcações pisanas e genovesas estavam envolvidas em guerras contra inimigos muçulmanos desde pelo menos 1087, quando ataques anfíbios a Mahdia (al-Mahdiyya) em Ifriqiya, realizados principalmente para fins comerciais, foram justificados como a busca por uma guerra justa contra os infiéis e a manifestação da "mão poderosíssima do nosso Redentor, pela qual a raça pisana venceu um povo ímpio".[16]Eles receberam direitos comerciais especiais para auxiliar os cruzados desde que Boemundo emitiu uma carta privilegiando os comerciantes genoveses em 14 de julho de 1098, apenas um mês após a queda de Antioquia.[17]A oportunidade de comprar postos avançados permanentes nas cidades recém-latinizadas do Mediterrâneo Oriental era boa demais para ser desperdiçada, combinando a oportunidade de demonstrar piedade cívica e apego ao movimento cruzado com a expansão econômica. Italianos que fizeram seus votos de cruzados e partiram para ajudar a conquistar, defender e guarnecer postos comerciais na costa síria e palestina seriam uma visão comum no leste cruzado por gerações futuras.

*

Na Sicília, o tio de Boemundo, o conde Roger I, que se recusara firmemente a ser enganado pela atração da guerra santa, seja em Ifriqiya ou na Palestina, estava chegando ao fim de seu reinado em 1099. A história estava destinada a relembrar apenas vagamente suas guerras contra as potências muçulmanas do Mediterrâneo, que empalideceram em

drama e renome ao lado do negócio da Cruzada de Jerusalém. No entanto, à sua maneira, ele havia alcançado um feito igualmente surpreendente.

Na virada do século, a Sicília havia sido arrancada firme e permanentemente do domínio árabe. Malta também foi conquistada em 1090. Rogério anulou as antigas reivindicações bizantinas de supervisionar a igreja em seus novos territórios, criando uma hierarquia eclesiástica latina supervisionada pelo próprio conde. Em 1098, o Papa Urbano II tomou a medida sem precedentes de conceder a Rogério o status de legado. Isso significava que ele tinha permissão para nomear seus próprios bispos – um privilégio surpreendente, considerando que a investidura estava no centro das guerras entre papas e reis em todo o Ocidente há décadas. Tendo chegado ao sul da Itália como filho mais novo em busca de fortuna, Rogério acabou se tornando o homem mais poderoso da região. Seu filho Rogério II, nascido na época do Natal de 1099, cresceu e se tornou o primeiro rei normando da Sicília e uma presença imponente na história do Mediterrâneo durante o século XII. Ao ganhar uma coroa, ele realizou as ambições reais de seu pai. O velho Roger morreu em junho de 1101 e foi enterrado em um belo túmulo na abadia de Mileto, na Calábria, onde acima de seu sarcófago de mármore românico foi erguido um dossel feito de pórfiro — a pedra salpicada de roxo que supostamente era reservada apenas para uso dos imperadores bizantinos.[18]Sua viúva, Adelaide del Vasto, que supervisionou a construção daquele belo túmulo, tornou-se mais tarde, ainda que por um curto e infeliz período, rainha consorte do Rei Balduíno I de Jerusalém. Apesar da reticência de Roger em relação às cruzadas, ele provou ser uma figura importante no desenvolvimento do movimento e na história mais ampla de sua época.

*

Depois, houve a Espanha, onde, assim como na Sicília, a guerra sancionada pelo papa contra um inimigo islâmico precedeu em muito a pregação das cruzadas de Urbano II. Ali, o novo formato de guerra que se estabeleceu na década de 1080 foi entre governantes como Afonso VI de Castela e Leão – o "imperador das duas religiões" – e os almorávidas do noroeste da África. A década de 1090 foi dominada por uma longa série de batalhas por Valência, governada por El Cid. A luta por Valência foi vencida pelos almorávidas: El Cid morreu em julho de 1099 e, três anos depois, em 1102, sua viúva Jimena Díaz foi aconselhada por Afonso a abandonar suas tentativas de defender a cidade e seus territórios.

acessórios, queimá-lo e recuar para lutar outro dia. Além de Valência, os almorávidas não reconquistaram mais territórios significativos dos príncipes cristãos do norte, mas sua chegada dramática ao continente europeu, atropelando os fragmentados estados taifa e mirando nos reis cristãos, contribuiu muito para promover a ideia de que as perpétuas disputas de fronteiras da península estavam dando lugar a uma luta cósmica e existencial entre dois blocos definidos pela fé, na qual só poderia haver um único vencedor. Afonso, por sua vez, viveu até 1109, quando morreu enquanto organizava a defesa de Toledo, o maior prêmio de sua carreira, do ataque dos almorávidas. Ele foi sepultado no mosteiro de Sahagún, no Caminho de Santiago, que havia sido convertido à obediência cluniacense sob sua direção e, portanto, desempenhou seu próprio papel na disseminação das ideias da guerra santa cristã e da expansão romana em áreas dominadas pelos muçulmanos. Era um lugar apropriado para Afonso descansar, e o escritor jurídico e historiador tunisiano do século XII, Ibn al-Kardabus, escreveu que sua morte foi um grande alívio para todos os muçulmanos.[19]

Graças a Afonso e outros como ele, no alvorecer do século XII, a Espanha passou a ser vista, sem dúvida, como uma importante fronteira de guerra santa entre governantes latinos cristãos e muçulmanos. Se havia alguma dúvida de que os confrontos na região estavam explicitamente ligados aos conflitos do Oriente, ela foi dissipada em 1096, quando Urbano escreveu a vários nobres de ambos os lados dos Pireneus, instando-os a não viajarem para a Terra Santa, mas sim a permanecerem e lutarem contra os almorávidas. "Se algum de vocês... planeja ir para a Ásia, que tente realizar o desejo de sua devoção aqui", escreveu Urbano. "Pois não há virtude em libertar os cristãos dos sarracenos de lá e, ao mesmo tempo, expor os cristãos daqui à tirania e à opressão dos sarracenos."[20]Além do apelo à simples conveniência geográfica, Urbano acrescentou a garantia de que a mesma remissão de pecados e "participação na vida eterna" prometida aos cruzados orientais acolheria aqueles que caíssem como mártires enquanto lutavam na Espanha. As Cruzadas, ao que parecia, não se tratavam exclusivamente de Jerusalém. O cronista Guibert de Nogent e o patriarca de Jerusalém, Daimbert de Pisa – ambos com experiência nas guerras contra os almorávidas antes de suas aventuras no Oriente – referiam-se aos territórios muçulmanos na Síria e na Palestina pelo termo genérico "Hispânia". Aparentemente, eles não reconheciam nenhuma diferença particular entre a luta contra os fanáticos berberes mascarados do noroeste da África.

e os reis taifa que eles deslocaram no sul da Península Ibérica, os seljúcidas sunitas da Ásia Menor e da Síria ou os fatímidas xiitas do Egito.[21]

*

Nunca se saberá se tudo isso foi como Urbano pretendia em Clermont. Tampouco há registros de como o papa reagiu à notícia, em 1099, de que Jerusalém havia sido conquistada. Uma carta endereçada a ele em setembro de 1099 por Daimbert, Godofredo de Bouillon e Raimundo de Toulouse narrava triunfantemente as aventuras dos cruzados, "cumprindo por nosso intermédio o que [Deus] havia prometido em tempos remotos". Os autores prosseguem:

> Nós vos convocamos, todos os bispos, clérigos devotos, monges e todos os leigos, a gloriar-vos na maravilhosa bravura e devoção dos nossos irmãos, na gloriosa e muito desejável recompensa do Todo-Poderoso, na remissão dos pecados que esperamos pela graça de Deus, e na exultação da Igreja Católica de Cristo e de toda a raça latina, para que Deus, que vive e reina pelos séculos dos séculos, vos faça sentar à sua direita.

E pediram que o papa e todos os fiéis cuidassem dos veteranos que retornavam da campanha, ajudando-os a saldar suas dívidas.[22]

No entanto, Urbano nunca recebeu a carta e nunca soube da queda de Jerusalém, pois quando a notícia chegou ao Ocidente, ele já estava morto. Ele expirou em 29 de julho de 1099, sendo sucedido por outro cluníaco, que adotou o nome de Pascoal II. Pascoal continuou a apoiar guerras contra os "moabitas e mouros" na Espanha e demonstrou considerável interesse em auxiliar nos esforços para garantir a sobrevivência dos estados cristãos no leste, que viriam a ser conhecidos coletivamente como Ultramar. Ele discutiu longa e duramente com os imperadores do Sacro Império Romano e tentou, sem sucesso, melhorar as relações com os Comnenos em Bizâncio. Ele não tentou repetir o grito de guerra de Urbano em Clermont – de fato, levaria muitos anos até que outro papa ousasse convocar outra missão na escala épica da Primeira Cruzada. Mas, enquanto isso, não faltariam cruzados dispostos.

[*] Essas folhas de palmeira eram muito valorizadas pelos cruzados, que as tomavam como troféus de sua vitória, muitas vezes levando-as de volta ao Ocidente para serem depositadas nos altares de instituições religiosas locais como marca do cumprimento de sua missão. Sobre isso, ver Riley-Smith, Jonathan, The First Crusaders: 1095–1131 (Cambridge, 1997), pp. 144–145.

PARTE II

Reino dos Céus

10

Sigurd, o peregrino de Jerusalém

Sessenta navios zarparam… por decreto do céu sagrado.

Alto, com cabelos castanho-avermelhados, "não bonito, mas bem proporcionado" e nunca inclinado a falar a menos que tivesse algo importante a dizer, Sigurd I da Noruega se tornou rei por volta dos treze anos de idade.[1] Isso foi em 1103, ano em que seu pai, Magnús Barelegs, foi atingido no pescoço com um machado por um irlandês e caiu morto, deixando a coroa conjuntamente para o adolescente Sigurd e dois de seus meio-irmãos: Eystein, alguns meses mais velho, e Olaf, que era pouco mais que uma criança.

Magnús – o apelido "Pernas Descalças" se referia à sua predileção por roupas curtas acima do joelho, à moda britânica – fora um governante severo e guerreiro, de fé cristã, mas com inclinação viking clássica, possuído por uma sede de viajar pelo mar que o levou a conquistas ao redor do Mar do Norte e além. Quando Sigurd era criança, seu pai o levara em uma de suas longas expedições habituais, e eles navegaram juntos para Órcades e as Hébridas, a Ilha de Man e o norte do País de Gales. Sigurd observou seu pai lutar contra gaélicos, maneses e normandos, vestindo uma túnica de seda carmesim decorada com leões dourados e brandindo uma espada com punho de marfim de morsa, à qual dera o apelido carinhoso de "Legbiter".[2]

Sigurd vira seu pai queimar campos, massacrar homens e exigir tributos das ilhas conquistadas. Também o vira realizar pequenos atos de misericórdia, e até mesmo de piedade, como quando Magnús parou na Ilha Sagrada de Iona, nas Hébridas, proclamou paz a todos os que ali viviam e se recusou ostensivamente, por reverência, a saquear a antiga cela de São

Columba. Em geral, porém, Magnús preferia o campo de batalha ao claustro, dizendo aos seus amigos que "deve-se ter um rei por feitos gloriosos, não por uma vida longa".[3]Foi abrupto, mas não surpreendente, que ele tenha sido morto em seu auge enquanto guerreava em algum lugar perto de Downpatrick, Irlanda, aos 29 anos.

De repente, Sigurd e seus irmãos tornaram-se reis conjuntos. Os dois rapazes mais velhos dividiram a Noruega entre si e concordaram em governar em conjunto enquanto esperavam que Olaf crescesse e reivindicasse sua parte do patrimônio. Tratava-se de um arranjo nada convencional, e assim que Sigurd se tornou adulto, começou a planejar suas próprias viagens para longe do reino congestionado. Para ele, os mares do Norte e da Irlanda não eram suficientes. Nos primeiros anos do século XII, viajantes começaram a retornar à Noruega vindos de lugares muito mais distantes. Alguns tinham ido à Palestina, outros a um lugar que chamavam de Miklagarth (A Grande Fortaleza), onde "adquiriram grande fama e puderam contar muitos acontecimentos".[4]Esta era Constantinopla, e é provável que alguns falassem de lucrativos serviços mercenários na Guarda Varangiana, a legião estrangeira que constituía a guarda pessoal de elite do imperador bizantino, recrutando seus membros da Inglaterra, dos estados germânicos e da Escandinávia (durante a década de 1030, o bisavô de Sigurdo, Harald Hardrada, havia sido comandante, viajando e lutando na Sicília, Ásia Menor e Mesopotâmia). Outros devem ter participado ativamente da Primeira Cruzada e dos estados cruzados emergentes. Certamente, um vizinho próximo, Sven da Dinamarca, marchou com 1.500 homens pela Ásia Menor em direção a Antioquia em 1097, alcançando seu martírio cedo demais ao ser atacado pelas forças de Qilij Arslan; seus homens foram derrotados e Sven e sua esposa Florina da Borgonha foram crivados de flechas.[5]

Portanto, a noção de escandinavos encontrados longe de casa, lutando com e contra povos do Mediterrâneo oriental, não era totalmente estranha.[6]Mas, na primeira década do século XII, rumores sobre eventos que ocorriam do outro lado da cristandade encheram os noruegueses de uma excitação sem precedentes, e homens por todo o reino começaram a falar em viajar para a Terra Santa. Aos dezessete anos, Sigurd – possuído pelo instinto aventureiro de um jovem e, talvez, pelo senso viking de gerações de que grandes riquezas geralmente se encontravam do outro lado do mar – concordou em liderá-los. Ele fez um pacto com seu irmão mais velho, pelo qual Eystein concordou em governar todo o reino enquanto Sigurd liderava um exército expedicionário para a Terra Santa.

Mediterrâneo. No outono de 1107, Sigurd equipou uma frota e partiu para o mar com, segundo se calculou mais tarde, 10.000 homens sob seu comando. "Sessenta navios zarparam, alegremente atracado, portanto, por decreto divino", escreveu um skald (poeta bardo) islandês chamado Thórarin Stuttfield.[7]A armada de sessenta navios longos — normalmente com 30 metros (100 pés) de comprimento, com dragões rosnando na proa, velas quadradas ondulantes e uma tripulação de até sessenta remadores em cada — era uma visão poderosa e assustadora.[8]

*

Sigurd fez a primeira parada de sua jornada na Inglaterra, onde Harald Hardrada disputou o trono durante as revoltas de 1066. Cinco décadas depois, os normandos estavam no comando total da região e um cronista posterior afirmou que "a paz permaneceu inalterada".[9]Isso não era inteiramente verdade. O filho de Guilherme, o Conquistador, Roberto, duque da Normandia, um dos príncipes da Primeira Cruzada que ajudou a tomar Jerusalém, retornou da Terra Santa em 1100 e encontrou seu irmão mais novo ocupando o trono inglês como Rei Henrique I. Roberto havia perdido a chance de usar uma coroa, e em 1105-1106 as coisas pioraram muito. Henrique invadiu o ducado da Normandia de Roberto, derrotou-o em batalha perto de Tinchebray e o levou de volta à Inglaterra como prisioneiro. Quando Sigurd chegou para passar o inverno, o herói cruzado foi trancado no castelo de Devizes. Ele passaria o resto de sua vida na prisão, morrendo no castelo de Cardiff em 1134, quando já estava na casa dos oitenta.

Sigurd, por ter chegado em paz, foi tratado muito melhor que Roberto. O cronista Guilherme de Malmesbury disse que ele era "comparável aos heróis mais bravos", e recebeu total proteção da coroa normanda.[10]Para demonstrar sua gratidão, e em consonância com seu status de peregrino a caminho da Terra Santa, Sigurd doou vastas somas a várias igrejas inglesas. Então, quando o vento aumentou na primavera de 1108, ele deixou a Inglaterra, atravessou o Canal da Mancha e rumou para o sul. Sua frota avançou majestosamente ao longo da costa atlântica da França antes de contornar o Golfo da Biscaia. Perto do final do verão, aportaram na Galícia, que os noruegueses conheciam como Jákobsland – a terra de Santiago de Compostela.

Ali, novamente, passaram o inverno, embora tenha sido uma estadia menos tranquila do que a que haviam desfrutado na Inglaterra. O governante da Galícia, Afonso VI de Castela e Leão, tinha menos de um ano de vida e estava ocupado em outros lugares de seus vastos territórios. Seu herdeiro masculino, Sancho, havia sido morto em batalha pelos almorávidas naquele verão, e a autoridade da recém-designada sucessora de Afonso, sua filha Urraca, era altamente incerta até que o rei pudesse decidir com qual magnata desejaria casá-la. A hospitalidade galega, portanto, dependia da boa vontade da nobreza local.[11]Um acordo com um conde (jarl) anônimo para fornecer aos noruegueses um mercado de inverno permanente fracassou, e após o Natal, os nortistas foram obrigados a vasculhar o campo em busca de sustento, com resultados previsíveis. Houve um confronto entre o conde e os homens de Sigurd, "após o qual o conde fugiu, pois tinha apenas uma pequena força".[12]Sigurd saqueou o castelo do conde, reabasteceu seu exército e zarpou, rumo ao sul novamente. Seus homens agora tinham gosto pela batalha e, quando encontraram os primeiros muçulmanos – uma frota pirata que os atacou no mar –, responderam ferozmente, apreendendo oito das galés piratas e dispersando as demais.

Eles seguiram viagem. À sua esquerda, enquanto navegavam, estava o condado de Portugal. Era uma região fronteiriça: sob domínio muçulmano, mas firmemente na mira do genro de Afonso VI, Henrique da Borgonha, que tentava estender seu próprio domínio cristão na região. Os noruegueses não passaram pacificamente. Segundo o poeta e cronista islandês do século XIII, Snorri Sturluson, o rei atacou o castelo muçulmano em Sintra, onde "os pagãos se haviam estabelecido e atormentavam os cristãos. Conquistou a fortaleza e matou todos os que nela viviam, porque se recusaram a ser batizados". Embora tenha escrito muito tempo depois dos eventos, Snorri não nutria dúvidas sobre o status de Sigurd como um soldado de Cristo, mesmo que não tivesse feito nenhum voto formal de cruzado. Ele também observou que seu herói "fez muito saque lá".[13]

Havia também espólio um pouco mais adiante, em Lisboa (al-Ushbuna), que tinha uma população mista de cristãos e muçulmanos. Sigurd não foi o primeiro guerreiro escandinavo a desembarcar em Lisboa com uma espada na mão: em 844, um exército viking liderado por um dinamarquês chamado Halstein e pelo rei sueco Bjorn Ironside defendeu a cidade por treze dias a caminho de um ataque audacioso a Sevilha. O historiador contemporâneo de língua árabe Ibn Idhari imaginou como eles "encheram o oceano de pássaros vermelho-escuros, da mesma forma que encheram os corações dos homens de medo e tremor".[14]De

Claro, havia uma diferença importante: os visitantes de 844 eram piratas pagãos, enquanto em 1109 Sigurd chegou como um saqueador explicitamente cristão, elogiado por seu contemporâneo, o skald Halldór Skvaldri, por derrotar os "infelizes pagãos".[15]

Após novos ataques a um castelo ao sul de Lisboa e uma batalha contra corsários muçulmanos em torno de Norvasund – ou Gibraltar – Sigurd desembarcou em seguida no pequeno e árido posto avançado de Formentera, nas Ilhas Baleares. As ilhas, que também incluíam Maiorca, Menorca e Ibiza, ainda eram um reino taifa independente, pois os almorávidas ainda não haviam cruzado o Mar Balear e as subjugado. Formentera – árida, arenosa e com apenas cerca de 80 km² em sua totalidade – era ocupada por piratas africanos negros que "assolavam a ilha por toda parte" e haviam criado uma fortaleza improvisada adicionando muros de pedra a um sistema de cavernas nos penhascos, localizado talvez perto do atual Far de la Mola, no extremo leste da ilha. Eles não se intimidaram nem um pouco com a chegada de um bando de nortistas pálidos ao pé dos penhascos. De acordo com Snorri Sturluson, eles "trouxeram coisas caras e outras coisas preciosas para a muralha, sacudiram-nas para os noruegueses, gritaram com eles, incitaram-nos a se aproximar e zombaram deles".[16]

Eles partiram para cima deles. Obedecendo à máxima de seu pai sobre feitos gloriosos que superam uma vida longa, Sigurd ordenou que suas tropas encontrassem um caminho pelo qual pudessem arrastar dois pequenos barcos até o topo do penhasco. Feito isso, os homens subiram a bordo e as lanchas foram baixadas com cordas fortes até a entrada das cavernas. Dessa posição, os noruegueses dispararam uma saraivada de pedras e flechas, forçando os defensores a recuarem de sua muralha mais externa. Enquanto isso, Sigurd liderou uma escalada arrepiante pela face do penhasco. Quando ele e seus companheiros escaladores chegaram ao topo, despedaçaram a muralha defensiva e acenderam fogueiras que encheram as cavernas com uma fumaça sufocante. "Alguns pagãos perderam a vida [no incêndio], outros se lançaram contra as armas dos noruegueses; mas todos foram mortos ou queimados", escreveu Snorri Sturluson. "Os noruegueses levaram a maior quantidade de saque que haviam conseguido nesta expedição."[17]Parecia que lutar em nome do Senhor já estava se mostrando um negócio lucrativo.

*

Depois de Formentera, Sigurd e seus homens passaram algum tempo aterrorizando Ibiza. Então, nas palavras de Halldór Skvaldri, eles "encarnaram" suas lanças "na verde Menorca", antes de cruzarem o mar em direção a um terreno mais amigável na Sicília, chegando na primavera de 1110.[18]Ali, Sigurd foi recebido por um governante com quem compartilhava a juventude, pois o Conde Rogério II tinha apenas quatorze anos. Ao contrário de Sigurd, porém, Rogério ainda não exercia o poder sozinho. Em vez disso, a Sicília era controlada por sua mãe, Adelaide, que, na época da chegada de Sigurd, era "a grande governante feminina, a malikah da Sicília e da Calábria, a protetora da fé cristã".[19]

Snorri Sturluson afirmou que Sigurd e Roger banquetearam juntos por uma semana inteira, com o rei norueguês sendo servido pessoalmente à mesa pelo jovem conde. Isso pode ou não estar correto – certamente Snorri estava enganado ao escrever que Sigurd conferiu a realeza plena a Roger; o conde siciliano só foi elevado à coroa em 1130. No entanto, a Sicília era um ponto de parada natural para qualquer pessoa que viajasse para o leste por mar, e um período de banquetes e comemorações mútuas teria sido uma maneira compreensível para esses dois jovens governantes passarem o tempo enquanto os homens de Sigurd consertavam e reabasteciam seus navios. Ambos eram membros de uma nova geração de governantes guerreiros que teriam que encontrar seu lugar em um mundo onde a guerra entre forças cristãs e muçulmanas seria inevitavelmente enquadrada no contexto das cruzadas, e talvez eles discutissem esse fato. Ou talvez eles simplesmente se divertissem em meio ao esplendor exótico da corte de Roger. Seja lá o que tenha acontecido entre eles, para Sigurd e seu bando de vikings, a costa palestina agora estava tentadoramente próxima.

*

As rotas marítimas ao redor da Palestina estavam movimentadas – e um pouco perigosas – durante o verão de 1110. A primeira década do século XII viu um afluxo de peregrinos de todo o mundo cristão, e seus navios engrossaram o tráfego habitual de mercadores, patrulhas militares fatímidas e piratas. Um diário de peregrino escrito após 1102-1103 registrou as cenas no sul da Itália, quando peregrinos embarcavam para a Terra Santa a partir de Bari, Brindisi, Barletta, Siponto, Trani, Otranto e Monopoli: todos os principais portos da costa adriática da Apúlia.[20]E isso era apenas a Apúlia. Sigurd teria passado por dezenas de outros portos agitados enquanto atravessava o "Mar Grego" - isto é, o Egeu - uma rota que

envolvia ficar perto da costa e pular de ilha em ilha do Peloponeso através das ilhas Cíclades e Dodecaneso, depois seguir a costa do sul da Anatólia antes de cruzar para a Palestina via Chipre.[21]Ali seguia um enorme volume de tráfego humano, com visitantes descendo pelo Mediterrâneo oriental vindos de todos os lugares entre as Ilhas Britânicas e as estepes ucranianas. Nos dias de 1110, quando Sigurd e seus homens avistaram a costa, havia também três navios transportando peregrinos de Flandres e Antuérpia e outro de Bizâncio, carregado com "mercadorias e provisões", sendo perseguidos por uma frota naval fatímida.[22]A cruzada e sua dramática reformulação do equilíbrio de poder na Síria e na Palestina abriram possibilidades tentadoras para aqueles que desejavam rezar, lutar, ganhar dinheiro – ou fazer um pouco das três coisas. Eram águas agitadas.

A primeira luta que os noruegueses tentaram travar ao chegarem às águas palestinas foi com os habitantes de Ascalon. Apesar da batalha de agosto de 1099, Ascalon permaneceu em poder dos fatímidas e serviu de refúgio para navios egípcios que poderiam socorrer cidades muçulmanas mais ao norte da costa, sob ataque dos Estados cruzados. Sigurd aproximou-se de Ascalon e "ancorou no porto da cidade... durante horas inteiras do dia e da noite para ver se algum homem da cidade o encontraria por terra ou mar, com quem pudesse tramar alguma batalha por acidente ou intenção", escreveu Alberto de Aachen. "Mas... os ascalonitas permaneceram em silêncio e não ousaram sair."[23]A luta teria que esperar. Sem nenhuma batalha em jogo, Sigurd ordenou que sua frota se movesse para o norte, desembarcando em Jaffa antes de prosseguir para Acre. Em Jaffa, Sigurd encontrou o Rei Balduíno I e os dois monarcas se cobriram de beijos de respeito mútuo antes de seguirem para o leste, em direção à Cidade Santa.

Sigurd teve a honra de ser o primeiro rei ocidental a visitar os estados cruzados e recebeu o tratamento real apropriado. Ele e Balduíno marcharam esplendorosamente para Jerusalém, acompanhados por "todo o clero, trajado com alvas e com todas as vestes esplêndidas da religião divina, cantando hinos e canções".[24]Seguiu-se um passeio pelos locais sagrados dentro e ao redor de Jerusalém, após o qual os dois reis se banharam juntos no Jordão. O grande escaldo Einar Skúlason compôs posteriormente um verso para comemorar o momento:

> Peregrinação pacífica feita
> o príncipe – sob o amplo céu, senhor
> mais nobre nunca foi

conhecido – através da Terra Sagrada.[25]

Balduíno presenteou Sigurd com uma lasca da Santa Cruz, e o jovem prometeu levá-la para casa e exibi-la no túmulo de Santo Olavo, um antigo rei norueguês famoso por promover o cristianismo no então reino pagão, que foi canonizado algumas décadas depois, apesar de ter levado uma vida violenta e colorida que terminou quando ele foi assassinado por seus próprios súditos em 1030.[26]Apesar de concordarem que Olaf era um homem que merecia veneração com um pedaço da relíquia mais sagrada do mundo conhecido, os dois reis cristãos concordaram que seu próximo dever seria viajar para o norte e sitiar Sidon.

*

Na época da chegada de Sigurd ao leste, os estados cruzados haviam se expandido consideravelmente. O reino de Jerusalém havia se expandido para dominar praticamente todo o litoral entre Jaffa e Acre, a bela e bem defendida cidade portuária que havia caído em 1104. Ao norte, o recém-estabelecido condado de Trípoli e, além dele, o principado de Antioquia, detinham praticamente todos os principais assentamentos entre Beirute e Alexandreta. No entanto, entre essas duas áreas, as cidades libanesas de Tiro e Sídon resistiam obstinadamente. Com uma frota de navios de guerra e milhares de homens sob seu comando, Sigurd estava perfeitamente posicionado para ajudar a submeter um ou mais deles ao domínio latino.

De acordo com Ibn al-Qalanisi, escrevendo em Damasco, o cerco de Sidon durou quarenta e sete dias, começando em 19 de outubro de 1110. Os sessenta navios de Sigurd, "carregados com homens de armas", impuseram um bloqueio e seus números garantiram que a frota egípcia, estacionada a 36 km de distância, no porto seguro de Tiro, não ousasse se aventurar ao norte para tentar interrompê-lo.[27]Enquanto isso, do lado da terra, Balduíno preparava-se para um ataque às muralhas. Os cidadãos tentavam expulsar os sitiantes com pedras atiradas à mão e com uma catapulta. Os engenheiros do exército latino começaram a trabalhar em uma torre de cerco com rodas de polia na base e uma estrutura feita de "ramos de videira, esteiras e peles de boi úmidas como proteção contra mísseis e fogo grego".[28]

Quando ficou pronto, foi levado até as muralhas de Sidon, permitindo que os soldados em seu convés superior atirassem flechas de besta na cidade.

ruas abaixo. Segundo Ibn al-Qalanisi, esses combatentes estavam equipados com baldes de água e vinagre para se molhar caso fossem incendiados. Alberto de Aachen soube que os cidadãos de Sidon tentaram cavar minas sob a torre, mas que seu plano vazou e fracassou. Por fim, os sitiados decidiram que já tinham tido o suficiente e, em 4 de dezembro, Sidon rendeu-se ao Rei Balduíno. A guarnição marchou sob garantia de salvo-conduto e todos os muçulmanos que desejassem partir foram autorizados a descer para Damasco. Aqueles que ficaram para trás foram submetidos a um tributo coletivo de 20.000 dinares, que, segundo Ibn al-Qalanisi, "os reduziu à pobreza".[29]Snorri Sturluson, como sempre, mencionou que as tropas de Sigurd fizeram muitos saques.[30]Eles haviam extraído tantos saques em sua jornada que, quando cruzavam os mares, as velas de seus navios brilhavam com bugigangas caras que eles anexavam para anunciar seu prestígio.

Tendo ajudado a tomar Sídon e peregrinado a Jerusalém, Sigurd considerou sua missão cumprida. Partiu do reino cruzado via Acre, permaneceu por um tempo no Chipre bizantino e, em 1111, seguiu a costa da Ásia Menor para oeste, até Constantinopla. À medida que se aproximavam de "Micklagarth", escreveu Snorri, seus navios navegavam em formação tão compacta que pareciam "uma muralha ininterrupta".[31]

*

Aleixo Comneno, como de costume, recebeu os visitantes de braços abertos. Outros homens poderiam ter se fartado de cruzados, pois em 1107-1108, enquanto Sigurdo atormentava a Galícia, o antigo adversário do imperador, Boemundo, marchou com um exército contra a Ilíria – território imperial nos Bálcãs – em um ataque que Boemundo reivindicou como uma cruzada (o exército de Boemundo, formado na França, Inglaterra, Itália, Alemanha e outros lugares, continha pelo menos um norueguês, chamado Hamundr de Vatnsfjord). No entanto, pela primeira vez, esse confronto terminou em vitória para Aleixo. Após uma pesada derrota em Dirráquio, Boemundo foi forçado a concordar com um tratado pelo qual se reconhecia como vassalo feudal do imperador e concordava em respeitar os direitos bizantinos em Antioquia. Ana Comnena registrou com alegria os termos da humilhação de Boemundo. 'Como um pescador pego de surpresa por uma tempestade, [eu] aprendi minha lição', ela o fez dizer. 'Eu aprendi

Recuperei meus sentidos, ajudado principalmente pela ponta da lança [de Vossa Majestade]... Comprometo-me a armar minha mão direita contra todos os que se opõem ao seu poder, seja o rebelde um cristão ou um estranho à nossa fé, um daqueles a quem chamamos de pagãos.' Foi uma calamidade retumbante da qual Boemundo nunca se recuperou. Seis meses após a assinatura do tratado de Devol, o astuto e velho normando morreu na Lombardia.

Sigurd, para grande deleite do imperador, não era outro Boemundo, e Aleixo podia se dar ao luxo de tratá-lo magnanimamente. Snorri Sturluson escreveu que Sigurd foi homenageado em Constantinopla com uma série massivamente extravagante de jogos municipais, nos quais Aleixo gastou o equivalente a 600 libras de ouro. Ele foi prodigalizado com presentes e bajulação. Então, finalmente, chegou a hora de voltar para casa. Sigurd trocou seus navios com Aleixo por cavalos e, em sinal de respeito, doou os grandes dragões dourados da proa da nau capitânia do rei para serem instalados em uma das igrejas do imperador. Muitas das tripulações dos navios também optaram por permanecer em Bizâncio e se juntar ao serviço do imperador. Aqueles que não o fizeram se juntaram a Sigurd em suas viagens por terra pela Bulgária, Hungria e os estados germânicos. Ele chegou em casa e encontrou seu reino prosperando e seu povo feliz em vê-lo de volta. "Acreditava-se que nenhuma expedição mais honrosa havia partido da Noruega", escreveu Snorri.[32]Sigurd tinha apenas vinte anos.

*

Em seus últimos anos, Sigurd da Noruega enlouqueceu. Imaginava ver peixes nadando em sua banheira e, a partir de então, passou a ter crises de riso maníaco que o deixavam indefeso. Apesar disso, conseguiu compartilhar a realeza com seus irmãos pacificamente e sobreviveu a ambos. Conjectura-se que ele sofria de algum tipo de transtorno de estresse pós-traumático, mas isso é incerto. Ele não depositou seu fragmento da Verdadeira Cruz no túmulo do venerado Olavo, mas o doou a uma igreja de sua própria fundação em Kungahälla, juntamente com um retábulo que havia encomendado em Bizâncio, que era "de bronze e prata, lindamente dourado e cravejado de esmalte e joias".[33] Em 1135, a cidade, localizada perto do que hoje é Gotemburgo, na Suécia, foi saqueada e incendiada por um povo pagão conhecido como Wends. Naquela época, Sigurd já estava morto, aos quarenta anos, após ter governado como rei por vinte e sete anos.

A viagem de Sigurd por quase todos os cantos da cristandade entre 1107 e 1111 foi uma jornada que não só nos dá um instantâneo do mundo mediterrâneo como havia sido alterado pelos exércitos da Primeira Cruzada e outras invasões cristianizadoras na Península Ibérica e na Sicília, mas também sugere as maneiras pelas quais esse mundo – e as cruzadas – estavam prestes a se desenvolver nas décadas seguintes. O ataque norueguês a Lisboa prenunciou um ataque cruzado muito maior que deixou a cidade semidestruída em 1147. Do outro lado da península espanhola, os homens de Sigurd também mostraram outro caminho para guerreiros cristãos empreendedores, nas Ilhas Baleares. Após os ataques noruegueses, um exército cristão conjunto de pisanos e catalães, com voluntários de todas as cidades-repúblicas italianas e do sul da França, começou a planejar um esforço mais concentrado para conquistar as ilhas e varrer o estado taifa. Entre 1113 e 1115, uma série de ataques, abençoados com o reconhecimento papal oficial por meio de uma bula emitida por Pascoal II, capturaram todas as principais cidades das ilhas, incluindo Palma, em Maiorca. Isso se mostrou inútil, pois em 1116 os almorávidas finalmente cruzaram o Mar Balear e expulsaram os conquistadores cristãos, em uma ação que garantiria que as ilhas permanecessem em mãos muçulmanas por mais um século. No entanto, Sigurd, com seu abrandamento anterior em Ibiza, Menorca e Formentera, havia mostrado o que era possível fazer.

Enquanto isso, na Sicília, Sigurd se associou ao crescente prestígio do regime normando de Hauteville, estabelecido e garantido por Robert Guiscard e Roger I. Ele parece, se acreditarmos em Snorri Sturluson, ter encontrado o favor do regime da Condessa Adelaide e do jovem Roger II, e ao mesmo tempo traçou um caminho que seria seguido por muitos outros depois dele, principalmente no final do século XII, durante a cruzada de Ricardo Coração de Leão.

Ao chegar aos Estados Latinos, Sigurd demonstrou precisamente que tipo de relação de trabalho poderia ser estabelecida entre monarcas ocidentais em peregrinação militarizada e os reis de Jerusalém, que sempre precisariam da assistência do mundo latino. Os homens de Sigurd não parecem ter demonstrado o mesmo interesse em garantir direitos comerciais permanentes no Oriente, à maneira dos aventureiros navais de Pisa, Gênova e Veneza; seus interesses econômicos residiam no Mar do Norte e no Báltico. No entanto, eles demonstraram que a perspectiva de saques valiosos na Terra Santa era alcançável para aqueles que ousassem ser ousados. E em suas negociações com o imperador Aleixo, sugeriram:

que, independentemente do rancor causado pela divisão dos despojos após Antioquia em 1098, ainda era possível que estrangeiros mantivessem relações amistosas tanto com os latinos quanto com os gregos do Mediterrâneo oriental. Muitos outros ficariam aquém desse ideal bipartidário.

Se a jornada de Sigurd pode ser verdadeiramente classificada como uma cruzada é uma questão de conjectura. Em 1110, o objetivo final da Primeira Cruzada já havia sido alcançado há muito tempo; Jerusalém estava em mãos latinas. Urbano II estava morto. Até onde sabemos, Sigurd não fez um voto oficial de cruzado. Ele não estava atendendo ao chamado de Roma ou mesmo de Bizâncio, mas de seus próprios súditos noruegueses, que gostavam da perspectiva de uma expedição de longo alcance em busca do "espólio" e de lutas com "pagãos" que são mencionados implacavelmente pelas fontes que relatam a aventura. O apelido que ele ganhou por seus feitos – Sigurd, o Viajante de Jerusalém (Jórsalafari) – deixa claro que chegar a Jerusalém era seu objetivo e sua conquista mais notável. Mas isso o tornava um cruzado ou apenas um peregrino armado?[34]Ou será que essa distinção não teria significado muito para ele?

É impossível julgar se Sigurd se considerava definitivamente um peregrino, um saqueador piedoso que por acaso cometeu muitas mortes, ou o líder de uma missão diretamente análoga à empreendida pelos primeiros cruzados, e isso é provavelmente irrelevante. Mais importante ainda é que este rei do norte sentia um vínculo forte o suficiente com as guerras do sul e leste do Mediterrâneo para passar três anos longe de casa, arriscando a vida para participar delas. A jornada de Sigurd – seja uma peregrinação ou uma cruzada – mostrou que os eventos de 1095-1099 haviam iniciado um processo pelo qual a expansão e a defesa das terras cristãs, da Palestina a Lisboa, estavam se tornando um empreendimento corporativo atraente para toda a cristandade ocidental: uma causa à qual voluntários de todos os tipos se uniriam, na esperança de obter recompensas abundantes, seja neste mundo ou no próximo.

11

Campos de Sangue

Não são apenas os pobres e fracos que enfrentam perigos…

A festa de casamento do califa em Bagdá, realizada durante o Ramadã em março de 1111, deveria ser um momento de grande celebração pública. Al-Mustazhir bi-Allah era o líder espiritual do mundo sunita e chefe da dinastia abássida, que ocupara esse cargo por mais de 350 anos. Como emir al-mum'minin (Comandante dos Fiéis), seu nome era lido em voz alta nas orações de sexta-feira em todos os reinos obedientes desde sua ascensão ao trono em 1092, e as elegantes moedas de dinar de ouro cunhadas na casa da moeda de Bagdá traziam suas inscrições. Era verdade que, por muitas gerações, a autoridade dos abássidas vinha se desintegrando, à medida que o poder prático de sultões, emires e senhores da guerra crescia. Mas al-Mustazhir bi-Allah ainda era o califa, assim como o sogro do Profeta, Abu Bakr, havia sido, tantos anos antes. Ele esperava que seu casamento recente fosse celebrado em grande estilo.

Sua noiva era Ismah Khatun, neta do grande sultão seljúcida Alp Arslan, filha de Malik-shah e irmã do atual sultão, Muhammad I. Seu nome, Ismah, significava "modéstia". Sua linhagem era impressionante; seu caráter, ainda mais. Um estudioso de Baghdadi do século XIII a elogiou como "uma mulher muito inteligente, uma aristocrata e uma virago [cuja] determinação era inabalável".[1] Ao longo de sua vida, ela fundaria uma das principais faculdades de direito do mundo. Em março de 1111, ela veio de Isfahan, onde o casal já havia se casado, para ocupar seu lugar no palácio do califa. Em preparação para sua chegada

As ruas de Bagdá foram fechadas ao tráfego e decorações luxuosas foram penduradas por todos os lados.[2]

Após uma jornada de cerca de 1.000 km, Ismah Khatun chegou à cidade em 22 de março. Segundo Ibn al-Qalanisi, ela entrou "com tamanha magnificência e com tamanha quantidade de joias, dinheiro, utensílios, carruagens e animais de montaria de todos os tipos, móveis, uma variedade de vestimentas suntuosas, criados, guardas, escravas e seguidores, que excede qualquer cálculo".[3]No entanto, no momento em que esse desfile opulento chegou, toda a alegria pública cuidadosamente coreografada de Bagdá se dissipou. A perturbação, como vinha acontecendo com bastante frequência, teve origem nos atos dos malditos francos.

Um mês antes da chegada da princesa, outra delegação havia chegado a Bagdá. Esta vinha de Alepo e, em vez de camelos, escravas e bugigangas caras, era composta por sufis, comerciantes descontentes e advogados. Eles estavam em Bagdá para reclamar da falta de apoio efetivo demonstrado pelos califas e sultões aos muçulmanos da Síria, que por mais de uma década vinham se esforçando, sem sucesso significativo, para impedir que os infiéis europeus tomassem suas cidades, invadissem suas fortalezas, roubassem suas caravanas, matassem seus vizinhos e sequestrassem suas esposas e filhos. Apesar de dezenas de tentativas de conter e repelir os cruzados, por meios que incluíam cerco, batalha e trégua, os francos permaneceram obstinados e gananciosos, uma ameaça aos fiéis e um fardo para a terra. Mais recentemente, o rei Balduíno e outro dos reis infiéis – que trouxe consigo sessenta navios – haviam tomado e subjugado Sidon. Não era difícil imaginar que grandes cidades governadas por muçulmanos, como Tiro, Aleppo ou Damasco, poderiam ser as próximas.

Assim, animados pelo medo e pela frustração, na sexta-feira, 17 de fevereiro, os manifestantes de Alepo se apresentaram pela primeira vez na mesquita do sultão em Bagdá. Segundo Ibn al-Qalanisi, eles

> expulsaram o pregador do púlpito e o quebraram em pedaços, clamando e chorando pelos infortúnios que haviam se abatido sobre o islamismo nas mãos dos francos... Eles impediram o povo de realizar o culto, enquanto os assistentes e líderes, para acalmá-los, prometeram, em nome do sultão, enviar exércitos.[4]

Mas os exércitos não se mobilizaram num estalar de dedos, então, na sexta-feira seguinte, 24 de fevereiro, os manifestantes repetiram tudo. Desta vez, o alvo era

o palácio, onde a mesquita do próprio califa foi vandalizada: outro púlpito foi demolido, outro conjunto de orações foi destruído e as grades da maqsura — o santuário privado de orações do califa — foram danificadas.[5]

Era de conhecimento geral em Bagdá que os enviados de Aleixo Comneno haviam investigado a possibilidade de formar uma aliança audaciosa entre seljúcidas e bizantinos contra os latinos do norte da Síria, e esse fato foi lançado à cara das autoridades. "Vocês não se envergonham diante de Deus Todo-Poderoso de que o imperador bizantino demonstre maior zelo pelo Islã do que vocês?", perguntou a multidão enfurecida de Alepo.[6]Nenhuma resposta foi dada. Assim, os manifestantes permaneceram em Bagdá por mais algum tempo. E, compreensivelmente, quando o cortejo nupcial de Ismah Khatun chegou à cidade algumas semanas depois, perfumado de riqueza e elegância, eles perderam o autocontrole mais uma vez. "A tranquilidade da cidade e a alegria com sua chegada foram perturbadas", escreveu Ibn al-Qalanisi, com aspereza. O califa ficou indignado e exigiu que os manifestantes fossem presos e punidos. O sultão Muhammad, talvez aconselhado por sua inteligente irmã virago, objetou. Em vez disso, enviou uma mensagem por Bagdá para que todos os emires e comandantes presentes retornassem às suas cidades "e se preparassem para partir para a Guerra Santa contra os infiéis, os inimigos de Deus".[7]

*

Em Jerusalém, Trípoli, Antioquia e Edessa, os inimigos de Deus – ou, como eles próprios se viam, o povo protegido pela graça de Deus e pelo poder de suas relíquias, incluindo a Verdadeira Cruz – tinham suas próprias preocupações. Embora tivessem conquistado ganhos constantes ao longo da costa e estivessem começando a fortalecer seu domínio no interior, a expansão e a defesa dos estados cruzados representavam um custo significativo, e eles dependiam fortemente do apoio da extremidade ocidental do Mediterrâneo para mão de obra e suprimentos. Era verdade, como os cidadãos aflitos de Alepo haviam reclamado, que os francos haviam repelido os ataques de vários emires sírios, incluindo uma grande expedição liderada contra Edessa por Tughtakin, atabeg de Damasco, em 1110. No entanto, sempre houve a sensação, expressa pelo capelão do Rei Balduíno, Fulcher de Chartres, de que, se o mundo islâmico algum dia achasse adequado se unir e atacar como um só, os francos estariam condenados. "Foi um milagre maravilhoso termos vivido entre tantos milhares de milhares".

e, como seus conquistadores, fizeram de alguns deles nossos tributários e arruinaram outros saqueando-os e tornando-os cativos', escreveu ele.[8]

Peregrinos que viajavam para os estados latinos quase sempre notavam o precário estado de segurança no oriente cristão. Daniel, o Abade, um clérigo russo que chegou a Jerusalém logo após a Primeira Cruzada em uma peregrinação de dezesseis meses, vindo de algum lugar ao norte de Kiev (possivelmente Chernigov), escreveu com admiração sobre os locais sagrados que viu e adorou, e as amplas margens do Rio Jordão, que o lembravam do Rio Snov em sua terra natal. Mas ele também alertou outros sobre as perigosas estradas palestinas, onde "pagãos vêm em grande número e atacam", e as áreas montanhosas ao redor de Belém, que só podiam ser exploradas com um guia muçulmano, "por causa dos pagãos, pois os sarracenos abundam e praticam banditismo naquelas montanhas".[9]Um peregrino britânico chamado Saewulf empreendeu uma viagem semelhante mais ou menos na mesma época. Ele sofreu naufrágios em diversas ocasiões, foi atacado por piratas fatímidas e registrou ter visto cadáveres de outros viajantes espalhados pela beira da estrada através das colinas da Judeia, entre Jaffa e Jerusalém, deixados insepultos e com as gargantas cortadas por ladrões. "Não apenas os pobres e os fracos enfrentam perigos, mas também os ricos e os fortes", escreveu ele.[10]

Infelizmente para Saewulf, Daniel e seus semelhantes, havia muito pouco que Balduíno de Jerusalém e os outros senhores dos estados cruzados podiam fazer para protegê-los.[*]Após os protestos de Alepo em Bagdá, em 1111, terem instigado o califa e o sultão a agir, eles enfrentaram não apenas o banditismo e a pirataria comuns, mas também uma nova onda de ataques do império seljúcida. No verão de 1111, uma coalizão incluindo emires da Mesopotâmia e da Armênia governada pelos turcos, liderada por Mawdud, atabeg de Mosul, lançou um ataque bem-sucedido a Turbessel (Tell Bashir), perto de Edessa, o que forçou o governante da cidade, Joscelin de Courtenay, a pagar tributos para aliviar suas muralhas. No ano seguinte, um cerco franco a Tiro, liderado pelo Rei Balduíno, foi derrotado quando os cidadãos queimaram as máquinas de cerco, e Tughtakin ameaçou enviar um exército de alívio. Em maio de 1113, outro exército, composto por tropas lideradas por Tughtakin e Mawdud, invadiu o norte da Palestina e, em uma batalha travada perto de Tiberíades, às margens do Mar da Galileia, capturou brevemente o próprio Balduíno, despojando-o de suas armas antes que o rei conseguisse escapar. Balduíno sobreviveu, mas um número suficiente de seus homens foi morto, de modo que, segundo Ibn al-Qalanisi, "a água estava tão misturada com sangue que as tropas se abstiveram de bebê-la".[11]

No entanto, embora os seljúcidas tenham tido a vantagem por um breve período, não conseguiram aproveitá-la. Em 2 de outubro de 1113, Mawdud foi assassinado a caminho da mesquita em Damasco por um único agressor, provavelmente um membro da seita Nizari Ismaili, conhecida na história como os Assassinos.[†] Os Assassinos se estabeleceram em fortalezas nas montanhas do leste da Síria e da Pérsia e eram odiados em igual medida por sunitas e xiitas, principalmente porque seus guerreiros de elite eram treinados na arte de ataques suicidas, matando políticos proeminentes em público, sabendo que seriam eles próprios despedaçados por guarda-costas ou pela multidão em retaliação. Foi precisamente isso que aconteceu com Mawdud em Damasco. Um Assassino o esfaqueou uma vez na parte inferior da barriga e outra na parte superior da perna, de modo que ele sangrou até a morte em uma hora, apesar dos melhores esforços dos médicos para costurá-lo; o Assassino foi imediatamente capturado e decapitado. A morte de Mawdud aliviou toda a dor da derrota que ele e seus aliados infligiram a Balduíno em Tiberíades; também aumentou as tensões entre os emires seljúcidas. Suas disputas internas acabaram impedindo o sultão em Bagdá de organizar ataques mais significativos, centralizados e direcionados contra os francos por vários anos. Mas isso não conteve completamente a onda crescente de resistência seljúcida. O homem que acabou infligindo os danos mais graves aos francos não foi o sultão Maomé, mas Ilghazi ibn Artuq, o soldado de carreira beberrão que fora visto saindo de Jerusalém quando esta caiu diante dos fatímidas em 1098, um ano antes da chegada dos exércitos da Primeira Cruzada.

*

Desde que deixou a Palestina, Ilghazi teve uma carreira variada e vibrante nos círculos seljúcidas, trabalhando para o sultão em Bagdá e, em seguida, assumindo o controle da cidade-fortaleza de Mardin, aproximadamente a meio caminho entre Aleppo e Mosul, de onde comandou um exército de guerreiros turcomanos recrutados nas margens próximas do Rio Tigre. Isso o colocou naturalmente na órbita dos governantes latinos de Edessa e Antioquia. As relações foram inicialmente relativamente cordiais, mas, à medida que a década se aproximava do fim, elas se chocariam de forma espetacular. O foco da maioria desses conflitos era a cidade de Aleppo.

Em 1119, os aleponeses, que haviam reclamado tão amargamente com o califa na época de seu casamento, receberam muito pouca satisfação. Um deles

Seus principais antagonistas eram Rogério de Salerno, regente de Antioquia em nome do menor e ausente Boemundo II, ainda com apenas onze anos de idade. Rogério era um homem talhado no mesmo tecido abrasivo de seus falecidos parentes Boemundo e Tancredo. Ele anunciava sua destreza marcial cunhando moedas com a imagem de São Jorge matando um dragão e vinha progredindo constantemente em direção a Alepo há algum tempo, na esperança de tirar vantagem das mortes, em rápida sucessão, do antigo governante de Alepo, Radwan (falecido em 1113) e do atabeg Lulu (falecido em 1117). Rogério estava particularmente livre para agir porque, em agosto de 1118, Aleixo Comneno também havia morrido, desencadeando uma batalha pela sucessão em Constantinopla entre seu filho João e sua filha Ana, o que aliviou momentaneamente a pressão bizantina sobre Antioquia vinda do oeste.[‡]Como resultado, Roger assumiu o controle dos castelos satélites de Alepo em suas proximidades norte e oeste – mais notavelmente Azaz, a porta de entrada da cidade. Os cidadãos escreveram a todos os príncipes muçulmanos vizinhos implorando por ajuda; segundo um cronista posterior de Alepo, Ibn al-Adim, as cartas que chegaram a Ilghazi alertavam sobre "ataques incessantes" dos francos e uma "situação desesperadora".[12]Embora mais um pragmático egoísta do que um fanático da fé, Ilghazi não se contentou em ficar parado, permitindo que os exércitos latinos avançassem cada vez mais em direção às suas fronteiras. Em aliança com seu sogro, Tughtakin de Damasco, ele começou a reunir um exército massivo – uma estimativa o colocava em 40.000 homens – com a intenção de destruir "as facções da infidelidade e do erro... para o socorro da Fé e a extirpação dos descrentes obstinados".[13]

À medida que a notícia de um grande aumento de tropas começou a se espalhar, Roger de Salerno pressentiu problemas. Ele começou a reunir seu próprio exército para defender suas novas possessões de uma recaptura e Antioquia de qualquer ataque retaliatório. Sua força incluía quase toda a força militar do principado – exceto os soldados necessários para guarnecer os castelos – juntamente com um contingente de várias centenas de mercenários armênios e turcopoles, ou cavalaria leve recrutada do norte da Síria e da Ásia Menor. As colunas de Roger se reuniram em Balat, perto de Sarmada, na estrada entre Antioquia e Aleppo, para aguardar a chegada de Ilghazi. Não precisaram esperar muito. Em 28 de junho, o senhor de Mardin atacou.

Uma batalha feroz foi travada naquele dia, que mais tarde ficaria conhecida como Ager Sanguinis: o Campo de Sangue. Foi um triunfo estrondoso para Ilghazi. Milhares de latinos e armênios foram massacrados, incluindo o próprio Roger de Salerno, que morreu quando uma espada foi

cravada "através do

meio do nariz dele direto no cérebro'.[14]Segundo Ibn al-Qalanisi, todo o incidente durou apenas uma hora, após a qual "os francos estavam no chão, uma massa prostrada, cavaleiros e soldados, com seus cavalos e armas, de modo que nenhum deles escapou para contar a história". O campo de batalha estava coberto de cavalos mortos "estendidos... como ouriços, devido à quantidade de flechas cravadas neles".[15]De acordo com o escritor antioqueno conhecido como Walter, o Chanceler, que foi capturado e aprisionado após o Campo de Sangue, os infelizes sobreviventes cristãos foram esfolados e decapitados no local, ou amarrados com as mãos atrás das costas e as pernas em correntes, "como cães amarrados dois a dois pelo pescoço".[16]No dia seguinte à batalha, os prisioneiros amarrados foram conduzidos nus sob um sol escaldante até um vinhedo próximo, onde muitos foram torturados antes de serem atravessados com espadas. Outros foram levados de volta a Aleppo para resgate, morte ou venda como escravos. Foi um destino sombrio. E a reviravolta estratégica foi igualmente grave; no espaço de uma manhã de trabalho, Ilghazi transformou o equilíbrio de poder no norte da Síria.[17]Ele comemorou com uma bebedeira que durou várias semanas.[18]Alepo estava salva. Antioquia havia perdido seu regente, seu exército e seu domínio regional.

*

O golpe para os francos foi duplamente grave pelo fato de os cruzados também terem perdido seu primeiro rei. Menos de três meses antes da catástrofe no Campo de Sangue, o velho guerreiro Balduíno I havia morrido, após sofrer intermitentemente por muitos anos com crises de infecção causadas por um ferimento sofrido defendendo o reino de Jerusalém nos primeiros anos após a Primeira Cruzada. Em 2 de abril de 1118, durante uma campanha expedicionária contra os fatímidas no nordeste do Egito, o rei tomou um café da manhã com peixe fresco, adoeceu e morreu. De acordo com seus desejos em seu leito de morte, seu corpo foi estripado, "salgado por dentro e por fora, nos olhos, boca, narinas e ouvidos, também embalsamado com especiarias e bálsamo, depois costurado em uma pele e envolto em tapetes", antes de ser amarrado ao dorso de um cavalo e levado de volta às pressas para Jerusalém.[19]Esta mumificação rudimentar, embora apropriada ao local da sua morte, tinha como objetivo preservar o corpo de Baldwin o tempo suficiente para que fosse enterrado ao lado do seu irmão Godfrey no pórtico de

o Santo Sepulcro. Cumpriu sua função; seu corpo foi levado pelo vale de Jeosafá no Domingo de Ramos, com uma falange de soldados atrás, e sepultado dentro da grande igreja, no ponto que se acreditava marcar o pé do Calvário.

A sucessão de Balduíno não foi uma questão simples. Tendo preferido compartilhar a cama com seus servos favoritos em vez de qualquer uma de suas três esposas, Balduíno não deixou herdeiro direto. Deixou também várias ex-esposas infelizes, incluindo a princesa armênia Arda, sua segunda esposa, a quem descartou e enviou para um convento, de onde ela mais tarde fugiu para Constantinopla; e Adelaide, regente da Sicília, cujo breve mandato como rainha de Balduíno foi anulado em 1118 por motivos políticos, deixando a dama tão indignada que, ao morrer logo depois, legou a seu filho Rogério II da Sicília um desprezo pelos assuntos de Jerusalém tão feroz que ele nunca levantou um dedo durante sua vida para ajudar o reino cruzado.[20]Os candidatos à sucessão de Balduíno eram seu irmão, o Conde Eustácio de Bolonha, um veterano idoso da Primeira Cruzada que havia retornado às suas terras ocidentais, e Balduíno de Bourcq, que fora conde de Edessa por quase duas décadas. Este último, que estava mil milhas mais perto de Jerusalém do que seu primo distante Eustácio, venceu facilmente a disputa. Ele foi ungido logo após o funeral do velho rei e, por fim, coroado em uma cerimônia separada realizada em Belém no dia de Natal de 1119, ao lado de sua esposa e consorte, a princesa armênia Morfia.

Balduíno II estava se aproximando dos sessenta anos na época de sua ascensão, e Guilherme de Tiro, embora não tivesse idade suficiente para vê-lo pessoalmente, ouviu dizer que ele era "de aparência impressionante e feições agradáveis. Sua barba, embora rala, chegava até o peito; sua tez era vívida e avermelhada para a sua idade... Ele tinha muita experiência na arte da guerra, era sábio em governar seus homens e bem-sucedido em suas campanhas".[21]Essa experiência e sabedoria seriam duramente testadas desde o início, enquanto ele tentava fortalecer o poder franco entre Antioquia e Aleppo, onde a vitória de Ilghazi no Campo de Sangue havia mudado o equilíbrio de poder tão abruptamente.[22]

*

O Campo de Sangue não apenas prejudicou a capacidade de combate de Antioquia e causou uma grande reorganização entre os príncipes do Oriente latino. Também desferiu um golpe violento na poderosa autoconfiança que havia crescido entre os francos desde sua longa marcha de Constantinopla até os muros de Jerusalém, no século anterior. Enquanto todo sucesso durante e após a Primeira Cruzada havia sido interpretado como um sinal do manifesto apoio de Deus aos latinos e suas façanhas, agora um tom de dúvida se insinuava nas cartas enviadas pelos cruzados a seus camaradas do outro lado do Mediterrâneo. Eles começaram a questionar sua própria conduta moral. Seria a gula, a embriaguez, a fornicação desenfreada ou o gosto dos cruzados-colonos por se divertirem em bordéis que havia irritado Deus? Era difícil dizer. Warmund de Picquiny, que foi nomeado patriarca de Jerusalém após a ascensão de Balduíno II à coroa, escreveu logo após o Campo de Sangue ao seu colega na Galícia, Diego Gelmirez, arcebispo de Santiago de Compostela. Um cônego do Santo Sepulcro, a quem ele se referia apenas como "R", estivera recentemente em missão diplomática na Espanha, e Warmund estava ansioso para encorajar uma cultura de oração mútua entre os dois grandes santuários da cristandade ocidental. Ele também queria desabafar. Depois de reclamar da peste, da seca, dos gafanhotos e dos "inúmeros gafanhotos" que devastavam as plantações, Warmund lamentou o fato de estarmos "cercados por sarracenos por todos os lados. Babilônia [ou seja, Bagdá] fica a leste. Ascalão a oeste. [Tiro] na costa. Damasco ao norte... Todos os dias somos invadidos, todos os dias capturados ou massacrados. Somos decapitados e nossos corpos jogados aos pássaros e às feras. Somos vendidos como ovelhas". O que mais posso dizer?[23]

Como se viu, o patriarca poderia dizer muito mais. Embora ele e Gerard, prior do Santo Sepulcro, que coassinou a carta, afirmassem estar prontos para morrer em defesa de Jerusalém e do Santo Sepulcro, argumentavam que seria muito melhor se o povo da Galícia "se esforçasse para se juntar ao exército de Cristo e viesse rapidamente em nosso auxílio. Se não puderem vir pessoalmente, enviem as forças que puderem... Com a ajuda de Deus, desfaremos as cadeias dos pecados de qualquer um que venha em nosso auxílio, desde que se comprometa a fazer penitência".[24]Embora isso ressaltasse o cálculo espiritual contínuo subjacente ao movimento das cruzadas – serviço militar em troca da remissão dos pecados –, também ignorava o fato de que o decreto papal ordenava expressamente que aqueles na Espanha permanecessem lá, em vez de viajarem para lutar na cruzada no Oriente. Mas estava longe de ser a última mensagem desse tipo.

que os grandes cruzados enviariam para o Ocidente durante as décadas seguintes. O bem-estar e a sobrevivência dos estados cruzados dependiam em grande parte da forma como esses apelos a aliados distantes eram atendidos.

*

Em 1122, Ilghazi morreu de apoplexia, o que foi um alívio para Balduíno e seus apoiadores. O comandante veterano pode ter sido um dipsomaníaco sádico, mas planejou a defesa de Alepo, inserindo-se na cidade como governante e reprimindo rebeliões à medida que ocorriam (os insurgentes podiam esperar ficar cegos ou aleijados, ter a língua arrancada ou os olhos queimados).[25]Apesar de ter que lidar com ataques às suas terras no norte da Síria por guerreiros georgianos que saqueavam o sul, vindos das margens do Mar Negro, Ilghazi conseguiu ser uma praga para os latinos na Síria por três anos consecutivos. "Como um verme roedor, ele estava sempre procurando alguém para ferir", reclamou Guilherme de Tiro.[26]Sua morte significou que as aspirações de conquista franca em Aleppo poderiam ser revividas mais uma vez.

No entanto, os sucessos de Ilghazi sobreviveram a ele, e por duas vezes, nos meses que se seguiram à sua morte, os latinos flertaram com o desastre total. Em 13 de setembro de 1122, Joscelino, conde de Edessa (senhor de Turbussel que sucedera Balduíno II no condado do norte), foi capturado por um dos sobrinhos e antigos tenentes de Ilghazi, Balaque, "um príncipe magnífico e poderoso" que se apresentou para preencher o vácuo criado pela morte do tio.[27]Emboscado dentro de suas próprias terras, Joscelino sofreu a experiência indigna de ser transportado para a prisão na fortaleza de Carpute, costurado dentro de uma pele de camelo. Logo, pior ainda se seguiu. Pouco mais de seis meses depois, em abril de 1123, Balduíno – que era regente interino de Antioquia após a morte de Rogério de Salerno no Campo de Sangue – também foi feito prisioneiro. Ele foi jogado na mesma prisão que Joscelino. Balaque marchou para Alepo e assumiu a posição de seu falecido tio como senhor da cidade.

Balduíno ficou preso por mais de um ano. Só foi libertado após a morte de Balaque, em maio de 1124 – atingido por uma flecha no ombro enquanto organizava um cerco contra um de seus emires rebeldes – e o governo de Alepo passou para o filho de Ilghazi, Timurtash, "um homem que amava a calma e a

"vida fácil", segundo Ibn al-Athir. Timurtash preferia governar como um senhor ausente de sua cidade patrimonial de Mardin.[28] Ele concedeu a liberdade a Balduíno mediante a promessa de pagar um resgate de 80.000 dinares. Balduíno saiu livre, aceitou o acordo e começou a planejar um ataque ao próprio homem que o havia libertado. Uma última chance de tomar Aleppo se aproximava, e Balduíno tentou aproveitá-la ao máximo.

*

Ao ser libertado da prisão, Balduíno também se sentiu animado com a notícia de que Tiro, a última grande fortaleza costeira ao norte de Ascalão que permanecera invicta pelos cruzados, havia finalmente caído sob o domínio cristão, após um ataque liderado conjuntamente pelo condestável real Eustáquio Grenier e pelo doge de Veneza, Domenico Michiel. Incentivado pelo Papa Calisto II a ajudar os latinos do Oriente (e recompensado com estandartes papais), o doge equipou setenta e dois navios, encheu-os com guerreiros que haviam tomado a cruz e os conduziu via Corfu e Chipre até a costa do Levante, chegando em 1123.[29]O poder naval dos venezianos era famoso em todo o Mediterrâneo, e a república era historicamente perita em identificar uma oportunidade de usá-lo tanto para promover a reputação piedosa da cidade quanto para ganhar muito dinheiro. De acordo com relatos ouvidos por Guilherme de Tiro, quando enfrentaram uma patrulha naval fatímida perto de Ascalon, seus marinheiros lutaram tão ferozmente que acabaram "completamente cobertos com o sangue dos mortos", deixando "as costas... tão densamente cobertas de cadáveres lançados pelo mar que o ar ficou contaminado e a região ao redor contraiu uma praga causada pelos corpos em putrefação dos mortos".[30]

Em troca da ajuda veneziana na redução de Tiro, o doge recebeu a promessa de privilégios comerciais extremamente lucrativos: um terço das receitas de Tiro quando ela caísse, liberdade para os venezianos que se estabelecessem na cidade de regular seus próprios pesos e medidas, estabelecer suas próprias igrejas, tribunais, casas de banho e moinhos, desfrutar de imunidade de praticamente todos os impostos e costumes e ter a garantia de que qualquer veneziano residente em Tiro seria "tão livre quanto na própria Veneza".[31]O doge fez tais exigências porque calculou que seus navios seriam a chave para a tomada de Tiro – e ele estava certo. Quando os francos e venezianos atacaram, nem os fatímidas nem Tughtakin de Damasco estavam dispostos ou eram capazes de socorrer Tiro. Em 8 de julho de 1124, seu governador, Saif

al-Dawla Mas'ud entregou formalmente a cidade aos francos e todos os muçulmanos fisicamente aptos partiram. "Sua conquista enfraqueceu enormemente os muçulmanos", lamentou Ibn al-Athir. "Pois era uma das cidades mais fortes e inexpugnáveis."[32]

Recém-saído da prisão e encorajado por esta notícia, em outubro de 1124, Balduíno II chegou às muralhas de Aleppo, com seus barões e homens tão animados que estavam "convencidos de que poderiam tomar toda a Síria".[33]Assim como seu condestável havia feito, Baldwin trouxe não apenas suas próprias tropas, mas também as de um aliado útil: o senhor árabe xiita Dubays ibn Sadaqa, senhor de al-Hilla no Iraque, que havia prometido a Baldwin que se o rei o instalasse como senhor de Aleppo no lugar de Timurtash, ele seria "um representante obediente" do rei cristão.[34]Em preparação para um cerco de inverno, os engenheiros de Balduíno ergueram edifícios semipermanentes fora das muralhas da cidade e o bloqueio começou. Uma colheita fracassada deixou Aleppo mal preparada para resistir. O cronista Kemal al-Din escreveu que as pessoas eram forçadas a comer cães e cadáveres humanos para sobreviver, o que causava doenças generalizadas.[35]

Fora dos muros, os francos invadiram capelas funerárias muçulmanas, levaram caixões para reutilizá-los como baús de armazenamento para seu acampamento e, em seguida, incitaram os cidadãos com a visão dos cadáveres de seus parentes mortos sendo grotescamente profanados. "Amarraram cordas aos pés dos corpos que ainda não haviam entrado em decomposição e os arrastaram até a frente dos muçulmanos, gritando: 'Vejam! É o seu profeta Maomé! Vejam! É Ali!'", escreveu Ibn al-Adim, cujo avô havia sido um dos sitiados. Ele também relatou que um soldado franco nos arredores de Alepo pegou uma cópia do Alcorão e a amarrou ao rabo de seu cavalo, de modo que fosse regularmente suja com esterco, provocando gargalhadas de seus camaradas. Sempre que os francos capturavam um muçulmano de Alepo, cortavam suas mãos e testículos.[36]

Apesar desses elaborados rituais de depravação, que se tornaram rotina de guerra psicológica, Balduíno e seus aliados árabes não conseguiram tomar Alepo naquele inverno, e em janeiro o rei foi forçado a abandonar seus esforços quando o senhor moçuli Aqsunqur al-Bursuqi (que sucedeu o assassinado Mawdud em 1113) lançou uma série de ataques às terras antioquenas. Não convencido de que poderia conquistar Alepo sem perder Antioquia no processo, Balduíno recuou, retornou a Jerusalém pela primeira vez desde antes de seu cativeiro e, em seguida, voltou para o norte para fortalecer Antioquia. Houve mais um confronto com Aqsunqur em maio de 1125, mas a partir daquele momento os francos continuaram as tentativas

de tomar Alepo e assegurar definitivamente seu domínio em

O norte da Síria desapareceu. As atenções se voltaram para alvos mais ao sul, como Damasco e Ascalon.

A luta por Aleppo, que tomou forma nos anos anteriores aos protestos de Bagdá de 1111, levou quase quinze anos e uma quantidade horrenda de derramamento de sangue, tortura e matança para ser resolvida em favor de pouco mais do que a*status quo ante*. Por volta de 1124-1125, os francos confirmaram o que se tornava evidente mesmo nos meses posteriores à Primeira Cruzada: que eram suficientemente engenhosos e possuíam poder naval de terceiros para assumir o controle das cidades costeiras do Levante, de Bizâncio à fronteira egípcia, mas que, na ausência dos tipos de exércitos que haviam invadido a Terra Santa em 1098, eram incapazes de abrir novos caminhos importantes no interior da Síria. Os fatímidas, por sua vez, demonstravam estar em um declínio que parecia prestes a se tornar terminal, enquanto os seljúcidas a leste eram fortes, mas ruinosamente desunidos, e dependentes dos esforços de líderes carismáticos como Ilghazi para fazer quaisquer incursões significativas nas terras dos infiéis. Alterar esse equilíbrio instável de poderes exigiria um influxo maciço de novos guerreiros do Ocidente em uma nova cruzada, ou o surgimento de um líder no Cairo ou em Bagdá que pudesse unir a casa do Islã no Oriente Próximo e expulsar os pérfidos francos pelo mesmo caminho. Acontece que o século seguinte proporcionaria ambas as coisas.

[*] Em 1111, os outros governantes dos estados cruzados eram: Boemundo II de Antioquia (filho mais novo de Boemundo de Taranto, que foi regente de Tancredo de Hauteville e depois de Rogério de Salerno); Bertrand, conde de Trípoli (filho de Raimundo de Toulouse); e Balduíno de Bourcq, conde de Edessa (futuro rei Balduíno II de Jerusalém).

[†] Os Assassinos também eram chamados de Batani e Hashishiyun, de onde deriva seu nome coloquial moderno. "Hashishiyun" tem sido interpretado como uma referência à suposta predileção da seita por fumar haxixe, embora isso provavelmente seja uma calúnia histórica.

[‡] A disputa pelo poder foi vencida por João, que se tornou o novo imperador, conhecido como João II Comneno. Ele governou até sua morte em 8 de abril de 1143.

12

Uma Nova Cavalaria

Mais pessoas foram… do que nunca, desde a época da primeira cruzada.

Em 2 de maio de 1125, o Rei Balduíno II visitou Acre. A cidade costeira fortificada, situada em uma pequena península rochosa ao norte da baía de Haifa, estava rapidamente se tornando o centro comercial mais importante do leste latino. Era bem conectada por água e terra ao restante dos estados latinos, enquanto peregrinos e mercadores apreciavam seu porto, protegido das ondas por muros artificiais escavados no fundo do mar durante o governo do governador abássida Ibn Tulun, no século IX, e protegido da navegação inimiga por uma grande corrente que podia ser puxada na entrada à noite.[1] Acre era um ponto de parada regular dos reis de Jerusalém, que reivindicavam o domínio direto sobre a cidade e seus arredores – ao contrário da maior parte do restante do reino, que era concedido como propriedades feudais a barões e vassalos da coroa. Junto com Jaffa, Acre foi o entreposto mais importante para os estados cruzados no século XII.[2]

Durante sua visita a Acre, Balduíno confirmou uma carta que recompensava Domenico Michiel, doge de Veneza, e seus cruzados-marinheiros por sua participação na conquista de Tiro no ano anterior.[3] Os amplos privilégios prometidos aos venezianos em troca de sua cruzada – permissão para estabelecer uma colônia veneziana lucrativa e autônoma em Tiro e viver de acordo com suas próprias regras e costumes em todo o resto do Oriente Latino – haviam sido originalmente concedidos por Warmund, patriarca de Jerusalém, porque Balduíno estava preso. Agora, o rei colocava seu próprio selo no acordo.

Ao fazê-lo, ele garantiu que os assuntos da Terra Santa seriam de interesse dos doges e cidadãos de Veneza pelas gerações futuras. Ele reconheceu a necessidade de termos amigáveis, principalmente porque, após o ataque a Tiro, os venezianos saquearam cidades bizantinas nos mares Egeu e Jônico, lançando um grande ataque a Rodes e roubando as relíquias de Santo Isidoro de Quios.* Ele confirmou seu compromisso com a construção de uma rede de apoiadores ultramarinos a quem os reis de Jerusalém pudessem recorrer em busca de apoio militar e promoveu uma política de administração de cidades conquistadas, dividindo-as entre várias potências colonizadoras à distância. O tratado de Balduíno com Veneza se provaria extremamente importante na história das cruzadas e dos estados cruzados – embora as consequências completas só se tornassem claras quase oitenta anos depois. E, escondido no final da carta, havia outro detalhe que se provaria igualmente significativo tanto na década de 1120 quanto posteriormente. Entre as testemunhas, estava um homem chamado Hugo de Payns, o primeiro e fundador mestre da Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão – ou, para abreviar, os Templários.

*

Hugo de Payns era originário da região de Champagne, na França. Ele chegou a Jerusalém em algum momento após a Primeira Cruzada, embora não esteja totalmente claro se ele partiu inicialmente para o leste para lutar contra turcos seljúcidas como Ilghazi e Tughtakin, ou simplesmente para adorar e expiar seus pecados mais pacificamente. De qualquer forma, em 1119 Hugo já havia se estabelecido na Cidade Santa e passava a maior parte de seus dias dentro e ao redor dos recintos da Igreja do Santo Sepulcro. Os pátios próximos à rotunda que cercava o túmulo vazio de Cristo haviam sido destinados a um enorme programa de expansão e reconstrução, que foi finalmente concluído em 1149. Mas em 1119 eles eram mais conhecidos como um ponto de encontro para pessoas como Hugo: soldados peregrinos em busca de um papel dentro dos estados cruzados nascentes.[4]

Um grupo de cônegos agostinianos que viviam no Santo Sepulcro era responsável por ministrar aos milhares de peregrinos que o visitavam todos os anos. Após observar esses irmãos-sacerdotes de vestes negras em ação, Hugo e vários outros decidiram que eles também deveriam dedicar suas vidas a um estilo de vida comunitário mais rigoroso e baseado em regras. Dadas suas ocupações como cavaleiros – assassinos treinados em vez de servos eruditos do Senhor – isso era...

Uma ambição incomum. Não estava, no entanto, além do reino da imaginação. Perto do Santo Sepulcro, ficava um mosteiro beneditino conhecido como Santa Maria dos Latinos, fundado por cristãos que viviam sob o domínio fatímida em meados do século XI. Voluntários associados ao mosteiro, que viviam sob votos religiosos, administravam um hospital auxiliar para peregrinos dedicado a João Batista. Em 1113, o Papa Pascoal II concedeu proteção papal aos irmãos deste hospital, juntamente com a liberdade de eleger seus próprios líderes e considerável imunidade em relação aos impostos da Igreja.[5]Os Hospitalários, como ficaram conhecidos, com o tempo assumiriam funções que iam muito além de suas responsabilidades médicas. E, por meio de seu serviço voluntário, realizado com piedosa intenção em prol dos companheiros peregrinos, eles apresentaram outro modelo de vida no Oriente que Hugo e seus companheiros decidiram que poderiam imitar: um modelo que fosse fiel ao espírito dos próprios primeiros cruzados.

Em 1119, esse modelo tornou-se realidade. Assim como os cônegos do Santo Sepulcro, Hugo e seus homens – havia algo entre nove e trinta deles – concordaram formalmente em se dedicar a um regime de pobreza quase monástica, castidade e obediência às instruções do patriarca de Jerusalém, contando com esmolas de caridade para alimentação e vestimenta. Como os irmãos do Hospital, eles partiram em busca de uma vocação no mundo, ajudando peregrinos. Como os primeiros cruzados, eles cumpriram seu dever para com Deus com uma espada nas mãos. Muitos anos após o evento, Guilherme de Tiro escreveu que o principal dever dos Templários "era, até onde suas forças permitissem, manter as estradas e rodovias a salvo da ameaça de ladrões e salteadores, com especial consideração pela proteção dos peregrinos".[6]Isso significava fornecer escoltas militares entre Jaffa e Jerusalém e em torno de locais sagrados como Belém e Nazaré, guarnecer patrulhas e lutar contra bandidos. Também significava recrutar outros homens com ideias semelhantes para se alistarem como irmãos. Como escreveu o escritor e cortesão galês Walter Map, Hugo decidiu implorar a todos os combatentes que encontrasse em Jerusalém que "se entregassem por toda a vida ao serviço do Senhor".[7]Ele pode não ter percebido imediatamente, mas Hugh teve uma ideia inteligente e inovadora que se mostraria extremamente atraente em toda a cristandade latina.

*

Assim, em maio de 1125, Hugo apareceu em Acre na presença e a serviço de Balduíno II, quando o rei selou sua carta aos venezianos. Àquela altura, Balduíno e Hugo se conheciam há pelo menos seis anos. Em 1119, quando Hugo iniciou sua primeira rodada de arrecadação de fundos, o rei concordou em alugar-lhe um conjunto de apartamentos na mesquita de al-Aqsa, no Monte do Templo (a mesquita foi desconsagrada após a Primeira Cruzada, mas desde então havia sido negligenciada) e concedeu-lhe receitas provenientes de impostos e pedágios em várias aldeias próximas a Jerusalém. Foi por sua residência neste local prestigioso – associado ao há muito desaparecido Templo de Salomão e ao ainda existente Templo do Senhor – que os homens de Hugo ganharam seu nome. E Balduíno permaneceria um fervoroso apoiador dos Templários a partir de então, recomendando a nova ordem a príncipes seculares e eclesiásticos por toda a cristandade. Em uma carta, ele descreveu os Templários como tendo sido "levantados pelo Senhor para a defesa do reino".[8]O fato de Hugo estar na companhia do rei em 1125, suficientemente confiável para ser chamado como testemunha da carta, ao lado de arcebispos, bispos e outros clérigos seniores, demonstrou a alta consideração de Balduíno por sua missão e seus talentos.

Dois anos depois, Balduíno deu a Hugo sua primeira missão oficial, quando enviou o mestre do Templo de volta à Europa Ocidental na companhia de Guilherme de Bures, príncipe da Galileia, e "vários outros homens religiosos". Segundo Guilherme de Tiro, a missão principal deles era suplicar "aos príncipes do Ocidente com o propósito de incitar o povo de lá a vir em nosso auxílio".[9]Especificamente, isso significava reunir tropas para um grande ataque a Damasco, que já havia superado Aleppo como o alvo mais atraente para expansão no interior da Síria.[10]Mas também havia missões paralelas. Guilherme de Bures fora convidado a visitar o veterano guerreiro Fulque de Anjou – um dos senhores mais poderosos da França central – e oferecer-lhe a mão da filha mais velha do rei, Melisende, em casamento. Como Balduíno II não tinha filhos homens, isso significava, na prática, recrutar Fulque para se tornar herdeiro da coroa e futuro rei de Jerusalém. Era uma tarefa solene na qual Hugo de Payns se mostraria útil, visto que conhecia Fulque pessoalmente. Enquanto isso, o próprio Hugo planejava aproveitar a oportunidade de uma viagem ao oeste para angariar fundos, apoio político e recrutas para se juntar aos Templários.

*

Tendo partido por volta do final do verão de 1127, Hugo foi recebido de braços abertos e com grande generosidade. Além de seu charme pessoal, ele ofereceu uma nova maneira de se envolver com o movimento cruzado: filiando-se a uma instituição para a cruzada perpétua ou patrocinando-a, o que permitiu que indivíduos piedosos apoiassem a guerra pelo bem maior da cristandade sem realmente viajarem para o leste. Quase assim que chegou, as pessoas começaram a lhe dar presentes. Em outubro, Teobaldo IV, conde de Blois, concedeu aos Templários uma casa e terras agrícolas perto de Provins; pouco depois, Guilherme Clito, conde de Flandres, ofereceu isenção de impostos sobre qualquer propriedade que os Templários adquirissem em seus territórios. Este foi um patrocínio significativo, que anunciou a aprovação de grandes homens e abriu novas fontes de receita que ajudariam a financiar a missão dos Templários. O fato de terem sido Teobaldo e Guilherme quem fizeram as doações foi importante: ambos vinham de famílias de cruzados e os pais de ambos haviam sido príncipes da Primeira Cruzada.[‡] O apoio deles à nova onda de cruzadas era mais financeiro do que pessoal, mas esse fato provavelmente não preocupava Hugo de Payns. Seu objetivo era angariar apoio para a luta no leste por todos os meios possíveis.

Em abril de 1128, Hugo estava na corte de Fulque de Anjou, em Le Mans. Antigamente, este poderia ter sido um lugar perigoso de se ver: os condes angevinos gostavam de se gabar de serem descendentes do diabo. O conde Fulque, no entanto, era bem menos diabólico do que alguns de seus antepassados (e, na verdade, seus descendentes). Pouco antes de completar quarenta anos, Fulque foi descrito por Guilherme de Tiro como um homem de rosto corado, mas "gentil, afável, bondoso e compassivo" (Guilherme considerava esses "traços incomuns em pessoas daquela cor").[11] A única falha pessoal real de Fulk era ser incrivelmente esquecido e ele nunca se lembrava de um rosto, às vezes até esquecendo os nomes de seus próprios servos.

Não há registro de que Fulque tenha reconhecido imediatamente Hugo de Payns, mas quando o mestre do Templo chegou diante dele na primavera de 1128, eles estavam retomando um velho conhecimento. Hugo havia hospedado Fulque em Jerusalém por volta de 1120, logo após o estabelecimento dos Templários, e Fulque havia se mostrado um patrono agradecido desde o início, enviando aos irmãos um estipêndio de 30 libras em moeda angevina todos os anos. Evidentemente, a renovação das relações pessoais foi bem-sucedida. Em 31 de maio, Hugo e Guilherme de Bures estavam presentes quando Fulque tomou a cruz. Juntos, esses enviados do leste o convenceram a trilhar um novo caminho para sua alma,

sua carreira e seu condado.

Em poucos meses, Fulk entregaria o controle de Anjou ao seu filho de quinze anos, Geoffrey 'Le Bel'[‡] e mudando-se definitivamente para Jerusalém. Lá, ele se casaria com Melisende, tornando-se seu herdeiro presuntivo da coroa. De acordo com os arranjos feitos para Fulque deixar Anjou, seu jovem filho Geoffrey casou-se com uma viúva elegível chamada Matilda. Por direito de seu primeiro casamento, Matilda reivindicou o título honorário de imperatriz da Alemanha; por direito de sangue, ela era herdeira tanto do reino da Inglaterra quanto do ducado da Normandia – vizinho e feroz rival de Anjou. O casamento de Geoffrey e Matilda ocorreu em 17 de junho e, se Hugo estava presente, pode ter conhecido o pai de Matilda, Henrique I.[12] Em qualquer caso, logo depois, Hugo apareceu no reino de Henrique solicitando dinheiro e assistência, excitando seu público com conversas sobre uma nova guerra iminente entre as forças do cristianismo e as hordas pagãs, e um plano para expandir o reino piedoso de Jerusalém para território novo e inexplorado.

Segundo a Crônica Anglo-Saxônica, o rei inglês devorou a notícia e presenteou Hugo com "grandes tesouros de ouro e prata" de seu tesouro normando. Quando Hugo chegou à Inglaterra, foi "recebido por todos os homens de bem. Recebeu tesouros de todos, inclusive da Escócia". Foi uma jornada fabulosamente bem-sucedida. "Muitas riquezas, inteiramente em ouro e prata, foram enviadas a Jerusalém", escreveu o cronista, e muitas pessoas também se dedicaram a viajar de volta ao leste para lutar na guerra que se aproximava. Não foi a primeira vez que ingleses e escoceses se comprometeram com as cruzadas: vários lordes e cavaleiros menores viajaram na comitiva de Roberto, duque da Normandia, em 1096, assim como um personagem incomum chamado Lagmadr, rei da Ilha de Man e das Hébridas, que foi a Jerusalém e morreu lá cumprindo penitência por ter cegado seu irmão Harald. Mas ainda assim foi um período de entusiasmo incomum. "Mais pessoas foram [para o leste], com [Hugh] ou depois dele, do que nunca desde a época da primeira cruzada", escreveu o cronista.[13]E a energia que Hugh despertou não se limitou às Ilhas Britânicas. De Flandres a Avignon, por onde Hugh passou, ele conseguiu angariar voluntários e financiamento.[14]Ele estava, na verdade, pregando uma mini-cruzada.

Se recrutar um novo herdeiro para a coroa de Jerusalém foi a conquista pública mais marcante da viagem de Hugo pela Europa, havia, no entanto, mais uma ocasião marcante. Em 1126, o Rei Balduíno havia escrito antes de Hugo para atestar os Templários como uma organização que gozava do favor real e para encorajar figuras poderosas a pressionar Roma para que

Os Templários deveriam obter a aprovação do papa. Em janeiro de 1129, a campanha foi recompensada. Um concílio eclesiástico foi aberto em Troyes, na fronteira da França com a Borgonha, durante o qual os Templários receberam o reconhecimento papal, um código quase monástico pelo qual viver, um uniforme e um lugar formal dentro da hierarquia da Igreja. Em 13 de janeiro, Hugo fez um discurso para uma assembleia que incluía dois arcebispos, dez bispos e sete abades. Ele expôs as ideias e práticas que sustentavam a organização Templária e as submeteu a debate e aprimoramento. Em questão de poucos dias, o processo de elaboração de uma Regra formal para a primeira "ordem militar" oficial da Igreja Ocidental havia começado. A mão orientadora nesse processo pertencia a uma figura com grande futuro no movimento das cruzadas: Bernardo, abade de Claraval.

*

Bernardo de Claraval, conhecido hoje simplesmente como São Bernardo, foi o patrono mais valioso que Hugo de Payns já encontrou. Nascido em Fontaines-lès-Dijon no ano de 1090, Bernardo decidiu, ainda jovem, juntar-se a um novo movimento monástico reformista conhecido, em homenagem à sua casa-mãe em Cister, como os Cistercienses. Rejeitando o mundanismo dos beneditinos e a grandeza e pompa dos cluniacenses, os monges cistercienses dedicavam-se a vidas de pobreza abjeta e trabalho árduo, geralmente realizados em abadias fundadas em locais remotos. Usavam vestes brancas para simbolizar sua pureza e não se permitiam praticamente nada em termos de conforto físico. Bernardo, que fundou a abadia de Claraval com outros doze monges em 1115, adoecia frequentemente devido aos esforços de sua dieta escassa e às condições de vida desconfortáveis. Seu principal prazer era compor sermões e cartas dizendo a outras pessoas como melhorar suas vidas — uma habilidade na qual ele era incomparável.[15] O talento de Bernardo como advogado, diplomata e conselheiro político era procurado por papas e reis, embora ele não fosse esnobe e nunca hesitasse em aconselhar jovens decaídas ou monges fugitivos. Para quem quer que escrevesse, suas opiniões eram altamente consideradas, e quando compareceu ao Concílio de Troyes para apoiar Hugo de Payns, a quem fora apresentado por Balduíno II, foi um grande feito.

A Regra dos Templários – ou melhor, aquela parte dela que veio a ser conhecida como Regra Latina ou Primitiva[§] – trazia o inconfundível Bernard

Imprimatur. Nos Templários de Hugo, Bernardo viu uma versão militarizada dos cistercienses, que podiam lutar com aço e malha, bem como por meio da oração e da contemplação. O prólogo da Regra descreveu a Ordem do Templo como um lar redentor para cavaleiros "que até agora abraçaram uma cavalaria secular em favor apenas dos humanos, e da qual Cristo não era a causa". Dentro de seu rebanho, esses cavaleiros reformados viveriam uma vida de obediência e seriedade monástica, na qual a dieta era estritamente regulamentada e o tempo de lazer fortemente circunscrito. Uniformes eram prescritos, em branco ou preto, de acordo com o status do membro como irmão-cavaleiro ou irmão-sargento; alguns anos depois, foi concedida permissão papal para que estes fossem adornados com uma cruz vermelha. Os Templários deveriam viver apenas para a oração, patrulhando e lutando contra os infiéis; a frivolidade deveria ser rejeitada e a companhia de mulheres, "pela qual os homens costumam frequentemente ser postos em perigo", deveria ser evitada.[16]Em outro texto, que ficou conhecido como De Laude, Bernardo chamou a ordem de "um novo tipo de cavalaria" por meio da qual Cristo livraria a Terra Santa dos "filhos da descrença". Os Templários, segundo ele, foram instituídos com o propósito de buscar o martírio e matar infiéis. "Certamente", escreveu ele sobre o cavaleiro templário idealizado, "se ele mata um malfeitor, não é um assassino de homens, mas um assassino do mal... Se ele próprio for morto, sabemos que não pereceu, mas voltou para casa em segurança."[17]Quando o concílio de Troyes concluiu seus negócios, Hugo não era mais o líder de um pequeno corpo de voluntários nos limites da cristandade latina, mas o mestre de uma ordem militar internacional que incorporava a própria essência da guerra santa cristã, apoiada pelo papado e em grande parte planejada pelo principal clérigo da época.

*

Se a missão de Hugo a oeste havia sido um sucesso retumbante, seu retorno a leste em 1129, após o Concílio de Troyes, não foi tão glorioso. Hugo havia se mostrado hábil em reunir homens e solicitar apoio valioso para sua ordem. Mas o que ele não podia controlar era o resultado da cruzada da qual fora chefe de recrutamento. Muitos voluntários se alistaram – muitos deles atraídos por conexões com a família Montlhéry, que contava com Balduíno entre seus membros.[18]E muitos viajaram para o reino de Jerusalém (como Hugo provavelmente fez) no

companhia de Fulque de Anjou. Mas, como disse o autor da Crônica Anglo-Saxônica, "quando aquelas multidões chegaram lá, foram lamentavelmente enganadas".[19]Hugo havia prometido uma grande guerra. O que se seguiu foi uma campanha única, malfadada e, em última análise, humilhante.

Tendo desistido de atacar Alepo após o desastre do Campo de Sangue, em 1125 e 1126, Balduíno II realizou incursões exploratórias em Damasco e seus arredores, em ambas as ocasiões mobilizando contingentes relativamente pequenos de homens oriundos do reino de Jerusalém. Embora durante a segunda dessas campanhas ele tenha arrastado Tughtakin para uma batalha confusa e inconclusiva, ele nunca chegou perto de tomar a cidade. O rei passou a acreditar que a chave para isso era mobilizar um exército na mesma escala daqueles que haviam capturado Antioquia e Jerusalém um quarto de século antes, quando ele era jovem. Essa, é claro, foi a razão pela qual Hugo de Payns e outros foram enviados para o oeste, e Balduíno decidiu esperar pela chegada deles antes de atacar Damasco novamente. De fato, ele estava tão decidido a esperar que perdeu a chance de atacar Damasco, mesmo quando Tughtakin morreu em 12 de fevereiro de 1128, doente e exausto por uma longa carreira no campo de batalha.[20]A decisão de Balduíno de não explorar a transição de poder para o novo atabeg, Taj al-Muluk Buri, filho de Tughtakin, pareceria frágil em retrospectiva. Mas, na época, ele estava esperando até poder colocar em campo o que Ibn al-Qalanisi chamou de "uma vasta hoste".[21]Esse momento chegou após a chegada de Hugo e dos novos cruzados no final do outono de 1129.

Damasco foi descrita pelo explorador al-Muqaddasi como "a metrópole da Síria", repleta de palácios e monumentos que datam da época dos Omíadas, sendo a joia entre eles a deslumbrante mesquita da cidade, do século VIII, um edifício vasto e deslumbrantemente belo, laqueado com detalhes dourados, considerado o quarto local mais sagrado do mundo islâmico. A cidade que se estendia ao seu redor também era notoriamente agradável; "cruzada por riachos e cercada por árvores", escreveu al-Muqaddasi, que elogiou a magnífica qualidade dos banhos e fontes damascenos e a probidade dos cidadãos (sua única falha grave, segundo ele, era uma decepcionante preferência por carne dura e pão seco).[22]Para os francos, que pouco se importavam com mesquitas, mas muito com relíquias sagradas e postos comerciais estratégicos, era um prêmio altamente atraente. Os mercados de Damasco serviam às rotas da seda que conectavam as oficinas da China com Bizâncio e o Império Otomano.

Oeste latino. Diz-se que a cabeça de João Batista foi enterrada sob um dos pilares da grande mesquita.

No final de novembro, Balduíno partiu com um exército que Ibn al-Athir calculou conter 2.000 cavaleiros e "infantaria incontável".[23]Ao seu lado, encontrava-se um contingente impressionante de novos líderes cruzados: seu novo genro, Fulque de Anjou, o jovem Boemundo II de Antioquia, que finalmente chegara em 1128 para tomar posse do principado de seu falecido pai, e o veterano Joscelino de Edessa e Ponte, conde de Trípoli. Dentro de Damasco, eles sabiam que o novo atabeg Buri tinha problemas. Uma grande rebelião dos Nizaris (a seita dos Assassinos) que viviam em Damasco levou a motins populares e linchamentos nas ruas. Cadáveres crucificados de Nizaris decoravam as ameias das muralhas da cidade, enquanto os restos carbonizados do antigo vizir Abu Ali, decapitado por supostamente conspirar com Nizaris, jaziam em um monte de cinzas perto da cidadela. Cães vadios se banqueteavam de carniça humana havia dias.[24]Os nizaris que conseguiram fugir da cidade buscaram refúgio com os latinos e transferiram a cidade vizinha de Banias como sinal de sua boa-fé. Foi de Banias que o exército franco avançou, acampando 10 km ao sul de Damasco, em um lugar chamado Ponte de Madeira, perto de Darayya; supostamente o ponto na estrada para Damasco onde Saulo, o fariseu, viu a luz ofuscante que ocasionou sua conversão ao apóstolo cristão São Paulo.[25]

Trinta anos antes, durante o cerco de inverno fora dos muros de Antioquia, um grande exército franco precisou pensar constantemente em abastecimento, o que era feito em grande parte por meio da coleta de alimentos nas terras próximas. Agora, os francos diante de Damasco faziam o mesmo. Guilherme de Bures destacou um contingente muito grande de cavaleiros – metade da cavalaria, segundo a crônica de Guilherme de Tiro – que então se dividiram em grupos menores de ataque e partiram para percorrer o campo em busca de suprimentos. Isso acabou sendo um erro grave. Buri não era de forma alguma um governante tão feroz quanto seu falecido pai, Tughtakin, mas estava alerta o suficiente para ver uma oportunidade. Ele encarregou um grupo dos "turcos mais valentes de Damasco", juntamente com vários outros contingentes de aliados que tinham vindo à cidade para ajudar em sua defesa, e os enviou para enfrentar os saqueadores francos.[26]Eles surpreenderam a maior parte dos invasores perto da vila de al-Buraq e 'causaram grande matança entre eles', colocaram Guilherme de Bures em fuga e 'cercaram o restante com golpes de espadas, estocadas de lanças e chuvas de flechas' até que 'eles ficaram prostrados no chão e sujos de poeira sob os pés dos cavalos'.[27]

Este foi um sério revés e, como se viu, do qual os cruzados não conseguiram se recuperar. Enquanto se preparavam para um contra-ataque, uma tempestade de neblina, chuva torrencial, trovões e relâmpagos explodiu, transformando as estradas em lama intransitável. "A tempestade havia sido enviada sobre eles por causa de seus pecados", resmungou Guilherme de Tiro.[28]Com metade do exército espalhado aos quatro ventos, Balduíno não teve outra opção senão uma retirada desordenada. Assim que o desastre em al-Buraq foi relatado, o exército franco queimou tudo o que não conseguiu carregar e fugiu. Ibn al-Qalanisi, assim como Guilherme de Tiro, viu a mão do Todo-Poderoso em ação. "O povo [de Damasco] sentiu-se seguro e voltou para suas fazendas... livre de tristeza e ansiedade, e visitado por uma misericórdia e bondade inesperadas e inimagináveis de Deus – a Ele sejam louvados", escreveu ele. "Após este desastre, foi quase impossível para os infiéis se reunirem em plena força, tantos de seus cavaleiros pereceram, tantos de seus homens foram destruídos e tanta de sua bagagem foi perdida."[29]

*

Não é de se admirar, portanto, que o autor da Crônica Anglo-Saxônica tenha feito um julgamento mordaz sobre a cruzada de 1129, resumindo-a como nada além de engano e fracasso. Os francos pressionaram fortemente Alepo e Damasco durante a década de 1120, mas mesmo com o poderio de um exército comparável aos grandes recrutamentos da Primeira Cruzada, ficaram aquém. O sonho de conquistar outra das grandes cidades sob domínio islâmico não havia morrido: novas expedições contra Alepo, Damasco e Cairo, ao sul, continuariam – e a necessidade de capturar Ascalão, a última fortaleza costeira entre o Egito e Bizâncio, também não seria esquecida. Mas, a partir da década de 1130, a expansão no leste lentamente deu lugar ao recuo e, na década de 1140, como veremos, o recuo deu lugar a uma defesa em pânico.

Nesse sentido, o desenvolvimento mais importante da Cruzada de Damasco de 1129 foi menos o resultado da batalha em si do que a campanha de recrutamento que a precedeu. Com o estabelecimento dos Templários sob Hugo de Payns, uma instituição cruzada formal foi criada, dando expressão duradoura aos anseios dos jovens guerreiros por uma guerra santa penitencial e conexões perpétuas entre as terras dos

Latinos no Oriente e no Ocidente. A partir da década de 1130, a missão dos Templários foi imitada pelos Hospitalários, que adicionaram um ramo militar às suas funções médicas e paliativas. Durante as décadas seguintes, castelos, torres de vigia e comendas (também conhecidas como preceptorias, que significam quartéis militares de estilo monástico) dos Templários e Hospitalários surgiriam por todos os estados cruzados, habitados por guarnições permanentes de guerreiros religiosos, cujos deveres abrangiam não apenas a proteção dos peregrinos, mas também a defesa da própria Terra Santa cristã. Cavaleiros e sargentos Templários e Hospitalários passaram a ser considerados as unidades de elite dos exércitos francos, habitualmente formando a vanguarda e a retaguarda em campo, e ganhando a reputação entre seus inimigos de "os combatentes mais ferozes de todos os francos". Enquanto isso, na Europa, as ordens militares também floresceram: oferecendo apoio institucional e amplo alívio fiscal por sucessivos papas, elas tiveram um papel ativo nas guerras cruzadas da península espanhola, ao mesmo tempo em que expandiam e forneciam pessoal para suas redes de propriedades lucrativas em terras mais pacíficas por meio dos esforços de indivíduos que doavam suas propriedades ou suas pessoas aos Templários ou Hospitalários na esperança de recompensa eterna.

Embora essas novas instituições cruzadas começassem a se expandir e florescer, não estava totalmente claro qual seria o futuro das cruzadas. Depois de 1129, havia pouca vontade de realizar outra grande expedição de oeste para leste – pois, ao que parecia, não havia motivo que a exigisse. O ressurgimento das cruzadas, pelo menos a leste, dependeria de um perigo óbvio e existencial para os estados latinos: seria uma ferramenta defensiva e não ofensiva. Demorou mais de uma década para que tal perigo surgisse; mas, quando surgiu, foi uma visão assustadora, liderada por um líder tão imponente quanto Tughtakin e Ilghazi juntos.

[*] Esses ataques foram uma tentativa nada sutil de forçar o novo imperador bizantino João II Comneno a renovar um tratado comercial favorável que ele havia cancelado após a morte de seu pai. Eles obtiveram sucesso: o tratado foi renovado em 1126.

[†] O pai de Teobaldo era Estêvão, conde de Blois, desprezado por abandonar a cruzada em Antioquia em 1098. O pai de Guilherme era Roberto, duque da Normandia, que na época estava definhando na prisão na Inglaterra, cativo de seu próprio irmão, Henrique I.

‡ também conhecido como Geoffrey Plantagenet: pai de Henrique II da Inglaterra e fundador da dinastia que governou a Inglaterra de 1154 a 1485.

§ Ao longo da história dos Templários, a Regra seria significativamente expandida e revisada, para abranger um manual militar e um grande conjunto de estudos de caso sobre contravenções da Regra e as penitências devidas aos infratores.

13

Melisende, a Magnífica

Você deve colocar a mão em grandes coisas e, embora seja uma mulher, deve agir como um homem…

No auge do verão de 1131, Melisende, a mais velha das quatro filhas de Balduíno II, foi convocada ao leito de morte de seu pai. Ela encontrou o velho rei definhando no palácio do patriarca, no complexo do Santo Sepulcro, vestido como um monge. Poucos dias antes, ao perceber que estava mortalmente doente, Balduíno havia deixado de lado os aparatos de seu estado real e pedido a seus servos que o levassem a um alojamento confortável o mais próximo possível do túmulo de Cristo. Ele fez votos religiosos e assumiu o manto, na esperança de melhorar suas chances na vida após a morte. "Ele tinha plena esperança de que Aquele que havia vencido a morte... o tornaria um participante de sua própria ressurreição", escreveu Guilherme de Tiro.[1] Mas Balduíno não havia abandonado completamente todos os pensamentos sobre o reino terreno: ele tinha planos importantes para o futuro de sua coroa e de sua família — como Melisende, de 26 anos, estava prestes a descobrir.

Melisende e suas três irmãs – Alice, Hodierna e Yvette – se tornariam, cada uma à sua maneira, proeminentes na política dinástica dos estados latinos. Alice havia se casado com Boemundo II de Antioquia, mas agora era uma jovem viúva, pois Boemundo morrera no ano anterior, com apenas 23 anos, enquanto lutava contra os turcos dinamarqueses da Anatólia; sua cabeça foi decepada na luta e enviada como presente ao califa em Bagdá. Hodierna era solteira, mas em poucos anos se tornaria uma das mulheres proeminentes da região. A irmã mais nova, Yvette (também conhecida como Joveta)

tinha sido marcada para uma carreira no convento, mas sua vida foi dramática desde os primeiros anos. Aos cinco anos de idade, Yvette foi envolvida em negociações para a libertação de seu pai da prisão nas mãos do filho de Ilghazi, Timurtash; traumaticamente, ela foi tirada de sua casa para ser mantida em confinamento honroso enquanto aguardava o pagamento do resgate de Balduíno. As meninas nasceram em tempos difíceis e a necessidade as tornou difíceis. Metade francas e, por meio de sua falecida mãe Morphia, metade armênias, todas as quatro foram mulheres determinadas e notáveis da segunda geração de colonos francos na Terra Santa. Suas histórias entrelaçadas ilustrariam as tensões e rivalidades emergentes que dominaram o leste latino à medida que os feitos dos primeiros cruzados deslizavam da memória viva para o reino da história e da lenda.

Melisende chegou ao leito de morte de seu pai na companhia de seu marido Fulque e seu filho pequeno. Ela se casou com Fulque prontamente em sua chegada à Terra Santa em 1129, cumprindo o acordo firmado com o senhor angevino antes da cruzada de Damasco. O casal prontamente cumpriu seu dever dinástico e produziu um herdeiro, a quem, sem surpresa, chamaram de Balduíno. Esse poderia ter sido o momento em que Melisende desapareceu da política: como um veículo para a realeza ser transmitida primeiro por casamento e depois por nascimento, seu dever para com o reino estava, em seu sentido mais estrito, cumprido. Mas Melisende não era de ir em silêncio. Além disso, no início do século XII, as rainhas desfrutavam de um breve momento de aceitabilidade: na Inglaterra, Henrique I morreu em 1135, deixando sua coroa para sua filha (e nora de Fulque), Matilde; em Castela e Leão, Afonso VI transmitiu sua coroa por meio de sua filha Urraca; Na Sicília, a menoridade de Rogério II fora habilmente administrada por sua mãe, Adelaide. A realeza não despertava a mesma antipatia instintiva que despertaria mais tarde na Idade Média, e na mente de Balduíno havia muito a recomendá-la. Foi assim que Melisende, Fulque e o infante Balduíno se reuniram para saber que o rei moribundo estava prestes a virar seu reino de cabeça para baixo.

O acordo que trouxe Fulque à Terra Santa fora feito com base no entendimento de que o conde de Anjou chegaria com a intenção de assumir a coroa. No entanto, em seus últimos momentos, Balduíno se mostrou equivocado sobre o que isso significava. Em vez de Fulque se tornar rei sozinho, disse ele, Jerusalém seria governada pela família reunida: Fulque, Melisende e, quando chegasse a hora, o príncipe infante.[2]Este não foi exatamente o acordo firmado no Ocidente, mas o velho rei tinha o direito de fazer o que bem entendesse. Assim, ele mudou sua

mente e prontamente morreu, partindo do mundo em 21 de agosto de 1131. Pouco mais de três semanas depois, em 14 de setembro – o dia da exaltação da Santa Cruz – Fulque e Melisende foram ungidos e coroados juntos na Igreja do Santo Sepulcro pelo patriarca de Jerusalém, Guilherme de Messines. O jovem Balduíno, sendo menor de idade, ainda não estava incluído, e a tradição de coroar monarcas em Belém no dia de Natal foi quebrada. Portanto, tudo era incomum: o local, a data e o arranjo. Não estava claro como esse governo duplo e, como se imaginava, triplo do reino latino e seus estados dependentes funcionaria. Como Ibn al-Qalanisi escreveu de Damasco, "com a perda de Balduíno, [os francos] foram lançados na discórdia e na confusão".[3]

*

Fulque ascendeu à coroa de Jerusalém com uma ideia clara de como pretendia exercer a autoridade. Isso representou, mais ou menos, uma vitória esmagadora. Escrevendo na longínqua Normandia (a centenas de quilômetros de distância, mas em um território bem familiarizado com os métodos e meios de governo de Fulque), o cronista Orderico Vital registrou as mudanças abruptas provocadas pela ascensão de Fulque:

> Como novo governante, ele baniu de seus conselhos os principais magnatas que, desde o início, lutaram resolutamente contra os turcos e ajudaram Godofredo e os dois Balduínos a conquistar cidades e fortalezas, substituindo-os por estrangeiros angevinos e outros recém-chegados inexperientes... Consequentemente, grande descontentamento se espalhou, e a teimosia dos magnatas se inflamou contra o homem que trocava de oficiais de forma tão desajeitada. Por muito tempo... eles usaram suas habilidades guerreiras, que deveriam ter unido para exercitar os pagãos, para se autodestruir.[4]

Fulque trouxe seus próprios administradores, seus próprios castelões e seus próprios clérigos para o leste e – compreensivelmente, embora não sabiamente – criou a partir deles um círculo angevino em torno da coroa que parecia excluir os mais velhos. Ele demonstrava um preconceito particular contra homens associados aos normandos, fossem eles da Normandia propriamente dita ou do clã Hauteville da Apúlia, Calábria e Sicília, que havia produzido Boemundo I, Tancredo e outros cruzados famosos. Desde o início do reinado, os angevinos foram promovidos, enquanto os normandos e aqueles ligados à família Montlhéry de Balduíno foram

decepcionado. Mais flagrantemente, Fulque tentou ignorar os desejos de seu sogro e da rainha marginalizada Melisende, em Jerusalém, e de sua irmã Alice, em Antioquia, em leito de morte.

Em 1130, Alice, recém-viúva, conquistou a ira de seu pai, Balduíno II, ao afirmar seu direito de governar o principado do norte em nome de Constança, sua filha de dois anos com Boemundo II. Tentando demonstrar que poderia proteger as fronteiras de Antioquia pela diplomacia, mesmo que não pudesse cavalgar à frente de um exército, Alice fez propostas ao mais enérgico dos líderes seljúcidas da região: Imad al-Din Zengi, atabeg de Mosul e Alepo, um soldado moreno e grisalho na casa dos cinquenta anos, visto com admiração e uma boa dose de medo por inimigos e seguidores.[5] Guilherme de Tiro ouviu muitos anos depois que essas propostas incluíam um presente: um palafrém branco como a neve, com freio de prata e manta de seda.[6] Embora esse corcel fantasmagórico possa ter agradado a Zengi, serviu apenas para enfurecer o pai de Alice. Ele marchou sobre Antioquia, levando Fulque consigo. Os portões da cidade foram abertos pelos cidadãos e Alice foi forçada a se jogar aos pés do pai e implorar por misericórdia. Balduíno a mandou embora, em desgraça, para viver em Laodiceia e Jabala, duas das cidades portuárias de Antioquia, e tomou a regência de Antioquia em suas próprias mãos.

Assim que Balduíno morreu e Fulque se tornou rei, Alice tentou a sorte novamente. "Uma mulher extremamente maliciosa e astuta", retrucou Guilherme de Tiro, condescendente; mas ele também reconheceu a força da opinião pública que subitamente se voltou contra Alice e as preocupações que outros nobres nutriam em relação a Fulque no início de seu reinado. A "Princesa de Antioquia", como ela se autodenominava, era apoiada em sua busca pelo poder tanto por Pons de Trípoli quanto por um novo conde de Edessa, Joscelino II – ambos ansiosos por manter um certo grau de independência sobre os assuntos de seus condados.[*] Para submeter os três à obediência, Fulque foi obrigado a mobilizar forças armadas, travando uma batalha contra Pons para garantir a submissão do conde em Trípoli e impondo um regime real em Antioquia sob o comando do condestável Rainald Mazoir. Esse tipo de discórdia era altamente irregular entre os latinos. Em Damasco, Ibn al-Qalanisi notou com surpresa que "houve combates entre [os francos], nos quais vários deles foram mortos".[7] Mas isso estava longe de ser o fim dos problemas de Fulque. Mal havia subjugado Antioquia e Trípoli, retornou a Jerusalém e encontrou mais uma rebelião em formação, orquestrada em favor da irmã mais velha de Alice: sua esposa, Melisende.

É difícil examinar os eventos do início da década de 1130 sem concluir que Fulque trouxe muitos de seus problemas para si. Confiante de que os últimos desejos de Balduíno II não poderiam ser impostos a ele uma vez que aquele venerável e velho rei jazia frio em uma cripta sob o Gólgota, ele desprezou a propriedade e, desde o início de seu reinado, tentou afastar Melisende dos processos de governo. Mas Melisende não era capacho e não lhe faltavam apoiadores. Fulque foi recompensado por sua abordagem agressiva com uma rebelião completa, liderada por dois dos principais nobres do reino latino: o nobre Hugo de Le Puiset, conde de Jaffa, e Romano de Le Puy, antigo senhor da Transjordânia (ou Oultrejordain), terras que ficavam a leste de Jerusalém, do outro lado do rio Jordão.

De acordo com uma história escandalosa, repetida várias décadas depois por Guilherme de Tiro, os problemas começaram porque Hugo de Le Puiset – jovem, alto, bonito e um excelente espadachim – teria tido um caso com sua prima em segundo grau, Melisende. "O conde... havia rumores de que mantinha relações muito próximas com a rainha, e disso parecia haver muitas provas", escreveu Guilherme, sem mencionar quais poderiam ter sido essas provas. "Por isso, movido pelo ciúme do marido, diz-se que o rei concebeu um ódio inexorável contra o homem."[8] Era uma história romântica, e pouco mais que uma fofoca. A causa raiz da insatisfação de Hugo não era o desejo sexual pela prima, mas uma profunda preocupação com a forma como o novo rei estava atropelando os interesses de suas famílias extensas e marginalizando a rainha.

A situação chegou ao auge em uma reunião da haute cour (a alta corte dos principais nobres de Jerusalém) em 1134, quando um senhor legalista, Walter de Cesareia, acusou Hugo em tribunal aberto de tramar traição contra a vida de Fulque. Hugo exigiu defender sua honra em combate corpo a corpo e não compareceu no horário combinado, provavelmente sob pressão de sua esposa, Emolata, já que Walter era filho dela de um casamento anterior. Hugo foi declarado culpado em sua ausência e reagiu da maneira mais estúpida imaginável: navegou até a cidade fatímida de Ascalon e firmou um tratado que previa assistência muçulmana para pegar em armas contra o rei de Jerusalém. Em pouco tempo, grupos de ataque fatímidas "invadiram nossos territórios com ousadia e presunção incomuns", escreveu Guilherme de Tiro.[9]

Assim como a Princesa Alice havia exagerado ao tentar obter o favor de Zengi, agora Hugo de Le Puiset se viu à mercê de seus próprios erros precipitados e da ira de seu suserano. Fulque expulsou os ascalonitas, então

sitiou Hugo em Jaffa, levando-o rapidamente à rendição, pois o povo daquela cidade se recusou a lutar contra seu rei. Hugo foi privado de seu condado e condenado a três anos de exílio do reino. Ele podia se considerar sortudo por ter escapado com vida – mas apenas brevemente. Hugo estava em Jerusalém resolvendo seus negócios antes de embarcar de volta para o oeste quando, certa noite, enquanto jogava dados em uma rua conhecida por suas lojas de peles, foi atacado por um cavaleiro da Bretanha, que o esfaqueou até quase a morte. Hugo se recuperou dos ferimentos o suficiente para deixar o reino, mas morreu pouco depois na Apúlia, onde o rei Rogério II da Sicília lhe havia concedido santuário e um senhorio.

Agora, mais uma vez, Fulque estava sob pressão. Negando qualquer participação no ataque, mandou mutilar o cavaleiro que empunhava a lâmina – embora tenha instruído os torturadores a não cortarem a língua da vítima, para que não se dissesse que desejava silenciar a verdade. Mas Fulque não conseguiu evitar a opinião pública, que – justa ou injustamente – o culpava por um ataque vergonhoso a um homem de sangue nobre. Tampouco conseguiu ignorar o fato de que suas tentativas de expulsar Melisende de um papel político ativo haviam causado problemas dos quais ele poderia ter prescindido. Havia perigos suficientes à espreita sem iniciar uma guerra civil: os fatímidas haviam demonstrado que seu apetite por atacar o sul do reino permanecia inabalável; Antioquia e Edessa, ao norte, estavam sob crescente pressão tanto de Zengi, em Mosul e Alepo, quanto do imperador bizantino João II Comneno, na Anatólia e na Cilícia. Tardiamente, Fulque percebeu que lutar com sua esposa e sua facção era uma distração inútil da verdadeira função de governar. Em 1135, ele recuou e concordou em governar em conjunto com ela, como Balduíno II havia solicitado. Foi uma reviravolta e tanto. "O rei tornou-se tão uxório que, se antes despertava a ira dela, agora a acalmava", continuou Guilherme, "e nem mesmo em casos sem importância tomou qualquer medida sem o conhecimento e a assistência dela."[10]

*

Com Melisende, tardiamente, alçada ao seu devido lugar ao lado do marido – testemunhando cartas, engajando-se na política e, em 1136, dando à luz um segundo filho, chamado Amalrico – Jerusalém tomou nova forma. O jovem reino, no qual uma segunda geração de francos colonizadores conviveu com novos

O império, dominado por imigrantes vindos do Ocidente, governando uma população mista de cristãos de todas as etnias, além de judeus, árabes, sírios e turcos, foi reformulado – em muitos lugares, sendo literalmente reconstruído do zero. Ano após ano, um novo reino começou a emergir. Refletindo um ambiente em que mercadores, artesãos, artistas e peregrinos da Pérsia, Bizâncio, Egito e de todo o Mediterrâneo se misturavam, a arquitetura e a arte produzidas para Melisende e Fulque eram frequentemente deslumbrantes.

Um dos melhores exemplos da arte cruzada na época de Melisende foi um livro pequeno, mas de formato impressionante, conhecido como Saltério de Melisende: um manual devocional contendo um calendário litúrgico e textos dos salmos. Foi o produto de uma oficina na Igreja do Santo Sepulcro – encomendado talvez como um presente de Fulque a Melisende para apaziguar seus conflitos conjugais – e seus valores de produção surpreendentemente luxuosos personificavam o gênio intercultural em ação no reino cruzado. O saltério, que sobrevive até hoje, é uma profusão de cores e artesanato: páginas de elegante texto latino com letras iluminadas, imagens do zodíaco, ilustrações brilhantes representando a vida de Cristo e folhas de ouro com inscrições de fases gregas. Os fólios eram encadernados entre capas de marfim delicadamente esculpidas, apresentando cenas da vida do Rei Davi, quadros de animais se despedaçando e figuras de soldados representando as virtudes massacrando violentamente outras que defendiam os vícios. Tudo foi preso com fita de seda bordada.[11]Entre quatro e seis artistas altamente talentosos trabalharam no saltério, sob a orientação de um mestre treinado na Grécia, chamado Basílio, cujo trabalho misturava influências francas, italianas, bizantinas, anglo-saxônicas e islâmicas, e em cuja oficina os mais altos padrões de caligrafia, encadernação, metalurgia, caligrafia e bordado foram mantidos.[12]

A produção de livros representou apenas uma pequena parte da efusão cultural de Jerusalém durante o reinado de Melisende como rainha. Artefatos religiosos eram trazidos do Oriente Próximo para o Ocidente latino por peregrinos ricos ou bem relacionados: por volta do início do reinado de Melisende e Fulque, um mosteiro alemão em Denkendorf, dedicado ao Santo Sepulcro, enviou uma missão para obter lascas da Verdadeira Cruz de Jerusalém. Os fragmentos, doados sob a autoridade do patriarca, retornaram à Baviera envoltos em um impressionante relicário de prata dourada em forma de cruz de dois braços (conhecida como crux gemina), cravejado com pérolas, ametistas e lascas da rocha preciosa do Gólgota.[13] Outros itens que retornaram dos estados cruzados

Incluíam tecidos estampados em estilo islâmico e jarras moldadas em forma de animais ferozes ou fantásticos. Após serem importados da Terra Santa, eram frequentemente copiados em oficinas latinas, atendendo a um novo apetite por itens exóticos do Oriente.[14]

Paralelamente à produção de bugigangas magníficas e artigos de luxo, iniciaram-se diversos projetos de construção de grande porte. Alguns deles foram realizados independentemente da política da coroa, como a expansão massiva do Hospital de São João, realizada entre 1140 e c. 1155. Grande parte do trabalho, no entanto, foi patrocinada diretamente pelo rei e pela rainha. Alguns dos mercados cobertos de Jerusalém foram construídos sob a direção de Melisende: um próximo ao Hospital de São João e ao Santo Sepulcro continha três ruas paralelas de lojas apertadas sob passagens abobadadas: a Rua das Ervas, a Rua da Má Cozinha e a Rua Coberta.[15]No Monte do Templo, o Domo da Rocha (ou como os cruzados o conheciam, o Templo do Senhor) foi reformado e redecorado antes de sua reconsagração como uma igreja cristã com um capítulo de cônegos agostinianos em 1141. O Domo da Rocha foi gravemente destruído durante a Primeira Cruzada: Ibn al-Athir ouviu falar de castiçais e candelabros de ouro e prata sendo saqueados em massa em 1099 em um saque de espólio que foi "além da contagem".[16]Agora que a mesquita havia sido convertida em igreja – um projeto iniciado há mais de quinze anos – Melisende garantiu que seu esplendor não fosse negligenciado. Ela dedicou atenção especial aos novos mosaicos no interior do santuário e ordenou a construção de uma grade ornamentada de ferro forjado ao redor da enorme rocha, que havia sido revestida de mármore. Um pequeno batistério octogonal (hoje o Qubbat al-Mi'raj) também foi construído nas proximidades, encimado por uma pequena cúpula e decorado com trinta e duas colunas curtas com capitéis intrincadamente esculpidos.

Enquanto isso, a leste da plataforma do Templo, em Betânia, que ficava a 2,5 km das muralhas da cidade, nas encostas do Monte das Oliveiras, Melisende fundou um convento. Durante séculos, este foi um local de peregrinação associado a Lázaro, cujo suposto túmulo era servido por uma atraente igreja de peregrinos.[17]Agora, um novo e grandioso convento com uma segunda igreja foi erguido no local, tanto para a glória do Todo-Poderoso quanto para o conforto da irmã mais nova de Melisende, Yvette, que havia sido professada como freira no mosteiro de Santa Ana e que eventualmente se tornou abadessa em São Lázaro em 1144. Melisende dotou as freiras sob sua irmã com renda suficiente para fazer da sua a casa monástica mais rica de todo o

reino. Segundo Guilherme de Tiro, a rainha mantinha um suprimento constante de vestimentas, tesouros, "cálices, livros e outros ornamentos pertencentes ao serviço da igreja". Guilherme, que viu o convento de São Lázaro totalmente construído, observou que ele era protegido por uma forte torre "de pedra talhada e polida", o que o tornava "uma fortaleza inexpugnável contra o inimigo".[18]

Deve ter parecido durante as décadas de 1130 e 1140 que toda Jerusalém era um canteiro de obras.[19]E nenhuma obra foi mais espetacular ou importante do que a reconstrução do Santo Sepulcro. O planejamento deve ter começado na década de 1130, tão vastas e complexas eram as propostas para reconfigurar a igreja no centro do mundo cristão. Embora os reparos na igreja após sua demolição pelo "califa louco" al-Hakim em 1009 tenham resultado em um local respeitável, as ambições se expandiram consideravelmente nas primeiras décadas da ocupação franca. Agora, planos foram traçados para unir a rotunda contendo o túmulo sagrado com o santuário construído sobre o Calvário e a capela que marcava a prisão de Cristo. Um novo coro, abside e nave foram projetados, juntamente com uma série de capelas. Uma nova cúpula se ergueria acima do coro. Os túmulos de Godofredo e dos dois Balduínos seriam visíveis imediatamente ao entrar no novo edifício a partir de seu pátio sul. As portas externas que se abriam para esse pátio seriam encimadas por arcos românicos típicos do antigo mundo latino; Acima dos portais, seriam colocados elaborados lintéis decorativos de pedra, esculpidos com imagens da Paixão de Cristo, entre galhos e folhas. O efeito amplo soaria familiar a todos os peregrinos francos que já haviam trilhado o caminho para Santiago de Compostela e visto os numerosos complexos de catedrais românicas construídos ao longo do caminho.[20]Mas os detalhes decorativos de colunas e vergas, portas e janelas, mosaicos e ícones eram entusiasticamente híbridos: motivos e influências bizantinas, latinas, árabes e sírias, todos misturados para criar um estilo "cruzado" único e emocionante. Talvez não fosse tão ousado quanto a imponente escola de arquitetura gótica prestes a explodir na França em meados do século XII, mas era impressionante o suficiente. As obras da enorme nova igreja começaram no início da década de 1130, e os andaimes ainda poderiam estar no local em 15 de julho de 1149, quando um desfile pela cidade ocorreu para marcar os cinquenta anos desde que ela havia caído nas mãos dos exércitos de Deus.

*

Enquanto os projetos para este grande projeto de reconstrução religiosa eram elaborados, Fulque e Melisende também supervisionaram um programa de construção de castelos, com fortalezas encomendadas por todo o reino de Jerusalém e além. Um anel de fortificações foi erguido: algumas, como Ibelin, Blanchegard e Gaza, foram projetadas para cercar os fatímidas em Ascalon; outras guardavam as terras fronteiriças de influência dos cruzados no lado leste do rio Jordão, outras ainda foram colocadas nas proximidades de Damasco. Os castelos variavam de pequenas torres de vigia abastecidas com água por cisternas subterrâneas a complexos murados grandes o suficiente para abrigar patrulhas e grupos de ataque; na década de 1160, eles haviam evoluído para enormes fortalezas costeiras concêntricas ou no topo de colinas, que equivaliam a quartéis militares completos. Um dos primeiros castelos construídos sob Fulque e Melisende foi erguido em Bayt Jibrin (Beth Gibelin/Bet Govrin), uma antiga vila entre Jerusalém e Hebron. Guilherme de Tiro conhecia Bayt Jibrin como "uma forte fortaleza cercada por uma muralha inexpugnável com torres, muralhas e um fosso".[21]As ruínas, ainda visíveis hoje, confirmam a descrição.

Para resolver o problema de guarnecer esse posto militar muito longe de Jerusalém, em 1136 Fulque concedeu Bayt Jibrin aos irmãos do Hospital de São João, que assumiram sua manutenção e, por sua vez, começaram a encorajar famílias de agricultores francos que tinham vindo em cruzadas ou peregrinações e nunca voltaram para casa a se estabelecer e trabalhar nas terras próximas.[22] Sua transferência para a gestão dos Hospitalários marcou o início da transformação da ordem em uma força militar auxiliar para rivalizar com os Templários.[23]Essa tática não se limitava de forma alguma ao reino de Jerusalém. No condado de Trípoli, no início da década de 1140, os Hospitalários receberam cinco importantes castelos fronteiriços – o principal deles o Crac des Chevaliers, que, após sua extensa reconstrução, tornou-se uma das fortalezas mais imponentes e icônicas do Oriente Latino. Os Templários, por sua vez, tomaram uma cadeia de fortalezas em Antioquia – Baghras, Darbsak, La Roche Guillaume e La Roche de Roussel – que guardavam as passagens para a Síria que desciam das montanhas Amanus. No final do século XII, as duas ordens assumiriam a responsabilidade primária pela guarda dos castelos em todos os estados latinos.

Ainda bem, pois a guarda era o que os estados latinos cada vez mais necessitavam. Fulque conseguira fazer as pazes com a esposa, mas, à medida que seu reinado progredia, a pressão aumentava de outros lados. Entre suas principais preocupações estava o feroz general turco e atabeg seljúcida Zengi,

Aumentando gradualmente seu poder no império seljúcida e voltando sua atenção para as possessões dos infiéis na costa. Tendo expandido sua autoridade, primeiro de Mosul a Aleppo, Zengi pressionou fortemente na década de 1130 para tomar o controle de Damasco, uma conquista que uniria as três maiores cidades muçulmanas da Síria sob um único governante, representando assim um grave e possivelmente existencial perigo para os estados latinos.

Esse perigo tornou-se evidente a partir de meados da década de 1130. Em Trípoli, o Conde Pons foi morto em batalha contra os turcos de Damasco em 1137; durante a mesma campanha, o próprio Fulque foi sitiado por Zengi na cidade de Montferrand e teve a sorte de escapar com vida. Isso levou ao poder um novo conde de Trípoli, Raimundo II, que havia se casado com Hodierna, irmã de Melisende. Raimundo era jovem e vigoroso, mas seu domínio sobre Trípoli era instável, e ele dependia fortemente das crescentes ordens militares para tomar grandes extensões de seu território, que estariam fortemente expostas a qualquer potencial conquista de Damasco por Zengi.

As coisas não eram mais fáceis em Antioquia. Lá, a campanha de Alice para se impor como regente terminou em um terceiro e último fracasso em 1135-1136. Em meio a um vácuo temporário de poder em Antioquia causado pela morte do idoso patriarca Bernardo de Valença – um dos últimos da geração dos primeiros cruzados – Alice mais uma vez tomou o poder em nome de Constança, então com oito anos de idade. Mais uma vez, ela foi superada, desta vez pelo novo patriarca, Ralph, ex-arcebispo de Mamistra. Em vez de entregar o poder a Alice, Ralph convocou da Europa um príncipe inteiramente novo: Raymond de Poitiers, o charmoso e erudito segundo filho do grandioso duque trovador da Aquitânia, Guilherme IX. O velho duque foi um dos poucos sobreviventes da desastrosa cruzada de 1101, que havia sido aniquilada na Ásia Menor por Qilij Arslan; seu filho Raymond aceitou entusiasticamente o convite para fazer melhor. Raimundo chegou a Antioquia em 1136 e assumiu o comando do governo, enfrentando dois problemas assustadores. Do leste, surgia Zengi. Do oeste, o imperador bizantino João II Comneno demonstrava um interesse militar há muito esperado em Antioquia e na vizinha Cilícia, buscando fazer valer os direitos de soberania imperial que seu pai, Aleixo, havia reivindicado em 1098, mas nunca concretizado.

Raimundo tinha a reputação de jogador inveterado, com grande predileção por dados. Como príncipe de Antioquia, passaria os sete anos seguintes em um jogo desesperado e arriscado: tentar angariar apoio militar bizantino contra os exércitos invasores de Zengi, sem encontrar seu

Principado engolido por Bizâncio no processo. Houve algum alívio – ainda que temporário – quando, no início de abril de 1143, João Comneno saiu à caça de javalis, lutou com um espécime particularmente grande e arranhou a mão na própria aljava de flechas envenenadas. Sua mão inchou assustadoramente; João recusou a amputação, apesar dos apelos dos médicos, e no oitavo dia do mês ele morreu, tendo escolhido seu filho Manuel para sucedê-lo.[24] Mas o alívio foi passageiro. Manuel Comneno se provaria um imperador excepcional, nos moldes de seu avô Aleixo; Raimundo logo percebeu que seus problemas se acumulavam vertiginosamente ao seu redor.

*

De volta a Jerusalém, entretanto, os problemas de Melisende também se multiplicavam. Em 10 de novembro de 1143, ela saiu a cavalo com Fulque perto de Acre; enquanto cavalgavam, os cavalos de seus servos perturbaram uma lebre em uma vala. Como todos os aristocratas respeitáveis, Fulque era viciado em matar criaturas inferiores, então esporeou seu cavalo e atacou, brandindo sua lança. Enquanto galopava, seu cavalo tropeçou, o jogou para longe e rolou sobre ele, esmagando seu crânio.[25]Os miolos de Fulque jorraram pelas narinas e ouvidos. E quando ele deixou o reino de Jerusalém e a Terra, Melisende finalmente se viu de posse da autoridade real à qual se agarrara tão tenazmente no início do casamento. Ela lamentou a morte do marido – mas não por muito tempo.

Bernardo de Claraval, que nunca se absteve de opinar por medo de presunção, escreveu várias vezes a Melisende quando soube que ela havia enviuvado (a notícia chegou a ele por meio de seu tio André de Montbard, um oficial de alta patente dos Templários). Como o velho rei estava morto e o mais velho de seus dois filhos, Balduíno, ainda era uma criança, escreveu Bernardo: "Os olhos de todos estarão sobre você, e somente sobre você repousará todo o fardo do reino. Você deve se dedicar a grandes feitos e, embora seja mulher, deve agir como um homem".

'Você deve organizar todas as coisas com prudência e discrição', ele continuou, 'para que todos possam julgá-lo, por suas ações, como um rei e não como uma rainha, e para que os gentios não tenham motivo para dizer: 'Onde está o rei de Jerusalém?".[26]

No dia de Natal de 1143, Melisende foi coroada pela segunda vez, em meio à construção do Santo Sepulcro em Jerusalém. Desta vez, seu filho de treze anos, agora oficialmente reconhecido como Balduíno III, estava ao seu lado. O relacionamento de Melisende com o filho seria ainda mais complicado do que com o marido, e a década seguinte traria a Jerusalém não apenas uma nova cruzada, mas uma guerra civil em grande escala. Mas, no contexto de 1143, Melisende poderia ter sido perdoada por um momento de triunfo pessoal e silencioso. "Ela havia se elevado tanto acima do status normal das mulheres", escreveu Guilherme de Tiro, "que ousou empreender medidas importantes. Sua ambição era emular a magnificência dos maiores e mais nobres príncipes e não se mostrar de forma alguma inferior a eles."[27]

[*] Joscelino I de Edessa morreu poucas semanas depois de Balduíno II de Jerusalém, no outono de 1131. Joscelino II era seu filho.

14

As Espadas de Nossos Pais

Com grande clamor, pessoas de todos os lados
começaram a exigir cruzes…

No final da primavera de 1145, mensageiros apareceram no oeste, vindos da Terra Santa, trazendo más notícias.[1]Eles vinham de Jerusalém e Antioquia, mas a triste história que contavam dizia respeito ao condado de Edessa. O primeiro estado cruzado a ser estabelecido e fornecedor dos dois primeiros reis latinos do Oriente, Edessa estava sob pressão há anos, com suas fronteiras sendo alvo dos emires e atabegs turcos do grande império seljúcida. Por quase meio século, a cidade resistiu, guardada por competentes senhores latinos e fortificada por relíquias sagradas, incluindo os restos mortais dos discípulos de Cristo, os santos Tadeu e Tomé. A lenda dizia que na cidade de Edessa "nenhum herege, nenhum judeu, nenhum pagão pode viver, nenhum tirano pode fazer mal", pois assim que os injustos atacassem, São Tomé intercederia para que "o inimigo fosse embora ou fizesse a paz".[2]Agora, parecia que o abençoado Tomé estava dormindo.

Durante o outono de 1144, Edessa foi alvo de constantes ataques de Imad al-Din Zengi, o feroz senhor de Mosul e Aleppo. No final de novembro de 1144, quando o Conde Joscelino II de Edessa estava em seu castelo em Turbessel, na outra margem do rio Eufrates, Zengi sitiou sua capital. Durante quatro semanas, Zengi apedrejou a cidade com suas manganelas. Durante quatro semanas, seus sapadores cavaram túneis para enfraquecer as torres e fortificações de Edessa. Na véspera de Natal, a cidade caiu, com sua muralha minada e rompida. Os mensageiros contaram histórias graves da violência que

aconteceu com os cristãos francos ali, o que mais tarde foi caracterizado por Guilherme de Tiro: 'Legiões avançaram juntas de todas as direções, entraram na cidade e mataram ao fio da espada todos que encontraram.'[3] Mulheres e crianças foram esmagadas enquanto fugiam para a segurança da cidadela. Hugo, bispo de Edessa, que liderava as defesas do cerco, foi pisoteado até a morte.

Embora Zengi não tenha permitido um massacre ou uma demolição — "quando viu a cidade, ficou impressionado e pensou que nenhuma política sensata permitiria a demolição de tal lugar", escreveu o cronista iraquiano Ibn al-Athir — sua tomada de Edessa foi, no entanto, um duro golpe contra os francos.[4]Todo o povo de Jerusalém, disseram os mensageiros, sentiu uma dor terrível e a angústia da perda nas profundezas de suas almas.[5]Eles foram aos antigos reinos do oeste para implorar uma resposta aos seus governantes.

*

O enviado que trouxe a notícia da queda de Edessa à corte papal foi Hugo, bispo de Jabala. Tendo sido retido pelo clima invernal, que fechou as rotas marítimas, Hugo só chegou ao oeste por volta de maio de 1145. Ele encontrou o papado em um estado instável. A revolução nas ruas de Roma havia momentaneamente produzido uma comuna com seu próprio governo populista, inspirada pela pregação radical de um cônego da Lombardia chamado Arnaldo de Bréscia, que denunciava a riqueza da Igreja e a propriedade em geral. A corte papal, portanto, havia se deslocado 100 km ao norte, para Viterbo. O pontífice que ali se sentava no trono temporário de São Pedro havia sido eleito apenas em fevereiro. Seu nome era Bernardo Paganelli, e ele era um ex-bispo de Pisa e monge cisterciense que havia adotado o nome de Eugênio III. Ele já tinha muita coisa em mente.

A existência de uma comuna romana decorreu, em grande parte, do fato de que, durante a maior parte da década de 1130, a Igreja Romana esteve em cisma, com um antipapa aristocrático conhecido como Anacleto II em oposição a Inocêncio II, que tinha um apoio mais amplo. Os apoiadores do antipapa eram um grupo pequeno, mas beligerante: entre eles, Rogério II da Sicília, que trocou seu apoio a Anacleto pela bênção oficial de seu direito de se autodenominar rei. A maioria dos cismáticos foi reconduzida à obediência em 1139, no Segundo Concílio de Latrão (que excomungou Rogério por sua impertinência). Mas, em meados da década de 1140, as feridas que haviam sido abertas na Igreja Ocidental

permaneceu cru e sangrento. O antecessor imediato de Eugênio, Lúcio III, morrera em decorrência de ferimentos sofridos em uma batalha de rua contra os comunardos cismáticos em Roma. Dizia-se popularmente que Eugênio devia sua eleição como sucessor de Lúcio ao fato de não haver ninguém mais corajoso ou ingênuo o suficiente para aspirar à tiara papal em um momento tão assustador. Cabia a ele, ao assumir o cargo, encontrar um grande projeto (como uma nova cruzada) por trás do qual toda a cristandade ocidental pudesse se reunir.

A unidade da Igreja Ocidental e a ocupação de Roma por comunardos violentos não eram as únicas questões que atormentavam Eugênio. Da França, chegavam notícias de pregadores desonestos que enchiam a cabeça de bons cristãos com heresias perigosas. O mais proeminente e incorrigível entre eles era o demagogo Henrique de Lausanne, de barba comprida e fala elegante, um monge fugitivo que vagava pela França descalço há mais de trinta anos, incitando as pessoas a rejeitarem pilares tão familiares da fé cristã como o casamento, o batismo infantil e a Eucaristia. Henrique era associado do notório Pedro de Bruys, que se destacou na década de 1130 por cortar crucifixos e incendiá-los em grandes pilhas do lado de fora das portas das igrejas; prática que lhe rendeu uma recompensa proporcional quando foi queimado vivo por uma multidão enfurecida.[6]Seus erros continuaram vivos através de Henrique, e coube a Eugênio, como papa, eliminá-los.

A inquietação no Ocidente, no entanto, não cegou Eugênio para os infortúnios do Oriente. Mesmo antes de Hugo de Jabala chegar de Antioquia, na primavera de 1145, Eugênio vinha providenciando a defesa da cristandade latina e explorando alianças que pudessem ajudar a fortalecer a influência franca, tanto nos estados cruzados quanto na Espanha, onde a guerra contra os Almorávidas continuava. Uma das primeiras bulas que ele emitiu após sua coroação foi Militia dei (O Exército de Deus), selada em abril, que confirmou e estendeu a proteção papal aos Templários, concedendo à ordem militar privilégios financeiros e isenção de impostos para ajudá-los a financiar sua missão. Em seguida, Eugênio voltou sua atenção para as lutas contra os Almorávidas na Espanha, emitindo cartas pedindo a reconquista de Tarragona e oferecendo isenção de penitência para quaisquer guerreiros cristãos que ajudassem na missão com doações às ordens militares. Ao mesmo tempo, ele estava cogitando propostas da Igreja da Armênia para laços oficiais mais estreitos com o Ocidente.

Em tudo isso, Eugênio contou com o apoio de um círculo de clérigos talentosos e bem-educados, entre eles o abade cluníaco Pedro, o Venerável.

– um estudante crítico, mas altamente engajado, do texto e da prática islâmica, que supervisionou a primeira tradução latina do Alcorão e observou em primeira mão o curso das guerras na Espanha – e Otto, bispo de Freising, um ex-monge cisterciense com conexões políticas impecáveis, que surgiram do fato de seu meio-irmão Conrado III ser o rei dos alemães.[7] Nenhum deles, contudo, esteve tão intimamente associado ao papado de Eugênio quanto seu mentor e conselheiro Bernardo de Claraval.

Eugênio conheceu o grande abade Bernardo por volta de 1135 em Pisa, e o asceta esguio e carismático de Claraval causou tal impressão que Eugênio, pouco depois, recebeu ordens sagradas como cisterciense, tornando-se primeiro irmão da própria casa de Bernardo e, mais tarde, chefe da abadia dos Santos Vicente e Anastácio, também conhecida como Tre Fontane – a Abadia das Três Fontes, localizada entre pântanos maláricos nos arredores de Roma. Sua ascensão ao papado foi uma surpresa, mas também um triunfo para Bernardo e os cistercienses. Eugênio foi o primeiro membro da ordem a alcançar tão alto cargo e o primeiro monge-papa desde o sucessor de Urbano II, Pascoal II, de Cluny.[*] Quando Bernard escreveu para parabenizar Eugene, ele disse que "quando ouvi isso, meu espírito reviveu dentro de mim e me prostrei no chão em agradecimento a Deus".[8]

A resposta de Eugênio à notícia da queda de Edessa, portanto, carregava a marca do cisterciismo em geral e de São Bernardo em particular.[9] Em 1º de dezembro de 1146, o papa emitiu uma bula conhecida como Quantum praedecessores, que estabelecia sua reação oficial aos problemas no Oriente. Quantum praedecessores era um chamado estridente aos fiéis para que se levantassem novamente e resgatassem seus irmãos sitiados na Terra Santa, juntando-se aos exércitos de uma nova cruzada. Eugênio se inspirou fortemente na nostalgia dos feitos dos primeiros cruzados, "os guerreiros mais fortes e vigorosos do reino dos Franceses, e também os da Itália, inflamados pelo ardor do amor", que reuniram um grande exército e "não sem muito derramamento de seu próprio sangue, mas com a ajuda divina, libertaram da imundície dos pagãos aquela cidade na qual Nosso Salvador quis sofrer por nós".[10] Tendo assim invocado Jerusalém, Eugênio então relatou a queda de Edessa, explicando que o arcebispo havia sido morto e "as relíquias dos santos pisoteadas pelos infiéis e dispersas". Ele argumentou que era o dever justo de uma nova geração de francos

> cingi-vos vigorosamente para opor-vos à multidão de infiéis que agora se regozijam com a vitória que obtiveram sobre nós... para que a dignidade do nome de Cristo seja exaltada em nosso tempo e a vossa reputação de força, que é louvada em todo o mundo, seja mantida intacta e imaculada.

Tratava-se de uma retórica magistral: um apelo tanto à piedade quanto à vaidade das classes cavalheirescas, e um desafio para provar que o mundo não estava amolecendo. Fracassar, escreveu Eugênio, provaria que "a bravura dos pais teria diminuído nos filhos". Por toda a Europa, os cavaleiros teriam ouvido as histórias dos primeiros cruzados e visto os troféus que trouxeram do Oriente. Igrejas por todo o continente estavam repletas de relíquias e bugigangas que haviam viajado para o Ocidente com veteranos: um exemplo típico era um relicário guardado em uma igreja em Ardres, que continha os pelos da barba de Cristo, aparas de sua cruz, um pedaço da Lança Sagrada descoberto em Antioquia e relíquias de São Jorge.[11]Poucos no oeste poderiam deixar de ver relíquias como essas, e Eugene sabia disso. Ele também entendia que, em sua época, as cruzadas eram mais bem vendidas como uma tradição familiar – um feito que polia a linhagem e dava forma gloriosa ao quinto mandamento: honra teu pai e tua mãe.

No entanto, Quantum praedecessores fez mais do que simplesmente tocar os corações e reavivar as memórias. Assim como o Papa Urbano II fizera em 1095, Eugênio ofereceu aos fiéis que atenderam ao seu chamado um generoso pacote de benefícios espirituais: proteção da Igreja para "esposas e filhos, bens e posses", imunidade contra processos judiciais e alívio no pagamento de juros sobre dívidas. Mais precioso ainda, Eugênio prometeu que "todo aquele que devotamente iniciar e completar [uma jornada para o Oriente] ou morrer nela obterá a absolvição de todos os seus pecados dos quais se confessou com um coração contrito e humilde". Sempre o bom cisterciense, ele explicou aos seus ouvintes exatamente os pecados dos quais eles poderiam precisar ser perdoados. Ecoando de perto as palavras de Bernardo de Claraval na Regra dos Templários, Eugênio chamou a atenção para os excessos mundanos dos cavaleiros seculares que "se preocupam com roupas preciosas ou aparência elegante, ou cães, ou falcões, ou outras coisas que são sinais de lascívia... roupas multicoloridas, ou minivers, ou armas douradas ou prateadas". Levantem-se, ele os exortou, e "recebam o fruto da recompensa eterna". A bula foi publicada em 1º de dezembro de 1145 e foram feitos planos para uma viagem de pregação na primavera seguinte. Naquela época, no entanto, o

os primeiros e mais ilustres cruzados já estavam comprometidos com a causa.

*

Dizem que Leonor, duquesa da Aquitânia, certa vez descreveu seu marido, o rei Luís VII da França, como "um monge e não um monarca".[12]Ela era a filha tenaz, encantadoramente bela e politicamente astuta de uma corte sulista, libertina e animada, que se estendia para o interior, acima dos Pireneus, a partir do Golfo da Biscaia. Ele era um jovem bonito, de cabelos longos e semblante agradável. Mas o sacerdócio, e não a realeza, fora a ambição de Luís, e, ainda menino, foi enviado para uma escola em Paris a fim de se preparar para altos cargos na Igreja. Somente quando o cavalo de seu irmão mais velho, Filipe, tropeçou em um porco na estrada e atirou o príncipe para a morte, Luís foi retirado de suas aulas e empossado como herdeiro da coroa capetiana, à qual ascendeu após a morte de seu pai, Luís VI, no verão de 1137. E embora a coroa tivesse descido sobre sua cabeça, ela nunca lhe serviu tão bem quanto uma mitra ou uma tonsura. Dizia-se que ele amava Leonor com ciúmes infantis. O casamento deles estava destinado a ser difícil e não terminaria bem.

Em dezembro de 1145, porém, Leonor era a rainha e Luís, o rei, e o casal real presidia uma grande e suntuosa corte natalina em Bourges. A cena foi registrada por Odo de Deuil, um dos capelães de Luís, que escreveu uma crônica detalhada dos feitos do rei no final da década de 1140. Segundo Odo, Luís havia convidado "bispos e magnatas do reino... em grande número" e planejava revelar a eles "o segredo em seu coração".[13]E assim o fez. Enquanto Luís e Leonor presidiam as celebrações festivas, o rei deu algumas indicações bastante amplas sobre seu interesse pelos assuntos orientais. O caminho a seguir ficou claro quando o antigo prior cisterciense Godofredo de la Roche, bispo de Langres, proferiu um sermão bombástico denunciando a devastação de Edessa e "a arrogância dos pagãos", e convocou todos os grandes homens presentes a demonstrarem sua lealdade ao rei, preparando-se para lutar em seu nome pelo socorro de todos os cristãos.[14]Houve muita lamentação solidária, registrou Odo. Algo grande estava se formando.

Não está claro se a bula de cruzada do Papa Eugênio havia chegado à corte francesa na época do Natal de 1145, ou se, ao voltar suas atenções para o leste, Luís estava cumprindo uma promessa feita por seu falecido irmão Filipe. Seja como for, tanto o papa quanto o rei francês viam claramente a necessidade de uma resposta coletiva à queda de Edessa. Na primavera, essa resposta já havia sido devidamente coordenada. Em 1º de março de 1146, Quantum praedecessores foi reeditado, desta vez dirigido especificamente a Luís e seus súditos. À medida que circulava por todo o reino francês, preparativos foram feitos para uma reunião que se assemelharia muito ao Concílio de Clermont em 1095. Duas semanas antes do Domingo de Páscoa, uma grande assembleia desceu sobre Vézelay, no norte da Borgonha. Uma plataforma de madeira foi erguida nos campos fora da cidade. Em 31 de março, o próprio Luís VII subiu nessa plataforma usando uma cruz de cruzado. Ao lado dele estava a figura esguia, mas inconfundível, de Bernardo de Claraval, preparando-se para fazer o sermão de sua vida.

Nada em Vézelay era misterioso ou não planejado. Assim como acontecera em Clermont cinquenta e um anos antes, o que ocorreu foi uma peça de teatro público cuidadosamente coreografada, na qual Bernardo fez um discurso empolgante sobre os temas já popularmente promulgados pela bula papal, e o povo respondeu com adulação. As multidões se reuniram prontas – ansiosas, até – para serem exaltadas, e Bernardo lhes deu a performance que desejavam, incitando-as a um frenesi de justiça e, em seguida, distribuindo cruzes a todos que concordassem em se juntar ao Rei Luís em uma nova cruzada. Esse êxtase de espontaneidade planejada foi então relatado por oficiais recrutadores e pregadores por todo o reino. "Quando o instrumento do céu [ou seja, Bernardo] derramou o orvalho da palavra divina... com grande clamor, pessoas de todos os lados começaram a exigir cruzes", escreveu Odo. 'E quando ele semeou, em vez de distribuir, o pacote de cruzes que havia sido preparado de antemão, ele foi forçado a rasgar suas próprias vestes em cruzes e semeá-las no exterior.'[15]Aqui estava, de fato, um quadro que inspirou uma nova aventura: o famoso abade — "que carregava um espírito robusto em seu corpo frágil e quase sem vida" — literalmente rasgando suas roupas como Jacó.[16]Começou um período de preparação intensiva para uma cruzada liderada não por príncipes, mas por reis e rainhas. Uma canção popular em francês antigo capturou o espírito do momento. "Quem agora for com Luís não precisa ter medo do Inferno, pois sua alma estará no Paraíso com os anjos de nosso Senhor", dizia o refrão, enquanto um verso insistia que "Deus organizou um torneio entre o Céu e o Inferno".[17]

Depois de despertar os franceses em Vézelay, São Bernardo partiu para Flandres e Renânia para espalhar a notícia da nova cruzada e realizar milagres. Entre eles, teve uma breve conversa com uma estátua da Virgem Maria e curou centenas de pessoas que eram coxos, cegos ou surdos: uma menina teve sua mão ressequida curada; um homem ressuscitou dos mortos.[18]Enquanto Bernardo partia, ele mantinha sua habitual enxurrada de correspondências, de modo que conseguia persuadir mesmo quando não conseguia pregar. Uma epístola ao povo da Inglaterra alternava entre bajulação e repreensão: "O que vocês estão fazendo, homens valentes?", perguntava ele, alertando os ingleses sobre uma ameaça iminente a Jerusalém:

> Lançareis coisas santas aos cães, pérolas aos porcos? Quantos pecadores aqui se confessaram com lágrimas e obtiveram o perdão de seus pecados desde o tempo em que estes recintos sagrados foram purificados da imundície pagã pelas espadas de nossos pais? … O que pensais, meus irmãos? A mão do Senhor está encurtada… de modo que ele precisa nos invocar, pequenos vermes da terra, para salvá-lo e restaurá-lo à sua herança?[19]

Em outra missiva, ele instou o Duque Wladislau e o povo da Boêmia a acreditar que uma cruzada era uma "oportunidade que não se repetirá. Peço e aconselho que coloquem este assunto de Cristo acima de tudo".[20]A cruzada, ele explicou, deveria partir do oeste na Páscoa de 1147 – não havia muito tempo a perder.

No entanto, enquanto Bernardo pregava, ficou claro que, para alguns aspirantes a cruzados, a Páscoa de 1147 não poderia chegar rápido o suficiente. Nos meses que antecederam a Primeira Cruzada, a pregação popular não autorizada e a intolerância comum se combinaram para inflamar e incitar grandes multidões que saíam para prejudicar qualquer não cristão em quem pudessem pôr as mãos. Naquela época, a violência dos justiceiros havia sido pior na Renânia. E assim se provou novamente meio século depois. Viajando separadamente de Bernardo estava outro pregador cisterciense francês chamado Raoul, que empreendeu sua própria perambulação demagógica pelo vale do Reno, incitando o entusiasmo pelas cruzadas e incorporando-o a antigos ódios aos judeus. Bernardo olhava para Raoul com desprezo penetrante e escreveu, furioso, ao arcebispo de Mainz para reclamar que Raoul era "um sujeito sem juízo e desprovido de toda modéstia! Um sujeito cuja tolice foi colocada num castiçal para todo o mundo ver!"[21]Mas durante o alto verão de 1146, o poderoso carisma de Raoul e a mensagem lamentavelmente populista abafaram momentaneamente a mensagem do abade.

reclamações. E assim, mais uma vez, os judeus da Renânia sentiram a fúria nua e crua das hordas dos cruzados.

Um escritor judeu, Efraim de Bonn, manteve um registro das atrocidades cometidas a mando de Raul e relatou que o pregador desonesto conclamava os cristãos a "vingarem o crucificado sobre seus inimigos que estão diante de vocês; depois, irem à guerra contra os ismaelitas".[22]Como resultado, mortes, mutilações, cegamentos, espancamentos, invasões de domicílio e roubos ocorreram em cidades como Mainz, Colônia, Speyer e Worms. Simão de Trier foi decapitado, tendo a cabeça esmagada em um lagar. A Senhora Mina de Speyer teve as orelhas e os polegares decepados.[23]Bernardo de Claraval rangeu os dentes de fúria com a agitação de Raoul. "Encontro três coisas extremamente repreensíveis nele", escreveu. "Pregação não autorizada, desprezo pela autoridade episcopal e incitação ao assassinato."[24]Os judeus eram a favor da conversão, não da matança, pensava Bernard. Isso teria sido um consolo desprezível para as vítimas, particularmente para aquelas vítimas trágicas que escolheram o suicídio em vez do batismo forçado nas mãos de uma gangue de cruzados – como fez uma jovem chamada Gutalda de Aschenburg, que se afogou em vez de apostatar de sua fé.[25]Mas, no final do outono, Bernardo conseguiu pelo menos encontrar Raoul pessoalmente, em Mainz. Ele o censurou severamente e "o convenceu a ponto de ele prometer obedecer e retornar ao seu mosteiro".[26]A perda de seu incendiário não foi bem recebida pelos seguidores de Raoul, que só foram dissuadidos da insurreição por um respeito relutante pela santidade de Bernardo. No entanto, impediu uma orgia ainda pior de violência antissemita e foi um testemunho, pelo menos, da capacidade de Bernardo de conquistar o respeito das massas cruzadas, bem como dos grandes senhores seculares que o papa o incumbira de recrutar.

*

O maior desses senhores caiu sob o feitiço de Bernardo no Natal de 1146 em Speyer. Conrado III havia sido eleito rei dos germânicos (também conhecido como rei dos romanos) em 1138 e, embora nunca tenha sido coroado como Sacro Imperador Romano, era, no entanto, o monarca mais poderoso do Ocidente, com sua esfera de influência e comando estendendo-se da Dinamarca, ao norte, à Lombardia, ao sul, e das fronteiras da França, a leste, até a Hungria. Seu apoio à nova cruzada equivaleria a uma

Golpe significativo. Como de costume, Bernardo de Claraval mostrou-se à altura da tarefa. De acordo com o meio-irmão de Conrado, Otão de Frisinga, Bernardo encantou a corte natalina e "persuadiu o rei, Frederico [seu sobrinho] e muitos outros príncipes e homens ilustres a aceitar a cruz, realizando muitos milagres tanto em público quanto em particular".[27]

Esta foi uma conquista extraordinária, que demonstrava não apenas a capacidade de Bernardo de inspirar pessoalmente os grandes e os bons, mas também suas habilidades como diplomata atuando no mais alto nível. O facciosismo da política alemã era profundo e azedo, e para libertar Conrado para deixar seu reino em uma longa e perigosa jornada, da qual havia, na melhor das hipóteses, apenas uma chance mínima de retorno, ele teve que convencer muitos outros de que deveriam se juntar ao rei ou se afastar e deixá-lo partir em paz. Mais crucialmente, isso incluiu persuadir Guelfo VI da Baviera – o oponente político mais perigoso de Conrado – de que ele também deveria concordar em viajar para o leste em uma cruzada. Bernardo não apenas o fez, escreveu Otão de Frisinga, como também conseguiu atrair um grupo arrependido de criminosos inúteis. "Uma multidão tão grande de salteadores e ladrões (por incrível que pareça) veio correndo [para pegar a cruz] que nenhum homem em sã consciência poderia deixar de compreender que essa transformação tão repentina e tão incomum veio das mãos do Altíssimo", escreveu ele.[28]

E assim o cenário estava montado. Na primavera de 1147, quando Bernardo começou a encerrar sua viagem de pregação, ele efetivamente havia feito a paz na Germânia, induzido dois dos monarcas mais poderosos da Europa a se tornarem os primeiros membros da realeza desde o Rei Sigurd da Noruega a participar de uma cruzada, encantado cavaleiros e peregrinos comuns em busca de salvação a fazerem o mesmo, realizado literalmente centenas de milagres, escrito o mesmo número de cartas e conquistado tamanha fama que às vezes era fisicamente ameaçado pelas multidões adoradoras e maravilhadas que o visitavam em suas viagens. A única coisa que ele não havia feito foi se comprometer a viajar pessoalmente aos estados cruzados. Bernardo sempre sustentou que Jerusalém para ele ficava em Claraval – e, claro, com seu corpo franzino e deliberadamente enfraquecido, ele provavelmente não teria sobrevivido à jornada para o leste. Apesar de dedicar grande parte de sua vida e carreira à fulminação em prol das cruzadas, ele jamais vislumbraria o infiel de perto.

Outros, porém, o fariam. Na Páscoa de 1147, de navio, a cavalo e a pé, exércitos de um tamanho não reunido em mais de meio século fizeram suas orações e se despediram, confiaram seus bens à igreja e

Entregaram suas almas ao Todo-Poderoso e começaram a se mover para resgatar o reino de Jerusalém. Nem todos chegariam lá – e muitos dos que chegaram seguiram caminhos muito tortuosos, cercados pelo perigo de inimigos antigos e novos. Quando chegaram ao leste, não o encontraram exatamente como haviam imaginado. Mesmo assim, depois de meio século, uma Segunda Cruzada se materializou para seguir os passos da primeira. Fazia dois anos e meio desde a queda de Edessa. Que aventuras e agonias aguardavam esses novos cruzados, só Deus sabia.

[*] Apenas um outro cisterciense usaria a tiara: Bento XII (r. 1334–1342).

15

Convertido ou Excluído

Esta é uma ocasião para vocês salvarem suas almas e, se desejarem, adquirirem a melhor terra para viver…

Em meados de junho de 1146, quando o norte da Europa começou a se preparar para a cruzada, Jorge de Antioquia, o vizir grisalho da Sicília, navegou com uma frota de navios até as costas de Ifriqiya, governada pelos muçulmanos, e se preparou para atacar a cidade ocidental de Trípoli (Tarabalus).[*] Em algum lugar próximo de seu sexagésimo aniversário, distinguido por seus longos cabelos brancos e barba cheia, reta e bem cuidada, George havia sido o ministro preeminente na corte do Rei Roger II por quase metade de sua vida.[1] Ele era um especialista em finanças e um administrador habilidoso, mas em nenhum lugar foi mais eficaz do que no comando de uma frota de galés. O título honorífico de Jorge – ammiratus ammiratorum – poderia ser traduzido do latim como "emir dos emires", embora uma tradução alternativa fosse "almirante dos almirantes".[2] Durante o verão de 1146, ele confrontou as muralhas de Trípoli e considerou a melhor maneira de levar os habitantes rapidamente à obediência.

Jorge já havia estado nessas águas muitas vezes. Nascido em uma família cristã síria, ele se formou em contabilidade pública na Antioquia pré-cruzada e, posteriormente, na corte zirida em Mahdia (al-Mahdiyya), o maior porto de Ifriqiya, que ficava a 600 km da costa de Trípoli. Pouco depois de 1108, ele fugiu e chegou ao serviço siciliano, trabalhando nas cidades de Messina e Palermo, e ocasionalmente visitando a corte fatímida no Cairo como emissário. A partir da década de 1120, liderou ataques às cidades costeiras de seus antigos empregadores; em 1142, retornou a

Mahdia navegou diretamente para o porto e confiscou os navios ancorados, como punição pelos inadimplentes dos ziridas com o rei Roger, referentes aos carregamentos de grãos sicilianos. Desde então, ele supervisionou ataques anuais, saqueando e conquistando fortalezas como Djidjelli (Jijil), Brask (Sidi Brahim) e as ilhas Kerkennah.[3]

A razão para a onda repentina de agressão siciliana foi que Zirid Ifriqiya estava faminta e vulnerável. As colheitas do norte da África estavam fracassando e a agitação devastava as cidades costeiras e o campo. "Por causa da fome, os nômades procuraram as cidades e os habitantes fecharam seus portões para eles", escreveu Ibn al-Athir. "Seguiram-se pestes e grande mortalidade. O campo foi esvaziado e, de famílias inteiras, nem uma única pessoa sobreviveu."[4]Os efeitos logo atingiram a Sicília. A pirataria grassava nos portos de Ifriqiya e as caravanas de ouro que viajavam do Sudão para a costa foram interrompidas pela agitação geral. Refugiados atravessaram o Mediterrâneo em massa para a Sicília na esperança de encontrar comida e segurança. Seu estado desesperador convenceu o rei e seu vizir de que conquistar Ifriqiya, um feito que o pai de Roger encarava com ceticismo e cautela, era agora tentadoramente possível.[5]

Trípoli não era um alvo fácil, pois era defendida por muralhas tanto marítimas quanto terrestres. Mas, de acordo com o relato de Ibn al-Athir, os cidadãos facilitaram a tarefa de Jorge de Antioquia. Quando os navios sicilianos chegaram em 15 de junho, Trípoli já enfrentava uma grave crise de ordem interna. O governador, membro do clã árabe conhecido como Banu Matruh, havia sido deposto em favor de um dignitário visitante dos Almorávidas, os puritanos intolerantes e de véu que haviam invadido o Marrocos e a Espanha muçulmana. Tendo parado em Trípoli a caminho de Meca para realizar o Hajj, o Almorávida subitamente se viu defendendo a cidade de uma frota siciliana na costa, enquanto tentava reprimir a rebelião nas ruas. Vendo a desordem e pressentindo uma vitória fácil, Jorge de Antioquia enviou seus homens para erguer escadas e escalar as defesas. "Após uma luta feroz, os francos tomaram a cidade pela espada", escreveu Ibn al-Athir. A batalha foi seguida por "um banho de sangue e apreensão de mulheres e propriedades".[6]

A partir daí, a conquista de Ifriqiya avançou a passos largos. Os governadores das cidades abandonaram sua lealdade aos ziridas de Mahdia em favor dos francos do outro lado do mar. Jorge de Antioquia forçou a mão daqueles que resistiram. Em pouco tempo, Gabès, Susa e Sfax tornaram-se protetorados sicilianos formais.

Em 1148, quando Mahdia caiu, os palácios Zirid foram saqueados e suas riquezas enviadas de volta para Palermo.

Numa época em que a Segunda Cruzada acabava de ser convocada e pregadores por toda a Europa Ocidental convocavam os cristãos a pegar em armas contra os inimigos islâmicos, uma campanha de conquista e cobrança de tributos por um rei cristão contra vizinhos muçulmanos certamente atrairia atenção, mesmo que ocorresse a centenas de quilômetros de distância da Terra Santa. Quando Ibn al-Athir escreveu sobre as campanhas sicilianas contra Ifriqiya, muitos anos depois, ele as inseriu diretamente em sua narrativa mais ampla da reação franca à queda de Edessa. Esta era uma conclusão bastante natural. Que os ataques de Rogério e Jorge de Antioquia equivaleram, pelo menos superficialmente, a uma campanha de expansão cristã pareceu ser confirmado em 1148, quando o Papa Eugênio nomeou formalmente um arcebispo da África. Não é de surpreender que muitos muçulmanos em Ifriqiya tenham sofrido a humilhação de serem subjugados por descrentes: depois que o governador de Gabès enviou um emissário para negociar a submissão pacífica a Roger, ele foi sequestrado por seus rivais enojados e torturado até a morte, terminando seus dias engasgado com seu próprio pênis decepado (o emissário do governador, enquanto isso, estava vestido com um chapéu pontudo coberto de sinos, desfilou por Mahdia amarrado a um camelo e depois apedrejado até a morte por uma multidão).[7]

Apesar disso, porém, os ataques de Rogério da Sicília a Ifriqiya não se encaixavam perfeitamente na retórica e na teoria das cruzadas de Bernardo de Claraval e do Papa Eugênio. Por um lado, o próprio Rogério não fez nenhum esforço sério para situar suas ambições africanas no contexto da pregação das cruzadas e não tomou pessoalmente a cruz. Ele sem dúvida se lembrava de que, no auge do cisma da Igreja Romana, na década de 1130, o Papa Inocêncio II havia pregado a guerra santa contra a Sicília e os outros apoiadores de Anacleto, afirmando que os participantes ganhariam privilégios de cruzada. A frota de Jorge de Antioquia também não zarpou sob as cruzes dos cruzados, clamando por sangue. Eles eram principalmente agentes de uma política pragmática e egoísta, focada no ganho econômico e no desejo de expandir a realeza siciliana muito além das costas da própria ilha.

Em nenhum lugar isso era mais evidente do que na própria Trípoli. Após a queda da cidade, houve o período habitual de pilhagem. Mas logo Jorge de Antioquia declarou anistia, prometeu proteger as propriedades dos cidadãos e convidou aqueles que haviam fugido temendo por suas vidas a retornar à cidade. Uma guarnição siciliana foi instalada, as muralhas

reforçadas e um fosso cavado. No entanto, Trípoli não foi ocupada nem cristianizada à força. Seis meses depois, os Banu Matruh reconheceram o senhorio de Rogério e foram restituídos ao poder.

tendo concordado que os muçulmanos em Trípoli agora deviam ao rei da Sicília os mesmos impostos que os muçulmanos na ilha: a jizya e um imposto territorial.[8] O governador árabe (ou wali) passaria a usar uma túnica oficial enviada diretamente de Palermo; mas um equilíbrio de poder sensível à composição étnica da população foi alcançado pela nomeação de um magistrado chefe berbere (qadi).[9] Iniciou-se uma política ativa de reassentamento, com sicilianos e outros sob o domínio de Rogério sendo encorajados a cruzar para Ifriqiya. Assim, embora Trípoli tenha sido tomada por uma frota cristã que causou considerável derramamento de sangue, logo voltou ao governo islâmico e sua economia prosperou. "Rapidamente floresceu e seus negócios prosperaram", escreveu Ibn al-Athir.[10]

Eis, portanto, uma forma de expansão cristã que desafiava uma categorização fácil, mesmo tendo como pano de fundo o ruído da pregação da Segunda Cruzada. Refletia, talvez, a complexa herança cultural de Roger e da Sicília normanda em geral. Embora certamente cristão e parente consanguíneo de muitos cruzados ilustres, Roger também foi fortemente influenciado pela cultura árabe e grega. Seu manto real, confeccionado na principal oficina de Palermo para celebrar sua coroação, conferiu a essa herança mista uma forma visual marcante. Uma bela vestimenta de seda vermelha, decorada com granadas, pérolas, rubis e safiras, era bordada em fios de ouro com leões atacando camelos – uma metáfora para a vitória normanda sobre o mundo árabe.[11] No entanto, este belo manto também ostentava orgulhosamente a inscrição em árabe cúfico, que indicava a data de sua criação em forma islâmica (528 em vez de 1133/4). Quando Roger ocasionalmente emitia cartas em latim (ele preferia grego e árabe), ele era rei "pela graça de Deus". Mas moedas cunhadas durante seu reinado o declaravam "poderoso pela graça de Alá". Em um mosaico contemporâneo (encomendado por ninguém menos que Jorge de Antioquia) na igreja de Santa Maria dell'Ammieraglio em Palermo, Roger é retratado recebendo sua coroa de Cristo vestido como um imperador cristão. No entanto, ele geralmente preferia se comportar como um califa egípcio: usando trajes árabes, mostrando o rosto apenas em dias festivos, desfilando com cavalos adornados com ouro e prata à sua frente e carregando um guarda-sol sobre a cabeça – um símbolo distintivo da preeminência especificamente fatímida.[12]

A genialidade de Rogério, auxiliado e instigado por Jorge de Antioquia, residia em sua capacidade de combinar, em um todo siciliano singular, elementos de todas as culturas que coexistiram sob sua liderança. Ibn al-Athir, escrevendo após os eventos,

olhou para Roger e viu apenas um "Franco" ganancioso e pirata a ser amaldiçoado com os demais; mas Roger estava, na verdade, muito longe do estereótipo do cruzado fanático. Foi revelador que ele e Jorge de Antioquia tenham limitado seus ataques ao mundo islâmico durante a década de 1140 aos entrepostos comerciais do norte da África que poderiam servir à economia da Sicília. Quando os exércitos da Segunda Cruzada começaram a se movimentar em meados de 1147, Roger pensou menos em apoiar sua aventura na Terra Santa do que em explorar a perturbação causada pela marcha de Luís e Conrado sobre Constantinopla para saquear as ilhas bizantinas no Adriático.

*

Enquanto Roger concentrava seus esforços na expansão do domínio siciliano para o norte da África, os verdadeiros cruzados além dos Alpes se dirigiam para o leste. Em um grande conselho realizado em Châlons-sur-Marne no início de fevereiro de 1147, os líderes cruzados franceses e alemães decidiram que não viajariam pela Sicília (Conrado, em particular, não desejava lidar com Roger II, a quem considerava um inimigo mortal). O Papa Eugênio havia convocado os fiéis a imitarem os feitos de seus antepassados, então foi seguindo os passos de seus antepassados que eles seguiriam: seguindo o Danúbio pela Hungria e depois atravessando os Bálcãs até Constantinopla, cruzando a Ásia Menor com o apoio do imperador oriental Manuel I Comneno antes de descer para os estados cruzados via Antioquia. O planejamento e o abastecimento para essa jornada notoriamente difícil, juntamente com os preparativos políticos para as regências nos reinos francês e alemão, ocuparam as semanas que antecederam a Páscoa, a data simbólica em que os dois exércitos concordaram em partir.

À medida que traçavam sua rota, no entanto, surgiu uma nova vertente para as cruzadas. Na Saxônia, uma facção de cruzados havia se reunido, cuja motivação não era menos egoísta do que a de Rogério da Sicília. Eles também viam suas oportunidades muito mais perto de casa: não entre as colinas da Judeia ou no planalto de Alepo, mas nas terras fluviais que alimentavam o Mar Báltico. Ali – no que hoje é o norte da Polônia e o nordeste da Alemanha – viviam tribos eslavas, referidas coletivamente, ainda que imprecisamente, como os Wends (Wenden). Os Wends eram pagãos. Suas divindades não se encontravam no céu, mas nas características da terra natural, como carvalhos, riachos e rochas. Eles

adoravam em templos de madeira em vez de igrejas de pedra. Sacrificavam gado e reverenciavam ídolos desumanos, como o Svantovit (Svetovid) de quatro cabeças, e não aceitavam com bons olhos tentativas de batizá-los para a subserviência. Na opinião de um pequeno, mas significativo número de súditos de Conrado, eles eram alvos inteiramente legítimos.

Assim como em Ifriqiya, as disputas entre cristãos e não cristãos nas regiões bálticas já ocorriam há muitos anos antes do surgimento das Cruzadas. Desde os tempos carolíngios, no século IX, exércitos comandados por senhores tementes a Deus travavam guerras de expansão em território pagão e deixavam sua marca cultural nomeando bispos e construindo igrejas (isso havia sido feito com mais sucesso na Dinamarca, onde o cristianismo havia sido adotado na década de 960). No século XI, a fronteira oriental do domínio cristão coincidia mais ou menos com o curso do rio Elba. Então, por um tempo, missionários, em vez de soldados, cruzaram a linha para o território wendish. Mas, no início do século XII, o desejo de colonizar e cristianizar pela força ressurgia.

Por volta do ano 1108, um escrivão flamengo a serviço de Adalgod, arcebispo de Magdeburgo, redigiu um documento conhecido como "Carta de Magdeburgo". Nele, defendia-se veementemente a assistência militar externa contra os Wends, que, segundo a carta, estavam cometendo muitas atrocidades contra o povo cristão. "Há muito tempo que somos oprimidos pelos muitos tipos de opressões e desastres que sofremos nas mãos dos pagãos", afirmava.

> Eles profanaram as igrejas de Cristo com idolatria... invadem nossa região com muita frequência e, sem poupar ninguém, devastam, matam, derrubam e afligem com tormentos cuidadosamente escolhidos. Decapitam alguns e oferecem as cabeças aos seus demônios... permitem que alguns suportem a forca e arrastem uma vida mais miserável que a morte... por meio de desmembramento gradual... Esfolam muitos enquanto ainda estão vivos e, depois de escalpelá-los, disfarçam-se com seus escalpos e invadem territórios cristãos.

Relatos escabrosos de cerimônias de consumo de sangue se seguiram, antes que o autor convocasse seus "queridos irmãos em toda a Saxônia, França, Lorena e Flandres" para "preparar uma guerra santa... esta é uma ocasião para vocês salvarem suas almas e, se desejarem, adquirirem a melhor terra para viver".[13] O país, escreveu ele, com um eco tênue, mas distinto, do famoso texto bíblico

a descrição da Terra Prometida (Êxodo 3:8) era rica em carne, mel, milho e aves 'e se fosse bem cultivada, ninguém poderia ser comparado a ela em termos da riqueza de seus produtos'.[14]Em 1108, tudo isso não deu em nada, porque o Papa Pascoal II se recusou a autorizar as cruzadas contra os Wends. Mas quase quatro décadas depois, as coisas mudaram.

No início da década de 1140, cerca de uma dúzia de famílias nobres cristãs da Saxônia iniciaram uma investida militar unilateral contra o território wendish para enriquecer em terras colonizadas. Elas abriram caminho através das terras fronteiriças conhecidas como Limes Saxônicos, expulsando os povos eslavos wagrianos e polabianos e construindo fortalezas para marcar a extensão de sua apropriação de terras. Em seu rastro, vieram famílias de colonos-agricultores cristãos e equipes de padres missionários. Os servos wendish foram expulsos de suas terras. Os chefes wendish foram forçados a aceitar o senhorio de senhores cristãos como Alberto, o Urso, marquês de Brandeburgo.[15]Isso por si só já era uma má notícia para os Wends. Com a eclosão do fervor cruzado em 1146-7, as coisas pioraram muito.

Em março de 1147, Bernardo de Claraval compareceu a uma reunião em Frankfurt, convocada para discutir os preparativos para a marcha de Conrado III sobre a Terra Santa. Mas, longe de concordarem em se juntar ao rei, os nobres saxões defenderam a ideia de permanecer em casa e lutar contra os Wends. "Eles tinham como vizinhos certas tribos que se entregavam à imundície da idolatria", lembrou Otão de Frisinga, "e, da mesma forma, tomaram a cruz para atacar essas raças na guerra."[16]Reconhecendo que isso era um desvio considerável da missão de cruzada que Eugênio imaginou quando ouviu que Zengi havia invadido as muralhas de Edessa, os saxões criaram um novo estilo de cruz de cruzado: "não costurada simplesmente em suas roupas, mas brandida no alto, encimada por uma roda".[17]

Isso era claramente heterodoxo, mas Bernardo de Claraval nunca foi de se esquivar de ideias radicais. Ele gostou do que viu e imediatamente apoiou o direito dos saxões de travar uma guerra santa não contra os muçulmanos, mas contra os Wends. Em uma carta repleta de alusões bíblicas e bombástica apocalíptica, ele declarou que os pagãos bálticos, por pouco mais do que sua existência em lugares que os saxões queriam colonizar, representavam perfeitamente os inimigos de Deus, "a quem, se assim posso dizer, o poder da cristandade resistiu por muito tempo".[18]Nenhuma trégua ou paz seria tolerada com essas pessoas, ele trovejou. Eles seriam combatidos até que fossem "convertidos ou eliminados".[19]Em 13 de abril, o Papa Eugênio concordou formalmente. Ele

emitiu uma bula, Divina dispensatione, permitindo a

mesma remissão de pecados e benefícios espirituais por lutar na região do Báltico, como concedido àqueles que se juntaram a Conrado e Luís. Assim, a partir de julho de 1147, exércitos de dinamarqueses e saxões invadiram o território wendish e passaram vários meses queimando templos e batizando prisioneiros à força. Eles tiveram sucesso apenas parcial: os eslavos capturados tendiam a aceitar o batismo com indiferença, antes de retornar ao ritual pagão e não pensar mais nisso; e, eventualmente, o chefe wendish, o príncipe Nyklot, concordou em pagar tributo pela paz, no tipo de acordo que Bernardo de Claraval havia especificamente abominado. No entanto, em 1147, uma nova frente de cruzadas foi aberta. Nas quatro décadas seguintes, os wends seriam constantemente perseguidos até a conversão ou eliminação que Bernardo de Claraval havia ordenado, e suas terras seriam divididas avidamente entre as várias potências cristãs que conspiravam com sua destruição. Na década de 1180, eles haviam sido efetivamente exterminados. Mas o apetite pela expansão cristã no Báltico, sob o pretexto de cruzadas, não existia. Trezentos anos de guerra entre exércitos germânicos e tribos e reinos pagãos haviam começado.

*

O alvo final da Segunda Cruzada estava longe das terras dos Ziridas e dos Wends, e ainda mais longe de Edessa e Jerusalém. De fato, era o ponto mais a oeste que se podia ir na Europa continental antes de ser engolido pelas entranhas inexploradas do Oceano Atlântico. Era o reino de Portugal. Ali, mais uma vez, a guerra de longa data entre guerreiros cristãos e infiéis avançou significativamente. O foco era a conquista de Lisboa – um feito monumental tentado pelos exércitos cruzados que chegaram àquela cidade infeliz em julho de 1147.

Desde a visita de Sigurd da Noruega à Galícia, na primeira década do século XII, cruzados do norte e noroeste da cristandade eram vistos regularmente nas margens da península espanhola. A região era um ponto de parada natural para qualquer viajante marítimo que viajasse do noroeste da Europa para o Mediterrâneo oriental, pela simples questão geográfica e pela necessidade de marinheiros sedentos se reabastecerem antes de seguirem em direção à costa hostil do al-Andalus almorávida. Em 1112, uma frota de piratas-peregrinos ingleses parou na Galícia a caminho de Jerusalém e foi cooptada para uma guerra civil entre Urraca, filha de

o falecido rei Afonso VI de Castela e Leão e seu marido, Afonso I, o Batalhador, de Aragão.

Durante a década de 1140, no entanto, a chegada de guerreiros santos das partes mais frias da cristandade latina tornou-se uma questão de planejamento militar, em vez de mero acaso. Sua chegada foi incentivada principalmente por Afonso Henriques, o vigoroso governante do condado de Portugal, cujos apelidos incluíam "o Grande", "o Fundador" e "o Conquistador". Afonso era neto do famoso Afonso VI por meio de uma das filhas ilegítimas do velho guerreiro, Teresa. O condado de Portugal, onde ele assumiu o comando exclusivo em 1129, quando tinha cerca de vinte anos, consistia em uma grande parcela de território que se estendia ao redor da cidade costeira do Porto. Esta era uma região fronteiriça das mais precárias – espremida entre o reino cristão da Galícia, acima, e o reino dos Almorávidas, abaixo. Afonso tinha grandes ambições tanto de expandir e proteger seu condado quanto de elevar seu status ao de um reino. Ambos os objetivos exigiam ajuda externa.

Por meio de determinação obstinada e constantes guerras contra vizinhos muçulmanos e cristãos, Afonso conseguiu, em 1143, que seu direito à coroa fosse reconhecido. Seus soldados o aclamaram como monarca após ele destruir um exército almorávida em 25 de julho de 1139; pelo Tratado de Zamora, de 5 de outubro de 1143, seu primo, o rei Afonso VII de Leão, e um delegado papal aceitaram isso como uma realidade política.‡No entanto, transformar Portugal de uma monarquia de pergaminho em um reino estável foi uma questão mais difícil, e dependeu muito de forçar a submissão das cidades e fortalezas governadas por muçulmanos ao sul do Porto.

Em tal campanha, Lisboa, o próspero porto a 300 km ao sul do Porto, abrigado do Atlântico a 13 km da foz do rio Tejo, era o maior, mais lucrativo e estrategicamente mais importante alvo de todos. Era um porto altamente defensável, com conexões mercantis com a África Ocidental e excelentes ligações para o interior através do vale do Tejo. Um entusiasmado clérigo anglo-normando, identificado como um padre chamado Raol, escreveu um relato detalhado da batalha por Lisboa em 1147 e registrou a história de que a cidade havia sido fundada na época clássica por Odisseu. Raol observou que, em sua época, ela produzia um banquete exuberante de produtos naturais: peixes e mariscos, pássaros em abundância, frutas cítricas e azeitonas, sal e mel, uvas e romãs, mais figos do que as 60.000 famílias que ali viviam podiam comer. O Tejo cuspia pepitas de ouro em seu

bancos no início da primavera, enquanto os mercadores traziam muito mais da África ao longo do ano. Lisboa era, segundo Raul, "a [cidade] mais rica em comércio de toda a África e de grande parte da Europa".[20]

Quando o chamado à cruzada foi lançado em 1146, ficou claro que haveria algum elemento que interessaria à Espanha, bem como a Edessa e Jerusalém. A confirmação papal dos benefícios espirituais para os cruzados espanhóis vinha sendo emitida desde a época do Papa Urbano. O Primeiro Concílio de Latrão, convocado por Calisto II em 1123, declarou abertamente que as cruzadas na Espanha e no Oriente tinham mérito equivalente. O Papa Eugênio foi consistente: em abril de 1147, aprovou um plano de Afonso VII de Castela e Leão e dos genoveses para atacar Almeria, no extremo sudeste da península, expressando seu entusiasmo em combater os infiéis em qualquer lugar e em qualquer lugar.[21]Este ataque ocorreu durante o verão do mesmo ano. Para um certo grupo de cruzados, tanto em Portugal como além-fronteiras, conquistar Lisboa seria uma resposta perfeitamente aceitável a este apelo, e um amuse bouche antes da tarefa principal de restaurar o domínio cristão em Edessa. Em 1142, Afonso Henriques tentou, sem sucesso, tomar a cidade, apesar da ajuda de setenta navios "das regiões dos Gauleses", com destino final a Jerusalém.[22]Em 1147, porém, as circunstâncias eram propícias. Notícias vindas do Marrocos diziam que o estado almorávida estava em sérios apuros, com seus exércitos sendo esmagados pelos de outra seita berbere, os almóadas. O fervor das cruzadas fervilhava na Europa. Agora, calculou Afonso, era o momento de atacar.

Com isso em mente, no ano anterior, milhares de aspirantes a guerreiros peregrinos foram incitados à ação na Inglaterra, Escócia, Renânia, Flandres e Normandia, com o entendimento de que seguiriam um caminho diferente, mas potencialmente mais lucrativo, para a Terra Santa do que a rota terrestre de Conrado e Luís. Efetivamente, eles espelhariam a expedição de Sigurd de 1107-1109: saqueando seu caminho para a Terra Santa de navio em uma jornada pelo Mediterrâneo Ocidental. Muitos desses novos cruzados, particularmente os da Inglaterra, não eram de alto status senhorial, mas sim pessoas medianas com o anseio de deixar um país que havia sido dilacerado pela guerra civil conhecida como Anarquia por mais de dez anos. Apenas alguns líderes ingleses, como Saher de Archel e Henrique de Glanvill, eram de status nobre; outros capitães, como Simão de Dover e os irmãos Viel de Southampton, eram de origem inferior. Esses homens tinham pouco a hipotecar.

suas casas monásticas locais para financiar uma cruzada: saquear ao longo do caminho era uma opção muito mais atraente – na verdade, a única.[23]

Assim, cerca de 10.000 soldados peregrinos das Ilhas Britânicas e dos Países Baixos zarparam de Dartmouth, na costa sul da Inglaterra, em 23 de maio de 1147, em uma enorme frota de 164 navios. Antes de partirem, concordaram entre si com regras destinadas a manter a paz entre um exército que falava muitas línguas e era oriundo de muitos reinos. "Eles sancionaram leis muito rígidas, como, por exemplo, vida por vida e dente por dente", escreveu Raol. "Proibiram toda exibição de vestimentas caras... Ordenaram que as mulheres não saíssem em público... que cada navio tivesse seu próprio padre... que todos se confessassem semanalmente e comungassem aos domingos."[24] Após uma viagem arrepiante, durante a qual muitos marinheiros inexperientes pensaram ouvir sirenes chamando-os para a ruína, em 16 de junho chegaram ao Porto, onde foram recebidos pelo bispo daquela cidade, visto que o próprio Afonso já marchava para Lisboa com um exército que incluía um contingente de Templários portugueses. O bispo proferiu um sermão empolgante aos cruzados. Abordou os temas de Quantum praedecessores e elogiou-os por abandonarem "o afeto sedutor das esposas [e] os beijos ternos dos bebês que mamam no peito" para levarem consigo apenas a "memória torturante de sua terra natal".[25]A missão deles, ele disse, valeu cada angústia e sofrimento, pois eles iriam "levantar a igreja caída e prostrada da Espanha; revestir sua forma suja e desfigurada com as vestes da alegria e da felicidade".[26]

Após várias semanas no mar, este era exatamente o alimento espiritual de que os cruzados precisavam. Revigorados e reabastecidos, zarparam para o sul para se juntar a Afonso em Lisboa. Chegaram ao seu destino em meio a um espetáculo de tempo portentoso, no qual nuvens negras e brancas pareciam travar uma batalha no céu acima deles. Grandes aplausos ecoaram a bordo dos navios: "Eis que Deus está conosco! O poder dos nossos inimigos foi destruído!"[27]

O cerco de Lisboa começou no final de junho, com batalhas constantes entre os muçulmanos que defendiam os subúrbios além das muralhas da cidade e os cruzados que encalhavam e desembarcavam seus navios nas margens de uma enseada do Tejo. Prosseguiu por três meses e meio, durante os quais sentiram as privações familiares a todas as gerações de cruzados que os antecederam. Antes de operações militares sérias, os líderes cruzados concordaram com Afonso um contrato que lhes assegurava o direito de saquear a cidade em todo o seu valor e fazer reféns para resgate, antes de entregá-la ao rei. Então, eles

puseram mãos à obra. Em 1º de julho, a infantaria invadiu os subúrbios de Lisboa, armada com estilingues e arcos. Casas foram incendiadas. Civis fugiram. Nos acampamentos dos cruzados, engenheiros de cerco – incluindo um especialista recrutado em Pisa – começaram a construir torres, abrigos de proteção conhecidos como gatos e porcas, e mangonelas gigantes que, quando concluídas, podiam atingir as muralhas com quinhentas pedras por hora.[28]Mineiros cavaram um túnel para destruir os alicerces das muralhas da cidade. Considerou-se seriamente a construção de uma fortaleza flutuante com torres montadas em barcos interligados, que pudessem atacar as ameias a partir do rio. Foi estabelecida uma ronda noturna para que os portões pudessem ser bloqueados 24 horas por dia. Mensageiros que escapavam eram capturados e suas cartas confiscadas, enquanto os cidadãos desmoralizados que saíam implorando por misericórdia e batismo eram enviados de volta à cidade com as mãos decepadas.

Dentro da cidade, as condições eram terríveis. O colapso do Estado Almorávida e a ascensão dos Almóadas no Marrocos significavam que havia pouca esperança de resgate por um exército de socorro, e o Rei Afonso havia garantido que todas as cidades vizinhas fossem neutralizadas, seja enviando tropas para ameaçá-las, seja negociando tréguas.[29]Os defensores enviaram repetidas incursões a partir dos três portões principais de Lisboa para romper o bloqueio, mas foram repelidos a cada vez com pesadas perdas. Incêndios em máquinas de cerco sempre foram um método confiável de defesa, mas mesmo isso se mostrou difícil, pois os engenheiros haviam construído suas torres para resistir às chamas – cobrindo-as com peles de boi e outros materiais retardantes de fogo. A única arma eficaz no arsenal dos cidadãos parecia ser a linguagem forte. Das muralhas, escreveu Raol, "eles nos ridicularizaram e nos lançaram muitas provocações, julgando-nos dignos de mil mortes". Os cruzados foram provocados em termos escabrosos: "Eles nos provocaram com inúmeras crianças prestes a nascer em casa na nossa ausência, e disseram que por isso nossas esposas não se preocupariam com nossas mortes, já que teriam descendência bastarda suficiente." A Virgem Maria foi fortemente caluniada, e a natureza divina de Cristo foi objeto de especulação teológica cruel. "Além disso, eles exibiram o símbolo da cruz diante de nós com escárnio", escreveu Raol. "E cuspiram nele, limparam a sujeira de suas nádegas e, finalmente, jogaram água sobre ele como algo vil, e o jogaram em nós."[30]

Infelizmente para o povo de Lisboa, as máquinas de cerco e as pedras provaram ser muito mais dolorosas do que as palavras. O mais decisivo, porém, foi o fato de que, logo no início do cerco, os cruzados tomaram os

principais armazéns contendo

Os suprimentos alimentares de Lisboa. Os sitiantes foram, portanto, abençoados com "uma rica abundância de pão, vinho e frutas", enquanto em Lisboa a única comida disponível era "o lixo lançado pelos navios [dos cruzados] e levado pelas ondas para baixo de suas muralhas".[31]Com a chegada do outono, a fome e a desesperança abalaram o espírito de Lisboa. O ataque final ocorreu na segunda quinzena de outubro, quando uma mina derrubou 60 metros (200 pés) de uma seção das muralhas da cidade, enquanto os operadores de uma torre de cerco conseguiram baixar sua ponte levadiça sobre outra. O jogo havia terminado. Em 23 de outubro, os defensores pediram a paz. Um curto período de disputas sobre direitos de pilhagem eclodiu entre ingleses, flamengos e portugueses, mas isso foi resolvido em breve. Um saque entusiástico ocorreu, durante o qual vários assassinatos foram cometidos, incluindo o do bispo moçárabe de Lisboa, que teve sua garganta cortada. Então Afonso Henriques içou sua bandeira sobre a guarnição, a mesquita central foi consagrada como uma igreja e, em dois dias, uma torrente de refugiados foi vista saindo apressadamente da cidade em busca de consolo e uma nova vida em outro lugar na Península Ibérica Islâmica. "A cidade foi capturada, os sarracenos foram mortos, vendidos e expulsos e toda a cidade foi purificada, um bispo [latino] foi estabelecido na cidade, igrejas foram construídas e o clero foi ordenado", escreveu um cronista posterior.[32]Foi um começo formidável para uma cruzada cujo alvo principal ainda estava a cerca de 4.000 km de distância.

Com o início do inverno, não era mais possível viajar, então os cruzados ingleses e flamengos se estabeleceram em Lisboa e aguardaram os ventos frescos e os mares amigáveis da primavera, que os levariam à Terra Santa. Os presságios para sua jornada pareciam bons. Do outro lado da península espanhola, Almeria havia caído quase simultaneamente, após um cerco dirigido por Afonso VII de Castela e Leão e seus aliados genoveses. No Báltico, os Wends sentiam os primeiros golpes justos de um novo movimento cruzado germânico. No norte da África, frotas sicilianas subjugavam o povo muçulmano de Ifriqiya. Raol, o cronista de Lisboa, refletia sobre o destino miserável que se abatera sobre os inimigos de Cristo. "Ao vermos a cidade em ruínas e o castelo destruído... e ao contemplarmos seu luto e lamentações, somos inclinados a sentir pena deles em suas vicissitudes... e lamentamos que as chicotadas da justiça divina ainda não tenham terminado", escreveu ele.[33]Mas a voz de Raol clamava no deserto e sua piedade era escassa. Em outros lugares, os segundos cruzados avançavam orgulhosamente em direção a Edessa, com apenas a vingança do Todo-Poderoso em mente.

[*] Trípoli Ocidental (Tarabalus al-Gharb) é a cidade encontrada na costa da atual Líbia e não deve ser confundida com a Trípoli Síria/Libanesa (Tarabalus al-Sham), que era a capital do estado cruzado do leste.

[†] Dito isto, deve-se reconhecer que foi somente em 1179 que o status real de Afonso Henriques foi oficialmente endossado pelo papa.

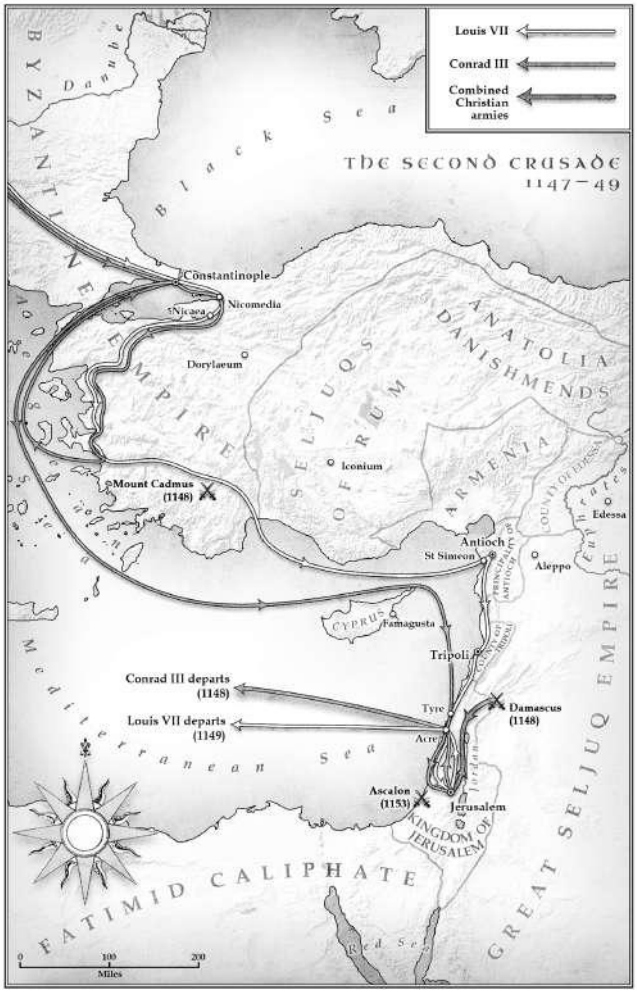
16

História se repetindo

Daí surgiu um grito que atingiu o céu…

Em 1º de dezembro de 1147, Ana Comnena completou sessenta e quatro anos. Ela passou seu aniversário no convento da Mãe de Deus Cecarítomena ('cheia de graça') no bairro de Deuteron, em Constantinopla. Este convento bem dotado havia sido fundado pela mãe de Ana como uma casa de repouso digna e palaciana, adequada para membros femininos da família real bizantina, e Ana morou nele por mais de vinte e cinco anos, tendo sido enviada para lá por seu irmão João II Comneno por conspirar contra ele após a morte de seu pai em 1118. Embora efetivamente em prisão domiciliar, Ana aproveitou bem seu tempo sob o véu, estabelecendo ao seu redor uma corte de ilustres estudiosos que trabalhavam com as escrituras cristãs e os escritos dos filósofos antigos. Ela era igual a todos eles: uma historiadora altamente talentosa com profundo interesse em gramática e retórica, metafísica e medicina, que havia lido Platão e Aristóteles e decorado grandes trechos da Bíblia e as obras de Homero.

A Segunda Cruzada, 1147–49



Foi neste convento, em meados da década de 1140, que Ana começou a compor a obra-prima de sua vida, a Alexíada, celebrando as conquistas de seu pai em um estilo grandioso que lembrava os historiadores gregos da antiguidade. Para montá-la, Ana baseou-se em suas próprias memórias de infância e adolescência durante o reinado de Aleixo, em entrevistas com soldados veteranos e em documentos do arquivo imperial.[1]Ela escreveu sobre Aleixo e sua mãe Irene, sobre Roberto Guiscardo e Boemundo de Taranto, sobre os pechenegues do norte, os turcos do leste e os cruzados bárbaros e saqueadores do oeste. Ao fazê-lo, ela trouxe de volta à vida todos os fantasmas de um mundo do qual ela era uma das poucas relíquias vivas.

Não poderia haver melhor momento para compor tal história do que o final da década de 1140, quando, como disse outro escritor grego:

> Normandos, franceses, a nação dos gauleses e quem quer que vivesse ao redor da antiga Roma, britânicos, bretões e simplesmente todo o exército ocidental foram postos em movimento, com a desculpa conveniente de que iriam cruzar da Europa para a Ásia para lutar contra os turcos... e recuperar a igreja na Palestina e buscar os lugares sagrados, mas, na verdade, para ganhar posse das terras dos romanos por meio de assalto e pisotear tudo à sua frente.[2]

Era como se todos os eventos da década de 1090 estivessem se repetindo.[3]

*

O sobrinho de Ana, o imperador bizantino Manuel I Comneno, de 29 anos, preparou-se com muito cuidado para a chegada dos novos cruzados. Embora os exércitos de Conrado e Luís estivessem trilhando os mesmos caminhos que seus ancestrais haviam trilhado, com o objetivo de descer sobre Constantinopla antes de cruzar a Ásia Menor até Antioquia, havia uma diferença crucial entre sua jornada e a Primeira Cruzada que buscavam recriar. Os exércitos originais, aqueles que Ana chamava de "Kelts", haviam viajado para o leste em grande parte porque Aleixo os havia convocado. Em 1147, Manuel Comneno não havia feito tal pedido. Os cruzados vinham por conta própria, e a experiência passada e presente sugeria que não eram confiáveis. Para obter evidências, não era preciso ir além das fronteiras ocidentais do império, onde, no outono de 1147, Jorge de Antioquia estava aterrorizando alegremente as ilhas gregas com uma frota siciliana: capturando Corfu, sequestrando mulheres aristocráticas do Peloponeso para vendê-las como escravas e enchendo seus navios com tesouros e relíquias roubadas.

Não foi surpresa, portanto, que Manuel tenha reagido com cautela aos planos de Conrado e Luís. Ele renovou maciçamente as antigas defesas da cidade: o duplo anel de muralhas, que remontava à época de Teodósio II, no século V d.C., foi reforçado, e os fossos foram aprofundados. Bandeiras tremulavam nas ameias, anunciando o poderio militar e o prestígio inigualável do império.[4]Enviados foram enviados às fronteiras dos territórios imperiais para aguardar a chegada dos cruzados e escoltá-los com o mínimo de perturbação possível pelos Bálcãs. Manuel escreveu a Luís: "Quando soube que você viria ao meu reino, agradeci e fiquei feliz em saber disso".[5]Mas por trás da bajulação ele estava se preparando para o pior.

O primeiro exército cruzado a chegar foi o de Conrado. O rei germânico partiu à frente de Luís, desceu o Danúbio e entrou em território bizantino no final do verão de 1147. Trouxe consigo uma força enorme, de talvez 50.000 combatentes, juntamente com milhares de peregrinos não combatentes, comandados por um grupo de nobres alemães de elite, incluindo seu sobrinho Frederico, duque da Suábia – mais tarde conhecido como Frederico Barbarossa.[6]Um poeta bizantino, Manganeios Prodomos, demonstrando a combinação usual de desdém moral e repulsa física reservada pelos orientais aos ocidentais, descreveu os alemães como "porcos gadarenos":[*] imundo, demoníaco e selvagem com intenção destrutiva.[7]

A referência poética aos porcos dos gadarenos logo se mostrou terrivelmente apropriada. Em 7 de setembro de 1147, os cruzados alemães foram conduzidos através do império ocidental pelos enviados de Manuel, com apenas desordens esporádicas ao longo do caminho. Mas quando chegaram a dois dias de marcha de Constantinopla, acamparam na planície de Choirobacchoi (Bahsayis), que era irrigada por dois rios e abundante em forragem para seus cavalos e animais de carga. Lá, o desastre aconteceu. Tempestades violentas durante a noite fizeram os rios em Choirobacchoi transbordarem, e na enchente os cruzados sofreram terríveis perdas de homens, animais e bagagem. O meio-irmão de Conrado, Otto, bispo de Frisinga, descreveu o pânico no acampamento. "Vocês poderiam ter visto alguns nadando, alguns agarrados a cavalos, alguns ignominiosamente puxados por cordas para escapar do perigo", escreveu ele. 'Muitos... foram arrastados pela correnteza do rio, feridos pelas pedras e engolidos pela força dos redemoinhos.'[8]O cronista grego John Kinnamos, bem menos simpático, concluiu que "alguém poderia razoavelmente supor que a Divindade estava zangada com eles".[9]

Manuel Comneno não tinha interesse em ver a cruzada de Conrado fracassar à sua porta. Ele tinha laços familiares com o rei alemão: a esposa de Conrado, Gertrudes de Sulzbach, era irmã mais velha da Imperatriz Irene.[†] Da mesma forma, porém, ele não tinha grande desejo de ver os cruzados ocidentais acampados em massa às portas de Constantinopla. Assim, assim que o exército de Conrado secou, ele os apressou através do Bósforo e rumo à Ásia Menor. Isso agradou a Conrado, que planejava, ambiciosamente, marchar rapidamente e estar em Antioquia na primavera seguinte.[10]O rei alemão dividiu suas forças, enviando seu meio-irmão, o bispo Otto, para liderar os peregrinos ao longo da sinuosa estrada costeira através de Éfeso, enquanto ele seguia a rota dos primeiros cruzados diretamente para sudeste ao longo da antiga estrada romana passando por

Nicéia em direção a Dorileia, local da

grande vitória sobre Qilij Arslan em 1097. De lá, ele enfrentaria a capital do sultão, Icônio (Konya), antes de seguir pelas montanhas em direção ao norte da Síria. Eles partiram por volta de 15 de outubro.

No período decorrido desde a Primeira Cruzada, a Ásia Menor não se tornara menos fisicamente inóspita. Os turcos também não se interessaram por ocidentais aventureiros. O sultão de Rum, nessa época, era Mas'ud I, filho de Qilij Arslan. Ao longo de seu longo reinado (iniciado em 1116), ele fortaleceu consideravelmente a autoridade do sultanato sobre áreas anteriormente sob o controle de chefes tribais.[11] As táticas turcas de mobilizar arqueiros leves montados em ataques de tiro e fuga, simular retiradas para exaurir a cavalaria pesada e, em seguida, atacar com suas espadas homens montados em cavalos cansados, eram tão devastadoras como sempre. E enquanto os alemães marchavam e cavalgavam, cada vez mais desconfortavelmente, pela região ao redor de Dorileia, Mas'ud foi amplamente vingado pela derrota de seu pai meio século antes. Antes mesmo de os cruzados entrarem em território turco, os ataques começaram; após dez dias, os alemães sofreram perdas que ameaçavam a sobrevivência de sua cruzada. Eles também estavam ficando sem comida. "Morte e matança se misturaram aos francos até que um grande número deles pereceu", escreveu Ibn al-Qalanisi.[12] O próprio Conrad escreveu sobre os turcos que "estavam incessantemente atacando e massacrando os soldados de infantaria comuns".[13] O rei foi gravemente ferido em um ataque; no final do mês, seus barões o convenceram de que não lhe restava outra escolha senão dar meia-volta com seu exército e retornar ao território bizantino, onde poderia se entregar à mercê de Manuel Comneno e juntar o que restava de seu exército ao de Luís da França. No Natal, o rei germânico estava de volta a Constantinopla.

*

Luís, sua rainha Leonor da Aquitânia e a massa de cruzados franceses deixaram a Europa algumas semanas atrás dos alemães, tendo sua partida sido adiada até que Luís completasse uma série de rituais extravagantes para marcar sua saída do reino. Durante a Páscoa, o Papa Eugênio e Bernardo de Claraval juntaram-se a Luís para uma série de cerimônias públicas, incluindo uma no dia de Páscoa de 1147, quando o rei e o papa adoraram juntos na abadia de St. Denis e Eugênio abençoou uma nova cruz ornamentada em ouro e joias, que os ourives levaram vários anos para construir. Em 11 de junho, o rei visitou um

colônia de leprosos fora dos portões de Paris para realizar a tarefa tradicional de lavar os pés dos doentes. Mais tarde, naquele mesmo dia, de volta a St. Denis, Luís solicitou formalmente a sagrada oriflama – a bandeira de guerra escarlate que simbolizava a realeza franca, que remontava a Carlos Magno. Essa longa peça de teatro político-religioso levou tanto tempo que Leonor quase desmaiou no calor do verão. Mas, de certa forma, o rei ficou satisfeito. Ele havia "provocado grande lamentação e recebido a bênção do mais profundo afeto de todos".[14]Ele entregou seu reino às mãos seguras de seu ministro de maior confiança, Suger, abade de St. Denis. Então, com Leonor ao seu lado, partiu para o leste.

Pode ter havido alguns súditos franceses que suspiraram interiormente de alívio quando Luís finalmente desapareceu no interior da Europa, pois sua expedição já havia custado uma fortuna. A França estava às voltas com uma longa fome que deixara muitos de seus habitantes na miséria, mas os agentes reais só pensavam em arrecadar dinheiro para o reino de Jerusalém. Exigências exorbitantes foram impostas aos súditos mais ricos do rei – particularmente aqueles que ocupavam altos cargos na Igreja – com pedidos de centenas e até milhares de marcos de prata em contribuições.[15]Indivíduos e famílias piedosas que desejavam se juntar à cruzada podiam ser encontrados vendendo suas heranças de família ou hipotecando suas casas, fazendas e propriedades a financistas judeus ou mosteiros cristãos para arrecadar dinheiro suficiente para participar das cruzadas. Apesar disso, os franceses mal haviam chegado à Hungria quando Luís escreveu para o Abade Suger, pedindo-lhe que enviasse mais dinheiro. Estava ficando evidente que os cruzados haviam partido mal preparados para uma jornada cujas dificuldades haviam subestimado.

Eles viram pela primeira vez a chamada "Rainha das Cidades" em 4 de outubro. Uma diplomacia bem-sucedida – que incluiu correspondência entre Leonor e a Imperatriz Irene – garantiu a Luís "uma recepção muito especial do imperador".[16]Os portões de Constantinopla foram fechados para as tropas do exército de Luís, mas o rei foi recebido no palácio de Blaquerna, onde a visão surpreendente de tanto mármore e ouro deixou Odo de Deuil extasiado ('seu exterior é de uma beleza quase incomparável, mas seu interior supera tudo o que eu possa dizer sobre ele... Não sei se a arte requintada ou os materiais extremamente valiosos lhe conferem mais beleza ou valor').[17] Os monarcas falaram publicamente por meio de intérpretes, e então Luís foi recebido em um banquete e recebeu um tour pelos santuários sagrados de Constantinopla pelo próprio Manuel. Por trás da bonomia, no entanto, as tensões persistiam. Odo de Deuil

descreveu os gregos como degenerados e femininos, 'desprezíveis em sua degradação excessiva', e preparados para dizer 'tudo o que eles achavam que nos agradaria, mas eles não mantiveram a fé conosco nem o respeito por si mesmos'.[18]Pelas costas dos cruzados, Manuel havia concordado com uma trégua de dez anos com o sultão Mas'ud: um excelente exemplo, pensavam muitos, da traição inata dos bizantinos. Mas suspeitas mútuas e mal-entendidos culturais não podiam ser tolerados por muito tempo. Notícias da Ásia Menor logo revelaram que os cruzados tinham problemas muito mais sérios.

Tendo transportado suas próprias tropas através do Bósforo e persuadido seus barões a fazer um juramento de fidelidade ao imperador, pelo qual concordavam em não conquistar nenhuma cidade pertencente a Bizâncio, Luís podia agora contemplar sua rota pela Ásia Menor. A visão de alemães esfarrapados retornando desnutridos e ensanguentados de suas desventuras em Dorileia foi suficiente para dissuadi-lo de tentar tomar a estrada direta para Antioquia via Icônio. Enquanto Conrado mancava de volta a Constantinopla para se recuperar de seus ferimentos, ele abriu seu coração a Luís pessoalmente, lamentando sua arrogância em pensar que poderia passar facilmente pelos turcos. Luís concordou em levar o que restava das forças alemãs para o leste sob seu próprio comando e decidiu levar ambos os exércitos pela sinuosa estrada costeira através de Esmirna e Éfeso. Essa rota era traiçoeira, e os peregrinos alemães desarmados que a haviam tentado sob o comando de Otão de Frisinga foram forçados a recuar, com muito derramamento de sangue. Mas não havia outra escolha.

Só depois do Natal o exército de Luís conseguiu contornar a costa e sair do território bizantino. Assim que o fez, foi atacado. Nos dias 28 e 29 de dezembro, a cavalaria ligeira turca começou a persegui-los no vale do Meandro. Os cavaleiros franceses expulsaram seus algozes, fortalecidos pela aparição entre suas fileiras de um fantasmagórico "cavaleiro vestido de branco" que "desferiu os primeiros golpes na batalha".[19]Isso se tornaria um motivo confiável para as vitórias dos cruzados contra os não cristãos na era das Cruzadas, e os franceses celebraram sua vitória com júbilo. Mas foi o último pedaço da fortuna divina que eles desfrutaram.

*

A famosa provocação de Leonor de que seu marido era mais monge do que rei ganhou substância depois que as colunas francesas passaram por Laodicéia em 3

Janeiro de 1148. Semanas antes, Otto, irmão de Conrad, havia parado naquele momento, e o sangue de peregrinos recentemente massacrados ainda podia ser visto, seco onde foi derramado nas rochas e na beira da estrada.[20]Laodiceia era o limite da autoridade bizantina, e mesmo que Manuel quisesse dar total apoio aos francos, não poderia mais fazê-lo. Pior ainda, os habitantes das estradas costeiras haviam se escondido, recusando-se a vender provisões aos exércitos. A Síria ainda estava a semanas de distância, e de repente Luís percebeu que seria impossível alcançá-la a pé. Em vez disso, decidiu rumar para a cidade costeira de Adalia. Esta era uma fortaleza bizantina isolada, cercada por território turco, onde se podiam encontrar mercados e fretar navios para transportar alguns dos cruzados por mar até o principado de Antioquia.

A marcha até Adalia durou quinze dias, e os ataques turcos continuaram durante todo o percurso. O mais grave ocorreu por volta de 6 de janeiro, quando o exército de Luís tentava atravessar a enorme ondulação do Monte Cadmo (Homaz), uma montanha "íngreme e rochosa", atravessada em seu ponto mais alto por "uma crista tão alta que seu cume parecia tocar o céu e o riacho no vale oco abaixo, descendo até o inferno".[21]O plano era atravessar lenta e cuidadosamente ao longo de um dia; avançar mais rápido faria com que cavalos e homens caíssem para a morte ao deslizarem pelos caminhos estreitos. Tudo o que os franceses precisavam fazer era resistir firmemente aos ataques turcos e permanecer unidos.

Infelizmente, não fizeram nenhuma das duas coisas. À frente das tropas estava o porta-estandarte de Luís, Geoffrey de Rancon, senhor de Taillebourg e um dos vassalos mais antigos da Rainha Leonor. Ele foi encarregado de liderar a vanguarda, que atravessaria a montanha primeiro. A rainha viajou na coluna do meio com a bagagem, enquanto Luís cavalgava na retaguarda. Mas a comunicação era difícil na montanha, e Geoffrey estava ansioso demais. Sob seu comando, a vanguarda avançou demais, e as colunas francesas rapidamente se separaram. Os turcos à espreita perceberam o momento e atacaram. Odo de Deuil estava no meio da coluna de peregrinos e registrou o pânico enquanto os invasores atacavam e a encosta da montanha ecoava com gritos de terror. "Eles empurravam e cortavam, e a multidão indefesa fugia ou caía como ovelhas", escreveu ele. "Daí surgiu um grito que atingiu o céu."[22]Os gritos duraram o dia todo, até que finalmente os turcos recuaram e deixaram os francos contando seus mortos, que incluíam pelo menos meia dúzia de nobres seniores do rei. O próprio Luís só escapou da captura escalando para um lugar seguro no topo de uma grande rocha. A disciplina, por assim dizer, havia se desintegrado.

e o rei foi forçado a transferir o comando militar para uma companhia de cerca de 130 cavaleiros templários que viajavam com o exército desde que este partiu de Paris. Somente com sua orientação militar especializada, comandada por um oficial templário sênior chamado Gilberto, os cruzados se infiltraram em Adalia por volta de 20 de janeiro. Era uma visão lamentável.

Os cruzados acamparam fora de Adalia por dois meses miseráveis, suportando tempestades, nevascas e ataques turcos irregulares. Os gregos da cidade demonstraram pouca compaixão por eles; cobraram do rei preços exorbitantes pela comida e negociaram arduamente pelo transporte, que, de qualquer forma, era inadequado para a tarefa de transportar todo o exército até os estados cruzados. Depois de algum tempo, o exército simplesmente se desfez. No início de março, o rei e a rainha levaram o núcleo do exército para Antioquia de navio. Alguns dos cruzados que permaneceram para trás tentaram continuar a marcha por terra em direção a Antioquia e foram mortos. Vários milhares aceitaram salvo-conduto de volta por terras turcas em direção a Constantinopla. Muitos outros morreram de desnutrição ou doença. "As flores da França murcharam antes de poderem dar frutos", suspirou Odo de Deuil.[23]Finalmente, em 19 de março de 1148, Luís chegou a Antioquia. A Segunda Cruzada finalmente chegara ao seu destino, quase dois anos e meio após a queda de Edessa. O que exatamente ela poderia realizar agora não estava claro.

*

Quando os cruzados chegaram, Zengi já estava morto. Aliás, já fazia algum tempo. O astuto e velho atabeg sitiava a fortaleza de Qal'at Jabar, perto de Raqqa, em 14 de setembro de 1146, quando um de seus servos – identificado por Ibn al-Qalanisi como "um homem de origem franca chamado Yaranqash" – invadiu sua tenda e esfaqueou seu mestre até a morte.[24]A queixa que Yaranqash nutria é desconhecida, mas Zengi havia conquistado muitos inimigos ao longo de sua carreira, e seus mamelucos – soldados escravos que atendiam o atabeg – simplesmente ignoraram sua morte. Zengi, que era quase tão apreciador de álcool quanto Ilghazi, estava ainda mais bêbado do que o normal, então não pôde lutar.voltar.[25]Yaranqash "o massacrou em sua cama" e fugiu. Deixou os exércitos de Zengi sem liderança e seus apoiadores em Mosul e Aleppo, todos em confusão. Os francos dos estados cruzados comemoraram a morte de Zengi. Guilherme de Tiro registrou uma piada feita entre os

Latinos, que comentaram sobre o fato de que 'um assassino culpado com o nome sangrento de Sanguinus, ficou ensanguentado com seu próprio sangue'.[26]Mas não houve muito tempo para trocadilhos alegres, pois assim que Zengi foi para o túmulo, surgiu um novo líder ainda mais perigoso do Oriente Próximo islâmico.

O segundo filho de Zengi era conhecido como Nur al-Din. Alto, moreno e quase sem barba, com uma testa larga e olhos dançantes, seu nome significava "Luz da Fé". Ibn al-Athir escreveu hinos à postura modesta, à inteligência e à bravura "da mais alta ordem" de Nur al-Din, observando que ele cavalgava para a batalha armado com dois arcos e duas aljavas de flechas.[27]Guilherme de Tiro concordou: Nur al-Din era "um príncipe justo, valente e sábio e, segundo as tradições de sua raça, um homem religioso". Mas ele também era, disse Guilherme, sombriamente, "um poderoso perseguidor do nome e da fé cristãos".[28]

Quando as posses de Zengi foram divididas entre seus filhos, Nur al-Din recebeu Aleppo (outro irmão, Saif al-Din, assumiu o comando de Mosul, e um terceiro, Qutb al-Din Mawdud, tornou-se emir de Homs). Como uma questão de geografia política, Nur al-Din interessou-se profundamente por Edessa. Imediatamente, sua abordagem aterrorizante ao governo foi exposta. Com a morte de Zengi, o conde edessano desalojado, Joscelin II, tentou reunir um exército para retomar a cidade e encorajou uma revolta dos cristãos armênios que ainda viviam lá. Nur al-Din respondeu com uma severidade igual a tudo o que seu pai havia imposto: marchou com tropas de Aleppo para Edessa, expulsou Joscelin e saqueou a cidade, destruindo suas defesas, matando armênios em massa e enviando jovens mulheres cativas como escravas e brinquedos sexuais para seus irmãos e amigos.[29]O cronista Miguel, o Sírio, escreveu em termos exagerados, mas reveladores, sobre o destino de Edessa, lamentando uma cidade "envolta em uma nuvem negra, embriagada de sangue".[30]Não havia perspectiva de recuperar Edessa sem ajuda ocidental.

Um senhor do norte em particular tinha motivos para esperar que os cruzados franceses fossem aliados úteis. Raimundo de Poitiers era príncipe de Antioquia desde 1136, quando chegou para pôr fim à longa série de regências ali, casando-se com Constança, filha de Boemundo II. Como a maioria dos príncipes de Antioquia, Raimundo se viu em conflito perpétuo com o Império Bizantino em suas fronteiras ocidentais; a queda de Edessa também aumentara drasticamente os perigos em suas fronteiras orientais. Seu objetivo principal, portanto, era proteger essa frente repelindo os avanços de Zengi e Nur al-Din, conquistando então Alepo e cidades próximas, incluindo Shaizar.

Hama e Homs. Um exército cruzado, pensou Raymond, seria muito útil para atingir esse objetivo – e um francês ainda mais, pois a rainha da França, Leonor da Aquitânia, era sobrinha de Raymond.

O relacionamento entre Leonor e Raimundo se tornaria um dos aspectos mais escandalosos e alvo de escrutínio da Segunda Cruzada. Raimundo "contava muito com o interesse da rainha" em relação ao marido, escreveu Guilherme de Tiro.[31]Quando o casal chegou, o príncipe fez de tudo para homenageá-los, com recepções luxuosas, nas quais tudo foi "tratado com a maior magnificência".[32]Para Eleanor, provavelmente era uma fonte de conforto visitar um parente tão próximo e ver a corte exótica que ele mantinha, que apresentava todas as alegrias perfumadas de uma capital oriental, mas era povoada por homens e mulheres de língua occitana de suas terras natais no sudoeste francês.[33]Leonor e Luís passaram dez dias como hóspedes de Raimundo; foi um contraste bem-vindo com as misérias que haviam suportado desde que deixaram Constantinopla, e Leonor se divertiu. Rapidamente, porém, tudo azedou.

Apesar da generosidade de Raimundo, Luís anunciou, logo após chegar a Antioquia, que não tinha a menor intenção de mobilizar suas tropas para ajudar a expandir o principado do norte. Apesar das pesadas extorsões financeiras que sofrera de seus súditos franceses antes de partir, a jornada para o leste o levara praticamente à falência, e ele foi obrigado a tomar emprestado enormes somas dos Templários para manter sua cruzada à tona. Enquanto isso, chegava do sul a notícia de que Conrado estava finalmente a caminho de navio para Acre. Assim, longe de partir para uma campanha de conquista no norte da Síria, disse a Raimundo que partiria para Jerusalém para cumprir seus votos de peregrino. Encontraria Conrado na Cidade Santa, ouviria o conselho da Rainha Melisende e de seu filho Balduíno III e elaboraria um plano de ação.

Raimundo ficou furioso. "Frustrado em seus planos ambiciosos, ele começou a odiar os costumes do rei; conspirou abertamente contra ele e tomou medidas para prejudicá-lo", escreveu Guilherme de Tiro.[34]Para isso, ele usou seu relacionamento com Leonor. Como a carreira posterior da rainha comprovaria, ela era altamente independente, longe de ser um capacho real a ser pisoteado pelo marido. Raimundo agora a pressionava assiduamente para apoiá-lo em detrimento de Luís – e ela o fez. Quando o rei partiu para Jerusalém, Leonor permaneceu no norte, onde seu relacionamento com o tio rapidamente se tornou alvo de fofocas obscenas. "Contrariamente à sua dignidade real, ela desconsiderou sua

votos matrimoniais e foi infiel ao marido', escreveu Guilherme de Tiro – uma frase que seria usada posteriormente para sugerir que Leonor e Raimundo iniciaram um caso incestuoso. Na verdade, Guilherme quase certamente se referia à traição doméstica da desobediência, que ele e clérigos obstinados como ele consideravam um pecado de igual magnitude à infidelidade sexual. De qualquer forma, a jogada de Raimundo falhou, a reputação de Leonor foi manchada e, para Luís, o escândalo em Antioquia provou ser o começo do fim – tanto de seu casamento quanto de sua cruzada.

*

A principal ação militar da Segunda Cruzada revelou-se tão mal concebida e mal executada quanto a marcha que a precedeu. Pouco antes da Páscoa de 1148, Conrado navegou para o esplêndido porto de Acre em uma frota de trirremes capitaneada por oficiais navais bizantinos de primeira linha, fornecidos pelo generoso Manuel Comneno.[35]Logo ficou óbvio que ele não tinha mais interesse em ir à guerra no norte da Síria do que Luís. Conrado havia sido generosamente tratado em Constantinopla, com jogos cívicos no hipódromo para entretê-lo e os melhores médicos contratados para ajudá-lo em sua recuperação. Consequentemente, ele desconfiava de qualquer política que interferisse diretamente nos interesses bizantinos – o que, é claro, incluía Antioquia. Escolher entre ajudar Raimundo e antagonizar Manuel não era opção. Assim, o rei germânico não chegou nem perto de Antioquia nem de Edessa, dirigindo-se a Jerusalém para inspecionar a Igreja do Santo Sepulcro e fixar residência na antiga mesquita de al-Aqsa, agora sede dos Templários. Lá, em consulta com o mestre dos Templários, Everard des Barres, ele elaborou um plano para a Segunda Cruzada que não tinha relação com seu propósito original. Em vez de restaurar Edessa ou atacar Nur al-Din, os cruzados mirariam em um alvo completamente diferente. No final de junho, uma assembleia formal se reuniu em Palmarea para confirmar o propósito da cruzada. Estiveram presentes todos os interessados: Balduíno, Luís, Conrado, o patriarca de Jerusalém, Fulcro de Angoulême, Everardo do Templo e mais ou menos todos os principais barões e bispos dentre os cruzados e o reino de Jerusalém. "Foi acordado por todos que seria melhor sitiar Damasco, uma cidade de grande ameaça para nós", escreveu Guilherme de Tiro. E assim a sorte estava lançada.

O cerco subsequente de Damasco, iniciado em 24 de julho de 1148, foi nada menos que um fiasco. Desde as campanhas do final da década de 1120, Damasco se aliara mais frequentemente aos estados latinos contra Zengi do que a uma potência hostil, e embora Nur al-Din estivesse tateando diplomaticamente para afirmar seu poder na cidade, a dificuldade de capturar uma cidade tão grande e orgulhosa havia sido ilustrada – e apreciada – por muitos anos. No entanto, no primeiro dia, os exércitos cruzados abriram caminho através de grandes pomares nos arredores ocidentais da cidade, travando batalhas contínuas com os cidadãos e tropas mobilizados de dentro de Damasco por seu governador Mu'in al-Din Unur. Conrado teve um desempenho bravo: lutando a pé, no estilo germânico, em vez de a cavalo, ele teria "matado da maneira mais notável um cavaleiro turco que estava fazendo uma resistência árdua e corajosa". Com um golpe de sua espada, ele cortou do corpo de seu inimigo a cabeça e o pescoço, o ombro esquerdo com o braço preso e também uma parte do lado.[36]Infelizmente para os cruzados, a situação era a pior possível. Eles conseguiram atravessar os pomares para começar a investir as muralhas ocidentais da cidade com máquinas de cerco. Mas em 27 de julho, seja por má conduta militar ou traição (ambos foram posteriormente alegados), os líderes decidiram abruptamente abandonar suas posições e se deslocar para o lado oposto da cidade, onde as defesas eram consideradas mais fracas. Imediatamente, o ímpeto foi perdido. Os defensores conseguiram se reorganizar e "a posição que havia sido conquistada com grande esforço e perda de homens foi abandonada".[37]Tendo se retirado dos pomares, que vinham saqueando para alimentar o exército, as linhas de suprimentos dos cruzados começaram a falhar. Dentro da cidade, Mu'in al-Din Unur apelou a Nur al-Din e Saif al-Din para que o ajudassem a expulsar os descrentes. Ele enviou uma mensagem ao acampamento dos cruzados informando que esses irmãos perigosos estavam se aproximando rapidamente com seus askars. Eles chegariam dentro de duas semanas, disse ele, e se os cruzados não partissem, ele entregaria a cidade a eles definitivamente.

A loucura tanto do objetivo dos cruzados quanto de sua estratégia estava agora exposta.

Ibn al-Qalanisi escreveu que eles ficaram abalados com a notícia de

> o rápido avanço dos exércitos islâmicos para travar a Guerra Santa contra eles... e eles se convenceram de sua própria destruição e da iminência do desastre. Após consultarem uns aos outros, não encontraram como escapar da rede em que haviam caído e do abismo em que se lançaram.[38]

A única opção era a retirada desordenada. Ao amanhecer de 29 de julho, os cruzados levantaram acampamento e fugiram. Sua guerra, pela qual homens e mulheres haviam percorrido milhares de quilômetros em condições terríveis, gastando o dinheiro de suas vidas e confiando suas almas a Deus, durou apenas cinco dias. Tudo o que tinham para mostrar eram os cadáveres dos caídos, que exalavam um fedor tão grande, escreveu Ibn al-Qalanisi com satisfação, "que [eles] quase venceram os pássaros no ar".[39]

*

Nem Luís nem Conrado estavam ansiosos para ficar para outra tentativa de conquista. Balduíno III e os barões da corte real de Jerusalém haviam desviado sua atenção de Nur al-Din e da Síria para considerar os méritos de atacar Ascalon, a última cidade costeira mantida pelos fatímidas do Egito. Se esta caísse, raciocinava-se, a expansão para o Egito poderia um dia ser possível. Mas nem Conrado nem Luís queriam participar disso. Conrado permaneceu apenas um curto período em Jerusalém antes de partir de Acre no início de setembro. Ele mal havia estado no reino cruzado por seis meses e não havia realizado praticamente nada, além do cumprimento de seus votos de peregrinação. Luís permaneceu por mais um tempo, entregando-se aos seus verdadeiros interesses: não atacar cidades empoeiradas sobre as quais ele sabia quase nada e entendia menos ainda, mas visitar santuários e louvar a Cristo. Na Páscoa de 1149, ele e Leonor, delicadamente reconciliados após a traição da rainha em Antioquia, também partiram para casa, embora em navios diferentes. Após uma travessia perigosa, durante a qual seus navios se separaram e Luís foi pego em uma batalha entre as frotas de Rogério II e Manuel Comneno, ambos chegaram à Sicília. Leonor adoecera gravemente durante a viagem, e seu humor provavelmente não melhorara quando chegou de Antioquia a notícia de que seu tio Raimundo havia sido capturado enquanto lutava contra as forças de Nur al-Din na Batalha de Inab. Suas ambições em Aleppo fracassaram da maneira mais singular possível. Nur al-Din ordenou que sua cabeça fosse decepada e enviada em uma caixa de prata como presente ao califa em Bagdá.

Da Sicília, Luís e Leonor seguiram viagem, ainda viajando separados, até que finalmente se reencontraram – pessoalmente, se não em espírito – na vila do Papa Eugênio em Túsculo (Frascati), cerca de 20 km a sudeste de Roma. Eugênio fez algumas tentativas inúteis de reuni-los, oferecendo-lhes um casamento.

cama coberta com seus melhores tecidos. De nada adiantou. Dezoito meses após seu retorno à França naquele novembro, o casamento foi anulado, e Leonor se casou com outra família de cruzados, tomando como segundo marido Henrique Fitzempress, neto de Fulque de Jerusalém e futuro Henrique II da Inglaterra. Seus filhos incluiriam um dos reis cruzados mais famosos de todos os tempos. "Uma mulher tola", era o julgamento tipicamente misógino de Guilherme de Tiro.[40] Mas, independentemente do que Guilherme pensasse, a verdade era que Leonor estivera cercada por homens ainda mais tolos. A Segunda Cruzada, longe de repetir os feitos da primeira, apenas demonstrara quão extraordinários, e talvez irrepetíveis, os eventos de 1096-1099 haviam sido. Longe de impedir o ressurgimento dos inimigos de Cristo, a geração de 1147-1149, na verdade, acelerou o colapso do reino que eles professavam adorar. "Tal era a extrema arrogância com que o bárbaro exultava", escreveu Ana Comnena, que completou sua Alexíada pouco antes de sua própria morte em 1153.[41]Ela estava escrevendo sobre eventos que aconteceram meio século antes, mas seu julgamento poderia ter se aplicado muito bem ao momento presente.

[*] Na história dos porcos gadarenos (Mateus 8:28-34, Marcos 5:1-20, Lucas 8:26-39), Jesus encontrou um homem possuído por uma legião de demônios. Ele os exorcizou e os lançou em uma manada de cerca de 2.000 porcos, que imediatamente correram para o Mar da Galileia e se afogaram.

[†] A Imperatriz Irene nasceu Bertha de Sulzbach e se casou com Manuel em 1146, mudando seu nome para algo mais classicamente grego.

17

A Corrida pelo Egito

Ó cega cupidez dos homens, pior que todos os outros crimes!

O décimo segundo califa fatímida do Egito, al-Zafir, foi assassinado por sua amante em uma casa perto do mercado de fabricantes de espadas no Cairo, quando tinha 25 anos. O amante era um homem extremamente bonito e inescrupuloso, da mesma idade do califa, chamado Nasr ibn 'Abbas, e os dois homens gostavam de farrear pelas ruas do Cairo à noite, usando disfarces para que al-Zafir, o líder espiritual supremo do mundo xiita ismaelita, não fosse reconhecido. Eram tão próximos que se dizia que raramente passavam uma hora separados, e al-Zafir havia presenteado Nasr com presentes extravagantes: milhares de dinares de prata, rebanhos inteiros de camelos e mulas e trajes luxuosos e extravagantes. Infelizmente para o califa, ele foi recompensado apenas com ingratidão e selvageria: atraído para fora de seu palácio na noite de 15 de abril de 1154 com a promessa de uma noite de banquete, ele foi cortado em pedaços na sala de estar de seu companheiro, antes de seu corpo ser jogado em um poço, junto com o de seu servo negro africano.[1]

Na manhã seguinte ao assassinato de al-Zafir, Nasr foi ao palácio com seu pai, o vizir fatímida 'Abbas, e os dois homens conduziram um golpe violento. Apoiados por súditos armados, declararam os irmãos de al-Zafir culpados de seu assassinato e transformaram seu filho de cinco anos, al-Faiz, em um califa fantoche, cuja juventude o impedia de desafiar a autoridade de 'Abbas. A comoção se instalou. "Havia mil espadas desembainhadas no palácio", escreveu o estudioso e soldado Usama ibn Munqidh, testemunha ocular dos terríveis acontecimentos.[2] Cabeças foram decepadas, barrigas cortadas e intestinos arrancados.

Os irmãos do califa foram sumariamente executados. Muitos outros funcionários do palácio e sua guarda de eunucos e guardas africanos também foram mortos, e enquanto seu sangue salpicava os finos tapetes, pisos de mármore e cortinas opulentas do palácio, 'Abbas desfilou ao redor do trono dourado em triunfo, carregando o pequeno al-Faiz nos ombros. Então, ele, Nasr e seus capangas se apoderaram de 'dinheiro, joias e objetos preciosos', deixando 'apenas o que não tinha valor'.[3]Eles estiveram – por um breve período – incontestados no comando de um império. No entanto, seus crimes garantiram o colapso final desse império.

*

Na década de 1150, o califado fatímida já estava em declínio há décadas. Durante seu auge, no final do século X, o poder fatímida se estendia da costa atlântica do norte da África até Bagdá.[4]Os califas fatímidas eram os guardiões de Meca, Medina e Jerusalém, as marinhas fatímidas dominavam tanto o Mar Vermelho quanto o Mediterrâneo oriental, e as oficinas fatímidas produziam tecidos, cristais, joias e cerâmicas comercializadas em todo o mundo ocidental. O Cairo (al-Qahira al-Mu'izziyya), estabelecido como capital do império em junho de 973, era dotado da magnífica mesquita-universidade de al-Azhar, de deslumbrantes palácios reais, de algumas das maiores bibliotecas do mundo e de movimentados mercados que alimentavam o comércio entre mercadores do Mediterrâneo, do Mar Vermelho, das rotas de caravanas transaarianas e das férteis planícies aluviais do Nilo, no Alto Egito. Um escritor que passou pelo Egito no auge do poder fatímida chamou a região de "uma das asas do mundo" e o Cairo de "a glória do Islã... o mercado para toda a humanidade... o armazém do Ocidente, o entreposto do Oriente". No entanto, se havia glória, também havia perigo. O mesmo escritor alertou que "as calamidades visitam as pessoas constantemente".[5]

Na década de 1150, o império havia encolhido em todas as direções. No noroeste da África, os almóadas agora dominavam. Ifriqiya, onde a dinastia fatímida havia nascido, havia sido invadida: primeiro pelos ziridas, depois pelos sicilianos; em 1160, também estaria nas mãos dos almóadas. Sultões e emires seljúcidas, agindo em nome do islamismo sunita e do califa abássida, expulsaram os fatímidas do interior da Síria. Os cruzados os expulsaram de Jerusalém e das cidades costeiras da Palestina e do Líbano. Em 1153, a última base naval fatímida no litoral palestino foi perdida, quando Balduíno III liderou uma ofensiva franca.

Assalto a Ascalão: um cerco conduzido com sucesso pelas forças combinadas do reino de Jerusalém, Templários, Hospitalários e várias centenas de peregrinos que chegaram com a viagem de primavera daquele ano. Para os cruzados, a queda de Ascalão concretizou uma antiga ambição de fechar seus portos à navegação egípcia e garantir uma possível base para ataques ao nordeste do Egito e ao delta do Nilo. Para os fatímidas, foi mais uma derrota em uma série que remonta a quase um século, uma perda recebida com muita "dor e angústia" em todo o mundo muçulmano.[6]

A perda de território não foi o único problema que se abateu sobre os fatímidas, pois o califado também se encontrava há muito tempo em estado de dissolução espiritual, fragmentando-se em facções que misturavam disputas de sucessão política com debates teológicos sobre onde e a quem residia a verdadeira lealdade da comunidade xiita ismaelita. Desde a década de 1130, o império fatímida estava dividido entre três grupos mutuamente hostis: os hafizis do Egito (assim chamados em homenagem ao pai de al-Zafir, al-Hafiz); os "assassinos" nizaris da Pérsia; e um grupo conhecido como os tayyibis, que dominavam o Iêmen. Inevitavelmente, esse cisma prolongado havia minado a dignidade e a autoridade dos califas, e mesmo antes do assassinato de al-Zafir, eles haviam sido reduzidos à condição de governantes troféus, perfumados e mimados em suas salas do trono, enquanto a verdadeira função de governo e comando militar cabia a seus vizires. Que esses mesmos vizires, em 1154, achassem apropriado matar califas por capricho foi chocante — mas não surpreendente.

Nem foi, portanto, tão estranho que, em 1154, uma revolução tenha sido imediatamente seguida por outra, com 'Abbas e Nasr sendo expulsos do Cairo pouco mais de seis semanas após terem tomado o controle. Poucos dias após o assassinato de al-Zafir, formou-se uma aliança entre suas irmãs e uma facção de eunucos palacianos indignados com a morte de seu antigo senhor. As mulheres cortaram mechas de seus cabelos e as enviaram com cartas convocando ao Cairo um oficial de alta patente do exército fatímida conhecido como Tala'i Ibn Ruzzik: um xiita grisalho de ascendência armênia, que estava estacionado na época no Alto Egito. Ibn Ruzzik reuniu suas tropas e marchou rio abaixo em direção à capital, quando uma revolta geral começou entre os soldados comuns do Cairo, e a ordem pública foi quebrada. Os apoiadores de 'Abbas e Nasr mal conseguiam sair de suas casas sem que mulheres desdenhosas os apedrejassem das janelas dos prédios. No final de maio, 'Abbas concluiu que não poderia permanecer em segurança e partiu com o filho para a Síria. No caminho, foi morto por um grupo de francos e Nasr.

foi capturado pelos Templários – eventualmente para ser resgatado de volta ao Cairo e executado por sua traição pelas mulheres do palácio, que o espancaram até a morte com seus sapatos e penduraram seu corpo acima de um dos portões da cidade. Enquanto isso, Ibn Ruzzik marchou para o Cairo. Ele e suas tropas vieram vestidos da cabeça aos pés de preto e hasteando bandeiras pretas acima de suas linhas. Ostensivamente, eles o fizeram em luto pelo califa assassinado. Mas não passou despercebido que o preto era a cor dos califas abássidas rivais de Bagdá. E assim começou a espiral de morte do califado fatímida, que outrora fora uma das potências mais poderosas do mundo mediterrâneo. Dezesseis anos após al-Zafir ser atirado em um poço, o último de sua linhagem estaria morto e o Egito estaria em mãos estrangeiras. A única questão era – de quem?

*

Em 1163, Amalrico, conde de Jafa e Ascalon, segundo filho de Fulque de Anjou e da Rainha Melisende, foi coroado rei de Jerusalém. Seu irmão mais velho, Balduíno III, faleceu em 10 de fevereiro. Segundo Guilherme de Tiro, que conhecia bem Amalrico, o novo rei era um homem rude, sério e resiliente, com uma memória aguçada, que não era especialmente culto, mas "ouvia avidamente a história e a preferia a todos os outros tipos de leitura".[7]Loiro, com entradas no cabelo e propenso a uma obesidade gordurosa, apesar de sua modesta ingestão de comida e bebida, Amalric não tinha talento para conversas triviais e era um péssimo orador, com um leve problema de fala. No entanto, a força de seus instintos políticos, sua curiosidade pelos mundos físico e divino e sua maneira de rir – nas ocasiões em que se divertia – tão forte que todo o seu corpo tremia, faziam dele um personagem estranhamente atraente. Seus únicos vícios reais, escreveu Guilherme de Tiro, eram seduzir mulheres casadas e se interessar desmedidamente por dinheiro.[8]

Amalrico foi coroado aos 27 anos e voltou sua atenção quase imediatamente para o Egito. Parecia roliço e pronto para ser conquistado; ou, como disse um escritor, "uma bela noiva, conduzida por seus criados", apenas esperando para ser levada embora.[9]Nos sete anos desde que ibn Ruzzik marchou sobre o Cairo, a fragilidade do poder fatímida tornou-se terrivelmente óbvia. Como vizir, ibn Ruzzik acalmou as crises imediatas de 1154 e despendeu muita energia conduzindo ataques a navios em torno de cidades francas, incluindo Tiro e Beirute. Mas, eventualmente, ele sucumbiu a

as mesmas forças violentas que o trouxeram ao palácio. Quando o jovem al-Faiz morreu após uma doença em 1160, ele orquestrou a ascensão de outra criança califa, al-Adid, de nove anos, com quem casou sua filha. Essa tentativa bastante familiar de organizar a política para o ganho pessoal de um vizir resultou em uma resposta bastante familiar: em setembro de 1161, Ibn Ruzzik foi atacado no palácio por tropas do corpo negro africano do exército fatímida, conhecido como Sudão, que havia sido designado para o trabalho por uma das tias do califa. Ibn Ruzzik foi mortalmente ferido e, enquanto era levado para um local seguro, uma grande escaramuça eclodiu entre sua guarda pessoal e o Sudão. Cinquenta homens foram mortos, e a princesa que havia conspirado com a morte de Ibn Ruzzik foi estrangulada com seu próprio véu. Al-Adid permaneceu califa, mas durante os dois anos seguintes o posto de vizir passou pelas mãos de três homens: o filho de Ibn Ruzzik, depois um oficial curdo chamado Shawar ibn Mujir al Sa'di (ou simplesmente Shawar) e, finalmente, um cortesão e camareiro do palácio conhecido como Dirgham. A cada volta da roda, o homem que se tornava vizir realizava um expurgo mortal de supostos oponentes no exército fatímida "para limpar a terra de seus rivais".[10] E com cada um desses expurgos, a classe governante ficava ainda mais enfraquecida. Era um Estado em crise.

Amalrico de Jerusalém sabia exatamente o estresse que reordenações abruptas da ordem política poderiam causar a um reino. Dez anos antes, ele vira sua mãe e seu irmão levarem o reino de Jerusalém à guerra civil, quando Balduíno, já maior de idade, exigiu permissão para governar como único rei, enquanto Melisende, esplêndida em sua realeza, se recusou a entregar as rédeas do poder. A discussão entre eles, que em certo momento levou Balduíno a sitiar sua própria mãe na cidadela de Jerusalém, só foi resolvida após um período tortuoso de conflitos civis e uma breve divisão do reino. Melisende, assim como seu filho, estava morta.[*] Mas Amalrico havia absorvido a lição da disputa e, como resultado, reconheceu seu momento de lançar um ataque ao fragmentado e irascível califado egípcio. No primeiro ano do reinado de Amalrico, o vizir Dirgham decidiu reter o tributo financeiro devido a Jerusalém, conforme o tratado de paz firmado após a queda de Ascalon. O rei se preparou para uma invasão em larga escala.

*

Amalrico não era o único governante com um olhar ganancioso para os assuntos egípcios. Na Síria, Nur al-Din passou a década de 1150 reconstruindo e expandindo a coalizão de emirados seljúcidas que seu pai, Zengi, havia reunido, tarefa que empreendeu com espantosa presteza. Em 1151, ele havia extinguido para sempre as brasas da resistência cruzada em Edessa – cujo último conde, Joscelino II, morreu, cego e indefeso, em uma prisão de Alepo em 1159. Enquanto isso, em Antioquia, Nur al-Din havia assassinado o príncipe Raimundo de Poitiers em Inab em 1149 e, posteriormente, tomado aproximadamente metade do território norte e leste pertencente ao principado, reduzindo-o a uma faixa de terra entre o rio Orontes e a costa mediterrânea.[11](seguindo Inab, Nur al-Din demonstrou sua aparente invencibilidade na região ao descer para banhar-se à vontade no Mediterrâneo). Dentro do próprio império seljúcida, Nur al-Din uniu Aleppo – sua herança de Zengi – ao emirado de Mosul, de seu irmão mais novo, sobre o qual afirmou seus direitos como suserano na década de 1150, e que finalmente anexaria completamente em 1170. Então, finalmente, em 1154, ele adicionou a joia da coroa: Damasco, na qual entrou no domingo, 25 de abril, depondo o governante insípido da cidade, Mujir al-Din, após um bloqueio econômico seguido por um curto cerco militar. Os cidadãos de Damasco o receberam bem. Ibn al-Qalanisi, cansado dos "sofrimentos causados pela fome, do alto custo dos alimentos e do medo de ser sitiado pelos infiéis francos", registrou a chegada de Nur al-Din com aprovação, elogiando a "justiça e boa reputação" do novo governante e comentando favoravelmente sobre sua decisão de abolir os impostos sobre melões e vegetais.[12]

Mas este não foi o fim dos triunfos de Nur al-Din. No final da década de 1150, ele garantiu um tratado de paz com Manuel Comneno para impedir que o imperador bizantino ajudasse os cruzados a defender as fronteiras antioquenas e, em 1160, capturou o sucessor de Raimundo de Poitiers como príncipe, o aventureiro combativo e imponente Reinaldo de Châtillon, a quem aprisionou por dezesseis anos. Em 1160, Nur al-Din controlava mais da Síria do que qualquer governante na memória viva, e o fez no momento perfeito, pois em 1157 o sultão seljúcida Ahmad Sanjar, que reinou por muito tempo – e último – morreu e o império se fragmentou em seus pedaços. Nur al-Din era, portanto, preeminente em suas fronteiras ocidentais, sem nenhum sultão acima dele. Ele havia completado a aniquilação da cruzada Edessa e ameaçava fazer o mesmo com Antioquia. A sua presença em Damasco colocou-o a uma distância de ataque tanto de Jerusalém como do condado de Trípoli e a sua reputação como um estratega magistral e guerreiro piedoso era

inigualável. A recuperação aparentemente milagrosa de dois surtos de doença grave na década de 1150 aumentou seu comprometimento pessoal com a jihad, convencendo-o de que era a vontade de Deus que ele recuperasse as terras dos cruzados em todos os lugares em nome do Islã. Pelo resto de sua vida política, Nur al-Din promoveria essa ideia de uma jihad islâmica unida contra os descrentes para justificar suas políticas de acumular o máximo de território e poder possível na Síria e além – e usá-la como distração quando isso significava declarar guerra a outros muçulmanos sunitas. Um minbar, ou púlpito ritual, construído por suas ordens na década de 1160, trazia uma inscrição que o descrevia como "o combatente da jihad em Seu caminho [isto é, no de Deus], aquele que defende contra os inimigos de Sua religião, o rei justo... o pilar do Islã e dos muçulmanos, o dispensador de justiça para aqueles que são oprimidos diante dos opressores".[13]Nur al-Din calculou corretamente que, se conseguisse estender seu poder mais ao sul, no Egito, cercaria completamente os territórios francos com os seus: uma situação que lhe permitiria sonhar em expulsar os descrentes da Síria e da Palestina de uma vez por todas. Assim como Amalric mirava no decadente califado fatímida, Nur al-Din também o fazia. A década seguinte acabou se tornando uma corrida para o Cairo. Uma corrida que nenhum dos lados podia se dar ao luxo de perder.

*

Desde o início, a luta pelo Egito foi acirrada. Nur al-Din certamente tinha à sua disposição as ferramentas para a subjugação, na forma de uma facção de emires curdos ambiciosos em seu exército, que lutavam para se libertar no Cairo e no vale do Nilo, onde viam grande potencial para construir feudos lucrativos. Nur al-Din também estava construindo sua posição pessoal no mundo mais amplo do Oriente Próximo islâmico: ele se destacou como a força piedosa preeminente na região em 1161, quando viajou para Meca (do outro lado do Mar Vermelho, na região da Arábia conhecida como Hijaz) para realizar o Hajj. Meca estava teoricamente sob a tutela do califado fatímida, mas, como tantas vezes acontece, o verdadeiro poder residia na ação e na percepção, não nos detalhes legais. Enquanto estava na Arábia, Nur al-Din ordenou a reconstrução das muralhas de Medina; ao fazê-lo, fez uma declaração enfática sobre seu próprio poder crescente.[14]

Amalrico, por sua vez, dificilmente poderia reivindicar a tutela religiosa sobre os muçulmanos do Egito, e suas intenções em relação aos fatímidas eram geralmente voltadas para recompensas materiais, em vez de retidão, ou "cruzada" em qualquer sentido, exceto no mais amplo. Mas com Ascalão em suas mãos, ele controlava a Via Maris – a principal estrada que saía da Grande Síria para o Egito – e, portanto, representava a ameaça militar mais próxima e óbvia. Em setembro de 1163, quando o calor intenso do verão começava a diminuir, ele partiu para demonstrar isso. Amalrico "desceu sobre o Egito com uma grande hoste", encontrou Dirgham com um exército no deserto e forçou o vizir a recuar para Bilbays (Bilbeis), uma cidade-fortaleza 60 km a nordeste do Cairo, reforçada por Ibn Ruzzik especificamente em antecipação à marcha de um rei cruzado sobre a capital. Os egípcios então entraram em pânico, temendo que Amalrico "pudesse decidir liderar seus exércitos contra as partes mais remotas do reino", escreveu Guilherme de Tiro.[15] Recorreram ao último e mais elementar meio de defesa: abrir os diques de irrigação agrícola que se estendiam desde o Nilo. Isso inundou a região, isolando os cruzados do Cairo com um enorme fosso natural. Amalrico foi obrigado a retirar seu exército. Mas ele voltaria.

*

Enquanto isso, na Síria, Nur al-Din preparava sua própria incursão no Egito. Shawar, o vizir que Dirgham havia deposto diretamente antes da invasão de Amalric, escapou com vida e fugiu para a Síria durante o verão de 1163, onde foi a Damasco e implorou a Nur al-Din que o restaurasse ao poder. Guilherme de Tiro descreveu Shawar como "sábio e capaz... particularmente previdente". Certamente, ele era mestre em fazer promessas generosas a qualquer um que acreditasse poder promover sua causa, geralmente sem se preocupar muito se seria capaz de cumpri-las. Assim, em 1163, prometeu a Nur al-Din um terço das receitas do Egito e carta branca para ditar políticas ao califa se este o apoiasse. Nur al-Din, sem ilusões quanto ao tipo de homem que tinha à sua frente, hesitou. Mas logo ele decidiu que os ganhos potenciais no Egito superavam a quase certeza de que Shawar tentaria romper o acordo. Ele o enviou de volta ao Egito com o mais capaz e implacável de seus generais, um emir curdo chamado Asad al-Din.

Shirkuh. A relação entre Shirkuh e Shawar determinaria o destino do estado fatímida.

Baixo, gordo e de idade avançada, com um olho leitoso devido à catarata, Shirkuh não se parecia muito com o leão que seu nome (Asad) sugeria. Mas, nas palavras de Ibn al-Athir, ele era "o maior e mais bravo emir do estado... tinha tanta coragem e determinação que não se deixava abalar pelo medo".[16]Shirkuh também ansiava pelas riquezas do Egito e, ao longo dos anos seguintes, pressionaria Nur al-Din repetidamente para que lhe permitisse assumir a direção pessoal da luta pelo controle do país, argumentando que os egípcios eram "dedicados à vida luxuosa e ignorantes da ciência da guerra" e carne fácil para sua espada.[17]Em abril de 1164, Shirkuh marchou para fora da Síria, contornou o território franco e atravessou o Egito, indo direto para o Cairo. Quando Dirgham trouxe um exército para enfrentá-lo, foi morto, atingido por uma flecha disparada de suas próprias tropas e deixado onde caiu por dois dias. Em 24 de maio, Shirkuh presenteou Shawar com as vestes do vizir. Em troca, Shawar fez exatamente o que Nur al-Din temia: renegou o acordo. Em vez de submeter o estado fatímida ao governo de Shirkuh e seus mestres sírios, Shawar educadamente, mas firmemente, pediu a todos que voltassem para casa. Quando Shirkuh recusou, marchou para Bilbays e acampou seu exército lá, o vizir inescrupuloso enviou emissários a Amalric de Jerusalém solicitando assistência militar em troca de um grande pagamento financeiro.

Essa disposição de virar as costas sem o menor escrúpulo se tornaria a marca registrada de Shawar, pois ele sabia o valor que o Egito tinha tanto para os cruzados quanto para os sírios e agiu de acordo com isso. Ao receber o pedido de ajuda, Amalric – como Shawar sabia que faria – enviou uma grande força para sitiar o general curdo em Bilbay. Shirkuh era famoso até mesmo entre os cruzados por sua "grande resistência às adversidades" e sua capacidade de suportar "a fome e a sede com uma serenidade bastante incomum para aquela época da vida".[18]Ele resistiu três meses sob bloqueio, antes que uma trégua fosse finalmente acordada. Amalrico, com sua atenção exigida em casa, recuou, e Shirkuh marchou com seu exército de forma ordenada de volta à Síria. Ao partirem, o curdo gordo cavalgou entre a retaguarda, segurando desafiadoramente um machado de ferro. Quando lhe perguntaram se não temia que os francos o emboscassem durante sua retirada, respondeu: "Gostaria que fizessem isso, para que vocês pudessem ver o que eu faria. Por Deus, eu empunharia minha espada e não um dos nossos..."

os homens seriam mortos até que ele tivesse matado vários [inimigos]… Nós tomaríamos suas terras e qualquer sobrevivente pereceria.'[19]

*

Por um tempo, porém, ele teve que esperar, pois outras frentes tinham prioridade. Nur al-Din tinha mais do que apenas o Egito para considerar – assim como Amalrico. Enquanto o rei cruzado estava ocupado em Bilbays, Nur al-Din atacou com força mais ao norte, aniquilando uma coalizão indisciplinada de francos, tropas bizantinas e armênios. Na Batalha de Harim (perto de Artah, entre Antioquia e Aleppo), esse exército foi "subjugado e despedaçado pelas espadas do inimigo". Boemundo III, príncipe de Antioquia, Raimundo III, conde de Trípoli, Joscelino, filho do último conde de Edessa, o príncipe armênio Thoros II e Constantino Kalamanos, governante bizantino da Cilícia, foram todos levados para Aleppo, "acorrentados como os mais baixos escravos" e lançados na prisão, onde se tornaram "o esporte dos infiéis".[20]Pouco depois, Nur al-Din invadiu Banyas (Banias), uma fortificação vital na fronteira entre Damasco e as cidades cruzadas de Acre e Tiro. "Essas grandes mudanças e desastres terríveis afetaram tão seriamente a condição dos cristãos que eles foram reduzidos quase ao extremo", escreveu Guilherme de Tiro. "Não restava mais nenhum raio de esperança."[21]

*

A chegada a Jerusalém do veterano cruzado Thierry, conde de Flandres (numa quarta expedição sem precedentes ao leste, a primeira tendo sido em 1139) e o esforço militar necessário para fortalecer Antioquia e Trípoli distraíram Amalrico dos assuntos egípcios. Enquanto isso, o foco de Nur al-Din em questões ao norte também significava que Shirkuh teve que esperar o momento certo antes de solicitar os recursos de que precisava para retornar ao sul. No final de 1166, no entanto, a persistência de Shirkuh persuadiu Nur al-Din a deixá-lo continuar a conquista. Com a bênção de seu mestre, Shirkuh reuniu 2.000 cavaleiros e muitos outros soldados de infantaria e, em janeiro de 1167, marchou mais uma vez para o território fatímida, montando acampamento fora das muralhas do Cairo, à sombra da Esfinge e das poderosas pirâmides de Gizé. Desta vez, ele

levou consigo uma estrela em ascensão de sua comitiva curda: seu sobrinho de 29 anos, um ex-chefe de polícia de Damasco chamado Yusuf ibn Ayyub.

Mais uma vez, com a aproximação do perigo, Shawar apelou para a ajuda do inimigo do seu inimigo. Como de costume, o apoio dos cruzados tinha um preço – ou, pelo menos, um preço simbólico. Shawar prometeu a Amalric a extraordinária soma de 400.000 dinares de ouro (1.776 kg ou 3.900 libras de ouro por peso) em troca de sua ajuda. Para dar um toque de plausibilidade a essa oferta ridícula, Shawar convidou dois enviados francos, Hugo de Cesareia e um proeminente templário chamado Geoffrey Fulcher, ao Cairo para conhecer o próprio al-Adid. Encontraram o jovem – com dezoito anos, mas com rosto de bebê, com apenas uma leve penugem brotando no queixo – em um palácio repleto de animais exóticos e pássaros estranhos, e repleto de eunucos e lacaios. Ali, al-Adid sentou-se em seu trono de ouro, escondido por uma cortina bordada com pérolas e fios de ouro.[22]Revelado com um floreio sob o comando de Shawar, al-Adid deu sua palavra de que os francos de fato receberiam sua recompensa, se pudessem salvá-lo da ameaça sunita. Assim, no início da primavera, Amalric e um exército franco invadiram o Egito em perseguição aos curdos, enfrentando violentas tempestades e redemoinhos que, por vezes, os forçavam a desmontar e se esconder na areia do deserto para sobreviver. Combates ferozes eclodiram por todo o Egito, com confrontos bem ao sul do Cairo, em al-Bilbayn (el-Babein), e um cerco extenuante a Alexandria, no delta do Nilo, cuja defesa foi liderada por Yusuf ibn Ayyub.

Mais uma vez, em 1167, os dois lados lutaram entre si até chegarem a um impasse, embora, quando ambos se retiraram em agosto, foi Amalrico quem teve motivos mais óbvios para estar satisfeito, pois deixou conselheiros militares e uma guarnição de tropas francas no Cairo e garantiu pelo menos os primeiros pagamentos de tributos do tesouro de al-Adid. Mas o assunto não estava encerrado.

Em 1161, quando Ibn Ruzzik morria devido aos ferimentos infligidos por seus assassinos, o velho vizir lamentou nunca ter usado sua base avançada de Bilbay como plataforma de lançamento para atacar os francos. Em outubro de 1168, sua preocupação finalmente se confirmou, quando Amalrico, agora determinado a conquistar, avançou sobre a cidade-fortaleza com um enorme exército vindo de todo o reino cruzado. Esta foi uma mudança significativa de estratégia, de vizinho irritante para agressor declarado. No ano anterior, Amalrico havia contraído um casamento com Maria Comnena, filha de Manuel I Comneno, e com um apelo ao poder naval bizantino agora teoricamente disponível para ele, preparou-se para abandonar suas obrigações com seu aliado Shawar e completar a

tarefa de transformar o Egito fatímida em um protetorado cruzado. Nem todos em seu reino concordavam – os Templários, em particular, denunciavam a insensatez de abandonar as obrigações do tratado sem pretexto. Mas sua oposição não foi suficiente. Em 4 de novembro, o exército de Amalric chegou a Bilbays e encontrou o filho de Shawar, Tayy, comandando a guarnição. "Você acha que Bilbays é queijo para comer?", perguntou ele a Amalric, com desdém. "Sim", respondeu Amalric. "E Cairo é manteiga."[23]Suas tropas invadiram as defesas egípcias e saquearam a cidade impiedosamente. "A maioria dos cidadãos foi passada à espada, sem distinção de idade ou sexo", escreveu Guilherme de Tiro. "Se por acaso escapassem da morte, sofriam a perda da liberdade e caíam sob o jugo miserável da escravidão."[24]Então eles marcharam em direção ao Cairo.

Shawar, recuando e tentando criar um freio nas forças saqueadoras de Amalric, tomou uma atitude desesperada. Ele incendiou a parte antiga do Cairo, fora das muralhas principais, conhecida como al-Fustat. Segundo ibn al-Athir, o incêndio durou 54 dias. Mas esse gesto fútil e autodestrutivo não fez nada para deter Amalric. Ele prontamente sitiou o Cairo propriamente dito, dando a Shawar um gostinho do próprio remédio ao lhe dizer que só levantaria o cerco mediante o pagamento de 1 milhão de dinares de ouro (4.400 kg ou 9.700 libras de ouro). Shawar – com poucas opções, embora, como sempre, sem intenção de obedecer, principalmente porque muitos dos contribuintes de quem ele poderia ter arrecadado tal quantia tinham acabado de ver suas casas em al-Fustat incendiadas – concordou. Cego pela promessa de vastas riquezas, por mais improvável que fosse, Amalric recuou do Cairo e acampou enquanto esperava por seu dinheiro.

A pausa provou ser fatal. Shawar, um trapaceiro até o fim, agora fazia sua última jogada. Ele escreveu a Nur al-Din e implorou que enviasse Shirkuh para expulsar os infiéis de seus portões. Por mais audacioso que fosse, ele não precisou pedir duas vezes. Nur al-Din também viu o fim se aproximando. Ele equipou Shirkuh com 2.000 cavaleiros de seu exército permanente, uma enorme força de infantaria e 200.000 dinares para contratar mercenários. Mais uma vez, Yusuf ibn Ayyub viajou para o sul com seu tio, embora desta vez contra sua vontade, pois ele agora desfrutava de um alto cargo em Aleppo, onde se tornara o parceiro de polo favorito de Nur al-Din.

Em dezembro de 1168, Shirkuh, Yusuf ibn Ayyub e sua enorme força entraram em território egípcio, flanquearam Amalric e avançaram sobre o Cairo. Inicialmente, o rei cruzado preferiu enfrentar Shirkuh e Yusuf ibn Ayyub em batalha. Mas, no dia de Natal, seus batedores lhe informaram sobre o tamanho monstruoso de seu exército.

Amalric viera como um conquistador, mas fora subornado com promessas vazias de riqueza em vez de pressionar por um ataque militar decisivo. Ele agora não tinha mais esperança de apoio de Shawar, enquanto o próprio povo do Cairo dificilmente se levantaria em apoio a um exército de descrentes em detrimento de um composto principalmente por muçulmanos, sunitas ou não. O rei subitamente percebeu que seu milhão de dinares não chegaria; e que "os turcos estavam próximos e devemos partir".[25]Em 2 de janeiro, seu exército estava marchando para casa, em Jerusalém.

Shirkuh, tendo chegado tão longe no Egito, e não pela primeira vez, agora começava o jogo final. Após a partida dos francos, ele montou acampamento nos arredores do Cairo e passou as duas primeiras semanas de janeiro mantendo uma série de reuniões amigáveis com Shawar para negociar um plano para estabilizar o Egito. O tom de suas conversas era invariavelmente gentil e cordial: Shirkuh permaneceu paciente enquanto Shawar se contorcia e prevaricava sobre sua promessa de destinar a Nur al-Din um terço das receitas egípcias. Mas em 18 de janeiro, Shawar apareceu no acampamento de Shirkuh para continuar a conferência e foi recebido a cavalo por Yusuf ibn Ayyub e um emir chamado Izz al-Din Jurdik. Eles o convidaram para uma breve conversa, o arrancaram de sua montaria e o fizeram prisioneiro. A sorte de Shawar, que ele havia cavalgado com tanto afinco por tantos anos, finalmente havia expirado. Sua cabeça foi decepada no mesmo dia e, por ordem de Shirkuh, levada ao suntuoso palácio do califa, onde, por trás da cortina de pérolas e ouro, foi presenteada ao próprio jovem al-Adid. O califa enviou de volta, como agradecimento, um conjunto de vestes de vizir para Shirkuh. Lá fora, uma multidão destroçou a casa de Shawar. De volta a Jerusalém, Amalric teve que calcular o custo de seus fracassos. "Ó cobiça cega dos homens, pior que todos os outros crimes!", lamentou Guilherme de Tiro. "Ó loucura perversa de um coração insaciável e ganancioso!"[26]A corrida pelo Egito havia terminado e o grande jogo estratégico havia caído a favor de Nur al-Din e seus representantes curdos. Os Estados cruzados haviam sido fundados e prosperado devido à divisão sectária e política no Oriente Próximo islâmico entre sunitas e xiitas, Síria e Egito. Agora, o caminho estava aberto para um líder unir a Síria e o Egito sob o domínio sunita, e fazê-lo sob a bandeira da jihad: uma ideologia de guerra santa tão poderosa e talvez até mais duradoura que a da cruzada cristã latina.

*

Shirkuh não viveu muito para desfrutar dos frutos de sua vitória. De fato, seu reinado como vizir do Egito fatímida foi ainda mais curto do que o de qualquer um do heterogêneo grupo – Ibn Ruzzik, Shawar, Dirgham – que o precedeu. Em 22 de março de 1169, apenas dois meses e cinco dias após a tomada do Cairo, Shirkuh embarcou em uma de suas periódicas farras, empanturrando-se de carnes pesadas. Na maioria das vezes, isso lhe causava indigestão crônica; nesta ocasião, irritou uma amigdalite – ou abscesso infeccionado atrás das amígdalas – cujos efeitos o mataram. Deus não sorria, ao que parecia, para os exultantes ou glutões. "Quando se regozijaram com o que lhes fora dado, nós os agarramos repentinamente", escreveu ibn al-Athir, citando o Alcorão.[27]Foi uma maneira abrupta, mas não totalmente inesperada, de Shirkuh deixar a Terra.

O legado de Shirkuh foi singular. Ele ajudou a colocar de joelhos um dos impérios mais famosos do islamismo, desferindo um golpe devastador na segurança do reino de Jerusalém e glorificando o nome de Nur al-Din ao longo do caminho. Mas, mais importante, suas aventuras também trouxeram à tona um homem cuja carreira e reputação entre muçulmanos e cruzados eclipsariam a sua, a de Nur al-Din e a de Zengi juntas. Esse homem era seu sobrinho, o emir curdo Yusuf ibn Ayyub: em breve sultão do Egito e da Síria, destruidor dos fatímidas, nêmesis dos zengidas, flagelo dos francos e, quase sozinho, alvo de milhares de cruzadas individuais. Ele lançaria uma longa sombra sobre sua época e seu apelido seria lembrado por gerações – na verdade, séculos – após seus feitos se esvaírem. Yusuf ibn Ayyub era mais conhecido como Salah al-Din, um apelido que significa "a justiça da fé", mas que a história e a lenda contraíram e mitificaram como Saladino.

[*] Melisende morreu em 1161 e foi enterrada fora dos muros de Jerusalém, dentro da igreja construída sobre o túmulo da Virgem Maria.

18

Por causa dos nossos pecados

Todos os reinos adjacentes a nós foram colocados sob o poder de um homem…

Al-Adid, o último dos califas fatímidas, morreu duas vezes no espaço de dez dias. Sua primeira morte ocorreu em uma mesquita no Cairo, durante as orações de sexta-feira, em 3 de setembro de 1171. Todas as sextas-feiras, de acordo com a prática islâmica adequada, um pregador subia ao púlpito ritual (minbar) e proferia um sermão conhecido como khutbah, no qual oferecia louvores a Deus, bênçãos ao Profeta, uma mensagem espiritual e uma invocação em nome do governante do dia. Mas, no Cairo, em 3 de setembro, esse ritual foi rudemente interrompido. Antes que o pregador pudesse começar, um persa visitante chamado Muhammad ibn-Muwaffaq – mais conhecido como "o emir erudito" – subiu as escadas do minbar e proferiu sua própria oração de súplica, invocando bênçãos sobre o nome do homem que ele considerava o legítimo califa.[1]Deveria ter sido al-Adid. Mas, em vez disso, o "emir erudito" pronunciou o nome de al-Mustadi, o califa abássida em Bagdá.

Esta foi a primeira vez em quase dois séculos de história egípcia que o nome de um califa sunita foi invocado no lugar de um xiita ismaelita, e isso deveria ter abalado o Egito até os alicerces, pois o direito de ser nomeado nas orações de sexta-feira era (como o direito de cunhar moedas) privilégio exclusivo de um califa e chefe de Estado. Oferecer o nome de outro não era apenas blasfêmia – era traição. No entanto, em 3 de setembro, a menção de um abássida no lugar de um fatímida passou despercebida pelos fiéis reunidos. "Ninguém expressou qualquer desaprovação", escreveu Ibn al-Athir.[2] Então, no

Na sexta-feira seguinte, 10 de setembro, o vizir do Egito, Saladino, ordenou que o nome de al-Mustadi fosse lido em todas as mesquitas do Cairo. Mais uma vez, escreveu Ibn al-Athir, "nenhum bode se atreveu a provocá-lo".[3]Uma semana depois, al-Adid havia sido substituído na khutbah de todas as mesquitas do Egito. Por toda parte, bênçãos choviam sobre o nome do abássida, a 1.300 quilômetros de distância, em Bagdá. Al-Adid deveria estar incandescente de raiva e indignação. Mas ele não se importava mais. Em 13 de setembro, após uma doença curta, grave e – segundo se dizia – convenientemente cronometrada, al-Adid faleceu, dez dias antes de completar 21 anos.[4]Sua morte física coincidiu perfeitamente com sua extinção legal e, com ele, o governo fatímida no Egito chegou ao fim.

Após a morte de al-Adid, Saladino e um de seus tenentes, um emir conhecido como Qaraqush, reuniram a família de al-Adid no palácio do califa. Disseram ao filho mais velho de al-Adid, Da'ud, que, como seu pai havia morrido sem designá-lo explicitamente como herdeiro, ele não poderia sucedê-lo. Ele e seus parentes homens foram colocados em prisão domiciliar pelo resto de suas vidas naturais, mantidos bem longe das mulheres para garantir que não pudessem ter filhos homens. Seus servos e escravos foram demitidos ou vendidos. Saladino vasculhou o tesouro do califa, maravilhando-se com jarros cheios de pérolas e rubis gigantescos, um glorioso cabo de espada cravejado de esmeraldas, curiosidades arqueológicas como costelas de peixe gigantes de algum gigante das profundezas morto há muito tempo e um tambor medicinal que curava gases presos, fazendo qualquer homem que o tocasse peidar.[5]Ele organizou um desfile militar de tropas curdas e sírias pelas ruas do Cairo, para amenizar qualquer consternação pública que pudesse acompanhar o funeral de al-Adid. Ele próprio lamentou ostensiva e publicamente. Em seguida, deu continuidade à tarefa, já em andamento há dois anos, de expurgar os partidários fatímidas do exército e da burocracia egípcia, e transformar o Egito em uma base a partir da qual ele e seus apoiadores pudessem lançar uma audaciosa tentativa de dominar a Terra Santa e tudo ao seu redor.

*

Salah al-Din Yusuf ibn Ayyub nasceu em um castelo em Tikrit, 180 km rio acima de Bagdá, nas margens do Rio Tigre, em 1137 ou 1138.[6]Seu pai, Ayyub, irmão de Shirkuh, era um curdo da antiga cidade armênia de Dvin, descrito por ibn al-Qalanisi como 'um homem de resolução,

inteligência e conhecimento dos assuntos'.[7]Ayyub usou seus talentos trabalhando para o sultão seljúcida e, mais tarde, para Zengi e Nur al-Din. Ele criou seus filhos – Shahanshah, Turan-Shah, Saladino, al-Adil (também conhecido como Sayf al-Din ou Safadin), Buri e Tughtekin – em Mosul e Baalbek, onde foi governador. Através de seu serviço, Ayyub eventualmente alcançou uma posição considerável dentro da hierarquia militar zengida, tornando-se tão estimado que se dizia ser o único homem autorizado a permanecer sentado na presença de Nur al-Din. Ele garantiu que Saladino e seus irmãos crescessem equipados para uma carreira semelhante; no início da idade adulta, Saladino era um cavaleiro habilidoso, administrador habilidoso, cortesão gentil e muçulmano piedoso, que era assíduo em suas orações e tinha prazer em ouvir leituras diárias do Alcorão e do Hadith. Aos vinte e poucos anos, Saladino demonstrou sua competência militar lutando no Egito ao lado de Shirkuh e outros membros do que ficou conhecido como o clã aiúbida; entre eles, o próprio Aiúbida e Ceife Al-Din. Um sinal de sua crescente reputação foi o fato de ter sido encarregado de defender Alexandria contra Amalrico de Jerusalém em 1167.

Graças às extraordinárias realizações de Saladino e ao seu talento natural para a autopromoção, muitos retratos vívidos e altamente distorcidos foram produzidos durante sua vida. O mais completo foi o do advogado e estudioso mosulita conhecido como Baha al-Din Ibn Shaddad, que entrou a serviço de Saladino como juiz (qadi) do exército no final da década de 1180 e escreveu uma biografia sublime e heroica de seu mestre no auge de seus poderes. O livro de Ibn Shaddad, intitulado "A Rara e Excelente História de Saladino", destinava-se ao deleite pessoal do autor: polir conscientemente a reputação de Saladino como mujahideen: o bastão que Deus havia escolhido para açoitar os miseráveis francos. Num longo hino de louvor que introduziu sua obra, Ibn Shaddad elogiou as virtudes pessoais de Saladino: ele era impecavelmente piedoso, generoso, cumpridor rigoroso do jejum do Ramadã, sobrenaturalmente trabalhador, gentil com as crianças, "gentil e misericordioso, um defensor dos fracos contra os fortes" e surpreendentemente corajoso. "Saladino foi um dos grandes heróis, poderoso em espírito, forte em coragem e de grande firmeza, sem medo de nada", escreveu Ibn Shaddad. "Nunca o vi considerar o inimigo numeroso demais nem exagerar sua força."[8] Acima de tudo, ele escreveu, Saladino era a personificação do jihadista justo:

> A Jihad, seu amor e paixão por ela, haviam tomado conta de seu coração e de todo seu ser, tanto que ele não falava de mais nada, não pensava em nada além dos meios para alcançá-la.

persegui-lo, preocupava-se apenas com sua mão de obra e tinha carinho apenas por aqueles que falavam sobre ele e o incentivavam.[9]

Extrair fatos da vida de Saladino dos elogios açucarados produzidos por Ibn Shaddad e seus semelhantes (outros escritores pró-aiúbidas incluíam o estudioso persa Imad al-Din al-Isfahani, chanceler de Saladino, e o escritor posterior, Abu Shama, radicado em Damasco) não é fácil. Certamente, quando Ibn Shaddad escrevia na década de 1180, Saladino parecia de fato ter desferido golpes mais pesados contra a causa cruzada do que qualquer outro antes dele. Naquela época, ele parecia, mesmo para observadores cristãos, a personificação de uma fúria divina enviada "para enfurecer e exterminar o povo obstinado" dos estados cruzados.[10]No entanto, analistas perspicazes da carreira de Saladino sempre seriam capazes de discernir uma realidade mais ambígua. Saladino lutou contra outros muçulmanos sunitas pelo menos com a mesma frequência com que lutou contra cristãos. Foi derrotado em batalha com a mesma frequência com que triunfou, e o império que ele construiu se desfez duas décadas após sua morte. A lenda nunca foi a mesma que o homem. E certamente durante a década de 1170, enquanto Saladino e os aiúbidas planejavam a destruição do Egito fatímida e seu próprio caminho para a preeminência, o quadro – e a reputação de Saladino como o anticruzado ne plus ultra – não era tão claro.

*

Inicialmente, Nur al-Din concedeu ampla liberdade a Saladino no Egito. Ele não hesitou no verão de 1169, quando o vizir se mobilizou contra facções no Cairo que ameaçavam seu governo: assassinou o oficial do palácio Mu'tamin al-Khilafa e, em seguida, expurgou o corpo de 50.000 soldados negros do Sudão em uma batalha de dois dias de arrepiar os cabelos, que deixou prédios incendiados pelo fogo grego e corvos revirando cadáveres.[11]Ele apoiou Saladino com tropas no outono de 1169, quando os aiúbidas defenderam Damieta contra um ataque conjunto de um exército franco e da frota naval bizantina. Em 1171, quando a notícia da morte de al-Adid chegou a Bagdá, houve dança nas ruas. O califa, encantado com a morte de seu rival herético, enviou a Saladino e Nur al-Din bandeiras negras abássidas para hastear em comemoração e ditou cartas com agradecimentos efusivos. Al-Mustadi sem dúvida teria ficado encantado ao saber que, desde que Saladino recebera o vizir dois anos e meio antes, ele havia redobrado sua

compromisso com a propriedade religiosa, abandonando o vinho e adotando um estilo conservador de vestimenta.

Nesse ponto, Nur al-Din, que se via como o único garantidor do poder de Saladino, gabou-se condescendentemente de que "as flechas turcas são a única defesa contra as lanças francas".[12]Mas, à medida que Saladino consolidava sua posição no Cairo no início da década de 1170 — afastando o califa fatímida, enviando tenentes como Qaraqush para o Alto Nilo, Iêmen, Ifriqiya e Mahgreb para assumir o comando das trilhas de escravos e caravanas de ouro transaarianas, cortejando o povo comum do Cairo cortando impostos e comprando a lealdade do exército egípcio reformado com generosas doações de terras agrícolas (conhecidas como iqta) feitas tanto às tropas quanto aos emires — as preocupações de Nur al-Din sobre seu curdo novato começaram a crescer.[13] Da mesma forma, à medida que Saladino aumentava seu próprio poder, ele se tornava cada vez mais preocupado com a possibilidade de ser retirado. Essa suspeita mútua entre Nur al-Din e Saladino veio à tona quando, nos meses seguintes à morte do califa fatímida al-Adid, Saladino abortou um ataque conjunto sírio-aiúbida contra posições francas no sul da Palestina. Ele percebeu que quaisquer conquistas que fizesse no reino de Jerusalém o aproximariam efetivamente de uma fronteira terrestre com os territórios de Nur al-Din na Síria. Melhor, ele raciocinou, manter uma zona-tampão franca entre o Egito e a Síria até que estivesse suficientemente seguro para poder obedecer ou ignorar as ordens de Nur al-Din como quisesse.[14] Certamente não se tratou da ação de um jihadista anticristão convicto. Nem, aliás, de um homem que se dispôs a servir a unidade islâmica acima da sua própria. ambição política.

Em 15 de maio de 1174, Nur al-Din morreu em Damasco, após desenvolver febre após uma partida de polo acalorada e recusar os pedidos dos médicos para sangrá-lo. A elegia fúnebre de Nur al-Din, composta por Imad al-Din, deplorou sua morte como uma catástrofe para o Islã: "A religião está em trevas devido à ausência de sua luz... Que o Islã lamente o defensor de seu povo, e a Síria, a protetora de seu reino e de suas fronteiras."[15]Saladino escreveu que foi um "choque de terremoto" — uma frase particularmente pungente, já que grande parte da Síria havia sido severamente danificada por um dos maiores eventos sísmicos de sua história apenas quatro anos antes.[16]Este era um obituário poético típico, é claro, mas brotava da verdade. A piedade de Nur al-Din era de fato irrepreensível. Ele havia reavivado quase sozinho um elo entre a guerra contra os francos e a jihad, e durante seus 28 anos no poder, também havia feito mais do que qualquer outro para promover a unidade e a reputação

militar do país.

Muçulmanos da Terra Santa. Nem mesmo Guilherme de Tiro conseguiu contradizer suas conquistas ou manchar seu caráter. Seria difícil sucedê-lo. No entanto, apesar de todas as suas virtudes supremas, Nur al-Din ainda era humano. E quando morreu, deixou como herdeiro um filho de onze anos, al-Salih, uma situação que deixou o futuro de seu império em aberto.

Para complicar ainda mais a situação, menos de dois meses após a morte de Nur al-Din, Amalrico de Jerusalém também faleceu, após um ataque agudo de disenteria. Ele também deixou um herdeiro menor de idade: um jovem de treze anos que foi coroado Balduíno IV. Saladino enviou ao reino cruzado cortesias diplomáticas mais brandas do que a al-Salih, e, em particular, regozijou-se com a morte de Amalrico: "Que Deus o amaldiçoe, o abandone e o leve a um castigo amargo."[17]Ele tinha todos os motivos para comemorar. Balduíno – filho de Amalric com sua primeira esposa, Inês de Courtenay – era inteligente, enérgico e de "uma disposição amável", e seus modos de andar e falar lembravam assustadoramente os de seu pai.[18]Mas havia uma diferença crucial. À medida que o novo rei crescia, tornou-se evidente que ele sofria de uma forma incurável e terrivelmente debilitante de lepra, tão grave que Guilherme de Tiro a confundiu com elefantíase.[19] A juventude de Balduíno, sua doença e o comportamento abjeto dos adultos que disputavam o poder ao seu redor acabariam por colocar o reino cruzado de joelhos.

*

Em 1174, então, Saladino teve uma escolha a fazer. Tanto a região Zengid quanto a região cristã latina do Oriente Próximo foram subitamente enfraquecidas, enquanto no Egito ele estava cada vez mais seguro. Se quisesse se estabelecer como o novo e legítimo defensor do Islã, teria que decidir se miraria diretamente nos infiéis na Palestina ou se concentraria suas energias em fazer o que Nur al-Din não fizera, unindo a Síria e o Egito sob sua própria liderança incontestada. Ele escolheu a última opção. Durante a década seguinte, Saladino dedicou seus melhores esforços não a esmagar os estados cruzados, mas a se afirmar como governante dos emirados em suas fronteiras: Damasco, Aleppo, Jazira (alta Mesopotâmia) e Mosul. Ele não negligenciou completamente a guerra contra os cristãos: no verão de 1174, obteve uma vitória naval esmagadora no delta do Nilo contra uma frota enviada contra Alexandria pelo novo rei siciliano Guilherme II; em 1177 ele sofreu um revés poderoso depois de marchar

exército para o reino de Jerusalém e encontrando uma força menor, porém mais organizada e determinada, de cavaleiros cruzados, incluindo um grande número de Templários. Em 1179, ele interrompeu com sucesso a construção de um castelo Templário no Vau de Jacó, na Via Maris entre Acre e Damasco, deixando os corpos dos operários da construção caídos, ensanguentados e amassados, ao lado de seus carrinhos de mão. Em 1183, ele tentou, sem sucesso, provocar uma reunião completa do exército do reino de Jerusalém para uma batalha campal. Todos esses foram confrontos significativos. Mas, de modo geral, durante a primeira metade de sua carreira, Saladino preferiu fazer tréguas com os estados cruzados, o que o libertou para afligir seus correligionários na Síria. Seu foco principal não era a jihad, mas a tarefa decididamente menos moralmente clara de varrer o mapa sírio dos parentes e descendentes Zengid de Nur al-Din.

Pouco a pouco, Saladino começou a reconstruir um império. Ele entrou em Damasco, inicialmente para atuar como atabeg em nome de al-Salih, em 1174. Durante os dois anos seguintes, derrotou duas vezes os exércitos combinados de Aleppo (para onde al-Salih havia sido tomado após a morte de seu pai) e Mosul (que era governada por um dos sobrinhos de Nur al-Din). Em 1175, ele tomou Homs. Em 1176, o governador de Aleppo concordou em reconhecê-lo como senhor por direito próprio; Saladino anexou formalmente a cidade em 1183, dois anos após a morte de al-Salih, com apenas dezoito anos. Mosul resistiu até 1186, mas após um longo cerco, seu governante se submeteu à vontade de Saladino. Naquela época, o califa abássida havia lhe concedido o direito de se autodenominar sultão do Egito e da Síria. Não era um título vazio.

No entanto, o sultanato não foi a recompensa de Saladino por derrotar os inimigos de Deus, mas sim os inimigos de Saladino. Nos doze anos entre a morte de Nur al-Din e a submissão de Mosul, o vizir-sultão passou um total combinado de cerca de treze meses em escaramuças com os francos e quase trinta e três em manobras militares ativas contra outros muçulmanos.[20] As ameaças mais sérias à sua ascensão à supremacia vieram dos Assassinos Nizaris (que quase o mataram duas vezes) e de uma doença gravíssima, possivelmente malárica, durante a campanha de Mosul em 1185, que fez com que seus médicos se desesperassem por sua vida. Ele mal sobreviveu às febres e à dor, emergindo emaciado e frágil. Mesmo assim, estava vivo, e seu prestígio como governante militar eficaz do mundo islâmico no Oriente Próximo estava no auge. Além disso, a recuperação da febre havia despertado em Saladino o desejo de se dedicar à tarefa que havia adiado por tanto tempo: a destruição dos reinos da descrença em Jerusalém, Trípoli e Antioquia.

*

Guilherme de Tiro, escrevendo na década de 1180, reconheceu o perigo singular que as conquistas de Saladino na Síria representavam para o reino de Jerusalém. "Antigamente, quase todas as cidades [muçulmanas] tinham seu próprio governante", escreveu Guilherme. "Eles não dependiam uns dos outros; raramente eram movidos pelos mesmos motivos, mas, na verdade, muito frequentemente por aqueles diretamente opostos... Mas agora, como Deus assim o quis, todos os reinos adjacentes a nós foram submetidos ao poder de um só homem."[21] O sultão havia criado um anel de territórios islâmicos ao redor dos estados latinos, dos quais a única saída era o mar.

Para piorar a situação, os estados cruzados não estavam apenas cercados: estavam divididos por facções e perturbados pela sensação de que, desde o desastre da Segunda Cruzada, o Ocidente havia perdido o apetite por cruzadas em larga escala até o Sepulcro do Senhor. Cada primavera trazia barcos cheios de peregrinos e guerreiros, era verdade. As ordens militares desfrutavam de um crescente número de membros e patrocínios, à medida que assumiam cada vez mais a responsabilidade de defender as fronteiras e fortalezas da Terra Santa. E, de tempos em tempos, grandes senhores também chegavam em minicruzadas particulares, como a liderada por Filipe da Alsácia, conde de Flandres, que veio ao Oriente em 1177 para expiar o pecado de ter mandado espancar até a morte o amante de sua esposa adúltera, Isabel, com uma maça e jogado de cabeça em um banheiro.[22] Mas tudo isso não foi suficiente para sustentar nada mais do que a sobrevivência e a redução periódica de gastos.

Embora tenha havido numerosos pronunciamentos papais de cruzadas desde as mortes de Eugênio III e São Bernardo de Claraval em 1153, a energia do movimento cruzado parecia estar se deslocando em outras direções. Cruzadas foram autorizadas na Espanha em 1153, 1157 e 1175, enquanto no mesmo período pelo menos seis ordens militares foram fundadas e receberam permissão papal para operar na península espanhola, incluindo a Ordem de Calatrava (1158), a Ordem de Santiago (1170) e a Ordem de Alcântara (por volta de 1175). Em 1171-1172, o Papa Alexandre III autorizou novas cruzadas contra os pagãos do nordeste da Europa em uma bula conhecida como Non parum animus noster, que confirmava explicitamente que lutar contra os pagãos na Europa seria considerado uma causa igualmente digna de lutar contra os muçulmanos na Palestina e na Síria.[23]

Amalrico, quando vivo, escreveu em inúmeras ocasiões ao idoso Luís VII da França, implorando-lhe que retornasse em outra cruzada para recuperar as terras então perdidas para Nur al-Din. "É óbvio que seu reino é forte o suficiente para arrancá-lo das mãos dos infiéis e reivindicá-lo de Deus", escreveu. Seis meses depois, praticamente implorou ao rei francês que retornasse: "Como borlas penduradas em seu toucado, nos curvamos diante de sua majestade... não hesite em vir agora, quando as necessidades da cristandade são grandes e seus problemas são muitos."[24] Ele não foi o único demandante: na década de 1180, o patriarca de Jerusalém, Eraclius, escreveu a todos os arcebispos, bispos, abades, priores, reis, duques, condes, 'na verdade, a todos os filhos da Santa Igreja que leram esta carta', alertando sobre 'as adversidades e infortúnios que sem dúvida nos forçarão a fugir e abandonar Jerusalém'.[25]Mas, apesar desses repetidos avisos, parecia que um renascimento do espírito cruzado da década de 1140 – e muito menos da década de 1090 – nunca estivera tão distante. Como a Segunda Cruzada serviu para demonstrar, era necessário um desastre de natureza devastadora para incitar as potências ocidentais a considerarem o custo, a dor e a incerteza de uma grande expedição conjunta à Terra Santa.

De fato, foi simbólico do envolvimento desviado com os assuntos orientais que Eraclius tenha sido severamente rejeitado quando viajou para a Europa em 1184-1185, trazendo consigo as chaves do Santo Sepulcro, da cidade de Jerusalém e da Torre de Davi, para recrutar um grande senhor para vir a Jerusalém, como Fulque de Anjou outrora fizera, como sucessor eleito de Balduíno IV. Em 29 de janeiro, o patriarca depositou as chaves aos pés de Henrique II, rei Plantageneta da Inglaterra, duque da Normandia, conde de Anjou, neto do rei Fulque, sobrinho de Balduíno III e Amalrico, e marido (embora afastado) de uma rainha cruzada, Leonor da Aquitânia.[*]Henrique concordou em considerar a oferta de Eraclius da antiga coroa de seu avô, mas depois de consultar todos os seus barões e bispos, concluiu que ele era mais necessário em seu próprio reino do que em busca da "preservação dos orientais".[26]Ele prometeu dinheiro e homens, mas nada mais; Eraclius foi forçado a partir, resmungando enquanto ia que Jerusalém preferiria muito mais liderança à riqueza.[27]

*

A recusa de Henrique em aceitar a oferta da coroa de Jerusalém deixou o reino cruzado desprovido tanto de direção política quanto de recursos militares. Os estados cruzados não careciam de renda – portos como Acre eram prósperos centros mercantis, enquanto a população havia sido induzida, mais ou menos a contragosto em 1183, a pagar um imposto para a defesa do reino. O que faltava era mão de obra na escala que uma cruzada completa poderia fornecer e – mais do que qualquer outra coisa – autoridade incontestável. O reinado de Amalrico deixara Jerusalém com ramos rivais da família real, cada um com seus próprios cortesãos. Barões ambiciosos se agrupavam em torno da primeira esposa de Amalrico, Inês de Courtenay (a quem ele havia descartado após sua coroação por consanguinidade), seus filhos Balduíno IV e Sibila e o círculo de seu novo marido, o inteligente, culto e repulsivamente feio lorde Reginaldo de Sídon. Outros gravitavam em torno da segunda esposa e rainha de Amalrico, a princesa bizantina Maria Comnena, que dera ao rei uma filha chamada Isabel e que, após a morte de Amalrico, casou-se com o poderoso Baliano de Ibelin. Em torno dessas linhas partidárias, entrelaçavam-se as pequenas disputas de um grupo de nobres de alta patente: Raimundo III, conde de Trípoli; Joscelino III de Courtenay (irmão de Inês e suposto herdeiro do condado perdido de Edessa); Reinaldo de Châtillon, cujos dezesseis anos em uma prisão de Alepo o haviam deixado com uma má vontade patológica em relação ao islamismo e muitas contas a acertar; o marido insípido e azarado da princesa Sibila, Guido de Lusignan; e o autoritário e fanaticamente zeloso mestre dos Templários, Gerardo de Ridefort. Tão profundos eram os ódios entre esses homens e mulheres que, em 1186, Raimundo de Trípoli preferiu firmar um pacto de não agressão com Saladino contra a coroa de Jerusalém a buscar causa comum com seus rivais francos. A teia emaranhada de ambições, casamentos, preconceitos, personalidades e rixas de sangue desses homens não era atípica de um estado franco medieval. Mas, como foi observado em algum momento em quase todos os reinos do século XII organizados com base na monarquia e no poderio militar, períodos de reinado fraco acabaram levando o governo a se autodestruir.

Os anos que se seguiram à ascensão de Balduíno IV foram a própria definição de uma monarquia fraca. Balduíno reinou por pouco menos de onze anos antes de sua lepra matá-lo em 16 de março de 1185. Ele apresentava uma aparência lamentável ao final: cego, terrivelmente desfigurado, com dores quase constantes e reduzido a ser carregado por seu reino em uma liteira. Igualmente lamentável foi a ascensão, em 1185, do filho de oito anos de sua irmã Sibila, Balduíno V.[†] Este Balduíno viveu

Apenas um ano antes, ele também morreu, sendo sucedido por sua mãe e seu marido como Rainha Sibila e Rei Guido, que foram coroados conjuntamente após um processo eletivo venenoso no final de 1186. A sucessão da coroa de Jerusalém desde a morte de Amalrico se deu assim: um leproso, uma criança e uma mulher casada com um bobo amplamente desprezado. As divisões faccionais que foram aprofundadas pela coroação de Sibila e Guido deixaram os estados cruzados cambaleando para uma guerra civil muito mais séria do que aquela que eclodiu entre Melisende e Balduíno III no início da década de 1150. A única coisa que impediu que essa guerra eclodisse foi o fato de que uma crise muito maior estava se aproximando, na forma de Saladino.

A última trégua de Saladino com o reino de Jerusalém expirou em 5 de abril de 1187. Agora, nas palavras do urbano viajante muçulmano espanhol Ibn Jubayr, o sultão estava cheio de "zelo em travar uma guerra santa contra os inimigos de Deus".[28]Ele não tinha a mínima vontade de firmar outra paz e tinha ampla desculpa para iniciar uma guerra, cujo objetivo final era tomar todos os castelos e cidades francos possíveis. Seu casus belli apresentou-se mais convenientemente na pessoa de Reinaldo de Châtillon, antigo príncipe de Antioquia, que, ao ser libertado da prisão de Nur al-Din em 1176, recebera o senhorio de Kerak, do outro lado do rio Jordão, em frente a Jerusalém, na região conhecida como Transjordânia ou Oultrejordain. Foi de Kerak, no final de 1186, que Reinaldo executou o roubo extremamente imprudente de uma rica caravana de mercadores que passava lentamente por suas muralhas a caminho do Egito para Damasco. Saladino já detestava Reinaldo, que em 1182-3 enviou cinco galés para saquear as costas do Mar Vermelho, onde apreenderam ou afundaram navios mercantes e barcos de peregrinos e pretendiam, segundo diziam, ir a Medina e roubar o corpo de Maomé.[29]As ações abomináveis de Reynald em Kerak agora forneciam amplo pretexto para vingança.

*

O primeiro grande confronto de forças na invasão do reino de Jerusalém por Saladino ocorreu menos de um mês após o término da trégua, em um oásis conhecido como as fontes de Cresson (Ain Gozeh), perto de Nazaré. Em 1º de maio de 1187, um grupo de cerca de 140 cavaleiros cristãos, a maioria Templários e Hospitalários, atacou uma divisão de 7.000 guerreiros muçulmanos sob a liderança do filho de Saladino, al-Afdal. O resultado foi um massacre do qual

Quase nenhum homem do lado cristão escapou, exceto Gerard de Ridefort e um punhado de seus companheiros. "O mestre dos Hospitalários teve a cabeça decepada, assim como todos os cavaleiros do Templo", escreveu um cronista.[30]Isso foi só o começo.

O desastre que abalou a cristandade até o âmago ocorreu no início de julho nos Chifres de Hattin: um vulcão extinto de dois picos na Galileia, a cerca de 6 km de Tiberíades. No auge do verão, sob um calor implacável, Saladino convocou para a batalha um exército cristão composto por praticamente toda a população militar dos três estados cruzados, juntamente com o que restava dos Templários e Hospitalários após Cresson. Esse exército havia sido reunido sob um protocolo de emergência conhecido como arrière-ban, pelo qual todo combatente em condições de lutar era convocado de sua cidade ou castelo para defender o reino contra ataques. Não estava claro se esse exército – que somava talvez 20.000 homens, incluindo mercenários cristãos sírios contratados, conhecidos como turcopoles – seria suficiente. Saladino, escreveu um correspondente logo após a batalha, tinha "um exército cujos números não podiam ser contados".[31]Suas tropas foram recrutadas do Egito e do Alto Nilo, Damasco, Aleppo, Mosul, Iraque e Jazira. O sultão estava "ansioso pela vitória do Islã".[32]Os cruzados, por sua vez, reconciliavam-se com dificuldade sob a liderança do Rei Guy, que com alguma dificuldade conseguira persuadir o segundo mais poderoso senhor cristão da região, Raimundo de Trípoli, a abandonar seu pacto de paz com Saladino e lutar em nome da Cruz. Para fortalecer esse exército em dificuldades, os Templários trouxeram de Jerusalém a relíquia da Verdadeira Cruz, que normalmente era guardada na Igreja do Santo Sepulcro e que era costumeiramente levada para desfilar sob forte guarda diante de todos os principais exércitos cruzados. Era o símbolo de tudo pelo que os antepassados dos cruzados haviam trabalhado cerca de noventa anos antes. Isso, e o mistério inescrutável da vontade de Deus, decidiriam o dia.

Explorando as divisões entre os líderes francos e a hesitação do Rei Guy, que havia sido duramente criticado por não ter sido suficientemente severo no passado ao lidar com a ameaça aiúbida e, portanto, ter reagido de forma excessivamente imprudente, na sexta-feira, 3 de julho, Saladino atraiu o exército cruzado para perseguir o seu, saindo de Saffuriya e adentrando o deserto, em direção aos picos áridos de Hattin. Assim que a marcha foi iniciada, o sultão enviou tropas para a retaguarda dos cruzados e cortou seu suprimento de água. Isso forçou o exército de Guy a passar um dia e uma noite sob um calor escaldante.

enlouquecendo cada vez mais de sede. Então, para redobrar a agonia, os homens de Saladino atearam fogo a pilhas de gravetos e capim secos, enchendo o ar com uma fumaça sufocante e ofuscante, que pretendia não apenas ser desconfortável, mas também dar aos infiéis um gostinho do inferno que os aguardava. Ibn Shaddad descreveu a armadilha em que o exército cruzado caiu: "Eles foram cercados de perto como se estivessem em uma forca, enquanto marchavam como se estivessem sendo levados a uma morte que podiam ver diante de si, convencidos de sua condenação e destruição, e eles próprios cientes de que no dia seguinte visitariam seus túmulos."[33]

Na manhã de sábado, 4 de julho, uma batalha completa foi travada e, apesar de um esforço valente, o exército cruzado ressequido foi cercado e lentamente esmagado pela superioridade numérica de Saladino. A luta, concordaram todos que mais tarde escreveram sobre a batalha, foi muito feroz, durando cerca de oito horas, do amanhecer até as 15h. O exército aiúbida usou sua superioridade numérica para gradualmente cercar as divisões de Guy, lançando flechas sobre elas através da fumaça das fogueiras e resistindo aos esforços da cavalaria franca para abrir caminho para fora do estrangulamento com ataques coordenados. Constantemente, à medida que a batalha prosseguia, os francos foram pressionados para trás, separados e massacrados até que o que restou foi uma companhia de cavaleiros encurralados ao redor da tenda vermelha brilhante do Rei Guy nas encostas do vulcão, onde a bandeira real tremulava acima da relíquia da Verdadeira Cruz. Lá, os exaustos cavaleiros francos fizeram sua última resistência, atacando desesperadamente em onda após onda para tentar abrir caminho à força para a liberdade.

O filho de Saladino, al-Afdal, lembrou-se, alguns anos depois, de ter assistido aos minutos finais da Batalha de Hattin ao lado de seu pai, que puxava nervosamente a barba a cada investida franca e incitava seus homens, gritando: "Desminta o diabo!"[34]O sultão repreendeu Al-Afdal, irritado, por prever a vitória dos muçulmanos prematuramente. Mas, depois de algum tempo, os dois homens viram a tenda vermelha do Rei Guy ruir e o rei ao lado dela se render. A Verdadeira Cruz foi confiscada. Saladino desmontou do cavalo e se jogou no chão, louvando a Deus e chorando de alegria. Mais tarde, escreveu ao califa abássida em Bagdá, contando-lhe como, não pela primeira vez, havia esmagado os inimigos da Síria e do Todo-Poderoso. Para os francos, a derrota foi quase total. "Em meio ao barulho das trombetas e ao relinchar dos cavalos", dizia uma carta enviada à Alemanha relatando o resultado da batalha, "o Senhor entregou seu povo à espada".[35]

*

O massacre e a rendição sob os chifres de Hattin deixaram os estados cruzados completamente abertos para Saladino invadir, com castelos sem guarnições e cidades defendidas por padres e mulheres. Os soldados rasos do exército cruzado que não foram mortos foram levados em procissões de gangues de correntes para serem leiloados para uma vida de escravidão. Os líderes capturados e mantidos como reféns incluíam o Rei Guy, seu irmão Aimery, Gerard de Ridefort e barões importantes, incluindo William, marquês de Montferrat, Humphrey de Toron, Hugo de Jabala e Hugo de Gibelet. Reinaldo de Châtillon foi feito prisioneiro e apresentado a Saladino, que desferiu com sua própria cimitarra o primeiro golpe da execução de Reinaldo. Duzentos irmãos cavaleiros dos Templários e Hospitalários foram decapitados ritualmente por membros da comitiva religiosa e clerical de Saladino. "Infelizmente, é impossível... relatar as inúmeras e enormes calamidades que a ira de Deus nos permitiu sofrer por causa de nossos pecados", escreveu Terricus, um dos poucos oficiais Templários que escaparam do campo de batalha, contrariando a regra de sua ordem que determinava que os irmãos lutassem até a morte.[36]

Terricus continuou descrevendo como, após Hattin, os exércitos de Saladino eram "como um enxame de formigas cobrindo toda a face da terra, de Tiro a Jerusalém, chegando até Gaza".[37]Entre julho e setembro, os exércitos de Saladino tomaram Gibelet, Beirute, Sidon, Acre, Tiberíades, Nazaré, Nablus, Haifa, Cesareia, Arsuf, Jafa, Ascalon, Lida, Ibelin, Toron, Belém e Hebron.[38]Em 20 de setembro, eles chegaram diante dos muros de Jerusalém.

A defesa da cidade era liderada por Baliano de Ibelin, marido da rainha viúva Maria Comnena. Baliano era um nobre tenaz e poderoso, fisicamente distinguido por uma espessa camada de pelos no corpo que crescia como a pele de um urso. Em Jerusalém, ele comandava uma guarnição de tropas que contava com não mais do que algumas dezenas de soldados experientes. Fora dos muros da cidade, concentrava-se um exército que somava dezenas de milhares. A partir de 25 de setembro, eles sitiaram a Cidade Santa com a maquinaria pesada de escadas, máquinas de cerco, equipamentos de sabotagem e catapultas de arremesso de pedras, concentrando seus ataques do lado oeste no final da tarde, de modo que o brilho do sol poente cegasse os defensores que guarneciam as muralhas, antes de se moverem para o vulnerável lado norte, onde os primeiros cruzados haviam entrado em 1099.

Em Jerusalém, mulheres cristãs raspavam a cabeça dos filhos e monges prosseguiam descalços e penitentes, clamando em desespero para que o Senhor os salvasse. De nada adiantou, disse um cronista latino, pois "o fedor do adultério, da extravagância repugnante e do pecado contra a natureza não permitia que suas orações subissem a Deus".[39] Após oito dias de bombardeio, Balian de Ibelin percebeu que a situação era irremediável e pediu a Saladino uma trégua, na qual os cidadãos cristãos pudessem se redimir em cinquenta dias e partir com vida. Na sexta-feira, 2 de outubro – aniversário, como acreditava o sultão, da Jornada Noturna do Profeta a Jerusalém em 621 d.C. –, as chaves da cidade foram entregues e refugiados começaram a sair pelos portões. Em meio a gritos de "Allahu Akbar", Saladino entrou em Jerusalém. A grande cruz que havia sido erguida sobre o Domo da Rocha foi derrubada e imediatamente os homens começaram a trabalhar na purificação das mesquitas que haviam sido maculadas pelos ritos cristãos. Uma semana depois, nas orações de sexta-feira, 9 de outubro, Saladino prestou culto no Domo da Rocha. Um erudito pregador damasceno chamado Muhyi al-Din ibn al-Zaki realizou a khutbah, na qual louvou Saladino como o restaurador do mundo e da religião, e ofereceu orações pelo califa abássida.[40]

A vitória foi completa.

[*] O casamento de Leonor da Aquitânia com Henrique II foi notoriamente conturbado: embora tenham tido sete filhos adultos (cinco dos quais se tornaram rei ou rainha), Leonor se rebelou contra Henrique em uma guerra civil de 1173–4 e, posteriormente, passou quinze anos em prisão domiciliar como punição.

[†] Balduíno V foi coroado como co-rei em 1183, durante a vida de Balduíno IV; ele se tornou rei por direito próprio após a morte do rei leproso.

PARTE III

A Colheita da Terra

19

Leoas e Corações de Leão

Alguns morreram lentamente, outros rapidamente, mas todos foram vítimas do mesmo destino…

Quando Saladino sitiou Jerusalém no final de setembro de 1187, uma inglesa usando uma armadura emprestada e uma panela como capacete ajudou a defender as muralhas da cidade. Margarida de Beverley nasceu no reino cruzado enquanto seus pais estavam em peregrinação à Terra Santa em meados do século XII, mas cresceu no norte da Inglaterra, ajudando a criar um irmão muito mais novo, Thomas, que eventualmente se tornou um monge cisterciense. Mais tarde, quando ela estava talvez na casa dos vinte anos, Margarida retornou a Jerusalém em peregrinação. Era um reino dificilmente estabelecido, e por azar e em um momento pior, Margarida se viu presa na Cidade Santa enquanto os aiúbidas invadiam. Nos anos seguintes, ela se lembraria do terror do cerco, durante o qual os cidadãos tiveram que lutar por qualquer tipo de defesa que pudessem na ausência de soldados aptos.

"Embora fosse uma mulher", dizia o relato de Margaret, "eu parecia uma guerreira".[1] Ela lançou mísseis de um estilingue contra os exércitos de Saladino sob as muralhas e correu de um lado para o outro entre as ruas e muralhas, buscando água para seus companheiros – enquanto engolia o medo. Em certo momento, uma pedra do tamanho de uma mó, lançada de uma das catapultas de Saladino, caiu na cidade e quase a atingiu. Ela foi cortada por estilhaços ao se espatifar, deixando-a com um ferimento tão profundo que deixou cicatrizes.[2] O atendimento médico rápido garantiu que o ferimento não representasse risco de vida, mas quando a cidade caiu, Margaret foi capturada e forçada, como o resto de seus companheiros

Cristãos para comprar sua liberdade. O preço estabelecido pela liberdade de uma mulher na trégua de Saladino com Balian de Ibelin era de cinco dinares.

A experiência de Margarida durante o cerco de Jerusalém foi semelhante à de muitas outras mulheres durante as Cruzadas – sua história foi incomum principalmente pelo fato de ter sido escrita. Lutar pode ter sido trabalho de homem, mas as mulheres francas tinham permissão e até mesmo a expectativa de sujar as mãos – ou ensanguentá-las.[3]Infelizmente para Margarida, as mulheres também eram particularmente vulneráveis em tempos de guerra: sujeitas a serem tomadas como recompensa, forçadas a se casar ou condenadas à escravidão sexual. Assim que Margarida pagou seu resgate e deixou Jerusalém, foi capturada perto de Láquis (Laquis – a pouco mais de 2 km do Portão de Jafa) e feita prisioneira novamente. Desta vez, não foi fácil escapar. Ela foi obrigada a cortar lenha e juntar pedras, e suportou espancamentos, ameaças e o tormento do trabalho forçado durante dois invernos rigorosos. "Se eu recusasse, era espancada com paus", ela lembrou. "Minhas correntes enferrujavam com minhas lágrimas." Após quinze meses de maus-tratos, Margarida foi vendida a um homem rico de Tiro, uma das poucas cidades cruzadas que conseguiram resistir a Saladino.[4]O comprador de Margarida em Tiro concedeu-lhe a liberdade, como um ato piedoso para celebrar o nascimento de um de seus filhos. Mas seus sofrimentos estavam longe de terminar. Ela ficou sem um tostão, vestida com trapos que mal a cobriam, vagando por uma terra onde a autoridade cristã havia entrado em colapso. Deus havia abandonado os francos – e Margarida sofria tanto quanto qualquer um deles.

*

A queda de Jerusalém atordoou a cristandade. Mesmo em Bizâncio, onde a simpatia pelos francos nem sempre era garantida, a notícia foi recebida com horror. "Quem não lamentaria do fundo do coração e da alma tal desastre?", perguntou o eremita cipriota São Neófito, o Recluso. "O rebanho sagrado naquela Terra Santa foi expulso e o Santo dos Santos foi entregue aos cães."[5]Dizem que o Papa Urbano III caiu morto após saber do destino da cidade.[6]Foi deixado para seu sucessor de curta duração, Gregório VIII[*]para dar a terrível notícia aos príncipes e ao povo do Ocidente. Em 29 de outubro, Gregório emitiu uma bula papal (conhecida como Audita tremendi) que convocava todos os homens a cumprirem seu dever como soldados cristãos e se unirem em defesa do Oriente.[7]

> [O papa] enviou a todos os grandes homens da cristandade — imperadores, reis, condes e marqueses — e aos cavaleiros e sargentos, dizendo-lhes que ele tomaria sobre si e absolveria diante de Deus todos os pecados daqueles que carregassem o sinal da cruz e fossem recuperar a Terra Prometida.[8]

Desta vez, não poderia haver prevaricação. Os Estados cruzados estavam, talvez pela primeira vez em sua história, genuína e indiscutivelmente ameaçados de aniquilação. Como disse o Papa Gregório, "qualquer pessoa em sã consciência que não chorasse por tal motivo de choro, se não no corpo, pelo menos no coração, pareceria ter esquecido não apenas sua fé cristã... mas até mesmo sua própria humanidade".[9] A recompensa oferecida aos cruzados individuais era a remissão habitual de todos os pecados confessados, proteção da igreja para as famílias e propriedades dos cruzados e imunidade a todos os processos legais e juros sobre dívidas durante a duração da cruzada.[10]

A partir do outono de 1187, começaram os preparativos para a Terceira Cruzada. Na Germânia, o imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Frederico I "Barbarossa" (Rotbart), de 65 anos – assim chamado por seus cabelos dourados e barba avermelhada – renovou o voto que havia feito quatro décadas antes, quando acompanhou seu tio Conrado III na Segunda Cruzada. Frederico havia passado quase um quarto de século em conflito com o papado, mas em 1187 estava suficientemente reconciliado com Roma para abraçar a sagrada missão com entusiasmo. Henrique, cardeal-bispo de Albano, um cisterciense, foi enviado à Germânia para incitar o povo, o que fez pedindo-lhes que considerassem por que Deus "permitiria que a madeira da Cruz fosse levada pelos descrentes, a menos que fosse para que Ele fosse crucificado novamente...?"[11] O exército que respondeu ao chamado foi estimado em algo entre 30.000 e (menos plausível) 600.000 homens.[12] Eles partiram de Regensburg, descendo o Danúbio, por volta de 10 de maio de 1189, rumo à Hungria, aos Bálcãs e a Constantinopla. Eram liderados por um contingente impressionante de líderes oriundos da nobreza da Baviera, Saxônia, Suábia, Áustria e além. "Um desejo glorioso ardia entre os mais valentes guerreiros pela batalha contra aqueles que haviam invadido a cidade santa e o Santíssimo Sepulcro do Senhor", escreveu um cronista. "Toda aquela vasta multidão de homens parecia não pensar em nada além de 'viver é Cristo, e morrer é lucro'."[13]

*

Com a mobilização de Frederico e suas tropas imperiais, Henrique II da Inglaterra – que se recusara a abdicar de sua coroa ocidental para assumir o comando de Jerusalém – foi finalmente forçado a tomar a cruz. Ele o fez em janeiro de 1188, após firmar as pazes com o jovem rei da França, Filipe II "Augusto", que sucedera seu pai, Luís VII, em 1180. Os dois reis – perpetuamente em guerra – concordaram em cessar os ataques aos territórios um do outro e em cobrar de seus súditos um imposto de renda de 10%, conhecido como "Dízimo de Saladino", para custear o socorro à cristandade. O enérgico e belicoso filho de Henrique, Ricardo, conde de Poitou – que logo seria conhecido pelo apelido de "Coração de Leão" – já havia tomado a cruz, fazendo seus votos em novembro de 1187, um dia após saber da queda de Jerusalém. Como se viu, foi Ricardo quem liderou o contingente inglês da Terceira Cruzada, pois em 6 de julho de 1189 Henrique morreu no Castelo de Chinon.

Como convinha tanto ao seu apelido quanto aos seus pais famosos, Ricardo era uma força da natureza. De acordo com um retrato romântico registrado após sua morte pelo autor de uma crônica conhecida como Itinerarium Peregrinorum, Ricardo era "alto, de constituição elegante; a cor de seu cabelo era entre o ruivo e o dourado; seus membros eram flexíveis e retos. Ele tinha braços bastante longos, que eram particularmente eficazes para desembainhar uma espada e empunhá-la". Cavalgando à frente de um exército, disse o mesmo autor, Ricardo usava um belo gorro vermelho no estilo flamengo, uma túnica de samito rosa e um manto coberto com pequenas meias-luas prateadas e sóis brilhantes. "Vê-lo era um prazer para os olhos."[14] Escritores menos otimistas notaram que, na verdade, Ricardo era pálido, tinha muita gordura e sofria de úlceras e febres.[15] No entanto, todos concordavam em seu extremo amor e talento pela guerra, à qual se dedicou de cabeça desde a adolescência até o dia de sua morte. Geraldo de Gales escreveu que ele tremia fisicamente de energia nervosa, "e seu tremor faz o mundo inteiro tremer e temer".[16] A história o chamou para a cruzada no momento certo e Richard respondeu ao chamado com tudo o que tinha.

Ricardo foi coroado em 3 de setembro e imediatamente iniciou uma venda de cargos públicos e bens da coroa para arrecadar fundos para as cruzadas. Ao mesmo tempo, os oficiais reais estocaram freneticamente os bens necessários para a longa jornada: centenas de milhares de carcaças de porco salgadas, rodas de queijo, feijões, biscoitos, odres e barris de cerveja, forragem para cavalos,

ferraduras e pregos, pontas de flechas e virotes de besta.[17]Os pregadores das Cruzadas percorreram as Ilhas Britânicas em busca dos guerreiros mais talentosos para se juntarem ao exército: o arcebispo de Canterbury, Balduíno de Forde, reuniu cerca de 3.000 homens em um circuito pelo País de Gales.[18]

A impaciência de Ricardo em atormentar os infiéis contagiou rapidamente a população inglesa e levou a meses de revoltas contra os judeus da Inglaterra, que começaram no dia da coroação de Ricardo e culminaram em York, em março de 1190, quando centenas de judeus foram queimados vivos por uma multidão enquanto supostamente estavam sob proteção real no castelo da cidade. A experiência de Bento de York, que foi perseguido pela rua por uma multidão, espancado e arrastado até uma igreja para ser batizado à força, era comum.[19]"[O povo] enviou seus sugadores de sangue para o inferno", escreveu o cronista Richard de Devizes.[20]

Essa resposta violenta e intolerante à cruzada foi, ainda que horripilante, condizente com a época. Agressão, ódio e demonstrações orgiásticas de crueldade pessoal e pública se uniram tão facilmente quanto piedade à mobilização dos cruzados. E em 1190, o instinto cruzado, energizado pela perda da cidade de Cristo, percorreu os reinos ocidentais como uma febre. Relatava-se que monges estavam abandonando seus capuzes e fugindo para se juntar ao exército. Leigos instigavam uns aos outros a se alistarem. "Muitos homens enviavam lã e roca uns aos outros, insinuando que, se alguém não se juntasse a essa empreitada militar, seria apto apenas para o trabalho feminino", escreveu o autor do Itinerarium Perigrinorum. "Noivas instavam seus maridos e mães incitavam seus filhos a irem, sua única tristeza era não poderem partir com eles devido à fraqueza de seu sexo."[21]Esta última imagem – de mulheres frágeis acenando adeus aos seus valentes homens – era mais um exagero do que um fato, como demonstrou a experiência de Margarida de Beverley. Mas era um poderoso tropo popular. Uma canção contemporânea descreveu o coração de um cruzado se partindo diante da tristeza daqueles que abandonavam lares e amantes para se juntar à guerra santa:

> Bom Senhor Deus, se eu por você
> Deixe o país onde está aquela que eu tanto
> amo, Conceda-nos no céu alegria eterna,
> Meu amor e eu, por sua misericórdia, E
> conceda a ela a força para me amar,
> Para que ela não se esqueça de mim na minha longa ausência.[22]

No verão de 1190, chegou a hora dessas preciosas despedidas, quando a primeira parte da frota inglesa zarpou de Dartmouth. Seu rei já estava no continente com Filipe da França. Em 4 de julho – o terceiro aniversário da Batalha de Hattin – os dois reis e seus exércitos partiram de Lyon, viajando separadamente, mas ambos rumo ao sul. Ao contrário do imperador alemão, Ricardo e Filipe decidiram seguir uma rota marítima para a Terra Santa. Os franceses seguiram para o porto de Gênova, enquanto Ricardo e seu exército se dirigiram para Marselha. Eles concordaram em se reunir na Sicília com suas marinhas e seguir viagem de lá. À medida que os exércitos marchavam, o chão tremia.[23]

*

Na Sicília, Joana, a filha mais nova de Henrique II, não via seu irmão Ricardo há mais de dez anos. Ele fora criado para governar os territórios francês e inglês da família Plantageneta. Ela foi enviada aos onze anos para se casar com o rei siciliano, Guilherme II, "O Bom". Ele era herdeiro de seu pai, Guilherme I, um homem fisicamente intimidador, com uma barba negra esguia e tanta força nos antebraços que conseguia dobrar duas ferraduras. Em contraste, Guilherme II não era um homem forte nem um lutador – mas era um apoiador entusiasmado da causa das cruzadas.[24]Durante a década de 1170, Guilherme II enviou navios para atacar Saladino em Alexandria e Ifriqiya; ele equipava galés todo verão para patrulhar os mares para a segurança dos navios de peregrinação; e após a queda de Jerusalém, ele instruiu seu grande almirante, Margaritus de Brindisi (o herdeiro em espírito do amirratus amirratorum de Roger II, George de Antioquia) a levar uma frota para apoiar os francos que estavam em cidades isoladas como Tiro e Trípoli, na costa palestina.[25]

Quando Ricardo chegou à Sicília, em 1190, o Rei Guilherme já estava morto, tendo falecido em Palermo no outono anterior. Ele e Joana não tinham filhos sobreviventes, de modo que, com a morte de Guilherme, o poder foi tomado por seu primo Tancredo, neto ilegítimo do Rei Rogério II. Tancredo foi elogiado por um observador anglo-normando como "astuto" ou "previdente", mas difamado pelo polemista italiano Pedro de Éboli, que fez grande alarde de sua baixa estatura e falta de atratividade, chamando-o de "embrião infeliz e monstro detestável", "motivo de chacota da natureza", um rei-macaco e "um homem que parece um aborto espontâneo".[26] Quando Tancredo apreendeu o falecido Joana

coroa do marido, ele lhe causou a grave desonra de confiscar o senhorio de Monte Sant'Angelo – uma rica parcela de território que Joana havia recebido para lhe proporcionar uma renda particular – juntamente com vários itens preciosos que haviam sido presentes de seu pai, incluindo uma mesa de ouro de 4 metros de comprimento, uma grande tenda de jantar, 24 pratos de ouro e uma frota de navios de guerra. Infelizmente para o rei macaco, Ricardo, irmão de Joana, não aceitava o roubo de sua família levianamente.

Ricardo cruzou o Estreito de Messina em 23 de setembro, chegando à cidade com grande pompa e circunstância militar. "Todo o mar estava coberto por galés repletas de homens competentes, guerreiros, de semblante audacioso", ostentando flâmulas e estandartes, escreveu o cronista Ambroise.[27]Os cruzados que haviam viajado para a Sicília pela Península Ibérica já tinham sangue nas narinas, tendo parado em sua jornada para ajudar o rei português Sancho I a combater os almóadas, antes de saquear a cidade cristã de Lisboa. Usando a desculpa de tumultos dos chamados "Grifos" de Messina – cidadãos de língua grega que se opunham profundamente aos cruzados indisciplinados – Ricardo liberou suas tropas. Em 4 de outubro, ele ergueu sua bandeira de guerra – um estandarte gigante com a imagem de um dragão – e marchou contra a cidade, reduziu os portões a estilhaços com um aríete e invadiu as ruas. Em questão de horas, os homens de Ricardo haviam "capturado todos os lugares fortificados até o palácio de Tancredo", aterrorizando o rei francês Filipe, que havia chegado à Sicília antes de Ricardo e estava hospedado em apartamentos próximos. Tancredo e Filipe só podiam assistir, impotentes, enquanto bandeiras inglesas eram hasteadas nas muralhas de Messina, e engenheiros do lado de fora dos portões começavam a trabalhar em uma fortaleza de madeira que eles apelidaram de "Griffon-Batterer".[28]

Diante dessa demonstração militar ao vivo de um rei que "nada sabia fazer além de invadir cidades e derrubar castelos", Tancredo rapidamente se arrependeu de seus erros. Joana se reencontrou com o irmão, que a enviou para ficar na Calábria enquanto negociava a devolução de seus bens legítimos. No final, Tancredo pagou 567 quilos (20.000 onças) de ouro como compensação pelas terras e tesouros que havia tomado, e foi autorizado a manter seu trono. No dia de Natal, a paz havia sido restaurada o suficiente para que Ricardo pudesse realizar um banquete comemorativo no salão de "Griffon-Batterer". Enquanto passava o inverno na Sicília, um oráculo lhe disse que ele estava fadado a derrotar Saladino e expulsar os muçulmanos da Terra Santa. A viagem de primavera não poderia chegar rápido o suficiente.

*

Ricardo e Joana deixaram Messina para continuar sua jornada até "a terra abusada de Deus" em 10 de abril de 1191.[29]Eles navegaram em meio a uma armada revigorada pelas férias de inverno. "O sol nunca havia nascido sobre uma frota tão rica", escreveu Ambroise, mas nem todos ficaram felizes.[30]Dez dias antes, o rei francês Filipe Augusto deixara a Sicília, muito irritado. Estava profundamente perturbado com as ações arrogantes de Ricardo em Messina, e sua ira aumentou ainda mais quando se soube que o rei inglês decidira cancelar seu noivado com Alix, irmã de Filipe. O casal havia sido contratado para se casar desde a infância, mas Ricardo mudara de ideia, combinando, em vez disso, o casamento com a princesa espanhola Berengária de Navarra, descendente do grande rei da Reconquista, Afonso VI de Castela e Leão. Berengária foi entregue pessoalmente à Sicília pela idosa e magnífica Leonor da Aquitânia, que sabia muito bem o que era ser uma jovem noiva em cruzada. Ao repudiar Alix, Ricardo fez a escandalosa alegação de que a moça havia dormido com seu pai, Henrique II, enquanto era criada como tutelada na casa real inglesa. Mais uma vez, o rei francês pouco pôde fazer, exceto concordar e se irritar. Mas as repercussões desses insultos românticos e políticos se tornariam horrivelmente aparentes à medida que a cruzada se desenrolava.

Após deixar a Sicília, tempestades separaram a frota inglesa no mar, e em pouco tempo Joana se viu no centro de outra briga. Ela e Berengária viajaram para o leste a bordo dos navios transportadores conhecidos como busses. Após cerca de duas semanas no mar, atracaram em Limassol, Chipre, apenas para encontrá-lo já tomado por batalhas entre as tripulações de navios ingleses que haviam atracado em Limassol para receber suprimentos ou naufragado na costa. Joana e Berengária estavam profundamente cautelosas em desembarcar, caso fossem feitas prisioneiras pelo governante de Chipre, Isaac Comneno.

A cautela das mulheres era bem fundamentada. Isaac foi descrito por um cronista inglês como um "tirano", "o mais perverso de todos os homens maus", que "superou Judas em infidelidade" e supostamente havia feito um pacto de amizade com Saladino, selado quando os dois governantes beberam o sangue um do outro.[31]Não se tratava apenas da calúnia antigrega habitual aos escritores latinos. Com a morte de Manuel Comneno em 1180 e a ascensão ao trono de seu filho de quatorze anos, Aleixo II, Bizâncio mergulhou em um período catastrófico de governo contestado, golpes, contragolpes e invasões estrangeiras dos Bálcãs à Ásia Menor. Aproveitando esse caos,

Isaac assumiu o comando de Chipre e começou a governá-lo como um autocrata, torturando e mutilando seu povo com abandono. Até mesmo cronistas bizantinos o castigaram por seu oportunismo e crueldade, descrevendo-o como um "miserável irascível" e um "libertino hediondo e amaldiçoado" que cometia "assassinatos injustificáveis a cada hora".[32]

Quando Ricardo desembarcou em Limassol em 6 de maio e encontrou seus cruzados em escaramuças com as tropas de Isaac, e sua irmã e futura noiva encolhidas no navio, não perdeu tempo. Desembarcou de assalto, iniciando uma campanha relâmpago de quinze dias na qual tomou o controle de todas as principais cidades da ilha e de vários castelos, capturando Isaac e sua filha favorita. O tirano de Chipre foi algemado com algemas de prata (como convinha ao seu pretenso status de imperador) e condenado à prisão perpétua.[33]A campanha foi tão direta que Ricardo teve tempo de fazer uma pausa no meio dela e se casar com Berengária de Navarra. Mas as celebrações do casamento foram animadas. Ricardo não havia feito seus votos de cruzado para ter uma festa em Chipre. Ele fez planos para vender a ilha aos Templários (que, por sua vez, mais tarde a venderam ao exilado Guido de Lusignan, rei de Jerusalém derrotado em Hattin). Então, em 7 de junho de 1191, o rei inglês embarcou em uma galé em Famagusta e partiu para a Terra Santa. Joana e Berengária partiram novamente à frente a bordo dos navios de transporte. O primeiro alvo de sua cruzada estava a apenas três dias de distância. Eles estavam indo para o cerco de Acre.

*

Quando Ricardo partiu de Chipre, Acre – que havia caído nas mãos de Saladino após a Batalha de Hattin – estava sitiada pelas forças dos cruzados há quase dois anos. Como a cidade mercantil mais importante da costa e até então o entreposto de comerciantes italianos e peregrinos francos para os estados cruzados e as trilhas de caravanas do Oriente Próximo, era um prêmio inferior apenas a Jerusalém, e era guardada por uma guarnição de soldados aiúbidas com mais de 3.000 homens, liderados pelo veterano tenente de Saladino, Qaraqush. Acampado em uma colina chamada Tell al-Ayyadiyya, a poucos quilômetros a leste, estava o próprio sultão, com um exército que flutuava em tamanho dependendo de quantos soldados ele conseguia manter em campo a qualquer momento. Entre eles, tentando manter um bloqueio terrestre de Acre na esperança de subjugá-la pela fome, estavam Guido de Lusignan e um exército composto por sobreviventes de Hattin, tropas

Reunidos do condado de Trípoli e do principado de Antioquia, os primeiros a responder à pregação da Terceira Cruzada e uma frota genovesa que mantinha uma cabeça de praia em uma faixa costeira ao norte. Guy – que teve a sorte de ser resgatado por Saladino após sua captura em Hattin[†] – havia perdido sua esposa quando a Rainha Sibila morreu de febre de acampamento em 1190, durante o cerco. Ele também não sabia qual a melhor maneira de romper um cerco que havia se estabelecido muito cedo em um impasse. Ele não conseguiu afastar a força de alívio de Saladino de sua posição, nem conseguiu manter totalmente um bloqueio marítimo que levaria Acre à submissão pela fome. Saladino, por sua vez, não conseguiu reunir forças suficientes para dispersar os sitiantes, que eram reforçados periodicamente por navios carregados de voluntários vindos de toda a Europa, incluindo pisanos, flamengos, alemães, bretões, dinamarqueses, galeses e córnicos. No entanto, apesar da chegada desses reforços, que aumentaram o exército cruzado para cerca de 30.000, os cruzados ainda não tinham números suficientes para se defender e derrubar as grossas muralhas de Acre. Somente a chegada dos reis poderia quebrar o impasse.

O primeiro monarca da cristandade latina a entrar na briga foi supostamente Frederico Barbarossa. Seu exército alemão, reforçado com vários milhares de soldados húngaros, havia feito bom progresso pela rota terrestre através de Bizâncio, obtendo uma importante vitória sobre o sultão seljúcida de Rum, Qilij Arslan II, quando, em 18 de maio de 1190, invadiram e saquearam sua capital, Icônio.[34] Pouco mais de três semanas depois, em 10 de junho, o desastre aconteceu. Enquanto nadava no rio Seleph (Göksu), Frederico se afogou – aparentemente imobilizado por um ataque cardíaco ou derrame, sendo arrastado para debaixo d'água pelo peso de suas roupas. "Uma dor e lamentação terríveis, não desmerecidas dada a morte de um príncipe tão grande, alojaram-se em cada coração", escreveu um cronista alemão.[35] As tropas atordoadas de Frederico seguiram para Antioquia sob a liderança de seu filho, Frederico da Suábia. Lá, porém, a calamidade se abateu novamente quando "uma doença e pestilência sem precedentes atingiram absolutamente a todos... Alguns morreram lentamente, outros rapidamente, mas todos foram vítimas do mesmo destino". Frederico da Suábia estava entre os que pereceram. O exército se dispersou. Após quase um ano de campanha, quase nenhum alemão conseguiu chegar a Acre. E assim o cerco continuou.

*

Filipe Augusto chegou a Acre antes de Ricardo, em 20 de abril de 1191, tendo deixado a Sicília no início da primavera, e evitou complicações em Chipre. Ele trouxe seis navios e numerosos nobres franceses impressionantes a seu lado, incluindo o veterano Filipe, conde de Flandres, e Hugo, duque da Borgonha. A chegada deles foi muito bem-vinda ao exército exausto do lado de fora das muralhas da cidade; Filipe foi recebido, segundo um escritor francês, como "um anjo do senhor".[36]E, imediatamente, ele galvanizou o cerco: seus engenheiros ergueram uma grande bateria de peças de artilharia para lançar pedras contra Acre 24 horas por dia; sapadores franceses começaram a cavar túneis abaixo das muralhas e peregrinos comuns começaram a trabalhar, preenchendo o fosso de Acre com entulho, para formar uma plataforma para escadas e torres de cerco. Uma das trabalhadoras mais famosas foi uma cristã, infelizmente não identificada nas fontes, "que trabalhava sem parar... encorajando os outros à medida que avançava". De acordo com o autor melodramático do Itinerarium Peregrinorum:

> Enquanto essa mulher estava ocupada depositando a carga de terra que havia trazido, um atirador turco a atingiu com um dardo [isto é, uma flecha de besta], e ela caiu se contorcendo no chão. Enquanto ela gemia com a violência da dor, seu marido e muitos outros correram para perto dela, e com a voz fraca ela implorou [a eles] em prantos por um favor.

Ela exigiu que, após sua morte iminente, seu cadáver fosse jogado com o resto do lastro no fosso, "para que eu possa sentir que conquistei algo".[37]

Ricardo e os cruzados ingleses chegaram a Acre em 8 de junho, em meio a uma alegria ainda maior do que a de Filipe – que por um breve período colocou a propriedade acima do ressentimento pessoal e ajudou a Rainha Berengária a desembarcar. Entre as fileiras do exército cruzado, trombetas, cornetas, flautas e cornetas soaram, vinho foi servido e canções foram cantadas. Enormes fogueiras arderam em comemoração. "Todos estavam cheios de esperança", escreveu o cronista conhecido como Ambroise.[38]E com razão. Ricardo trouxe vinte e cinco galés, milhares de homens e barris cheios de tesouros, que distribuiu generosamente entre os sitiantes. Mesmo antes de desembarcar em Acre, sua frota havia afundado um enorme navio de transporte aiúbida que pretendia romper o bloqueio marítimo, destruindo no processo quase 1.000 soldados de infantaria, sete emires, um enorme estoque de armas, 100 camelos e 200 cobras venenosas para serem usadas como armas biológicas. "O rei foi o homem mais notável de seu tempo por sua bravura, astúcia, firmeza e resistência", escreveu Ibn al-Athir. "Nele, os muçulmanos foram testados por um

desastre sem precedentes.'[39] Ibn Shaddad concordou: Ricardo era "um poderoso guerreiro de grande coragem e forte propósito".[40]

O aumento repentino de tropas de Ricardo foi apenas ligeiramente compensado pelo fato de que, a partir de meados de junho, tanto ele quanto Filipe foram acometidos por febre do acampamento e uma estranha doença semelhante ao escorbuto chamada "arnaldia", que causava queda de cabelos e unhas e afrouxamento dos dentes. Saladino, ao saber disso, cavalheirescamente enviou gelo e entregas diárias de frutas frescas ao acampamento dos cruzados. Mas sua generosidade não foi correspondida. Ao longo de junho, uma batalha de artilharia se desenrolou, com duas enormes catapultas dos cruzados – apelidadas de "Mau Vizinho" e "Atirador de Pedras de Deus" – combatendo uma conhecida como "Mau Primo", operada pela guarnição da cidade. Sapadores continuaram cavando sob as muralhas, visando uma grande fortificação chamada Torre Amaldiçoada. Defensores nas muralhas queimaram máquinas de cerco com fogo grego. Ao mesmo tempo, uma troca dos habituais insultos e armas de pequeno porte continuou, na qual nenhuma vitória era insignificante demais para ser comemorada. Ibn Shaddad relatou com alegria a notícia de que dois servos sicilianos de Joana – que eram, como muitos eunucos palacianos sicilianos, seguidores secretos do islamismo – desertaram e se juntaram ao acampamento de Saladino. Ele também registrou a surpresa do sultão ao receber como troféu o arco de madeira tirado de uma cruzada conhecida por usar um manto verde chamativo. Enquanto lutava contra um ataque das tropas de Saladino ao acampamento dos sitiantes, ela feriu vários homens do sultão com suas flechas antes de ser subjugada e morta.[41]

Cada vez mais, porém, pequenas vitórias eram tudo o que os aiúbidas tinham para comemorar, pois a chegada de Filipe e Ricardo significava que o fim do cerco estava próximo. Sob forte bloqueio naval, a cidade começava a passar fome. Os sitiantes haviam cavado seu acampamento tão profundamente, com paliçadas, trincheiras, fortificações e guardas armados, que não havia esperança de Saladino expulsá-los. Em 3 de julho, sapadores derrubaram uma grande parte das muralhas de Acre e, no dia seguinte, a guarnição pediu a paz. Após oito dias de negociações turbulentas, conduzidas sob o estrondo contínuo de alvenaria voando e o som de mineiros cavando túneis sob a Torre Amaldiçoada (que também desabou em 11 de julho), os termos foram acertados. Acre seria entregue, a Vera Cruz devolvida, vários milhares de prisioneiros trocados e 200.000 besantes entregues a Ricardo e Filipe pelo sultão. Os termos foram enviados a Saladino para sua ratificação. Enquanto isso, as chaves da cidade foram apresentadas. O exército cruzado, com hinos e exultações nos lábios,

invadiu a cidade.

*

A queda de Acre em julho de 1191 pode ter sido o fim da Terceira Cruzada; e, de fato, para muitos líderes francos foi. Dividir os despojos da cidade e restituir às muitas partes interessadas – genoveses, pisanos, venezianos, templários, hospitalários e os demais – suas posses, distritos, isenções fiscais e privilégios comerciais foi uma tarefa difícil. Disputas eclodiram entre as várias facções do exército. Leopoldo, duque da Áustria, ofendeu-se particularmente com sua baixa recompensa por sobreviver à cruzada dos alemães para ajudar em Acre e, após ver um de seus estandartes pisoteado na lama, aparentemente por um dos seguidores de Ricardo, deixou Acre para sua terra natal, amaldiçoando o rei inglês durante todo o caminho.

Ele foi sucedido por Filipe Augusto. O estoque de queixas do rei francês havia crescido ainda mais durante o cerco de Acre. Ele deplorava a arrogância de Ricardo, sua facilidade em dispensar patrocínios, suas visões divergentes sobre estratégia e sua preferência pela reivindicação de Guido de Lusignan de ser reconhecido como rei de Jerusalém em detrimento da do próprio aliado e candidato de Filipe, Conrado de Montferrat, governante de Tiro. Chega: com a queda de Acre, Filipe decidiu que havia mais do que cumprido seu voto de cruzado e partiu, retornando à França, onde planejava cuidar de assuntos domésticos e causar problemas entre os domínios de Ricardo no oeste. "Ao partir, recebeu mais maldições do que bênçãos", escreveu Ambroise. Embora muitos de seus homens tenham ficado, Filipe já estava farto.

*

Ricardo não abandonou Acre. Com uma visão mais ampla de suas obrigações cruzadas, começou a planejar uma campanha que exploraria o ímpeto conquistado em Acre e avançaria para recuperar todo o reino de Jerusalém. Em 20 de agosto, cansado de esperar que Saladino devolvesse a relíquia da Verdadeira Cruz, pagasse sua recompensa e ratificasse a paz acordada com a guarnição de Acre, Ricardo marchou com 2.600 prisioneiros de guerra desarmados e amarrados para a planície diante de Acre e executou todos eles – um ato de crueldade desprezível, excessivo até mesmo para os padrões da época, que, mesmo sendo tecnicamente legal, foi descrito como um crime de guerra.[42] No entanto, a atrocidade fazia parte do tecido da guerra do século XII. Saladino e muitos antes dele venderam cativos para

escravidão e assassinatos em massa ordenados de prisioneiros. Havia muito pouco tempo para reflexões sobre direitos humanos de ambos os lados.

Após a carnificina em Acre, Ricardo e seu exército revigorado marcharam para fora de Acre e seguiram para o sul, seguindo pela estrada costeira até Jaffa e, além dela, para Jerusalém. Nas três semanas seguintes, avançaram lentamente 120 km pela costa, abastecidos e protegidos por sua frota no flanco direito, esquivando-se da vida selvagem nativa, incluindo tarântulas agressivas e crocodilos devoradores de cavaleiros, enquanto se defendiam de repetidos ataques e incursões do exército de Saladino, que os perseguia pelo flanco esquerdo. À frente, guarnições muçulmanas abandonaram castelos e cidades e arrasaram as defesas, tornando-as militarmente obsoletas e extremamente caras para restaurar. Na metade do caminho, em Arsuf (Arsur), na manhã extremamente quente de 7 de setembro, os dois lados travaram uma grande batalha campal, descrita por um cronista como "amarga tribulação", na qual Saladino lançou todas as suas unidades, incluindo africanos negros e beduínos, contra as linhas de Ricardo, na esperança de dispersá-los e forçar uma retirada desordenada.[43] Mas, graças à liderança firme de Ricardo e a uma série de ataques de cavalaria pesada perfeitamente cronometrados, os cruzados obtiveram uma vitória retumbante. Três dias depois, libertaram Jaffa e começaram as negociações para uma trégua.

Apesar da longa, acirrada e árdua campanha, nem todos nas fileiras dos cruzados eram a favor de uma paz negociada – muito menos Joana, que viajou por mar de Acre a Jafa após a conquista desta última cidade. Nos estágios iniciais das negociações, Ricardo discutiu os termos pessoalmente durante uma refeição com o irmão de Saladino, al-Adil (Safadin), que o impressionou. Poucos dias depois, o rei sugeriu um acordo pelo qual Jerusalém permaneceria sob controle aiúbida, mas seria aberta livremente aos cristãos, que poderiam adorar em santuários e igrejas designados, enquanto as outras cidades costeiras palestinas seriam devolvidas aos cruzados. O acordo seria selado pelo casamento de al-Adil e Joana.[44]É difícil dizer se Ricardo estava falando sério; Joana ficou horrorizada. Al-Adil e Saladino estavam apenas se divertindo. Após seis semanas de reflexão, o plano foi por água abaixo e as negociações de paz fracassaram.

Ricardo posteriormente marchou com um exército cruzado sobre Jerusalém duas vezes: avistando a Cidade Santa em dezembro de 1191 e novamente na primavera de 1192, concluindo em ambas as ocasiões que não tinha efetivo suficiente para repetir o esforço de 1099 e tomar a cidade à força. A última etapa desta campanha finalmente se mostrou inviável. Além disso, a política entre os francos estava se tornando sanguinária –

literalmente. Eleições entre

A decisão dos nobres latinos nascidos no leste de nomear um novo rei de Jerusalém para substituir Guido de Lusignan resultou na escolha de Conrado de Montferrat, que era casado com a única filha sobrevivente de Amalrico, Isabel. Conrado nutria uma rivalidade de longa data com Guido de Lusignan – a escolha de Ricardo para a reintegração à coroa – e muitos viram a mão do rei inglês em ação quando, poucos dias após a eleição de Conrado, o italiano foi emboscado à noite e assassinado por dois assaltantes enviados por Rashid al-Din Sinan, o chefe dos Assassinos Nizari Ismaili, apelidado de "O Velho da Montanha". No verão de 1192, então, o tempo de Ricardo no leste estava chegando ao fim. Ele estava longe de seu reino há mais de dois anos, e notícias do oeste sugeriam que seu irresponsável irmão mais novo, João, estava conspirando contra ele com Filipe da França. Era hora de voltar para casa. Após a vitória final sobre as tropas de Saladino na batalha nas praias de Jaffa, em 8 de agosto, uma trégua foi selada, sob a qual as cidades costeiras entre Jaffa e Acre foram devolvidas ao domínio franco e os peregrinos cristãos tiveram acesso à Cidade Santa para fins de culto. A nova capital do reino cruzado seria Acre. O fato econômico, portanto, superou o idealismo religioso: uma estratégia sustentável para a sobrevivência no território hostil do leste, mas uma decisão que mudaria para sempre a natureza do reino cruzado. Ricardo não havia recuperado tudo o que havia sido perdido e não havia unido completamente as casas de Ayyub e Plantageneta em uma união dinástica – mas sua intervenção na Terceira Cruzada ainda fora decisiva. Se nada mais, nos anos seguintes, as mães muçulmanas assustariam seus filhos rebeldes com a terrível ameaça de que, se não se comportassem, o Rei Ricardo viria.
e obtê-los.

*

No caminho de volta para a Inglaterra, os erros de Ricardo no reino cruzado finalmente o atingiram. Naufragado nos Bálcãs, tentou retornar incógnito por terra, mas foi capturado por Leopoldo da Áustria, ainda aborrecido com o tratamento recebido em Acre. Leopoldo entregou Ricardo ao novo imperador do Sacro Império Romano, Henrique VI, e em 1194, após mais de um ano na prisão, o rei inglês foi resgatado de volta ao seu povo pela enorme quantia de 100.000 libras de prata. Uma vez libertado, Ricardo passou grande parte do resto de seu reinado lutando contra Filipe Augusto, sua rivalidade natural como governantes de

territórios vizinhos intensificados pelo ânimo pessoal que havia germinado na Sicília e no Acre.

Felizmente para Joana e Berengária, Ricardo as enviou para o oeste em uma viagem separada, e elas chegaram em segurança a Brindisi antes do final de 1192, só sabendo do cativeiro de Ricardo quando visitaram um novo papa, Celestino III, em Roma. Seguindo seus passos, veio outra veterana do leste: Margarida de Beverley, que lutara contra Saladino com uma panela na cabeça antes mesmo que qualquer uma das damas mais ilustres sequer sonhasse com guerras no leste. A intervenção de Ricardo em Acre e sua restauração do acesso cristão aos locais sagrados permitiram que Margarida completasse sua longa peregrinação e retornasse com um barco cheio de peregrinos ingleses do Acre libertado. Ela continuou suas viagens piedosas, visitando Roma e Santiago de Compostela antes de encontrar seu irmão mais novo, Thomas, em seu mosteiro em Froidmont, não muito longe de Calais, contando-lhe suas aventuras extraordinárias e estabelecendo-se em sua própria vida contemplativa, como freira no convento cisterciense em Montreuil, mais tarde conhecido por sua posse da relíquia do véu sagrado de Santa Verônica.

Berengária sobreviveu a Ricardo, não o vendo quase nada durante o restante do casamento, não lhe dando filhos e passando grande parte da vida adulta patrocinando projetos de construção religiosa em Le Mans. Joana, por sua vez, tendo rejeitado o casamento com al-Adil, perdeu a oportunidade de se casar com um sultão: al-Adil acabou sucedendo seu irmão como governante da Síria e do Egito após a morte de Saladino em 4 de março de 1193.[45]Talvez não totalmente arrependida, Joana permaneceu no Ocidente e, em vez disso, casou-se com Raimundo VI, conde de Toulouse, bisneto do famoso primeiro cruzado de mesmo nome, que fundou o condado de Trípoli. O breve casamento deles produziu um futuro conde (Raimundo VII) e muita emoção. Joana havia aprendido muito com o tempo que passou com os exércitos cruzados de seu irmão e, logo após o nascimento de seu filho, em 1197, comandou o cerco de um castelo mantido por rebeldes contra seu marido.

Mas esse não foi o fim de suas aventuras. Quando Ricardo morreu sitiando o castelo de Châlus-Chabrol na primavera de 1199, vítima de envenenamento do sangue após ser atingido no ombro por uma flecha de besta, Joana, grávida novamente, ordenou que o homem que disparou o tiro fatal fosse esfolado vivo. Era uma maneira tipicamente Plantageneta de demonstrar o afeto que nutria pelo irmão. E foi o último grande ato político de Joana. A própria princesa morreu em trabalho de parto em setembro do mesmo ano e seus restos mortais...

foram levados para o enterro ao lado do de Ricardo, no mausoléu da família na abadia de Fontevrault, em Anjou.

[*] Gregório tornou-se papa em 21 de outubro de 1187 e faleceu em 20 de dezembro do mesmo ano. Foi sucedido por Clemente III.

[†] Guy teve muita sorte de ter sua liberdade. A decisão de Saladino de libertá-lo após Hattin foi um ato de astúcia política vil disfarçada de alta cavalaria. Calculando que Guy, amplamente odiado, causaria mais problemas entre os francos como um homem livre do que em uma prisão de Alepo, Saladino o libertou sob a promessa de que não atacaria nenhum muçulmano. Guy quebrou sua promessa quase imediatamente.

20

Consumido pelo fogo

Nunca houve um empreendimento tão grandioso empreendido por qualquer povo desde a criação do mundo.

Enrico Dandolo tornou-se doge de Veneza em junho de 1192, quando tinha cerca de oitenta e sete anos. Dandolo era cego há muitos anos. Rumores diziam que ele perdeu a visão quando se envolveu com o imperador bizantino Manuel Comneno durante uma visita a Constantinopla na década de 1170; segundo rumores, o imperador amarrou Dandolo e queimou suas retinas com a luz do sol refletida em vidro polido. Embora macabra – e plausível, dada a crueldade inventiva que às vezes prevalecia na corte imperial em Constantinopla – a história não era verdadeira. Durante sua longa carreira a serviço da república veneziana, Dandolo certamente conviveu com imperadores. Mas não foi Manuel Comneno quem lhe tirou a visão.[1] Na verdade, como Dandolo contou ao cavaleiro e cronista francês Geoffrey de Villehardouin, ele sofreu uma pancada na nuca em 1175, o que fez com que sua visão falhasse ao longo de um ano.[2]Isso era inconveniente e significava que ele tinha que ser conduzido em seu cavalo, mas não era um impedimento fatal para a carreira do velho.[3]Apesar de sua deficiência e de sua idade avançada, após ser eleito doge Dandolo serviria por mais de uma década como líder do estado marítimo mais ambicioso do Adriático — um poderoso negociador que tinha em suas mãos o destino de imperadores e reis.

Veneza surgiu, como se borbulhasse de sua lagoa na ponta norte do Adriático, por volta do século VI d.C. Na época de Dandolo, era uma república aristocrática orgulhosa, piedosa e rica, governada por um doge eleito e

conselho e cautelosamente respeitado pelas outras grandes potências em sua esfera: Roma, Bizâncio e o Sacro Império Romano. A cidade abrigava 60.000 almas, vivendo em uma rede de ilhas agrupadas ao redor do Rialto, que era cortado pelo Grande Canal e identificado de longe pela bela basílica de São Marcos, do final do século XI, inspirada na Igreja dos Santos Apóstolos em Constantinopla. O maior tesouro de Veneza era o corpo de Marcos – roubado da cidade egípcia de Alexandria em 828 d.C. por mercadores empreendedores que o contrabandearam para a alfândega muçulmana, escondido em um barril de carne de porco.

Em seus primeiros anos, Veneza foi construída com base na produção de sal, agricultura e pesca, mas um boom espetacular durante os séculos XI e XII resultou do domínio dos mares. Navios venezianos – galés de combate velozes e elegantes, equipadas com aríetes ferozes e tripuladas por equipes de remadores musculosos, e veleiros robustos e de mastros altos que transportavam mercadorias e dinheiro de porto em porto – podiam ser vistos em todo o Mediterrâneo. Como as outras potências marítimas do norte da Itália, Pisa e Gênova, Veneza vendia sua capacidade militar no mercado aberto, trocando a violência marítima por vantagem comercial. Na década de 1080, Aleixo I Comneno firmou um acordo no qual as galés venezianas visavam a navegação normanda, e os portos e mercados bizantinos foram abertos aos mercadores venezianos com isenção de impostos.[4]No século XII, galeras venezianas patrulhavam a costa levantina em nome dos reis cruzados; em 1124, cruzados de Veneza ajudaram a tomar Tiro e ganharam o direito de estabelecer colônias mercantis independentes em todas as cidades do leste franco.[5]A riqueza e o prestígio resultantes impulsionaram Veneza para a vanguarda da política europeia, status confirmado em julho de 1177, quando a cidade sediou uma espetacular conferência de paz entre Frederico Barba-Ruiva e o Papa Alexandre III, na qual o ruivo Imperador do Sacro Império Romano-Germânico se curvou publicamente para beijar os pés do pontífice na Basílica de São Marcos. Barba-Ruiva havia sugerido Veneza como um local adequado para o evento, alegando que ela estava "sujeita somente a Deus".[6]

O clã Dandolo ascendeu em paralelo com a república, e seu sucesso se refletiu em seu luxuoso complexo no centro do Rialto, estendendo-se a partir da margem do Grande Canal. Na época de Enrico, a família já servia a cidade de forma notável por quase dois séculos. Domenico Dandolo estabeleceu o nome da família no início do século XI por meio de missões comerciais a Bizâncio, incluindo uma visita em que adquiriu para Veneza as relíquias de São Tarásio. O pai de Enrico, Vitale

Dandolo foi conselheiro próximo e juiz dos doges Vitale II Michiel (que ocupou o cargo de 1155 a 1172) e Sebastiano Ziani (1172 a 1178). Seu tio, também Enrico, era patriarca de Grado, o clérigo preeminente em Veneza e um reformador enérgico da igreja veneziana. Tanto Vitale quanto o velho Enrico eram cruzados que participaram do ataque a Tiro em 1124.

O jovem Enrico, por sua vez, fez seu nome como diplomata. Ele visitou Bizâncio em 1171 como parte de uma expedição armada que buscava vingança quando Manuel Comneno despojou os venezianos de seus direitos comerciais e aprisionou cerca de 10.000 comerciantes. Esta foi uma missão terrivelmente malfadada, que terminou em desastre quando os marinheiros venezianos contraíram a peste; eles voltaram mancando para Veneza, trazendo a doença com eles, e enfrentaram uma população tão furiosa que esfaqueou o então doge até a morte nas ruas. Dandolo, no entanto, saiu ileso e, em 1174-5, esteve no Egito, primeiro para tentar uma conferência com Guilherme II da Sicília e, em seguida, para explorar a possibilidade de um acordo comercial com Saladino. Na década de 1180, ele estava novamente em Constantinopla, lidando com as consequências políticas do "massacre dos latinos": revoltas assassinas contra ocidentais ricos, nas quais milhares foram assassinados e a cabeça de um legado papal foi decepada e amarrada ao rabo de um cachorro. Enrico pode ter sido cego e idoso quando foi eleito doge, mas sua longa experiência e seu comportamento calculista e pragmático atendiam bem às necessidades da república. Em seu juramento de posse, ele prometeu "considerar, cuidar e trabalhar pela honra e lucro dos venezianos de boa-fé e sem fraude".[7]

*

Os primeiros nove anos do reinado de Dandolo foram movimentados, pois suas funções eram muitas e variadas: esperava-se que os doges julgassem casos jurídicos, definissem a política econômica, supervisionassem a diplomacia estrangeira e as relações com a Igreja, e muito mais. Mas, mesmo após completar noventa anos, Dandolo cumpriu essas funções com vigor e entusiasmo. Aprovou leis rigorosas que limitavam a imigração de novos comerciantes para a república. Supervisionou melhorias no complexo código legal de Veneza. Reformou fundamentalmente a cunhagem veneziana, introduzindo uma nova moeda conhecida como grosso, cunhada com 98% de prata pura.[*] Ele manteve um fluxo constante de correspondência diplomática com sucessivos imperadores bizantinos numa tentativa de restaurar

a relação de trabalho que existia décadas antes. À medida que o século XII se aproximava do fim, Dandolo podia encarar seu mandato no comando de Veneza com alguma satisfação. Os negócios prosperavam e a república prosperava. Então, no início de 1201, seis enviados da França surgiram dos desfiladeiros dos Alpes, apresentaram-se à corte do doge e ofereceram a Dandolo o acordo de sua vida. E, de repente, tudo mudou.

Os enviados que chegaram para visitar Dandolo em fevereiro de 1201 representavam três dos senhores mais poderosos da França: Teobaldo, conde de Champagne; Luís, conde de Blois; e Balduíno, conde de Flandres. Um dos enviados era Geoffrey de Villehardouin, que foi escolhido em sua função de marechal de Champagne e manteve um relato vívido das negociações. Seus senhores, disseram os enviados, haviam sido inspirados por pregadores papais que instavam uma nova campanha para completar a obra da Terceira Cruzada, recuperando o Santo Sepulcro e a cidade de Jerusalém. Todos eram jovens: Teobaldo tinha 21 anos; Luís e Balduíno, 28. Assim como a maioria dos jovens de sua classe, suas mentes estavam repletas dos ideais da cavalaria, que floresciam nas cortes e salões de banquetes da Europa Ocidental, celebrados em baladas populares de heróis reais e imaginários, desde o Rei Arthur até os primeiros cruzados.[8]Todos vinham de famílias de aventureiros renomados do Oriente, e todos os seus territórios eram, há muito tempo, campos férteis de recrutamento. Teobaldo pôde até reivindicar um rei de Jerusalém entre seus irmãos: seu irmão mais velho, Henrique, partiu para as cruzadas, casou-se com a filha mais nova do rei Amalrico, Isabel, em 1192, e tornou-se rei consorte de Jerusalém até 1197, quando morreu ao cair de uma janela do palácio real em Acre.[9]

A pregação que tanto entusiasmou Teobaldo, Luís, Balduíno e seus contemporâneos e pares fora encomendada por outro jovem governante: o Papa Inocêncio III, eleito em 1198 com a tenra idade de 37 anos. Nascido Lotário dos Condes de Segni, Inocêncio era um aristocrata arrogante, com um nariz longo e pontiagudo e um bigode bem cuidado e espesso por baixo. Era um advogado brilhante e um teólogo-filósofo talentoso. Acima de tudo, possuía o dom da persuasão – seja por meio de bajulação ou arenga – e, em 1198, usou esse talento para convencer guerreiros como Teobaldo, Luís e Balduíno de que eles deveriam liderar sua geração em um novo ataque à Terra Santa. Numa bula magistral publicada apenas sete meses após a sua eleição, conhecida como Post miserabile ('Infelizmente, depois'), Inocêncio lamentou em termos familiares 'a queda miserável de Jerusalém... a invasão deplorável

daquela terra onde os pés de Cristo pisaram... a ignominiosa remoção da cruz vivificante'.[10]Ele havia explicado em detalhes precisos e legalistas todos os benefícios mundanos e espirituais das cruzadas. E, o mais comovente, formulou o chamado à cruzada em termos altamente cavalheirescos, apresentando a perda de Jerusalém como uma afronta pessoal à reputação e à honra de todos os vigorosos jovens guerreiros cristãos. Inocêncio imaginou a calúnia intolerável que devia estar saindo incessantemente da boca dos aiúbidas enquanto celebravam sua preeminência:

> Eles dizem: 'Onde está o vosso Deus, que não pode livrar a si mesmo nem a vós das nossas mãos? Eis que agora profanamos os vossos santuários. Eis que agora estendemos as nossas mãos às coisas que mais estimais... Já enfraquecemos e quebramos as lanças dos gauleses, frustramos os esforços dos ingleses, esmagamos a força dos alemães e... subjugamos os altivos espanhóis... Onde está então o vosso Deus?'[11]

Isso pode ter sido ficção, mas foi um apelo perfeito às classes cavalheirescas da Europa Ocidental na virada do século; um chamado que combinava perfeitamente com as atitudes e obsessões predominantes entre os guerreiros do início do século XIII.

*

Quando os enviados de Teobaldo, Luís e Balduíno chegaram a Veneza, o apelo de Inocêncio por uma Quarta Cruzada já estava ganhando força. Entre o povo, dizia-se que o diabo havia nascido na Babilônia – ou seja, no Cairo – e que, se nada fosse feito, o mundo acabaria muito em breve.[12]Na França, esse clima foi ainda mais estimulado por pregadores como Fulque de Neuilly, um padre excepcionalmente glutão, muito conhecido em Paris, com talento para falar em público e realizar feitos milagrosos — ou o abade cisterciense Martinho de Pairis, que em 3 de maio de 1200 pregou um famoso sermão na catedral de Santa Maria, em Basileia, na Alsácia, no qual protestou contra a dominação do Sepulcro do Senhor "pela barbárie de um povo pagão".[13]Outros — incluindo Teobaldo e Luís — fizeram seus votos de cruzado enquanto estavam no campo de combate, durante um torneio realizado por Teobaldo nos campos ao redor de seu castelo de Écry em 28 de novembro de 1199.[†]Os cruzados juramentados incluíam os condes de Brienne, Amiens, St Pol e Perche

e o bispo de Soissons, bem como dezenas de filhos de barões, cavaleiros aventureiros e centenas de homens menores. Contingentes de barões e clérigos também começavam a se agitar no império germânico, apesar de uma cruzada alemã para ajudar na reconquista de Beirute e Sídon em 1197-8 ter terminado em confusão, e o Sacro Imperador Romano Henrique VI ter morrido enquanto tentava se impor como rei da Sicília (que ele alegava governar em virtude de seu casamento com Constança, filha do antigo rei Rogério II), mergulhando assim o império germânico e seus vizinhos em uma crise de sucessão que levaria décadas para ser resolvida.

No entanto, enquanto o entusiasmo pelas cruzadas se espalhava, os lordes cruzados enfrentavam sérios desafios logísticos. Nenhum monarca ocidental se dignou a emprestar seu nome ao movimento: Filipe Augusto relutava em repetir suas desventuras da década anterior; o sucessor de Ricardo Coração de Leão como rei da Inglaterra, seu irmão mais novo, João, estava ocupado demais defendendo suas terras no continente das depredações de Filipe para se preocupar com a situação dos jerusalemitas; e os alemães haviam perdido seus dois governantes anteriores nas cruzadas e agora disputavam quem deveria ser o rei. Sem os recursos de um patrono real, os lordes precisavam envolver outra potência europeia rica em sua causa – idealmente uma com experiência em cruzadas e os meios para movimentar tropas e material pelo Mediterrâneo. Precisavam de navios e conselheiros militares, e foi por isso que vieram ver Dandolo. Como disse Villehardouin: "Em Veneza, eles poderiam esperar encontrar um número maior de embarcações do que em qualquer outro porto."[14]

A chegada dos enviados deu a Dandolo muito em que refletir. A proposta deles era atraente, mas perigosa. Tanto a República de Veneza quanto a família Dandolo tinham muito a ganhar com uma cruzada, em termos de potenciais saques, vantagens mercantis e reputação piedosa. Mas quando o doge iniciou negociações com os enviados, os números propostos eram alucinantes. Villehardouin e seus companheiros falaram em reunir um exército de mais de 30.000 combatentes. Isso significaria fretar centenas de navios – cinquenta galés e três vezes mais navios de transporte – a maioria dos quais teria que ser construída do zero nos estaleiros venezianos conhecidos como Arsenal. Tripular tal frota significaria reunir metade dos homens aptos da República. Seria de longe o maior contrato militar da história veneziana, e Dandolo disse aos enviados que não era algo com que ele pudesse simplesmente concordar por capricho. Mas ele ficou intrigado o suficiente para levar o pedido ao conselho, e por oito dias os poderosos de Veneza se retiraram para debater

a causa. Finalmente, eles chegaram a uma decisão. Eles ajudariam – no nível solicitado – supondo que o povo de Veneza concordasse.

No final do mês, 10.000 venezianos reuniram-se na Basílica de São Marcos e arredores e, após ouvirem a missa, manifestaram apoio ao doge e ao conselho. Veneza, concordaram, deveria construir, fornecer, tripular e abastecer a gigantesca armada, grande o suficiente para transportar 33.500 cruzados e 4.500 cavalos para o leste. Dedicariam a essa causa não apenas os estaleiros do Arsenal, mas praticamente todos os recursos da cidade por um ano. Sortearam a escolha, entre dois homens da população, de um homem para servir a bordo dos navios. Em troca, os cruzados se comprometeram a pagar 85.000 marcos – uma quantia equivalente ao dobro da receita anual de todo o reino da França – e conceder a Veneza metade de tudo e de todos os lugares que tomassem em campanha.[15]Termos secretos definiram o primeiro destino da cruzada como Alexandria, no delta do Nilo, no entendimento de que a cidade rica seria um alvo fácil — o Egito estava lutando contra a fome e a escassez causadas por cinco anos consecutivos de inundações fracassadas do Nilo — e um precursor estratégico sensato para um avanço em direção ao nordeste, na Palestina.[‡]Foi marcada uma data para que todo o exército se reunisse em Veneza na primavera de 1202.

Esta foi uma aposta extraordinária de ambos os lados. Os enviados franceses empregaram, a um custo enorme, a melhor potência naval do Ocidente e juraram sobre relíquias sagradas reunir um exército para completar a frota que haviam fretado. Dandolo e os venezianos concordaram em desviar todos os recursos da república para um único empreendimento militar, que seria a expedição mais lucrativa desde a conquista de Tiro em 1124 ou levaria a república à falência. Ambos os lados sabiam o quão alto era o risco. Quando o tratado foi ratificado, as emoções estavam à flor da pele. "Por piedade, muitas lágrimas foram derramadas", escreveu Villehardouin. "E imediatamente mensageiros foram enviados a Roma para o Papa Inocêncio para que ele confirmasse este acordo – o que ele fez de boa vontade."[16]Enquanto isso, os venezianos puseram mãos à obra. A Quarta Cruzada estava em andamento.

*

Após um ano de marteladas, serras, aplainamentos e calafetagens frenéticas no Arsenal, os venezianos produziram a "maior frota já vista", composta por cerca de 200 galés, navios de guerra e ônibus de transporte.

A compra de vinho, carne, queijo e forragem para cavalos nos mercados da Itália havia abastecido os transportadores com todos os suprimentos necessários. Mas o exército cruzado que começou a chegar a Veneza no início do verão de 1202 e montou acampamento no longo banco de areia conhecido como Lido não era aquele que havia sido prometido com tanta confiança. Para começar, o Conde Teobaldo de Champagne estava morto, tendo sucumbido a uma febre em maio de 1201. Em seu lugar, Bonifácio, marquês de Montferrat, de meia-idade e norte da Itália, recebeu e aceitou o comando geral, embora não se juntasse à cruzada por muitos meses. O exército que chegou representava apenas uma pequena fração do vasto exército previsto. Por todo o norte da França, houve um aumento de atividade, com homens e mulheres carregando a cruz, estocando bens e armas, hipotecando suas terras e fazendo doações a casas religiosas locais para pedir suas bênçãos antes da longa e incerta jornada.[17]Mas a soma total de toda essa atividade não correspondia nem de longe às projeções ousadas feitas para Veneza. Não só o recrutamento ficou aquém do enorme número prometido; muitos dos que embarcaram decidiram que navegar pelos Alpes para se reunir na lagoa era uma tarefa desnecessária, já que poderiam viajar para Marselha, Gênova ou o sul da Itália e atracar nas viagens regulares de primavera para Acre. Dandolo havia apostado que os cruzados cumpririam sua parte do acordo.[18]Não o fizeram, porque não podiam. Menos de um terço do exército cruzado prometido apareceu; eles estavam em desvantagem numérica de dois para um em relação às tripulações venezianas. Pior de tudo, seus líderes não tinham condições de pagar os 85.000 marcos contratados para os esforços dos venezianos. Eles tinham pouco mais de 50.000.

Isso era nada menos que uma crise. Os venezianos haviam trabalhado arduamente por um ano, a um custo enorme, e agora estavam à beira da ruína. Dandolo precisava agir. Ele tinha plena consciência da necessidade de encontrar um curso de ação que salvasse o iminente desastre financeiro enfrentado por seus concidadãos, ao mesmo tempo em que permitisse aos cruzados salvarem a face, pelo menos deixando o porto. Então, ele propôs uma solução ousada: como primeira parada na jornada, desembarcariam a menos de 320 km de Veneza e saqueariam o porto de Zara.

Para Dandolo e seus companheiros venezianos, havia todos os motivos para se sentirem justificados nessa linha de ação. Zara (Zadar), na costa da Dalmácia, devia tributo e obediência à república, mas, desde a rebelião na década de 1180, seus líderes alegavam estar sob o domínio do rei cristão Emérico da Hungria. Essa flagrante quebra de lealdade, argumentava Dandolo, merecia ser punida. Mas para os senhores do contingente francês,

como

Simão de Montfort, desviar-se tanto do objetivo original da cruzada era inconcebível – principalmente porque Emérico era um rei cristão obediente a Roma, que havia feito seus votos de cruzado. Inocêncio suspeitara que, em algum momento, Dandolo pudesse tentar usar a frota cruzada para punir Zara e o alertara especificamente para não tentar fazê-lo. Agora, o doge propunha insubordinação direta. Os meses de verão – destinados a um ataque glorioso a Alexandria e, se Deus quisesse, a Jerusalém – passaram em debate, dissidência e tédio em massa entre as tropas comuns. Por fim, na primeira semana de outubro, a última data possível para a viagem antes que o mar ficasse impossivelmente agitado, os líderes perceberam que não podiam mais prevaricar. Era uma escolha entre navegar para Zara ou voltar para casa. Eles escolheram o menor dos dois males. O doge fez seus votos de cruzado diante de uma grande congregação, com sua cruz presa ao chapéu em vez de costurada no ombro. Algum tempo depois, ao som de trombetas e tambores, sua enorme frota, composta por cinquenta grandes navios de transporte, sessenta galés de guerra, 100 transportadores de cavalos e muitas outras embarcações leves rebocadas em seu rastro, partiu de Veneza para o mar aberto.[19] A galé de Dandolo, decorada com tecido vermelho e prata, foi a última a partir. Ele nunca mais voltaria para casa.

*

Quando a frota chegou de Veneza, perto do porto de Zara, em 10 e 11 de novembro de 1202, os cidadãos desfraldaram bandeiras com cruzes nas muralhas para lembrar aos venezianos e franceses que eles também eram cruzados. Dandolo não se importou. Ignorando os uivos de protesto de seus clientes cruzados, ordenou um ataque. Galeras venezianas romperam a corrente que protegia o porto da cidade. Tropas desembarcaram e lançaram um bombardeio de catapulta e colocaram sapadores para trabalhar nas muralhas da cidade. Dentro de Zara, os cidadãos entraram em pânico, imploraram por termos de paz após três dias e acabaram abrindo os portões com a condição de serem poupados de um massacre. Pouco sangue foi derramado, mas quando os venezianos e os franceses se mudaram, saquearam o que quiseram antes de ocupar metade da cidade cada um e se estabelecerem para o inverno. Dandolo mais tarde justificaria suas ações em Zara como perfeitamente legais. O escritor Gunther de Pairis chamou isso de "um negócio detestável".[20]

Muitos outros concordaram. Quando a notícia do desvio dos cruzados de sua missão chegou a Inocêncio III, ele ficou furioso. Em sua fúria, recorreu à sentença mais terrível que lhe era possível: excomungar todos os envolvidos. Havia uma amarga ironia nisso. Todos que se juntaram à cruzada o fizeram presumindo que seriam perdoados de seus pecados; agora, se morressem na jornada, iriam direto para o inferno. Os líderes da cruzada fizeram o possível para suprimir a notícia do pronunciamento do papa, que teria causado motim entre as bases; enviados correram de volta à corte papal para implorar a Inocêncio que reconsiderasse, alegando que "a necessidade era um fator atenuante".[21]Inocêncio acabou concordando, a contragosto, mas enviou ordens severas para que tais ações abomináveis não se repetissem. Os cruzados, escreveu ele, doravante "não deveriam invadir nem violar as terras dos cristãos de forma alguma".[22] Mas Dandolo e os venezianos não se importaram nem um pouco. Quando deixaram Zara, na primavera de 1203, derrubaram as muralhas e incendiaram tudo, exceto as igrejas. Em seguida, partiram para o leste. No entanto, a armada não se dirigia para Acre ou mesmo para Alexandria. O alvo – inacreditavelmente – era Constantinopla.

Os assuntos bizantinos, ligados ao movimento das cruzadas desde o seu início, tornaram-se sangrentos e tensos durante a década de 1190. Ricardo Coração de Leão, desembarcando em Chipre a caminho de Acre em 1191, testemunhou a turbulência que se espalhava pelo império, enquanto o governo era disputado entre ramos rivais dos Comnenos. Dez anos depois, Bizâncio estava tão conturbado como sempre. Em 1185, Isaac II Ângelo – um príncipe menor, amável e bem-intencionado, mas mais conhecido por seu vício em projetos de construção suntuosos, banhos perfumados e roupas caras – tomou o trono de Bizâncio. Por dez anos, esse "dândi [que] se pavoneava como um pavão e nunca usava a mesma vestimenta duas vezes" manteve-se no poder, mas em março de 1195 foi deposto em um golpe por seu irmão mais velho, Aleixo III Ângelo, que mandou cegar Isaac e condená-lo à prisão perpétua, com uma dieta simples de pão e vinho.[23]

Aleixo III logo teve motivos para se arrepender de ter assumido o trono, pois seu reinado decaiu em uma série de crises nas quais o império foi atacado em todos os pontos pelos seljúcidas da Anatólia, húngaros, búlgaros e povos balcânicos conhecidos como valáquios. Enquanto tentava lidar com esses ataques, o filho adolescente de Isaac II, também chamado Aleixo, ocupou-se planejando vingança. Em 1201, o menino escapou do império disfarçado e fugiu para o oeste, hospedando-se na corte de Filipe, duque da Suábia, rei dos germanos, que era casado

para Irene Angelina, irmã de Aleixo. Aleixo tinha apenas dezenove anos quando caiu na órbita de Filipe e Irene, e era considerado por quase todos que o conheciam como irremediavelmente imaturo, facilmente dado à frivolidade e à embriaguez. No entanto, na Germânia, ele tinha uma plataforma para arquitetar a queda do tio, e a utilizou. Na corte de Filipe da Suábia, em 1201, ele conheceu o líder dos cruzados, Bonifácio de Montferrat, e plantou a semente de uma ideia verdadeiramente terrível.

Enquanto os cruzados venezianos e franceses passavam o inverno em Zara, em 1202-1203, receberam embaixadores do Príncipe Aleixo, que lhes ofereceu um acordo incrível. Se ajudassem o jovem a reconquistar o trono imperial de seu pai, diziam os mensageiros, Aleixo colocaria todo o Império Bizantino sob a obediência do papa, pagaria uma taxa de 200.000 marcos de prata, juntar-se-ia pessoalmente à cruzada ou enviaria 10.000 soldados para se juntar à eventual marcha sobre Alexandria e manteria, pelo resto da vida, 500 cavaleiros (uma força aproximadamente igual à capacidade montada total dos Templários no Oriente) para defender o reino de Jerusalém.[24] Essa oferta surpreendente não só resolveria os problemas financeiros dos cruzados de uma só vez; como também ofereceria a possibilidade real de destruir os aiúbidas por uma geração. Essas eram, prometeu o jovem Aleixo, "as melhores condições já oferecidas a qualquer povo".[25]

Como todas as ofertas que parecem boas demais para ser verdade, o acordo de Aleixo era um pacote bem embrulhado de bravatas e mentiras. Uma disputa acirrada irrompeu em todo o exército cruzado entre aqueles que conseguiam enxergar isso e aqueles que não queriam. Os mais sensatos entre os cruzados – incluindo Simão de Montfort e Renaud de Montmirail – abandonaram a cruzada, desgostosos, e partiram para a Síria. "Parecia-lhes tolo e errado que um pequeno grupo de peregrinos... abandonasse sua pretendida peregrinação sagrada e declarasse guerra, com seu perigo certo, a uma cidade tão fortificada e populosa, a fim de acomodar um estrangeiro", escreveu Gunther de Pairis. "Esta guerra não poderia ser concluída sem uma boa dose de carnificina de um lado e, possivelmente, de ambos."[26]Mas Conrado de Montferrat, Balduíno de Flandres, Luís de Blois e Hugo de St. Pol aceitaram a oferta do príncipe, esperando poder contar com o simples preconceito anti-grego dos cruzados comuns, que há muito tempo eram alimentados com uma narrativa de traição bizantina como fonte dos fracassos passados dos cruzados, e pensavam que os cristãos orientais eram efeminados e depravados, "escória da escória".[27]De forma crítica, Dandolo também se comprometeu, pois pouco em sua situação havia mudado. Ele havia investido

a sorte de sua república mergulhou tão profundamente na desventura que ele não teve escolha a não ser continuar.

Em 25 de abril de 1203 – dia da festa de São Marcos – o Príncipe Aleixo chegou a Zara para se juntar à cruzada. No início do verão, ele e a frota haviam levantado âncora, saqueado Corfu, contornado o Peloponeso e rumado para os Dardanelos. Ao se aproximarem de Constantinopla, cruzaram com dois navios que transportavam "peregrinos, cavaleiros e sargentos" que haviam atendido ao chamado de Inocêncio, partido de Marselha em vez de Veneza, cumprido seus votos lutando por um ano no reino de Jerusalém e estavam voltando para casa. "Quando viram nossa frota tão rica e bem equipada, sentiram tanta vergonha que não ousaram se mostrar", escreveu Villehardouin. Mas suas palavras soaram vazias.[28]

Em 23 de junho, a frota chegou à vista de Constantinopla, cuja vista era tão magnífica quanto sempre. Um Villehardouin boquiaberto maravilhou-se com as "altas muralhas e torres fortes... e os ricos palácios e igrejas imponentes".[29]A Rainha das Cidades havia sido mal governada sob os regimes indolentes dos irmãos Angelos, mas ainda era a metrópole mais enorme e bem defendida a oeste de Bagdá, bem como a mais sagrada a leste de Roma, com as relíquias de quase 500 santos cristãos em suas muitas igrejas.[30]Villehardouin percebeu a enormidade do que os cruzados haviam concordado em fazer. "Não havia homem ali com tamanha ousadia que não fizesse sua carne tremer", escreveu ele. "E não era de se admirar, pois nunca houve um empreendimento tão grandioso empreendido por qualquer povo desde a criação do mundo."[31]

*

Ao chegar a Constantinopla, Dandolo aconselhou os cruzados a não atacarem imediatamente, mas sim a esperarem um pouco e saquearem as ilhas próximas em busca de provisões. Eles seguiram o conselho, e a quinzena seguinte transcorreu em uma espécie de guerra de fachada. Mas em 10 de julho, a grande empreitada começou, com um desembarque anfíbio vindo do Bósforo e um ataque ao subúrbio de Gálata, onde uma fortaleza controlava a grande cadeia que selava o Corno de Ouro, a enseada que dava acesso ao trecho oriental das muralhas marítimas de Constantinopla e às defesas terrestres que se estendiam ao sul do Palácio de Blaquerna. A resistência armada das tropas gregas enviadas pelo imperador Aleixo III rapidamente se dissipou. No mar, as galés venezianas

varreu um esquadrão de trirremes gregas, enquanto em terra uma grande divisão de soldados de infantaria e cavalaria desembarcou e forçou a entrada em Gálata, onde baixou a corrente e permitiu que toda a frota entrasse no Corno de Ouro. O jovem pretendente Aleixo foi exibido diante dos cidadãos curiosos que espiavam do alto das muralhas de Constantinopla. A reação esmagadora à sua chegada foi de desprezo.

Na semana seguinte, os cruzados desembarcaram seus navios, montaram um acampamento e montaram máquinas de cerco. Então, em 17 de julho, iniciaram uma "batalha horrenda... repleta de gemidos de ambos os lados".[32]Os franceses usaram aríetes para destruir as muralhas ao redor do imponente Palácio de Blaquerna, lutando contra soldados gregos nativos, mercenários pisanos e membros da Guarda Varegue portando machados de batalha. Os venezianos atacaram a cidade a partir da água. Ao fazê-lo, proporcionaram uma das cenas mais famosas da história das cruzadas. Ao som das trombetas de batalha, o idoso e cego Dandolo subiu na proa de sua galé coberta de vermelho, com a bandeira veneziana exibindo um leão alado de São Marcos tremulando atrás dele. Então, as galés encalharam, despejaram suas tripulações e iniciaram um ataque à costa.

Enquanto isso, os navios de transporte maiores, revestidos com peles de boi para torná-los resistentes ao fogo grego, navegavam o mais perto possível das defesas marítimas; prendiam-se às muralhas com ganchos de escalada e, em seguida, içavam escadas de escalada dos mastros dos navios até as muralhas. Essas escadas formavam "pontes voadoras" altas e precárias, por onde atacantes com apreço por alturas podiam correr e tentar escalar as torres da cidade. Usando-as, as tropas venezianas e francesas "enfrentaram os defensores nas torres e os derrotaram facilmente".[33] Tendo assegurado uma parte da muralha, eles atearam fogo às casas abaixo dela, iniciando um incêndio que destruiu uma faixa do bairro norte da cidade, do Palácio de Blaquerna ao mosteiro de Evergetes, a quase 3 km de distância. Ao cair da noite, a cidade estava repleta de chamas, gritos e berros furiosos da população, indignada por Aleixo III não ter conseguido defendê-los. Aleixo, no entanto, decidiu que já tinha visto o suficiente. Quando a escuridão caiu, ele reuniu 450 quilos de ouro e todo o tesouro que seus servos conseguiram carregar e fugiu. Na manhã seguinte, seu irmão cego Isaac foi tirado da prisão e restaurado ao trono que havia perdido oito anos antes. Doze dias depois, em 1º de agosto, os cruzados enviaram o filho de Isaac, Aleixo, à cidade, onde foi coroado coimperador, assumindo o nome real de Aleixo IV.

A queda de Constantinopla foi aclamada pelos cruzados como um milagre. Contra todas as probabilidades, e apesar de suas dissensões e inseguranças, Deus sorriu para eles. O Conde Hugo de St. Pol, ainda pensando nos termos cavalheirescos encorajados cinco anos antes por Inocêncio III, escreveu para casa para se gabar de suas realizações. "Se alguém deseja servir a Deus... e deseja ostentar o distinto e brilhante título de 'cavaleiro'", escreveu ele, "que tome a cruz e siga o Senhor, e que venha ao torneio do Senhor, para o qual é convidado pelo próprio Senhor."[34]Mas o bom humor de Hugo logo se dissiparia. A cruzada estava longe de terminar.

*

Dois problemas imediatos enfrentaram os coimperadores e os cruzados que os haviam restaurado ao poder. Primeiro, os cidadãos de Constantinopla estavam à beira de um motim. Segundo, o tesouro imperial não continha os 200.000 marcos de prata que o jovem Aleixo IV havia prometido. Não demorou muito para que os problemas voltassem a se formar. Em 19 de agosto de 1203, revoltas eclodiram contra cristãos latinos na cidade, estimuladas pela política desesperada dos imperadores de saquear igrejas em busca de ícones e ornamentos religiosos para serem derretidos a fim de pagar os cruzados. Em retaliação, um grupo de ocidentais, liderado por venezianos, atacou uma mesquita que servia aos muçulmanos em Constantinopla sob proteção imperial. Logo, as revoltas se transformaram em batalhas de rua e, mais uma vez, os cruzados escolheram o fogo como sua melhor defesa. Uma conflagração ainda maior se iniciou, devastando toda a cidade, "de mar a mar", destruindo mais de 1,6 km² de templos e palácios antigos, casas e monumentos públicos, mercados e tribunais, e ameaçando tanto a Hagia Sophia quanto o hipódromo. Foi, escreveu Nicetas Coniates, simplesmente "horrível".[35]

Igualmente horrenda era a situação em que o novo imperador Aleixo IV ainda se encontrava. Incapaz de pagar a taxa dos cruzados, mas com considerável potencial para sua assistência militar enquanto lançava incursões nas terras ao redor de Constantinopla para impor sua autoridade à Trácia e ao império em geral, ele os havia contratado para permanecer acampados do outro lado do Bósforo, sob seu comando, até abril de 1204. Mas quanto mais tempo os cruzados permaneciam sem recompensa, mais agitados ficavam. Quando o inverno chegou, os pagamentos aos franceses e venezianos haviam secado e

As relações haviam se rompido completamente. Em um encontro tempestuoso entre Dandolo e Aleixo no porto, em dezembro de 1203, o doge alertou o imperador de que sua ingratidão e sua duplicidade estavam levando todos a sérios problemas. Aleixo tentou se livrar dele e Dandolo ficou furioso. "Nós o arrastamos para fora do monturo, e no monturo o jogaremos de novo!", gritou.[36]Ele não estava brincando.

Os acontecimentos passaram a se desenrolar rapidamente. Uma tentativa, no dia de Ano Novo de 1204, de incendiar a frota veneziana no porto do Corno de Ouro deixou claro que a guerra se aproximava. Enquanto isso, dentro da cidade, a oposição aos imperadores que literalmente haviam levado os bárbaros aos portões transbordava com constantes ultrajes contra a ordem pública. Dentro do palácio, uma facção de oposição, incluindo membros da Guarda Varangiana, começou a se reunir em torno do nobre Aleixo Ducas "Mourtzouphlos" (seu apelido se referia às suas sobrancelhas estranhamente salientes). E no final de janeiro, quando o imperador Isaac morreu, provavelmente de causas naturais, Mourtzouphlos aproveitou a oportunidade. Ele e seus apoiadores prenderam Aleixo IV e o jogaram nas masmorras do palácio, acorrentado pelos tornozelos. Os cruzados, liderados por Dandolo, enviaram mensagens cada vez mais furiosas exigindo a libertação de seu aliado rebelde e o cumprimento de suas obrigações – idealmente na forma dos 100.000 marcos ainda pendentes em sua conta. Em resposta, na noite de 8 para 9 de fevereiro, Mourtzouphlos mandou estrangular Aleixo e – segundo os rumores que chegaram a Balduíno de Flandres no acampamento dos cruzados – estripou pessoalmente o jovem com um gancho de ferro. Ele tomou a coroa imperial para si, como Aleixo V Ducas, e enviou aos cruzados uma mensagem direta: se eles não "partissem e desocupassem suas terras" dentro de uma semana, ele "mataria todos eles".[37]

Como imperador, Mourtzouphlos tomou providências urgentes para reparar e melhorar as já consideráveis defesas de Constantinopla, pois percebeu que a guerra estava iminente. Ambos os lados passaram grande parte da Quaresma se armando e se convenceram da inevitabilidade da vitória. Pouco mais podiam fazer: com a morte de Aleixo, os cruzados só podiam extrair os pagamentos que ele havia prometido em Zara à força letal; Mourtzouphlos só poderia assegurar seu trono provando que era capaz de defender a capital imperial.

A luta começou na sexta-feira, 9 de abril de 1204. Os venezianos imediatamente tentaram repetir o truque de escalar as muralhas e torres da cidade com pontes voadoras, mas a tarefa não foi tão fácil quanto no ano anterior. As torres foram reforçadas, o vento soprava contra seus navios e,

de

Dentro da cidade, veio uma saraivada de fogo grego e enormes pedras arremessadas por catapultas. Parecia não haver esperança de encontrar uma saída. Os cruzados foram forçados a recuar e se reagrupar. Durante um fim de semana passado no acampamento, pregadores asseguraram-lhes a justiça da causa. Mas, no topo das muralhas, os defensores bizantinos "começaram a vaiar e gritar vigorosamente", abaixando as calças e balançando as nádegas com desprezo.[38]

Infelizmente para os alegres marinheiros de nádegas à mostra, na tarde de segunda-feira, 12 de abril, o vento mudou de direção e seus gritos cessaram abruptamente. Agora, as tripulações venezianas conseguiram navegar com seus navios diretamente até as muralhas da cidade. Dois navios – o Paraíso e o Peregrino – estavam amarrados um ao outro com pontes voadoras projetando-se de seus poderosos mastros. Por fim, os cruzados invadiram a cidade em grande número. O primeiro homem nas muralhas, um veneziano, foi massacrado por machados varegues. Mas atrás dele vinham muitos atacantes para os bizantinos conterem. Enquanto bandeiras francesas e venezianas eram hasteadas acima das torres, lá embaixo um buraco foi aberto nas muralhas, em um portão de tijolos. A sorte estava lançada. Quando a escuridão caiu, Constantinopla estava à beira do colapso.

Agora, não pela primeira vez, um imperador bizantino fugia. Na calada da noite, Aleixo V atravessou o Bósforo em um barco de pesca e abandonou a cidade à sua própria sorte. Quando amanheceu e os nobres e comandantes militares restantes perceberam o que havia acontecido, enviaram o clero mais antigo da cidade para implorar por uma rendição pacífica. Eles assobiavam ao vento. Os cruzados tinham vindo a Constantinopla em busca de riquezas. Acamparam do lado de fora de suas muralhas por quase um ano, com a promessa de que a recompensa viria. Agora, eles abraçariam a oportunidade de saquear a cidade mais rica do oeste.

Elogiando a terrível destruição que os venezianos e franceses causaram em Constantinopla durante os dias após sua queda em 13 de abril, Gunther de Pairis escreveu:

> Invada! Agora, honrado soldado de Cristo, invada! Invada
> a cidade que Cristo deu ao conquistador. Imagine Cristo,
> sentado num jumento manso,
> O Rei da Paz, radiante em semblante, liderando o caminho.
> Você luta as batalhas de Cristo. Você executa a vingança de
> Cristo, Pelo julgamento de Cristo. A vontade Dele precede o
> seu ataque.[39]

Isso foi comovente para o seu público, sem dúvida. Mas, enquanto outro cronista, o orgulhoso grego Nicetas Coniates, observava a queda de sua cidade, ficou impressionado com a terrível banalidade do saque. Não houve presságios divinos, escreveu ele: nenhuma chuva sangrenta ou pedras em chamas caindo do céu. Houve apenas muito crime. "No dia em que a Cidade caiu, os saqueadores se alojaram nas casas espalhadas por todas as direções, apreenderam tudo o que havia dentro como pilhagem e interrogaram seus donos sobre o paradeiro de tesouros escondidos, espancando alguns, mantendo conversas gentis com muitos e usando ameaças contra todos."[40] Estupros, roubos, incêndios criminosos e sacrilégios eram comuns. Centenas de relíquias sagradas, incluindo o sudário em que Cristo havia sido envolto, a cabeça preservada de seu irmão e o manto da Virgem Maria, foram levados como recompensa.[41]Entre os tesouros apreendidos pelos saqueadores venezianos estavam quatro belas estátuas de bronze de cavalos, criadas no século II ou III d.C., que foram roubadas do hipódromo e enviadas de volta a Veneza, onde ainda estão orgulhosamente expostas na Basílica de São Marcos. Coniates viu seus vizinhos em ruínas, parados ao redor, "com a pele pálida, rostos cadavéricos e olhos injetados, derramando mais sangue do que lágrimas".[42]Na Basílica de Santa Sofia, uma prostituta do acampamento dos cruzados sentou-se no trono do patriarca e dançou ao redor do altar. A capital de Bizâncio havia caído e, com ela, o próprio império grego não existia mais.

*

Aleixo V não sobreviveu muito tempo após fugir de sua cidade: no outono de 1204, foi capturado, cegado, levado de volta a Constantinopla e lançado à morte como traidor da Coluna de Teodósio, no antigo fórum romano. A essa altura, um novo imperador havia sido escolhido: Balduíno de Flandres foi elevado ao posto de Balduíno I, o primeiro imperador latino de Constantinopla. Balduíno foi eleito depois que Enrico Dandolo recusou o cargo, e teve a modéstia de tentar recusar a nomeação. Mas em 16 de maio, foi coroado. Era um resultado dificilmente previsível quando tomou a cruz pela primeira vez, quatro anos antes, mas o Senhor agiu de maneiras misteriosas.

Dandolo, tendo recusado uma coroa imperial para permanecer como doge, escreveu a Inocêncio III em 1205 para relatar sua versão dos acontecimentos. Inocêncio, furioso, mas impotente, absolveu os cruzados de seus crimes, mas Dandolo sabia que o papa não estava satisfeito com sua cruzada, anunciada como um torneio.

contra os infiéis, transformou-se em perseguição aos companheiros cristãos. Inocêncio recusou-se a permitir que o doge considerasse seu voto de cruzado completo. Em protesto, Dandolo disse a Inocêncio que havia se tornado um cruzado para lutar por Jesus Cristo e pela Igreja Romana, e alegou que tudo o que havia feito, entre construir a frota que transportou os cruzados da quarta geração e destruir um império cristão que durou mais de 800 anos, havia servido a esse objetivo.[43]Ele minimizou sensatamente o fato de que os venezianos haviam se saído muito bem de sua devastação pelo oriente cristão. Quando os despojos da pilhagem de Constantinopla foram contabilizados, Veneza finalmente recuperou seu dinheiro.[44]

Refletindo sobre o terror e a carnificina, as chamas e o assassinato que foram infligidos a Constantinopla durante os eventos surpreendentes de 1203-1204, Nicetas Coniates jogou grande parte da culpa nos ombros de Dandolo. O antigo veneziano era, escreveu ele, "um trapaceiro astuto que se dizia mais sábio do que os sábios e, loucamente sedento de glória como ninguém, preferia a morte a permitir que os romanos escapassem da punição pelo tratamento insultuoso que dispensaram à sua nação".[45]Coniates pensou que todo o tórrido caso era um plano secreto arquitetado por Dandolo e uma conspiração de vilões na lagoa veneziana como vingança por insultos que datavam das décadas de 1170 e 1180 — quando muitos dos que participaram ainda eram crianças.[46]

Independentemente de ser justo ou não, no fim das contas, era difícil julgar a Quarta Cruzada – forjada e facilitada por Veneza e seu doge Dandolo – como algo além de um desastre que perverteu todos os princípios do movimento cruzado: esculpir um novo estado latino em território cristão, causar danos terríveis a uma das maiores cidades da cristandade, arrastar a reputação dos cruzados para a lama e enriquecer, em vez de atormentar, os aiúbidas. Enquanto Constantinopla ardia em chamas, Alexandria permaneceu intocada, enquanto Damasco, segundo o cronista islâmico Abu Shama, foi ativamente embelezada com mármore saqueado de igrejas em Constantinopla e vendido a comerciantes muçulmanos nos mercados sírio e egípcio.[47]É verdade que os cruzados agora tinham uma base para lançar ataques à costa síria. Mas, apesar de todo o sangue derramado e do dinheiro gasto, eles falharam completamente em sequer ameaçar o Egito, quanto mais Jerusalém.

*

Um ano após a queda de Constantinopla, Enrico Dandolo ainda estava no novo Império Latino, que estava – talvez previsivelmente – sob ataque de todos os lados. Fiel à sua personalidade, ele se envolveu em mais esquemas: comprou o direito de conquistar a ilha de Creta, juntamente com um punhado de dívidas incobráveis, de Bonifácio de Montferrat, e garantiu a Veneza uma boa parte da divisão de Bizâncio que ocorreu com a dissolução da Quarta Cruzada. Na partilha, Veneza reivindicou propriedades valiosas ao longo do litoral de Bizâncio, de Durazzo ao Peloponeso, incluindo as ilhas de Corfu e Cefalônia. O próprio Dandolo recebeu o título estranho, mas não impreciso, de "senhor de três oitavos do Império Romano".

Ele estava ocupado defendendo três oitavos de um império e auxiliando Balduíno em suas guerras para subjugar os gregos enfurecidos e exilados quando morreu, aos 98 anos. Sua morte foi agonizante: os rigores da campanha o deixaram com uma hérnia, na qual parte de seu intestino cedeu e se alojou em sua virilha, causando uma infecção fatal. Ele foi enterrado em Constantinopla, na Basílica de Santa Sofia – a única pessoa a ser sepultada ali. O antigo doge havia garantido que seu nome e o de Veneza seriam para sempre lembrados na história das cruzadas e dos assuntos do grande império cristão do Oriente. Ele desafiou bravamente sua deficiência física e sua decrepitude, e sua liderança pragmática e valor pessoal intrépido eram inquestionáveis. No entanto, no final, Dandolo usou seus talentos para um fim totalmente desonroso, desempenhando um papel importante em um episódio terrível que, mesmo para os padrões cruéis da era das cruzadas, merecia completamente o epíteto lançado contra ele por Coniates: "ultrajante".[48]

[*] Numa época em que as moedas cunhadas em outras partes do mundo mediterrâneo — dos reinos do Ocidente a Bizâncio e aos estados aiúbidas — estavam perdendo drasticamente seu conteúdo de metais preciosos, a introdução do grosso foi um golpe de gênio econômico, que fez do dinheiro veneziano a moeda mais confiável e desejável para o comércio internacional.

[†] Apesar de severamente desaprovados pela igreja por sua violência endêmica e celebração de vaidades seculares, os torneios eram uma expressão vital da cultura cavalheiresca na virada do século XIII. Os torneios da época tinham elementos românticos e eram ocasiões sociais animadas, mas também eram eventos perigosos: batalhas simuladas e sangrentas travadas entre enormes equipes de cavaleiros por quilômetros de campo aberto, nas quais ossos eram quebrados e, às vezes, vidas perdidas. Ver Barber, Richard e Barker, Juliet, Tournaments: Jousts, Chivalry and Pageants in the Middle Ages (Woodbridge, 2000), pp. 13–27.

‡ Abrir caminho para Jerusalém por meio de conquistas no Egito foi uma política proposta, mas não concretizada, por Ricardo Coração de Leão. Os cruzados também tiveram que considerar o fato de que o reino de Jerusalém havia concordado com uma trégua de longo prazo com os aiúbidas, o que tecnicamente impedia um ataque direto a Jerusalém, mas não cobria os ataques dos cruzados ao Egito.

21

Inimigos internos

Feridas que não respondem à cura de cataplasmas devem ser lancetadas com uma lâmina…

Longe do fogo e da fúria de Constantinopla, no miserável inverno báltico de 1205-1206, Alberto, bispo de Riga, encenou uma peça de mistério. Como meio de divulgação da palavra de Deus entre o povo comum da cristandade, as peças de mistério podiam ser muito eficazes. Atores assumiam os papéis de personagens de histórias bíblicas e recriavam os eventos milagrosos da história divina, acompanhados de comentários ou canções. As peças de mistério eram uma forma colorida e dramática para as massas analfabetas absorverem os eventos e mensagens da Bíblia e eram populares em toda a Europa. Mas o bispo Alberto – um prelado ambicioso, mas incorrigivelmente ganancioso, com um instinto mais forte para a diplomacia e a arte de governar do que para o cuidado das almas – viu uma utilidade particular para elas em seu recém-estabelecido bispado de Riga, um antigo porto comercial na região fronteiriça do Báltico: não apenas para entreter e educar os fiéis, mas para envolver aqueles que nunca tinham ouvido ou se importado com a palavra de Cristo.

Tribos pagãs do Báltico, c.1100

A peça encenada por Alberto em 1205-6 foi em benefício de um povo pagão conhecido como os Livs. Os Livs faziam parte de um grande grupo de tribos fínicas que habitavam uma região do nordeste do Báltico, ao redor do Golfo de Riga, conhecida como Livônia (aproximadamente equivalente à Letônia moderna). Segundo um poeta e cronista cristão, os Livs eram "pagãos arrogantes" cujo grande objetivo na vida era "tomar as vidas e os bens dos cristãos".[1] Mas outro cronista, Arnaldo de Lübeck, descreveu a Livônia como "abundante em riquezas" e "nunca carente de servos de Cristo e plantadores da nova Igreja". A extensão de terras não cristianizadas que se estendia entre os senhorios alemães e o reino cristão ortodoxo da Rus' – compreendendo as modernas Estônia, Letônia e Lituânia – era fértil e produtiva, rica em peles, cera, madeira, peixes e âmbar, e altamente atraente para comerciantes empreendedores e clérigos ambiciosos que buscavam expandir suas dioceses. O único problema era a

pessoas que viviam lá. Os livs e suas tribos vizinhas – os letões e estonianos ao norte e os selônios, semgalianos e lituanos ao sul – eram, na melhor das hipóteses, mornos em receber a palavra do Senhor e se submeter aos impostos e à disciplina da Igreja Romana. Sob coação, eles podiam se converter, se isso significasse salvar suas vidas ou fechar um acordo de curto prazo com milícias cristãs para atacar uma tribo rival. Mas mesmo nessas circunstâncias, os livs geralmente renunciavam a Cristo assim que surgia a oportunidade, pulando no rio mais próximo para lavar a mancha do batismo. O Bispo Alberto estava determinado a mostrar-lhes o que estavam perdendo.

Infelizmente para Alberto, sua peça de mistério foi mal recebida. Segundo o cronista Henrique da Livônia, um padre missionário que escreveu sua versão dos eventos no Báltico algumas décadas depois, a história encenada pelos atores de Alberto era muito próxima do ideal para o gosto de seu público pagão. Durante anos, os Livs sofreram ataques anuais em seu território por guerreiros cristãos da Alemanha e da Escandinávia, buscando convertê-los à força. Eles sabiam que aqueles que vinham cristianizá-los também vinham para saquear, massacrar, expulsar o gado, queimar plantações e demolir casas – e, embora tenham lutado com a mesma ferocidade com que foram atacados, a experiência foi, sem dúvida, traumática. Recentemente, os invasores foram liderados por membros rudes de uma nova ordem militar chamada Irmandade da Cavalaria de Cristo na Livônia – ou simplesmente Irmãos da Espada. Eles foram fundados pelos cavaleiros da casa de Alberto em 1202. Os Swordbrothers usavam uniformes inspirados nos dos Templários — mantos brancos adornados com uma cruz vermelha e uma espada — e viviam vidas comparativamente austeras, coabitando em quartéis com correntes de ar, comendo repolho e dedicando suas vidas à oração e à matança em medidas aproximadamente iguais.[2] De acordo com um escritor desaprovador, os Swordbrothers eram criminosos "que esperavam viver por conta própria, sem lei ou rei".[3] Seu principal objetivo era garantir a conversão ou erradicação dos Livs e de outros povos pagãos, e assegurar sob o domínio cristão o vale do rio Dvina (Daugava), que desaguava no mar em Riga. Os Irmãos da Espada realizavam seu trabalho com eficiência sangrenta, subindo o vale do Dvina quilômetro por quilômetro, intimidando ou subornando pelo caminho, construindo fortalezas e torres de vigia em antecipação aos colonos cristãos, monges cistercienses e padres missionários que os seguiam.

Os Livs que foram persuadidos a assistir à peça de mistério do Bispo Alberto já estavam, portanto, mal-intencionados com sua mensagem. Eles detestavam especialmente as cenas sangrentas de batalha da peça, que retratavam o exército de Gideão lutando contra os midianitas.[4]Este choque de espadas foi inspirado em eventos do Livro dos Juízes, no Antigo Testamento, e foi recriado pela trupe do bispo com muito entusiasmo. Para os Livs reunidos, a visão de 300 guerreiros sagrados golpeando indiscriminadamente em nome de seu Deus foi uma dolorosa lembrança de incidentes que haviam vivenciado na vida real. Só recentemente chegaram rumores do sul, sugerindo que cinquenta mulheres lituanas se enforcaram em desespero após seus maridos serem mortos por cristãos.[5]O pânico se espalhou e, antes que a peça pudesse terminar, o público fugiu.

*

Em Roma, o Papa Inocêncio III sabia pouco sobre as especificidades das peças de mistério e dos Livs. Mas ele compreendia bem o suficiente, e aprovava de todo o coração, o fato de que nas frias franjas do nordeste da Europa uma guerra santa estava ocorrendo contra os descrentes. Claro, não era nenhuma novidade. Desde os ataques às Wends em 1147, aspirantes a cruzados no norte da Alemanha tinham permissão para substituir uma difícil jornada para lutar contra muçulmanos na Palestina, Egito ou Espanha por batalhas contra pagãos mais próximos de casa – desde que alegassem estar defendendo cristãos convertidos da opressão.

Isso continuou sendo uma peça tão tênue de ginástica teológica quanto sempre fora, mas sessenta anos de atividade militar foram suficientes para justificar as cruzadas com base na tradição. E um dos primeiros atos de Inocêncio como papa foi garantir que isso continuasse. No primeiro ano de seu papado, ele confirmou que qualquer pessoa que realizasse uma peregrinação para proteger os cristãos livônios recém-convertidos poderia se considerar um cruzado, com todos os benefícios espirituais inerentes. Ele reconfirmou a concessão em 1204 e o faria novamente em 1215, quando encorajou os cristãos no Báltico a se lançarem "contra os bárbaros para lutar pela nova implantação da fé cristã".[6] Em 1209, ele escreveu ao Rei Valdemar II da Dinamarca, instando-o a "confundir com seus ídolos a imundície dos pagãos. Lute esta batalha com bravura e firmeza, como um cavaleiro ativo de Cristo".[7]O apoio entusiasmado de Inocêncio às cruzadas no Báltico ajudou a promover uma comunidade local popular

crença de que Livônia de alguma forma representava a terra prometida e estava especificamente sob o patrocínio e proteção da Virgem Maria.[8]Logo, relatos de milagres começaram a chegar da linha de frente da campanha para limpar, colonizar e converter terras pagãs. Os mortos pararam de apodrecer. Os coxos aprenderam a andar novamente.

Em certo sentido, a Cruzada da Livônia e as expedições subsequentes contra os estonianos e outros pagãos foram apenas uma pequena parte de um longo esforço de senhores alemães, dinamarqueses e outros senhores escandinavos para estender seu poder sobre as terras bálticas não cristãs, muitas vezes às custas de rivais comerciais da Rússia e de outras partes do leste. Mas, no contexto do papado de Inocêncio III, as repetidas concessões de status de cruzado a guerreiros como os Irmãos da Espada da Livônia do Bispo Alberto representaram algo diferente e ainda mais ambicioso. Pois, sob a orientação de Inocêncio, as cruzadas tornaram-se não apenas uma questão de defender as fronteiras distantes entre o mundo cristão latino e os reinos do islamismo, mas também uma ferramenta política para coagir governantes seculares em todos os lugares a cumprir as ordens do papa. Durante seus dezoito anos como papa, Inocêncio proclamou seis cruzadas e inspirou uma sétima. Nenhuma delas chegou a Jerusalém.[9] De fato, a mais notória das cruzadas de Inocêncio (após o desastre da Quarta Cruzada a Constantinopla) ocorreu não a milhares de quilômetros de Roma, mas no reino da grande França, quando os recursos da igreja foram direcionados e os guerreiros cristãos foram incitados contra uma seita conhecida como os albigenses, ou cátaros.

*

Os cátaros, ao contrário dos vivos ou dos estonianos, não eram pagãos. Em vez disso, eram hereges que, aos olhos da igreja, haviam se desviado dos ensinamentos de Cristo para adotar um conjunto tolo e pervertido de crenças sobre as origens do mundo e a natureza da divindade. O catarismo era um sistema de crenças dualista cristão, que sustentava que, além de um Deus benevolente, havia outro Criador, maligno, identificado com Satanás ou com o Deus do Antigo Testamento. Enquanto o Deus bom era responsável por todas as coisas espirituais, o mundo físico cruel e pecaminoso era obra de Satanás. O catarismo surgiu em parte dos ensinamentos da igreja de Bogomil, que surgiu nos Bálcãs bizantinos a partir do século X e enviou missionários para a Renânia, sul da França e Itália entre as décadas de 1140 e 1160. Mas o catarismo não era simplesmente

Bogomilismo no exílio. Quando a heresia se enraizou nos domínios do Ocidente cristão, já havia se tornado um fenômeno peculiar.

Os cátaros (nome derivado do grego katharos, que significa "puro" ou "limpo") acreditavam que anjos caídos, roubados do céu pelo Deus maligno, estavam presos em corpos corruptos, dos quais só poderiam ser libertados pela estrita observância da doutrina cátara e, em última análise, pela participação em um rito cerimonial conhecido como consolamentum (conforto), uma forma de batismo adulto após o qual a alma do candidato era considerada libertada, e ele ou ela se tornava um dos membros da classe sacerdotal conhecida como perfecti (ou, no caso das mulheres, perfectae). Esperava-se que os cátaros comuns (credentes ou crentes) vivessem de acordo com os ritos e ensinamentos da igreja cátara, que era tão hierárquica quanto a igreja romana, mantendo anciãos e acólitos semelhantes a bispos (conhecidos como filhos mais velhos e mais novos), observando ritos como confissão de pecados, bênção de alimentos, pregação e oração. A maioria dos credentes só tomava o consolamentum quando estavam próximos da morte, porque os perfecti e perfectae viviam vidas ascéticas intensas e impraticáveis, pelo menos tão duras quanto as dos monges cistercienses mais rigorosos. A pouca comida que consumiam era estritamente vegetariana; abstinham-se de qualquer contato sexual e abominavam a gravidez e o parto. Nesse sentido, faziam parte de um movimento mais amplo, na virada do século XIII, em direção a ordens de vida que se concentravam na pobreza extrema, na pregação e na abnegação: outros grupos no espectro incluíam os valdenses (seguidores de Pedro Valdo de Lyon, que foram declarados heréticos e cruelmente perseguidos), os humiliati (uma ordem de pregadores pobres do norte da Itália, vistos com desconfiança pelas autoridades da Igreja, mas não reprimidos) e os franciscanos (frades errantes que seguiram o exemplo do filho do piedoso comerciante, São Francisco de Assis, e foram calorosamente acolhidos pela Igreja após 1209).

No cerne da crença cátara, havia uma aversão institucionalizada ao corpo humano. As implicações teológicas disso tornavam impossível para um cátaro acreditar que Jesus Cristo pudesse ter sido a encarnação viva do Deus bom; também tornava impossível tomar a Eucaristia. Isso era tão herético quanto possível – e os cátaros se colocavam ainda mais distantes do cristianismo tradicional por seu desprezo manifesto pela aparente mundanidade, avareza e corrupção da Igreja Romana, e sua propensão proibida de traduzir textos religiosos, incluindo a Bíblia Vulgata, do latim para as línguas vernáculas. No entanto, esta não era uma seita secreta: os cátaros perseguiam seus erros à vista de todos, com

residências para aperfeiçoamento, grupos de estudo e adoração para crentes e cemitérios para seus mortos.[10]

No Terceiro Concílio de Latrão — um grande parlamento da igreja reunido em Roma em 1179 — o catarismo foi descrito como uma "heresia repugnante", "maldade", "erro" e "pecado".[11]Mas nem os insultos oficiais nem as missões de pregação realizadas pelos monges cistercienses conseguiram impedir que o catarismo criasse raízes entre as pessoas comuns em toda a Europa Ocidental, particularmente em regiões onde o poder secular era contestado ou fraco; seus centros eram as regiões de Midi e Languedoc, no sul da França, dentro e ao redor de cidades como Toulouse, Carcassonne e Albi — de onde derivou o nome "albigense".

Uma das prioridades de Inocêncio como papa era derrotar o catarismo e outras heresias e restaurar a unidade e a ortodoxia da Igreja. Durante os primeiros cinco anos de seu reinado, ele manteve uma campanha implacável contra bispos seniores em todo o Ocidente, acusando-os de negligência em farejar hereges que estavam "enredando inúmeras pessoas com suas armadilhas e... corrompendo-as com o fermento da falsidade".[12]Quando isso não produziu resultados aceitáveis, Inocêncio decidiu recorrer ao instrumento contundente das classes guerreiras. Em 1207, escreveu a Filipe II da França, dizendo-lhe que "a perversidade da heresia... dá origem continuamente a uma ninhada monstruosa... e emerge uma sucessão detestável de criminosos". Ele havia tentado, disse Inocêncio, argumentar com os hereges. Mas "feridas que não respondem à cura com cataplasmas devem ser lancetadas com uma lâmina".[13]

*

A raiva de Inocêncio em relação aos hereges e sua frustração pelo fato de poucos ao seu redor parecerem compartilhá-la podem ser medidas em uma carta que ele enviou aos cidadãos de Viterbo, na Itália central, quando em 1205 eles elegeram vários cátaros para o conselho da cidade:

> Se a terra se levantasse contra ti, e as estrelas do céu revelassem a tua iniquidade e manifestassem as tuas manchas ao mundo inteiro... de modo que não só os humanos, mas também os próprios elementos se unissem para a tua destruição e ruína, e te eliminassem da face da terra... mesmo esse castigo não seria suficiente. Tu apodreceste nos teus pecados, como um animal no seu esterco... cremos que o próprio Senhor está tomado pela náusea.[14]

Ele enviou uma missiva particularmente severa ao Conde Raymond VI de Toulouse (bisneto do famoso líder da Primeira Cruzada que havia estabelecido o condado de Trípoli no leste), na qual criticava duramente o conde por permitir que a heresia florescesse em seus territórios: "Que orgulho incha seu coração, que loucura o captura, ó homem pestilento?"[15]

No entanto, até 1208, parecia que Inocêncio era uma voz solitária, clamando em um deserto herético. Embora tenha oferecido privilégios de cruzada a cavaleiros que ajudassem a fazer justiça aos cátaros e outros hereges no sul da França, e aprovado leis em terras governadas diretamente pelo papado, ordenando que as casas dos hereges fossem demolidas e todos os seus bens confiscados, a intransigência de governantes como Raimundo de Toulouse tornou sua tarefa impossível. Raimundo não era cátaro – era patrono dos Cavaleiros Hospitalários e um seguidor pessoalmente ortodoxo dos ritos romanos. Mas muitas das famílias baroniais menores que compunham a sociedade fundiária do condado de Toulouse eram de fato credentes ou patronas da igreja cátara, e havia muito pouco que Raymond pudesse fazer para reverter essa tendência, mesmo depois de ter sido excomungado duas vezes, em 1207 e 1208. Raymond não poderia ter erradicado o catarismo em Toulouse mesmo se quisesse fazê-lo — e ele não apreciava a maneira autoritária com que as cartas e mensageiros da corte de Inocêncio tentaram convencê-lo a fazer isso.

Então, nos primeiros dias de 1208, um único ato violento proporcionou ao papa a abertura de que precisava. Em 13 de janeiro, um legado papal, Pedro de Castelnau, encontrou-se com o Conde Raymond na abadia de St-Gilles para implorar ao conde que atendesse à agenda papal. Raymond, como de costume, não lhe deu atenção, e os dois homens discutiram amargamente, trocando insultos antes de se separarem. Tendo partido para casa naquela noite, Pedro acampou durante a noite às margens do rio Ródano, a cerca de 16 km de St-Gilles. Na manhã seguinte, mal havia terminado de ouvir a missa quando um cavaleiro da comitiva de Raymond apareceu, atravessou-o nas costas com sua lança e fugiu, deixando Pedro para morrer na margem do rio. Demorou cerca de seis semanas para que a notícia desse ato selvagem chegasse a Inocêncio em Roma, e poucos dias para que Inocêncio declarasse Pedro de Castelnau um mártir, na tradição do arcebispo inglês assassinado Thomas Becket. O papa culpou Raimundo — a quem ele denunciou como um servo do diabo, "astuto, escorregadio e inconstante" — diretamente pela morte de Pedro.[16] E a partir deste ponto, as cartas de Inocêncio contra a heresia, enviadas aos grandes senhores e príncipes do Ocidente, tiveram um impacto real.

Os hereges e seus protetores haviam demonstrado sua verdadeira intenção, disse ele. Eram assassinos violentos e traiçoeiros, mais perigosos até que os sarracenos. "Os perversores de nossas almas também se tornaram os destruidores de nossa carne", criticou o papa. Era dever de todos os soldados cristãos se juntarem a ele para exterminá-los.

*

Em junho de 1209, uma força cruzada se reuniu em Lyon. Ela havia sido recrutada por pregadores cistercienses que trabalhavam nas regiões setentrionais da França, acima do rio Loire, tradicionalmente fértil território cruzado e uma região geográfica, cultural, linguística e temperamentalmente distante do Languedoc, de língua occitana, ensolarado e sensual. O exército – que inicialmente contava com talvez 5.000 cavaleiros e o dobro de outros – incluía veteranos da Terceira e Quarta Cruzadas e senhores como Odo, duque da Borgonha, e Henrique, conde de Nevers, que, apesar de se desprezarem, eram dois dos nobres mais poderosos da França. Ambos chegaram com a bênção do rei francês Filipe II Augusto, que, desde seu retorno de sua experiência desconfortável na Terceira Cruzada em 1191, havia dedicado seus esforços a impor o poder da coroa francesa em áreas do reino maior onde tradicionalmente ela havia sido fraca. Em 1204, ele expulsou o rei Plantageneta da Inglaterra, João, de quase todas as suas possessões francesas, restaurando assim à supervisão da coroa capetiana os ducados da Normandia e da Bretanha, os condados de Anjou, Maine e Touraine, e grande parte da Aquitânia. Languedoc, e o condado de Toulouse em particular, tradicionalmente eram outro bastião de resistência à soberania francesa; ao oferecer seu apoio tácito à cruzada de Inocêncio contra o Conde Raimundo, Filipe calculou corretamente que outra parte problemática de seu reino poderia ser posta em ordem.

Inconfundível e imperdível entre os vassalos de Filipe que se juntaram às fileiras dos cruzados estava Simão de Montfort, governante de um pequeno senhorio perto de Paris, centrado na floresta de Yvelines.[17] Este foi o mesmo Montfort que tomou a cruz no torneio de Écry de Teobaldo de Champagne em 1199, abandonou a Quarta Cruzada com grande indignação quando ela estava em Zara e cumpriu seus votos viajando independentemente para a Síria para fazer campanha contra

os aiúbidas. Montfort era fanaticamente piedoso, sanguinário e zeloso, um líder militar altamente capaz que conseguia galvanizar os homens atrás de si. Ele incutia o temor a Deus, literalmente, em seus inimigos. Pedro de les Vaux-de-Cernay, um monge cisterciense que conhecia bem Montfort e o acompanhou em suas aventuras cruzadas, descreveu-o como "alto, com uma cabeleira esplêndida e feições finas... ombros largos e braços musculosos... ágil e ágil de mãos e pés, rápido e ativo... eloquente na fala... de castidade impecável... ávido por iniciar uma tarefa, incansável em completá-la e totalmente dedicado ao serviço de Deus".[18] Observadores menos fascinados poderiam ter acrescentado que Montfort era teimoso e teimoso: um fanático e um bruto implacável, cuja severidade era excepcional até mesmo para os padrões de sua época. Montfort também nutria um complexo de inferioridade aristocrático: embora fosse, nas palavras de Pedro de les Vaux-de-Cernay, "de nascimento ilustre", o senhorio de Montfort era, na melhor das hipóteses, um patrimônio de segunda categoria, e sua reivindicação, por meio de sua mãe, a uma parte do prestigioso condado inglês de Leicester provou ser impossível de assegurar, dada a política turbulenta da Inglaterra e da França durante o reinado do Rei João.[*] Sua piedade, portanto, transformou-se em uma fome por propriedades e títulos de nobreza, e ele usaria sua participação na cruzada albigense para alimentar esse desejo.

Em 24 de junho, Montfort e os outros cruzados, incluindo o legado papal Arnaud Amaury, partiram de Lyon, descendo o Ródano, rumo à região cátara, para dar uma lição severa a Raimundo de Toulouse e aos hereges que ele protegia. Mas ficaram desconcertados ao saber, durante a viagem, que Raimundo havia se antecipado à sua chegada, fazendo as pazes com o papa. Em uma cerimônia na abadia de St-Gilles, o conde se desculpou por seus erros. Um legado papal o chicoteou cerimonialmente nas costas nuas antes de Raimundo ser exibido em público diante do caixão do assassinado Pedro de Castelnau. Temporariamente, pelo menos, a disposição do conde em se humilhar deteve os cruzados; eles decidiram, em vez disso, atacar o sobrinho e vizinho de Raimundo, de 24 anos, Raimundo-Roger Trencavel, visconde de Béziers e Carcassonne.

Os ataques cruzados a essas duas cidades, iniciados em 22 de julho, demonstraram as paixões violentas que Inocêncio havia despertado. Em Béziers, os cidadãos recusaram-se a entregar seus cátaros, tendo ouvido falar de queimadas sumárias de homens e mulheres suspeitos de heresia à medida que o exército se aproximava. Assim, após um curto cerco, a cidade foi tomada de assalto, e um massacre indiscriminado se seguiu, no qual mulheres, crianças e clérigos que haviam fugido para

As igrejas da cidade foram retiradas de seus esconderijos e massacradas. Arnaud Amaury relatou a Inocêncio que 20.000 pessoas haviam morrido, a grande maioria das quais claramente não eram cátaras. Mais tarde, o legado foi creditado com a infame frase: "Matem todos, Deus conhecerá os seus."

Após o incêndio de Béziers, os cruzados avançaram para Carcassonne. Lá, o Visconde Raymond-Roger armou todas as defesas que pôde, derrubando todos os moinhos dos subúrbios para impedir que os cruzados produzissem pão para se sustentarem durante um cerco e ordenando que as barracas das igrejas fossem desmontadas e a madeira usada como barricada. Mas isso foi tudo o que ele pôde fazer. Os cruzados chegaram em 1º de agosto e montaram suas estruturas de cerco. Vendo que a resistência era inútil, em 14 de agosto, Raymond-Roger ordenou aos cidadãos que saíssem e implorassem por misericórdia, vestidos humilde e penitentemente com suas camisetas, enquanto ele próprio se rendia. Ele foi preso e três meses depois morreu, ainda na prisão, de disenteria ou crime.[19]

*

Com Béziers ardendo e Carcassonne exposta para ser saqueada, os cruzados finalmente colocaram em prática todas as palavras furiosas que Inocêncio havia proferido contra a heresia e o catarismo durante a década anterior. Mas a cruzada estava longe de terminar. Pois, após a queda de Carcassonne, os cruzados elegeram Simão de Montfort como governante das terras confiscadas de Raymond-Roger e o líder secular formal da cruzada. Esses dois cargos estavam inextricavelmente ligados. A partir desse ponto, as ações contra os hereges e seus protetores no Languedoc foram impulsionadas pela agenda de Montfort, que se organizava em torno de dois temas principais. O primeiro era infligir o máximo de dor e terror possível àqueles que se haviam desviado da religião correta. O segundo era submeter sob seu próprio governo o viscondado que havia arrebatado do falecido Raymond-Roger e, então, começar a expandir seu poder para o condado de Toulouse.

Entre os verões de 1209 e 1211, Montfort perseguiu ambos os objetivos com determinação. Eficiência e crueldade eram suas palavras de ordem, e ele foi auxiliado em seus esforços por um habilidoso engenheiro de cerco, Guilherme, arquidiácono de Paris, renomado especialista na construção de catapultas.[20]Em Minerve, no verão de 1210, Montfort bombardeou as muralhas da cidade com uma catapulta

apelidado de "Mau Vizinho" — o mesmo nome que Filipe Augusto deu ao seu próprio trabuco durante o cerco de Acre em 1191. Quando as muralhas ruíram, o exército de Montfort "queimou muitos hereges, homens frenéticos de natureza maligna e mulheres loucas que gritavam entre as chamas... Depois, seus corpos foram jogados fora e lama foi jogada sobre eles para que nenhum fedor dessas coisas imundas incomodasse nossas forças estrangeiras".[21]Na primavera seguinte, quando Montfort tomou o castelo de Lavaur, um dos dois autores de A Canção das Guerras Cátaras escreveu que "houve uma matança tão grande que acredito que será comentada até o fim do mundo".[22] A senhora do castelo, Girauda, uma perfeita cátara, foi jogada em um poço e apedrejada até se afogar. Seu irmão, Sir Aimery, foi enforcado, juntamente com oitenta de seus cavaleiros; 400 dos supostamente hereges habitantes da cidade foram queimados vivos em um prado.[23]Em Castelnaudary, em setembro do mesmo ano, os cruzados derrotaram um exército combinado de Raimundo VI de Toulouse (que, apesar de sua penitência humilhante em 1209, havia sido novamente excomungado pelo papa) e do conde de Foix. No ano seguinte, castelos e cidades de todo o Languedoc se renderam.

A crueldade agora caracterizava a guerra de ambos os lados: os defensores do Languedoc patrulhavam as estradas em gangues, sequestrando cruzados perdidos e arrancando seus olhos ou cortando seus narizes. Um casal aristocrático, Bernardo de Cazenac e sua esposa Hélis, que simpatizavam com a causa cátara, amputaram as mãos e os pés de suspeitos simpatizantes de Montfort e cortaram os mamilos e os polegares de mulheres para torná-los inúteis para amamentação ou trabalhos manuais.[24] Mas essas táticas de terror não desanimaram Montfort. Sob seu comando, o número de cruzados oscilava com as estações: sua força às vezes era reduzida a não mais do que trinta cavaleiros, dependentes de pirataria para sobreviver. Mesmo assim, ele continuou a se mover firmemente pelo condado de Toulouse, caçando hereges e ampliando sua esfera de comando. Suas tropas mantinham o ânimo elevado entoando hinos piedosos como "Veni Creator Spiritus" enquanto sitiavam, queimavam e bombardeavam. Pedro de les Vaux-de-Cernay se mantinha ocupado compilando relatos dos milagres que lhes pareciam provar que Deus havia sancionado seus feitos.

*

No final de 1212, Inocêncio III começou a se cansar um pouco dos acontecimentos no sul da França. Apesar do reinado de terror de Montfort e da promulgação, em dezembro, dos Estatutos de Pamiers – um conjunto de leis que definia os direitos do povo que agora vivia sob seu comando, ao mesmo tempo em que instituía uma forma de apartheid nas terras conquistadas, no qual as pessoas eram divididas em hereges e não hereges e governadas de acordo – o catarismo não havia sido eliminado da face da Terra.[25]Mas a atenção do papa começava a se voltar para outras arenas das cruzadas. No verão, as consequências não intencionais de sua incessante pregação cruzada tornaram-se aparentes com o surgimento da chamada Cruzada das Crianças – na verdade, dois movimentos populares distintos, ambos incluindo grandes contingentes de jovens. Na Renânia, um pastor carismático chamado Nicolau de Colônia arrebatou milhares de apoiadores e os encorajou a segui-lo para o sul, através dos Alpes, até Gênova, onde prometeu que o mar se abriria e permitiria que cruzassem para o Egito, para que pudessem converter os muçulmanos. Enquanto isso, na França, outro jovem aldeão, Estêvão de Cloyes, de doze anos, convocou uma multidão com milagres e prometeu conduzi-los a Jerusalém. No final, Estêvão apenas conduziu seus seguidores de Paris a Marselha – uma longa jornada, sem dúvida, mas não exatamente uma viagem à Terra Prometida. Nicolau, por sua vez, liderou quase 7.000 pessoas até Gênova, marchando atrás de uma cruz em forma de T (tau), mas ficou perplexo ao descobrir que o Mediterrâneo não se abriria diante dele. Ele levou alguns dos "cruzados" alemães à corte papal, onde Inocêncio os presenteou com uma audiência antes de mandá-los para casa.

Ao mesmo tempo, Inocêncio também estava ocupado com a Espanha e Portugal, onde, desde o início de seu papado, tentava encorajar os cinco reis da Península Ibérica a se unirem e combaterem os almóadas, a austera seita berbere do norte da África que havia assumido o poder no sul da Espanha islâmica no lugar dos almorávidas. Em 18 de julho de 1195, perto de Calatrava (aproximadamente a meio caminho entre Toledo e Córdoba), o califa almóada Abu Yusuf Ya'qub al-Mansur infligiu uma derrota dolorosa conhecida como o Desastre de Alarcos (al-Arak) a um exército combinado de cavaleiros castelhanos e membros das ordens militares espanholas de Santiago e Évora. Os ganhos almóadas ameaçavam agora estagnar, ou mesmo reverter, o progresso da Reconquista; nas palavras de Ibn al-Athir, "a cristandade estava enfraquecida naquela época e a causa do islamismo na Andaluzia se fortaleceu".[26] Incutindo nos monarcas cristãos a importância de

Lutar contra os inimigos de Cristo, em vez de uns contra os outros, provou ser inesperadamente difícil, mesmo quando Inocêncio proclamou que os privilégios das cruzadas estavam disponíveis para todos que se juntassem à luta. Mas em 1212, finalmente houve um avanço. Em 16 de julho, na Batalha de Las Navas de Tolosa (al-'Iqab), um exército combinado castelhano-aragonês-navarro-português, reforçado com voluntários franceses e membros de várias ordens militares, surpreendeu e derrotou o novo califa almóada al-Nasir e uma grande força expedicionária de guerreiros berberes. A tenda e o estandarte de batalha do califa foram capturados e enviados a Inocêncio como troféu. Al-Nasir voltou às pressas para Marrakesh, onde foi assassinado. Aproveitar esse sucesso e usar seu ímpeto para reunir uma quinta grande cruzada para o leste tornou-se o principal objetivo do papa, para o qual ele estava preparando uma nova e importante bula de cruzada, que ficaria conhecida como Quia major ('Quantos').

Impedindo de forma incômoda esse renascimento das direções convencionais das cruzadas – contra califas almóadas e príncipes aiúbidas – estava Montfort, cujos avanços no sul da França começaram a incomodar potenciais aliados cruzados, principalmente o rei aragonês, Pedro II. Sempre ávidos por terras supostamente heréticas, as forças monfortianas haviam invadido os senhorios de Foix e Comminges, que se estendiam até os Pireneus e, portanto, deviam sua lealdade a Pedro, e não ao rei da França. O rei aragonês (que também era cunhado de Raimundo de Toulouse) queixou-se amargamente a Inocêncio, e o papa devidamente tentou colocar Montfort na linha, dizendo a ele e ao legado Arnaud Amaury que "vocês estenderam mãos gananciosas a terras que não têm má reputação de heresia... não parece crível que haja hereges nesses lugares".[27]Mas a resposta de Monfort, quando chegou, foi tão inflexível como sempre. Em 12 de setembro de 1213, ele encontrou Pedro II no campo de batalha de Muret, nos arredores de Toulouse, derrotou seu exército e o matou. "Grande foi a perda, a tristeza, o desastre", escreveu o autor de "A Canção das Guerras Cátaras". "Desonrou toda a cristandade, desonrou toda a humanidade."[28]Montfort não se importou. Com a morte de Pedro e o herdeiro de Aragão, Jaime I, ainda criança, ele continuou alegremente de onde havia parado: perseguindo hereges, canibalizando os territórios do conde de Toulouse e se estabelecendo como o primeiro senhor do sul francês. Inocêncio, que já havia publicado Quia major e se concentrava nos assuntos orientais, não teve outra escolha a não ser concordar. Montfort havia escapado de seu controle há muito tempo.

Em novembro de 1215, Inocêncio convocou um dos maiores sínodos da Igreja Ocidental: o Quarto Concílio de Latrão. Os principais objetivos deste encontro eram organizar a Quinta Cruzada, reformar e elevar o padrão de vida geral entre os clérigos latinos, oprimir os judeus e ordenar aos fiéis comuns da Igreja que tomassem a Eucaristia e se confessassem pelo menos uma vez por ano. O concílio também se esforçou para condenar os hereges à excomunhão. Mas, a essa altura, o interesse direto do papa no catarismo havia esfriado em relação ao calor intenso da década anterior, e a energia da cruzada albigense havia sido desviada de forma definitiva para a campanha de autoengrandecimento de Montfort. Pouco antes do concílio, Montfort finalizou a anexação da maior parte do condado de Toulouse, que Inocêncio aprovou formalmente. Em 1216, Montfort prestou homenagem ao Rei Filipe da França por Toulouse, trazendo assim o maior senhorio do sul profundo francês à obediência à coroa francesa pela primeira vez na história recente. Foi uma vitória para ambos, e uma vitória que havia sido assegurada explicitamente pela implementação radical da guerra santa, como reconheceu o amigo de Montfort, Pedro de Le Vaux-de-Cernay. "Todos os territórios dentro de seus domínios haviam sido conquistados pelos cruzados dos hereges e seus apoiadores."[29]

Simão de Montfort morreu, apropriadamente, enquanto inspecionava as muralhas de Toulouse durante um cerco em 25 de junho de 1218. A cidade havia sido ocupada pelo filho e sucessor de Raimundo VI de Toulouse – também chamado Raimundo (mais tarde Raimundo VII) – que não estava disposto a aceitar a deserdação do pai sem lutar. Enquanto Montfort observava as defesas, um grupo de mulheres operando uma grande catapulta dentro da cidade deu um tiro de sorte e conseguiu acertar uma grande pedra diretamente na cabeça de Montfort. Ele morreu instantaneamente e foi enterrado em Carcassonne, local de uma de suas primeiras operações contra os cátaros.[†]

O que ele havia conquistado em nome da Igreja – em contraste com seu patrimônio imobiliário e reputação – não estava claro. Seu legado imediato no sul da França foi de terror, violência endêmica, convulsão social e uma guerra civil que terminou com o condado de Toulouse privado de sua independência de longa data e subjugado a uma coroa francesa recém-assertiva. Os problemas de heresia no Languedoc e além, no entanto, não haviam desaparecido. De fato, após a morte de Simão, uma onda de resistência liderada por Raimundo, o Jovem, de Toulouse, e inadequadamente resistida pelo filho e herdeiro de Filipe Augusto, Luís "o Leão" (que ascendeu como Luís VIII de

França em 1223) levou à reconquista de muitas das terras que Montfort havia tomado. Uma longa e amarga guerra civil no sul da França só foi encerrada em 1229, após duas décadas de sangrenta revolta. E, apesar disso, as queixas de que o catarismo corrompia a igreja francesa ecoaram pela região por mais de um século. O movimento só foi realmente derrotado pelos esforços persistentes da Inquisição no século XIV.

A curto prazo, o beneficiário mais notável do envolvimento de Simão de Montfort na cruzada albigense foi seu filho e homônimo, Simão de Montfort, o Jovem, que teve uma carreira, à sua maneira, tão dramática quanto a de seu pai. O jovem Simão, com sua reputação fortalecida pela descendência de um cruzado tão famoso, reivindicou com sucesso o condado de Leicester, casou-se com Leonor, irmã do rei inglês Henrique III, e então se rebelou, liderando uma revolta na Inglaterra que praticamente depôs o rei Henrique na década de 1260. No decorrer de sua campanha política contra a coroa inglesa, Simão, o Jovem, apropriou-se das roupas da cruzada e fez seu exército costurar cruzes brancas em seus uniformes. Ele terminou seus dias retalhado em um campo de batalha, com os testículos decepados pendurados no nariz. Violência, ao que parecia, gerava violência.

*

Na época em que Simão de Montfort foi esmagado até a morte em 1218, seu patrocinador Inocêncio III já havia falecido. O papa morreu repentinamente em Perugia em 16 de julho de 1216, aos 55 anos. Ele havia contribuído mais para moldar as cruzadas do que qualquer outro papa desde Urbano II, e sua ampla e pluralista implementação da guerra santa havia remodelado radicalmente regiões inteiras do mundo cristão. Na Espanha, ele havia galvanizado os príncipes em guerra para contra-atacar os almóadas. A Batalha de Las Navas de Tolosa foi um golpe do qual a Espanha islâmica não se recuperou, e a Reconquista iniciou um caminho lento, mas constante, para sua conclusão. Na França, o uso das cruzadas por Inocêncio contra os cátaros catalisou uma reforma radical nas relações entre os senhores franceses do sul e a coroa capetiana, além de garantir que a caça aos hereges permanecesse um esporte no sul até o século XIII. No Báltico, a aprovação incondicional de Inocêncio das cruzadas como forma de encobrir as conquistas alemãs e dinamarquesas na Lituânia, Letónia e Estónia garantiu que

O paganismo foi perseguido até a extinção, embora esse esforço só tenha sido concluído no início do século XV. Graças à Quarta Cruzada de Inocêncio, Bizâncio foi fatalmente enfraquecida, dividida entre o Império Latino de Constantinopla e vários Estados bizantinos fragmentados, cujos líderes conspiravam constantemente para restaurar o império que lhes havia sido tirado em 1204. E na Terra Santa, a Quinta Cruzada estava se formando; uma mobilização geral do Ocidente em busca de Jerusalém estava prestes a começar sob a liderança do sucessor de Inocêncio, Honório III. Para o bem ou para o mal, tudo isso foi alcançado em um papado que durou apenas dezoito anos e meio, e durante o qual houve muitas outras crises políticas e apelos à atenção de Inocêncio.

Apesar de todas as suas conquistas, Inocêncio não teve uma vida após a morte inteiramente digna. Em julho de 1216, o prelado, pregador e cronista francês Jacques de Vitry passou por Perugia em busca de uma audiência com o papa, apenas para encontrá-lo morto e em repouso na catedral da cidade. Devido a uma falha de segurança, as roupas e joias de Inocêncio foram roubadas por ladrões de túmulos, e o príncipe mais poderoso da igreja jazia em seu caixão, praticamente nu e em estágio inicial de decomposição.[30] O único consolo era que outros eram tratados pior. Raimundo VI de Toulouse morreu em 1222, ainda sob a sentença de excomunhão. Ele não pôde ser enterrado em solo consagrado, então seu corpo foi mantido em seu caixão sob uma mortalha na casa dos Hospitalários em Toulouse. Permaneceu lá por mais de um século, enquanto sucessivos papas recusavam obstinadamente a absolvição póstuma de Raimundo, até que sua carne foi completamente devorada por ratos e seu caixão por cupins. Foi um fim sombrio para um príncipe infeliz. Entre Montfort, Inocêncio, Raimundo e os incontáveis "hereges" e cruzados que foram esquartejados em uma guerra que perturbou o sul da França por uma geração, havia pouco que anunciasse que as cruzadas também teriam um futuro glorioso.

[*] Montfort era vassalo de Filipe Augusto, com quem o Rei João da Inglaterra travava uma guerra amarga e prolongada. Embora Simão tenha herdado brevemente muitas das terras do condado de Leicester em 1207, estas foram quase imediatamente confiscadas por João, que as tomou para si e seus rendimentos. O famoso filho de Simão, Simão de Montfort, o Jovem, reivindicou a posse durante o reinado de Henrique III.

† Alguns anos depois, seu corpo foi removido e enterrado novamente em Montfort l'Amaury.

22

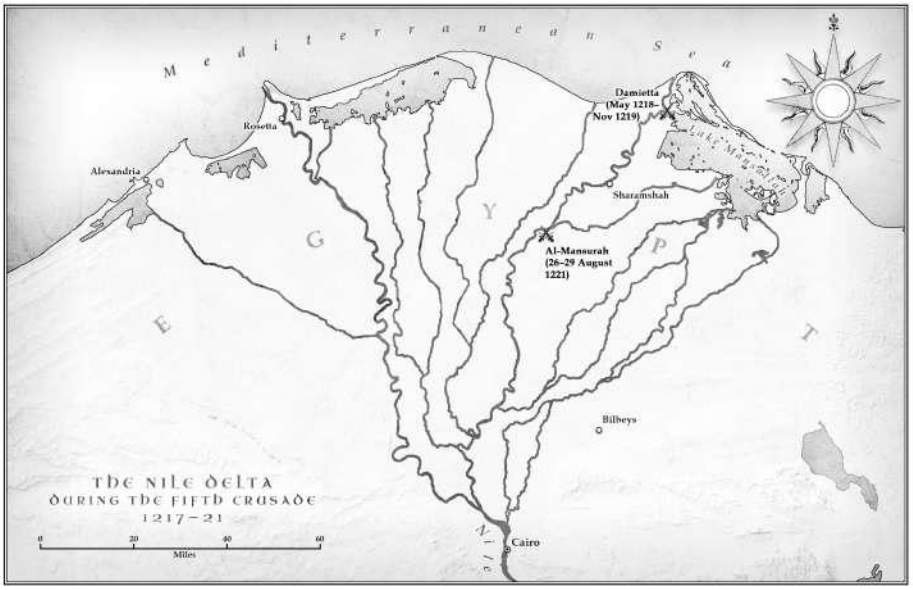
O Rio do Paraíso

O mundo inteiro está em guerra aqui…

Apenas o mais suave sopro de uma brisa de verão agitava a grama no prado nos arredores de Bedum, na Frísia (hoje Holanda), enquanto um pregador e acadêmico chamado Oliver de Colônia reunia os habitantes da cidade para lhes contar sobre a iminente guerra no leste. Milhares de homens e mulheres se reuniram e, após ouvirem a missa solene cantada, sentaram-se no chão enquanto Oliver lhes dirigia um tema que ele havia tomado emprestado da carta de São Paulo aos Gálatas: "Deus me livre de gloriar-me, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo."[1]

Para os fiéis cristãos de Bedum, isso foi um verdadeiro deleite. Oliver, com cerca de 44 anos naquele verão de 1214, era um polímata carismático que havia servido como diretor da escola da catedral de Colônia antes de estudar na emergente universidade de Paris. Com o tempo, seus talentos lhe renderiam a promoção ao bispado de Paderborn e, eventualmente, o barrete cardinalício. Em 1214, porém, Oliver era um oficial de recrutamento para a Quinta Cruzada. Ele assumiu sua tarefa com desenvoltura, viajando ativamente pelas cidades do noroeste da Europa, recrutando voluntários e solicitando doações.[*] para uma missão que, nas palavras da bula cruzada Quia major de Inocêncio III, libertaria a Terra Santa dos "pérfidos sarracenos".[2]

O Delta do Nilo durante a Quinta Cruzada, 1217–1221



Nenhum bom pregador de cruzadas conseguiria realizar seu trabalho sem a ajuda de sinais, portentos e milagres, e uma das razões pelas quais Oliver teve tanto sucesso foi que, quando pregava, os elementos pareciam se unir a ele. Ao iniciar seu sermão em Bedum, uma nuvem estranha apareceu no céu. Oliver mais tarde relatou o evento em uma carta ao conde de Namur. A nuvem brilhava, disse ele, "e sobre ela havia uma cruz branca". Então veio

> Outra cruz da mesma cor e formato, e em terceiro lugar, uma grande cruz apareceu entre e acima destas... que tinha a forma de um corpo humano, ao que parecia, tão alto quanto um homem, nu... a cabeça apoiada nos ombros e os braços não esticados, mas erguidos para cima. Havia, claramente visíveis, pregos atravessando as mãos e os pés.[3]

Uma das primeiras pessoas a avistar essa misteriosa formação de nuvens foi uma menina de onze anos que, incentivada pela mãe e pela avó, incitou aqueles ao seu redor a acessos de êxtase religioso. Até mesmo os moradores da cidade, que estavam indecisos sobre a cruzada, foram tomados por um fervor sagrado. "Um dos moradores locais correu até mim... dizendo: 'Agora a Terra Santa foi recuperada'", lembrou Oliver, "como se estivesse tratando o evento como uma profecia segura para o futuro."[4]E assim o povo de Bedum se comprometeu com a Quinta Cruzada.

*

Três anos depois, em 29 de maio de 1217, peregrinos e guerreiros da Renânia e da Frísia, incluindo aqueles que haviam tomado a cruz após o milagre de Bedum, finalmente embarcaram em 300 navios de transporte em Vlaardingen, no sul da Holanda, e se prepararam para partir para o leste. Sua cruzada havia demorado muito – tanto tempo, aliás, que o Papa Inocêncio já estava morto. Mas esse longo período de preparação sempre fizera parte do plano: dar tempo suficiente para o abastecimento, o recrutamento e a preparação, e prever os problemas previstos no recrutamento de voluntários da França, onde a cruzada albigense estava desviando a atenção, e da Inglaterra, onde uma guerra civil entre os apoiadores do Rei João e uma coalizão de rebeldes baroniais havia produzido anos de estagnação e crise política. Mas mesmo um atraso incomumente longo na partida não diminuiu o entusiasmo dos participantes, a quem o cronista inglês Roger de Wendover chamou de "um grande movimento de homens bravos e guerreiros".[5]Seguindo o exemplo de gerações de peregrinos flamengos e de outros povos do norte antes deles, eles navegaram pelo Canal da Mancha, parando em Dartmouth para reunir voluntários ingleses ansiosos para escapar dos estertores da guerra civil, depois cruzaram novamente o Canal e seguiram a costa atlântica da Europa continental até o sul, até o Estreito de Gibraltar, onde passariam para o Mediterrâneo.

A viagem foi difícil e, embora os grandes navios evitassem se aventurar muito longe da costa em águas abertas, a frota ainda era violentamente sacudida pelas intempéries. Ao contornarem o Golfo da Biscaia, talvez um em cada dez tivesse sido disperso por tempestades ou despedaçado contra as rochas. Para continuar, lembrou Oliver de Colônia, era preciso "grande coragem por parte dos guerreiros".[6]Quando a armada adentrou as águas da costa dos reinos cristãos de Espanha e Portugal, muitos a bordo estavam desesperados para interromper a viagem por um tempo. Desembarcaram para rezar no santuário de Santiago de Compostela e desfrutaram, mesmo que brevemente, da sensação de terra firme sob seus pés.

Poucas viagens do noroeste da Europa para a Terra Santa foram concluídas de forma ininterrupta, então, com a aproximação do fim do verão, a frota se dividiu para atracar antes que o mar do outono ficasse agitado demais para navegar. Cerca de um terço, principalmente navios frísios, seguiram para o Mediterrâneo para passar o inverno na costa oeste da Itália. O restante, cerca de 180 navios alemães, permaneceu na Península Ibérica para passar o inverno na costa portuguesa, onde seus

As tripulações podiam trocar a batalha contra as ondas pela batalha contra os infiéis. Lá, seguiram o exemplo dos cruzados, que remontava a Sigurd da Noruega, no início do século XII, e aos segundos cruzados de 1147, e partiram para brigar com os muçulmanos do sul da Espanha.

O alvo era um posto militar almóada conhecido como al-Qasr (Alcácer do Sal): uma fortaleza robusta na foz do rio Sado, ao sul de Lisboa. Fora selecionado pelos bispos locais de Lisboa e Évora, que haviam notado com satisfação a difícil situação dos almóadas após a Batalha de Las Navas de Tolosa, após a qual o califa almóada Muhammad al-Nasir foi assassinado e sucedido por seu filho de dez anos, conhecido como Yusuf II. No final de julho, os cruzados, auxiliados por membros dos Templários, Hospitalários e da Ordem Ibérica de Santiago (ou Santiago da Espada), sitiaram al-Qasr. Após seis semanas, eles lutaram com sucesso contra um exército de socorro almóada enviado para o oeste de Sevilha e Córdoba. Finalmente, em 19 de outubro de 1217, aceitaram a rendição dos defensores. Oliver de Colônia registrou esta vitória com satisfação: "Os sarracenos foram conquistados pela força divina; um de seus reis [ou seja, emires] foi morto, e com ele muitos foram massacrados ou levados ao cativeiro.'[7]Outro correspondente contou que prisioneiros mouros perguntaram lamentosamente após a batalha sobre uma visão que tiveram de uma fantasmagórica 'linha de batalha brilhante usando cruzes vermelhas', que parecia fortalecer o exército cristão.[8]Cinco anos após o triunfo cristão em Las Navas de Tolosa, a queda de al-Qasr sinalizou que a era de domínio almóada sobre o sul da Península Ibérica estava chegando ao fim.[9]Também parecia ser um bom presságio para o curso da nova cruzada.

*

No início da primavera de 1218, os cruzados flamengos e alemães deixaram Portugal e a Itália e rumaram para a Terra Santa. No final de abril, os grandes cascos arredondados de seus navios começaram a aparecer no horizonte em Acre, e lanchas menores os transportavam para terra firme para explorar a capital do reino de Jerusalém. Chegar a este porto próspero através de seu porto abrigado, guardado pelo magnífico palácio-sede dos Cavaleiros Templários e com vista para as casas de contagem e os cais dos vários mercadores italianos sempre deixava uma impressão, embora não necessariamente positiva. O teólogo francês Jaime de Vitry, bispo de Acre, descreveu a

cidade naquela época como "um dragão monstruoso com nove cabeças envolvidas em conflito mútuo", e reclamava amargamente sobre os muitos defeitos das pessoas que viviam lá, que incluíam a prática errônea da circuncisão cristã, modos irregulares de confissão, pessoas fazendo o sinal da cruz com um dedo em vez de três, padres com cortes de cabelo estranhos, mulheres usando véus, fornicação, violência doméstica, tráfico de drogas, prostituição e a prevalência de fabricantes de venenos que produziam narcóticos a partir de esterco animal.[10] Jaime também lamentou o fato de Acre, e não Jerusalém, ser a capital do reino, e que tantos locais sagrados permanecessem em mãos muçulmanas. Se ao menos os estados latinos tivessem 4.000 bons cavaleiros, escreveu ele, Jerusalém poderia ser facilmente retomada.

Isso era uma ilusão. E, apesar das queixas de Jaime sobre higiene e decência pública, obscurecia o fato de que, em 1217, os estados cruzados estavam militarmente – se não moralmente – razoavelmente seguros. É verdade que estavam muito diminuídos em relação à sua extensão no século XII (o reino de Jerusalém não se estendia mais além das margens do Rio Jordão e não incluía a própria Cidade Santa), mas o que existia era um litoral compacto e relativamente fácil de administrar, estendendo-se de Jaffa, ao sul, a Beirute, ao norte, com capital em Acre. Seu rei, em 1218, era um viúvo chamado João de Brienne, um nobre menor de Champagne, que governava em nome de sua filha, Isabel II, de cinco anos.[‡] Com quarenta e poucos anos na época da Quinta Cruzada, João era um nobre notavelmente ambicioso, de porte físico imponente, habilidoso na sela, mas culto o suficiente para passar o tempo livre escrevendo letras de trovadores. Segundo um cronista bajulador, "os sarracenos fugiam diante dele como se estivessem diante do Diabo, ou de um leão prestes a devorá-los".[11] Considerando o padrão anterior estabelecido pelos monarcas, que incluía leprosos, crianças e mulheres, isso dificilmente seria um desastre.

A defesa do reino de João, fora dos períodos de cruzadas, era principalmente responsabilidade das ordens militares: Templários, Hospitalários e uma nova ordem germânica, estabelecida durante o cerco de Acre em 1191, conhecida como Cavaleiros Teutônicos. Financiados generosamente por seus muitos patronos ocidentais, cada um desses grupos conseguia reunir cerca de 300 cavaleiros altamente disciplinados e vários milhares de sargentos, e mantinham castelos de última geração em locais estratégicos por todo o reino. O mais chamativo deles era o vasto complexo militar dos Hospitalários no topo de uma colina, a meio caminho entre Trípoli e Homs, Crac des Chevaliers, que era grande o suficiente para abrigar 2.000 soldados dentro de suas espessas muralhas concêntricas. Os

recursos combinados e o treinamento de elite

As ordens militares forneciam uma força perfeitamente adequada para a defesa rotineira do reino, especialmente considerando o estado enfraquecido dos aiúbidas. Após a morte de Saladino em 1193, o sultanato aiúbida se fragmentou sob o governo de vários de seus filhos, irmãos e sobrinhos. A Síria e o Egito retornaram à sua condição mais familiar de fraca autoridade central e pequenas rivalidades entre emires islâmicos vizinhos. E o eventual sucessor de Saladino como sultão, seu irmão al-Adil (Safadin), estava disposto a conviver com os cruzados como vizinhos, para o que manteve a paz em uma série de tréguas de longo prazo, quase ininterruptas entre 1198 e 1217.‡ Quando Inocêncio lançou a Quinta Cruzada, ele pintou um quadro do reino cristão em perigo de extinção iminente, enfrentando "grande necessidade", com milhares de cristãos em cativeiro miserável. Um dos grandes paradoxos no cerne da Quinta Cruzada era que, apesar da urgência e eloquência de seu chamado, ela sempre esteve mais intimamente enraizada na visão de Inocêncio de reforma da Igreja por meio de peregrinações penitenciais em massa do que nas reais necessidades políticas e militares do reino de Jerusalém.

*

Ao desembarcarem em Acre, Oliver de Colônia e seus companheiros souberam que não eram os primeiros cruzados a chegar. No outono anterior, o rei André da Hungria, Leopoldo VI, duque da Áustria, e Hugo de Lusignan, rei de Chipre, de 23 anos, haviam visitado Acre como cruzados, chegando com uma alarde que, infelizmente, não foi igualada por suas conquistas subsequentes. Embora não lhes faltassem tropas, os três líderes – comparados por um sarcástico Oliver de Colônia aos Magos bíblicos – lutaram por qualquer propósito real. Em novembro e dezembro de 1217, fizeram três incursões malsucedidas em território inimigo, usando uma como oportunidade para inspecionar os locais sagrados ocupados, outra para lançar um ataque infrutífero à fortaleza no Monte Tabor e a última para forragear e saquear. O filho de Al-Adil, Al-Mu'azzam, emir de Damasco e governante de fato da Palestina aiúbida, teve apenas um interesse passageiro em combatê-los, e a insensatez de suas manobras de inverno logo foi exposta pelo terreno e pelo clima. A marcha era árdua e retardada pela necessidade de transportar cruzados doentes e imóveis em mulas e camelos. Dias chuvosos e ventosos e noites congelantes

causaram mortes por exposição. Em pouco tempo, a doença se alastrou pelo acampamento e, no início de 1218, André da Hungria anunciou que estava deixando a cruzada alegando doença. Ele partiu no início de janeiro, levando consigo Hugo de Chipre, que morreu poucos dias após o início da jornada. Tudo o que restava para ocupar os exércitos e peregrinos que os serviram era a tarefa de auxiliar os Templários, que estavam construindo uma enorme fortaleza naval na costa de Atlit, entre Haifa e Cesareia. O castelo, chamado Castelo Peregrino (Château Pèlerin), foi um dos mais belos já construídos na Terra Santa e, quando concluído, neutralizou efetivamente a ameaça do Monte Tabor. Fora isso, havia pouco o que comemorar. Nesses momentos, escreveu Oliver, o sensato cruzado só podia se consolar com a gloriosa inescrutabilidade do Todo-Poderoso. "O olho da mente humana", escreveu ele, "não pode penetrar os abismos dos decretos divinos".[12]

Chegando na esteira desse catálogo de infortúnios, os alemães e frísios decidiram fazer as coisas de forma diferente. Passaram apenas um mês na cidade, reabastecendo e consertando navios, antes de partirem novamente. Em 24 de maio de 1218, Dia da Ascensão, desfraldaram suas velas e rumaram para o sul: não para outro porto cristão do reino de Jerusalém, mas para a costa do Egito. Em um conselho de guerra, João de Brienne, Leopoldo da Áustria, Oliver de Colônia e outros decidiram que um ataque direto à Cidade Santa estava fora de questão; nas palavras de Jaime de Vitry, "um cerco a Jerusalém no verão era impossível devido à falta de água". A chave para a força aiúbida, concordaram, não residia em suas possessões na Palestina, mas em seu comando do Egito. "Os sarracenos derivam seu poder dela e, portanto, são capazes de manter suas riquezas e nossas terras", explicou Jaime de Vitry. 'Com a tomada daquela terra, seríamos facilmente capazes de recapturar todo o reino de Jerusalém.'[13]O plano era desembarcar no delta do Nilo e tomar a cidade de Damieta.

*

Damieta era uma das três grandes cidades do Egito, juntamente com Alexandria, a oeste, e Cairo, cerca de 200 km Nilo acima. Seu significado religioso para os cristãos era tênue: alguns acreditavam que Moisés havia se originado deste porto "às margens do rio do Paraíso"; outros acreditavam que Cristo havia ido para lá com sua mãe.[14] Mais significativo foi o seu

papel como cidade guardiã de um dos principais braços orientais do Nilo e seu status como uma cidade comercial rica, na qual abundavam grãos, vinho, óleo, bálsamo, enormes caixas de especiarias aromáticas e muitas outras coisas boas.[15]

Além de ser um prêmio reluzente, Damieta também era um lugar diabolicamente imponente para se aproximar. Até mesmo chegar lá era horrível. Oliver de Colônia, que já estava no mar há muitos meses viajando do noroeste da Europa, conseguiu atravessar de Acre em três dias, mas outros foram jogados pelos mares por um vento norte, alguns sofrendo naufrágio e afogamento e outros ficando perdidos no mar por até um mês. Quando os cruzados chegaram no início de junho, viram uma cidade que seria tão difícil de tomar quanto qualquer outra na história das cruzadas. Era protegida de um lado pelo Nilo e, do outro, por uma lagoa de água salgada chamada Mansallah. Aproximar-se por terra significava negociar três conjuntos de muralhas, dezenas de torres e um fosso profundo. No meio do rio, em uma pequena ilha, erguia-se uma torre de corrente que controlava o acesso à cidade por água. Ao redor dela, crocodilos se aqueciam nas águas rasas: "Eles ficam à espreita de homens e cavalos e engolem tudo o que seus dentes capturam", escreveu James de Vitry.[16]Para evitar todos esses perigos, os navios dos cruzados tiveram que desembarcar suas tropas em uma língua de terra que se projetava da margem ocidental do rio, de onde Damieta só podia ser vista do outro lado da água, bombardeada com tiros de trabuco à distância. Um eclipse lunar saudou sua chegada, o que Oliver de Colônia interpretou como um sinal de que Deus estava se preparando para abandonar os sarracenos.[17]Mas era difícil ver como isso iria acontecer.

Além de planejar suas operações militares contra Damieta, os cruzados tiveram que considerar a questão de sua própria liderança. Quando Oliver pregou ao bom povo da Frísia quatro anos antes, a maioria presumiu que a Quinta Cruzada seria liderada pelo jovem e carismático Frederico II de Hohenstaufen: rei da Germânia, herdeiro da coroa da Sicília e então o principal candidato à coroa imperial do Sacro Império Romano-Germânico, que por muitos anos havia sido ferozmente disputado entre dinastias germânicas rivais. Frederico tomou a cruz em 1215 e deixou claro que queria participar das cruzadas. Mas ele fez com que o cumprimento de seu juramento dependesse de sua coroação. Enquanto o sucessor de Inocêncio, Honório III, hesitasse, Frederico se recusou a arriscar a própria vida em Damieta. O resultado foi um impasse. Assim, em sua ausência, os cruzados elegeram João de Brienne para o comando geral. A tarefa imediata de João no verão de 1218 era como começar a romper as formidáveis defesas de Damieta.

No final do verão, ele havia começado com força, auxiliado generosamente por Oliver de Colônia. Além de pregador, teólogo e astrólogo amador, Oliver também era um engenheiro militar competente e, nos primeiros meses fora de Damieta, projetou uma fortaleza flutuante muito semelhante às que os venezianos haviam construído em Constantinopla em 1204. Dois navios foram amarrados um ao outro e equipados com uma ponte flutuante giratória no topo de seus mastros. Em 24 de agosto, em meio a combates ferozes, saraivadas escaldantes de fogo grego e condições tórridas no rio, que estava no auge de sua cheia anual de verão, uma equipe de elite de alemães, austríacos e frísios aproximou lentamente essa máquina de cerco aquática da torre de corrente e abaixou a ponte por tempo suficiente para enviar um grupo invasor para dentro da própria torre. Lá, Oliver lembrou mais tarde, um jovem frísio – talvez um homem que o próprio pregador havia recrutado – atacou os guardas da torre, empunhando um mangual agrícola do tipo normalmente usado para debulhar grãos. Ele "atacou bravamente para a direita e para a esquerda, derrubou um certo homem que segurava o estandarte açafrão do sultão e tomou-lhe a bandeira... Ó inefável bondade de Deus! Ó inexplicável alegria dos cristãos!", escreveu Oliver.[18]James de Vitry fez uma versão ainda mais dramática desta batalha: ao som de peregrinos chorando e rezando por assistência divina na margem do rio, ele escreveu, um grupo de apenas dez cruzados desafiou "a chuva de fogo, espadas, flechas e pedras" para se lançar do mastro do navio até a torre, antes de matar 250 de seus defensores e forçar os 112 restantes a se renderem.[19]De qualquer forma, a torre caiu, a corrente foi abaixada e os navios cruzados atracaram no rio e começaram a transportar homens e munições para novos postos diretamente do lado de fora das muralhas de Damieta. Uma semana depois, notícias ainda melhores chegaram. Em 31 de agosto, o sultão al-Adil havia morrido enquanto viajava da Síria para o Egito para reforçar o cerco. De repente, os astros pareciam estar se alinhando a favor da Quinta Cruzada.

*

Um ano depois, os cruzados ainda estavam fora de Damieta e o ânimo começava a desanimar. Embora a morte de al-Adil tenha provocado vaias de satisfação de Oliver de Colônia, que alardeava que o sultão, "envelhecido com dias ruins e doenças... morreu e foi enterrado no inferno", tais celebrações duraram pouco.[20] O filho pragmático e inteligente de Al-Adil, Al-Kamil, sucedeu como

sultão e descobriu que tinha um grau incomum de apoio entre seus irmãos e primos, até então rebeldes, que detinham os vários outros apanágios dentro do mundo aiúbida. Havia uma grande ironia aqui: a Quinta Cruzada havia sido lançada para explorar as divisões dentro da família aiúbida, mas acabou fomentando um espírito de unidade nunca visto no Oriente Próximo islâmico desde os tempos de Nur al-Din e Saladino.[21]

Apesar dos repetidos ataques anfíbios às muralhas de Damieta, de uma barragem de catapultas 24 horas por dia e do desfile ocasional de um novo fragmento da Santa Cruz que (dizia-se) havia sido salvo do original perdido em Hattin, durante a maior parte de 1219 parecia impossível para os cruzados invadirem Damieta. Os defensores afundaram barcos no Nilo para dificultar a navegação e despejaram fogo grego sobre as embarcações que se aproximavam demais das muralhas externas da cidade. No acampamento, um cerco de inverno trouxe tempestades, inundações e doenças generalizadas, incluindo uma doença grave que fez as gengivas dos sofredores apodrecerem e suas pernas se abrirem em feridas negras horríveis. Muitos morreram. Alguns se afastaram e voltaram para casa. Novos cruzados se revezavam vindos da Inglaterra, França, Alemanha e Itália – embora o futuro Imperador do Sacro Império Romano, Frederico de Hohenstaufen, nunca tenha estado entre eles. Em vez disso, um legado papal, o cardeal-bispo Pelágio de Albano, chegou para representar o Papa Honório e logo começou a irritar muitos dos líderes seculares da cruzada, particularmente João de Brienne, cuja autoridade ele questionou e minou.

Então, na primavera de 1219, notícias chocantes chegaram de Jerusalém. No final de março, seu governante aiúbida, o irmão de al-Kamil, al-Mu'azzam, ordenou a demolição de todas as muralhas e torres defensivas da cidade. Essa medida aparentemente autodestrutiva, na verdade, significava que, se o exército latino conseguisse tomá-la, não teria esperança de defendê-la. Depois da alegria que saudou a vitória na Torre da Corrente no outono anterior, o cerco de Damieta agora parecia nada mais que uma sucessão de derrotas desmoralizantes. Tudo o que os soldados rasos dos cruzados podiam fazer era tremer, labutar e esperar, exaustos, que seus inimigos se rendessem ou morressem de fome.

*

Mais acima no rio, o sultão al-Kamil passou o seu tempo a ponderar a melhor maneira de tentar expulsar os francos da sua posição indesejada num dos seus

entrepostos comerciais mais importantes. Ele se divertiu, mas não se comoveu, no verão de 1219, quando surgiu do acampamento dos cruzados a figura peculiar de Francisco de Assis: um abastado filho de um comerciante italiano que havia abandonado seus bens materiais para assumir a vida de pregador itinerante e que recebera permissão papal oficial para viver de acordo com uma regra derivada da estrita e simples obediência aos ensinamentos dos Evangelhos. Francisco, mais tarde São Francisco, foi o fundador da ordem franciscana dos frades pobres (ou mendicantes); ele havia chegado a Damieta por conta própria, alegando que seria capaz de trazer a paz convertendo o sultão ao cristianismo. Tendo buscado e obtido uma audiência com al-Kamil, Francisco se ofereceu para atravessar o fogo para provar ao sultão o poder da proteção de Cristo. Al-Kamil recusou, assim como se recusou a ser batizado e Francisco foi mandado embora. Ele teve a sorte de retornar ao acampamento dos cruzados com a cabeça.

Pouco depois da visita de Francisco, al-Kamil fez uma oferta audaciosa. Em setembro de 1219, com as condições econômicas em todo o Egito se deteriorando devido a uma colheita ruim e os cidadãos de Damieta prestes a morrer de fome, ele enviou uma oferta aos cruzados que – talvez deliberadamente – causou-lhes um debate acalorado. Se os cruzados abandonassem suas posições no Nilo, disseram os enviados de al-Kamil, ele lhes cederia a cidade de Jerusalém, juntamente com grande parte da Palestina, salvando apenas os castelos com vista direta para as rotas comerciais e de peregrinação que ligavam Damasco ao Cairo e Meca. Era uma oferta tentadora. Mas não houve consenso e, no final, o legado Pelágio convenceu seus companheiros líderes de que havia mais a ganhar se eles se mantivessem firmes até a vitória em Damieta. Pelágio foi apoiado pelas ordens militares, que viam a impossibilidade de manter Jerusalém – com suas muralhas agora reduzidas a pilhas de escombros – e pelos conselheiros venezianos, que viam o potencial comercial em estabelecer uma base cristã permanente no delta do Nilo. Apesar de todas as dificuldades do cerco e do extraordinário fascínio de retomar o comando do Santo Sepulcro, os cruzados continuaram a esperar.

Por fim, a persistência deles valeu a pena. Após dezoito meses de bombardeio, escreveu ibn al-Athir, "os habitantes sobreviventes não conseguiram resistir porque eram muito poucos e era impossível obter comida".[22] Em 5 de novembro, eles deixaram uma torre desprotegida e um grupo alerta de cruzados avistou-a, empurrou uma escada contra a muralha e abriu um portão por onde o resto do exército pôde entrar.

A visão que os recebeu ao entrar em Damieta foi tão hedionda quanto qualquer outra que já tivessem visto. Um ano e meio de privações e bombardeios transformara a cidade em um cemitério fétido e infestado de doenças, povoado por esqueletos e fantasmas. "Os poucos sarracenos ainda vivos eram poucos demais para enterrar os muitos cadáveres que jaziam no chão", escreveu James de Vitry. "O cheiro e o ar poluído eram insuportáveis para a maioria das pessoas." Quase não havia comida disponível: apenas belas, porém intragáveis, bugigangas de ouro e prata, tecidos de seda e joias.[23]No entanto, se houve choque, houve pouca piedade. Logo, ladrões cristãos correram por aí, levando o que podiam antes que a divisão oficial dos despojos começasse. Sacerdotes capturaram crianças muçulmanas famintas e as forçaram a se submeter ao batismo.

Enquanto isso, o sultão, percebendo que sua estratégia de trocar o Santo Sepulcro pelo lucro vil de um tesouro egípcio havia fracassado, recuou com seu exército 60 km rio acima, em direção ao Cairo. Perder Damieta foi uma derrota importante, mas não fatal, e al-Kamil ainda tinha uma opção. Se conseguisse atrair os cruzados Nilo acima, seria possível incitá-los a uma luta que eles não tinham a mínima chance de vencer. Seria uma aposta arriscada. Mas poderia funcionar – contanto que ele pudesse confiar na liderança dividida, na ignorância e na ganância de seus inimigos.

*

Em uma canção popular conhecida como Palästinalied, composta em alto-alemão médio na época da Quinta Cruzada, o poeta lírico Walther von der Vogelweide imaginou-se um peregrino visitando a Terra Santa pela primeira vez. "Cristãos, judeus e pagãos / todos dizem que este é seu patrimônio", escreveu ele. "O mundo inteiro está em guerra aqui".[24]Em Damieta, no entanto, durante o ano de 1220, as guerras haviam diminuído novamente. Os cruzados ocuparam a cidade, e Templários e Hospitalários realizaram incursões forrageiras na região circundante. Al-Kamil construiu um grande acampamento militar em uma bifurcação do Nilo, quase na metade do caminho para o Cairo, que mais tarde chamou de al-Mansurah ('O Vitorioso'). Mas nenhum dos lados estava com pressa de atacar o outro. O sultão acabara de ver o enorme esforço necessário para invadir a cidade. Os cruzados, comandados pelo legado Pelágio, assim que João de Brienne se retirou para Acre para governar o reino de Jerusalém, sabiam que precisavam de grandes reforços se quisessem continuar sua campanha. Rumores abundavam.

De longe, novos exércitos se preparavam para a luta: dizia-se que guerreiros estavam se reunindo no reino cristão ortodoxo da Geórgia, que um misterioso e muito mitificado guerreiro oriental conhecido como Preste João estava atravessando as estepes asiáticas para devastar terras muçulmanas e que – o mais surpreendente de tudo – Frederico de Hohenstaufen havia sido finalmente coroado Imperador do Sacro Império Romano e estava assumindo o comando direto. No final, reforços significativos só chegaram na primavera de 1221, quando João de Brienne retornou ao Egito e o representante militar de Frederico de Hohenstaufen, Ludwig, duque da Baviera, chegou de navio com cerca de 5.000 homens.

Dezoito meses já haviam se passado desde a queda de Damieta, e embora o legado Pelágio permanecesse convencido de que novos sucessos estavam praticamente garantidos – ele havia descoberto em Damieta um estranho texto árabe chamado "Livro de Clemente", contendo profecias que pareciam prever uma grande vitória – Oliver de Colônia sentia que a inatividade dos cruzados estava gerando neles preguiça, vício e impiedade. "Ninguém pode descrever a corrupção do nosso exército depois que Damieta nos foi dada por Deus", escreveu ele. "Preguiçoso e efeminado, o povo estava contaminado com luxúria [isto é, libertinagem] e embriaguez, fornicação e adultério, roubos e ganhos perversos."[25]

Em 6 de julho de 1221, um grande exército cruzado finalmente partiu de Damieta, deixando para trás uma pequena guarnição e um grande número de peregrinos, e partiu rio acima para atacar o acampamento-fortaleza de al-Kamil em al-Mansurah. Marcharam ao longo da margem leste do rio, acompanhados por uma frota de centenas de navios à sua direita. Oliver de Colônia escreveu com orgulho sobre um exército tão grande que desafiava a contagem: "Os sarracenos os compararam a gafanhotos porque ocupavam uma grande extensão de terra."[26]Por necessidade, eles se deslocavam apenas alguns quilômetros por dia e, no final do mês, tinham acabado de passar por Sharamshah, ainda a quase uma semana de distância das posições do sultão. Apesar desse progresso lento e dos relatos ameaçadores de batedores e espiões, que indicavam que os números aiúbidas estavam aumentando à frente, o exército marchou de bom humor. Os enviados de Al-Kamil partiram e ofereceram os termos conhecidos: troquem Damieta por Jerusalém e sigam viagem. Confiantes na vitória profetizada e aparentemente incapazes de compreender o que estava prestes a acontecer, os cruzados mais uma vez recusaram. Em breve, teriam sérios motivos para se arrepender de sua precipitação.

Em agosto, como acontecia todos os anos, exceto em períodos de seca severa, o Nilo transbordou. O rio mais longo do mundo era famoso em todos os lugares por seu transbordamento anual das margens, que liberava dezenas de milhões de litros da água rica em lodo que sustentava grandes civilizações agrárias desde antes dos tempos dos faraós. De alguma forma, seja por erro de cálculo, arrogância, estupidez ou esperança cega de que 1221 seria um dos ocasionais anos estéreis e sem inundações, os líderes das cruzadas ignoraram esse fato básico da geografia e seguiram rio acima como se o Nilo simplesmente os deixasse em paz. Estavam caminhando para uma armadilha.

À frente deles, o acampamento militar de al-Kamil em al-Mansurah ficava do outro lado de uma junção em forma de V entre dois braços do rio. Era facilmente defendido mesmo nos melhores momentos. Quando as águas subiam, era inalcançável. Atrás deles, os irmãos de al-Kamil, al-Mu'azzam, governante de Damasco, e al-Ashraf, governador da Jazira, deslizaram atrás do exército cruzado com forças posicionadas para bloquear a retirada por terra ou rio. Nos últimos dias de agosto, os navios dos cruzados tornaram-se incapazes de navegar pelas águas agitadas e em ascensão. Na margem do rio, seu exército ficou preso na junção oposta a al-Mansurah. Então, com um timing primoroso, na noite de 26 para 27 de agosto, o sultão deu a ordem que havia preparado o tempo todo.

Naquela noite, comportas, canais e valas de irrigação ao longo do rio, projetados para regular as águas das enchentes, foram todos abertos, e a terra onde o exército cruzado se encontrava simplesmente desapareceu, transformando-se em questão de horas de solo duro como pedra e queimado pelo sol em um pântano profundo e sugador. Os soldados rasos que estavam bêbados ou simplesmente dormindo afogaram-se em suas tendas. Peregrinos e soldados de infantaria em pânico que acordaram e tentaram subir a bordo dos barcos os sobrecarregaram, fazendo-os afundar. Camelos e mulas carregando armas, tesouros e alimentos foram arrastados. As águas subiram até a cintura em alguns lugares, e o exército ficou preso, nas palavras de Peter Montagu, mestre dos Templários, "como peixes em uma rede".[27]

Em apenas dois dias, os homens de al-Kamil – divisões de infantaria etíope negra seminu e esquadrões de galés remando fortemente contra a corrente do rio – convenceram sua presa cruzada a se render e implorar por termos. E agora, é claro, não havia nenhuma oferta de Jerusalém. Em vez disso, em 28 de agosto, Pelágio recebeu um acordo segundo o qual Damieta seria devolvida ao controle aiúbida e todos os prisioneiros muçulmanos no Egito, Tiro e Acre seriam libertados. Em troca disso, o exército cristão seria

alimentado e escoltado para fora do Egito sem maus-tratos. Uma trégua de oito anos foi acordada.

entre o reino de Jerusalém e o sultão, embora isso isentasse explicitamente o imperador Frederico de Hohenstaufen – sob o entendimento de que o grande príncipe poderia um dia realmente achar conveniente aparecer no Oriente. E foi isso. Oliver de Colônia observou com sombrio prazer que al-Kamil concordou em devolver a parte de Jerusalém da Verdadeira Cruz levada por Saladino em Hattin. Mas, no final, ele nunca o fez – provavelmente porque esta relíquia havia sido perdida, vendida ou destruída há muito tempo.

*

Quando os cruzados que permaneceram em Damieta souberam do destino de seus camaradas e descobriram que estavam sendo despejados de seu novo lar, mal podiam acreditar. Oliver de Colônia só tinha culpa para culpá-los. "Se alguém perguntar por que Damieta retornou tão rapidamente aos descrentes, a resposta é clara", bufou. "Foi amante do luxo, foi ambiciosa, foi rebelde. Além disso, foi extremamente ingrata a Deus e aos homens."[28]Essa antiga explicação para a derrota militar – por causa dos nossos pecados – remontava às desculpas de Bernardo de Claraval para o fracasso da Segunda Cruzada. Portanto, tinha pedigree, se não plausibilidade. E a dor entorpecida e perplexa de Oliver era certamente compreensível. Ele havia dedicado quase oito anos de sua vida a uma causa que prometera muito e, no final, não entregara nada.

Nem todos que foram ao Egito na Quinta Cruzada sofreram da mesma forma: o cruzado inglês Geoffrey de Dutton, que lutou com seu senhor Ranulf, conde de Chester, nos estágios iniciais da campanha de Damietta, mas retornou para casa antes do desastre em al-Mansurah, trouxe do leste relíquias que estavam curando os cegos e mudos em seu mosteiro local meio século depois.[29]Mas ele teve sorte. O melhor que se poderia dizer de pessoas como Oliver de Colônia, que acompanharam a Quinta Cruzada até seu fim úmido, lamacento e amargo, é que sobreviveram, graças à misericórdia do sultão e à paciência dos cidadãos de Damieta, que se contiveram para não se vingar dos cruzados quando estes partiram. "E assim, com grande tristeza e luto, deixamos o porto de Damieta", escreveu Oliver. "E, de acordo com nossas diferentes nações, nos separamos, para nossa eterna desgraça."[30]

* Uma das contribuições mais importantes de Inocêncio para o desenvolvimento das instituições cruzadas foi a provisão em Quia major para aqueles que não tinham recursos ou força física para se juntar a um exército cruzado, para enviar um substituto em seu lugar, ou fazer uma contribuição financeira direta ao fundo cruzado, ambos os quais permitiriam ao doador acessar os benefícios espirituais de realmente viajar para o teatro cruzado.

† João de Brienne viajou para o leste em 1210 para se casar com Maria, neta de Amalrico I. Os pais de Maria eram Conrado de Montferrat – o nobre e rei eleito assassinado durante a época de Ricardo Coração de Leão no leste – e Isabel, filha de Amalrico. Maria morreu em 1212, logo após o nascimento da filha, deixando João como rei-regente.

‡ A história foi um pouco diferente nos dois estados cruzados do norte, onde o condado de Trípoli e o principado de Antioquia se envolveram em uma longa e tortuosa luta interna conhecida como Guerra de Sucessão Antioquena. Nisso, os destinos de ambos os estados – e a identidade de seus governantes – estavam emaranhados com os de um terceiro reino cristão ao norte: o reino cristão independente e ortodoxo da Cilícia Armênia, que se libertou do Império Bizantino para conquistar sua independência na década de 1170. Na época da Quinta Cruzada, esse conflito já estava em andamento, intermitentemente, há dezesseis anos, embora estivesse cambaleando dolorosamente em direção a uma conclusão, que seria alcançada em 1219, quando Trípoli e Antioquia ficaram sob o governo conjunto do lorde caolho Boemundo IV, que havia longamente superado e eventualmente sobrevivido ao seu principal rival, o rei Leão II da Armênia.

23

Imutador Mundi

O imperador vivia e se vestia totalmente como um sarraceno…

Quando os cruzados derrotados e oprimidos retornaram do Nilo, vindos de al-Mansurah, no início de setembro de 1221, Hermann von Salza, um cavaleiro de meia-idade de uma família de nobreza muito pequena na Turíngia, na Alemanha central, foi um dos dois homens enviados à frente do exército para Damieta, para garantir a rendição da cidade ao sultão al-Kamil.[1] Era uma tarefa nada invejável, pois envolvia anunciar uma série de erros de julgamento desastrosos e uma rendição humilhante, antes de dizer aos colegas que já haviam se instalado confortavelmente na cidade conquistada com muito esforço que era hora de fazer as malas e partir. Mas havia pouquíssimas pessoas mais bem preparadas para o trabalho.

Von Salza era o mestre dos Cavaleiros Teutônicos, a mais nova das ordens militares estabelecidas para defender os estados cruzados. O alemão comedido e viajado era um dos líderes mais proeminentes da cruzada, respeitado tanto por peregrinos e voluntários comuns quanto pelos outros líderes de alto escalão da expedição. Ele era um guerreiro e diplomata veterano, um homem afável, sábio, confiável e competente, e o consenso geral era de que ele e sua ordem haviam tido uma boa cruzada. Ele viajou para Damieta com Peter Montagu, mestre dos Templários. Antes da Quinta Cruzada, Montagu teria sido o parceiro sênior, um príncipe da igreja militante e o líder da mais famosa das ordens militares. Agora, porém, Montagu e von Salza eram pares. E von Salza, graças ao seu papel de destaque em uma causa perdida, estava a caminho de

tornando-se uma das figuras mais influentes da próxima década da história das cruzadas.

*

A Ordem Teutônica comandada por von Salza foi fundada em 1190, durante a Terceira Cruzada, fora dos muros de Acre. Era, portanto, cerca de um século mais jovem que os Hospitalários de Jerusalém (que haviam aberto seu hospital para peregrinos perto da Igreja do Santo Sepulcro sob o domínio fatímida) e setenta anos mais jovem que os Templários (fundados em 1119), e seu número de membros era bem menor do que o de qualquer uma dessas duas veneráveis instituições cruzadas. Os pioneiros foram um grupo de cavaleiros alemães de Bremen e Lübeck, que montaram um pequeno hospital de campanha para tratar os muitos peregrinos e combatentes que adoeceram ou se feriram durante o cerco; o primeiro mestre foi um rico renano chamado Heinrich Walpot, que adquiriu propriedades dentro dos muros de Acre após a queda da cidade. A princípio, a Ordem Teutônica era uma organização puramente pastoral, cujos irmãos se dedicavam a salvar as vidas (ou amenizar as mortes) de outros cruzados – assim como os Hospitalários haviam feito em sua fundação. Como eram compostos por funcionários alemães e falavam alemão, logo chamaram a atenção de poderosos patronos alemães. Um deles foi Frederico da Suábia, filho de Frederico Barbarossa, que foi tratado no hospital de campanha de Acre em 1190-1191. Ele morreu lá, mas não sem antes recomendar o excelente padrão de atendimento ao seu irmão, o futuro Sacro Imperador Romano-Germânico Henrique VI. Henrique respondeu oferecendo apoio financeiro aos Cavaleiros Teutônicos e, alguns anos depois, quando enviou seu próprio grupo de cruzados para o leste (a expedição que lutou em Beirute e Sídon em 1197-1198), a Ordem Teutônica forneceu suporte médico básico em terra. Inocêncio III concedeu a aprovação papal em 1199, juntamente com uma regra oficial e permissão para desenvolver uma ala militar. Logo eles também tinham um uniforme: seus cavaleiros usavam mantos brancos decorados com uma cruz preta. Embora sua sede internacional fosse em Acre, os Cavaleiros Teutônicos gostavam de se chamar "Hospital de Santa Maria dos Teutônicos em Jerusalém". Tratava-se, claramente, de uma ostentação fictícia, e assim permaneceria enquanto Jerusalém fosse ocupada pelos aiúbidas. Mas era uma poderosa declaração de intenções.

Von Salza tornou-se o quarto mestre dos Cavaleiros Teutônicos por volta do ano de 1210, quando provavelmente estava na casa dos trinta. A ordem ainda era pequena: mantinha apenas uma dúzia de hospitais e, segundo o cronista Pedro de Dursburgo, não conseguia colocar mais de dez cavaleiros em campo de batalha ao mesmo tempo.[2]No entanto, a eleição de von Salza marcou o início de uma ascensão dramática em sua fortuna. No reino de Jerusalém, a ordem adquiriu propriedades suficientes para sustentar um centro de apoio aos peregrinos alemães no leste. Em troca, os peregrinos faziam doações em dinheiro e propriedades à ordem em seus testamentos. Enquanto isso, von Salza buscava conexões políticas estratégicas: em 1211, viajou para a Armênia para assistir à coroação do Rei Leão I; no mesmo ano, enviou irmãos teutônicos à Hungria para ajudar o Rei André II a colonizar a região fronteiriça indomável de Burzenland, na Transilvânia, que estava ameaçada por ataques das tribos turcas conhecidas como cumanos. O mestre pode ter estado presente no Quarto Concílio de Latrão, em 1215, quando Inocêncio III estabeleceu diretrizes detalhadas para a Quinta Cruzada; quando seus exércitos se reuniram, ele era considerado um de seus líderes.

Herman von Salza e os Cavaleiros Teutônicos desempenharam um papel crucial e amplamente elogiado na cruzada egípcia, desde o concílio de Acre, em 1217, que concordou em atacar Damieta, até a expedição Nilo acima. Com exceção de alguns meses, quando deixou o Egito para viajar à corte papal com um relatório sobre a situação do conflito, o mestre era frequentemente encontrado com João de Brienne, o Cardeal Pelágio, os mestres dos Templários e Hospitalários e outros comandantes seniores, enquanto debatiam e decidiam estratégias. Durante o cerco de Damieta, os Cavaleiros Teutônicos se destacaram por sua bravura e frequentemente entraram em escaramuças com as tropas do sultão. Ao longo do caminho, sofreram pesadas baixas, mas, em uma campanha dominada por combatentes alemães, não faltaram voluntários para reabastecer suas fileiras – seja como irmãos cavaleiros professos que fizeram votos religiosos ou como membros associados chamados confrades (cavaleiros que continuaram a viver uma vida secular, mas lutaram sob a bandeira da ordem). Um dos mais prestigiados deles foi um cavaleiro chamado Litot, que ajudou a invadir a torre de correntes de Damieta no início do cerco. Embora von Salza tenha defendido a marcha desastrosa para al-Mansurah, foi uma marca de sua conduta – e da sua ordem – exemplar o fato de ele não ter sido manchado pelo resultado dessa decisão. Em vez disso, após a evacuação de Damieta em 1221, o mestre retornou à Europa Ocidental, com sua reputação pessoal intacta e até mesmo fortalecida. O Papa Honório III,

que supervisionou a cruzada de longe,

recompensou os Cavaleiros Teutônicos com uma ampla concessão de privilégios financeiros que os colocavam explicitamente em pé de igualdade com os Templários e Hospitalários. O papa orgulhosamente chamou a ordem de von Salza de "novos Macabeus favorecidos desta época... por meio dos quais Deus liberta a Igreja Oriental da imundície dos pagãos".[3] E o papa não era o único homem que apreciava o trabalho de von Salza no Egito. Quando o mestre retornou à Europa, caiu a serviço de um governante que se colocaria de cabeça para baixo em uma cruzada. Era o Sacro Imperador Romano, Frederico II de Hohenstaufen: um rei, imperador e polímata tão grandioso que seus admiradores o chamavam de stupor mundi e immutator mundi: a maravilha, ou transformador, do mundo.

*

Frederico era um indivíduo verdadeiramente extraordinário. Não era fisicamente imponente: o pregador e historiador damasceno Sibt ibn al-Jawzi o descreveu como alguém de rosto vermelho, calvo e míope. "Se fosse escravo, não valeria duzentos dirhams", murmurou ibn al-Jawzi.[4] Mas o que lhe faltava em cabelo e visão de longe, Frederico compensava amplamente com a força de sua personalidade, a amplitude de seu conhecimento e a extensão de sua ambição imperial.

Ele nasceu em Iesi, na costa leste da Itália, em 26 de dezembro de 1194. Um rumor posterior – mais uma história exagerada do que verdadeira – afirmava que sua mãe, Constança, rainha da Sicília, de quarenta anos, dera à luz na praça da cidade, para dissipar quaisquer dúvidas de que a criança fosse naturalmente dela. Frederico nunca conheceu seu pai, o Sacro Imperador Romano-Germânico Henrique VI; na verdade, seus pais faleceram antes de seu quarto aniversário.[*] Mas ele passou a vida perseguindo a grande ambição política de Henrique: unir a Sicília ao Sacro Império Romano-Germânico sob seu próprio comando. Essa perspectiva atormentou sucessivos papas, que abominavam a ideia de os estados papais serem cercados ao norte e ao sul pelas terras de um único governante – particularmente um como Frederico.

Durante a maior parte da infância de Frederico, no entanto, a ideia de assumir o comando de qualquer lugar fora da ilha de sua mãe, a Sicília, e seus territórios associados na Calábria e na Apúlia parecia remota. Após a morte de Henrique VI, o Sacro Império Romano-Germânico dissolveu-se em uma guerra civil entre os apoiadores de dois candidatos adultos à sucessão: o irmão de Henrique

Filipe da Suábia e Otão IV da dinastia bávara dos Welfos, sobrinho de Ricardo Coração de Leão. Quando Filipe foi assassinado em um casamento em 1208, Otão reivindicou a coroa imperial. Em 1215, porém, Otão ofendeu gravemente o Papa Inocêncio III e os príncipes alemães que o elegeram, e foi derrotado no campo de batalha por Filipe Augusto, rei da França. Foi excomungado, deposto e enviado para o exílio forçado em suas propriedades em Brunswick, onde três anos depois morreu como um miserável pecador. Frederico, agora com vinte anos, rei da Sicília, entrou em cena. Em 25 de julho de 1215, foi coroado rei dos alemães em Aachen e, para surpresa – teatral ou sincera – dos clérigos presentes, seu primeiro ato como rei foi tomar a cruz.

Ibn al-Jawzi, além de insultar a aparência física de Frederico, também escreveu que ele era "um materialista e que seu cristianismo era simplesmente um jogo para ele".[5]Isso era injusto. Frederico era de fato um cristão sincero; sua escolha de se comprometer com a cruzada em 1215 foi feita de todo o coração, e ele passou grande parte de sua vida perseguindo ativamente hereges em seus territórios, bem como oprimindo judeus e muçulmanos comuns da Sicília. No entanto, simultaneamente – e às vezes paradoxalmente – ele era um homem com uma curiosidade insaciável sobre o mundo natural que se estendia muito além dos princípios das escrituras cristãs. Essa curiosidade, que ibn al-Jawzi condenou como materialismo, combinada com o fato de ter crescido na Sicília, onde as culturas grega, hebraica, árabe e latina se misturavam com mais fluidez do que em qualquer outro lugar do planeta, significava que ele ignorava as fronteiras civilizacionais tradicionais de uma maneira que escandalizava os fanáticos obstinados de ambos os lados da divisão cruzada. Frederico devorava o conhecimento de onde quer que viesse – "inalando incansavelmente seus doces perfumes", como ele mesmo dizia. Ele amava ciências naturais, astrologia, lógica, retórica, medicina, direito, filosofia e matemática. Ele era um zoólogo soberbo que mantinha um zoológico que incluía, em vários momentos, leopardos, camelos, elefantes, ursos, uma girafa e um pavão albino, e escreveu um texto definitivo sobre falcoaria intitulado De arte venandi cum avibus (Sobre a Arte de Caçar com Aves). Foi profundamente influenciado pelos comentários do estudioso muçulmano espanhol Ibn Rushd (Averróis) sobre Aristóteles e entendia que era impossível investigar completamente os mistérios do mundo que Deus havia criado sem referência a estudos não cristãos. Frederico cercou-se de tutores, conselheiros, poetas, acadêmicos e burocratas latinos, gregos, muçulmanos e judeus. Já na idade adulta, manteve uma relação pessoal com o árabe.

tutor de lógica e se correspondeu com estudiosos judeus e árabes no sul da Espanha.[6]Ele tinha uma familiaridade e compreensão natural do islamismo, falava árabe e gostava de anunciar sua magnificência de maneiras que pudessem ser entendidas tanto por muçulmanos quanto por cristãos: ele se referiu a si mesmo mais de uma vez como "o fortificador do imã de Roma", expressando assim um conceito firmemente cristão em termos simpáticos ao público islâmico.[7]Frederico era, em suma, um intelectual surpreendentemente liberal e um governante francamente pragmático. No entanto, esses instintos não brotavam da ambivalência em relação à fé, mas sim da inteligência, da necessidade, da capacidade de compartimentar e equivocar-se e – na raiz – do sicilianismo. Ibn Wasil, um escritor mais perspicaz que ibn al-Jawzi, considerou Frederico "refinado e culto" e "favorável aos muçulmanos porque originalmente cresceu na Sicília... e os habitantes daquela ilha são majoritariamente muçulmanos".[8]Ao contrário de ibn al-Jawzi, Ibn Wasil não duvidou do comprometimento de Frederico com o cristianismo ou com as cruzadas.

*

Hermann von Salza entrou na órbita de Frederico depois de deixar o Egito em 1221. A ausência deste último da Quinta Cruzada — resultado de sua luta desgastante com o Papa Honório para encontrar termos pelos quais ele poderia ser coroado Sacro Imperador Romano — causou muita reclamação, e Frederico percebeu que era esperado que ele cumprisse seu voto mais cedo ou mais tarde.

Os impedimentos à saída de Frederico eram a complexa teia de compromissos que acompanhava sua coroa imperial e a dificuldade de conciliar as exigências do império com o governo na Sicília, que era perpetuamente turbulenta e exigia sua atenção pessoal. Assim, a tarefa de von Salza, que ele iniciou imediatamente, era ajudar Frederico a resolver disputas remanescentes da recente guerra civil na Alemanha, mantendo canais diplomáticos fluidos entre o império e o papado. Isso estava longe de ser fácil, mas a tarefa se adequava aos talentos de Hermann. Também servia à sua ambição pessoal, que era garantir o apoio contínuo à Ordem Teutônica de seus dois patronos mais importantes: o imperador e o papa. Para tanto, na década de 1220, ele estava excepcionalmente ocupado. Assim como Hugo de Payns, o mestre fundador dos Templários, havia ajudado a despertar o entusiasmo ocidental pela cruzada contra Damasco, enriquecendo sua ordem no processo, Hermann agora

dedicou suas próprias energias para garantir que o imperador eventualmente pudesse seguir para o leste e continuar de onde a Quinta Cruzada havia parado.[9]

Para tanto, Hermann passou vários anos viajando pelos estados alemães e cortes estrangeiras vizinhas, negociando tréguas com súditos e rivais descontentes, tentando extrair juramentos de cruzada de vassalos imperiais, contratando espadachins e comissionando navios de transporte de tropas. Foi difícil: após a Quinta Cruzada, houve uma apatia generalizada na esfera alemã por quaisquer novos combates com al-Kamil. Mas von Salza manteve-se firme em sua tarefa. Visitou a Lombardia e a Sicília e aventurou-se até o norte, até a Dinamarca, para apaziguar o rei beligerante Valdemar II. Ele transitou entre as cortes imperial e papal, ajudando a acalmar os ânimos quando, tendo perdido a data de partida de 1222, Frederico adiou sua cruzada mais uma vez, para 1225. E em 1225, quando Frederico solicitou mais uma extensão de sua obrigação de cruzado (desta vez citando as dificuldades em reunir tropas suficientes e de qualidade suficiente), von Salza ajudou a elaborar o tratado de San Germano, pelo qual o imperador prometeu a Honório – agora chegando ao fundo de sua profunda paciência – que, se ele não partisse para o leste até 1227, perderia um vínculo de 2.800 quilos (100.000 onças) de ouro e seria excomungado. Por volta dessa época, os negócios da Ordem Teutônica começaram a sofrer com a ausência de von Salza: em 1224, os irmãos baseados na Hungria começaram a contemplar a retirada total do reino, depois que suas relações com o Rei André se romperam e von Salza não pôde viajar pessoalmente para repará-las.[10]Em 1226, a Ordem Teutônica havia deixado a Transilvânia. Mas o mestre calculou que, a longo prazo, oportunidades maiores estariam em outro lugar.

*

Pouco depois de jurar os termos do acordo de San Germano, em novembro de 1225, Frederico de Hohenstaufen casou-se com Isabel, filha de treze anos de João de Brienne – ou, como era mais propriamente conhecida, a Rainha Isabel II de Jerusalém. Este acordo também teve o imprimatur de Hermann von Salza. O casamento foi ideia do papa, mas sua execução não foi fácil, e ocupou dois anos do tempo de von Salza, que convenceu João de Brienne de que Frederico lhe permitiria permanecer em Jerusalém.

Acre, como rei de Jerusalém (uma mentira descarada, como se viu), supervisionou as negociações para o contrato de casamento e, por fim, enviou um dos irmãos de sua ordem para trazer a moça à Itália para o casamento. Von Salza pode ter ficado constrangido quando Frederico, ao se casar com Isabel, imediatamente voltou atrás em sua palavra e insistiu que João de Brienne lhe cedesse todos os seus direitos como rei;[†]Mas qualquer constrangimento foi amenizado quando Frederico e sua jovem esposa fizeram generosas doações de títulos e propriedades à Ordem Teutônica na Terra Santa. Frederico agiu de forma descortês e até desprezível com João, mas estava dentro de seus direitos legais. E como rei de Jerusalém, Frederico certamente não poderia adiar por mais tempo sua partida em cruzada.

Segundo o tratado de San Germano, Frederico de Hohenstaufen deveria zarpar para Acre em 15 de agosto de 1227. Honório nunca o viu partir, pois o papa morreu em 18 de março. Mas seu sucessor, o zeloso e intransigente cardeal Ugolino di Conti, que adotou o nome papal de Gregório IX, observava Frederico como um falcão. Gregório tinha motivos para ficar encantado quando o imperador partiu, conforme combinado, no verão de 1227; mas a felicidade se transformou em exasperação e raiva quando Frederico adoeceu com peste no início da jornada. Ele nem havia deixado o litoral italiano antes de cancelar sua cruzada mais uma vez, pedir a von Salza e ao duque de Limburgo que levassem vinte galés e um pequeno contingente de combatentes para Acre à sua frente e foi para a Campânia para se recuperar nas fontes vulcânicas de Pozzuoli, perto de Nápoles.

Quando a notícia da última distração de Frederico chegou a Gregório IX, ele explodiu em um acesso de raiva. O tempo para desculpas havia acabado. O tratado de São Germano previa a excomunhão, e o novo papa não perdeu tempo em proferir a sentença, denunciando Frederico como "desprezível de todas as promessas" e acusando-o de ter feito "uma frívola simulação de doença". Frederico respondeu acusando Gregório de ser "totalmente devotado a incitar ódio contra nós".[11]Enquanto os dois homens mais poderosos da cristandade ocidental discutiam em público, Hermann von Salza fazia uma rápida travessia para Acre. Sem dúvida, ele se perguntava, durante a viagem, se todos os seus esforços teriam sido em vão – e se o imperador volúvel algum dia cumpriria suas muitas promessas de libertar Jerusalém dos infiéis.

No final, Frederico finalmente chegou ao seu reino de Jerusalém (no que agora é ocasionalmente chamado de Sexta Cruzada) no final do verão de 1228,

Ainda excomungado, mas aparentemente despreocupado. Ele havia se recuperado da doença, embora alguns meses antes tivesse sofrido a perda de sua jovem esposa Isabel, que faleceu após o nascimento de seu filho Conrado. Esse fato – que turvou ainda mais a questão da reivindicação de Frederico à coroa de Jerusalém – mal pareceu perturbá-lo. Interrompeu sua viagem da Itália à Palestina com uma curta excursão a Chipre, onde entrou em choque e insultou o nobre oriental mais poderoso da região, João de Ibelin, bailio (ou regente) durante a menoridade do jovem rei de Chipre, Henrique de Lusignan. No início de setembro, Frederico estava em Acre, preparando-se para se dedicar à reorganização das defesas do reino. No entanto, sua presença, embora há muito esperada, não era mais universalmente bem-vinda. Um cruzado excomungado era uma contradição em termos, e durante todo o tempo de Frederico no leste ele enfrentou hostilidade latente dos Templários — que se recusaram a enviar tropas a menos de um quilômetro de seu exército — e do patriarca de Jerusalém, Gerold de Lausanne, que considerava Frederico o diabo encarnado.

Apesar desse rumor de sentimento anti-Hohenstaufen, Hermann von Salza permaneceu leal ao seu homem. Durante o ano anterior, o mestre supervisionara os primeiros trabalhos na vasta nova fortaleza de Montfort, dos Cavaleiros Teutônicos, com vista para o Acre, construída em uma escala que rivalizava com o Crac des Chevaliers dos Hospitalários e o Château Pèlerin dos Templários. No outono de 1228, porém, ele estava em Jaffa com o restante dos cruzados e, portanto, pôde escrever um relato em primeira mão dos eventos para o Papa Gregório IX. "Enquanto o trabalho [nas defesas de Jaffa] progredia com entusiasmo", escreveu Hermann, "embaixadores iam e vinham entre o sultão da Babilônia [al-Kamil] e o senhor imperador, conduzindo negociações sobre os benefícios da paz e dos acordos."[12]Essas discussões foram conduzidas num espírito de respeito mútuo que irritou muitos de ambos os lados, e resultaram em uma conclusão espetacular. O irmão de Al-Kamil, Al-Mu'azzam, havia morrido recentemente, e o sultão agiu rapidamente para assumir o controle da maior parte do sul da Palestina sob domínio muçulmano, incluindo a cidade de Jerusalém. Manter essa posição, no entanto, não era sua prioridade; ele estava muito mais focado em tomar o controle de Damasco do jovem filho de Al-Mu'azzam, Al-Nasir. Uma briga familiar entre a família aiúbida, portanto, irrompeu, e o sultão não desejava complicar as coisas abrindo outra frente de disputa com os pestilentos francos. A presença do imperador era, nas palavras do cronista Abu al-Fida, "como uma flecha em uma ferida".[13]Aquela flecha teve que ser removida com cuidado.

Em nível pessoal, havia um rico entendimento entre o sultão e o imperador, como não se via no Oriente desde os tempos de Ricardo Coração de Leão e Saladino. O relacionamento deles havia sido cultivado por procuração, por meio de um dos emires mais confiáveis de al-Kamil, Fakhr al-Din, que já havia visitado Frederico na Sicília, onde pôde conversar diretamente com o imperador em árabe. Por meio de Fakhr al-Din, os dois governantes agora trocavam presentes valiosos: Frederico enviou a al-Kamil um conjunto de sua própria armadura como símbolo de suas intenções pacíficas, e o sultão graciosamente permitiu que Frederico submetesse uma lista de difíceis problemas matemáticos à consideração dos melhores estudiosos da corte aiúbida. Para escândalo e indignação eternos do Patriarca Gerold, al-Kamil também enviou ao acampamento do imperador "dançarinas que cantavam e faziam malabarismo".[14] Gerold reclamou que "o imperador vivia e se vestia totalmente como um sarraceno, festejando e bebendo com esses dançarinos... a generosidade do imperador para com os sarracenos era extrema, como se ele estivesse tentando comprar a paz que não conseguia obter pela força ou pelo medo".[15] Na verdade, o patriarca estava tão cego por sua aversão que não conseguia enxergar que a força e o medo raramente, ou nunca, fizeram parte do arsenal de Frederico. Mas mesmo ele não podia negar o que a bajulação e um pouco de intercâmbio cultural eventualmente alcançaram. Em 18 de fevereiro de 1229, o sultão al-Kamil e Frederico, rei de Jerusalém, concordaram com um tratado que refletia muitos dos termos oferecidos (e recusados) aos quintos cruzados em 1221. A cidade de Jerusalém – "o lugar onde os pés de Cristo pisaram e onde os verdadeiros adoradores adoram o Pai", como Frederico a descreveu em uma carta a Henrique III da Inglaterra – seria entregue ao domínio cristão.[16] O mesmo ocorreu com Belém, Nazaré e várias outras áreas da Palestina entre Jerusalém e Acre. Um armistício de dez anos seria observado e, acrescentou Hermann von Salza, em seu relato da celebração do tratado, "haverá uma troca de todos os prisioneiros, aqueles capturados na queda de Damieta". Havia um certo grau de ambiguidade nos termos relativos ao direito dos cristãos de reconstruir os muros de Jerusalém, mas, fora isso, escreveu von Salza, "é quase impossível descrever a alegria de todo o povo com esta proposta".[17]

Na verdade, "todo o povo" não ficou muito feliz. Aliás, muitos ficaram indignados, principalmente do lado aiúbida. Embora Frederico concordasse que os muçulmanos deveriam ter permissão para controlar o acesso ao Monte do Templo (haram a-sharif) e para adorar livremente no Domo da Rocha e na mesquita de al-Aqsa, ibn al-Jawzi falou por muitos ao denunciar o abandono de Jerusalém como uma vergonha. Ele difamou o acordo desde

o início.

púlpito da Grande Mesquita de Damasco: 'Que vergonha para os governantes muçulmanos!', ele vociferou. 'Em tal evento, lágrimas caem, corações se partem em suspiros, a dor se eleva ao alto!'[18]Ibn al-Athir escreveu que "os muçulmanos ficaram indignados e acharam aquilo monstruoso. Isso os fez sentir uma fraqueza e uma dor indescritíveis".[19]O Patriarca Gerold fez questão de apontar todos os lugares que não haviam sido devolvidos ao domínio cristão e acusou Frederico de "negócios desleais... mentiras, maldade e fraude".[20]Mas nenhum desses homens dignos conseguiu impedir o acordo. Em 18 de março, um triunfante (embora ainda excomungado) Frederico de Hohenstaufen entrou na Igreja do Santo Sepulcro – o primeiro rei cristão a pisar lá desde Guido de Lusignan, antes da Batalha de Hattin, em 1187. A coroa de Jerusalém o aguardava no altar-mor. Como ele descreveu o evento a Henrique III da Inglaterra: "Nós, como imperador católico... usamos a coroa que Deus Todo-Poderoso nos concedeu do trono de Sua Majestade."[21]Ele não acrescentou que, de fato, o havia arrancado do altar e colocado sobre a própria cabeça, renunciando a qualquer ritual de unção ou consagração. Em seguida, saiu da igreja, deixando von Salza em seu lugar para dar uma palestra em latim e alemão, relatando os muitos grandes feitos que Frederico havia realizado desde que recebeu a cruz em Aachen, quatorze anos antes. O Patriarca Gerold, que se recusou a se apresentar diante dessa cena, soube mais tarde que von Salza havia "exonerado e depois exaltado o imperador, enquanto criticava abundantemente a Igreja".[22]Independentemente de isso ser verdade ou não, era difícil negar que, por meio da diplomacia e de muita sorte, Frederico havia alcançado a maior e menos sangrenta vitória cruzada em gerações.

*

Tendo assegurado Jerusalém e ordenado a reconstrução de suas muralhas, Frederico não perdeu tempo em retornar ao Ocidente. Deixou a cidade de Jerusalém no final de março; em 1º de maio, partiu de Acre, deixando o reino nas mãos de bailios. Apesar de seu triunfo diplomático, não teve tempo nem desejo de permanecer ali. Abundavam os rumores de que os Templários – cuja sede histórica na mesquita de al-Aqsa, no Monte do Templo, havia sido deixada em mãos muçulmanas – estavam conspirando para assassiná-lo; durante suas últimas horas em Acre, apoiadores da facção Ibelin, que ele havia decepcionado no início de sua jornada, aglomeraram-se nas ruas e o apedrejaram com tripas e restos de açougueiro. Pior ainda, os relatos eram

Chegando do oeste, o Papa Gregório, ingrato e determinado a provar a Frederico que o poder dos papas se sobrepunha ao de meros imperadores e reis, havia autorizado João de Brienne a lançar uma invasão militar na Sicília. Em 10 de junho, ele estava no sul da Itália. Von Salza não estava muito atrás.

De volta ao Ocidente, a primeira tarefa do mestre teutônico foi reconciliar Frederico com o irascível Gregório IX e obter o levantamento de sua sentença de excomunhão. Ao mesmo tempo, porém, von Salza tinha a questão do crescimento futuro da Ordem Teutônica a considerar. Frederico havia concedido à ordem generosas doações no reino de Jerusalém, o que a manteria em uma posição estável pelos próximos anos. No entanto, no Oriente, eles ainda precisavam competir por recursos com os Templários e Hospitalários mais antigos e estabelecidos. As verdadeiras oportunidades estavam mais perto de casa.

Em 1226, após a retirada desordenada dos Cavaleiros Teutônicos da Transilvânia, von Salza havia obtido de Frederico uma concessão extraordinária conhecida como a Bula de Ouro de Rimini. Este decreto imperial (assim chamado por ostentar um selo dourado) concedeu à Ordem Teutônica permissão para enviar tropas em auxílio ao senhor germânico, o Duque Conrado da Masóvia, que lutava contra pagãos prussianos nas fronteiras de suas terras. Segundo os termos da Bula de Ouro, os homens de von Salza tinham o direito de tomar e governar – sem supervisão e sem impostos – qualquer território que conquistassem a serviço do duque. O texto elogiava von Salza especificamente "porque ele é poderoso em atos e palavras e iniciará e completará poderosamente a conquista para o Senhor, embora muitos já tenham fracassado na mesma empreitada com maior esforço".[23]Isso colocou a ordem em um novo rumo, afastando-a da Terra Santa, e chegou em um momento oportuno, dado o fracasso em colonizar a Transilvânia. Os Cavaleiros Teutônicos haviam dado o primeiro passo para a criação de um novo estado cruzado no Báltico, que sobreviveria até a Reforma Europeia do século XVI.

Em 1230, o preço de von Salza – ou pelo menos sua recompensa – pela difícil tarefa de reconciliar Frederico com Gregório foi a aprovação do papa dos mesmos privilégios estabelecidos quatro anos antes na Bula de Ouro. Gregório não decepcionou. Em 12 de setembro, o papa emitiu uma bula concedendo aos Cavaleiros Teutônicos seu total apoio para avançarem para a Prússia, onde lutariam, matariam, converteriam e conquistariam os pagãos que ali viviam. Gregório reiterou o dever dos cruzados de proteger os pagãos do Báltico que se converteram ao cristianismo. Mas ele também argumentou que Deus havia colocado os pagãos

na Terra especificamente para que pessoas como os irmãos cavaleiros de Hermann von Salza pudessem salvar suas próprias almas matando-as, 'para que pudessem ter um meio de expiação e salvação'.[24]Na primavera de 1231, os irmãos teutônicos iniciaram o que se tornaria, efetivamente, uma cruzada contínua contra os não cristãos no Báltico, na qual comandavam voluntários comuns recrutados por pregadores dominicanos no ducado da Polônia e nos estados germânicos vizinhos, e, a cada temporada de campanha, cavaleiros de toda a Europa em busca de aventura se juntavam a eles. Liderados por um irmão mais velho chamado Hermann Balk, eles lutaram lentamente pelo vale do rio Vístula, partindo de Chelmno (Kulm), construindo fortalezas de madeira (e mais tarde de pedra) e subjugando ou convertendo tribos prussianas.

A tensão entre Frederico e Gregório permaneceu alta ao longo da década de 1230, e em cada ocasião em que von Salza foi chamado para mediar suas disputas, ele conseguiu novas concessões para as novas aventuras de sua ordem na orla do Báltico. A Prússia – assim como a Livônia, a Lituânia e a Estônia ao norte – era uma terra de povos tribais guerreiros, a quem escritores pró-teutônicos como o cronista Pedro de Dursburgo chamavam de "primitivos além da conta", adoradores de coisas vis como árvores, o clima e sapos.[25]Mas também era um lugar de grande abundância, e cada concessão que von Salza arrancava do papado aumentava o benefício potencial que a Ordem Teutônica poderia obter ali — além da recompensa espiritual das cruzadas, que continuavam sendo um meio de lavar os pecados em um banho quente de sangue de descrentes.

Em meados da década de 1230, os Cavaleiros Teutônicos estavam firmemente estabelecidos no vale do Vístula. Construíram fortes ao norte, até Elbing, e assumiram a guarda de uma preciosa relíquia da Vera Cruz, que Frederico de Hohenstaufen havia obtido dos venezianos e dado de presente a von Salza.[26]A guerra santa deles não foi a única travada no norte germânico: em 1232, o arcebispo de Bremen obteve de Roma o status de cruzado para uma campanha militar para subjugar um bando rebelde de milhares de trabalhadores rurais conhecidos como Camponeses de Stedingen, que foram rotulados como hereges por se recusarem a pagar os dízimos da igreja e foram devidamente massacrados por um exército de cruzados em uma batalha em Altenesch em 27 de maio de 1234. Mas mais a leste, entre os prussianos, a Ordem Teutônica estava ganhando força: fazendo ganhos ativos em território pagão e promovendo sua autoimagem como um grupo de "pessoas nobres, que viveram muito tempo no mundo e eram inteligentes e bem informadas".[27] Gregório declarou em 1234 que a Prússia era 'São Pedro

Patrimônio' – implicando seu status permanente como objeto de cruzada. O braço forte de São Pedro seria guiado pelos Cavaleiros Teutônicos.

O crescente status desta ordem na Prússia foi reforçado em 1237, após o colapso dos Irmãos da Espada da Livônia – a organização estabelecida na casa do Bispo Alberto de Riga três décadas antes – em meio a duras críticas, escândalos e catástrofes militares. Desde o início, os Irmãos da Espada tinham a reputação de brutamontes e, por volta de 1234, chegaram à corte papal denúncias de que eles assassinavam rivais, profanavam cadáveres cristãos, conspiravam com russos cismáticos e pagãos para fomentar rixas pessoais, matavam centenas de convertidos pagãos, agrediam monges cistercienses, saqueavam propriedades da igreja e impediam que descrentes recebessem o batismo para que pudessem ser escravizados.[28]Esse bando desonesto – que, na realidade, enfrentava uma crise de recrutamento e financiamento – acabou sendo desfeito após uma expedição desastrosa contra um exército de lituanos e pagãos semgallianos em 1236. O mestre dos Irmãos da Espada, Volkwin, comandava um exército voluntário de cerca de 3.000 homens quando foi derrotado nas margens do Rio Saule. No ano seguinte, os Irmãos da Espada sobreviventes foram incorporados à Ordem Teutônica. Na mesma época, os Cavaleiros Teutônicos também absorveram outra pequena ordem militar local: a Ordem Polonesa de Dobrzyń. Eles estavam, por enquanto, em ascensão.

*

A história dos Cavaleiros Teutônicos na Prússia sobreviveu em muito a Hermann von Salza, Gregório IX e Frederico de Hohenstaufen. A ordem cresceu irregularmente, e houve momentos, particularmente nas décadas de 1240 e 1260, em que parecia que seriam derrubados pelas exigências de uma guerra interminável e desgastante nas fronteiras da cristandade. Não eram apenas os inimigos pagãos que os perturbavam; os problemas da ordem eram exacerbados por disputas políticas ferozes e frequentemente violentas entre outras potências cristãs que visavam territórios privilegiados na longa extensão do Báltico, entre Danzig e as terras dos finlandeses. Pouco a pouco, porém, a ordem construiu um formidável estado cruzado. Em 1283, eles praticamente conquistaram a Prússia e estabeleceram um estado de ordens no qual os cavaleiros eram soberanos, e a terra era defendida por poderosos castelos de pedra. Ao longo do meio século seguinte, os Cavaleiros Teutônicos também se tornaram a potência dominante em

Livônia e Estônia, e concentraram seus esforços de cruzada – muitas vezes de forma brutal – contra o reino pagão da Lituânia e os príncipes russos ortodoxos. Estados teutônicos existiriam de alguma forma na Prússia e na Livônia até meados do século XVI – muito tempo depois do desaparecimento dos Estados cruzados no leste. Esta foi uma conquista surpreendente que começou com Hermann von Salza, amigo de imperadores e papas e um dos líderes cruzados mais discretamente eficazes de sua época.

Von Salza faleceu no Domingo de Ramos, 20 de março de 1239, em Salerno, o centro médico mais avançado da Europa, para onde viajara em busca de tratamento para a doença que o levara à morte. Certa vez, ele se descreveu como uma pessoa "que preza a honra da Igreja e do Império e luta pela exaltação de ambos".[29] Sua capacidade de fazê-lo fez muita falta após sua morte. Sob o sucessor de von Salza como mestre, o aristocrático Conrad von Thüringen, a ordem abandonou sua posição de longa data de cordialidade cuidadosamente planejada para com o imperador e o papa, e passou a apoiar Frederico – o que não é nenhuma surpresa, visto que Conrad von Thüringen era primo em segundo grau do imperador. Isso lhes causou consideráveis problemas políticos no leste, onde a simples menção do nome de Frederico era suficiente para levar metade dos barões dos estados cruzados a paroxismos de fúria. Isso também significou que, imediatamente após a morte de von Salza, a ordem foi forçada a se unir a um governante esquecido por Deus. Pois no mesmo dia em que von Salza morreu, o Papa Gregório mais uma vez proferiu a sentença de excomunhão contra o imperador – desta vez como punição pela atividade militar de Frederico no norte da Itália, para onde ele havia enviado exércitos contra a chamada Liga Lombarda de cidades-estado.

Desta vez, não houve uma reconciliação tranquila. O imperador permaneceu excomungado quando Gregório morreu em 1241 e passou grande parte dos nove anos restantes de sua vida literalmente em guerra com o papado. No total, ele foi excomungado quatro vezes entre 1227 e sua própria morte em 1250, e a vingança papal sobreviveu a ele, continuando contra seu filho e sucessor, Conrado. O homem que havia quase sozinho assegurado a devolução de Jerusalém e do Santo Sepulcro dos aiúbidas, portanto, morreu como alvo expresso de uma cruzada, que foi pregada contra ele por bispos, frades dominicanos e franciscanos e outros agentes papais com tanto vigor quanto aquelas que, em tempos passados, haviam sido dirigidas contra infiéis distantes. Seus inimigos, lutando sob as ordens do papa, foram encorajados a usar cruzes de cruzada e autorizados a comutar promessas a

viajar para a Terra Santa para permanecer no Ocidente e tentar derrubar o Sacro Imperador Romano. Seria difícil conceber uma perversão maior das instituições e da linguagem das cruzadas do que pregar tal guerra contra – para usar a própria expressão de Frederico – "o fortificador do imã de Roma". Sem dúvida, Frederico podia ser irritante, autoritário e egoísta. Mas as cruzadas chegaram a um ponto estranho quando ele passou a ser considerado um alvo tão válido para guerreiros cristãos ávidos por purificação de seus pecados quanto os pagãos da Livônia, os almóadas da Espanha e os turcos, curdos ou árabes do Oriente Próximo.

No entanto, em certo sentido, tudo isso pouco importava, pois quando Frederico morreu, para ser enterrado em um túmulo de pórfiro na catedral de Palermo, uma ameaça ainda maior havia surgido para ameaçar não apenas a cristandade, mas aparentemente o mundo inteiro. Do Extremo Oriente, surgiu uma horda de bárbaros conquistadores muito mais mortíferos do que qualquer coisa na memória viva. Eram os mongóis, e sua introdução ao mundo das cruzadas o transformou de uma forma que excedeu as mudanças operadas até mesmo pela figura deslumbrante de Frederico de Hohenstaufen e seu astuto e confiável companheiro, Hermann von Salza, dos Cavaleiros Teutônicos.

[*] Henrique VI morreu na Sicília em setembro de 1197. Constança morreu em novembro de 1198.

[†] João de Brienne foi posteriormente compensado pela perda da coroa de Jerusalém quando, em 1229, foi eleito imperador latino de Constantinopla. Viajou para a antiga capital bizantina e foi coroado na Basílica de Santa Sofia em 1231. Morreu na cidade em março de 1237, tendo-se professado frade franciscano durante sua doença terminal.

24

Khans e Reis

Dos reinos do leste veio a besta cruel…

Em 9 de abril de 1241, os guerreiros ensanguentados de um exército mongol vasculharam os campos nos arredores da cidade de Legnica (Liegnitz), na Polônia, rolando sobre os cadáveres de seus inimigos e cortando suas orelhas. Esse simples ato de mutilação ajudou os mongóis a contabilizar quantos homens haviam matado. A captura naquele dia havia sido de alguns milhares – o suficiente para encher nove grandes sacos –, mas essas eram apenas as últimas vítimas de um número de mortos que, desde a ascensão do senhor da guerra mongol Temüjin a Genghis Khan (Činggis Qa'an – vagamente, "grande líder"), cerca de 25 anos antes, agora chegava a milhões.[1] Ao longo desse tempo, muitas pessoas tentaram se opor aos mongóis, e muitas outras simplesmente levantaram as mãos e se renderam. Qualquer um que fosse imprudente o suficiente para resistir geralmente terminava como o exército cristão que agora jazia sem armas em solo da Silésia: derrotado, morto e humilhado; abandonado à própria sorte como um aviso das consequências de resistir à máquina militar mais temível que o mundo já conhecera.

Mongóis e mamelucos, c.1260

A Batalha de Legnica foi parte de uma retaguarda desesperada travada em toda a Europa Oriental e Central no início da década de 1240, enquanto os mongóis – ou, como os cronistas cristãos os chamavam, os tártaros[*] – avançaram para o oeste, vindos da Ásia Central, que vinha caindo constantemente sob suas espadas nas duas décadas anteriores. Seu alvo era o reino cristão da Hungria, que marcava o extremo oposto da estepe que se estendia quase sem descontinuidades por mais de 6.000 km, desde a montanha sagrada de Burkhan Khaldun, onde se dizia que Temüjin havia nascido, até o sopé dos Cárpatos.[2] Para esse fim, Legnica foi uma finta, projetada para desviar a atenção dos guerreiros cristãos, incluindo unidades de Cavaleiros Teutônicos e Templários, e impedi-los de se juntar a um confronto de armas ainda mais sangrento que aconteceria no dia seguinte em Mohi, na Transilvânia, quando um exército mongol maior derrotou o rei Bela IV da Hungria.

No entanto, mesmo uma finta dos mongóis parecia um ataque total de qualquer outra pessoa. O comandante polonês em Legnica, o duque Henrique II Pobozwy, "o Piedoso", da Silésia, não perdeu simplesmente as orelhas. Ele foi decapitado no acampamento mongol, e sua cabeça foi levada para a cidade mais próxima na ponta de uma lança (seu corpo massacrado só pôde ser identificado mais tarde, quando sua esposa revelou que ele tinha seis dedos no pé esquerdo). Todas as aldeias e fazendas da região foram então queimadas. Escrevendo décadas depois, o cronista polonês Jan Długosz maravilhou-se com a ferocidade do exército mongol em plena atividade. "Eles queimam, matam e torturam como querem, já que ninguém ousa enfrentá-los."[3]

*

A ascensão dos mongóis foi observada no Ocidente por muitos anos, primeiro com curiosidade, depois com apreensão e, finalmente, com pânico absoluto. Em 1220-1221, durante a Quinta Cruzada, o legado Pelágio tomou conhecimento, por meio de boatos confusos de seus contatos em Damieta, de um príncipe oriental chamado "Rei Davi", que então dominava a Pérsia. Pelágio acreditava, com otimismo, que essa figura do Rei Davi poderia estar ligada às antigas e muito populares profecias do "Preste João", um suposto rei guerreiro cristão oriental, que, desde a época da Segunda Cruzada, havia rumores de que presidia um reino fabulosamente rico na Índia, onde passava o tempo desejando viajar para o exterior e unir forças com outros cristãos para derrotar os infiéis.[4]

A compreensão de Pelágio sobre o "Rei Davi" era baseada principalmente em ilusões. De fato, o legado ouvia os primeiros relatos ocidentais sobre as conquistas de Genghis Khan, que uniu as tribos nômades da Mongólia em 1207, depois avançou em todas as direções, conquistando as regiões Xia Ocidental e Jin da Manchúria e o norte da China, e invadindo a Ásia Central, rumo implacavelmente a oeste em direção ao Cáucaso, com seus generais comandando uma horda multiétnica e multirreligiosa de dezenas de milhares de cavaleiros soberbos, que lutavam com arcos, lanças, machados e lanças compostas, e podiam passar meses vivendo na sela e dormindo ao relento. Os exércitos mongóis eram bem treinados, habilmente liderados e hábeis não apenas em cercos e combates de campo, mas também em guerra psicológica e terrorismo genocida. Os mongóis conquistavam exigindo submissão incondicional de seus inimigos e massacrando populações inteiras ao primeiro sinal de dissidência. Embora

Eles tinham uma visão surpreendentemente relaxada em relação à religião – permitindo a liberdade de culto em todos os seus territórios e, muitas vezes, convertendo-se às práticas locais poucos anos após sua chegada – o que marcou um raro momento de liberalismo esclarecido no mundo mongol. Genghis Khan resumiu perfeitamente sua filosofia de guerra no último ano de sua vida, quando emitiu ordens para lidar com os habitantes de uma cidade que o desafiara: "Matem os valentes, os ousados, os viris e os bons... e deixem que os soldados tomem para si o máximo de pessoas comuns que puderem."[5]Essa abordagem binária e rígida – obediência ou morte – tendia a funcionar. Quando Genghis Khan morreu, em 1227, o estrondo de um exército mongol, com seus cavaleiros trajando longas túnicas funcionais, com detalhes em pele, peles de couro cru e botas de couro, era temido em toda a Ásia. A cristandade também começava a tremer.

Durante a década de 1230, os mongóis continuaram a avançar para o oeste sob o comando do filho de Genghis Khan, Ögödei, devastando a Geórgia (que eles atacaram pela primeira vez em 1223) e penetrando profundamente nos principados de Rus' ao norte, capturando Kiev em dezembro de 1240. Nessa época, as potências ocidentais tinham uma ideia muito clara de com quem estavam lidando, e as conquistas dos mongóis eram de conhecimento comum até mesmo na Escócia.[6]O Sacro Imperador Romano Frederico II Hohenstaufen, horrorizado com os feitos dos mongóis, mas previsivelmente fascinado por eles como um fenômeno natural, descreveu-os alguns meses após a Batalha de Legnica como "selvagens, sem lei e ignorantes das leis da humanidade... os homens em si são pequenos e de baixa estatura... mas compactos, robustos e volumosos, resolutos, fortes e corajosos... eles têm rostos grandes, olhares carrancudos e emitem gritos horríveis, adequados aos seus corações".[7]No mesmo ano, o arqui-inimigo de Frederico, o Papa Gregório IX, escreveu aos clérigos de todo o Ocidente alertando sobre o perigo existencial que os mongóis representavam. Tendo "apagado suas espadas com o sangue de todos aqueles em quem pudessem pôr as mãos", escreveu ele, "agora se esforçam para invadir os reinos da Boêmia e Teutônia [isto é, os estados alemães], desejando devastar toda a terra dos cristãos e destruir sua fé".[8]Gregório autorizou os pregadores a oferecer o status de cruzado a todos aqueles que se levantassem para defender suas terras contra esses bárbaros.

A decisão de Gregório, em 1241, de proclamar uma cruzada contra os mongóis foi lógica, pois – apesar das fantasias do Preste João – a direção da viagem mongol parecia ser inexoravelmente em direção ao coração da Igreja Romana. No entanto, havia uma forte competição por aspirantes a cruzados. Na época do avanço dos mongóis, havia pelo menos meia dúzia

de outros

guerras cruzadas ocorrendo na Europa continental e no Mediterrâneo, todas competindo por atenção, recrutas e recursos.

Na Espanha, o jovem rei Jaime I de Aragão (filho do azarado Pedro II de Aragão, morto em batalha por Simão de Montfort durante as guerras albigenses) liderava uma vigorosa campanha contra os vários governantes do decadente estado almóada. Em 1229-1231, ele havia tomado Maiorca do governante muçulmano das Baleares, Abu Yahya, após uma massiva invasão anfíbia apoiada por navios e cruzados de Gênova, Pisa, Marselha e outros lugares. Jaime agora mirava Valência; em outras partes da península, outros governantes cristãos, incluindo Fernando III de Castela, também avançavam para o sul, conquistando novas cidades e territórios a cada temporada de campanha, incluindo a antiga capital omíada, Córdoba, que caiu em 1236. Enquanto isso, houve cruzadas contra hereges na Bósnia, cátaros na França, pagãos na Prússia e na Livônia, e turcos que ameaçavam o império latino de Constantinopla. Frederico de Hohenstaufen, o príncipe ocidental mais obviamente apto a liderar a resistência aos mongóis, era o menos inclinado a agir, visto que Gregório IX o havia excomungado e, somente no ano anterior, declarado a guerra papal contra os Hohenstaufen como uma cruzada. Em certo sentido, a década de 1230 demonstrou o sucesso absoluto das cruzadas como meio de mobilizar forças militares sancionadas pela Igreja, tanto dentro quanto fora das fronteiras da cristandade. Mas, à medida que as cruzadas se expandiam, elas também se tornavam mais dispersas: localizadas e normalizadas. De fato, o que salvou a Hungria, a Polônia e as terras a oeste delas, após 1241, dos cãs e seus cavaleiros apocalípticos não foi o apelo de Gregório para que os cruzados barricassem a Europa contra a horda; foi o clima e a boa sorte. Um árido verão húngaro em 1241 foi seguido no inverno por frio extremo e chuvas torrenciais que provocaram fome generalizada e tornaram as planícies húngaras praticamente intransitáveis para a cavalaria.[9] Isso – combinado com a morte de Ögödei Khan em dezembro de 1241, que exigiu o retorno de muitos líderes mongóis de alto escalão à capital imperial de Karakorum para eleições – significou que, em 1242, as operações ofensivas foram abruptamente interrompidas e a Europa, pela providência divina, e não pela heroica mobilização de Seus exércitos sob o sinal da cruz, foi salva. No entanto, se a tempestade havia diminuído momentaneamente, não havia de forma alguma terminado – e os mongóis permaneceriam envolvidos com a causa das cruzadas pelo resto do século XIII.

*

Nos estados cruzados do Oriente Latino, a ameaça mongol era bem compreendida, embora no início da década de 1240 ainda não tivesse sido vivenciada em primeira mão. Em vez disso, o problema para os governantes de Jerusalém, Trípoli e Antioquia permanecia o mesmo das cinco décadas anteriores: os aiúbidas. O sultão al-Kamil morreu em 1238, um ano antes do término de sua trégua com Frederico de Hohenstaufen. Nos cinco anos seguintes, o curso dos negócios no reino de Jerusalém e além foi, portanto, moldado por uma longa guerra civil entre dois parentes de al-Kamil, competindo pelo domínio absoluto de todos os territórios da família: seu filho al-Salih Ayyub, que governava o Egito, e seu irmão al-Salih Isma'il, que governava Damasco. Na década de 1240, a maioria dos aiúbidas se preocupava mais em lutar entre si do que em obliterar a cristandade, mas ainda havia surtos ocasionais de violência, respondidos por uma séria cruzada estrangeira, realizada por um grande corpo de guerreiros franceses e ingleses que haviam sido instados a ir para o leste por uma das bulas de cruzada de Gregório IX (Rachel suum videns), emitida em novembro de 1234. Entre os líderes mais proeminentes desse grupo estavam Ricardo, conde da Cornualha, irmão do rei inglês Henrique III; Amaury de Montfort, filho de Simão de Montfort; e Teobaldo IV, conde de Champagne, um trovador carismático: a versão do norte da França do trovador do sul. A produção musical de Teobaldo incluía canções de cruzada triunfantes que convocavam seus companheiros cristãos a se apressarem para a Síria e pegarem em armas em nome da Virgem Maria. Dizia-se que suas conquistas sexuais incluíam a rainha da França, a esposa de Luís VIII, Branca de Castela.

A Cruzada dos Barões, como eram conhecidas as expedições coletivas desses senhores, aproveitou ao máximo a desarmonia aiúbida: jogando os governantes rivais uns contra os outros para consolidar os ganhos que Frederico Hohenstaufen havia obtido de al-Kamil em 1229. Para tanto, foi bastante bem-sucedida. Em 1241, as fronteiras do reino de Jerusalém haviam sido significativamente ampliadas e o estado cruzado parecia estar em uma posição mais forte do que em qualquer outro momento desde a Batalha de Hattin em 1187. Embora o reino não tivesse um rei – o filho de Frederico Hohenstaufen, Conrado, estava ocupado, longe na Europa, com a luta familiar contra o papado, e não teria sido muito bem recebido se tivesse chegado ao leste – parecia que o reino gozava de boa saúde. Então, em 1244, veio a calamidade.

*

Entre os muitos povos deslocados pelas conquistas mongóis estavam os turcos corásmios, cujos territórios extensos se estendiam da Grande Pérsia, abrangendo Cabul (atual Afeganistão) a leste e o Cáucaso a oeste. O império corásmio não sobreviveu aos seus confrontos com a horda de Genghis Khan: em 1220, a capital, Samarcanda (Samarcanda, atual Uzbequistão), foi capturada, tendo a vontade coletiva de seus governadores e povo sido abalada por relatos de que os mongóis haviam executado um infeliz líder corásmio, despejando metal derretido em seus olhos, nariz e boca.[10]A queda de Khwarazm não significou apenas a destruição de uma das maiores entidades políticas da Ásia Central e sua absorção pelo mundo mongol em constante expansão; também fez com que os guerreiros Khwarazmianos se dispersassem em grande número, abandonando o edifício à medida que este se desintegrava. Bandos de soldados deslocados rumaram para o norte e leste em busca de emprego remunerado, e tendiam a trazer consigo a devastação. "Dos reinos do leste, uma fera cruel chegou", lamentou um escritor cristão, acrescentando que os Khwarazmianos em fuga pareciam "dragões sendo arrancados de suas tocas".[11]Esses dragões desembarcaram primeiro no norte da Mesopotâmia; em pouco tempo, também estavam cuspindo fogo pela Palestina, com consequências calamitosas para os cruzados. Em 1244, um exército corazmiano, a soldo do sultão aiúbida do Egito, Ayyub, lançou um ataque repentino e devastador contra a cidade de Jerusalém, os cruzados que a controlavam e seu aliado: o governante de Damasco, Ismail.

Naquele verão, o sultão Ayyub preparava-se para lutar contra Ismael, na esperança de expulsá-lo de Damasco. Para tanto, reuniu um exército em Gaza e convocou 10.000 cavaleiros corasimianos para se juntarem a ele. A caminho do sul, desviaram-se, com o incentivo de Ayyub, para a Cidade Santa, que estava nas mãos dos aliados francos de Ismael. O patriarca, Roberto, bispo de Nantes, manteve um triste relato de seus feitos quando chegaram. "Aqueles corasimianos infiéis lançaram ataques frequentes contra a cidade quase desprotegida de Jerusalém", escreveu ele, referindo-se ao estado inutilizável das muralhas, derrubadas décadas antes sob o domínio aiúbida e nunca devidamente reconstruídas. Os corasimianos atacaram quase sem oposição, iniciando uma onda de violência da qual partes da cidade jamais se recuperariam.

Com a aproximação dos corazmianos, cerca de 6.000 civis cristãos fugiram em antecipação à tempestade – mas quase todos foram caçados e massacrados nas colinas da Judeia. Então, em 23 de agosto:

> Os corazmianos entraram na cidade quase vazia dos israelitas e, em frente ao Sepulcro do Senhor, estriparam todos os cristãos restantes que haviam buscado refúgio em sua igreja. Decapitaram os sacerdotes… impuseram mãos sacrílegas sobre o Sepulcro da Ressurreição do Senhor, profanando-o de várias maneiras.[12]

O mármore ao redor do túmulo de Cristo foi quebrado ou revirado, e os túmulos de todos os reis cruzados de Jerusalém enterrados perto do Calvário foram abertos e seus ossos jogados fora. Em outros lugares, outras igrejas e santuários cristãos altamente reverenciados receberam o mesmo tratamento: o priorado no Monte Sião, o túmulo da Virgem Maria no Vale de Jeosafá e a Igreja da Natividade em Belém foram todos profanados. Mas, escreveu o patriarca, "esses corazmianos não estavam satisfeitos com tudo isso; eles aspiravam a tomar e destruir toda a terra".[13]

Essa aspiração não foi totalmente concretizada, mas a derrota que se seguiu ao saque de Jerusalém foi bastante grave. Em 4 de outubro de 1244, um exército cristão, incluindo quase todos os principais barões e todas as ordens militares do reino, marchou de Acre para se vingar dos corazinianos e seus patrocinadores egípcios. Tropas enviadas por Ismail de Damasco os acompanharam, fato que mais tarde foi condenado como particularmente vergonhoso pelo pregador damasceno Ibn al-Jawzi, que desaprovava veementemente a marcha muçulmana sob o sinal da cruz.[14]Em 17 de outubro, os cristãos e os damascenos enfrentaram os corazmianos e os egípcios em batalha perto de Gaza, num local que os cruzados conheciam como La Forbie (al-Harbiyya). Segundo o patriarca, os damascenos foram postos em fuga quase imediatamente após o início da batalha, após a qual os cristãos lutaram "como atletas de Deus e defensores da fé católica", mas mesmo assim foram destroçados.[15]Quase todos os Templários, Hospitalários e Cavaleiros Teutônicos no campo de batalha foram mortos – os alemães perderam todos, exceto três homens. Cavaleiros e soldados de infantaria, bispos, abades e padres foram mortos e capturados aos milhares; quando o patriarca escapou da batalha e retornou a Acre, encontrou a cidade inteira em um estado de "tristeza, lamento e sofrimento sem fim; não há uma única casa ou pessoa sem uma morte para lamentar".[16]Foi a derrota militar mais devastadora desde Hattin e, mesmo com o esforço cruzado disperso e a ameaça mongol contra a Europa Oriental, exigiu uma resposta familiar. No verão de 1245, no Primeiro Concílio de Lyon – uma reunião da igreja que concentrou grande parte de sua atenção na ameaça mongol no leste e na tentativa de depor formalmente Frederico de Hohenstaufen – o

O novo Papa Inocêncio IV anunciou uma Sétima Cruzada para vingar as perdas de Jerusalém e La Forbie. Seu líder seria o primeiro rei da França a visitar o Oriente desde que Filipe II Augusto deixou Acre furioso em 1191: o neto de Filipe, o famoso e piedoso Luís IX. Ele enfrentou um desafio enorme.

*

Luís era rei da França desde sua ascensão ao trono em 1226, aos doze anos de idade. Naquele ano, seu pai, Luís VIII, morreu repentinamente enquanto participava da Cruzada Albigense (línguas obscenas na França espalharam a mentira de que ele havia sido envenenado pelo amante de sua mãe, o barão trovador cruzado Teobaldo IV de Champagne). O jovem Luís, portanto, cresceu sob o olhar atento e a regência política de sua formidável mãe, Branca, que orientou sua educação e o transformou em um homem notavelmente piedoso, caridoso, culto e letrado, com ambições elevadas pela grandeza e santidade do cargo de monarca francês e uma visão da França como o maior reino cristão do Ocidente.

Luís foi um construtor de sublimes igrejas góticas e um generoso defensor dos pobres e indigentes. Foi abençoado com boa sorte e julgamento igualmente sensato em questões econômicas e políticas, além de ser um diplomata internacional altamente respeitado. Para promover seu próprio status e a glória da coroa francesa, em 1238, ele comprou dos credores do empobrecido imperador latino de Constantinopla, Balduíno II,† Uma das mais belas relíquias do mundo conhecido: a coroa de espinhos de Cristo, que Balduíno havia penhorado a mercadores em Veneza. Luís resgatou esse tesouro – tão belo quanto qualquer outro em Constantinopla ou em qualquer outro lugar – ao custo exorbitante de 10.000 hipérpiros, ou 135.000 libras parisienses, equivalente à metade da receita anual da coroa. Ele então construiu, com custos ainda mais exorbitantes, a Sainte-Chapelle para abrigá-la. Isso anunciava com elegância o fato de que, em 1244, Luís IX era o governante preeminente da cristandade, com sua reputação há muito ultrapassando a de Frederico de Hohenstaufen, sofrendo sob o peso do opróbrio papal.

Luís recebeu a cruz em dezembro de 1244, poucas semanas após o desastre de La Forbie. O motivo imediato foi sua recuperação milagrosa de uma crise de disenteria tão grave que quase o matou. Apesar do milagre

Após sua recuperação, a mãe de Luís, Blanche, ficou horrorizada ao descobrir o que ele havia feito: de acordo com o escritor João de Joinville, que escreveu uma biografia íntima e vívida de Luís no início do século XIV, com base em suas próprias memórias do rei, Blanche ficou "em pânico" e parecia "como se preferisse vê-lo morto".[17] Mas quando o rei decidiu partir em uma cruzada, não houve como dissuadi-lo.

O Papa Inocêncio IV não esperava que Luís fizesse seus votos de cruzado tão prontamente. De fato, ele pensava que a melhor solução para os problemas da Igreja Latina no Oriente não residia apenas em comissionar franceses, mas em persuadir os mongóis de que eles poderiam, afinal, assumir o manto do fictício Preste João e partir para o resgate, em vez da destruição da cristandade. Em março de 1245, Inocêncio enviou um embaixador, o frade franciscano Giovanni de Pian di Carpini, para encontrar o novo cã mongol Güyüg na Mongólia, onde ele entregou cartas repreendendo os tártaros por atacarem os cristãos e sugerindo que fossem batizados na fé, sob a alegação de que isso os obrigaria a auxiliar os estados cruzados contra os aiúbidas e os turcos.

Isso não era em si completamente absurdo – uma característica confiável da conquista mongol era a disposição dos conquistadores em tolerar e até mesmo adotar a fé daqueles que subjugavam. No entanto, o tom arrogante que o papa adotou ao escrever a um governante cujos antepassados haviam reduzido mais da metade do mundo eurasiano a um estado de obediência aterrorizada não agradou a Güyüg; muito menos o convenceu a assumir a causa de Cristo. Seria melhor, disse ele a Inocêncio, se "tu, pessoalmente, à frente dos reizinhos, viesses em corpo... e nos prestasses reverência. É isso que te damos a conhecer. Se agires contra isso, o que sabemos? Deus sabe."[18]Portanto, foi Luís IX e não Güyüg Khan quem foi encarregado de resgatar Jerusalém.

*

O curso da expedição de Luís IX ao Egito foi notavelmente semelhante ao da Quinta Cruzada, pelo menos em seus objetivos estratégicos e em seu infeliz desfecho. No verão de 1248, ele embarcou em Aigues-Mortes, uma cidade portuária construída especialmente para a cruzada, com os marinheiros a bordo de sua frota entoando o antigo hino "Veni Creator Spiritus" enquanto calafetavam as portas do cavalo.

transportadores e a sagrada oriflama francesa esvoaçando a bordo de seu navio líder, o Montjoie. Depois de deixar a França, Luís foi primeiro a Nicósia, em Chipre, onde avaliou a situação no leste. Uma vez na ilha, foi pressionado a enviar ajuda em todas as direções: para a costa síria, onde Sidon havia sido recentemente perdida para os aiúbidas; para Constantinopla, onde Balduíno II mal conseguia se agarrar ao controle da cidade; e para Antioquia, onde o príncipe Boemundo V encontrou seus territórios sob ameaça direta dos mongóis, que também aterrorizavam seus vizinhos, o rei Hetum da Armênia e os turcos seljúcidas da Ásia Menor. Contra todas essas reivindicações conflitantes, Luís optou por concentrar suas energias no delta do Nilo, ainda reconhecido como o coração pulsante do poder aiúbida. Depois de passar o inverno em Chipre, ele e seu exército de pelo menos 20.000 soldados navegaram para o sul no final da primavera e fizeram um desembarque anfíbio em Damieta no sábado, 5 de junho. John Sarrasin, o camareiro do rei, escreveu uma carta vívida de Damieta para casa descrevendo a chegada, na qual ele se lembrava de cavaleiros tão ávidos por atacar o inimigo que pularam no mar com armaduras, vadeando a água até as axilas e lutando para subir as praias sob fogo pesado de besta: "Uma tarefa perigosa e difícil que exigia grande bravura". Até mesmo Louis, disse Sarrasin, avançou até a cintura contra os defensores que "atacaram nossos homens com tanta fúria e ferocidade que pareciam certos de cortá-los em pedaços".[19]

Após esse início auspicioso, as coisas continuaram a correr bem. Em vez de permanecerem do lado de fora de Damieta por um ano ou mais, como acontecera em 1218, as tropas de Luís invadiram a cidade antes do fim de semana, pois a guarnição de Damieta decidiu que preferia as lições da história a morrer de fome e cedeu toda a cidade aos cruzados, recuando à moda antiga Nilo acima. Assim, os cruzados simplesmente entraram, e Sarrasin escreveu sobre as estranhas visões que encontraram, incluindo "cinquenta e quatro escravos cristãos que estavam lá há vinte e dois anos". Felizmente libertos, contaram aos franceses que "os sarracenos haviam fugido... dizendo uns aos outros que os porcos haviam chegado".[20] De acordo com o cronista islâmico al-Macrisi, o sultão Ayyub ficou furioso quando soube da facilidade com que a guarnição se rendeu e ordenou que cinquenta soldados fossem estrangulados como punição.[21]Mas Sarrasin também observou que o Nilo logo estaria inundado, o que significava que, para os franceses, qualquer progresso seria momentaneamente impossível. Luís passou o tempo produtivamente, convertendo mesquitas em igrejas, reforçando fortemente as muralhas da cidade e esperando que as águas baixassem.

diminuir. Seu exército, do lado de fora dos muros, cavou trincheiras e organizou guardas 24 horas por dia para se defender dos invasores beduínos que decepavam cabeças de cristãos e as vendiam ao sultão no Cairo por dez besantes cada.

Eles finalmente partiram de Damieta em direção ao Cairo em 20 de novembro, e foram quase imediatamente revigorados por notícias ainda mais maravilhosas. Em 22 de novembro, o sultão Ayyub faleceu, vítima de uma doença persistente que, segundo al-Makrisi, consistia em "uma fístula e uma úlcera no pulmão".[22] Seu filho Turan-Shah, governador de um pequeno senhorio na Jazira, foi promovido a novo sultão, mas levaria três meses para chegar ao Egito e, quando chegou, sua autoridade, tanto no mundo aiúbida quanto no palácio do Cairo, era inferior à de qualquer outro antes dele. Em sua ausência, a esposa turca de Aiúbida, a sultana Shajar al-Durr, pretendia se estabelecer como o poder por trás do trono: efetivamente, ela se tornou a primeira governante mulher da dinastia. Conspirando ao lado dela, estava uma facção da guarda pessoal mameluca (soldado-escravo) do antigo sultão, conhecida como al-Bahriyya (Bahria), nome da ilha no Nilo em frente ao Cairo onde estavam guarnecidos, que começava a conceber um golpe militar completo para assumir o controle do Estado egípcio. Decidindo que qualquer exemplo dado pelos cruzados do passado estava agora sendo superado pela turbulência entre seus inimigos e pelo simples caos dos eventos, Luís — após consultar seus três irmãos, Roberto, conde de Artois, Afonso, conde de Poitiers e Carlos, conde de Anjou — ordenou um avanço total do exército e da marinha dos cruzados até a grande bifurcação do Nilo em al-Mansurah.

Após uma marcha dolorosamente lenta, dificultada por um forte vento contrário que tornava a navegação fluvial para seus navios de suprimentos quase impossível, os franceses acamparam em frente a al-Mansurah no início de dezembro e iniciaram um cerco. No entanto, o que antes era um acampamento militar era agora uma cidade totalmente fortificada; não seria tomada facilmente, mesmo sem o Nilo inundado. Ao contrário de Damieta, a guarnição de al-Mansurah não tinha vontade de desistir e fugir. Os franceses também, apesar do planejamento militar normalmente meticuloso de Luís, falharam em estabelecer linhas de suprimentos seguras para a retaguarda de seu exército. Uma campanha lenta e exaustiva emergiu, consistindo em batalhas de catapulta sobre a água, tentativas frustradas de ambos os lados de atravessar o rio e atacar o acampamento inimigo, e uma guerra obscura entre espiões, durante a qual um ousado nadador egípcio conseguiu atravessar para o acampamento dos cruzados disfarçado na superfície da água com uma melancia oca na cabeça. Ele sequestrou um

soldado cristão e o arrastou de volta para al-Mansurah para interrogatório.[23]

Uma epidemia assolou o acampamento dos cruzados, pois ambos os lados passaram a despejar cadáveres humanos nas mesmas águas em que os invasores pescavam para se alimentar. "Todo o exército foi infectado por uma doença chocante, que secou a carne das nossas pernas até os ossos", lembrou João de Joinville, acrescentando que um sintoma secundário era "uma dor na boca, por comer esse tipo de peixe, que apodrecia as gengivas e causava um hálito extremamente fétido. Poucos escaparam da morte, atacados dessa forma."[24] O próprio Rei Luís foi acometido por uma recorrência da disenteria que quase o matou em 1244, sofrendo tanto que foi forçado a fazer um buraco em suas roupas íntimas para acomodar o fluxo incontrolável.

Os franceses vislumbraram o triunfo em 8 de fevereiro, quando, tendo finalmente descoberto um local para atravessar o rio, montaram um ataque surpresa de cavalaria de flanco contra o acampamento egípcio. Mas, após o sucesso inicial, foram rechaçados e dezenas de homens foram mortos, incluindo o irmão do rei, Roberto de Artois. Depois disso, não houve mais vitórias. Turan-Shah chegou com reforços militares da Síria. Um bloqueio do Nilo rio abaixo cortou o fornecimento de alimentos aos cruzados de Damieta. Doenças generalizadas, suprimentos escassos e o canto fúnebre de um impasse militar significavam que, na Páscoa, o rei estava pronto para admitir a derrota.

Em 5 de abril, iniciou-se uma retirada desordenada pelo Nilo, que rapidamente se transformou em debandada, à medida que o exército cruzado perdia a disciplina e era perseguido violentamente durante todo o trajeto pelas tropas do sultão e membros da elite Bahriyya, que demonstravam pouca misericórdia com qualquer um, exceto os prisioneiros de mais alta patente (e mais valiosos). Em 6 de abril, Luís, tão fraco que mal conseguia se manter em pé, rendeu-se ao exército perseguidor e implorou por uma trégua sob quaisquer condições que o sultão decidisse oferecer. O resgate coletivo para o monarca francês e outros, incluindo seu irmão Carlos de Anjou e o escritor aristocrático João de Joinville, foi fixado em 800.000 besantes: um verdadeiro resgate real, cuja primeira parcela só poderia ser paga mediante apelo aos Templários do exército de Luís, que foram persuadidos a abrir seu tesouro, mantido em uma galera no delta do Nilo, e saquear fundos privados que guardavam em cofres para outros cruzados. O fato de estarem dispostos a fazê-lo era um sinal da gravidade da situação e do iminente fracasso total da cruzada. Sob os termos do acordo para libertar Luís, Damieta foi novamente rendida, tendo, desta vez, sido mantida presa por apenas onze meses.

Em 6 de maio, a cidade foi transferida de volta para as mãos egípcias e Luís foi libertado. Ele navegou logo depois para Acre, permanecendo na Terra Santa até 1254, onde gastou muito tempo e ainda mais dinheiro restaurando as defesas das cidades mais importantes remanescentes no reino de Jerusalém, realizando reparos substanciais nas muralhas de Acre e Cesareia. No entanto, ele pouco mais pôde fazer do que isso para promover ou mesmo afetar a causa dos estados cruzados. Luís havia estabelecido sua reputação como um rei disposto a arriscar seu reino e sua própria vida no curso da guerra santa, mas parecia cada vez mais impossível, após o segundo fracasso em Damieta, conceber os francos do oeste como algo mais do que uma irrelevância decrescente no Mediterrâneo oriental, onde as potências dominantes eram agora os mongóis e – como logo se tornaria evidente – os mamelucos da Bahriyya, que haviam ajudado a destruir o exército francês no Nilo.

*

Quatro dias antes de Luís pagar o resgate para ser libertado do cativeiro egípcio, os Bahriyya assassinaram o sultão Turan-Shah. Eles foram motivados por simples autopreservação: Turan-Shah tinha seus próprios mamelucos da Síria que ameaçaram expulsar os Bahriyya de sua própria capital. Mas, seja lá o que os tenha motivado, eles garantiram que a morte do sultão fosse surpreendentemente cruel. Seus assassinos primeiro tentaram queimá-lo vivo com fogo grego enquanto ele estava em sua tenda, antes de cortá-lo com suas espadas, remover seu coração e jogar seu corpo mutilado no rio. Com isso, a dinastia aiúbida, que se estendia por oitenta anos e oito governantes, estava acabada. A única questão era quem os substituiria.

Após vários meses tensos de disputa pelo poder sob a regência da mãe de Turan-Shah, a sultana Shajar al-Durr, um dos comandantes seniores de Bahriyya, Aybeg al-Turkmani, finalmente assumiu o controle; para garantir seu poder no palácio, casou-se com Shajar al-Durr. Assim, sob Aybeg e seus sucessores, rapidamente se estabeleceu um sultanato mameluco, no qual a casta de soldados-escravos, por tanto tempo limitada ao status de guarda-costas e tropas de assalto, impôs-se como a força dominante no Egito e muito além. Quando Luís deixou a Terra Santa em 1254, os mamelucos já estavam totalmente estabelecidos no Cairo e começavam a almejar novas conquistas na Síria.

Subindo na hierarquia, enquanto o faziam, estava um jovem guerreiro originário de uma família de turcos kipchaks. Ele tinha uma tez clara e marcante e uma catarata leitosa e distinta em um dos olhos – características que se tornariam notórias quando ele emergiu como o inimigo dos cruzados da Terra Santa e o arquiteto de sua ruína fatal e final. Seu nome era Rukn al-Din Baybars. Seus apoiadores o chamavam de Leão do Egito; até mesmo seus detratores o conheciam como alguém "valente e valente" que "causou um enorme dano aos cristãos".[25] Até mesmo um dos cãs mongóis mais poderosos olhava para Baybars com desconfiança, referindo-se aos exércitos que comandava como "camundongos babilônicos".[26]O insulto foi bem merecido: Baybars fazia parte da força mameluca que conseguiu derrotar e repelir os mongóis quando eles começaram a invadir as terras do Oriente Próximo.

Ao longo de sua vida, Baybars faria o que os esforços combinados de Zengi, Nur al-Din e Saladino não conseguiram: destruir definitivamente os estados francos da Síria e da Palestina. O fato de sua ascensão ao poder ter sido possível graças a um exército cristão comandado pelo santo Luís IX, que almejava devolver Jerusalém às mãos dos justos de uma vez por todas, foi uma das ironias supremas dos últimos e acidentados estágios do declínio dos estados cruzados.

[*] O nome Tártaro (ou Tatar) parece ter derivado de uma palavra usada pelos mongóis para se definirem, que foi considerada terrivelmente apropriada no Ocidente por sua semelhança com a palavra latina derivada do grego tartarus (o submundo).

[†] Balduíno II havia sido coimperador com João de Brienne e o sucedeu como único imperador após a morte de João. Ele foi expulso de Constantinopla em 1261, quando soldados bizantinos recapturaram a cidade, tornando-se, portanto, o último imperador latino a reinar no efêmero estado cruzado estabelecido pela Quarta Cruzada.

25

O Inimigo do Inferno

Eles lutaram a guerra santa de forma excelente…

Quatro enviados mongóis chegaram ao Cairo no verão de 1260, trazendo ordens de seu mestre, Hülagü, o senhor da guerra baixo, de nariz achatado e voz famosamente estrondosa, irmão mais novo do Grande Khan Mongkë e comandante das conquistas mongóis na Pérsia e na Ásia Ocidental. As cartas contendo essas ordens, embora escritas em árabe e decoradas com citações do Alcorão, ressoavam com o imperium intransigente típico da maioria das comunicações mongóis de alto nível.[1] Elas foram endereçadas ao sultão mameluco do Egito, Qutuz, a quem o cã desprezava como um covarde e ameaçava de aniquilação se ele não tivesse juízo e imediatamente dobrasse os joelhos.

"Vocês ouviram como conquistamos um vasto império e purificamos a terra das desordens que a contaminavam", escreveu Hülagü:

> Não podeis escapar do terror dos nossos exércitos. Para onde podeis fugir? Que estrada usareis para escapar de nós? Nossos cavalos são velozes, nossas flechas afiadas, nossas espadas como raios, nossos corações duros como as montanhas, nossos soldados tão numerosos quanto a areia. Fortalezas não nos deterão, nem exércitos nos deterão. Vossas orações a Deus não nos servirão de nada. Não nos comovem as lágrimas nem nos comovem as lamentações. Somente aqueles que imploram por nossa proteção estarão seguros.

Sem uma submissão oportuna e recôndita, disse ele a Qutuz, o Egito cairia; assim como em qualquer outro lugar. "Destruiremos suas mesquitas e revelaremos o

fraqueza do seu Deus e então mataremos seus filhos e seus velhos juntos', alertou Hülagü.[2] Resista, e todo o Egito sofrerá 'terríveis catástrofes'.

Havia amplas evidências sugerindo que Hülagü não estava brincando, pois na Ásia Ocidental o avanço mongol não parecia estar diminuindo. Em 1255, exércitos mongóis devastaram a Anatólia, esmagando os últimos vestígios de resistência dos seljúcidas de Rum, com quem estavam em guerra há mais de quinze anos. Em dezembro de 1256, os homens de Hülagü invadiram Alamut, a fortaleza na montanha que servia como quartel-general persa da seita xiita assassina dos Assassinos. Então, em 1258, notícias chocantes chegaram de Bagdá, a antiga capital religiosa do mundo sunita. Cavaleiros mongóis chegaram em janeiro, tomaram a cidade de cerco em menos de doze dias e causaram danos irreparáveis durante o saque subsequente: queimaram prédios antigos e profanaram mesquitas, destruíram hospitais e saquearam a grande biblioteca conhecida como Casa da Sabedoria, que continha a maior e mais sofisticada coleção de livros do planeta. Tantos milhares de volumes e manuscritos inestimáveis foram lançados no Tigre que se diz que a água fluiu preta de tinta. O número de mortos em Bagdá foi de pelo menos 100.000 almas, incluindo o próprio califa abássida: Al-Musta'sim foi enrolado dentro de um tapete e pisoteado até a morte por cavalos, supostamente para que o chão não fosse manchado com seu sangue real. Sua execução implacável extinguiu o califado abássida, que liderou o mundo sunita por mais de 500 anos.[*] E Bagdá, escreveu o cronista Ibn Kathir, "que tinha sido a mais civilizada das cidades, tornou-se uma ruína com apenas alguns habitantes, e eles estavam com medo, fome, miséria e insignificância".[3]

Após essa demonstração de poder no Iraque, os exércitos de Hülagü — agora reconhecendo seu líder como o 'Ilkhan' e suas províncias como o 'Ilkhanato' — avançaram em direção à Síria.[†] Em 1259, o general de Hülagü, Kitbugha, mirou nos príncipes aiúbidas que governavam as cidades-estado de Alepo, Damasco e Jazira. Kitbugha tomou Alepo à força, após o que os líderes de Hama, Homs e Damasco se submeteram docilmente à soberania mongol. Os mongóis deixaram os estados cruzados da região em paz, com exceção de um único ataque a Sidon, onde destruíram as muralhas e fizeram 300 prisioneiros. Mesmo assim, os príncipes cristãos Boemundo VI de Antioquia-Trípoli e seu sogro, o rei Hetum da Armênia, já haviam decidido que a cautela era preferível à extinção, oferecendo tributo e lealdade aos mongóis em troca de

garantias de paz. A Síria parecia estar caindo sem um murmúrio sequer. Satisfeito por poder voltar sua atenção para outro lugar, Hülagü rumou para o leste, levando a maioria de suas tropas para o Azerbaijão, posicionando-se mais perto da capital mongol, onde uma crise de sucessão se formava após a morte de Mongkë em 1259. Ele não tinha bons motivos para acreditar que Qutuz, do Egito, seria forte – ou estúpido – o suficiente para resistir às suas exigências. Kitbugha e 12.000 cavaleiros permaneceram ativos na Síria, prontos para atacar qualquer um que ousasse lançar um único olhar desafiador em sua direção. Isso, Hülagü calculou, seria suficiente.

No entanto, no verão de 1260, a rebeldia foi precisamente o caminho que Qutuz escolheu, graças em grande parte à influência de Baybars, o líder de olhos leitosos do corpo de elite Bahriyya de mamelucos, que era uma presença beligerante ao lado do sultão. Qutuz e Baybars não eram de forma alguma aliados naturais. Suas respectivas facções haviam se chocado amargamente nas disputas políticas feias e violentas que dominaram a primeira década do domínio mameluco no Egito. De fato, Baybars e os Bahriyya haviam retornado recentemente ao Cairo, após vários anos de exílio indignado na Síria. No entanto, com o próprio futuro do domínio islâmico no Mediterrâneo oriental aparentemente em jogo, Baybars fez as pazes com Qutuz e convenceu o sultão de que fogo deveria ser rebatido com fogo. Assim, quando os enviados mongóis apresentaram ao sultão as ameaças arrogantes de Hülagü de uma condenação apocalíptica no verão de 1260, Qutuz respondeu com um gesto que, segundo sua opinião, o Ilkhan compreenderia. Mandou prender os quatro embaixadores de Hülagü, cortá-los ao meio publicamente na cintura e decapitá-los. Suas cabeças decepadas foram penduradas para apodrecer acima do portão Zuwayla do Cairo (Bab Zuwayla), um local geralmente reservado para os restos mortais de criminosos comuns. Hülagü havia considerado Qutuz como um dos "mamlucos que fugiram diante de nossa espada". No entanto, o sultão – instigado por Baybars – declarou-se pronto para enfrentar a espada e arriscar.

*

Para os líderes dos Estados cruzados, a perspectiva de um confronto militar entre mongóis e mamelucos era uma reviravolta interessante e até promissora. Como Boemundo VI de Antioquia havia calculado, havia pouca chance de os reduzidos Estados latinos resistirem sozinhos aos exércitos de Hülagü. Como escreveu Tomás Agni, legado papal e bispo de Belém:

de Acre na primavera de 1260, a proximidade dos "tártaros" aos estados latinos deixou a maioria de seus habitantes "paralisados de medo ao pensar no julgamento estrondoso de Deus".[4]Quando surgiu a suspeita de um avanço mongol sobre Acre, os cidadãos em pânico cortaram árvores dos pomares ao redor da cidade e arrancaram lápides para reforçar os muros. Quando Kitbugha devastou Damasco, os barões e as ordens militares que governavam o reino de Jerusalém ofereceram suprimentos ao exército mongol para que Kitbugha não avançasse mais em sua direção.[5]Mas tal apaziguamento dificilmente seria uma estratégia de longo prazo. Se os mamelucos e os mongóis pudessem concentrar suas energias na luta entre si, raciocinavam os latinos, os Estados cruzados seriam os beneficiados.

Assim, quando Qutuz liderou seu exército para fora do Egito para enfrentar os mongóis no final de julho de 1260, os líderes cristãos em Acre adotaram uma política de neutralidade estudada. Permitiram que um exército mameluco de cerca de 12.000 soldados, reforçado por divisões de aiúbidas que haviam fugido da Síria para o Egito para escapar dos mongóis, marchasse livremente pelo território governado pelos cristãos. Quando passaram por Acre, os cidadãos chegaram a enviar suprimentos.[6]Eles não chegaram ao ponto de oferecer apoio militar franco na forma de tropas para lutar sob a bandeira do sultão. Mesmo assim, rezaram em silêncio por uma vitória mameluca.

Esse apoio oportunista aos exércitos do Egito rendeu frutos generosos em 3 de setembro, quando as forças de Qutuz e Baybars colidiram com a cavalaria mongol de Kitbugha, apoiada por uma escória de georgianos, armênios e dois príncipes aiúbidas menores, na planície perto de um oásis conhecido como 'Ayn Jalut (as 'Fontes de Golias'), não muito longe de Nazaré. Os dois exércitos eram praticamente equivalentes em número, mas os mamelucos tinham um trunfo: espiões sírios entre as fileiras de Kitbugha disseram ao sultão que, se ele atacasse vigorosamente, poderia contar com a fuga dos dois príncipes aiúbidas do lado mongol, que lhes dariam vantagem.

Quando a luta começou, foi exatamente isso que aconteceu. Assim como Qutuz e Baybars haviam sido prometidos, os aiúbidas que lutavam ao lado do exército mongol abandonaram seus senhores e fugiram, permitindo que o exército mameluco cercasse os mongóis. Qutuz lutou bravamente, arrancando o capacete para que seus homens pudessem vê-lo e os mobilizando com gritos de "Ó Islã! Ya Allah! Ajude seu servo Qutuz contra os mongóis!"[7]Alá atendeu ao chamado. No calor da batalha, Kitbugha foi morto a golpes de facão, e sua cabeça foi posteriormente tomada como troféu de guerra.

Com a perda de seu líder, o exército mongol se dispersou e galopou para salvar suas vidas. Atrás deles, Baybars liderou os Bahriyya por vários dias em busca de fugitivos, retalhando qualquer um que conseguisse capturar e incendiando os campos para queimar vivos os fugitivos escondidos entre os juncos. Quando tudo terminou, 1.500 soldados mongóis estavam mortos, e o exército encarregado de defender a Síria em nome de Hülagü havia sido disperso. Os governadores mongóis de Damasco e Aleppo foram facilmente expulsos. Autoridades muçulmanas que haviam colaborado com Hülagü foram executadas. Finalmente, ao que parecia, os mongóis encontraram um adversário à sua altura. "O ataque dos sarracenos foi tão grande que os tártaros foram incapazes de resistir", escreveu o autor franco conhecido como "Templário de Tiro".[8]Os mamelucos, entre todos os povos, vieram em socorro dos francos. Mas logo o alívio dos cruzados se transformaria na mais profunda consternação.

A aliança forjada entre Qutuz e Baybars no verão de 1260 provou ser altamente eficaz contra a ameaça mongol. Mas era uma parceria baseada na necessidade, não no afeto.[9]E o exército mameluco mal havia deixado a Síria quando seu relacionamento explodiu. Enquanto marchavam pelo norte do Sinai, a caminho de casa vindos de 'Ayn Jalut, Qutuz e um grupo de emires decidiram desviar da rota principal da marcha para caçar lebres – um dos passatempos favoritos de Qutuz. Quando estavam a uma distância segura do exército, Baybars beijou a mão do sultão – um sinal pré-arranjado para que os outros emires caíssem sobre ele com suas espadas. O golpe foi implacável e eficiente. Qutuz foi cortado no pescoço, esfaqueado no corpo e finalizado com uma flecha. Baybars saqueou o corpo do sultão para obter sua insígnia real e então retornou ao acampamento do exército para ser aclamado como o novo comandante-em-chefe. Em 22 de outubro, o exército marchou de volta ao Cairo com Baybars à frente. Ele assumiu o comando da cidadela e se autoproclamou sultão e o legítimo sucessor do homem que acabara de assassinar.

De acordo com o acólito e secretário pessoal de Baybars, Ibn ʿAbd al-Zahir, o povo do Cairo recebeu seu novo sultão com alegria: "Os corações dos súditos ficaram encantados porque Deus havia confiado seus assuntos a alguém que assumiria o dever da guerra santa e os comandaria com bondade e justiça."[10]Era uma mentira descarada. De fato, havia terror popular diante da perspectiva de uma tirania Bahriyya, que Baybars só conseguiu apaziguar prometendo cortes imediatos de impostos. Levaria meses para estabilizar o Cairo, consolidar sua posição como sultão do Egito e colocar a Síria em uma posição de destaque.

posição defensiva contra os mongóis. Mas, uma vez que o fizesse, teria consequências profundas – e dolorosas – para o futuro dos estados cruzados.

*

Na década de 1260, os senhorios francos do leste encontravam-se em situação precária. Territorialmente, haviam encolhido para pouco mais de 16 km de largura, um corredor costeiro entre Jaffa, ao sul, e o porto de São Simeão, em Antioquia, ao norte. A defesa das fronteiras dependia quase inteiramente das ordens militares e de suas extensas fortalezas, como Montfort, Château Pèlerin e Crac des Chevaliers. O reino de Jerusalém – agora, na verdade, um reino de Acre – não contava com um rei adulto residente há trinta anos. Em 1260, o monarca teórico era Conrado, neto de oito anos de Frederico II Hohenstaufen (tecnicamente Conrado III de Jerusalém; mais conhecido como Conradin), mas ele jamais visitaria a Terra Santa. A regência coube aos reis latinos de Chipre, mas esta não era uma situação satisfatória. Às vezes, era completamente absurdo, como entre 1258 e 1261, quando o bailio ou regente, Hugo II de Chipre, era um menino ainda mais novo que o próprio Conradino. Durante esse período, o poder era exercido pela mãe de Hugo, a Rainha Plaisance – mas ela logo escandalizou o reino ao iniciar um caso amoroso com o rico guerreiro e jurista João de Jaffa, da família Ibelin, que abandonou a esposa e os filhos por ela.

Afligidos por essa crise de liderança de longo prazo, os territórios latinos operavam menos como um reino feudal e mais como um conjunto de pequenas cidades-estado governadas por barões em grande parte egoístas. O governo exercido pelos bailios, em consulta com o conselho nobre conhecido como haute cour, não substituía uma mão monárquica controladora, como a que havia dirigido os assuntos durante o auge do século XII de Balduíno II ou Amalrico I. Inevitavelmente, surgiram graves divisões políticas, que em 1256 se transformaram em uma guerra civil generalizada, no conflito conhecido como "Guerra de São Sabas". Depois que uma disputa entre mercadores de Gênova e Veneza sobre a posse de terras em Acre se transformou em conflito armado, os barões, as ordens militares e os principais grupos mercantes dos estados cruzados se dividiram em campos rivais. O resultado foram ferozes batalhas navais entre navios venezianos, pisanos e genoveses, e combates de rua em Acre e Tiro. Os genoveses lutaram contra os venezianos, os templários lutaram contra os hospitalários e catapultas de cerco gigantes foram implantadas

entre os partidos rivais nas principais cidades do reino, causando 'muitos danos uns aos outros e [derrubando] várias casas'.[11]

Baybars foi arrastado para esse estado de coisas desordenado e infeliz. No verão seguinte à sua tomada do poder como sultão, ele estava confiante o suficiente em sua posição no Egito para estender seus objetivos para mais longe, começando com Boemundo VI de Antioquia, cuja temeridade em se aliar aos mongóis antes da Batalha de 'Ayn Jalut ele não havia esquecido. Em 1261-1262, um exército mameluco entrou na Síria em uma viagem de intimidação, passando perigosamente perto da própria cidade de Antioquia, antes de descer sobre São Simeão, onde, de acordo com o secretário de Baybars, Ibn ʿAbd al-Zahir, eles "tomaram o porto, incendiaram os navios... capturaram-no, mataram e fizeram prisioneiros. Eles lutaram a guerra santa com excelência".[12]Ao mesmo tempo, enviou emissários a Constantinopla para discutir um tratado comercial e um pacto de não agressão com um novo imperador local – Miguel VIII Paleólogo, que havia expulsado o último governante latino residente, Balduíno II, da cidade em julho de 1261, restabelecendo o controle bizantino sobre a antiga capital. Assim, embora em 1261 Boemundo VI ainda fosse tecnicamente o governante, Baibars o privou de seu principal porto comercial e tomou medidas para cortá-lo de uma aliança com os gregos ressurgentes. Muito, muito pior ainda estava por vir.

Ao sul de Antioquia, Baybars herdou uma longa trégua entre o Egito e o reino de Jerusalém. Quando esta expirou em 1265, ele não estava disposto a estendê-la. Havia agora uma comunicação diplomática séria entre Hülagü e os governantes ocidentais, incluindo o papado e o veterano cruzado Luís IX da França. Em 1262, Hülagü escreveu a Luís difamando longamente os mamelucos e insinuando que, assim que pudesse, retornaria à Síria para esmagá-los.[13]A ideia de um ataque conjunto ao Egito e à Síria pelos mongóis do Ilcanato e de uma cruzada ocidental em larga escala era o único cenário com o poder de realmente assustar os mamelucos. Assim, Baybars decidiu eliminar o lado mais fraco dessa potencial aliança o mais rápido possível: demonstrando sua intenção em 1263, destruindo a Igreja da Virgem Santa em Nazaré (que marcava o local da Anunciação) e ameaçando as muralhas de Acre com seus exércitos. Isso era tudo o que ele podia fazer por enquanto, mas estava se preparando para o dia em que pudesse ir mais longe.

Dentro do seu reino, Baybars trabalhou arduamente para se estabelecer como um líder muçulmano nobre e caridoso, consciente dos aspectos pacíficos da jihad: construindo bibliotecas, escolas, hospitais e mesquitas, reformando os tribunais,

patrocinando cientistas, melhorando sistemas de irrigação, defesas costeiras e infraestrutura, consertando edifícios icônicos como o Domo da Rocha em Jerusalém e encomendando um novo sistema postal (o barid) que reduziu o tempo de comunicação entre Cairo e Damasco para apenas quatro dias.[14] Em 1261, ele restaurou um califado abássida sunita, instalando um novo califa – um aristocrata abássida de pequena importância que tinha todas as qualidades de um fantoche útil – com gloriosa cerimônia no Cairo, onde foi mantido sob guarda mameluca, em esplêndida e majestosa impotência. Fora do reino, porém, Baybars era, antes de tudo, um guerreiro à frente de um estado militar. A partir de 1261, ele desenvolveu um exército expedicionário extremamente poderoso e bem equipado, capaz de atacar com força longe de casa, seja contra mongóis, aiúbidas ou francos. Em 1265, quando a trégua com o reino de Jerusalém expirou, o sultão mameluco estava pronto para colocá-la em prática.

*

Ele iniciou sua campanha no sul da Palestina, marchando de Gaza, passando por Jaffa, e chegando a Cesareia no final de fevereiro de 1265. Na noite de 26 para 27 de fevereiro, seu exército cercou a cidade, aparentemente pegando os habitantes da cidade de surpresa. Os defensores nas muralhas imediatamente perderam a coragem e fugiram para a cidadela de Cesareia, na esperança de que as enormes fortificações de granito e muralhas, reforçadas a grande custo por Luís IX na década de 1250, repelissem Baibars por tempo suficiente para que ele perdesse o interesse. Foi uma esperança vã. Catapultas mamelucas bombardearam a cidadela, e o próprio Baibars subiu ao topo de uma torre de igreja na cidade e atirou flechas em qualquer um da guarnição que aparecesse.[15] Enquanto isso, ele enviou cavalaria leve para o interior a fim de interceptar quaisquer forças cristãs de socorro – embora tenham encontrado pouca coisa para interceptar. Socorro não era uma opção; a única estratégia franca viável era a evacuação. Em 5 de março, após menos de uma semana sob cerco, os defensores se amontoaram em barcos de resgate e fugiram por mar para Acre. Abandonaram a cidade à própria sorte. Para Baybars, tudo tinha sido surpreendentemente fácil.

Quando Cesareia se rendeu, Baibars ordenou que seus homens destruíssem a cidade e a cidadela. Ao contrário de Saladino na década de 1180, Baibars não queria apenas tomar as cidades francas e entregá-las aos muçulmanos. A maior vantagem militar que os francos tiveram desde o colapso do império fatímida no século XII foi a supremacia naval ao longo

do

Costa do Mediterrâneo e seu grande número de portos, aos quais novos cruzados podiam chegar a cada primavera, navegando do oeste.[16]Ao destruir Cesareia, Baibars demonstrou que havia apreciado a lição da história. Sua intenção não era apenas tomar as cidades dos cruzados; ele queria eliminar definitivamente a possibilidade de uma cruzada.

Após o colapso de Cesareia, a vizinha Haifa rendeu-se de forma quase idêntica. Duas semanas depois, o exército de Baybars apareceu do lado de fora da enorme fortaleza dos Templários, o Castelo de Pèlerin. Era impossível atacá-la; mas, para mostrar aos Templários o pouco respeito que tinha por sua reputação, Baybars demoliu as casas e outros edifícios que haviam sido erguidos fora dos muros da fortaleza. Em seguida, deu meia-volta, marchando de volta na direção de Jaffa e chegando em 21 de março a Arsuf, que estava guarnecida pelos Hospitalários. Ali, os defensores opuseram forte resistência a uma barragem de catapultas e conseguiram repetidamente queimar as máquinas de cerco de Baybars. Mas não conseguiram prevalecer por muito tempo. No final de abril, o cerco havia terminado e a guarnição dos Hospitalários foi levada para a prisão no Egito. Então, assim como Cesareia e Haifa, Arsuf foi reduzido a escombros. No final de maio, o sultão estava de volta ao Cairo. Em menos de seis meses, ele aniquilou as três cidades francas mais importantes ao sul de Acre. Além disso, os mongóis a leste estavam momentaneamente confusos após a morte de Hülagü em fevereiro, e havia uma hostilidade crescente entre o Ilcanato da Pérsia e a chamada Horda de Ouro, o enorme canato mongol ao norte do Mar Negro. Por um tempo, os mamelucos tiveram carta branca.

Entre 1265 e 1271, Baybars marchou com exércitos contra os estados cruzados praticamente todos os anos, com resultados bastante semelhantes. No final da primavera de 1266, ele e seus emires se espalharam, aterrorizando a região entre os destroços de Arsuf e o Mar da Galileia ao norte, com atenção especial às terras de Boemundo VI no condado de Trípoli, antes de se reunirem para um ataque maciço e total a Safad, que ficava no interior, entre Acre e Tiro: um reduto templário fortemente fortificado que o sultão considerava "um nó na garganta do Islã".[17]Quando Safad se rendeu, após um árduo ataque de seis semanas, Baybars concordou em conceder salvo-conduto aos 1.500 defensores de Safad. Assim que começaram a sair da fortaleza, ele mudou de ideia e mandou executar todos, exceto dois, no topo de uma colina próxima. Sem nenhuma função naval, Safad foi deixado de pé e reabastecido com tropas mamelucas.

Agora, as misérias dos cruzados se acumulavam, ano após ano. No verão de 1267, Baybars – mancando por ter quebrado o pé ao cair do cavalo, mas ainda mais perigoso do que nunca – queimou a colheita e cortou os pomares ao redor de Acre, garantindo um inverno rigoroso para os habitantes. Em 8 de março de 1268, enviou um exército a Jaffa, garantindo sua capitulação em questão de horas, com a guarnição fugindo, como de costume, de barco. As fortificações de Jaffa foram desmanteladas e os materiais de construção brutos enviados para o Cairo para uso em projetos de construção piedosos em benefício dos fiéis muçulmanos. "Ele levou a relíquia da cabeça de São Jorge e queimou o corpo de Santa Cristina", queixou-se o Templário de Tiro.[18]Em abril, ele supervisionou o cerco bem-sucedido de Beaufort, ocupada pelos Templários. Em seguida, rumou para o norte, para punir mais uma vez Boemundo VI de Antioquia-Trípoli.

Em 1098, os primeiros cruzados levaram sete meses e meio para tomar Antioquia de seu governador seljúcida, Yaghi-Siyan; 170 anos depois, Baybars completou sua conquista em dois dias. Em 18 de maio, os homens do sultão escalaram as muralhas com escadas, enquanto outros trancaram os portões para impedir que alguém escapasse do massacre. Os Templários de Tiro escreveram que 17.000 pessoas foram mortas e 100.000 levadas cativas. Com a queda dos preços nos mercados de escravos sírios, Antioquia pegou fogo: a cidadela foi incendiada e o incêndio levou consigo grande parte da cidade.[19]Enquanto as chamas ardiam, Baybars enviou uma carta triunfante a Boemundo, que não estivera presente no cerco. Zombou dele por ter perdido o direito de se autodenominar "Príncipe" e descreveu o castigo atroz que se abatera sobre sua cidade. Se Boemundo estivesse presente para defender seu povo, disse Baybars:

> Terias visto os teus cavaleiros prostrados sob os cascos dos cavalos, as tuas casas invadidas por saqueadores e saqueadas por saqueadores... as tuas mulheres vendidas de quatro em quatro e compradas por um dinar do teu próprio dinheiro! Terias visto as cruzes das tuas igrejas destruídas, as páginas dos falsos testamentos espalhadas, os túmulos dos Patriarcas revirados. Terias visto o inimigo muçulmano a pisotear o local onde celebras a missa, a degolar monges, padres e diáconos nos altares... terias visto o fogo a percorrer os teus palácios, os teus mortos queimados neste mundo antes de descerem às fogueiras do outro... Então terias dito: "Quem me dera ser pó, e que nenhuma carta me tivesse trazido tais notícias!"[20]

Isso era mais do que mera retórica. Os dias de Antioquia como cidade líder do noroeste da Síria estavam encerrados.

*

Em gerações anteriores, essa série abismal de perdas nos estados cruzados teria sido suficiente para provocar um pânico existencial no Ocidente do tipo que inspirou a Segunda e a Terceira Cruzadas. Mas, no final da década de 1260, o apetite pelas cruzadas orientais estava diminuindo na mesma velocidade que os próprios estados cruzados. Enquanto Baybars arrasava assentamentos e fortalezas cristãs por todo o Levante, a campanha mais ativa e enérgica foi na Sicília, onde Carlos de Anjou, irmão do rei francês Luís IX e veterano da campanha de Damieta de 1249-50, liderava uma missão patrocinada pelo papa para expulsar do reino os últimos descendentes de Frederico Hohenstaufen. Em 1266, Carlos liderou um exército de cruzados que derrotou e matou o filho de Frederico, Manfredo, na Batalha de Benevento. Dois anos depois, Carlos capturou o neto de Frederico, Conradin, o rei titular de Jerusalém de dezesseis anos e futuro governante da Sicília. Conradin foi decapitado em público em Nápoles em 28 de outubro de 1268, pondo fim à linhagem real dos Hohenstaufen, passando a Sicília para as mãos dos franceses e marcando um novo ponto baixo na constante perversão da ideia de cruzada, graças à implacável vingança anti-Hohenstaufen perseguida por uma longa sucessão de papas.

Havia, é claro, alguns príncipes no oeste que tentaram se unir em defesa do leste, mas seus esforços foram, por vezes, malfadados e inadequados. Em 1269, um pequeno grupo de guerreiros aragoneses, liderados por dois príncipes reais, chegou de navio a Acre – mas os príncipes chegaram sem seu rei, o poderoso guerreiro da Reconquista Jaime I, que naufragara no caminho e abandonara a jornada. Em 1270, Luís IX da França se preparou para outra investida na Terra Santa, que tentara deixar em uma posição defensiva estável durante sua visita de 1250-1254. Mas Luís tinha agora 56 anos e não era mais a força que fora em sua juventude. Seu julgamento estratégico, nunca especialmente aguçado, havia se enfraquecido ainda mais. Com seu irmão Carlos empossado como rei da Sicília, Luís decidiu navegar com sua modesta frota até a Terra Santa via Ifriqiya (agora nas mãos da dinastia sunita de ascendência berbere conhecida como Hafsidas) e atacar Túnis. A expedição foi um fiasco e, enquanto Luís acampava fora da cidade, uma epidemia assolou seu exército. Luís morreu de disenteria em 25 de agosto de 1270, supostamente pronunciando a palavra "Jerusalém" antes de sucumbir. Sua cruzada foi interrompida e seu corpo foi levado para casa para o enterro.

No Cairo, Baybars recebeu a notícia com alívio e alegria. Vinte e sete anos depois, Luís foi canonizado – mas, por mais santo que fosse, o grande rei-santo francês pouco havia feito para contribuir com a segurança do Sepulcro do Senhor.

Somente no início do verão de 1271, com a chegada a Acre de um contingente de cruzados liderados por Lorde Eduardo, herdeiro do trono Plantageneta da Inglaterra (o futuro Eduardo I, o "Pernas Longas"), e sua jovem esposa, Leonor de Castela, as implacáveis calamidades infligidas aos estados cruzados pareceram cessar. Eduardo era alto, fisicamente intimidador e sanguinário, já veterano de uma devastadora guerra civil na Inglaterra, e se tornaria o melhor guerreiro e general de sua geração. Trouxe consigo cerca de 1.000 homens, um quarto dos quais eram cavaleiros. Mas mesmo ele pouco mais conseguiu fazer do que estancar a hemorragia. Eduardo chegou a Acre tarde demais para salvar uma sucessão dos mais importantes castelos cruzados do leste da queda. A joia dos Hospitalários, Crac des Chevaliers, foi tomada em abril de 1271, seguida em junho do mesmo ano por Montfort, a grande fortaleza da Ordem Teutônica, que se ergueu como um monumento aos dias dourados do governo do mestre Hermann von Salza.[21] A permanência de Eduardo no leste foi marcada principalmente pela decisão de Baybars, no outono de 1271, de conceder a um Boemundo VI de Trípoli, cada vez mais perturbado, uma trégua de dez anos, o que, por sua vez, permitiu ao sultão mameluco concentrar-se totalmente na ameaça mongol à Síria. Eduardo desaprovava veementemente a trégua, então, em maio de 1272, Baybars tentou negociar com o jovem príncipe teimoso, encomendando a um Assassino que se esgueirasse até seu quarto e o atacasse com uma adaga.[‡] O ataque foi frustrado quando Edward reagiu, deu um soco no rosto do Assassino, jogou-o no chão e o esfaqueou na cabeça até ele morrer.[22] Depois de se recuperar dos ferimentos graves, Eduardo concluiu que já tinha visto o suficiente. Regressou a casa no outono de 1272 e nunca mais voltou.

*

Em 30 de junho de 1277, Baybars morreu em Damasco. Ele havia se empanturrado vários dias antes com sua bebida favorita, leite de égua fermentado, e a ressaca provocou uma combinação fatal de febre e diarreia aguda. A rapidez de sua doença (que levantou suspeitas de veneno) e a

As revoltas causadas pela transição para um novo sultão mameluco, após quase dezessete anos de governo sem precedentes, significaram que o que restou dos estados cruzados teve mais alguns anos de relativa paz.[23]No entanto, mesmo antes da morte de Baybars, havia a sensação de que os latinos remanescentes do leste estavam se preparando para o fim. Em 1276, Hugo III de Chipre, eleito Rei Hugo I de Jerusalém após a execução de Conradino, transferiu a sede da corte real permanentemente para suas propriedades cipriotas. Atrás dele, a liderança em Acre era disputada por representantes do rei siciliano ausente, Carlos de Anjou, que também afirmava ser o governante legítimo do reino latino. Essa tortuosa divisão de poder e a disputa mesquinha por autoridade despojada que ela representava revelavam a verdadeira situação entre os francos.

O fim do jogo começou doze anos após a morte de Baybars, em 1289, sob o sultão mameluco Qalawun, um veterano da Bahriyya que havia sido levado ao Egito para treinar como soldado-escravo na casa do grande sultão aiúbida al-Kamil. Em 1289, Qalawun mirou na cidade de Trípoli: com muralhas espessas, mas interiormente apodrecido, com rixas entre facções rivais de genoveses, pisanos, venezianos e hospitalários. Com poucos homens e desunidos, os defensores de Trípoli não tiveram chance quando Qalawun avançou contra eles, e assim que o exército mameluco chegou, os barcos começaram a sair do porto para evacuar os habitantes para a Armênia. "No final, a cidade ficou tão enfraquecida que os sarracenos a tomaram em um único ataque", escreveu o Templário de Tiro. "Faltavam-lhe defensores adequados, que um a um abandonaram a defesa."[24]Os mamelucos invadiram, saqueando, matando e demolindo prédios. Nadadores foram enviados para uma pequena ilha perto da costa, onde havia uma igreja dedicada a São Tomás, onde famílias civis aterrorizadas se refugiavam. As mulheres e crianças foram capturadas, e os homens foram mortos; seus corpos foram deixados em uma pilha para apodrecer, de modo que, durante semanas, "foi impossível desembarcar ali por causa do fedor".[25]

Mais uma vez, a resposta internacional à perda de uma importante cidade latina foi praticamente inexistente. Vinte galés venezianas, encomendadas pelo Papa Nicolau IV, chegaram para ajudar a defender as cidades remanescentes de Acre e Tiro, mas causaram mais danos do que benefícios. "Por meio da intervenção do Inimigo do Inferno [isto é, Satanás], os cruzados que vieram para fazer o bem e se armar para socorrer a cidade de Acre causaram sua destruição", escreveu o Templário de Tiro.[26]Em 1290, esses guerreiros visitantes foram responsáveis por um motim no Acre, no qual massacraram dezenas de pobres

Comerciantes muçulmanos vendiam trigo e outras mercadorias no mercado. Quando suas vestes encharcadas de sangue foram levadas para Qalawun, no Cairo, ele declarou sua intenção de punir Acre e equipou um exército expedicionário para tomar a cidade. De fato, Qalawun morreu em outubro de 1290 antes de poder se vingar. Mas deixou a seu sucessor como sultão, al-Ashraf Khalil, a responsabilidade de garantir que a justiça fosse feita.

*

Quando al-Ashraf Khalil chegou aos portões de Acre em abril de 1291, seu exército contava com 70.000 cavaleiros e outros 150.000 soldados de infantaria. Mesmo considerando o exagero habitual, era uma força enorme. Quando enviados saíram de Acre para tentar aplacar sua ira com presentes, ele se recusou a aceitá-los, enviando-lhes uma carta anunciando sua intenção de tomar e destruir a capital dos cruzados, e lembrando-os de que era "Sultão dos Sultões, Rei dos Reis, Senhor dos Senhores... o Poderoso, o Terrível, o Flagelo dos Rebeldes, Caçador de Francos, Tártaros e Armênios, Ladrão de Castelos das Mãos dos Malfeitores..."[27]Ele investiu contra Acre com suas máquinas de cerco em 5 de abril e começou o bombardeio com atiradores de pedras chamados Ghadban (Irado) e al-Mansuri (Vitorioso), cujos componentes gigantes foram transportados em cem carroças e que lançaram pedras pesando até 50 quilos (110 libras) cada.[28]

O exército do sultão era tão vasto que podia cercar completamente as muralhas da cidade, voltadas para o interior. A infantaria ergueu barricadas temporárias, encimadas por telas de vime, atrás das quais trabalhava em quatro turnos, 24 horas por dia, para manter um bombardeio incessante, enquanto, abaixo delas, mineiros cavavam túneis em direção às fundações das principais torres defensivas de Acre. À noite, os Templários, sob o comando de seu mestre Guilherme de Beaujeu, e vários outros grupos de cavaleiros tentavam sair pelos portões e causar o máximo de perturbação possível nos acampamentos dos sitiantes. Mas estavam sempre em menor número e geralmente eram forçados a recuar para dentro da cidade, tendo sofrido pesadas perdas. Isso continuou por várias semanas, e mesmo quando o Rei Hugo trouxe reforços para Acre, chegando de barco de Chipre em 4 de maio, havia muito pouco a ser feito. Naquela época, a parte externa das muralhas duplas da cidade já havia sido minada; poucos dias após a chegada de Hugo, a maior das torres de Acre – a Torre Amaldiçoada, ou Torre do Rei –

desmoronou. Esta foi uma grande brecha, e ficou claro a partir deste ponto que a cidade não resistiria por muito mais tempo. "Todos ficaram completamente desmoralizados", escreveu o Templário de Tiro, que estava em Acre na época, "e começaram a enviar suas mulheres e crianças para os navios". O tempo estava muito ruim e o mar muito agitado para uma evacuação rápida, mas esta era claramente a única maneira de alguém ter esperança de escapar de Acre com vida.[29]

Pouco antes do amanhecer de 18 de maio, Acre acordou com o som de uma forte batida de tambor, "criando um barulho terrível e aterrorizante".[30]Aparentemente, todo o poderio do exército mameluco pressionava as muralhas. Liderados pelos mestres dos Templários e dos Hospitalários, os cidadãos e todos os guerreiros aptos dentro da cidade se apressaram em vestir suas armaduras e correram para os portões nas muralhas internas. Mas, quando chegaram lá, aríetes já haviam rompido a barreira, e os primeiros invasores mamelucos estavam se amontoando.

O Templário de Tiro, que testemunhou os eventos que se seguiram, lembrou-se da fumaça espessa, densa e ofuscante que subia por toda parte enquanto os mamelucos atiravam potes de fogo grego contra os defensores. Através dessa fumaça nociva e gordurosa, lançavam-se dardos e flechas emplumadas, derrubando homens e cavalos por todos os lados. Cavaleiros corriam com seus sobretudos em chamas, as chamas derretendo a pele do rosto e torrando-os onde estavam. O mestre templário, Guilherme de Beaujeu, lutou nas ruas a cavalo, mas foi morto quando um dardo atravessou uma abertura em sua armadura abaixo da axila e perfurou profundamente seu flanco. Sua queda causou confusão entre os homens ao seu redor, nem todos falando a mesma língua. Um contingente de cavaleiros franceses – veteranos que eram membros do regimento deixado para defender Acre por Luís IX – lutou bravamente, mas acabou sendo subjugado, deixando "muitos feridos e mortos".[31]Por mais corajosos que fossem, os defensores de Acre estavam em desvantagem numérica de até dez para um. À medida que um fluxo aparentemente interminável de guerreiros mamelucos atravessava os portões arrombados, a luta se tornava cada vez mais desesperadora. Rua após rua, os cruzados foram repelidos, primeiro das muralhas, depois do subúrbio externo conhecido como Montmusard, até que finalmente a luta se concentrou nas docas.

O Rei Hugo, juntamente com vários outros dignitários, incluindo o capitão dos Hospitalários, embarcou e abandonou a cidade muito antes de sua última resistência. Ao saírem do porto de Acre em direção ao mar agitado, deixaram para trás, a bombordo, "senhoras, burguesas, donzelas de clausura e outras pessoas de menor importância, [que] vinham fugindo

pelas ruas, seus filhos".

em seus braços, chorando e desesperando, e fugindo para os marinheiros para salvá-los'.[32]Havia poucos ancoradouros para tantos refugiados desesperados, e logo as docas se tornaram um cenário de carnificina, com cavaleiros mamelucos esfaqueando e chifrando os civis que não viam valor em tomar como reféns, pisoteando bebês e atropelando mulheres grávidas. "Os muçulmanos entraram em Acre e se tornaram donos dela", escreveu Abu al-Mahasin.[33]

A última resistência em Acre ocorreu no quartel-general palaciano dos Templários, próximo às docas, um complexo fortemente reforçado, cuja torre central era encimada por quatro estátuas douradas de leões em tamanho real. Milhares de cidadãos se amontoavam dentro de suas muralhas, observando as galés levando os últimos dos grandes, dos bons e dos afortunados para Chipre, Armênia e os poucos outros refúgios seguros na costa. À medida que os últimos deles desapareciam, também desaparecia qualquer esperança de fuga. Por dez dias, os Templários trancaram os portões de sua fortaleza. Houve negociações esporádicas e uma escaramuça sangrenta, na qual os irmãos conseguiram encurralar uma pequena divisão de cavaleiros mamelucos em um de seus pátios e cortá-los em pedaços. Durante esse tempo, no entanto, sapadores mamelucos estavam cavando sob as muralhas e, em 28 de maio, derrubaram parte da muralha e a invadiram. A última resistência de Acre havia terminado, e com ela o destino dos estados cruzados no Oriente Próximo estava selado.

Nas semanas que se seguiram à queda de Acre, os assentamentos francos restantes ao longo da costa foram discretamente evacuados. A guarnição templária no notável castelo marítimo de Sidon abandonou seus postos e navegou para Chipre. Logo depois, Beirute e Tiro também foram evacuadas. Em agosto, o Castelo de Pélerin, a impenetrável fortaleza templária entre Haifa e Cesareia, foi o último local a ser abandonado. O reino de Jerusalém era agora um reino exilado em Chipre. Antioquia e Trípoli haviam sido varridas do mapa. "Tudo estava perdido", escreveu o Templário de Tiro, "de modo que, juntos, os cristãos não detinham nem um palmo de terra na Síria". O historiador e geógrafo curdo Abu al-Fida, que manteve um relato detalhado de testemunha ocular das campanhas finais do sultão contra os cruzados, observou com satisfação a completude da vitória e sua importância histórica. "Com essas conquistas, toda a Palestina estava agora em mãos muçulmanas", escreveu ele, "um resultado que ninguém ousaria esperar ou desejar. Assim, toda a Síria e as zonas costeiras foram purificadas dos francos... Louvado seja Deus!"[34]

* Um califado sunita revitalizado foi estabelecido no Cairo em 1261, sob o tio de al-Musta'sim, al-Mustansir II. Era em grande parte um regime fantoche, controlado pelos sultões mamelucos.

† Depois que o Grande Khan Mongkë morreu em 1259 e o império mongol foi gradualmente dividido, o Ilkhanato se tornou uma entidade independente — embora os Ilkhans não tenham adotado o islamismo até 1295.

‡ A escolha de um Assassino para atacar Eduardo foi interessante: além de atacar os estados cruzados, Baybars havia sistematicamente reduzido os castelos restantes dos Assassinos na Síria, completando o trabalho iniciado na Pérsia pelos mongóis.

26

Fragmentos e Sonhos

Partam para o fogo eterno, malditos!

Marino Sanudo, o Velho, era um rico veneziano e um homem entusiasmado com o mundo.[1] Nascido por volta de 1270, um dos cinco filhos de uma abastada família aristocrática do Rialto, recebeu do pai o apelido enigmático de "Torsello" e começou a vagar pelo Mediterrâneo na adolescência. Seus ancestrais haviam capitaneado galés em famosas e notórias aventuras venezianas, como o incêndio de Constantinopla na Quarta Cruzada; um de seus antepassados casou-se com uma mulher da família do antigo doge cruzado cego, Enrico Dandolo. No início do século XIV, o sobrenome Sanudo era, portanto, conhecido muito além de Veneza, e os negócios da família incluíam comércio de mercadorias, administração de propriedades, transporte marítimo e empréstimos. Durante a vida de Marino, aspectos desses negócios o levaram à ilha de Naxos, nas ilhas Cíclades (onde seus primos governavam como "duques do arquipélago"), a Negroponte (atual Cálcis, ao norte de Atenas, na ilha de Eubeia), a Palermo e Roma, a Acre (antes de sua queda para os mamelucos em 1291), a Constantinopla, Alexandria, Chipre, Rodes e Armênia; até mesmo a Bruges e Hamburgo, no norte da Europa, onde Sanudo chegou em grande estilo a bordo de uma galera estatal veneziana.[2] Os contatos e amigos pessoais que ele fez durante suas viagens eram uma lista dos políticos e governantes mais poderosos da época: vários papas, um imperador bizantino, os reis da França, Inglaterra e Armênia, duques italianos e franceses e condes flamengos, e inúmeros legados, bispos e cardeais.[3]

Além de viajante intrépido e criador de redes, Sanudo era também um leitor ávido e um intelectual inseguro. Uma excelente educação lhe permitiu crescer com conhecimento de latim, italiano, francês e grego, e um interesse apaixonado por escritores antigos como Aristóteles, Platão, Cícero e Boécio, comentaristas bíblicos como Beda e Santo Agostinho, e cronistas dos estados cruzados, incluindo Guilherme de Tiro e Jaime de Vitry – que haviam mantido relatos vívidos, escandalosos e emocionantes da ascensão e queda dos francos na Terra Santa. Esta foi uma história que se desenrolou de forma dramática ao longo da juventude de Sanudo, e na qual ele sentia que tinha um papel importante a desempenhar.

Em 1306, Sanudo decidiu aliar seu conhecimento do mundo às suas inclinações literárias e começou a escrever um texto que ficaria conhecido como Liber Secretorum Fidelium Crucis ou O Livro dos Segredos dos Fiéis da Cruz. Parte manual, parte manifesto, parte história da Terra Santa e parte vitrine da extensa obra de Sanudo, O Livro dos Segredos foi pesquisado, desenvolvido e escrito ao longo de quinze anos, e concluído somente em setembro de 1321, quando Sanudo apresentou dois exemplares, encadernados em alegres capas vermelhas e amarelas, ao Papa João XXII na corte papal em Avignon.[*] Mas o tópico de Sanudo certamente era grande o suficiente para merecer seu longo processo de elaboração e grande destinatário: era um plano para lançar uma nova cruzada e reconquistar o reino de Jerusalém para a igreja ocidental.

*

Os planos para a reconquista da Terra Santa estavam em voga durante e após as conquistas mamelucas dos estados cruzados. Já em 1274, o Papa Gregório X convocou um concílio em Lyon, onde convidou estudiosos e estrategistas livres-pensadores a elaborarem maneiras de reverter as perdas cristãs para Baybars, "visto que a libertação da referida terra é uma preocupação de todos os que professam a fé católica".[4] Após a queda de Acre em 1291, o Papa Nicolau IV repetiu o pedido, assim como outros papas depois dele. O resultado foi um subgênero literário composto por esquemas de cruzadas – alguns progressistas, outros retrógrados e alguns completamente descabidos. O matemático maiorquino Ramon Lull defendeu a abertura de escolas de idiomas para ajudar a treinar missionários antes de uma invasão direcionada por forças de elite.

liderada pelas ordens militares. O mestre hospitaleiro Fulque de Villaret sugeriu uma cruzada realizada exatamente "da mesma maneira que foi empregada pelo [Papa] Urbano" – ou seja, uma invasão direta e especificamente modelada na Primeira Cruzada.[5] Alguns escritores, incluindo o frade franciscano Fidenzio de Pádua, criticaram duramente os francos dos estados cruzados fracassados pelo que consideravam covardia feminina e vício em calúnias; Fidenzio aconselhou uma nova geração de cruzados a estudar os métodos mamelucos de guerra e espionagem e roubar as melhores partes para si.[6]Outros defendiam um novo superexército cristão, a ser criado por meio de uma reforma radical das ordens militares e colocado sob a tutela de algum príncipe ocidental valente e vigoroso, no papel do que Lull chamou de bellator rex: rei guerreiro. Não faltaram ideias brilhantes, principalmente entre aqueles que não haviam participado de uma cruzada e presenciado os desafios em primeira mão.

O plano de Sanudo não era de uma originalidade impressionante. Na verdade, estrategicamente, era simples. Ele prometeu um bloqueio econômico de todos os portos muçulmanos na Ásia Menor, Síria, Egito, norte da África e sul da Espanha, policiado por galés venezianas, o que infligiria grandes prejuízos comerciais, antes que uma grande frota cruzada transportasse um exército de 15.000 homens para invadir o delta do Nilo, apoiada por uma ampla coalizão de potências anti-islâmicas, incluindo os mongóis e os cristãos núbios do alto Nilo. Eles abririam caminho através do Egito e da Palestina e recuperariam a Terra Santa, que seria, a partir de então, "mantida em boas condições, tranquila e pacífica, para o louvor de Deus e para a honra da Santa Igreja Romana".[7]Com o tempo, embarcações cristãs patrulhariam os mares e controlariam o comércio até o Oceano Índico, a leste. Em grande parte, esse era um plano simples, embora otimista. Mas o ponto forte de Sanudo não estava em sua imaginação militar, mas sim em sua obsessão por detalhes e questões práticas. Seu Livro dos Segredos – que tinha mais de 100.000 palavras – era uma enxurrada de detalhes. Seus longos discursos sobre o número de tropas, o projeto de embarcações, a compra de armas e alimentos, a análise detalhada de custos e o ensaio exaustivo de exemplos históricos (bíblicos e modernos) excediam em escopo e especificidade qualquer coisa produzida por qualquer outro escritor. Sanudo também encomendou belos e detalhados mapas ao cartógrafo genovês Pietro Vesconte, radicado em Veneza, nascido em Genovês, incluindo um magnífico mapa-múndi mostrando todo o teatro mediterrâneo, cinco cartas marítimas detalhadas detalhando os litorais europeu e norte-africano e um plano da paisagem da Terra Santa.[8] Cada página do seu plano estava repleta de evidências de uma vida passada

pensando

de pouco mais que cruzados e seus seguidores. Ele garantiu que cópias chegassem às mãos não apenas do papa, mas de todos os governantes importantes da Europa Ocidental.

No entanto, apesar de todo esse esforço, o plano de Sanudo não deu em nada. Apesar do choque de 1291 e do interesse em reconquistar os estados cruzados, manifestado em alto e bom som nas cortes reais e papais da Europa, a tão almejada expedição de Sanudo – uma "passagem geral", como era chamada na literatura – nunca se concretizou. Pois, à medida que o século XIV amanhecia, o fascínio pelas cruzadas em massa diminuía rapidamente. Embora a Terra Santa estivesse agora em mãos mamelucas e fosse perigosa para os viajantes cristãos, Jerusalém não estava fechada aos peregrinos, pois os mamelucos eram pragmáticos, e não dogmáticos, na coleta dos impostos que cobravam para entrar na cidade e adorar em seus santuários. Para esse fim, o Santo Sepulcro foi cuidado por monges franciscanos, que de 1335 a 1336 tiveram seu próprio mosteiro na Cidade Santa e eram oficialmente tolerados pelos governantes muçulmanos. Além disso, embora a importância de tomar posse total de Jerusalém ainda fosse uma questão que pudesse comover os corações cristãos, os cavaleiros ocidentais que buscavam a guerra penitencial (ou, na verdade, qualquer tipo de guerra) geralmente a encontravam muito mais perto de casa. Novos conflitos seculares – como a chamada Guerra dos Cem Anos, travada entre a Inglaterra e a França e que, em vários momentos, envolveu seus vizinhos na Escócia, Flandres, Aragão, Castela e Portugal – estavam se aproximando. A Reconquista continuou, assim como uma infinidade de guerras papais e batalhas contra os pagãos do norte da Europa. Cruzadas e cruzados seguiam em outras direções.

*

Por várias décadas, mesmo antes de Sanudo começar a escrever, as cruzadas foram mais ativamente praticadas não no Oriente latino, mas no Mediterrâneo ocidental. Na Península Itálica e na Sicília, onde durante décadas o papado esteve envolvido em guerras com potências vizinhas – mais dramaticamente, a dinastia Hohenstaufen –, a cruzada tornou-se uma característica quase automática da guerra, buscada não como uma expressão de penitência em massa ou pela libertação do patrimônio de Cristo, mas como um meio para os papas reunirem tropas em contratos por prazo determinado, nos quais o pagamento era feito com a remissão da penitência e dos pecados. Assim como no século XII.

No século XIII, as armas espirituais da excomunhão e do interdito foram empunhadas quase sem hesitação pelos papas, que tentavam intimidar governantes seculares a obedecerem aos seus éditos; assim, no final do século XIII, a cruzada também se tornou fortemente politizada. A partir da década de 1250, as cruzadas não foram convocadas apenas contra inimigos familiares no Mediterrâneo oriental, incluindo os mongóis, mamelucos e gregos cismáticos, mas também contra inimigos papais no ocidente. Entre elas, estavam os descendentes de Frederico, Conrado, Manfredo e Conradino, da Sicília; os irmãos pró-Hohenstaufen, Ezzelino e Alberico da Romano, de Pádua e Verona; uma colônia militarizada de muçulmanos em Lucera, no sul da Itália (descrita pelo pregador papal como "cobras" vivendo em "uma caverna de pecados"), que haviam sido deportados da Sicília e destacados para os exércitos de Hohenstaufen; um grupo de cardeais que se desentenderam com o Papa Bonifácio VIII; e até mesmo, em 1309, a república de Veneza.[9] Essa abordagem dispersa para a implantação das cruzadas apresentou uma série de absurdos, e nunca mais do que em 1284-5, quando o Papa Martinho IV tentou punir o Rei Pedro III de Aragão por invadir a Sicília, infringindo os direitos do escolhido do papa para a coroa, o príncipe francês Carlos de Valois.[†] Martinho, portanto, declarou uma cruzada contra Pedro e reuniu o apoio da coroa francesa para atacá-lo. Para Pedro, acabar como alvo de uma cruzada era algo entre irônico e bizarro. Quando jovem, ele lutou pelos exércitos de seu pai, Jaime I, nas guerras para arrancar Valência do domínio muçulmano. Quando seu pai estava morrendo em 1276, Pedro lhe prometeu que "expulsaria todos os mouros do reino de Valência, pois são todos traidores".[10] Em 1281 (como precursor da invasão da Sicília), ele entrou em conflito com forças muçulmanas em Ifriqiya.[11] No entanto, de acordo com a bula papal emitida contra ele por Martinho IV, ele não era um campeão da cristandade, mas um pecador e um inimigo da igreja que merecia todo o opróbrio dos fiéis.[12] Como se viu, a cruzada contra Pedro de Aragão (que continuou a partir de 1285 contra seu filho Frederico, que assumiu a causa siciliana) não teve sucesso: sob a Paz de Caltabellota, de agosto de 1302, a ilha da Sicília permaneceu em mãos aragonesas, enquanto as possessões do reino na Itália continental – agora conhecido como reino de Nápoles – passaram para Carlos. Mas esse não era o ponto principal. Além disso, não foi a única vez que um papa e um príncipe franceses conspiraram para atacar, em vez de revidar, cruzados cristãos comprometidos, que consideravam perigosos e dispensáveis. Nesse sentido, a vítima mais chocante da anos que se seguiram aos cataclismos de 1291 foram os Cavaleiros Templários.

*

Após a queda de Acre e a evacuação das últimas fortalezas na costa dos cruzados, os reis de Jerusalém foram forçados ao exílio em Chipre. A partir daí, a tarefa de reocupar o continente tornou-se incomensuravelmente mais assustadora do que a de manter as cidades diante do ataque mameluco, pois qualquer campanha militar agora tinha que se basear no estabelecimento de uma cabeça de ponte para desembarcar tropas, cavalos, armaduras, alimentos e água, e garantir uma cadeia de suprimentos ininterrupta por mar. Mas, se a tarefa era difícil, ainda havia cruzados no estado remanescente do leste latino que acreditavam que era possível, e eles eram liderados pelas ordens militares.

Em 1300, Amaury de Lusignan (irmão do Rei Henrique II de Chipre-Jerusalém) e os Cavaleiros Templários baseados em Chipre tentaram seriamente forçar um desembarque em Tortosa, no antigo condado de Trípoli, que havia sido um reduto templário por quase 140 anos antes de sua queda para os mamelucos. Em novembro daquele ano, Amaury e o mestre templário, James de Molay, desembarcaram 600 soldados, cerca de um quarto dos quais eram templários, em Tortosa. Embora não tenham conseguido retomar sua antiga base militar lá – foram decepcionados pelos mongóis do Ilcanato, que renegaram a promessa de apoiar a operação –, conseguiram proteger a pequena ilha de Ru'ad, próxima à costa de Tortosa. Os Templários guarneceram e mantiveram Ru'ad por cerca de dezoito meses, até o verão de 1302, mantendo uma presença muito grande de mais de 100 cavaleiros e milhares de mercenários e pessoal de apoio em uma fortaleza. Eventualmente, porém, a fortaleza caiu sob um cerco mameluco liderado por um muçulmano convertido da Geórgia conhecido como Sayf al-Din Esendemür. Quase todos os membros da ordem na ilha foram mortos em batalha ou "conduzidos desonrosamente" ao Egito para prisão ou venda como escravos.[13]Foi um esforço valente por parte dos Templários, mas não foi o suficiente.

Quatro anos depois, o mestre templário James de Molay absorveu a lição dessa derrota. Ele viajou de volta de Chipre para a Europa Ocidental para apresentar um plano para uma nova cruzada à corte papal, convicto de que invasões malfeitas como as que fracassaram em Ru'ad não poderiam oferecer um caminho realista de volta a Jerusalém. "Uma expedição em pequena escala seria ineficaz, causando danos e ignomínia à cristandade", escreveu ele.[14]Assim como Marino Sanudo, de Veneza, viria a acreditar, Molay acreditava que qualquer nova cruzada teria que ser concebida e planejada em uma escala muito maior. Naturalmente,

Molay também acreditava que as ordens militares teriam um papel central a desempenhar. No entanto, como se viu, o papel das ordens militares estava prestes a mudar drasticamente – e, no caso dos Templários, fatalmente.

Muitos dos planos do início do século XIV para reviver as cruzadas na Síria e na Palestina examinavam o papel que as ordens militares haviam desempenhado no fracasso dos Estados cruzados e apresentavam planos de reforma que as tornariam adequadas para uma nova era de guerra. Vários observadores concluíram que havia pouco sentido em manter Templários, Hospitalários e Cavaleiros Teutônicos como entidades separadas, e argumentaram que seria muito mais sensato amalgamar os três – juntamente com as várias ordens independentes ativas na Espanha – para formar uma superordem que funcionasse como uma força de ataque internacional. O estudioso maiorquino Ramon Lull foi um dos que adotaram essa visão, escrevendo que "todas as ordens de cavalaria deveriam acolher essa medida... e se alguém se opusesse a ela, seria visto como não fiel nem devoto, e deveria considerar o julgamento do Último Dia, quando o Senhor Jesus Cristo disser: 'Apartai-vos para o fogo eterno, malditos'".[15] Suas palavras se provariam sombriamente proféticas.

O papa que Jaime de Molay viajou para encontrar em 1306 era outro francês: o ex-arcebispo de Bordeaux, Bertrand de Got, que havia adotado o nome papal de Clemente V. A eleição de Clemente ao trono papal se deveu, em grande parte, à pressão política exercida pelo rei da França, Filipe IV "Le Bel", um indivíduo alto, bonito, friamente insensível e fanaticamente piedoso, cuja paranoia instintiva e apetite pela perseguição violenta daqueles que ele suspeitava serem inimigos da coroa francesa eram avidamente explorados por seus ministros. Na época da visita de Jaime de Molay ao Ocidente em 1306, Filipe foi encorajado por cortesãos, incluindo o brilhante, mas totalmente inescrupuloso, advogado Guilherme de Nogaret, a considerar os Templários uma instituição maligna e corrupta, cujos membros se envolviam em cerimônias secretas e blasfemas e mereciam ser exaustivamente investigados e punidos com todo o peso da lei. O objetivo final, para Nogaret e seus associados, era justificar a apreensão dos bens dos Templários dentro do reino da França e sua transferência para a coroa francesa, que sofria de dificuldades financeiras crônicas. Mas a vítima, pelo menos em parte, foi a cruzada.

A suposta evidência que os franceses reuniram para os supostos crimes dos Templários era um dossiê histérico e infundado de grotesco, acusando os irmãos da ordem habitualmente cuspiam e urinavam nas cruzes, negando a

Em nome de Cristo, beijavam-se e acariciavam-se sexualmente em lascivos rituais de iniciação e adoravam estátuas e ídolos. Que houvesse um pingo de verdade em tudo isso era irrelevante. Na sexta-feira, 13 de outubro de 1307, todos os Templários da França – incluindo o mestre, Jaime de Molay – foram presos por mandado real, encarcerados e, em muitos casos, torturados para forçá-los a admitir seus "crimes". O Papa Clemente ofereceu apenas fraca resistência a esse ataque unilateral da coroa francesa, sob uma ordem que, em última análise, era responsável perante o papado; ele foi forçado a abrir uma investigação sobre os crimes dos Templários em todos os territórios da Cristandade. Essa decisão levou a prisões em massa e interrogatórios de Templários em todos os reinos, da Irlanda a Chipre, apesar do profundo e generalizado ceticismo quanto à culpa dos Templários.

Após um longo e penoso processo legal — que na França incluiu um episódio de queimadas em massa, quando várias dezenas de irmãos foram enviados à fogueira como hereges reincidentes — em um concílio eclesiástico em Vienne, em 1311-12, a ordem foi formalmente dissolvida em toda a Europa. Seus membros foram aposentados, condenados a longas penas de prisão, enviados para viver como simples monges em mosteiros não militares ou, em alguns casos, limitados principalmente aos reinos da península espanhola, onde os Templários vinham desempenhando uma função útil nos estágios finais da Reconquista, autorizados a se juntar a outras ordens militares, como a Ordem Portuguesa de Cristo, estabelecida em 1319 pelo Rei D. Dinis I. Jaime de Molay foi queimado na fogueira em Paris em março de 1314, por ordem de Filipe IV — cuja própria morte repentina após um acidente de caça no mesmo ano foi considerada por muitos como o cumprimento de uma maldição lançada sobre ele por Molay enquanto as chamas o consumiam. Foi um fim lamentável para a célebre ordem, que o grande cronista islâmico Ibn al-Athir certa vez descreveu como alguém que compartilhava com os Hospitalários a distinção de ser "os mais ferozes combatentes de todos os francos".[16]E removeu da esfera das cruzadas uma força que, se não fosse perfeita, pelo menos estava na vanguarda da mais recente tentativa concertada de reverter as perdas de 1291.

*

À medida que os Templários caíam, as outras duas grandes ordens militares internacionais, que tinham sido os pilares da defesa da Terra Santa, também foram forçadas

para redefinir seu propósito em uma era em transformação. Em ambos os casos, isso envolveu a remoção física do reino de Jerusalém, tal como este permanecia.

Os Hospitalários foram um dos principais beneficiários da desgraça e queda dos Templários. No Concílio de Viena, em 1312, houve murmúrios sobre o caráter moral dos membros Hospitalários e sua suposta preferência por construir belos salões e palácios em vez de lutar contra os inimigos de Deus. No entanto, foi ao Hospital que a maior parte dos bens Templários confiscados foi concedida, visto que, na visão do Papa Clemente V, os Hospitalários eram "guerreiros destemidos de Cristo... ardentes em seus esforços para recuperar a Terra Santa, desprezando todos os perigos humanos... quanto mais abundantemente forem supridos... mais crescerá a energia dos mestres e irmãos da Ordem e do Hospital".[17]Sem dúvida, essa tomada de extensas propriedades e interesses comerciais em praticamente todos os reinos do Ocidente ajudou a garantir a sobrevivência dos Hospitalários como instituição cruzada por gerações. No entanto, coincidiu com um ato muito mais decisivo na história dos Hospitalários, quando a ordem se mudou para a ilha de Rodes, a poucos quilômetros da costa sudoeste da Anatólia, na fronteira do arquipélago do Dodecaneso.

Rodes era tecnicamente uma possessão bizantina quando, em 1306, o mestre hospitaleiro Fulque de Villaret decidiu atacá-la. Na prática, porém, o domínio da ilha era dividido entre os governadores genoveses, aos quais o imperador bizantino havia delegado o poder, e os piratas turcos, que controlavam o leste da ilha.[18]Não foi uma tarefa fácil para os Hospitalários conquistarem a ilha: foi necessário fazer uma incursão inicial a oeste de Chipre com uma pequena frota, seguida por um cerco à cidade de Rodes, no norte da ilha, duas ações defensivas contra os exércitos bizantinos de socorro e uma operação de limpeza nas ilhas vizinhas do Dodecaneso, apoiadas por um pequeno número de cruzados do oeste. Mas o esforço foi finalmente recompensado com a queda de Rodes – um evento que inspirou brevemente dezenas de milhares de peregrinos comuns e pobres aspirantes a cruzados na Inglaterra, norte da França e Renânia a começar a costurar cruzes em suas camisas, marchar, espancar judeus e exigir que algum senhor rico lhes encontrasse transporte para o Mediterrâneo para que pudessem participar da guerra. Muito poucos deles chegaram perto de Rodes. Mas os Hospitalários conseguiram transferir permanentemente sua sede global de Chipre para lá e estabelecer um estado militar-monástico sob seu próprio governo. Eles agora tinham uma base perto da costa da Ásia Menor e Bizâncio, de onde uma guarnição de quase 300 cavaleiros e milhares de sargentos e mercenários podiam conduzir ataques.

em cidades gregas ou turcas e se envolver em pirataria – que foi o que, de fato, a maioria das cruzadas no Mediterrâneo se tornaria durante o século XIV.

Durante esse período, eles tiveram algumas vitórias famosas, a mais marcante foi quando se aliaram a Veneza e Chipre para capturar Esmirna (Izmir), na costa turca, em 1344, mantendo-a até 1402. Rodes também se tornou um ponto de parada seguro para peregrinos que continuavam tentando a jornada para Jerusalém.[19]Entretanto, mais a oeste, os Hospitalários continuaram, como tinham feito durante séculos, a desempenhar um papel limitado na Reconquista Espanhola..[20]Eles permaneceriam entrincheirados em Rodes até 1522, quando o grande sultão otomano Solimão, o Magnífico, levou seis meses e 400 navios para expulsá-los. Após isso, estabeleceram-se em Malta, que governaram até a chegada de Napoleão Bonaparte em 1798. Os Hospitalários foram, nesse sentido, um dos maiores sobreviventes da era das Cruzadas: uma instituição que já existia em Jerusalém antes mesmo da Primeira Cruzada e que manteve um papel na guerra santa cristã até muito depois do fim da Idade Média. Ao mesmo tempo, porém, a mudança de foco e esfera de atuação foi um indicador da constante fragmentação e enfraquecimento do movimento cruzado, à medida que a perspectiva de reconquistar o próprio reino de Jerusalém começava a se esvair.

*

Assim como os Hospitalários, a Ordem Teutônica também pensou melhor em estabelecer sua sede em Chipre após 1291. Após um breve período em que permaneceram baseados em Veneza, os Cavaleiros Teutônicos concentraram suas atenções exclusivamente em completar a cristianização do Báltico, tarefa que os ocupou durante grande parte do século XIII. Assim como os Hospitalários em Rodes, a Ordem Teutônica tinha todos os incentivos para combinar a luta contra os pagãos com a garantia de sua permanência em um reino que lhes proporcionasse independência política e proteção, caso necessário. Na época do processo contra os Templários, o Papa Clemente V também iniciou uma investigação sobre supostos delitos teutônicos na Livônia, onde se dizia que eles estavam conspirando com pagãos e abusando de clérigos locais. A partir de 1309, a ordem foi comandada a partir de Marienburg (Malbork, na atual Polônia), uma enorme fortaleza à beira-mar às margens do rio.

Volnat. Esta e dezenas de outras fortalezas semelhantes tornaram-se a base do próprio estado monástico-militar da Ordem Teutônica, que, no final do século XIV, havia se expandido de Danzig (Gdansk), no sudoeste, até os confins do norte da Estônia.

Esse processo de colonização nasceu do envolvimento da Ordem Teutônica nas cruzadas, e suas políticas expansionistas ainda podiam ser disfarçadas de guerras para defender os cristãos e purificar a terra em nome de Cristo. Mas, após 1386, seus vizinhos pagãos efetivamente desapareceram: Jogaila, o último grão-duque pagão da Lituânia, unificou seu ducado com o reino da Polônia e se converteu ao catolicismo. Em 1410, esse valente governante (agora conhecido pelo nome cristão de Władysław II Jagiello) esmagou os Cavaleiros Teutônicos na Batalha de Grunwald (também conhecida como Batalha de Tannenberg), e as pesadas reparações impostas aos cavaleiros marcaram o início de um longo e lento declínio em seu estado, que eventualmente deixou de existir no século XVI. Embora alguns recrutas que lutaram com os Cavaleiros Teutônicos em Grunwald reivindicassem o status de cruzados, a realidade era que qualquer propósito sério de cruzada havia se esvaído deles há muito tempo.

A extinção e a emigração das ordens militares do restante do oriente latino no início do século XIV foram importantes porque, combinadas com a constante desvalorização da cruzada pelos papas que a transformaram em arma contra seus inimigos políticos, marcaram o afastamento do teatro mais significativo e simbólico da atividade cruzada das instituições mais capazes de travar uma guerra permanente e penitencial contra as potências muçulmanas dominantes na Síria e na Palestina. Evidentemente, as cruzadas, desde pelo menos a década de 1120 (e possivelmente desde o seu início), tiveram muitas outras manifestações além da luta por Jerusalém. Mas, uma vez despojadas desse propósito central e galvanizador, as cruzadas em geral começaram a perder qualquer senso remanescente de coesão geral, juntamente com sua capacidade de unir as principais potências do ocidente cristão em torno de um único objetivo cósmico. Periodicamente, no século XIV, ocorreram confrontos emocionantes entre coalizões de potências cristãs e inimigos muçulmanos ou outros infiéis: vitórias navais das chamadas ligas cruzadas de Veneza, Chipre e Rodes Hospitaleira, ou o saque da Alexandria mameluca por uma armada sob o comando de Pedro I de Chipre em 1365. Mas, quando comparadas às expedições massivas dos séculos XII e XIII, que viajaram com os principais monarcas ou aristocratas do Ocidente no comando, as cruzadas do

As cervejas do século XIV eram realmente pequenas e tiveram pouco ou nenhum efeito duradouro na região como um todo.

A verdade era que, sem o foco em Jerusalém e nos Estados cruzados latinos, era inevitável que as cruzadas se fragmentassem em um espetáculo secundário, reativo e díspar, com uma história distinta, mas perdendo importância tanto para reis quanto para fiéis comuns. Com isso, organizar grandes campanhas militares multinacionais para tomar terras distantes para a maior glória da cristandade deixou de ser realista. Eram apenas objeto de sonhos e esquemas quixotescos, concebidos por homens bem-intencionados, mas em última análise equivocados, como Marino Sanudo, de Veneza, o arquiteto de uma campanha militar brilhante, mas inteiramente imaginária, que era, mesmo quando escrita, uma relíquia de um tempo passado.

[*] De 1309 a 1376, o papado residiu em Avignon, e não em Roma.

[†] As guerras pela Sicília que se seguiram à destruição da linhagem masculina dos Hohenstaufen duraram vinte anos, tendo sua origem em uma rebelião contra o domínio francês em Palermo na segunda-feira de Páscoa de 1282. Elas são geralmente conhecidas como Guerras das Vésperas Sicilianas.

27

Admiráveis Mundos Novos

Não poderia haver expedição mais honrosa do que aquela a serviço de Deus…

Na primavera de 1390, Henrique Bolingbroke, primo-irmão do rei da Inglaterra, de 23 anos, reuniu cem amigos e vassalos e atravessou o Canal da Mancha para lutar em uma competição de justas. O torneio ao qual compareceram foi realizado nos arredores da cidade inglesa de Calais, em um local conhecido como Saint-Inglevert, e havia sido anunciado por arautos com grande alarde no outono anterior, numa tentativa deliberada de comover os corações e o orgulho coletivo dos jovens círculos aristocráticos obcecados por status, nos quais homens como Bolingbroke se moviam. O anfitrião era um cavaleiro francês quase da mesma idade de Bolingbroke, chamado Jean II le Meingre, um autoproclamado modelo de cavalaria, mais conhecido como "Boucicaut". Os prêmios oferecidos eram inestimáveis: honra, glória e "uma reputação de destemor".[1]

O simples fato de trocar golpes de lança com Boucicaut era um sinal de nobreza. Desde os doze anos de idade, o francês lutava por toda a Europa, enfrentando borgonheses na Normandia, ingleses na Bretanha e na Gasconha e flamengos insurgentes em Flandres. Ele se juntara à cruzada perpétua no Báltico, lutando ao lado dos Cavaleiros Teutônicos contra os pagãos lituanos na Prússia. Visitara Constantinopla e viajara como peregrino à Jerusalém dominada pelos mamelucos. Estivera até mesmo em Damasco, onde um dos parentes do rei francês, o conde de Eu, fora detido durante sua própria peregrinação; Boucicaut permaneceu lá por três meses como refém voluntário enquanto a libertação do conde era negociada. O jovem

era, disse um admirador biógrafo contemporâneo, 'belo... amável, afável e jovial, um pouco moreno e com uma tez bem-colorida que lhe caía bem'; tão corajoso que seus assistentes às vezes tinham que contê-lo para sua própria segurança, e tão forte que ele podia 'dar uma cambalhota totalmente armado, exceto por seu bacinete [capacete] e dançar equipado com uma cota de malha'.[2]O torneio que ele organizara em Saint-Inglevert era tipicamente ousado e espirituoso. Boucicaut e dois de seus amigos mais valorosos se instalaram em um campo e decoraram um olmo gigante com escudos com seus brasões. Juraram lutar contra qualquer um que cavalgasse até o olmo e lançasse um desafio atingindo um dos escudos com uma arma. Uma vez aceito o desafio, cada cavaleiro poderia realizar cinco investidas com uma lança contra Boucicaut ou um de seus companheiros. Seria um excelente cavaleiro aquele que tivesse a habilidade de derrubar qualquer um deles.

A jornada de Bolingbroke para lutar com Boucicaut em Saint-Inglevert – na qual foi acompanhado por mais de 100 outros cavaleiros ingleses – foi aprovada e paga por seu pai, John de Gaunt, um dos magnatas mais ricos da Europa Ocidental. Grande parte da riqueza de Gaunt foi herdada: ele era tio do Rei Ricardo II e, como duque de Lancaster, possuía mais terras na Inglaterra do que qualquer um, exceto o próprio rei. Muito mais, no entanto, havia sido conquistado em uma recente campanha militar que era – tecnicamente – uma cruzada. Durante a década de 1380, Gaunt passou quatro anos lutando na Península Ibérica para tomar a coroa castelhana em nome de sua segunda esposa, Constança, a filha mais velha e herdeira do rei castelhano Pedro, o Cruel. Os lucros dessa cruzada foram o que pagou pelas aventuras de seu filho.

O fato de Gaunt ter lutado contra cristãos em sua suposta cruzada – homens leais ao seu rival, o pretendente castelhano João de Trastámara – e não contra muçulmanos espanhóis, que agora governavam nada mais na Espanha do que o despojado emirado de Granada, no sul, não parecia importar muito. No final do século XIV, o papado estava em cisma, e entre 1378 e 1417 houve dois (e em certo momento, três) papas rivais, baseados em Avignon e Roma. Isso significava que uma guerra como a de Gaunt poderia facilmente receber o status de cruzada, já que ele era seguidor do papa romano, Urbano VI, e de João de Trastámara, do antipapa de Avignon, Clemente VII. Urbano estava tão feliz quanto qualquer um de seus predecessores em usar a cruzada como arma para fins de política eclesiástica. Então Gaunt partiu em uma cruzada por uma coroa e, embora não tenha obtido sucesso, quando em 1388 assinou uma trégua que casou sua filha Catherine com o filho de John de Trastámara, ele recebeu tantos

espanhóis

ouro que quarenta e sete mulas eram necessárias para transportá-lo de volta para a Inglaterra.[3] Imensamente enriquecido e orgulhoso do status de cruzado que aumentava seu próprio prestígio, Gaunt determinou que seu filho Bolingbroke seguisse seus passos.

Além de financiar a viagem do filho à justa de Boucicaut, Gaunt havia escrito com antecedência solicitando que ele participasse de dez justas em vez das cinco habituais, para que pudesse aprender o máximo possível com um cavaleiro tão talentoso. Sem dúvida, ele ficou orgulhoso ao descobrir depois que, por consenso popular, Bolingbroke se saiu muito bem. Vários cronistas notaram que, de todos os ingleses presentes no torneio, ele foi o que melhor competiu.[4]Além disso, seu combate contra Boucicaut, travado com lanças adequadas, em vez das lanças cegas às vezes permitidas em justas para reduzir ferimentos, também foi uma excelente preparação para a próxima etapa de sua expedição. Pois, depois de Saint-Inglevert, Henrique decidira que, como seu pai, poliria sua reputação de cavalheirismo participando de uma cruzada.

*

A escolha inicial de Bolingbroke para o destino das cruzadas foi o norte da África, onde o cunhado do rei francês, Luís II, duque de Bourbon – mentor do próprio Boucicaut – preparava um ataque naval contra piratas berberes islâmicos em Mahdia, em benefício dos mercadores genoveses. No entanto, devido às relações difíceis entre as coroas inglesa e francesa, Bolingbroke teve seu salvo-conduto negado através do território francês até Marselha, onde planejava embarcar. Em vez disso, voltou sua atenção para o nordeste, para a Prússia. No verão de 1390, viajou para o Báltico, novamente acompanhado por uma comitiva de várias dezenas de outros jovens ingleses entusiasmados, para procurar os Cavaleiros Teutônicos e passar um tempo ao lado deles lutando contra os pagãos lituanos.[*]

O principal obstáculo às ambições cruzadas de Bolingbroke no norte era que, como vimos, o pagão-chefe da região do Báltico, Jagiello da Lituânia, havia se convertido ao cristianismo quatro anos antes para assumir o comando do reino da Polônia. Ao chegar à Prússia, portanto, Bolingbroke se viu na infeliz situação de ter se juntado a uma cruzada que havia sido recentemente privada de seu alvo principal. Isso estava longe de ser o ideal e, em tempos anteriores, teria tornado toda a

Cruzada extinta. Mas para aventureiros do final do século XIV, como Bolingbroke, a cruzada era principalmente um veículo para feitos de armas glamorosos e, embora expressar piedade pessoal fosse um fator importante, o inimigo era, até certo ponto, irrelevante. E, felizmente para o jovem inglês, em 1390, os Cavaleiros Teutônicos não haviam cessado completamente de lutar na Lituânia. Eles se envolveram em uma disputa entre parentes de Jagiello sobre quem deveria servir como seu representante. Com essa cobertura política, as operações puderam continuar como de costume, pois ainda havia muitos lituanos comuns que persistiam em suas antigas crenças e práticas pagãs e estavam prontos para correção. Assim, Bolingbroke e seus homens puderam se divertir, afinal. Eles se juntaram a um ataque a Vilnius, a capital da região pagã não reconstruída de Samogícia (Zemaitija), servindo entre agosto de 1390 e março de 1391, com resultados extravagantemente sangrentos. De acordo com um boletim informativo recebido pelo cronista inglês 'Westminster', Bolingbroke e seus companheiros participaram ativamente de um cerco de verão e ajudaram a tomar Vilnius 'com fogo e aço', matando ou capturando 4.000 pessoas e lutando com 'grande distinção'.[5]

Depois, eles comemoraram longa e intensamente. Como o inverno não foi frio o suficiente para lutar – o terreno pantanoso da Samogícia, conhecido como "o Deserto", não congelou o suficiente naquele ano para que cavalos de guerra o atravessassem –, eles passaram os meses escuros e frios bebendo vinho, jogando dados e festejando na cidade de Königsburg, gastando grandes somas do dinheiro de João de Gaunt com prisioneiros de guerra pagãos, cuja conversão ao cristianismo Bolingbroke poderia se considerar o patrocinador pessoal.[6]Somente em abril do ano seguinte eles retornaram à Inglaterra, falando sobre suas conquistas e exibindo seus troféus de guerra, que incluíam belas aves de rapina, um alce e um urso, além de muitas histórias fantásticas — que se tornaram ainda mais fantásticas à medida que eram recontadas por quase duas décadas depois.

*

Em 1392, Bolingbroke retornou à Prússia para mais uma investida contra os infiéis, mas, desta vez, ficou decepcionado ao descobrir que não havia realmente nenhuma cruzada disponível. Em vez de voltar para casa, porém, seguiu o exemplo de Boucicaut: Bolingbroke converteu sua cruzada em peregrinação e voltou seus olhos para o leste. Nos dez meses seguintes, ele e um pequeno grupo de

servos e seguidores (incluindo um intermediário chamado Jacob e um trompetista particular chamado Crakyll, que anunciava sua chegada em novas cidades) seguiram pela Europa Central até Veneza.[7] Lá, eles coletaram dinheiro dos contatos financeiros de seu pai, fretaram navios e navegaram para a ilha de Rodes, dos Hospitalários. Em seguida, viajaram para Jaffa – abandonada aos mamelucos mais de um século antes – antes de continuar por terra pelas antigas estradas de peregrinação através das colinas da Judeia até Jerusalém. Assim, ao contrário do cruzado mais famoso entre seus antepassados Plantagenetas, Ricardo Coração de Leão, Bolingbroke visitou o Sepulcro de Cristo, agora cuidado por monges franciscanos. Após uma curta estadia, ele retomou seus passos, retornando à Inglaterra em julho de 1393 com histórias ainda mais emocionantes do que as que trouxera da Prússia dois anos antes, bem como animais ainda mais exóticos: um avestruz, um papagaio e um leopardo que havia adquirido em Chipre.[8]

Bolingbroke tinha agora 26 anos e, embora não fosse um cruzado como se poderia imaginar, suas façanhas juvenis o tornavam um dos nobres cavaleiros mais experientes e viajados do reino, com uma reputação de cavalaria inigualável. E sua reputação arduamente conquistada por bravura marcial, probidade de caráter e devoção à sua fé lhe serviram muito. Seis anos e meio depois, uma revolução política varreu a Inglaterra: Bolingbroke depôs seu primo Ricardo e assumiu o trono em seu lugar, como Henrique IV. Embora os eventos que o impulsionaram a esse alto cargo tenham sido violentos, contestados e traumáticos, poucos eram os que não concordariam que Bolingbroke, o cruzado, tinha o caráter de um rei.

*

Enquanto Bolingbroke caminhava para o trono, Boucicaut também avançava a passos largos. Após o término do torneio de Saint-Inglevert (e após uma viagem a Paris para ser "festejado e homenageado pelas damas"), ele também serviu na Prússia com os Cavaleiros Teutônicos.[9] Esta foi, de fato, sua terceira cruzada ao Báltico, fato notado com aprovação na corte francesa. Após realizar "feitos tão admiráveis que lhe renderam elogios universais", Boucicaut foi convocado para encontrar-se com o Rei Carlos VI em Tours e recebeu o título de marechal da França, um dos dois mais antigos oficiais.

patentes militares no reino. Era um cargo que o manteria ocupado pelo resto de seus dias – não apenas lutando contra os ingleses, contra os quais a Guerra dos Cem Anos continuava a se desencadear esporadicamente, mas também no reino das Cruzadas. Uma nova guerra contra os turcos o convocava. E em 1396, Boucicaut concordou em se juntar a ela. Naquela primavera, ele viajou para a Europa Oriental com muitos outros "cavaleiros e escudeiros... jovens senhores de sangue real e muitos barões e nobres [que] desejavam evitar a ociosidade e usar seu tempo e esforço na busca da cavalaria". Todos acreditavam, segundo o biógrafo contemporâneo de Boucicaut, "que não poderia haver expedição mais honrosa do que uma a serviço de Deus".[10]Embora nenhum deles soubesse, eles estavam se juntando ao que talvez fosse o último grande exército cruzado da Idade Média, criado pela cristandade ocidental para lutar contra as forças do islamismo.

O inimigo que buscavam era uma nova potência turca que logo se tornaria o Império Otomano. Os otomanos – assim chamados em homenagem ao seu primeiro líder, Osman I – eram um grupo de turcos étnicos que haviam conquistado um pequeno território na Ásia Menor na década de 1290, durante o colapso final do domínio seljúcida, resultado de repetidos ataques mamelucos e mongóis; 100 anos depois, os otomanos haviam se expandido e se tornado a potência dominante na Ásia Menor.[†]Na década de 1360, eles cruzaram o Bósforo e começaram a fazer conquistas nos Bálcãs, forçando os czares búlgaros a pagar tributos e tomando a Sérvia.

A ascensão aparentemente imparável dos otomanos deixou os bizantinos em Constantinopla sob cerco perpétuo, agarrando-se apenas às menores áreas de território fora da cidade e com unidades turcas estacionadas semipermanentemente fora de seus muros. Isso também representou uma séria ameaça à integridade territorial da Hungria e da Polônia. Consequentemente, o rei Sigismundo da Hungria apelou a outras potências cristãs por assistência na proteção de suas fronteiras. Ele encontrou ouvidos receptivos em Veneza e Gênova, ambas as quais percebiam uma ameaça significativa ao seu próprio poder comercial como resultado da expansão otomana nas ilhas e portos do Mediterrâneo oriental. O papa romano, Bonifácio IX, pregou a resistência aos otomanos como uma cruzada, e o papa de Avinhão, Bento XIII, seguiu o exemplo. Na França e na Inglaterra, o idoso soldado e escritor Filipe de Mézières pressionou pelo estabelecimento de uma sociedade de cavaleiros cruzados, que ele chamou de Nova Ordem da Paixão, e importunou os governantes europeus com seus tratados em favor da guerra no leste.[11]Todo esse entusiasmo pela cruzada se

consolidou em um momento oportuno. Uma trégua temporária na Guerra dos Cem Anos e a turbulência política

na França, após o colapso de Carlos VI na insanidade, significava que para cavaleiros como Boucicaut era o momento certo de se unirem, heroicamente, em defesa da cristandade.[12] A resposta à pregação da cruzada de 1396 foi a mais próxima de uma cruzada tradicional de "passagem geral" vista desde o século XIII.

O resultado da campanha contra os otomanos, no entanto, também seguia rigorosamente a tradição do século XIII. No início da primavera de 1396, um grande exército se reuniu na Hungria e foi acompanhado por centenas de cavaleiros ocidentais e milhares de soldados de infantaria da França, Borgonha, Polônia, Boêmia e dos reinos germânicos. Cerca de 15.000 cruzados partiram da capital húngara, Buda, e viajaram pelo Danúbio em direção ao território búlgaro, onde o sultão otomano Bajazeto I havia conquistado várias cidades e fortificações. A que escolheram para tentar retomar foi a fortaleza de Nicópolis (Nikopol). No início de setembro, montaram acampamento, sitiaram e começaram a minerar as muralhas. Por pouco mais de duas semanas, tudo parecia promissor. Então, nas palavras do biógrafo de Boucicaut, "a malícia da Fortuna" voltou-se contra os cruzados.[13] O sultão Bayezid chegou com uma força pelo menos igual em tamanho à dos cristãos e, em uma batalha campal travada em 25 de setembro, derrotou-os completamente. As divisões entre os contingentes húngaro e francês no exército levaram ao caos no campo de batalha, e as perdas francesas, em particular, foram terríveis, com um grande número de estimados senhores mortos, incluindo o almirante da França, Jean de Vienne. Boucicaut foi capturado e forçado a assistir enquanto milhares de guerreiros franceses de patente inferior eram despidos até suas camisas e decapitados com cimitarras. Ele foi mantido cativo na Ásia Menor até o final de junho de 1397, quando enviados do duque da Borgonha chegaram para concordar com um pagamento de resgate de 200.000 florins, adiantado ao sultão por banqueiros venezianos. Boucicaut ficou aliviado por ser libertado, mas a desgraça à cavalaria francesa infligida em Nicópolis foi considerável. O cronista Jean Froissart comparou a derrota ao lendário desastre em Roncesvalles em 778 d.C., quando todos os doze grandes nobres da França morreram em campanha por Carlos Magno contra os muçulmanos abaixo dos Pireneus.[14] "Era uma pena ouvir os sinos tocarem em todas as igrejas de Paris, onde missas eram cantadas e orações eram feitas em nome dos mortos", escreveu o biógrafo de Boucicaut. "E todos os que os ouviam se entregavam à oração e ao luto."[15]

*

Assim que Boucicaut se recuperou da experiência traumática da vida em uma prisão otomana, ele logo retomou sua carreira heroica e autoconsciente, e a guerra contra os turcos e outras potências do Mediterrâneo Oriental continuou a ser um tema dominante. Quando seu contemporâneo Henry Bolingbroke assumiu o comando da Inglaterra na revolta de 1399, Boucicaut tentava defender Constantinopla contra os otomanos. No ano seguinte, ele fundou a Ordem da Dama Branca do Escudo Verde, uma sociedade de justas beneficente cujos membros juravam lutar pela defesa de viúvas e órfãos que haviam perdido seus homens em Nicópolis. Depois que os franceses efetivamente anexaram Gênova em 1401, Boucicaut tornou-se governador e, posteriormente, passou o resto da década em escaramuças indiscriminadamente com venezianos, otomanos e mamelucos ao redor de Chipre e nas costas da Ásia Menor e da Síria. Ele saqueou Beirute em 1403, embora as principais vítimas de seu ataque fossem mercadores venezianos que negociavam na cidade e que perderam grandes quantidades de estoque. Em 1407, ele tentou organizar um ataque à cidade egípcia de Alexandria, mas foi frustrado pela falta de apoio político do rei de Chipre. No ano seguinte, travou uma emocionante batalha naval com quatro galés norte-africanas nas águas entre Gênova e Provença. Ele nunca ficou parado.

No entanto, se entre os inimigos de Boucicaut estavam muçulmanos de teatros tradicionais de cruzadas, o próprio Boucicaut dificilmente era um cruzado no sentido tradicional. Quando seu admirador biógrafo expôs detalhadamente os traços de sua personalidade que mais se destacavam em sua piedade, os exemplos que ele deu incluíam esmola, compaixão pelos pobres e fracos, oração diligente, peregrinação regular e observância dos dias de jejum da igreja, recusa em usar linguagem chula ou juramentos blasfemos e abstinência estrita de jogos de azar, consumo de bebidas alcoólicas fortes, consumo de comida apimentada e cobiça por mulheres.[16] Massacrar descrentes em nome de Cristo e de seu patrimônio não merecia menção. E, talvez apropriadamente, Boucicaut não terminou seus dias lutando por Jerusalém ou qualquer outro lugar na Terra Santa. Em vez disso, em 25 de outubro de 1415, liderou a vanguarda francesa na Batalha de Agincourt, onde, em outra derrota calamitosa, foi capturado pelos ingleses e morreu prisioneiro de guerra em Yorkshire, aos 56 anos, por volta de 25 de junho de 1421. Talvez houvesse uma leve ironia no fato de que o homem que impôs seu longo e final cativeiro foi o comandante da Inglaterra em Agincourt.

Rei Henrique V, que em 1413 sucedeu ao trono inglês após a morte de seu pai, Henrique Bolingbroke.

*

O falecimento da geração de cruzados cavalheirescos de Bolingbroke e Boucicaut não marcou exatamente o fim das cruzadas. Tampouco o fim do grande cisma na Igreja Ocidental, que foi sanado em 1417, quando o papado foi reunificado e estabelecido em Martinho V. As tensões e rivalidades que, em última análise, surgiram do cisma evoluíram na Europa Central para uma série de guerras na Boêmia, nas quais os seguidores do reformador da Igreja Jan Hus foram perseguidos por muitos anos por uma aliança contínua de forças dentro do Sacro Império Romano e além, incluindo membros da Ordem Teutônica e – em 1427 – um dos meio-irmãos do falecido Henrique Bolingbroke, o Cardeal Henrique Beaufort, bispo de Winchester. Mas, pelo menos para os cruzados ingleses e franceses, o século XV sem dúvida viu um declínio acentuado no entusiasmo pelas cruzadas, se não na retórica das cruzadas. Até bem avançado o século XVI, reis como Henrique VIII da Inglaterra, Francisco I da França e Carlos V, rei da Espanha e imperador do Sacro Império Romano-Germânico, continuaram a falar em termos grandiosos sobre a formação de exércitos cristãos para combater os pérfidos turcos. Mas, na maioria das vezes, essa era uma ideia proposta para exibição, durante as negociações de paz entre essas nações em guerra perpétua: um projeto clichê que teria apenas teoricamente o poder de unir os príncipes cristãos e forçá-los a desistir de se atacarem. Na realidade, o surgimento do Estado-nação e as amargas divergências que se desenvolveram a partir da Reforma garantiram que as conversas ocidentais sobre as cruzadas, nessa época, se tornassem pouco mais do que conversa fiada e postura diplomática.

Na Europa Oriental, a história foi um pouco diferente, pois ali a ameaça otomana continuou a pairar forte durante o século XV. Houve um revés significativo para os otomanos na Ásia Menor em 1402, quando um exército sob o comando do sultão Bajazeto I (o vencedor de Nicópolis) foi esmagado pelas forças sob o comando de Timur, o Coxo (Tamerlão), líder de um império mongol revivido na Ásia Central. Mas, em meados do século, os otomanos voltaram a ser a potência dominante, dos Bálcãs ao norte da Síria. Em 1526, eles também conquistaram o estado mameluco e estenderam seu domínio por toda a Síria, Palestina, Mesopotâmia, Egito e o Hijaz, na Arábia Ocidental.

Sua presença no Mediterrâneo oriental naturalmente os colocou em conflito regular com os governantes cristãos daquela região. Em 1453, os otomanos finalmente conquistaram Constantinopla após um cerco de 53 dias, extinguindo o Império Bizantino para sempre e matando o último imperador, Constantino XI Paleólogo – uma vitória que desencadeou uma previsível crise de consciência em toda a cristandade e as proclamações de cruzadas associadas. Cruzados da Hungria e da Sérvia logo foram forçados a defender Belgrado dos otomanos, enquanto por muitos anos depois as frotas navais que lutaram com marinheiros otomanos ao redor das ilhas do Mediterrâneo oriental também hastearam bandeiras das cruzadas. Era inevitável que, dada a longa história da região, quaisquer confrontos entre potências cristãs e islâmicas nesse contexto fossem automaticamente associados à cruzada. Mas, na realidade, quando Jerusalém caiu sob o domínio otomano em 1517 – para ser transformada e reconstruída em escala espetacular nos anos seguintes pelo grande sultão Solimão, o Magnífico – as cruzadas não eram mais um fenômeno sério. Era pouco mais que um slogan.

*

Se algum evento pudesse ser considerado o fim da era das Cruzadas, não foi a queda de Constantinopla ou Jerusalém. Em vez disso, ocorreu em Granada, no sul da Espanha, em 2 de janeiro de 1492. Desde a Batalha de Las Navas de Tolosa, em 1212, que havia rompido o domínio do império almóada sobre a Espanha, o poder islâmico na Península Ibérica vinha diminuindo e, em meados do século XIII, o único bastião do poder muçulmano no continente era o emirado de Granada. Este era uma sombra do outrora poderoso califado espanhol e, embora Granada fosse geograficamente protegida pela Sierra Navada e conectada ao mundo islâmico do norte da África via Gibraltar, os governantes do emirado, conhecidos como dinastia Nasrida, geralmente pagavam tributos financeiros ao reino de Castela, que era deixado à própria sorte.

Na década de 1480, porém, os Nasridas de Granada caíram sob o olhar severo de uma nova e poderosa força na Espanha: a monarquia conjunta do Rei Fernando II de Aragão e da Rainha Isabel I de Castela: os chamados "Reis Católicos", cujo casamento uniu os dois grandes reinos cristãos da Península Ibérica. Juntos, Fernando e Isabel assumiram a missão devota de expulsar da Espanha os últimos vestígios do domínio muçulmano. Após dez anos de campanha, eles

colocaram Granada de joelhos, e o último emir, Maomé XII (Boabdil), entregou formalmente as chaves do palácio de Alhambra a Fernando e Isabel, antes de deixar seu reino com um suspiro de exílio no Marrocos. Nos anos que se seguiram, tropas espanholas invadiram os estreitos em direção ao norte da África, assediando cidades e conquistando postos avançados úteis até as Ilhas Canárias, ao sul. A Reconquista havia terminado.[17]

*

Observando os acontecimentos na Alhambra em 2 de janeiro de 1492, estava um explorador genovês chamado Cristóvão Colombo, ou, como a história o chamaria, Cristóvão Colombo. "Vi os estandartes de Vossas Altezas hasteados vitoriosamente nas torres da Alhambra, a cidadela daquela cidade, e o rei mouro sair dos portões da cidade e beijar as mãos de Vossas Altezas", escreveu ele mais tarde, dirigindo-se a Fernando e Isabel.[18]Era, sem dúvida, uma visão que lhe tocava o coração. Mais tarde, no mesmo mês, Colombo recebeu dos Reis Católicos a missão de navegar em busca de uma nova rota marítima que o levaria para o oeste, ao redor do globo, até o extremo oriente e, como ele mesmo disse, constituiria uma missão sagrada: "ver estas partes da Índia e os príncipes e povos daquelas terras e considerar os melhores meios para sua conversão".

Embora Colombo tenha deixado claro que seu principal objetivo ao empreender uma missão tão ambiciosa era o lucro, ele também foi explícito quanto à justificativa piedosa para sua jornada, que se harmonizava com todos os padrões de pensamento desenvolvidos a partir do movimento das cruzadas. Até mesmo a bajulação que ele despejava sobre seus patrocinadores reais desmentia quatro séculos de fanatismo cruzado. "Vossas Altezas, como príncipes católicos e devotos propagadores da sagrada fé cristã, sempre foram inimigos da seita de Maomé e de todas as idolatrias e heresias..."[19]No sábado, 12 de maio de 1492, cinco meses após a queda de Alhambra, Colombo partiu de Granada, traçou um curso para o sul, em direção às Ilhas Canárias, e em 3 de agosto rumou para o Oceano Atlântico.

Em 4 de março de 1493, ele retornou, com seus barcos mancando para casa, atravessando os últimos vendavais de uma "tempestade cruel", e aportando na foz do rio Tejo, em Lisboa. Trouxe consigo pessoas estranhas, objetos exóticos nunca antes vistos e histórias sobre as imensas riquezas que jaziam nas terras que ele vira: as Américas. As enormes quantidades de especiarias, ouro e escravos que poderiam ser levados para lá quase

desafiavam sua capacidade de descrição, assim como o número de

almas pagãs que ele acreditava que poderiam ser convertidas ao cristianismo. Anunciando seu retorno, ele escreveu para recomendar que Fernando e Isabel

> devem realizar grandes celebrações e render solenes graças à Santíssima Trindade com muitas orações solenes, pelo grande triunfo que terão, pela conversão de tantos povos à nossa santa fé e pelos benefícios temporais que se seguirão, pois não apenas a Espanha, mas toda a cristandade receberá encorajamento e lucro.[20]

Desnecessário dizer que a jornada de Colombo em 1492 mudou o mundo. Seu anúncio de novos territórios repletos de mercadorias para comercializar ou roubar, e repletos de pessoas para subjugar, converter ou matar, ajudou a inaugurar uma nova fase na história global. Depois de Colombo, o futuro da Europa estava no Ocidente, não no Oriente. E, gradualmente, toda a energia, entusiasmo e fanatismo terrível e implacável que haviam inspirado gerações anteriores a empreender jornadas perigosas à Terra Santa voltaram, à medida que aventureiros cristãos se entregavam a si mesmos para partir na direção oposta. Demorou muito, mas finalmente os reinos da cristandade ocidental encontraram sua nova Jerusalém.

Eles invadiram o mar aos milhares, como se o próprio Deus tivesse desejado.

[*] Tradicionalmente, cruzados estrangeiros colaboravam com os Cavaleiros Teutônicos durante as temporadas de guerra de inverno e verão contra os pagãos do Báltico. Essas campanhas eram conhecidas como reysen (ou Reisen).

[†] O Ilcanato Mongol, que reivindicou a soberania sobre a Ásia Menor em meados do século XIII, havia se desfeito e entrado em colapso na década de 1350.

Epilogue: Cruzados 2.0

A batalha do islamismo e de seu povo contra os cruzados e seus seguidores é uma longa batalha.

Na hora do almoço de 15 de março de 2019, um atirador solitário dirigiu até a mesquita Al-Noor em Riccarton, um subúrbio de Christchurch, Nova Zelândia. Ao chegar, ele deixou o carro, caminhou calmamente até a mesquita e começou a atirar. Ele usou armas, incluindo uma espingarda semiautomática e um rifle semiautomático com luz estroboscópica, e usava um capacete equipado com uma webcam, da qual transmitia suas ações no Facebook Live. Em apenas seis minutos, o atirador matou mais de quarenta pessoas. Ele então voltou para o carro e dirigiu até o Centro Islâmico Linwood, a poucos quilômetros de distância, do outro lado da cidade. Lá, ele matou outras sete pessoas antes de fugir novamente. Ele acabou sendo detido e preso a caminho de um terceiro local de culto muçulmano. Antes de ser parado, ele analisou sua atuação em voz alta para sua audiência online. "Não houve tempo nem para mirar", disse ele. "Havia [sic] tantos alvos."

O homem preso e acusado pelo tiroteio na mesquita de Christchurch era um australiano de 28 anos chamado Brenton Tarrant. No momento da redação deste texto, o processo judicial contra Tarrant estava em andamento na Nova Zelândia, mas milhões de pessoas ao redor do mundo haviam visto imagens do tiroteio em Christchurch e lido um manifesto explicativo aparentemente escrito por Tarrant, publicado em vários sites pouco antes do início dos ataques e enviado por e-mail a dezenas de destinatários, incluindo o gabinete da primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinda Ardern.

O manifesto foi intitulado "A Grande Substituição", e seu autor se descreveu como um "ecofascista" e "etnonacionalista". Ele também lançou

Ele se apresentou como um guerreiro em um conflito secular entre cristãos e muçulmanos. Ele expressou inúmeros sentimentos extremistas de supremacia branca e chamou seus tiroteios de "vingança contra o Islã pelos 1.300 anos de guerra e devastação que ele trouxe ao povo do Ocidente". Ele fez referências a conflitos históricos entre potências cristãs e islâmicas nos Bálcãs e além. Estes ocorreram do século VIII ao século XIX; alguns eram batalhas das cruzadas medievais. Em um de seus cartuchos de fuzil, ele havia gravado o nome "Boemundo I de Antioquia". Outro slogan, aludindo à Terceira Cruzada, dizia "Acre 1189". Ele batizou um de seus fuzis de "Turkofagos", que significa devorador de turcos. O manifesto afirmava que um grupo chamado "os renascidos Cavaleiros Templários" havia dado sua bênção aos ataques e elogiava o assassino em massa de extrema direita Anders Behring Breivik, que matou setenta e sete pessoas na ilha norueguesa de Utøya em 2011 (Breivik alegou, na época de seu próprio julgamento, ser membro de uma ordem templária revivida na qual, segundo ele, seu codinome era Sigurd, em homenagem ao rei cruzado Sigurd I, "Jerusalemfarer"). Em certo momento, o autor do manifesto de Christchurch citou o sermão de Urbano II em Clermont, que deu início à Primeira Cruzada em 1095. "PERGUNTE A SI MESMO: O QUE O PAPA URBANO FARIA?", escreveu ele.

Embora não tenha usado a palavra, ele claramente se via como um cruzado do século XXI.[1]

*

Os historiadores, quase universalmente, consideram as Cruzadas como encerradas. Quando exatamente elas chegaram ao fim é uma questão de discussão e debate histórico. Alguns atribuem o terminus ad quem à queda de Acre e ao colapso dos estados cruzados na Palestina e na Síria no verão de 1291. Outros olham, como eu fiz neste livro, para o fim da Reconquista em 1492. Os mais tolerantes poderiam estender a história das Cruzadas até 1798, quando Napoleão Bonaparte expulsou os Cavaleiros de São João de Malta durante sua expedição ao Egito, onde conquistou Alexandria. É difícil chegar a um consenso sobre o assunto, e há argumentos plausíveis para adotar qualquer uma dessas datas. Em geral, porém, os estudiosos concordam que as Cruzadas "de verdade" são coisa do passado. Já se foram os dias em que a Igreja Católica buscava ativamente levantar exércitos para conquistar e matar não cristãos.

a promessa de salvação espiritual. Nosso mundo é quase irreconhecivelmente diferente daquele de Godofredo de Bulhão, Ricardo Coração de Leão, Zengi e Saladino. Os conflitos da Idade Média não são nossos. Aquele mundo se foi.

No entanto, as visões fundamentadas dos historiadores não são compartilhadas por todos. De fato, existem hoje muitos extremistas – tanto cristãos quanto muçulmanos – que acreditam que as cruzadas ainda são um conceito importante que pode (ou deve) continuar a definir as relações modernas entre as duas religiões. As cruzadas não são, para eles, uma mera metáfora ou mesmo um exemplo inspirador para uma forma macabra de reconstituição histórica. Elas são um fenômeno real e contínuo: uma guerra a ser travada do Oriente Médio e do norte da África às ruas das cidades ocidentais: Londres, Nova York, Paris, Berlim, Madri, Christchurch.

Mesmo uma rápida olhada nos ataques terroristas mais notórios do século XXI confirma que essa atitude está prosperando. Em fevereiro de 1998, Osama bin Laden, líder da rede terrorista conhecida como Al-Qaeda, e vários companheiros radicais do Egito, Paquistão e Bangladesh, convocaram publicamente a jihad contra "judeus e cruzados", cujos "crimes e pecados" na Península Arábica, segundo eles, "são uma clara declaração de guerra a Alá, seu mensageiro e aos muçulmanos".[2] Seis meses depois, as embaixadas dos Estados Unidos em Dar es Salaam (Tanzânia) e Nairóbi (Quênia) foram atacadas com caminhões-bomba, causando mais de 200 mortes. Em 11 de setembro de 2001, uma série de ataques ainda mais espetaculares ocorreu em Nova York e Washington, D.C. O World Trade Center e parte do Pentágono foram destruídos por aeronaves sequestradas, ao custo de milhares de vidas.

Cinco dias após as atrocidades de 11 de setembro, o então presidente George W. Bush subiu ao gramado sul da Casa Branca e disse ao povo americano e seus aliados que "essa cruzada, essa guerra contra o terrorismo, vai demorar um pouco".[3]Este foi um erro de julgamento calamitoso e, embora Bush tenha tido o cuidado de não repetir sua referência às cruzadas durante o restante de sua presidência, nunca lhe foi permitido esquecê-la. Em resposta, Bin Laden exigiu que os muçulmanos do mundo todo se defendessem contra "a cruzada americana" e se referiu a Bush como "o Cruzado Chefe... sob a bandeira da cruz".[4]Enquanto os Estados Unidos e seus aliados, incluindo a Grã-Bretanha, se preparavam para invadir o Iraque em 2003, bin Laden repetiu suas invocações contra os "cruzados" que lutavam uma "guerra de cruzadas... voltada principalmente para o povo do Islã".[5] Em 2005, ele acusou os assessores de Bush, Dick Cheney e Donald

Rumsfeld por ter destruído Bagdá em maior extensão do que o líder mongol Hülagü em 1258.

Após a morte de Bin Laden, o Estado Islâmico (EI), ramificação da Al-Qaeda, e seu autoproclamado "califa" Abu Bakr al-Baghdadi assumiram a liderança do terror islâmico global e continuaram a se referir às potências cristãs ocidentais como "cruzados", caracterizando seus ataques a alvos ocidentais como atos de guerra justificados pela necessidade de resistir à agressão dos "cruzados". O sucessor de Bush, o presidente Barack Obama, ocasionalmente tentou responder com uma leitura mais sutil da história; ele destacou durante um café da manhã de oração em 2015 que "durante as Cruzadas e a Inquisição, pessoas cometeram atos terríveis em nome de Cristo".[6]Mas isso não lhe adiantou nada. As publicações do EI, incluindo a revista oficial da organização, a Dabiq, simplesmente descreveram Obama como o novo cruzado-chefe e se referiram às vítimas de ataques terroristas, como os atentados de 7 de julho de 2005 no metrô e ônibus de Londres, como "cruzados". Não foi difícil entender o porquê. Havia simplesmente muito valor propagandístico em sugerir uma cruzada perpétua, conectando todas as iniquidades ocidentais percebidas no mundo moderno com as ações dos francos, nove séculos atrás.

*

É claro que a Al-Qaeda e o EI não inventaram a ideia de se apropriar das memórias dos cruzados para seus próprios fins. Em outubro de 1898, o Kaiser Guilherme II da Alemanha cavalgou por Jerusalém em um cavalo branco, vestindo um traje medieval absurdo, como se fosse a reencarnação de Frederico II de Hohenstaufen em 1229 (mais tarde, ele depositou uma grande coroa de bronze com uma pomposa inscrição em árabe no túmulo de Saladino em Damasco).

Quase duas décadas depois, em dezembro de 1917, perto do fim da Primeira Guerra Mundial, pela qual o Kaiser foi em grande parte responsável, Jerusalém foi atacada pelas tropas do Império Britânico. Em contraste com o Kaiser, o general britânico Edmund Allenby entrou em Jerusalém a pé. Ele provavelmente não disse, como tem sido frequentemente relatado, que "as guerras das cruzadas estão agora concluídas". Mas a imprensa britânica, chauvinista, imediatamente disse isso por ele. O governo britânico, sensível ao fato de que talvez 100 milhões de muçulmanos viviam no império, havia alertado severamente, mas em vão, sobre "a inconveniência de publicar qualquer artigo, parágrafo ou imagem que sugerisse que

"Operações militares contra a Turquia são, em qualquer sentido, uma Guerra Santa, uma Cruzada moderna ou têm qualquer relação com questões religiosas". O fato de precisarem fazer tal proclamação demonstrava claramente o quão prevalente era essa atitude. E logo após a queda de Jerusalém, o mesmo governo ignorou seu próprio conselho, quando o Departamento de Informação encomendou um filme de propaganda sobre a campanha contra a Turquia Otomana, intitulado "Os Novos Cruzados".[7]

Repetir os inúmeros usos e abusos da memória das cruzadas nos últimos cem anos ocuparia mais espaço do que o que resta aqui. Seria necessário abranger desde a Batalha de Tannenberg de 1914 – vista por muitos na Alemanha como uma vingança pela derrota dos Cavaleiros Teutônicos por poloneses e lituanos aproximadamente na mesma região em 1410 – até a insistência do General (mais tarde, Presidente) Dwight D. Eisenhower de que a campanha que liderou para libertar a Europa dos nazistas em 1944 foi "uma grande cruzada". Seria necessário analisar a apropriação das cruzadas, desde as viagens de pregação "cruzadas" do falecido evangelista americano Billy Graham até a proclamação fatídica do ex-primeiro-ministro britânico David Cameron, em 2015, de uma "cruzada nacional para construir novas casas". Em suma, estaria muito além do escopo deste trabalho.

Portanto, concluirei com uma anedota pessoal. Pouco mais de um mês após os ataques às duas mesquitas de Christchurch, no domingo de Páscoa (21 de abril) de 2019, várias bombas foram detonadas em igrejas e hotéis na ilha do Sri Lanka, matando mais de 250 pessoas, a maioria cristãs. Eu estava de férias com minha família no Sri Lanka na época, tendo terminado de escrever o texto principal do livro que você está lendo agora. Além de estarmos muito preocupados com a devastadora perda de vidas, ficamos pessoalmente alarmados ao saber que um dos hotéis em que planejávamos nos hospedar – o Shangri-La Colombo – havia sido atacado por um homem-bomba, que detonou um poderoso artefato em um dos restaurantes do hotel durante um buffet de café da manhã. Se o ataque tivesse ocorrido 24 horas depois, poderíamos muito bem ter sido mutilados ou mortos, embora a inquietante sensação de quase ter sido um acidente não fosse nada quando comparada às perdas daqueles que tiveram menos sorte do que nós.

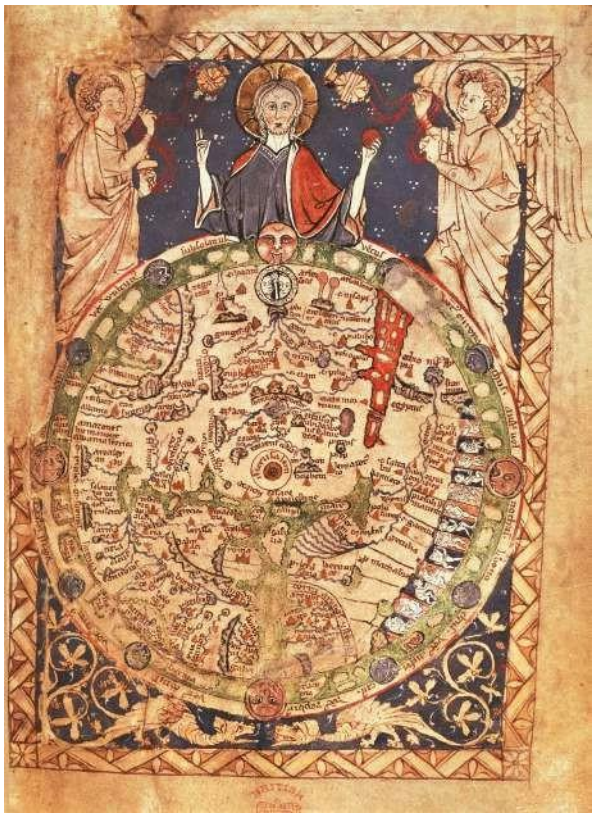
Nos dias que se seguiram, emissoras de notícias do mundo todo noticiaram que os atentados no Sri Lanka foram perpetrados por dois grupos islâmicos locais que alegaram lealdade ao EI. Mesmo antes de ler as declarações desses grupos, eu já sabia o que diriam. E, com certeza, ao reivindicar a supremacia

Responsáveis pelas explosões, o EI explicou que seus agentes atacaram "igrejas e hotéis onde cidadãos da coalizão dos cruzados estavam presentes" e "detonaram seus coletes explosivos contra os cruzados" que estavam "celebrando seu feriado infiel". Um vídeo enviado ao veículo de mídia Asia Times exultava: "Ó cruzados... Este dia sangrento é a nossa recompensa para vocês."[8]Em todo o tempo que passei pesquisando e escrevendo este livro, nunca pensei seriamente que eu (muito menos minhas filhas pequenas) fosse uma cruzada, ou mesmo uma cidadã cruzada. Agora, de repente e de forma bastante dramática, percebi que, em certo sentido, éramos.

Na semana seguinte aos ataques no Sri Lanka, o líder do EI, Abu Bakr al-Baghdadi, divulgou um vídeo de propaganda – a primeira vez que foi visto pelo público em cinco anos. Al-Baghdadi elogiou a carnificina em Colombo e pediu mais ataques em outros lugares. Ecoando o presidente Bush em setembro de 2001, ele disse que "a batalha do Islã e de seu povo contra seus cruzados e seguidores é uma longa batalha".

Ele estava errado e certo. As cruzadas acabaram. Mas enquanto houver cruzados – reais ou imaginários – no mundo, a guerra continuará.

Seção de placa



1. O Mundo dos Cruzados

Um mapa-múndi típico do século XIII mostra Jerusalém como o centro do mundo. Como local do ministério, morte e ressurreição de Cristo, não havia lugar com maior poder sobre o imaginário cristão medieval. Libertar Jerusalém do domínio muçulmano era o objetivo final da Primeira Cruzada.

Mappa Mundi, mapa medieval, c.1265 / DEA Picture Library / Getty Images.

2. Aleixo Comneno

O imperador bizantino Aleixo I Comneno é visto aqui com seu filho João e sua esposa Irene Ducas. A decisão de Aleixo de convocar ajuda militar ocidental contra seus inimigos turcos foi uma força motriz por trás da Primeira Cruzada. Ausente deste retrato de família está a brilhante filha de Aleixo, Ana Comnena, autora da Alexíada.

A coroação do imperador Aleixo I Comneno (século XI) / DEA Picture Library / Getty Images.

3. Papa Urbano II

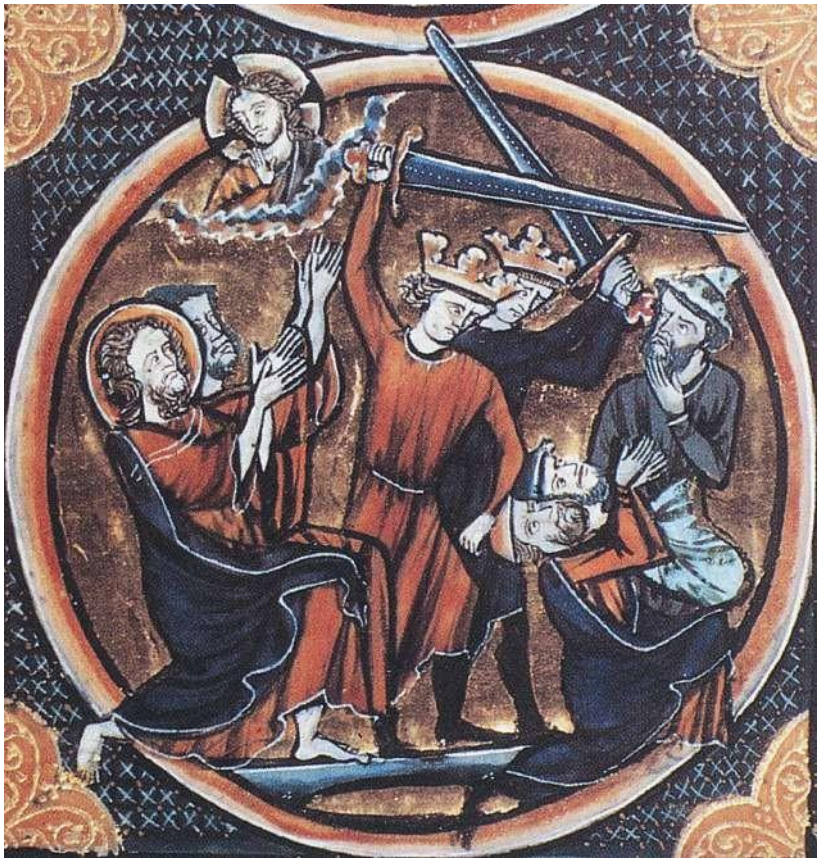
Reunindo argumentos espirituais sobre a possibilidade de salvação por meio da luta contra os inimigos de Cristo com as grandes considerações políticas de sua época, Urbano II lançou a Primeira Cruzada em 1095. Ex-monge cluníaco, Urbano é retratado aqui abençoando o altar da Abadia de Cluny durante sua viagem de pregação da cruzada.

Consagração da Abadia de Cluny pelo Papa Urbano II em 1095, c.1189 / Universal Images Group / Getty Images.

4. Pedro, o Eremita

Este pregador carismático foi um dos primeiros líderes de um exército cruzado. Seus seguidores causaram violentos distúrbios em toda a Renânia e, mais tarde, no Império Bizantino. Segundo Ana Comnena, os habitantes de Constantinopla lhe deram o apelido desdenhoso de "Koukoupetros": Pedro, o Cuco.

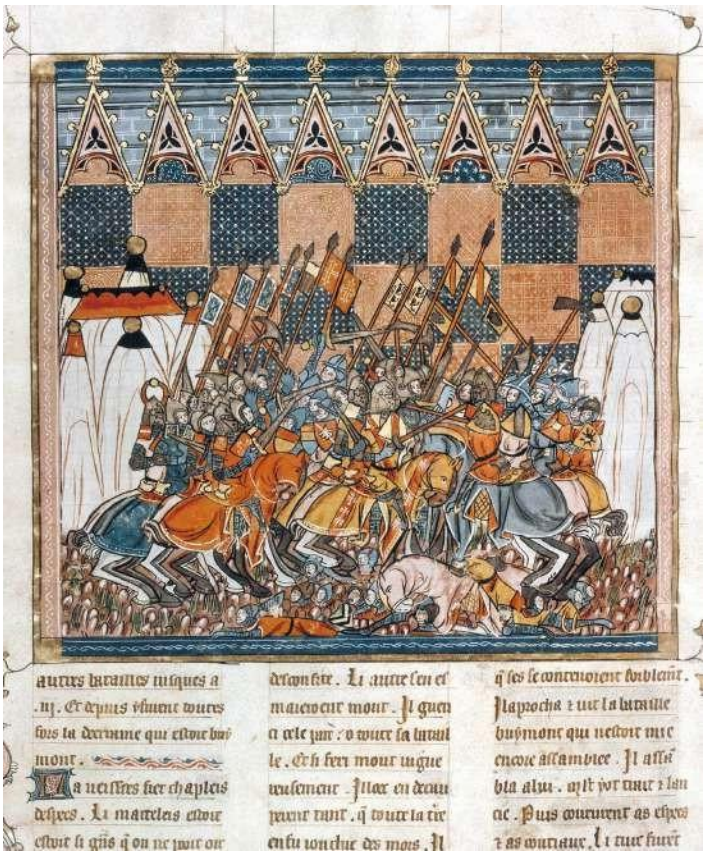
Pedro, o Eremita, miniatura do Manuscrito Egerton (século XIII) / DEA Picture Library / Getty Images.



5. Pogroms cruzados

A ideologia militante das Cruzadas teve consequências terríveis para o povo judeu na Europa. Durante a Primeira Cruzada, houve massacres de judeus em cidades como Worms e Mainz. Pogroms repugnantes também ocorreram na Inglaterra cerca de um século depois, durante os preparativos para a Terceira Cruzada.

Iluminura de manuscrito retirada de uma Bíblia francesa, c.1250 / Granger Historical Picture Archive / Alamy Stock Photo.



6. Dorileu

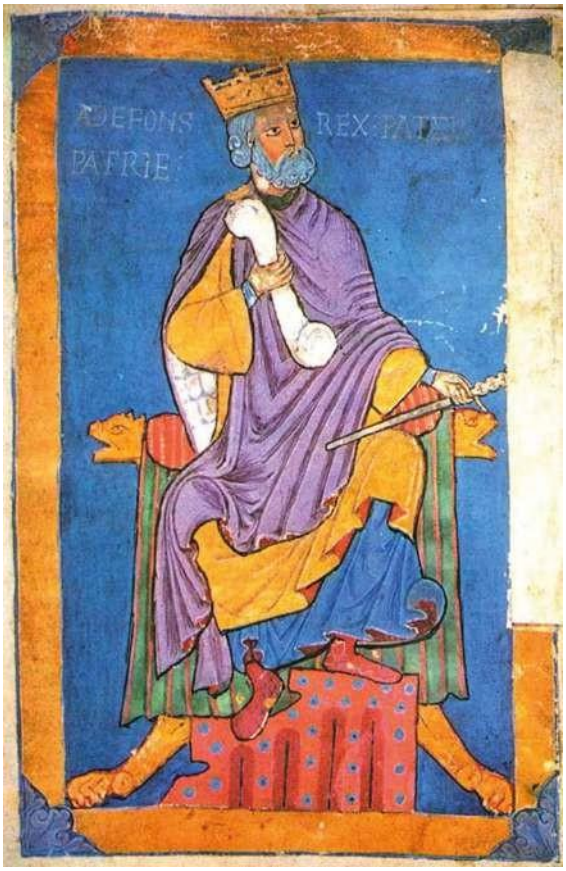
Apesar das muitas privações da Primeira Cruzada, os principais exércitos, liderados pelos "príncipes" ocidentais, venceram uma série de batalhas extraordinárias. Um de seus triunfos mais famosos ocorreu em Dorileia, na Ásia Menor, em 1º de julho de 1097, quando derrotaram os exércitos de Quilije I Arslan.

A Batalha de Dorileia, iluminura de manuscrito francês (século XIV) / Granger Historical Picture Archive / Alamy Stock Photo.

7. Igreja do Santo Sepulcro

A Igreja do Santo Sepulcro continua sendo um dos grandes marcos de Jerusalém. Uma igreja existe de alguma forma no local desde o século IV, abrangendo tanto o Calvário, onde Cristo foi crucificado, quanto o túmulo vazio de onde Ele ressuscitou. Adorar o Santo Sepulcro era o objetivo final de inúmeras peregrinações medievais.

Igreja do Santo Sepulcro, 2014 / Frédéric Soltan / Getty Images.



8. Afonso VI de Castela e Leão

As Cruzadas nunca se voltaram exclusivamente para o Mediterrâneo Oriental. O conflito entre governantes cristãos e islâmicos na Península Ibérica proporcionou outra arena para a guerra cristã penitencial. Afonso VI, conhecido como El Bravo, foi um dos primeiros líderes do que ficou conhecido como a Reconquista.

Afonso VI de Castela e Leão / The Picture Art Collection / Alamy Stock Photo.

9. Rogério II da Sicília

O primeiro rei coroado da Sicília (mostrado aqui em um mosaico em Palermo) governou um reino no qual influências árabes, gregas e cristãs latinas se misturavam. O pai de Roger foi creditado (duvidosamente) por um cronista muçulmano como tendo sido a primeira pessoa a sugerir uma cruzada a Jerusalém.

Rogério II da Sicília / Domínio público.

10. O casamento de Fulque de Anjou e Melisende

Fulque, conde de Anjou, foi recrutado da Europa Ocidental para se tornar rei de Jerusalém após a morte de Balduíno II. Seu casamento com Melisende, filha de Balduíno, é retratado aqui em uma iluminura do final da Idade Média. O casamento foi conturbado no início, pois Melisende se recusou a ser afastada da política pelo marido.

Casamento de Fulque de Anjou e Rainha Melisende / Biblioteca Nacional, Paris / Bridgeman Images.

11. Crac des Chevaliers

Construído pelos Cavaleiros Hospitalários no condado de Trípoli, o Crac des Chevaliers protegia a entrada do estado cruzado a partir da cidade síria de Homs. Suas muralhas maciças e seu vasto tamanho o tornavam uma parte formidável da rede defensiva dos cruzados. O castelo tinha capacidade para abrigar milhares de homens.

Foi conquistada pelos mamelucos em 1271.

Crac des Chevaliers, Síria / Domínio público.

12. Minbar de Nur al-Din

Este púlpito ritual, ou minbar, foi construído em Aleppo por ordem de Nur al-Din e posteriormente instalado por Saladino na mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém. Era considerado uma obra-prima da arte islâmica medieval, com inscrições em caligrafia árabe e padrões geométricos complexos. O minbar original foi destruído por um incêndio criminoso na década de 1960, mas foi reconstruído desde então.

Minbar de madeira, da Mesquita de Nur al-Din, Hama, Síria / B. O'Kane / Alamy Stock Photo.

13. Leonor da Aquitânia

Esta imagem composta mostra (à esquerda) Leonor da Aquitânia casando-se com Luís VII da França em 1137 e (à direita) Luís partindo para uma cruzada dez anos depois. Leonor acompanhou o marido em sua traiçoeira jornada terrestre rumo ao leste, que terminou em escândalo e fracasso militar. O casamento foi anulado pouco depois de seu retorno.

Casamento de Leonor da Aquitânia e Luís VII em 1137, Chronique de St Denis / Universal History Archive / Bridgeman Images.

14. Espanha muçulmana

A Torre del Oro, em Sevilha, foi iniciada na década de 1220, quando a cidade era governada pelos almóadas. Era uma torre com corrente, que permitia aos governadores de Sevilha bloquear o acesso à cidade pelo rio Guadalquivir.

Os elementos superiores da torre foram adicionados depois que Sevilha caiu sob o domínio cristão no final do século *Reconquista*.

A Torre del Oro, Sevilha / Domínio Público.

15. A Verdadeira Cruz

Este relicário ornamentado contém um suposto fragmento da Verdadeira Cruz na qual Cristo morreu. Muitas relíquias da Cruz existiam durante o período das Cruzadas; a mais famosa era a guardada na Igreja do Santo Sepulcro. Foi apreendida por Saladino na Batalha de Hattin e desapareceu para sempre.

O Relicário da Verdadeira Cruz / Werner Forman / Getty Images.

16. Saladino

Durante sua carreira meteórica, Saladino ascendeu da relativa obscuridade para se tornar sultão do Egito e da Síria. Fervorosamente comprometido com a causa da jihad, sua maior vitória sobre os cruzados da Terra Santa ocorreu em 1187, quando ele aniquilou um exército franco na Batalha de Hattin e devolveu Jerusalém ao domínio muçulmano.

Retrato do Sultão Saladino, Cristofano Dell'Altissimo, 1556–1558 / Heritage Images / Getty Images.

17. Ricardo Coração de Leão

Um dos líderes mais proeminentes da Terceira Cruzada, o guerreiro Ricardo I da Inglaterra chegou ao reino cruzado em 1191 e reverteu muitas das conquistas de Saladino. Ele nunca recapturou Jerusalém, mas ainda assim deixou uma marca indelével na história e na tradição das cruzadas.

Túmulo de Ricardo Coração de Leão / Brian Harris / Alamy Stock Photo.

18. O cerco de Acre

Após a perda de Jerusalém, Acre tornou-se a capital do reino cruzado. O cerco para libertá-la de Saladino, em 1189-1191, é mostrado aqui: a máquina do lado de fora das muralhas da cidade é um trabuco, ou catapulta gigante, capaz de lançar pedras enormes e outros projéteis a longas distâncias.

O Cerco de Acre / Imagens da História / akg-images.

19. Hermann von Salza

Junto com os Templários e os Hospitalários, os Cavaleiros Teutônicos eram uma importante ordem militar de guerreiros religiosos que dedicavam suas vidas a lutar em cruzadas. Hermann von Salza, mostrado aqui, foi um de seus líderes mais bem-sucedidos: politicamente astuto e um diplomata incansável, com boas relações tanto com papas quanto com imperadores do Sacro Império Romano.

Hermann Von Salza (séculos XVII-XVIII) / The Picture Art Collection / Alamy Stock Photo.

20. Inocêncio III

Sob o papado de Inocêncio, as cruzadas se voltaram contra os supostos inimigos da Igreja Romana, onde quer que aparecessem. Hereges na França, pagãos no Báltico e cristãos gregos no Império Bizantino tornaram-se alvos. Inocêncio contribuiu mais para moldar o movimento das cruzadas do que qualquer outro papa desde Urbano II.

Retrato do Papa Inocêncio III, c.1219, detalhe do Mosteiro de Subiaco, Itália / Leemage / Getty Images.

21. A conquista de Constantinopla

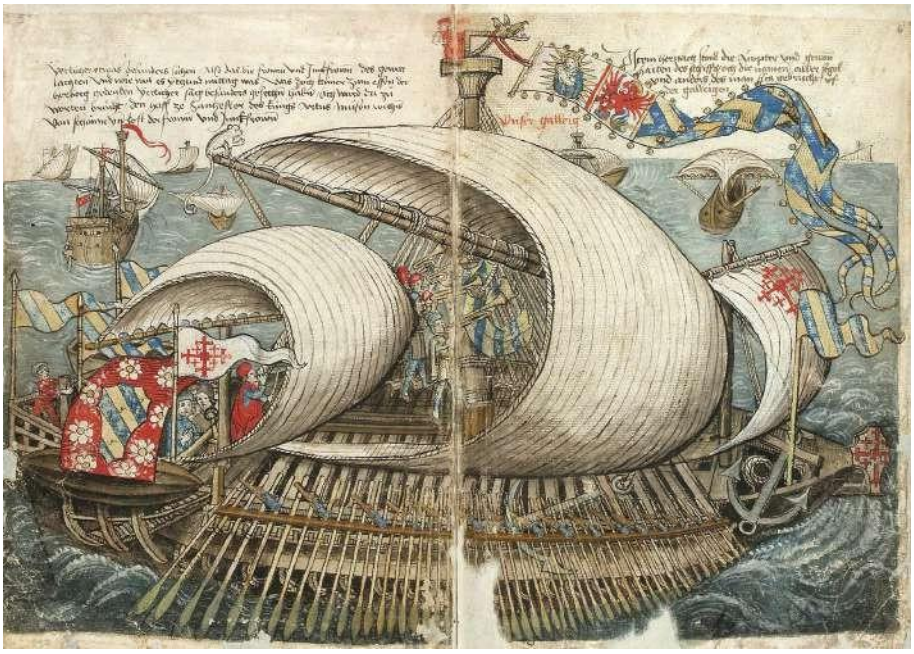
Em 1204, cruzados venezianos e franceses incendiaram e saquearam a capital bizantina, Constantinopla. Esse fiasco foi constrangedor para o papado e não contribuiu em nada para o avanço da causa das cruzadas na Terra Santa. O Império Bizantino nunca se recuperou.

O Cerco de Constantinopla, David Aubert (século XV) / Domínio Público.

22. Enrico Dandolo

O doge de Veneza era cego e tinha cerca de 90 anos quando serviu como líder da Quarta Cruzada. Foi sepultado em Constantinopla, na Basílica de Santa Sofia.

Lápide de Enrico Dandalo, Hagia Sophia, Istambul / Domínio público.



23. poder marítimo veneziano

Veneza emergiu durante a era das Cruzadas como uma potência dominante no mundo ocidental, em grande parte graças às galés construídas nos estaleiros da cidade. Movidas a vela e remo, elas podiam transportar mercadorias, dinheiro e tropas por todo o Mediterrâneo.

Uma galera veneziana, Conrad Grünenberg (século XV) / Domínio público.

24. Damieta

Este detalhe da crônica de Matthew Paris mostra cavaleiros em combate em Damieta durante a Quinta Cruzada. Paris era mantido informado dos acontecimentos no Delta do Nilo por meio de atualizações regulares enviadas pelos principais cruzados à corte real inglesa.

O Cerco de Damieta, Matthew Paris, (século XIII) / TopFoto.

25. Frederick Hohenstaufen e al-Kamil

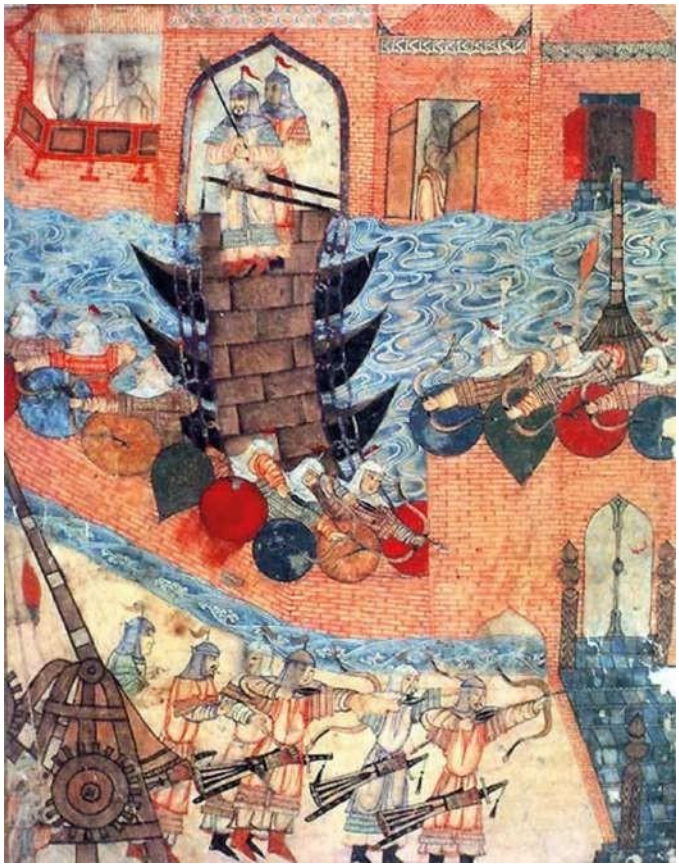
O Sacro Imperador Romano e o sultão do Egito mantinham uma estreita relação diplomática graças ao amplo interesse de Frederico pela cultura árabe e pela pesquisa científica. Eles negociaram um acordo de paz que devolveu Jerusalém às mãos dos cristãos de 1229 a 1244.

Frederico II e o Sultão de Jerusalém, das Crônicas de Giovanni Villani, Itália (século XIV) / Biblioteca de Imagens De Agostini / Bridgeman Images.

26. Luís IX

O rei-santo da França foi um cruzado entusiasmado, embora não muito bem-sucedido. Ele foi evacuado e resgatado após uma desastrosa cruzada Nilo acima em 1249, e morreu durante uma segunda cruzada, rumo ao norte da África, em 1270. Luís explorou uma aliança com os mongóis contra os mamelucos, mas isso também não deu em nada.

Um retrato de Luís IX, da Bíblia de São Luís (século XIII) / Domínio Público.



27. Mongóis

Chegando do leste em meados do século XIII, os mongóis foram uma adição formidável ao mundo cruzado. Cruzadas foram convocadas para tentar impedi-los de avançar pela Europa Oriental; eles também eram cortejados como potenciais aliados na Terra Santa. Guerreiros mongóis são vistos aqui atacando Bagdá em 1258.

O cerco de Bagdá pelos mongóis, c.1303 / The Picture Art Collection / Alamy Stock Photo.

28. Mamelucos vs Mongóis

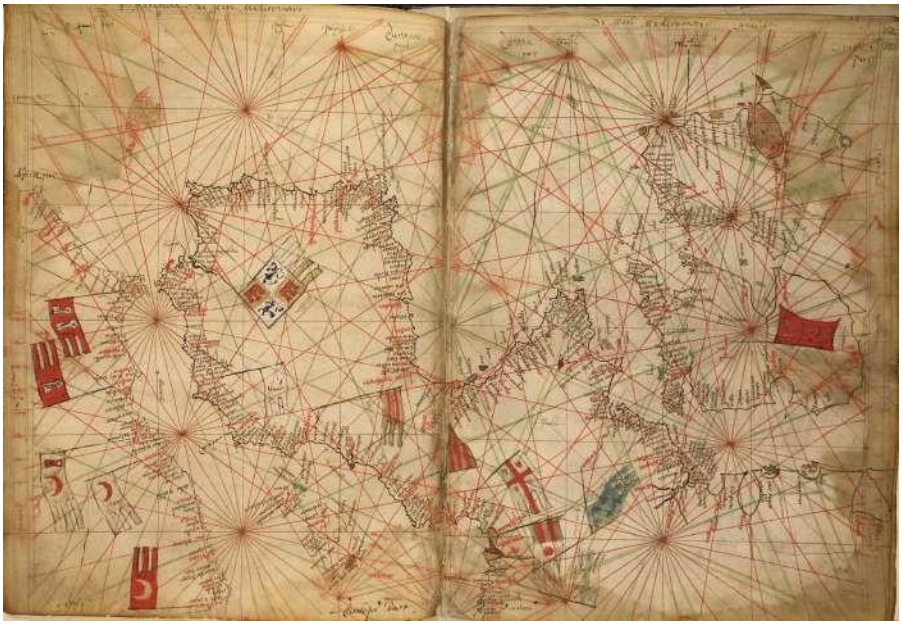
Os mamelucos eram uma casta de soldados-escravos que ascendeu para assumir o controle do Egito em 1250. Sua rivalidade com os mongóis chegou ao auge na Batalha de Ayn Jalut em 1260. Os mamelucos derrotaram o exército mongol e então começaram a invadir e desmantelar os estados cruzados.

A Batalha no vale de El Khaznadar (século XIV) / Arquivo de História Universal / Imagens Bridgeman.

29. As muralhas do Acre

Esta pintura romantizada mostra Acre sendo tomada por um exército mameluco em 1291, o que, em retrospectiva, marcou o fim dos estados cruzados na Síria e na Palestina. Sobrecarregados e oprimidos, os cruzados evacuaram Acre em meio a muito derramamento de sangue e recuaram para um reino fantasma em Chipre.

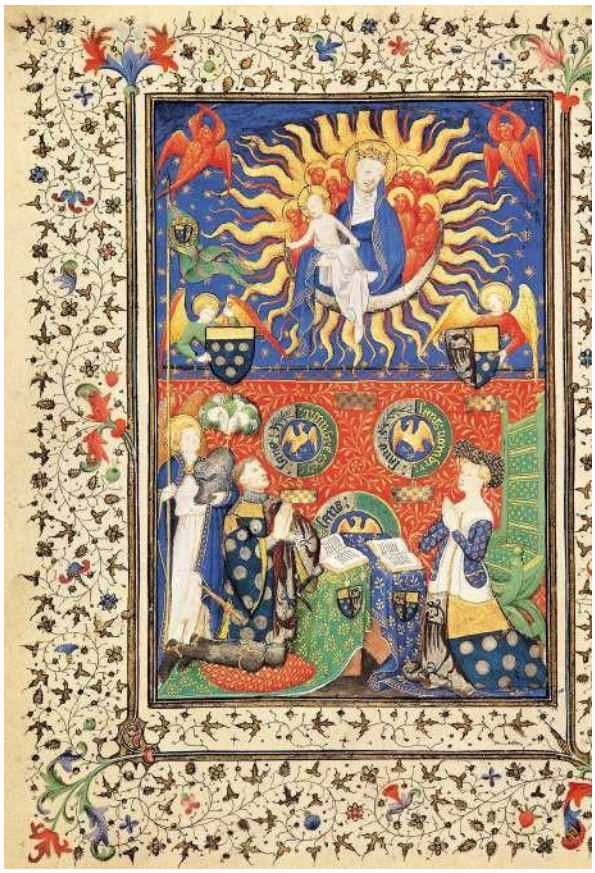
Guillaume de Clermont defendendo o Acre, Dominique Louis Papety, 1845 / Chateau de Versailles, França / Bridgeman Images.



30. Reavivamento da Cruzada

Durante o século XIV, inúmeros planos foram elaborados para retornar à Terra Santa e retomar os estados cruzados perdidos. Este mapa, de Pietro Vesconte, acompanhava um desses planos, do estadista e comerciante veneziano Marino Sanudo, o Velho.

Carta portulana da Europa Ocidental e do Mediterrâneo, Pietro Vesconte, c.1320–1325 / British Library / © British Library Board / Bridgeman Images.



31. Boucicaut

O autoproclamado maior cavaleiro de sua época, João II le Meingre, também conhecido como Boucicaut, lutou contra os pagãos com os Cavaleiros Teutônicos e fez uma peregrinação devocional a Jerusalém. Àquela altura, as cruzadas haviam se tornado apenas um elemento na cultura mais ampla de piedade e cavalaria aristocrática.

Marechal Boucicaut e Santa Catarina, do Mestre das Horas (século XV) / De Agostini Picture Library / Bridgeman Images.

UMppendices

UMppendix 1: Elenco de MaPersonagens jor

Adelaide del Vasto, regente da Sicília(falecida em 1118). Esposa de Rogério I da Sicília, regente de Rogério II e brevemente rainha consorte de Jerusalém após seu casamento com o Rei Balduíno I.

Adhémar, bispo de Le Puy(falecido em 1098). Um dos primeiros homens a receber a cruz em Clermont; representou Urbano II como legado papal durante a Primeira Cruzada.

Afonso Henriques, rei de Portugal(falecido em 1185). Primeiro rei de Portugal, auxiliado na conquista de Lisboa em 1147 por cruzados que viajavam para participar da Segunda Cruzada.

Al-Adid(1151–71). Décimo quarto e último califa fatímida, nomeado aos nove anos em 1160 e deposto depois que Shirkuh e Saladino assumiram o controle do Cairo.

Al-Adil(1145–1218). Também conhecido como Ceife Al-Din ou Safadin. Emir líder durante a Terceira Cruzada, seu casamento com Joana da Sicília foi brevemente cogitado. Sucedeu seu irmão Saladino como sultão e deu continuidade ao domínio da dinastia curda aiúbida sobre o Egito e a Síria.

Al-Ashraf Khalil(falecido em 1293). Sultão mameluco que completou a destruição dos estados cruzados do Oriente Próximo ao sitiar Acre com sucesso em 1291.

Al-Kamil(falecido em 1238). Sultão aiúbida do Egito. Sucedeu seu pai, al-Adil, em 1218, no início da Quinta Cruzada. Amigo de Frederico de Hohenstaufen, com quem negociou um acordo para devolver Jerusalém ao domínio cristão em 1229.

Al-Mu'tamid(falecido em 1095). Terceiro e último rei taifa de Sevilha. Escreveu poesia e abraçou os prazeres sensoriais em sua corte. Derrotado por Afonso VI de Castela e Leão, convidou os almorávidas do Marrocos para seu reino, que o depuseram.

Al-Salih Ayyub(1205–1249). Filho de al-Kamil. Sultão aiúbida do Egito no início da cruzada de Luís IX contra Damieta. Aliou-se aos turcos corásmios para destruir o exército cruzado na Batalha de La Forbie em 1244.

Al-Salih Isma'il(falecido em 1245). Irmão de al-Kamil; emir aiúbida de Damasco. Aliou-se aos cruzados na Batalha de La Forbie.

Al-Zafir(1133–1154). Califa fatímida assassinado por seu amante em um golpe palaciano: um ato que desestabilizou o Egito e ajudou a preparar o caminho para a conquista aiúbida.

Alberto, bispo de Riga(falecido em 1229). Clérigo pioneiro nos estágios iniciais das Cruzadas do Báltico. A ordem militar rebelde conhecida como Irmãos da Espada da Livônia formou-se entre os cavaleiros de sua corte.

Aleixo I Comneno(1048–1118). Imperador bizantino cujo longo reinado viu ataques ao império por turcos seljúcidas na Ásia Menor e normandos, incluindo Roberto Guiscardo, nos Bálcãs. Seu apelo aos governantes ocidentais por assistência militar foi um fator importante no lançamento da Primeira Cruzada.

Aleixo IV Ângelo(falecido em 1204). Imperador bizantino que buscou auxílio na Quarta Cruzada para depor seu tio Aleixo III e instalar a si mesmo e seu pai, Isaac II Ângelo, como coimperadores. Assassinado durante a conquista de Constantinopla.

Afonso VI 'El Bravo'(m. 1109). Rei cristão de Leão, Castela e Galícia; travou guerra contra os reinos taifa muçulmanos no início da Reconquista e reivindicou o título de "imperador das duas religiões".

Amalrico I, rei de Jerusalém(1136–1174). Rei de Jerusalém, atarracado, rude e altamente eficaz após a morte de seu irmão Balduíno III em 1163. Tentou invadir e subjugar o Egito fatímida, mas falhou, deixando a coroa de Jerusalém para seu filho leproso, Balduíno IV.

Ana Comnena(1083–1153). Autora da grande história bizantina Alexíada, um relato exculpatório do reinado de seu pai, Aleixo I Comneno, como imperador. Crítica feroz dos francos e, em particular, de Boemundo de Taranto.

Balduíno II, rei de Jerusalém(falecido em 1131). Também conhecido como Balduíno de Bourcq; tornou-se conde de Edessa e, posteriormente, rei de Jerusalém. Capturado duas vezes em batalha. Deixou o trono para sua filha Melisende e seu marido, Fulque, conde de Anjou.

Balduíno III, rei de Jerusalém(1130–1163). Governante sanguinário do reino de Jerusalém; filho de Fulque de Anjou e da Rainha Melisende. Lutou contra sua mãe pela independência no início da década de 1150. Liderou a campanha que capturou Ascalão em 1153.

Balduíno IV, rei de Jerusalém(1161–1185). Rei de Jerusalém que sucedeu seu pai Amalrico I. Sofria de lepra grave e progressiva, que o aleijou e acabou matando.

Balduíno IX, conde de Flandres(1172–1205). Líder aristocrático da Quarta Cruzada, eleito o primeiro imperador latino de Constantinopla após a cidade ser tomada pelos francos e venezianos em 1204.

Balduíno de Boulogne(falecido em 1118). Líder principesco da Primeira Cruzada, juntamente com seu irmão Godofredo. Estabeleceu o condado de Edessa em 1098. Posteriormente, tornou-se o primeiro rei coroado de Jerusalém, como Balduíno I.

Baybars(falecido em 1277). Também conhecido como Rukd al-Din. Temível sultão mameluco que lutou em 'Ayn Jalut, assassinou seu antecessor, Qutuz, e planejou campanhas contra os estados cruzados.

Bernardo de Claraval(1090–1153). Abade cisterciense e lobista inveterado de papas e reis, que desempenhou um papel crucial na pregação das cruzadas antes da Segunda Cruzada. Ajudou a redigir a regra para os Cavaleiros Templários em 1129. Canonizado como São Bernardo em 1174.

Boemundo de Taranto(falecido em 1111). Líder normando da Primeira Cruzada que se tornou o primeiro príncipe latino de Antioquia e manteve uma rivalidade vitalícia com

o imperador bizantino Aleixo Comneno.

Boemundo VI de Antioquia-Trípoli(1237–75). Príncipe de Antioquia e conde de Trípoli a partir de 1251. Aliou-se aos mongóis e foi punido com a perda de Antioquia para os mamelucos.

'Boucicaut'(1366–1421). Também conhecido como Jean II Le Meingre. Famoso cavaleiro e marechal da França. Lutou em inúmeras cruzadas no final da Idade Média.

Conrado III, rei da Alemanha(1093–1152). Primeiro rei Hohenstaufen da Germânia (mas nunca coroado Imperador do Sacro Império Romano). Liderou um grande exército na Segunda Cruzada, estabelecendo uma importante tradição cruzada na linhagem Hohenstaufen.

Daimbert, arcebispo de Pisa(falecido em 1105). Clérigo de Mainz envolvido em guerras cruzadas na Espanha e no Oriente. Nomeado brevemente patriarca de Jerusalém após a Primeira Cruzada.

Domenico Michiel(falecido em 1129). Doge de Veneza entre 1118 e sua morte. Liderou a expedição veneziana que ajudou a conquistar Tiro em 1124, estabelecendo uma forte presença veneziana nos estados cruzados.

Eduardo, o Senhor(1239–1307). Futuro Eduardo I da Inglaterra. Viajou para Acre em 1271–1272. Frustrado com a trégua com os mamelucos, escapou por pouco de ser assassinado por um assassino.

Leonor da Aquitânia(1122/4–1204). Rainha da França por seu primeiro casamento com Luís VII. Viajou para o leste na Segunda Cruzada, durante a qual seu casamento com Luís fracassou. Dizem que ela dormiu com seu tio, Raimundo de Poitiers, príncipe de Antioquia. Posteriormente, divorciou-se de Luís e casou-se com Henrique II, rei da Inglaterra.

Enrico Dandolo(falecido em 1205). Doge cego e idoso de Veneza e líder da Quarta Cruzada. Grande responsável pela conquista das cidades cristãs de Zara e Constantinopla.

Eugênio III, Papa(falecido em 1153). Monge cisterciense e protegido de Bernardo de Claraval. Tornou-se papa em 1145 e foi responsável por convocar o

Segunda Cruzada com a bula Quantum praedecessores.

Fernando II de Aragão(1452–1516) e Isabel I de Castela (1451–1504). Os "Reis Católicos", cujo casamento efetivamente uniu a Espanha cristã. A guerra contra o último emir de Granada efetivamente encerrou a Reconquista. Patrocinou Cristóvão Colombo em sua expedição de 1492 ao Novo Mundo.

Francisco de Assis(falecido em 1226). Frade italiano que fundou a Ordem Franciscana e era amplamente admirado por sua piedade simples e pela adoção da pobreza cristã. Apareceu no Egito durante a Quinta Cruzada, tentando converter al-Kamil ao cristianismo.

Frederico II Hohenstaufen(1194–1250). Sacro Imperador Romano que governou a Alemanha, o norte da Itália e a Sicília. Liderou cruzados à Terra Santa na década de 1220, mas foi excomungado quatro vezes e teve inúmeras cruzadas pregadas contra ele durante suas guerras com o papado.

Fulk de Anjou(1092–1143). Poderoso senhor da França central que viajou para o leste para se tornar rei de Jerusalém por meio de seu casamento com Melisende, filha de Balduíno II.

Gengis Khan(falecido em 1227). Nascido Temüjin, fundador do Império Mongol, que se expandiu para abranger vastas extensões do Extremo Oriente, Ásia Central e Oriente Médio, e ameaçou a Europa Oriental. Sucedido por seu filho Ögödei.

Jorge de Antioquia(falecido em 1151/2). Almirante e conselheiro do Rei Rogério II da Sicília. Cristão ortodoxo grego nascido na Síria que aterrorizou as ilhas gregas e o norte da África na década de 1140, na época da Segunda Cruzada.

Godofredo de Bouillon(1060–1100). Duque da Baixa Lorena e líder proeminente da Primeira Cruzada. Eleito primeiro governante do reino latino de Jerusalém, mas recusou o título de rei. Sucedido por seu irmão Balduíno.

Gregório IX, Papa(falecido em 1241). Eleito papa em 1227; travou uma longa rixa com Frederico de Hohenstaufen, excomungando-o antes de sua chegada à Terra Santa. Estabeleceu a Inquisição para lidar com a heresia.

Guy de Lusignan(falecido em 1194). Casado com Sibila, filha de Amalrico, rei de Jerusalém. Liderou os francos à catástrofe militar em Hattin. Após a morte de Sibila, assumiu o reino de Chipre, comprado dos Templários.

Henrique Bolingbroke(1367–1413). Futuro Henrique IV da Inglaterra. Filho de João de Gaunt, cujas guerras na Espanha foram duvidosamente classificadas como cruzadas. Quando jovem, lutou ao lado dos Cavaleiros Teutônicos na Prússia e peregrinou a Jerusalém.

Henrique II, rei da Inglaterra(1133–1189). Rei Plantageneta da Inglaterra. Casou-se com a rainha cruzada Leonor da Aquitânia. Pai de Ricardo Coração de Leão. Recusou a coroa de Jerusalém pouco antes do desastre de Hattin. Recebeu a cruz, mas morreu antes de cumprir seu voto.

Hermann von Salza(falecido em 1239). Mestre da Ordem Teutônica e diplomata habilidoso. Um dos líderes da Quinta Cruzada. Acompanhou Frederico de Hohenstaufen à Terra Santa em 1228-9. Planejou a entrada da Ordem Teutônica na região do Báltico.

Honório III, Papa(1150–1227). Sucedeu Inocêncio III em 1216 e concretizou os planos para a Quinta Cruzada. Tentativas de encorajar seu protegido Frederico II de Hohenstaufen a assumir o comando foram inúteis.

Hugo de Payns(falecido em 1136). Primeiro mestre dos Cavaleiros Templários. Fundou a ordem por volta de 1119 e apelou com sucesso ao reconhecimento do papado e dos monarcas cristãos. Ajudou a recrutar soldados para a malsucedida cruzada de 1129 contra Damasco.

Hülagü Khan(falecido em 1265). Neto de Genghis Khan e governante fundador do Ilcanato da Pérsia. Conquistou Bagdá em 1258 e explorou a possibilidade de aliança diplomática com os cruzados por meio de cartas a Luís IX da França.

Ibn al-Athir(1160–1233). Estudioso e historiador iraquiano, autor de uma das mais famosas e detalhadas crônicas islâmicas das cruzadas, A Obra Perfeita da História (al-Kamil fi'l ta'rikh).

Ibn al-Qalanisi(falecido em 1160). Cronista, poeta e servidor público muçulmano radicado em Damasco. Viveu a Primeira Cruzada e foi testemunha ocular de muitos eventos subsequentes. Autor de "A continuação da Crônica de Damasco: Mudhayyal Ta'rikh Dimashq".

Ibn Hamdis(falecido em 1133). Poeta árabe-siciliano. Fugiu da Sicília após a conquista normanda e assumiu um cargo na corte do rei taifa sevilhano al-Mu'tamid. Fugiu de Sevilha após a invasão almorávida e morreu em Maiorca.

Ibn Ruzzik(falecido em 1161). Vizir do Cairo fatímida após o assassinato do califa al-Zafir em 1154.

Ilghazi(falecido em 1122). General turco, político e notório bêbado. Governador seljúcida de Jerusalém antes de sua queda para os fatímidas em 1098. Obteve uma famosa vitória sobre as forças dos cruzados na Batalha de Ager Sanguinis em 1119.

Imad al-Din Zengi(falecido em 1146). Guerreiro turco feroz que se tornou atabeg de Mosul e Aleppo. Conquistou Edessa em 1144, provocando a Segunda Cruzada. Seus sucessores, incluindo seu filho Nur al-Din, são chamados de Zengidas.

Inocêncio III, Papa(1161–1216). Papa medieval extremamente poderoso e influente, responsável por pregar a Quarta e a Quinta Cruzadas e por estender as cruzadas muito além de sua competência tradicional.

Isaac Comneno(1155–1195). Membro rebelde da dinastia bizantina Comneno, que tomou o poder independente em Chipre na década de 1180, mas foi deposto e aprisionado por Ricardo Coração de Leão.

Ismah Khatun(falecida em 1142). Padroeira dos estudiosos em Isfahan e esposa do califa abássida al-Mustazhir. Reconhecida por sua inteligência e determinação.

Joana, rainha da Sicília(1165–1199). Irmã mais nova de Ricardo Coração de Leão, resgatada da Sicília durante os estágios iniciais da Terceira Cruzada. Sugerida brevemente como possível esposa de al-Adil para criar uma união dinástica entre cruzados e aiúbidas.

João de Brienne(falecido em 1237). Cavaleiro francês que se tornou rei de Jerusalém (1212–1225), em nome de sua filha, a Rainha Isabel II. Líder da Quinta Cruzada e imperador latino de Constantinopla (ao lado do coimperador Balduíno II).

Joscelino I, conde de Edessa(falecido em 1131). Também conhecido como Joscelino de Courtenay. Senhor de Turbessel e, posteriormente, conde de Edessa. Participou de guerras contra Ilghazi e outros emires turcos durante as décadas de 1110 e 1120.

Joscelino II de Edessa(falecido em 1159). Quarto e último conde franco de Edessa, expulso de sua cidade quando esta caiu em Zengi. Mais tarde capturado, cegado e aprisionado por Nur al-Din.

Luís VII, rei da França(1120–1180). Rei da França, com características de monge, que liderou um dos maiores contingentes da Segunda Cruzada. Cruzado entusiasmado, mas com fraca liderança militar exposta durante a marcha de Constantinopla através da Ásia Menor.

Luís IX, rei da França(1214–70). Piedoso rei francês que colecionou relíquias, patrocinou projetos de construção gótica, incluindo a Saint-Chapelle, e liderou uma malfadada cruzada contra Damieta e a Palestina a partir de 1248. Tentou aliar-se a líderes mongóis. Morreu perto de Túnis em outra cruzada em 1270. Canonizado como São Luís.

Malik-Shah I(1055–1092). Sultão do grande império seljúcida e, por vezes, colaborador do Império Bizantino. Sua morte precipitou uma crise em Bizâncio: isso encorajou o apelo para o Ocidente, que se tornou a Primeira Cruzada.

Manuel I Comneno(1118–1180). Imperador bizantino e neto de Aleixo I Comneno. Permitiu que os exércitos da Segunda Cruzada passassem por seus territórios.

Margarida de Beverley(dc1215). Peregrina inglesa que lutou no cerco de Jerusalém por Saladino e, posteriormente, foi vendida como escrava, libertada e deixou a Terra Santa com os guerreiros da Terceira Cruzada que retornavam. Seu livro de memórias da cruzada é uma representação vívida, embora idealizada, de suas aventuras.

Melisende, rainha de Jerusalém(1105–1161). Filha e herdeira do Rei Balduíno II de Jerusalém, que supervisionou um magnífico programa de construção em Jerusalém e arredores. Governou em conjunto com o marido, Fulque, e depois com o filho, Balduíno III. As relações entre ambos eram difíceis.

Nur al-Din(1118–1174). Filho de Zengi e um dos líderes islâmicos mais formidáveis da era das Cruzadas. Uniu as principais cidades sírias sob sua liderança. Enquadrou a oposição aos francos da Terra Santa como uma expressão da jihad, tema adotado posteriormente por Saladino.

Odo de Deuil(1110–1162). Capelão de Luís VII na Segunda Cruzada. Sua crônica, escrita em benefício do primeiro-ministro de Luís, Abade Suger, é uma fonte importante para a contribuição francesa à expedição.

Oliver de Colônia(1170–1227). Também conhecido como Oliver, bispo de Paderborn. Pregador de alto escalão e líder da Quinta Cruzada, responsável pelo recrutamento de voluntários e pela concepção de equipamentos militares. Manteve uma crônica detalhada da cruzada.

Otto de Freising(1114–1158). Bispo, cronista e meio-irmão de Conrado III. Viajou na Segunda Cruzada e manteve um registro vívido dos eventos de uma perspectiva alemã.

Pelágio, Cardeal(falecido em 1230). Bispo de Albano e legado papal durante a Quinta Cruzada, que entrou em conflito com os líderes aristocráticos e apoiou a decisão desastrosa de marchar Nilo acima em 1221.

Pedro, o Eremita(falecido em 1115). Pregador carismático de Amiens, no norte da França. Formou o contingente populista inicial e condenado da Primeira Cruzada (a "Cruzada Popular") e permaneceu membro do grupo de liderança posteriormente.

Filipe II Augusto(1165–1223). Rei da França de 1180 até sua morte. Participou da Terceira Cruzada, ajudando a reconquistar Acre de Saladino. Abandonou a França em desgosto após desentendimentos com Ricardo Coração de Leão.

Qilij I Arslan(1079–1107). Sultão do sultanato seljúcida menor de Rum (Ásia Menor) na época da Primeira Cruzada.

Qutuz(falecido em 1260). Sultão mameluco do Egito que comandou um exército vitorioso sobre os mongóis na Batalha de 'Ayn Jalut. Assassinado por Baybars.

Raimundo IV, conde de Toulouse(falecido em 1105). Senhor do sul da França, também conhecido como Raimundo de Saint-Gilles. Recebeu a cruz em Clermont. Líder proeminente da Primeira Cruzada e, posteriormente, primeiro conde de Trípoli.

Raimundo VI, conde de Toulouse(1156–1222). Descendente do líder da Primeira Cruzada, Raimundo IV. Casou-se com Joana, rainha da Sicília, após seu retorno da Terceira Cruzada. Mais tarde, foi atacado por Simão de Montfort e pelos cruzados albigenses.

Raimundo de Poitiers(falecido em 1149). Príncipe de Antioquia de 1136 até sua morte na Batalha de Inab, combatendo forças leais a Nur al-Din. Dizem que seduziu sua sobrinha, Leonor da Aquitânia, durante sua visita aos estados cruzados na Segunda Cruzada.

Reinaldo de Châtillon(falecido em 1187). Combativo cavaleiro francês que se juntou à Segunda Cruzada, tornou-se príncipe de Antioquia, mas foi aprisionado por Nur al-Din por dezesseis anos. Mais tarde, invadiu portos do Mar Vermelho e roubou caravanas muçulmanas, provocando Saladino a realizar ataques punitivos ao reino de Jerusalém.

Ricardo Coração de Leão(1157–1199). Rei da Inglaterra de 1189 até sua morte. Líder mais proeminente da Terceira Cruzada, durante a qual entrou em choque repetidamente com Filipe II Augusto e estabeleceu uma rivalidade (muito mitificada) com Saladino.

Roberto Guiscard(falecido em 1085). Aventureiro normando. Conquistou partes do sul da Itália e atacou territórios bizantinos nos Bálcãs. Pai do primeiro líder cruzado, Boemundo I, príncipe de Antioquia.

Roberto II, conde de Flandres(falecido em 1111). Líder principesco da Primeira Cruzada. Seu pai, Roberto I, peregrinou a Jerusalém, conheceu Aleixo Comneno e prestou auxílio militar ao Império Bizantino. Proeminente na maioria das grandes campanhas da Primeira Cruzada.

Roberto, duque da Normandia(falecido em 1134). Um dos líderes principescos da Primeira Cruzada. Filho do rei normando da Inglaterra, Guilherme, o Conquistador. Sua ausência na cruzada significou que ele perdeu a chance de reivindicar o trono de seu pai. Apelidado de "Robert Curthose".

Rogério I da Sicília(falecido em 1101). Primeiro conde normando da Sicília, irmão de Roberto Guiscardo e pai do primeiro rei siciliano, Rogério II. Atribuído a Ibn al-Athir a primeira sugestão de conquista cristã de Jerusalém em uma anedota pitoresca (embora confusa).

Rogério II da Sicília(1095–1154). Primeiro rei coroado da Sicília. Ambivalente em relação aos cruzados do reino de Jerusalém depois que sua mãe, Adelaide del Vasto, foi rejeitada como esposa de Balduíno I de Jerusalém.

Saladino(1137/8–93). Também conhecido como Salah al-Din Yusuf ibn Ayyub. Soldado curdo que ascendeu ao posto de sultão da Síria e do Egito. Destruiu um exército franco na Batalha de Hattin (1187) e devolveu Jerusalém ao controle islâmico. Provocou a Terceira Cruzada e conquistou uma reputação lendária entre muçulmanos e cristãos.

Shawar(falecido em 1169). Vizir egípcio de 1162 até sua morte. Tentou, sem sucesso, usar o reino cruzado de Jerusalém contra Nur al-Din e seus generais curdos, Shirkuh e Saladino, que acabaram assassinando-o.

Shirkuh(falecido em 1169). Também conhecido como Asad al-Din. General curdo glutão e obstinado a serviço de Nur al-Din. Planejou a anexação do Egito fatímida. Tio de Saladino.

Sibila, rainha de Jerusalém(falecida em 1190). Filha de Amalrico I. Seu marido, Guido de Lusignan, tornou-se rei de Jerusalém por meio de casamento e presenciou a derrota para Saladino na Batalha de Hattin.

Sigurd I da Noruega(1090–1130). Rei viking da Noruega; visitou o reino de Jerusalém por volta de 1107–111 e ajudou Balduíno I a tomar a cidade de Sidon. Mais tarde, recebeu o apelido de Sigurd, o Viajante de Jerusalém.

Simão de Montfort(falecido em 1218). Senhor francês que participou da Quarta Cruzada, mas abandonou a frota veneziana em Zara. Mais tarde, liderou a Cruzada Albigense contra os cátaros no sul da França. Pai de Simão de Montfort, o Jovem, nobre inglês e rebelde contra Henrique III.

Estêvão, conde de Blois(falecido em 1102). Líder proeminente da Primeira Cruzada. Escreveu cartas vívidas da Síria para sua esposa, Adela. Desprezado por abandonar a cruzada em Antioquia; retornou ao leste em novas campanhas antes de morrer.

Tancredo de Hauteville(falecido em 1112). Sobrinho de Boemundo de Taranto e também líder principesco da Primeira Cruzada. Regente do principado de Antioquia durante a ausência/prisão de Boemundo. A Gesta Tancredi, de Ralph de Caen, descreve seus feitos de cruzada.

Tancredo, rei da Sicília(1138–1194). Neto ilegítimo do rei Rogério II da Sicília, que assumiu o trono siciliano após a morte de seu primo Guilherme II. Maltratou a viúva de Guilherme, Joana, e foi severamente punido por Ricardo Coração de Leão. Apelidado de "Rei Macaco".

Tughtakin (m. 1128). Atabeg de Damasco e importante líder militar nas guerras entre a primeira geração de cruzados e os emires das grandes cidades da Síria.

Turan-Shah(falecido em 1250). Filho de al-Salih Ayyub e último sultão aiúbida do Egito, de curta duração. Assassinado em um golpe palaciano pelos mamelucos Bahriyya.

Urbano II, Papa(falecido em 1099). Nascido Odo de Lagery, monge da abadia de Cluny e seguidor do Papa reformador Gregório VII. Lançou a Primeira Cruzada em Clermont em novembro de 1095, mas morreu antes que a queda de Jerusalém fosse conhecida no Ocidente.

Guilherme de Tiro(falecido em 1186). Estudioso e historiador nascido em Jerusalém. Educado no Ocidente, retornou aos estados cruzados, tornando-se arcebispo de Tiro. Sua crônica, a História dos Feitos de Além-Mar, é uma importante fonte de eventos no Oriente Latino no século XII.

Yaghi-Siyan(falecido em 1098). Emir seljúcida no comando de Antioquia na época da Primeira Cruzada. Abandonou a cidade aos cruzados em 1098 e foi assassinado durante sua fuga.

UMppændix 2: Kings e Rainhas de Jerusalém

Godofredo de Bouillon[*]	1099–1100
Balduíno I	1100–1118
Balduíno II	1118–1131
Fulk e Melisende	1131–1143
Balduíno III e Melisende	1143–1153
Balduíno III	1153–1163
Amalrico I	1163–1174
Balduíno IV	1174–1183
Balduíno IV e Balduíno V	1183–1185
Balduíno V	1185–1186
Sibila e Guy de Lusignan	1186–1190
Guy de Lusignan	1190–1192
Isabel I e Conrado de Montferrat	1192
Isabel I e Henrique de Champagne	1192–1197
Isabel I e Amalrico II	1197–1205
Maria I	1205–1210
Maria I e João de Brienne	1210–1212
Isabel II e João de Brienne	1212–1225
Isabel II e Frederico II Hohenstaufen	1225–1228
Conrado II[‡]	1228–1254
Conrado III (também conhecido como Conradin)	1254–1268
Hugo I	1268–1284
João II	1284–1285
Henrique II[‡]	1285–1324

* Nunca foi coroado; usou o título de "príncipe e defensor do Santo Sepulcro".
† Poder exercido por Frederico II Hohenstaufen até 1243 e posteriormente por outros regentes.
‡ Somente titular a partir de 1291.

UMppendix 3: Papas

Os antipapas foram excluídos desta tabela

Urbano II	1088–1099
Pascoal II	1099–1118
Gelásio II	1118–1119
Calisto II	1119–1124
Honório II	1124–1130
Inocêncio II	1130–1143
Celestino II	1143–1144
Lúcio II	1144–1145
Eugênio III	1145–1153
Anastácio IV	1153–1154
Adriano IV	1154–1159
Alexandre III	1159–1181
Lúcio III	1181–1185
Urbano III	1185–1187
Gregório VIII	1187
Clemente III	1187–1191
Celestino III	1191–1198
Inocêncio III	1198–1216
Honório III	1216–1227
Gregório IX	1227–1241
Celestino IV	1241
Inocêncio IV	1243–1254
Alexandre VI	1254–1261
Urbano IV	1261–1264
Clemente IV	1265–1268
Gregório X	1271–1276
Inocêncio V	1276

Adriano V	1276
João XXI	1276–1277
Nicolau III	1277–1280
Martinho IV	1281–1285
Honório IV	1285–1287
Nicolau IV	1288–1292
Celestino V	1294
Bonifácio VIII	1294–1303
Bento IX	1303–1304
Clemente V	1305–1314
João XXII	1316–1334

UMppendix 4: Imperadores

Imperadores bizantinos

Aleixo I Comneno	1081–1118
João II Comneno	1118–1143
Manuel I Comneno	1143–1180
Aleixo II Comneno	1180–1183
Andrônico I Comneno	1183–1185
Isaac II Ângelo	1185–1195
Aleixo III Ângelo	1195–1203
Isaac II Ângelo e Aleixo IV Ângelo	1203–1204
Aleixo V Doukas 'Mourtzouphlos'	1204

Imperadores Latinos de Constantinopla

Balduíno I	1204–1205
Henrique I	1206–1216
Pedro I	1217–1219
Roberto I	1221–1228
João I e Balduíno II	1229–1237
Balduíno II	1237–1261

Imperadores Bizantinos (Restaurados)

Miguel VIII Paleólogo	1261–1282
Andrônico II Paleólogo	1282–1328
Andrônico III Paleólogo	1328–1341
João V Paleólogo	1341–1376
João V Paleólogo e João VI Cantacuzeno	1347–1354
Andrônico IV Paleólogo	1376–1379
João V Paleólogo (restaurado)	1379–1390
João VII Paleólogo	1390

João V Paleólogo (restaurado)	1390–1391
Manuel II Paleólogo	1391–1425
João V Paleólogo	1425–1448
Constantino XI Paleólogo	1449–1453

Notas

Introdução

1 Wright, Thomas (ed.) As obras históricas de Giraldus Cambrensis (Londres, 1894), pp. 425–6.
2 Runciman, Steven, 'O declínio do ideal cruzado' em The Sewanee Review 79 (1971), p. 513.

Capítulo 1: O Conde e o Imã

1 Richards, DS (ed.), A Crônica de Ibn al-Athir para o Período das Cruzadas de al-Kamil fi'l Ta'rikh (Aldershot, 2006), vol. I, p. 13.
2 Wolf, Kenneth Baxter (trad.), Os feitos do conde Roger da Calábria e da Sicília e de seu irmão, o duque Robert Guiscard: por Geoffrey Malaterra (Ann Arbor, Michigan, 2005), pp. 66–7.
3 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 13.
4 Ibidem.
5 Sobre a brutalidade normanda, Loud, GA The Age of Robert Guiscard: Southern Italy and the Norman Conquest (Harlow, 2000), p. 114.
6 Conforme relatado, por exemplo, em Eric Christiansen (trad.), History of the Normans/Dudo of St Quentin (Woodbridge, 1998), p. 30. Rollo foi o primeiro duque da Normandia e conde de Rouen, a quem foi concedido o seu feudo pelo rei franco Carlos, o Simples, emANÚNCIO911.
7 O bispo Benzo de Alba, escrevendo sobre o ano de 1090, citado em ibid.
8 Hubert Houben, Roger II da Sicília: um governante entre o Oriente e o Ocidente (Cambridge, 2002), p. 10.
9 Alex Metcalfe, Os muçulmanos da Itália medieval (Edimburgo, 2009), p. 88.
10 Wolf, Os feitos do conde Roger da Calábria, pp. 85–6.
11 Metcalfe, Os muçulmanos da Itália medieval, pp. 93–5.
12 Wolf, Os feitos do conde Roger da Calábria, p. 181.
13 Metcalfe, Os muçulmanos da Itália medieval, p. 106.
14 Houben, Roger II da Sicília, p. 18–19.
15 Veja exemplos mantidos no Museu Fitzwilliam em Cambridge, Inglaterra, que podem ser vistos online emalturatp://classic.fitzmuseum.cam.ac.uk/gallery/normans/chapters/Normans_3_2.htm.
16 Houben, Roger II da Sicília, p. 23.
17 Wolf, Os feitos do conde Roger da Calábria, p. 179.
18 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 13.
19 Para fazer esta observação num contexto especificamente siciliano, veja Metcalfe, The Muslims of Medieval Italy,
pág. 88.

Capítulo 2: Poetas e Reis da Festa

1 Para os temas e o contexto do divã de Ibn Hamdis, veja Granara, W., 'Ibn Hamdis and the Poetry of Nostalgia' em Menocal, Maria Rosa, Scheindlin, Raymond P. e Sells, Michael A. (orgs.) The literature of Al-Andalus, (Cambridge, 2000), pp. 388–403. Para 'Fui banido do Paraíso', ibid., p. 397.
2 Fletcher, Richard, Espanha moura (Nova York, 1992), p. 87.

3 Uma amostra dos versos de al-Mu'tamid em inglês pode ser encontrada em Franzen, Cola (trad.) Poems of Arab Andalusia (São Francisco, 1989), pp. 82–91.
4 Fletcher, Espanha Moura, p. 91.
5 Ibid., págs. 86, 90.
6 Chronicon Regum Legionensium, do Bispo Pelayo de Oviedo. Esta tradução: Barton, Simon e Fletcher, Richard (trad.), The World of El Cid: Chronicles of the Spanish Reconquest (Manchester, 2000), p. 85.
7 A história diversa geralmente conhecida como Historia Silense. Esta tradução: Barton e Fletcher, The World of El Cid, p. 29.
8 Gerson, Paula, Shaver-Crandell, Annie e Stones, Alison, Guia do Peregrino para Santiago de Compostela. Um Gazetteer com 580 Ilustrações (Londres, 1995), p. 73.
9 Português Gerson et al., O Guia do Peregrino para Santiago de Compostela, p. 67; Ryan, William Granger (trad.) e Duffy, Eamon (introdução), Jacobus de Voragine, A Lenda Dourada: Leituras sobre os Santos (Princeton e Oxford, 2012), pp. 393–4.
10 UM Uma carta do Papa Alexandre, datada de 1063-1064 e endereçada a todos os bispos da Espanha, referia-se a "todos aqueles que haviam partido contra os sarracenos" da região e elogiava o clero por ter protegido os judeus do massacre por cavaleiros estrangeiros. Para uma discussão sobre isso, ver O'Callaghan, Joseph F., Reconquest and Crusade in Medieval Spain (Filadélfia, 2002), p. 25.
11 De Gayangos, Pascuel (trad.), A História das Dinastias Maometanas na Espanha/ por Ahmed ibn Mohammed al Makkari (Londres, 1843), vol. II, pp. 266–7.
12 Tayyibi, Amin Tawfiq (trad.),*O Tibyan: memórias de`Abd Allāh B. Buluggīn, último Zīrid Amīr de Granada*(Leiden: 1986) pág. 90.
13 Reilly, Bernard F.,*A disputa entre a Espanha cristã e muçulmana 1031–1157*(Oxford, 1992), págs. 82–4.
14 Cobb, Paul, A Corrida pelo Paraíso: Uma História Islâmica das Cruzadas (Oxford, 2014), pp. 68–70.
15 O poeta Ibn al-'Assal al-Yahsubi, traduzido em Melville, Charles e Ubaydli, Ahmad,*Cristãos e mouros na Espanha*(Warminster, 1992), pág. 91.
16 O'Callaghan, Reconquista e Cruzada na Espanha Medieval, p. 30.
17 Franzen, Poemas da Andaluzia Árabe, p. 87.
18 Levtzion, N. e Hopkins, JFP (eds.), Corpus de fontes árabes antigas para a história da África Ocidental
(Princeton, 2000), pág. 165.
19 `Abd al-Wahid al Marrakushi, tradução de Melville e Ubaydli, Cristãos e Mouros na Espanha, pp. 98–9.
20 O'Callaghan, Joseph F., Uma História da Espanha Medieval (Londres: 1975), p. 209.
21 Franzen, Poemas da Andaluzia Árabe, pp. 88–9.
22 Ibid., pág. 90.
23 Granara, 'Ibn Hamdis e a poesia da nostalgia', p. 389.

Capítulo 3: Império sob cerco

1 Sewter, ERA (trad.) e Frankopan, Peter (introdução) The Alexiad / Anna Komnene (Londres, 2009), p. 167.
2 Ibid., pág. 188.
3 Ibid., pág. 85.
4 Theodore Prodoromos, citado por Frankopan, Peter, 'O contexto literário, cultural e político para o comentário do século XII sobre a ética a Nicômaco' em Barber, Charles e Jenkins, David (eds.), Comentários gregos medievais sobre a ética a Nicômaco (Leiden e Boston, 2009), p. 47.
5 *Alexiad*, pág. 7.
6 Cobb, A corrida pelo paraíso, p. 70.

7 Esta tradução: Hillenbrand, Caroline, Mito Turco e Símbolo Muçulmano: A Batalha de Manzikert (Edimburgo, 2007), p. 147.
8 *Alexiad*, págs. 204–205.
9 Dostourian, Ara Edmond (trad.), Armênia e as Cruzadas: Séculos X a XII: A Crônica de Mateus de Edessa (Londres, 1993), p. 44.
10 Ibid., pág. 263.
11 Ibid., pág. 226.
12 *Alexiad*, p. 111; Frankopan, Peter, A Primeira Cruzada: O Chamado do Oriente (Cambridge, MA, 2012), pp. 46–8, 54–5.
13 Frankopan, O Chamado do Leste, p. 71.
14 Ver por exemplo Bernold de St Blasien em Robinson, IS, Alemanha do século XI: The Swabian Chronicles (Manchester, 2008), p. 274.
15 *Alexiad*, pág. 199.
16 A carta foi impressa em Hagenmeyer, Heinrich,*Epistulae et chartae ad historiam primi Belli Sacri spectantes quæ supersunt aevo aequales ac genuinae*(Innsbruck, 1901), pp. 130–136. Sobre a autoria/confiabilidade desta carta, frequentemente considerada falsificada, Frankopan, The Call from the East, pp. 60–1 e, para comparação, Joranson, Einar, 'The Problem of the Spurious Letter of Emperor Alexius to the Court of Flanders', American Historical Review 55 (1950), pp. 811–832.
17 *Alexiad*, págs. 274–5.
18 Ibidem.

Capítulo 4: Deus Vult!

1 Robinson, Alemanha do século XI, p. 292.
2 MacCulloch, Diarmaid, Uma História do Cristianismo (Londres, 2009), pp. 365–7.
3 Mullins, Edwin, Em busca de Cluny: o império perdido de Deus (Oxford, 2006), p. 235.
4 Sobre a estrutura ideológica de Urbano, veja Chevenden, Paul E., 'Papa Urbano II e a ideologia das cruzadas', em Boas, Adrian J. (ed.) The Crusader World (Abingdon, 2016), passim but esp. pp. 15–20.
5 Smith, LM, A história inicial do mosteiro de Cluny (Oxford, 1920), p. 130.
6 Ibid., págs. 135–6.
7 MacCulloch, Uma História do Cristianismo, p. 367.
8 Williams, John, 'Cluny e Espanha', Gesta 27 (1988), p. 93.
9 O'Callaghan, Reconquista e Cruzada na Espanha Medieval, p. 167.
10 Esta tradução: Chevenden, 'Papa Urbano II e a ideologia das cruzadas', pp. 13–14.
11 Para mais informações sobre este tópico substancial: Morris, Colin,*A Monarquia Papal: A Igreja Ocidental de 1050 a 1250*(Oxford, 1989), págs. 112–13.
12 Robinson, *Alemanha do século XI*, p. 296; Somerville, Robert, Concílio de Piacenza do Papa Urbano II: 1 a 7 de março de 1095 (Oxford, 2011), p. 6.
13 Somerville, Concílio de Piacenza do Papa Urbano II, p. 16.
14 Bernold de St Blasien em Robinson, Alemanha do século XI, p. 324.
15 Alto, GA A Era de Robert Guiscard: Sul da Itália e a Conquista Normanda (Harlow, 2000), p. 230.
16 Cowdrey, HEJ, O Registro do Papa Gregório VII, 1073–1085 / Uma tradução para o inglês (Oxford, 2002), págs. 50–1.
17 Tradução: Joranson, 'O problema da carta espúria do imperador Alexius', p. 815.
18 Ryan, Frances Rita (trad.) e Fink, Harold S. (ed.), Fulcher de Chartres / Uma história da expedição a Jerusalém, 1095–1127 (Knoxville, 1969), pp. 65–6.
19 Sweetenham, Carol (trad.), História da Primeira Cruzada de Robert the Monk / Historia Iherosolimitana (Abingdon, 2016), p. 81.

20 Ibid., pág. 82.
21 Kostick, Conor, A estrutura social da Primeira Cruzada (Leiden, 2008), pp. 99–101.
22 Pertz, GH*Monumenta Germaniae Histórica, Scriptores XVI*(Hanover, 1859), p. 101. De forma mais ampla, veja Rubenstein, Jay, Nebuchadnezzar's Dream: The Crusades, Apocalyptic Prophecy, and the End of History (Nova York, 2019).
23 *Fulcher de Chartres*, pág. 68.

Capítulo 5: O Conto do Pregador

1 Riley-Smith, Jonathan e Riley-Smith, Louise (eds.), As Cruzadas: Ideia e Realidade, 1095–1274 (Londres, 1981), p. 38.
2 Esta tradução em Riley-Smith, Jonathan (ed.) The Atlas of the Crusades (Londres, 1990), p. 28.
3 Levine, Robert (trad.) Os feitos de Deus através dos francos: uma tradução de 'Gesta Dei per Francos' de Guibert de Nogent (Woodbridge, 1997), pp. 47–8.
4 *Roberto, o Monge*, pág. 83.
5 Riley-Smith, The First Crusaders: 1095–1131, p. 56. Riley-Smith descreve Pedro, de forma bastante deliciosa, como "um fanfarrão congênito". Para uma discussão sobre as inconsistências nas histórias de origem de Pedro, o Eremita, veja Blake, EO e Morris, C., "A Hermit Goes To War: Peter the Hermit and the Origins of the First Crusade", Studies in Church History 22 (1985).
6 Tyerman, Christopher, Guerra de Deus: Uma Nova História das Cruzadas (Londres, 2006), p. 79; Edgington, Susan (trad.), Alberto de Aachen: Historia Ierosolominitana / História da Viagem a Jerusalém (Oxford, 2007), p. 59.
7 Mateus 5–7.
8 Êxodo 21:23–25, 31:15; Deuteronômio 21:18–21; Levítico 20:13.
9 2 Macabeus 8: 3–4.
10 Efésios 6:17.
11 Apocalipse 11:7–10.
12 Sinclair, TA (trad.) e Saunders, Trevor J. (ed.), The Politics / Aristotle, (Londres: 1992), 1333b37.
13 Veja, por exemplo, Lane Fox, Robin, Augustine: Conversions and Confessions (Londres, 2015).
14 Bettenson, Henry (trad.) e Evans, GR (introdução), Cidade de Deus / Santo Agostinho (Londres: 2003), XIX, cap. 7.
15 Riley-Smith, Jonathan, Os primeiros cruzados e a ideia de cruzada (Londres, 1986) pp. 29–30.
16 Ekkehard de Aura, traduzido em Krey, agosto. C., A Primeira Cruzada: Os Relatos de Testemunhas Oculares e Participantes (Princeton: 1921), p. 53.
17 Ibidem.
18 *Alberto de Aachen*, págs. 52–3.
19 Chazan, Robert,*Deus, Humanidade e História: As Narrativas da Primeira Cruzada*(Berkeley e Londres, 2000), pág. 24.
20 Chazan, Robert, No ano de 1096: a primeira cruzada e os judeus (Filadélfia, 1996), pp. 44–6.
21 Mas ver Malkiel, David, 'Destruição ou Conversão: Intenção e Reação, Cruzados e Judeus, em 1096', História Judaica 15 (2001), pp. 257–80 para uma discussão da historiografia e evidências.
22 *Alberto de Aachen*, págs. 52–3.
23 Sweeney, James Ross, 'Hungria nas Cruzadas, 1169–1218',*A Revista Internacional de História*3 (1981), pág. 468.
24 *Alexiad*, pág. 276; Alberto de Aachen, pp.
25 França, John, Vitória no Oriente: Uma História Militar da Primeira Cruzada (Cambridge, 1994), pp. 91–2.
26 *Alexiad*, pp. 274–275. Ana Comnena foi uma das cronistas que mais deu crédito ao papel central de Pedro, o Eremita, na génese da cruzada, embora o seu testemunho sobre o assunto seja

pretendia transferir a culpa de chamar os cruzados para Bizâncio para o mais longe possível de seu pai.

27 *Roberto, o Monge*, págs. 84–85.

28 *Alberto de Aachen*, pp. 36–7. Vários meses depois, Fulcher de Chartres viu 'muitas cabeças decepadas e... muitos ossos dos mortos' quando passou pelo campo de batalha (Fulcher de Chartres, p. 80.)

Capítulo 6: Marcha dos Príncipes

1 Chibnall, Marjorie (ed. e trad.), The Ecclesiastical History of Orderic Vitalis (Oxford, 1978), vol. VI, pp. 70–1.

2 Ibidem.

3 Português Bachrach, Bernard S. e Bachrach, David S. (trad.), A Gesta Tancredi de Ralph de Caen: Uma história dos normandos na Primeira Cruzada (Aldershot, 2005), p. 23.

4 Hill, Rosalind (ed.), Gesta Francorum et Aliorum Hierosolimitanorum: The Deeds of the Franks and the Other Pilgrims to Jerusalem (Oxford, 1962), pp.

5 Edgington, Susan B. e Sweetenham, Carol (trad.), The 'Chanson d'Antioche': An Old French Account of the First Crusade (Aldershot, 2011), p. 129.

6 *Alexiad*, págs. 293–4.

7 *Alexiad*, págs. 383–4.

8 *Gesta Francorum*, págs. 6–7.

9 *Alberto de Aachen*, pp. 32–3, enfatiza este ponto: Pedro 'falou em vão ao seu povo tolo e rebelde'.

10 *Gesta Francorum*, p. 7, e acima, Capítulo 1.

11 Ver Riley-Smith, Jonathan, Os primeiros cruzados e a ideia das cruzadas, pp. 34–49 e França, Vitória no Oriente, pp. 10–16.

12 Veja Ralph de Caen, p. 23.

13 *Gesta Francorum*, p. 1: '[O Papa] começou a fazer sermões eloquentes e a pregar, dizendo: “Se alguém quer salvar sua alma, que não hesite em seguir o caminho do Senhor com humildade...”.'

14 *Roberto, o Monge*, pág. 80.

15 *Orderic Vitalis*, vol. V, pág. 170.

16 *Ralph de Caen*, pág. 22.

17 *Gesta Francorum*, pp. Guibert de Nogent, pp.

18 *Alexiad*, págs. 277, 285.

19 *Gesta Francorum*, pág. 10, Guibert de Nogent, p. 61, Orderic Vitalis, vol. V, pp.

20 Sobre a 'relação especial' pragmática entre Alexius e Bohemond, veja Shephard,Jonathan, 'Quando o grego encontra o grego: Alexius Comnenus e Bohemond em 1097-98', Byzantine and Modern Greek Studies 12 (1988), pp. 185–278.

21 *Alexiad*, pág. 279.

22 Para as relíquias, ver Hill, John Hugh e Hill, Laurita L. (trad.), Raymond d'Aguilers / Historia Francorum Qui Ceperunt Iherusalem (Filadélfia, 1968), p. 75.

23 *Gesta Francorum*, pág. 12.

24 Ibid., pág. 12.

25 *Guibert de Nogent*, pág. 60.

26 Para as catapultas, Raymond D'Aguilers, p. 25.

27 *Roberto, o Monge*, pág. 106.

28 *Fulcher de Chartres*, pág. 82.

29 *Roberto, o Monge*, pág. 104.

30 *Gesta Francorum*, pág. 15.

31 Ibid., pág. 16.

32 *Ralph de Caen*, p. 42, menciona esta esplêndida tenda porque Tancredo de Hauteville pediu para recebê-la como um presente em troca de um juramento de lealdade – para grande desgosto de Alexios.
33 *Roberto, o Monge*, pág. 106.
34 *Ralph de Caen*, pág. 39.
35 *Guibert de Nogent*, pág. 65.
36 *Gesta Francorum*, pág. 18.
37 Ibid., págs. 19–20.
38 *Raymond D'Aguilers*, pág. 28.
39 2 Macabeus 10:30
40 *Roberto, o Monge*, pág. 114.

Capítulo 7: O Inverno Mais Longo

1 Sobre o terreno do interior da Anatólia e as supostas rotas dos cruzados, veja França, Vitória no Oriente, pp. 185–7.
2 Hill, John Hugh e Hill, Laurita L. (trad.), Peter Tudebode / Historia de Hierosolymitano Itinere (Filadélfia, 1974), p. 38.
3 *Alberto de Aachen*, págs. 138–41.
4 Ibid., pág. 143.
5 Ibid., pág. 145.
6 *Ralph de Caen*, pág. 58.
7 *Ralph de Caen*, pág. 73.
8 Barber, Malcolm e Bate, Keith (trad.), Cartas do Oriente: cruzados, peregrinos e colonos nos séculos XII e XIII (Farnham, 2010), p. 23.
9 *Alberto de Aachen*, págs. 248–9, 286–7.
10 Gibb HAR (trad.),*A Crônica de Damasco das Cruzadas: Extraído e Traduzido da Crônica de Ibn Al-Qalanisi*(Londres, 1932), p. 41.
11 Cobb, A corrida pelo paraíso, p. 88.
12 *Gesta Francorum*, pág. 28.
13 Cobb, A corrida pelo paraíso, p. 90; Ibn al-Qalanisi, pp. 42–3.
14 Sobre esta e outras análises do cerco, veja Asbridge, Thomas, The Creation of the Principality of Antioch, 1098–1130 (Woodbridge, 2000), pp. 25–42.
15 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 43.
16 *Gesta Francorum*, pág. 28.
17 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 43.
18 Para a aparência e preferência sexual de Baldwin, veja Babcock, Emily Atwater e Krey, AC,*Uma História de Atos Realizados Além do Mar/ Guilherme de Tiro*(Nova Iorque, 1943), vol. I, p. 416.
19 Sobre a importância dos laços marítimos forjados em Antioquia, veja França, Vitória no Oriente, pp. 209–215.
20 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 23.
21 *Ralph de Caen*, pág. 81.
22 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 14.
23 *Fulcher de Chartres*, pág. 98.
24 *Gesta Francorum*, págs. 47–8.
25 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 15.
26 Ibidem.
27 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 44.
28 *Alberto de Aachen*, págs. 284–285.
29 Sobre a composição do exército, França,*Vitória no Oriente*, p. 261. Os números citados são aqueles relatados por Mateus de Edessa.
30 *Alberto de Aachen*, págs. 314–315.
31 *Gesta Francorum*, pág. 62.

32 *Ralph de Caen*, pág. 102.
33 Ibid., pág. 55.
34 *Raymond d'Aguilers*, págs. 57–8.
35 Ibid., pp. 101–3.
36 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 16.
37 *Raymond d'Aguilers*, pág. 62.
38 *Canção de Antioquia*, pág. 201.
39 *Alberto de Aachen*, pág. 337.
40 *Raymond d'Aguilers*, pág. 64.

Capítulo 8: Jerusalém

1 A discussão mais recente sobre o personagem Ilghazi é Morton, Nicholas, 'Walter the Chancellor on Ilghazi and Tughtakin: a prisoner's perspective', Journal of Medieval History 44 (2018), pp. 170–86.
2 Mateus, o Chanceler, 108–9; Guibert de Nogent, p. 165. Morton, 'Walter, o Chanceler, sobre Ilghazi e Tughtakin'.
3 *Ibn Al-Athir*, vol. I, pág. 21.
4 Expresso mais claramente em Ibn Al-Athir, vol. I, pp. 13–14.
5 Resumos claros dessas tensões estão disponíveis em Cobb, The Race for Paradise, pp. 45–9, 77–88; Hillenbrand, Carole, The Crusades: Islamic Perspectives (Edimburgo, 1999), pp. 42–54.
6 Slane, William MacGuckin (trad.), Dicionário biográfico de Ibn Khallikan (Paris, 1871), vol. IV, págs. 612–14.
7 *Ibn al-Qalanisi*, págs. 44–5.
8 *Alexiad*, pág. 321.
9 Sobre a fundação, fronteiras e fortunas do principado de Antioquia, veja Asbridge, Thomas S., The Creation of the Principality of Antioch, 1098–1130 (Woodbridge, 2000) e Buck, Andrew D., The Principality of Antioch and its Frontiers in the Twelfth Century (Woodbridge, 2017).
10 *Raymond D'Aguilers*, pág. 75.
11 Thackston, WM (trad.), Livro de viagens de Naser-e Khosraw (Safarnama) / traduzido do persa (Albany, 1986), p. 14.
12 *Raymond d'Aguilers*, pág. 78.
13 Ibid., pág. 79.
14 *Gesta Francorum*, pág. 80.
15 Esta tradução: Hillenbrand, Mito Turco e Símbolo Muçulmano, p. 151.
16 *Alberto de Aachen*, págs. 388–9.
17 *Raimundo de Aguilers*, pág. 91.
18 Ibid., pág. 114.
19 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 47.
20 *Alberto de Aachen*, págs. 392–3.
21 *Fulcher de Chartres*, pág. 121.
22 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 47.
23 *Roberto, o Monge*, pág. 213.
24 *Alberto de Aachen*, págs. 422–3.
25 *Raimundo de Aguilers*, pp. 121–2; Alberto de Aachen, pp. 412–13.
26 *Alberto de Aachen*, págs. 416–417.
27 Ibidem, pp. 424–5. França, Vitória no Oriente, p. 351, estima que a torre devia ter 15–17 metros (50–55 pés) de altura – aproximadamente a altura de uma casa de quatro andares.
28 *Ralph de Caen*, pág. 140; Alberto de Aachen, pp.
29 *Alberto de Aachen*, págs. 424–5.
30 *Raimundo de Aguilers*, pág. 126.

31 Ibid., pág. 127.
32 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 21.
33 *Raimundo de Aguilers*, pág. 127.
34 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 48.
35 Ver, por exemplo, Raymond de Aguilers, pp. 127–8 e Gesta Francorum, p. 91. Cf. Apocalipse 14: 20: 'E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos.'
36 *Alberto de Aachen*, págs. 432–3.
37 John, Simon, 'A "Festa da Libertação de Jerusalém": Lembrando e Reconstruindo a Primeira Cruzada na Cidade Santa, 1099–1187', em Kedar, Benjamin Z. et al.,*Cruzadas: Volume 3*(Abingdon, 2004), págs. 413–4.
38 *Alberto de Aachen*, págs. 442–3.
39 *Gesta Francorum*, pág. 92.
40 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 22.
41 Ibid., uma visão partilhada, por exemplo, pelo viajante espanhol Ibn al-Arabi, para a qual ver Drory, Joseph, 'Algumas observações durante uma visita à Palestina por Ibn al-Arabi de Sevilha em 1092–1095', em Kedar et al., Cruzadas: Volume 3, p. 120.
42 *Guibert de Nogent*, pág. 132.

Capítulo 9: Dividindo os Espólios

1 *Fulcher de Chartres*, págs. 130–1.
2 Ibid., pág. 132.
3 *Gesta Francorum*, pág. 97.
4 Ibid., pág. 96.
5 Sobre a incerteza historiográfica em torno do status de Daimbert como legado, veja Skinner, Patricia, 'From Pisa to the Patriarcate: Chapters in the Life of (Arch)bishop Daibert', em Skinner, Patricia (ed.), Challenging the Boundaries of Medieval History: The Legacy of Timothy Reuter (Turnhout, 2009), p. 164.
6 *Alberto de Aachen*, págs. 496–497.
7 *Fulcher de Chartres*, págs. 131–2.
8 *Alexiad*, pág. 325.
9 Barber, Malcolm, Os Estados Cruzados (New Haven e Londres, 2012), pp. 56–7.
10 *Alexiad*, pág. 324.
11 *Gesta Francorum*, pp. 64–5. Veja também Kostick, Conor, 'Coragem e covardia na Primeira Cruzada, 1096–1099', War in History 20 (2013), pp. 37–8.
12 Riley-Smith, Jonathan, Os primeiros cruzados: 1095–1131 (Cambridge, 1997), pp. 151–2.
13 Ibid., págs. 169–188.
14 Veja, por exemplo, Hall, M. e Phillips, J., Caffaro, Gênova e as Cruzadas do Século XII (Farnham, 2013), pág. 50.
15 Para as motivações complexas e cruzadas das forças italianas nessa época, vejaMarshall, Christopher J., 'As motivações cruzadas das cidades-repúblicas italianas no Oriente Latino, c.1096–1104', Rivista di Bizantinistica 1 (1991), pp. 41–68.
16 A discussão mais recente sobre os ataques pisanos a Mahdia é Grant, Alasdair C,'Pisan Perspectives: The Carmen in victoriam and Holy War, c.1000–1150' em English Historical Review (2016) pp. 983–1009, que inclui uma tradução em prosa inglesa de Carmen in victoriam Pisanorum. Veja também Cowdrey, HEJ, 'The Mahdia Campaign of 1087', English Historical Review (1977) pp.
17 O texto da carta é transcrito em Hagenmeyer, Heinrich,*Epistulae et chartae ad historiam primi belli sacri spectantes quae supersunt aevo aequales ac genvinae. Die Kreuzzugsbriefe aus den*

Ano 1088–1100; eine Quellensammlung zur Geschichte des ersten Kreuzzuges. Mit Erläuterungen(Innsbruck, 1901), pp. 155–6.

18 Houben, Roger II da Sicília, p. 24.

19 Ver de Ayala, Carlos, 'Sobre as origens das cruzadas na Península: o reinado de Alfonso VI (1065–1109)', Imago Temporis: Medium Aevum 7 (2013), p. 266.

20 Esse tradução: O'Callaghan, Reconquest and Crusade in Medieval Spain, p. 33. Veja também Erdmann, Carl, The Origin of the Idea of Crusade (Princeton, 1977), pp. 317–318.

21 Barber e Bate, Cartas do Oriente, pp. 34–5.

22 Ibidem.

Capítulo 10: Sigurd Jerusalemfarer

1 Hollander, Lee M. (trad.), Heimskringla: História dos Reis da Noruega / Snorri Sturluson (Austin, 1964), pág. 700.

2 Ibid., pág. 685.

3 Ibid., pág. 687.

4 Ibid., pág. 688.

5 *Alberto de Aachen*, pp. 222–25. Alguns anos depois, o meio-irmão de Sven, Érigo I, rei da Dinamarca, e sua esposa, a rainha Boedil, empreenderam sua própria peregrinação a Jerusalém. Érigo morreu e foi sepultado em Pafos, no Chipre, em 1103, a caminho de Constantinopla para Jerusalém. A rainha Boedil chegou à Cidade Santa, onde também morreu e foi sepultada no Vale de Josafá.

6 Isso também funcionou ao contrário. Em 921, o emissário de Bagdá, Ibn Fadlan, viajou rio acima pelo Volga e testemunhou vikings escandinavos realizando uma sinistra cerimônia de sepultamento e sacrifício em navios. Ver Lunde, Paul e Stone, Caroline (trad.), Ibn Fadlan and the Land of Darkness: Arab Travellers in the Far North (Londres, 2012), pp. 50-54.

7 *Heimskringla*, pág. 689.

8 Um exemplo comparável pode ser o Skuldelev 2, construído na área de Dublin na década de 1040: seus restos mortais estão expostos no Museu do Navio Viking em Roskilde, Dinamarca, e o navio foi construído em uma réplica funcional no século XXI como Havhingsten fra Glendalough.

9 Giles, John Allen (trad.), Crônica dos Reis da Inglaterra de William of Malmesbury (Londres, 1847), p. 443.

10 Ibid., pág. 444.

11 Uma boa discussão moderna sobre a parte espanhola da jornada de Sigurd a Jerusalém é Doxey,Gary B., 'Cruzados noruegueses e as Ilhas Baleares', Scandinavian Studies 68 (1996), pp. 139–60.

12 *Heimskringla*, pág. 690.

13 Ibidem.

14 Tradução: Steffanson, J., 'Os vikings na Espanha: de fontes árabes (mouras) e espanholas',*Livro Saga para o Clube Viking*6 (1908–9), pp. 35–6. Sobre este ataque, ver Christys, Ann, Vikings In The South: Voyages to Iberia and the Mediterranean (Londres, 2015), pp. 1–14.

15 *Heimskringla*, p. 691. Veja também Christys, Vikings In The South, pp. 100–2 para a inversão literária dos muçulmanos 'vikings' e dos noruegueses cristianizados.

16 Ibidem, p. 692. Doxey, 'Norwegian Crusaders and the Balearic Islands', p. 147 conjectura a localização da caverna com base na plausibilidade e no folclore local.

17 *Heimskringla*, pág. 692.

18 Ibidem, pág. 694.

19 Houben, Roger II da Sicília, p. 27.

20 O diário de Saewulf, em Wilkinson, John com Hill, Joyce e Ryan, WF (trad.),*Peregrinação a Jerusalém 1099–1185*(Londres, 1988), p. 94.

21 *Heimskringla*, p. 695, afirma que Sigurd cruzou 'o Mar Grego', o que interpretei como seguindo a rota padrão, próxima à terra, descrita no diário de Saewulf; veja Wilkinson et al., Jerusalem Pilgrimage, pp. 95–8.

22 *Alberto de Aachen*, págs. 800–1.
23 Ibidem, págs. 798–801.
24 Ibid., págs. 804–85.
25 *Heimskringla*, pág. 695.
26 Olaf foi canonizado pelo Papa Alexandre III em 1164 e ainda é um santo popular na Noruega eIlhas Faroé, comemorado com as celebrações de Olsok todos os anos em 29 de julho. A forma como ele morreu é objeto de alguma controvérsia.
27 *Ibn al-Qalanisi*, pp. 106–7; Alberto de Aachen, pp. 804–5.
28 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 107.
29 Ibid., pág. 108.
30 *Heimskringla*, pág. 696.
31 Ibid., pág. 697.
32 Ibid., pág. 699.
33 Ibid., pág. 714.
34 O ensaio clássico que explora a distinção entre peregrino e cruzado neste contextoé Tyerman, CJ, 'Houve alguma cruzada no século XII?', The English Historical Review 110 (1995), pp. 553–77.

Capítulo 11: Campos de Sangue

1 Toorawa, Shawkat M. (trad.), Consortes dos Califas: Mulheres e a Corte de Bagdá / Ibn Al- sā'I (Nova York, 2017), p. 62.
2 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 155.
3 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 111.
4 Ibidem.
5 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 154.
6 Ibid., pág. 155.
7 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 112.
8 *Fulcher de Chartres*, pág. 150.
9 Wilkinson et al., Peregrinação a Jerusalém, pp. 145, 149.
10 Ibid., pág. 101.
11 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 136.
12 Ibn al-Adim extraído e traduzido em Recueil des historiens des croisades: Historiens Orientaux (Paris, 1884), vol. III, pág. 616.
13 *Ibn al-Qalanisi*, págs. 158–9.
14 Asbridge, Thomas S. e Edgington, Susan B.,*'As Guerras Antioquenas' de Walter, o Chanceler: Uma Tradução e Comentário*(Aldershot, 1999), pág. 127.
15 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 160.
16 *Walter, o Chanceler*, págs. 132–6.
17 Sobre A reputação negra de Ilghazi, conforme filtrada pelos relatos de testemunhas como Walter, o Chanceler, veja Morton, 'Walter, o Chanceler, sobre Ilghazi', pp. 170–186.
18 Cobb, Paul (trad.), Usama ibn Munqidh / O Livro da Contemplação: Islã e as Cruzadas (Londres, 2008), p. 131.
19 *Alberto de Aachen*, págs. 868–9.
20 *Guilherme de Tiro*, vol. I, pág. 514.
21 *Guilherme de Tiro*, vol. I, pág. 522.
22 Sobre a natureza decisiva deste período ver Morton, Nicholas, The Field of Blood: The Battle for Aleppo and the Remaking of the Medieval Middle East (Nova Iorque, 2018), pp. 8–9.
23 Traduzido em Barber e Bate, Cartas do Oriente, pp. 42–4.
24 Ibidem.
25 Morton, O Campo de Sangue, p. 125.

26 *Guilherme de Tiro*, vol. I, pág. 536.
27 *Guilherme de Tiro*, vol. I, pág. 540.
28 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 251.
29 Um relato conciso da chamada Cruzada Veneziana é Riley-Smith, Jonathan, 'The Venetian Crusade of 1122–24' em Airaldi, Gabriella e Kedar, Benjamin Z. (eds.),*I Comuni Italiani nel Regno Crociato di Gerusalemme / As comunas italianas no Reino Cruzado de Jerusalém*(Génova, 1986), pp. 339–50.
30 *Guilherme de Tiro*vol. I, pág. 549.
31 Ibidem, págs. 554–5.
32 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 253.
33 Ibid., pág. 254.
34 Ibidem.
35 *Ibn al-Adim*, pág. 647.
36 Ibid., pág. 646.

Capítulo 12: Uma Nova Cavalaria

1 A construção do porto de Acre foi descrita pelo escritor e estudioso al-Muqaddasi, cujo avô foi o engenheiro-chefe. Collins, Basil (trad.), The Best Divisions for Knowledge of the Regions: Ahsan al-Taqasim fi Ma'rifat al-Aqalim / Al-Muqaddasi (Reading, 2001), pp. 138–139.
2 Sobre o desenvolvimento do Acre durante o primeiro século de ocupação franca, veja Ehrlich, Michael, 'Urban Landscape Development in Twelfth-Century Acre', Journal of the Royal Asiatic Society 18 (2008), pp. 257–74.
3 Röhricht, Reinhold (ed), Regesta Regni Hierosolymitani, 1097–1291 (Innsbruck, 1893), vol. Eu, pág. 25.
4 Três cronistas relatam a fundação da Ordem do Templo: Guilherme de Tiro, Miguel, o Sírio, e Walter Map. Uma discussão sobre seus méritos e limitações relativos pode ser encontrada em Barber, Malcolm, The New Knighthood: A History of the Order of the Temple (Cambridge, 1994), pp. 6–9.
5 A bula que concede esses privilégios, conhecida como pie postulatio voluntatis ('Um pedido piedoso'), pode ser vista hoje na Biblioteca Nacional de Malta, em Valletta.
6 *Guilherme de Tiro*, vol. I, pág. 525.
7 James, MR (trad.), Brooke, CNL e Mynors, RAB (rev.), Walter Map: De Nugis Curialium / Courtiers' Trifles (Oxford, 1983), pp. 54–5.
8 Marquês d'Albon, Cartulaire général de l'Ordre du Temple, 1119?–1150 (Paris, 1913), vol. Eu, pág. 1.
9 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 40.
10 Sobre os esforços de Hugh para recrutar para o ataque a Damasco, veja Phillips, Jonathan, 'Hugh of Payns and a Cruzada de Damasco de 1129', em Barber, Malcolm (ed.), As Ordens Militares I: Lutando pela Fé e Cuidando dos Doentes (Aldershot, 1994), pp. 141–7.
11 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 47.
12 Barber, A Nova Cavalaria, p. 14.
13 Garmonsway, GN (trad.), The Anglo-Saxon Chronicle (Londres, 1953), p. 259.
14 Phillips, 'Hugh de Payns e a Cruzada de Damasco de 1129', p. 144.
15 UM a tradução inglesa mais recente da carta de São Bernardo é Scott James, Bruno (trad.) e Kienzle, Beverly Mayne (introdução), The Letters of St Bernard of Clairvaux (Guildford, 1998).
16 A melhor edição moderna da Regra dos Templários é Upton-Ward, JM,*A Regra dos Templários: O Texto Francês da Regra da Ordem dos Cavaleiros Templários*(Woodbridge, 1992).
17 Greenia, M. Conrad (trad.) e Barber, Malcolm (introdução),*Bernardo de Claraval / Em Louvor à Nova Cavalaria*(Trapista, Kentucky, 2000), pp. 33, 39.
18 Riley-Smith, Os primeiros cruzados: 1095–1131, pp. 183–5.
19 *Crônica Anglo-Saxônica*, pág. 259.

20 Para a data da morte de Tughtakin, Ibn al-Athir, vol. I, p. 274.
21 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 195.
22 *Al-Muqaddasi*, págs. 133–4.
23 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 278.
24 *Ibn al-Qalanisi*, págs. 192–3.
25 Atos 9: 2–9.
26 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 197.
27 Ibid., pág. 198.
28 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 42.
29 *Ibn al-Qalanisi*, págs. 199–200.

Capítulo 13: Melisende, a Magnífica

1 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 45.
2 A análise clássica disso pode ser encontrada em Mayer, Hans Eberhard, 'Studies in the History of Queen Melisende of Jerusalem', Dumbarton Oaks Papers 26 (1972), especialmente pp. 98–110. Cf. Hamilton, Bernard, 'Women in the Crusader States: The Queens of Jerusalem, 1100–1190', em Baker, Derek (ed.), Medieval Women (Oxford, 1978), p. 149, que é cético sobre os termos originais da oferta a Fulk.
3 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 208.
4 Chibnall, Orderic Vitalis, vol. VI, pp. 390–3. A afirmação de Orderic é testada em relação à evidência da carta por Mayer, Hans Eberhard, 'Angevins versus Normans: The New Men of King Fulk of Jerusalem', Proceedings of the American Philosophical Society 133 (1989), pp. 1–25.
5 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 382.
6 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 44.
7 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 215.
8 *Guilherme de Tiro*, vol. II, 71.
9 Ibid., pág. 73.
10 Ibid., pág. 76.
11 Hoje, o 'Saltério de Melisende' é mantido na coleção da Biblioteca Britânica: Egerton MS 1139, que pode ser visualizado no site de manuscritos digitalizadosnoalturatp://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Egerton_MS_1139.
12 Folda, Jaroslav,*Arte Cruzada: A Arte dos Cruzados na Terra Santa, 1099–1291*(Aldershot, 2008), pág. 36. Ver também Tranovich, Margaret, Melisende of Jerusalem: The World of a Forgotten Crusader Queen (Londres, 2011), pp.
13 Este relicário está hoje no Württembergischen Landesmuseum em Stuttgart. Nele, e outrosdo mesmo tipo que são encontrados em Augsburg, Barletta, Scheyern e outros lugares, veja Boas, Adrian J., Jerusalem in the Time of the Crusades: Society, Landscape and Art in the Holy City under Frankish Rule (Londres, 2001), p. 198.
14 Tranovich, Melisende de Jerusalém, pp. xviii, 142–3.
15 Boas,*Jerusalém na época das Cruzadas*, p. 147. O mercado coberto data do final do período de maior influência de Melisende, iec1152.
16 *Ibn al-Athir*, vol. I, págs. 21–2.
17 Esta igreja original é descrita por Daniel, o Abade: Wilkinson, Hill e Ryan (eds),*Peregrinação a Jerusalém*, p. 133. Veja também Pringle, Denys, The Churches of the Crusader Kingdom of Jerusalem: A Corpus (Cambridge, 1993), vol. I, pp. 123–37.
18 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 133.
19 EU devo esta observação a uma conversa com o professor Jonathan Phillips no final do verão de 2018.
20 Boas, Jerusalém na época das Cruzadas, pp. 103–5.
21 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 81.

22 Kennedy, Hugh, Castelos dos Cruzados (Cambridge, 1994), p. 32.
23 Cf. Riley-Smith, Jonathan,*Hospitalários: A História da Ordem de São João*(Londres e Rio Grande, 1999), que observa que foi somente em 1160 que os Hospitalários se tornaram uma força militar de pleno direito.
24 As fontes gregas para esta história, repetidas por Guilherme de Tiro, são pesquisadas em Browning, Robert, 'A Morte de João II Comneno',*Bizâncio*31 (1961), págs. 229–35.
25 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 134.
26 *Cartas de São Bernardo*, n.os 273, 346.
27 *Guilherme de Tiro*, vol. II, págs. 139–40.

Capítulo 14: As Espadas de Nossos Pais

1 Mirot, Léon (ed.), La Chronique de Morigny (1095–1152) (Paris, 1909), pp.
2 Ryan, William Granger (trad.) e Duffy, Eamon (introdução), The Golden Legend: Readings on the Saints / Jacobus de Voraigne (Princeton e Oxford, 2012), p. 35.
3 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 143.
4 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 373.
5 *Crônica de Morigny*, pág. 83.
6 Sobre as fontes crônicas das atividades heréticas de Pedro e Henrique, veja Colish, Marcia L., 'Peter of Bruys, Henry of Lausanne, and the Façade of St.-Gilles', Traditio 28 (1972), pp. 451–7.
7 Phillips, Jonathan, A Segunda Cruzada: Expandindo as Fronteiras da Cristandade (New Haven e Londres, 2007), pp. 43–4.
8 *Cartas de São Bernardo*, pág. 384.
9 Veja Ferzoco, George, 'A Origem da Segunda Cruzada' em Gervers, Michael (ed.), The Second Crusade and the Cistercians (Nova York, 1992), pp. 91–9.
10 Esta tradução em inglês de*Praedecessores Quânticos*é Riley-Smith e Riley-Smith, As Cruzadas: Ideia e Realidade, pp. 57–9.
11 Paulo, Nicholas L.,*Para seguir seus passos: as Cruzadas e a memória familiar na Alta Idade Média*(Ithaca e Londres, 2012), pp. 103–104. Outras relíquias e tesouros semelhantes abundavam: na Normandia, uma peça milagrosa de topázio devolvida ao ducado pelo Duque Robert era considerada uma relíquia de família. Tão ao norte quanto Fife, na Escócia, o priorado da catedral em St. Andrews guardava armas turcas e a bela sela de um cavalo árabe trazida do leste na primeira década do século XII.
12 Relatado por William de Newburgh. Stevenson, Joseph (trad.),*A História de Guilherme de Newburgh*(Felinfach, 1996), pág. 442.
13 Baga, Virginia Gingerick (trad.), Odo de Deuil: De Profectione Ludovici VII in Orientem (Nova York, 1948), pp.
14 Ibidem.
15 Ibid., págs. 8–9.
16 Ibid., pág. 11.
17 Bédier, J. e Aubry, P. (eds.),*Les Chansons de croisade com suas melodias*(Paris, 1909), pp. 8–10.
18 Ward, Benedicta, Milagres e a mente medieval (Aldershot, 1987), pp. 180, 182.
19 *Cartas de São Bernardo*, pág. 461.
20 Ibid., pág. 464.
21 Ibid., pág. 465.
22 Eidelberg, Shlomo (trad.),*Os Judeus e os Cruzados: As Crônicas Hebraicas da Primeira e Segunda Cruzadas*(Madison e Londres, 1977), pág. 122.
23 Ibid., pág. 123.
24 *Cartas de São Bernardo*, pág. 465.
25 Eidelberg, Os judeus e os cruzados, p. 127.

26 Mierow, Charles Christopher (trad.), Otto de Freising e seu continuador, Rahewin / The Deeds of Frederick Barbarossa (Toronto, 1994), p. 75.
27 *Atos de Frederico Barbarossa*, pág. 75.
28 Ibid., pág. 76.

Capítulo 15: Convertido ou Excluído

1 A descrição física de Jorge de Antioquia aqui se baseia na imagem dele encontrada no mosaico da igreja de Santa Maria dell'Ammiraglio em Palermo, que ele encomendou e que foi concluído em sua vida.
2 Para resumos dos fatos da vida e carreira de Jorge de Antioquia, veja Houben, Roger II da Sicília, pp. 33–4, 150; Metcalf, Os muçulmanos da Itália medieval, pp. 126–8.
3 Metcalf, Os muçulmanos da Itália medieval, p. 79
4 *Ibn al-Athir*, vol. II, págs. 16–17.
5 Veja acima, Capítulo 1.
6 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 380.
7 *Ibn al-Athir*, vol. II, pág. 14.
8 Houben, Roger II da Sicília, p. 79.
9 Metcalfe, Os muçulmanos da Itália medieval, p. 163.
10 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 380.
11 Esta vestimenta notável, semelhante em formato a uma capa eclesiástica e maravilhosamente preservada, está hoje exposta entre muitos outros tesouros do Sacro Império Romano no Kaiserliche Schatzkammer em Viena, número de inventário Treasury, WS XIII 14.
12 Sanders, Paula, Ritual, política e a cidade no Cairo fatímida (Albany, 1994), pp. 25–6.
13 Esta tradução: Riley-Smith e Riley-Smith, The Crusades: Idea and Reality, pp. 75–7.
14 Ibid.; Dragnea, Mihai, 'Vingança Divina e Justiça Humana na Cruzada Wendish de 1147', *Colégio Medieval*29 (2016), pág. 53.
15 Christiansen, Eric, The Northern Crusades, 2ª ed. (Londres, 1997), p. 53.
16 *Atos de Frederico Barbarossa*, pág. 76.
17 Ibidem.
18 *Cartas de São Bernardo*, págs. 466–7.
19 Ibid. foi 'convertido ou eliminado'.
20 David, Charles Wendell (trad.),*A Conquista de Lisboa / De Expugnatione Lyxbonensi*, nova ed. (Nova York, 2001), pp. 90–3.
21 Phillips, A Segunda Cruzada, pp. 255–6.
22 *A Conquista de Lisboa*, pág. 16.
23 Bennett, Matthew, 'Aspectos militares da conquista de Lisboa, 1147', em Phillips, Jonathan e Hoch, Martin (eds.), The Second Crusade: Scope and Consequences (Manchester, 2001), p. 73.
24 *A Conquista de Lisboa*, págs. 56–7.
25 Ibid., pp. 70–3.
26 Ibid., págs. 78–81.
27 Ibid., pp. 90–1.
28 Ibid., págs. 128–9, 134–5, 142–3.
29 Ibid., págs. 136–9.
30 Ibid., págs. 132–3.
31 Ibid., págs. 138–9, 144–5.
32 *Relação de tradução de S. Vincentii martyris*; esta tradução em Constable, Giles, Crusaders and Crusading in the Twelfth Century (Farnham, 2008), p. 303.
33 *A Conquista de Lisboa*, págs. 182–3.

Capítulo 16: A História se Repete

1 *Alexiad*, pág. 422.
2 Brand, Charles M. (trad.), Deeds of John and Manuel Comnenus / por John Kinnamos (Nova York, 1976), p. 58.
3 Stephenson, P., 'Alexíada de Anna Comnena como fonte para a Segunda Cruzada?', Journal of Medieval History 29 (2012), pp. 41–54 resume a literatura sobre a composição da Alexíada no contexto da Segunda Cruzada.
4 Jeffreys, E. e Jeffreys, M., 'A "Besta Selvagem do Ocidente": Reações Literárias Imediatas em Bizâncio à Segunda Cruzada', em Laiou, Angeliki e Mottahedeh, Roy P. (eds.), As Cruzadas da Perspectiva de Bizâncio e do Mundo Muçulmano (Washington DC, 2001), p. 104.
5 Brial, Michel-Jean-Joseph (ed.), Recueil des Historiens des Gaules et de la France (Paris, 1878), vol. XVI, pág. 9.
6 A estimativa de "nove miríades" — ou 900.000 pessoas — dada por John Kinnamos é claramente fantasiosa.
Feitos de João e Manuel Comneno, pág. 60.
7 Jeffreys e Jeffreys, 'A "Besta Selvagem" do Oeste', p. 109.
8 *Atos de Frederico Barbarossa*, pág. 81.
9 *Feitos de João e Manuel Comneno*, pág. 63.
10 Sobre a taxa realista de progresso através da Anatólia, veja Phillips, The Second Crusade, pp. 177–8.
11 Cobb, A corrida pelo paraíso, pp. 138–9.
12 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 281.
13 Carta para Wibald, abade de Stavelot e Corvey, escrito no final de fevereiro de 1148. Esta tradução: Barber e Bate, Letters from the East, p. 45.
14 *Odo de Deuil*, pág. 17.
15 Para o exemplo da abadia de Fleury, veja Constable, Crusaders and Crusading in the Twelfth Century,
págs. 117–19.
16 *Feitos de João e Manuel Comneno*, pág. 69.
17 *Odo de Deuil*, págs. 64–5.
18 Ibid., págs. 56–9.
19 Ibidem. pp. 112–13. A derrota de Conrado em Dorileia, por outro lado, foi anunciada por um terrível eclipse parcial, no qual o sol ficou com a forma "de meio pão" por um longo período, aparentemente imitando os esforços medíocres de Conrado no campo de batalha.
20 Ibid., págs. 114–15.
21 Ibid., págs. 116–17.
22 Ibidem.
23 Ibid., págs. 118–19.
24 *Ibn al-Qalanisi*, págs. 271–2.
25 *Ibn al-Athir*, vol. I págs. 382–3.
26 Este é um trocadilho bastante elaborado, baseado na semelhança do nome Zengi (ou Zangi) com oPalavra latina para sangue (sanguis, sanguinis). Guilherme de Tiro, vol. II, pág. 146.
27 *Ibn al-Athir*, vol. II, págs. 222–3.
28 *Guilherme de Tiro*, vol. II, págs. 394–5.
29 *Ibn al-Athir*, vol. II, p. 8, relata a história miserável de uma jovem que foi tomada duas vezes como espólio de guerra em Edessa – primeiro por Zengi e novamente por Nur al-Din; em ambas as ocasiões ela foi enviada a Zayn al-Din Ali, da cidadela de Mosul, que parece tê-la estuprado, segundo o relato de Ibn al-Athir.
30 Esta tradução: Phillips, The Second Crusade, p. 210.
31 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 179.
32 Ibid., pág. 180.
33 Ver Turner, Ralph V., Eleanor of Aquitaine (New Haven e Londres, 2009), p. 87.
34 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 180.
35 *Feitos de João e Manuel Comneno*, pág. 71.

36 *Guilherme de Tiro*, vol. II, págs. 189–90.
37 Ibid., pág. 191.
38 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 286.
39 Ibid., pág. 287.
40 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 180.
41 *Alexiad*, pág. 331.

Capítulo 17: A Corrida pelo Egito

1 *Usama ibn Munqidh*, pág. 29; Ibn al-Athir, vol. II, pág. 67. Ibn Munqidh nomeia o servo como Sa'id al-Dawla.
2 *O Livro da Contemplação*, pág. 30.
3 *Ibn al-Athir*, vol. II, pág. 68.
4 O estudo acadêmico mais recente sobre o califado fatímida é Brett, Michael, The Fatimid Empire (Edimburgo, 2017).
5 *As Melhores Divisões para Conhecimento das Regiões*, págs. 163–6.
6 *Ibn al-Qalanisi*, p. 317, dando a perspectiva de Damasco.
7 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 296.
8 Ibid., págs. 297–298.
9 Zaki al-Din Muhammad al-Wahrani, esta tradução de Lyons, Malcolm Cameron e Jackson, DEP, Saladino: A política da Guerra Santa (Cambridge, 1982), p. 6.
10 *Ibn al-Athir*, vol. I, pág. 138.
11 Veja Buck, O Principado de Antioquia, pp. 38–44.
12 *Ibn al-Qalanisi*, págs. 319–321.
13 Sobre o minbar, veja Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives, p. 152.
14 Tyerman, Guerra de Deus, p. 345.
15 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 302.
16 *Ibn al-Athir*, vol. II, pág. 144.
17 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 313.
18 Ibid., págs. 303–4.
19 *Ibn al-Athir*, vol. II, pág. 146.
20 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 308.
21 Ibidem.
22 Ibid., pp. 319–20 contém um relato soberbo baseado em depoimentos de testemunhas oculares da vida do califa.apartamentos palacianos.
23 Abu Shama, 'O Livro dos Dois Jardins', traduzido em Recueil des historiens des croisades: historiens orientaux (Paris, 1898), vol. IV, pág. 137
24 Ibid., pág. 351.
25 Ibid., pág. 356.
26 Ibid., pág. 357.
27 *Ibn al-Athir*, vol. II, pág. 175; Alcorão, vol. VI, pág. 44.

Capítulo 18: Por causa dos nossos pecados

1 *Ibn al-Athir*, vol. II, pág. 196.
2 Ibidem.
3 Ibidem.
4 Algumas fontes, incluindo a multi-autorada História dos Patriarcas da Igreja Egípcia, dão outras explicações para a morte de al-Adid: que ele cometeu suicídio depois de saber que o irmão de Saladino, Turan-Shah, pretendia assassiná-lo; que Turan-Shah realmente o assassinou, depois de interrogá-lo sobre a localização de seu tesouro; que Saladino e Turan-Shah enganaram o califa

a beber vinho com ele e então declarou que, por ter cometido esse ato anti-islâmico, estava deposto. Ver Lev, Yaacov, Saladino no Egito (Leiden, 1998), pp. 82–83.

5 *Ibn al-Athir*, vol. II, pág. 197.

6 Richards, DS (trad.), Baha al-Din Ibn Shaddad / A Rara e Excelente História de Saladino (Farnham, 2002), pág. 17.

7 *Ibn al-Qalanisi*, pág. 273.

8 *Ibn Shaddad*, págs. 26–7.

9 Ibid., pág. 28.

10 Nicholson, Helen, A Crônica da Terceira Cruzada: O 'Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi' (Farnham, 1997), p. 23.

11 Imad al-Din, citado por Abu Shama, Recueil des historiens des croisades orientaux, vol. IV, pág. 147.

12 Ibid., pág. 153.

13 Sobre as aventuras de Qaraqush no norte da África, veja Baadj, Amar, 'Saladin e as Campanhas Aiúbidas no Magreb', Al-Qantara 34 (2013).

14 O apelo pragmático de um estado-tampão franco – então contra o Grande Império Seljúcida – tinha sido reconhecido por muitos no Egito Fatímida na época da Primeira Cruzada.

15 Esta tradução: Hillenbrand, The Crusades: Islamic Perspectives, p. 166.

16 Sobre o uso de imagens sísmicas por Saladino, Lyons e Jackson,*Saladino: A Política da Guerra Santa*, p. 74; sobre o terremoto de 1170, Guidoboni, Emanuela et al., 'O grande terremoto em 29 de junho de 1170 (Síria, Líbano e centro-sul da Turquia)', Journal of Geophysical Research, 109 (2004).

17 Lyons e Jackson,*Saladino: A Política da Guerra Santa*, p. 75. A preocupação de Saladino com o "castigo amargo" de Amalric é um trocadilho com a semelhança entre o nome do rei e a palavra árabe murr, que significa amargo.

18 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 398.

19 Sobre este aspecto da doença de Baldwin, veja Lay, Stephen, 'Um leproso de púrpura: a coroação de Baldwin IV de Jerusalém', Journal of Medieval History 23 (1997), pp. 318–19.

20 Lyons e Jackson, Saladino: A política da guerra santa, p. 239.

21 *Guilherme de Tiro*, vol. II, pág. 407.

22 Para Filipe da Alsácia, veja Stubbs, William (ed.),*Radulfi de Diceto Decani Lundoniensis Opera Historica / As Obras Históricas do Mestre Ralph de Diceto*(Londres, 1876), vol. I, p. 402. Outros senhores que vieram em cruzadas privadas na mesma época (embora por motivos menos sensacionais) incluíram Estêvão de Perche, arcebispo de Palermo; Guilherme, conde de Nevers; Estêvão de Sancerre; Estêvão, conde de Saône; e Hugo, duque da Borgonha. Veja Barber, The Crusader States, pp. 252–253.

23 Christiansen, As Cruzadas do Norte, p. 71.

24 Barber e Bate, Cartas do Oriente, pp. 53–4.

25 Ibid., pág. 73.

26 *Ralph de Diceto*, vol. II, pág. 34.

27 Para uma narração completa deste encontro ver Warren WL, Henry II, nova ed. (New Haven e Londres, 2000), pp. 604–5.

28 Broadhurst, Roland, As viagens de Ibn Jubayr (Londres, 1952), p. 311.

29 Narrado mais recentemente em Lee, Jeffrey, God's Wolf: The Life of the Most Notorious of All Crusaders, Reynald de Chatillon (Londres, 2016), pp. 202–7.

30 Continuação em francês antigo de Guilherme de Tiro em Edbury, Peter W.,*A Conquista de Jerusalém e a Terceira Cruzada*(Farnham, 1998), pág. 11.

31 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 76.

32 *Ibn Shaddad*, pág. 72.

33 Ibid., pág. 73.

34 *Ibn al-Athir*, vol. II, pág. 323.

35 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 77.
36 A regra 419 da Regra condenava teoricamente ao banimento da ordem um irmão que'foge do campo [de batalha] por medo dos sarracenos, enquanto a bandeira malhada [a bandeira oficial dos Templários, metade preta e metade branca] ainda está hasteada.' Veja Upton-Ward, The Rule of the Templars, p. 112.
37 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 79.
38 Conforme relatado ao Papa Urbano III pelo Patriarca Eraclius em setembro de 1187; ibid., pp. 80-1.
39 Continuação em francês antigo de Guilherme de Tiro em A Conquista de Jerusalém e a Terceira Cruzada,
pág. 59.
40 Sobre a identidade do pregador, veja Ibn al-Athir, vol. II, p. 334. Para uma tradução em inglês de Muhyi al-Din khutbah, veja Slane, William MacGuckin (trad.), Dicionário biográfico de Ibn Khallikan (Paris, 1842), vol. II, pp. 634–41.

Capítulo 19: Leoas e Corações de Leão

1 A edição acadêmica latina mais recente do texto conhecido como Hodoeporicon et percal Margarite Iherosolimitane é Schmidt, Paul Gerhard, 'Peregrinatio periculosa': Thomas of Froidmont über die Jerusalemfahrten seiner Schwester Margareta', em Munari et al., Kontinuität und Wandel. Lateinische Poesie von Naevius bis Baudelaire (Hildesheim, 1986), pp. Uma tradução francesa pode ser encontrada em Michaud, M., Bibliothèque des Croisades: Troisième partie (Paris, 1829), pp. A questão da autoria de Margaret não está resolvida: claramente construída para enfatizar a ideia do seu sofrimento como uma analogia ao martírio, a evidência interna sugere que Margaret era alfabetizada; mas é igualmente provável que seu relato tenha sido escrito por seu irmão Thomas de Froidmont.
2 Ibidem.
3 Entre a crescente literatura sobre o papel das mulheres durante as cruzadas, veja Edgington, Susan Português B. e Lambert, Sarah, Gendering the Crusades (Cardiff, 2001); Hamilton, Bernard, 'Mulheres nos estados cruzados: as rainhas de Jerusalém 1100–90', em Baker, Derek (ed.), Medieval Women (Oxford, 1978), pp. Nicholson, Helen, 'Envolvimento das mulheres nas cruzadas', em Boas (ed.), The Crusader World, pp. Hodgson, Natasha, Mulheres, Cruzadas e a Terra Santa na Narrativa Histórica (Woodbridge, 2007); Maier, Christoph T., 'Os papéis das mulheres no movimento das cruzadas: uma pesquisa', Journal of Medieval History 30 (2004), pp. e neste contexto especialmente, Nicholson, Helen, 'Mulheres na Terceira Cruzada', Journal of Medieval History 23 (1997), pp. 335–49.
4 Tiro sobreviveu em grande parte graças às suas formidáveis defesas e à liderança de Conrado de Montferrat, um nobre italiano considerado "um demônio entre os homens, bom em organizar e defender, um homem de grande bravura". Veja Ibn al-Athir, vol. II, p. 329. Trípoli e Antioquia também resistiram.
5 Galatariotou, Catia, A formação de um santo: a vida, os tempos e a santificação de Neófito, o Recluso (Cambridge, 1991), pp. 206–7; Angold, Michael, 'A queda de Jerusalém (1187) vista de Bizâncio', em Boas, O mundo dos cruzados, p. 296.
6 O papado de Urbano III durou de 25 de novembro de 1180 até sua morte em 20 de outubro de 1187 – sua morte claramente ocorreu antes que ele pudesse ter conhecimento da queda de Jerusalém, apenas dezoito dias antes. O cronista inglês Guilherme de Newburgh afirmou que mesmo a notícia de Hattin (4 de julho) só chegou à Itália alguns dias após a morte de Urbano. Ver Edbury (trad.), The Conquest of Jerusalem and the Third Crusade, p. 75; Guilherme de Newburgh, p. 542.
7 Uma tradução em inglês desta bula pode ser encontrada em Riley-Smith e Riley-Smith, The Crusades, Idea and Reality, pp. 63–7.
8 *A Conquista de Jerusalém e a Terceira Cruzada*, pág. 75.
9 Riley-Smith e Riley-Smith, As Cruzadas, Ideia e Realidade, p. 65.
10 Conforme escrito em audita tremendi; ibid., p. 67.
11 Loud, GA (trad.),*A Cruzada de Frederico Barbarossa: A História da Expedição do Imperador Frederico e Textos Relacionados*(Farnham, 2010), pág. 41.

12 O primeiro é o número mais provável. Veja ibid., pp. 19 e 32n66.
13 Ibid., pág. 45.
14 *Itinerário Peregrinorum*, págs. 146, 190.
15 Ver Gillingham, John, Richard I (New Haven e Londres, 1999), pp. 266–7.
16 Tradução: ibid.
17 Tyerman, Christopher, Como planejar uma cruzada: razão e guerra religiosa na Alta Idade Média (Londres, 2015), p. 263.
18 Veja acima, 'Introdução'.
19 *Guilherme de Newburgh*, pág. 556.
20 Appleby, John T., A Crônica de Ricardo de Devizes da Época do Rei Ricardo I (Londres, 1963), p. 4.
21 *Itinerário Peregrinorum*, pág. 48.
22 Bédier e Aubry, Les Chansons de croisade avec leurs melodies, pp. 283–5; esta tradução: Riley-Smith e Riley-Smith, The Crusades: Idea and Reality, pp. 157–9.
23 Ailes, Marianne e Barber, Malcolm (eds. e trad.),*A História da Guerra Santa: Estoire De La Guerre Sainte de Ambroise*(Woodbridge, 2003), vol. II, pág. 34.
24 Sobre A barba e a força de Guilherme I, e a ausência comparativa do registro histórico de anedotas sobre seu filho, veja Matthew, Donald, The Norman Kingdom of Sicily (Cambridge, 1992), pág. 167.
25 Ibid., pág. 280.
26 Comparar*Estoire De La Guerre Sainte de Ambroise*, vol. II, p. 44, com a tradução de Pedro de Eboli em Wolsing, Ivo, "“Olha, aí vem o meio-homem!” Deslegitimando Tancredo de Lecce no Liber ad honorem Augusti de Pedro de Eboli', Al-Masaq (2018), p. 6 (e comentário, ibid., pp. 1– 15).
27 *Estoire De La Guerre Sainte de Ambroise*, vol. II, pág. 39.
28 'Mategrifon'; Appleby, Richard of Devizes, pp. 24–5 apresenta 'Griffon-Killer'.
29 *Estoire De La Guerre Sainte de Ambroise*, vol. II, pág. 48.
30 Ibidem.
31 *Itinerário Peregrinorum*, pág. 179.
32 Magoulias, Harry J., O City of Byzantium, Annals of Niketas Choniates (Detroit, 1984), p. 161.
33 Para as algemas de prata, Itinerarium Peregrinorum, p. 194. Isaac acabou sendo libertado da prisão, mas morreu pouco depois, em 1195.
34 Descrito em A Cruzada de Frederico Barbarossa, p. 111.
35 Ibid., pág. 115.
36 Rigor de St Denis; esta tradução de Hosler, John D., The Siege of Acre: 1189–1191 (New Haven e Londres, 2018), p. 109.
37 *Itinerário Peregrinorum*, pág. 106.
38 *Estoire De La Guerre Sainte de Ambroise*, vol. II, pág. 66.
39 *Ibn al-Athir*, vol. II, pág. 387.
40 *Ibn Shaddad*, pág. 146.
41 Ibid., pág. 158.
42 Para uma discussão sobre a legalidade e uma breve comparação com as próprias ações de Saladino, que incluíamo massacre deliberado de 200 Templários e Hospitalários após Hattin, veja Hosler, O Cerco de Acre, págs. 154–155.
43 *Itinerário Peregrinorum*, pág. 249.
44 *Ibn Shaddad*, págs. 195–6.
45 UM Uma grande luta pelo poder eclodiu no mundo aiúbida após a morte de Saladino; al-Adil levou até 1200 para consolidar sua posição como sucessor de seu irmão.

Capítulo 20: Consumido pelo Fogo

1 Tampouco era verdade que Dandolo tivesse sofrido o ferimento durante uma briga nas ruas de Constantinopla. Ver Runciman, Steven, A History of the Crusades: Volume 3, The Kingdom of Acre and the Later Crusades (Cambridge, 1954), p. 97. Para uma discussão sobre as fontes da cegueira de Dandolo e exemplos de sua caligrafia deteriorada, ver Madden, Thomas F., Enrico Dandolo and the Rise of Venice (Baltimore, 2003), pp. 65–68.

2 Marzials, Frank Thomas (trad.), Crônicas das Cruzadas de Villehardouin e De Joinville (Londres, 1908), p. 17.

3 *Ibn al-Athir*, vol. III, p. 76, relata a necessidade de Dandolo de ser conduzido a cavalo.

4 *Alexiad*, págs. 162–3.

5 Veja acima, cap. 11.

6 Madden, Enrico Dandolo e a ascensão de Veneza, p. 71.

7 O texto completo do juramento de Dandolo, o primeiro do gênero a sobreviver, foi traduzido para o inglês em ibid., pp. 96–8.

8 Edgington, Susan B. e Sweetenham Carol (trad.) The Chanson d'Antioche: An Old French Account of the First Crusade (Farnham, 2011).

9 *A Conquista de Jerusalém e a Terceira Cruzada*, p. 143, acrescenta a afirmação de que Henry teria sobrevivido se seu anão de estimação também não tivesse caído e pousado em cima dele.

10 Uma tradução em inglês de*pós miserável*está em Bird et al. (eds.), Cruzada e Cristandade: Documentos Anotados em Tradução de Inocêncio III à Queda de Acre, 1187–1291 (Filadélfia, 2013), pp. 31–7.

11 Ibid., pág. 32.

12 Moore, John C., Papa Inocêncio III (1160/1–1216): Arrancar e Plantar (Leiden, 2003), p. 103.

13 Fulk Durante muito tempo, acreditou-se que o Papa de Neuilly desempenhou um papel central em Écry, uma visão hoje desacreditada. Para uma reavaliação recente de sua pregação em geral, veja Jones, Andrew W., 'Fulk of Neuilly, Innocent III, and the Preaching of the Fourth Crusade', Comitatus: A Journal of Medieval and Renaissance Studies 41 (2010), pp. 119–148. Para Martin de Pairis, veja Andrea, Alfred J. (trad.), The Capture of Constantinople: The 'Hystoria Constantinopolitana' of Gunther of Pairis (Filadélfia, 1997), pp. 69–70.

14 *Villehardouin e De Joinville*, pág. 5.

15 Phillips, A Quarta Cruzada, p. 66.

16 *Villehardouin e De Joinville*, pág. 8.

17 Para exemplos de doações para fundações religiosas locais, veja os estatutos de Viard de Prés e Simon de Malesnes em Slack, Corliss Konwiser (ed.), Crusade Charters: 1178–1270 (Tempe, 2001), pp. 132–3, 140–1.

18 *Roberto de Clari*, cap. 7 em Stone, Edward N. (ed.), Três antigas crônicas francesas das Cruzadas (Seattle, 1939).

19 Madden, Enrico Dandolo e a ascensão de Veneza, p. 141.

20 *A Captura de Constantinopla*, pág. 79.

21 Ibid., pág. 80.

22 Andrea, AJ, Fontes contemporâneas para a Quarta Cruzada (Leiden, 2000) p. 48.

23 *Anais de Nicetas Coniates*, págs. 242, 248.

24 *Villehardouin e De Joinville*, pág. 23.

25 Ibidem.

26 *A Captura de Constantinopla*, pág. 83.

27 Ibid., pág. 89.

28 Ibid., pág. 30.

29 *Villehardouin e De Joinville*, pág. 31.

30 Harris, Jonathan, Constantinopla: Capital de Bizâncio, 2ª ed. (Londres, 2017), p. 6.

31 *Villehardouin e De Joinville*, pág. 31.

32 *Anais de Nicetas Coniates*, pág. 298.
33 Ibidem.
34 Esta tradução e uma discussão sobre a relação entre cavalheirismo e cruzada, veja Hodgson, Natasha, 'Honra, Vergonha e a Quarta Cruzada',*Revista de História Medieval*39 (2013), págs. 220–39.
35 *Anais de Nicetas Coniates*, pág. 304.
36 *Roberto de Clari*, pág. 59.
37 Ibid., pág. 62
38 Ibid., pág. 71.
39 *A Captura de Constantinopla*, págs. 105–6.
40 *Anais de Nicetas Coniates*, pág. 322.
41 Phillips, A Quarta Cruzada, p. 263.
42 *Anais de Nicetas Coniates*, pág. 323.
43 Sobre A defesa de Dandolo de 1205, veja Queller, Donald E. e Katele, Irene B., 'Atitudes em relação aos venezianos na Quarta Cruzada: as fontes ocidentais', The International History Review 4 (1982), pp. 2–3.
44 Sobre o equilíbrio de motivação entre piedade e dinheiro, veja Neocleous, Savvas,'Financeiros, cavalheirescos ou religiosos? Os motivos da Quarta Cruzada reconsiderados', Journal of Medieval History 38 (2012), pp. 183–206.
45 *Anais de Nicetas Coniates*, pág. 295.
46 O o debate sobre a culpabilidade de Veneza e Dandolo pelos eventos da Quarta Cruzada não diminuiu totalmente com o tempo – veja a divertida introdução de Madden, Thomas F., 'Outside and Inside the Fourth Crusade', The International History Review 17 (1995), pp. 726–7.
47 Para a visão islâmica sobre a Quarta Cruzada, incluindo esta afirmação de Abu Shama, veja el-Azhari, Taef, 'Cronistas muçulmanos e a Quarta Cruzada', Cruzadas 6 (2007), pp. 107–16 (citação p. 109).
48 *Anais de Nicetas Coniates*, pág. 316.

Capítulo 21: Inimigos Internos

1 Smith, Jerry C. e Urban, William L. The Livonian Rhymed Chronicle (Londres, 2007), p. 3.
2 Christiansen, As Cruzadas do Norte, p. 80.
3 *Chronica Alberti monachi trium fontium*, traduzido em ibid., p. 99.
4 Brundage, James A. (trad.), The Chronicle of Henry of Livonia / Henricus Lettus, nova ed. (Nova York, 2004), p. 53. Henrique da Livônia menciona "Filisteus", mas certamente se refere a Juízes 7:7, que descreve a vitória de Gideão e os 300 sobre os midianitas.
5 Ibid., pág. 52.
6 Ver Fonnesberg-Schmidt, Iben, Os Papas e as Cruzadas Bálticas 1147–1254 (Leiden, 2007), pp. 92–3.
7 Riley-Smith e Riley-Smith, As Cruzadas: Ideia e Realidade, p. 78.
8 Sobre isso, veja Tamm, Marek, 'Como justificar uma cruzada? A conquista da Livônia e a nova retórica das cruzadas no início do século XIII', Journal of Medieval History 39 (2013), pp. 446–47.
9 Dickson, Gary, A Cruzada das Crianças: História Medieval, Mitologia Moderna (Londres, 2008), p. 31.
10 Tyerman, Guerra de Deus, p. 572.
11 Cânone 27 do Terceiro Concílio de Latrão – cuja tradução em inglês está disponível emalturatp://www.papalencyclicals.net/councils/ecum11.htm.
12 A tradução segue Moore, Papa Inocêncio III, p. 149.
13 Riley-Smith e Riley-Smith, As Cruzadas: Ideia e Realidade, pp. 78–9.
14 Ibid., pág. 156.
15 Ibid., pág. 167.

16 Riley-Smith e Riley-Smith, As Cruzadas: Ideia e Realidade, p. 81.
17 Lippiatt, GEM, Simão V de Montfort e Governo Baronial (Oxford, 2017), p. 99.
18 Sibly, WA e Sibly, MD,*A História da Cruzada Albigense: a 'Historia Albigensis' de Pedro de les Vaux-de-Cernay*(Woodbridge, 1998), p. 56. Veja, para elogios semelhantes, embora menos extensos, Shirley, Janet (trad.), The Song of the Cathar Wars: A History of the Albigensian Crusade (Aldershot, 1996), p. 27.
19 *A História da Cruzada Albigense*, p. 69; cf. A Canção das Guerras Cátaras, p. 29.
20 *A História da Cruzada Albigense*, págs. 93–4.
21 *A Canção das Guerras Cátaras*, pág. 33.
22 Ibid., pág. 41.
23 Ibidem.
24 *A História da Cruzada Albigense*, p. 238. A obra macabra de Bernard e Hélis foi descoberta quando seu castelo perto de Dordonha foi tomado em 1214.
25 Um A tradução em inglês dos Estatutos de Pamiers pode ser encontrada em The History of the Albigense Crusade, pp. 321–329. Sobre os direitos dos hereges, veja os estatutos 10, 11, 14, 15, 24 e 25.
26 *Ibn al-Athir*, vol. III, pág. 21.
27 *A História da Cruzada Albigense*, pág. 310.
28 *A Canção das Guerras Cátaras*, pág. 71.
29 *A História da Cruzada Albigense*, pág. 256.
30 Moore, Papa Inocêncio III, p. 288.

Capítulo 22: O Rio do Paraíso

1 *Gálatas*6: 14.
2 O texto de Quia Major, Riley-Smith e Riley-Smith, The Crusades: Idea and Reality, pp. 118–24. Sobre a carreira de Oliver, veja Smith, Thomas W., 'Historia Damiatina de Oliver of Cologne: uma nova testemunha manuscrita em Dublin, Trinity College Library MS 496', Hermathena 194 (2013), pp. 37–9.
3 Carta traduzida em Riley-Smith e Riley-Smith, The Crusades: Idea and Reality, pp. 135–6.
4 Ibidem. Muitos outros milagres semelhantes foram relatados durante a pregação da Quinta Cruzada: na mesma carta, Oliver relata cruzes coloridas dançando no céu. O cronista inglês Roger de Wendover repetiu muitas das afirmações de Oliver e acrescentou outros exemplos de cruzes carregadas pelo céu, enviadas para encorajar os fiéis a se juntarem à cruzada. Peters, Edward (org.), Christian Society and the Crusades 1198–1229 (Filadélfia, 1971), pp. 48–9. (Doravante Oliver de Colônia.)
5 *Oliver de Colônia*, págs. 48–9.
6 Ibidem, pág. 59.
7 Ibidem, pág. 60.
8 *Gesta crucigerorum Rhenanorum*(Atos dos cruzados renanos); tradução de Bird et al. (eds.), Crusade and Christendom, p. 157.
9 O'Callaghan, Uma História da Espanha Medieval, pp. 336–7.
10 Carta de James de Vitry, traduzida em Barber e Bate, Letters from the East, pp. 98–108.
11 Veja Perry, Guy, John of Brienne: Rei de Jerusalém, Imperador de Constantinopla, c.1175–1237 (Cambridge, 2013), pág. 30.
12 Ibid., p. 55. Ver também Powell, James M., Anatomy of a Crusade: 1213–1221 (Filadélfia, 1986), págs. 130–1.
13 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 112.
14 Cassidy-Welch, Megan, '"O Damietta": memória de guerra e cruzada no Egito do século XIII', *Revista de História Medieval*40 (2014); Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 110.
15 *Oliver de Colônia*, pág. 102.
16 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 113.

17 *Oliver de Colônia*, págs. 62–3.
18 Ibid., pág. 67.
19 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 114.
20 *Oliver de Colônia*, pág. 70.
21 Cobb, A corrida pelo paraíso, p. 208.
22 *Ibn al-Athir*, vol. III, pág. 178.
23 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 120.
24 Pfeiffer, Franz (ed.), Deutsche Classiker Des Mittelalters (Leipzig, 1864), vol. Eu, pp.
25 *Oliver de Colônia*, pág. 106.
26 Ibid., pág. 114.
27 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 125.
28 *Oliver de Colônia*, pág. 134.
29 Hurlock, Kathryn, 'Uma vida transformada? Geoffrey de Dutton, a Quinta Cruzada e a Santa Cruz de Norton', Northern History 54 (2017), pp. 18–19.
30 *Oliver de Colônia*, pág. 139.

Capítulo 23: Immutator Mundi

1 Sobre a origem e a provável idade de von Salza em 1221, Urban, William: The Teutonic Knights: A Military History (Londres, 2003), p. 23–4
2 Pedro de Dursburg em Hirsch, Theodor et al. (eds.), Scriptores rerum Prussicarum: Die Geschichtsquellen der Preussischen Vorzeit bis zum Untergange der Ordensherrschaft (Leipzig, 1861), vol. Eu, pág. 31. Dursburg pode muito bem estar a exagerar a fraqueza militar da ordem para enfatizar a rapidez da sua ascensão.
3 Para citação e resumo das ações dos Cavaleiros Teutônicos em 1217-1221, veja Morton, Nicholas, *Os Cavaleiros Teutônicos na Terra Santa, 1190–1291*(Woodbridge, 2009), pp. 32–8.
4 Tradução em Bird et al. (eds.), Crusade and Christendom, p. 260.
5 Ibidem.
6 Van Cleve, Thomas Curtis, O Imperador Frederico II de Hohenstaufen: Immutator Mundi (Oxford, 1972), pp. 304–5.
7 Sharon, Moshe e Schrager, Ami, 'Inscrição árabe de Frederico II de Jaffa (1229)', Cruzadas 11 (2012), págs. 145–6.
8 Ibid., pág. 154.
9 Morton, Os Cavaleiros Teutônicos na Terra Santa, p. 47.
10 Ibid., págs. 47–8.
11 Tradução: Van Cleve, O Imperador Frederico II de Hohenstaufen, pp. 198–9.
12 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 126.
13 *Recueil des historiens des croisades: Historiens Orientaux*(Paris, 1872), vol. I, pág. 103.
14 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 129.
15 Ibidem.
16 Giles, JA (trad.), Flores da História de Roger of Wendover (Londres, 1849), vol. I, pp. 522–3.
17 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 127.
18 Bird et al. (eds.), Cruzada e Cristandade, p. 259.
19 *Ibn al-Athir*, vol. III, pág. 294.
20 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 131.
21 *Flores da História de Roger de Wendover*, vol. I, pág. 524.
22 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 132.
23 O o texto original está em Huillard-Bréholles, Jean Louis Alphonse, Historia diplomata Friderici secundi (Paris, 1855), vol. II.1, pp.
24 Christiansen, As Cruzadas do Norte, p. 123.
25 Urbano, Os Cavaleiros Teutônicos, p. 44

26 Fonnesberg-Schmidt, Os Papas e as Cruzadas Bálticas, pp. 195–6.
27 De acordo com ao relato do irmão teutônico Hartmann von Heldrungen, traduzido em The Livonian Rhymed Chronicle, p. 145.
28 Christiansen, As Cruzadas do Norte, p. 128.
29 Tradução em Morton, The Teutonic Knights in the Holy Land, p. 82.

Capítulo 24: Khans e Reis

1 Michael, Maurice (trad.), The Annals of Jan Długosz: Annales seu cronicae incliti regni Poloniae (Chichester, 1997), p. 180. Długosz acrescenta o detalhe intrigante de que os mongóis empregaram uma forma rudimentar de guerra biológica, usando uma bandeira decorada com um X gigante e a imagem de uma cabeça barbada; quando sacudida, ela liberava uma "nuvem com um cheiro ruim" que envolvia as tropas polonesas e as fazia desmaiar (ibid.).
2 Büngten, Ulf e Di Cosmo, Nicola, 'Aspectos climáticos e ambientais da retirada mongol da Hungria em 1242CE', Relatórios Científicos 6 (2016), pág. 1.
3 *Os Anais de Jan Długosz*, pág. 181.
4 A lenda do Preste João foi alimentada por uma carta falsa de 1165, endereçada ao imperador bizantino Manuel I Comneno e memoravelmente descrita por um historiador como "uma orgia de grandiloquência desenfreada e ostentação infantil". Helleiner, Karl F., "Carta do Preste João: Uma Utopia Medieval", Phoenix 13 (1959), p. 48. Uma tradução de uma versão inicial da carta está em Uebel, Michael, "Transformação Extática: Sobre os Usos da Alteridade na Idade Média" (Nova York e Basingstoke, 2005), pp. 155–160. Ver também de Rachewiltz, Igor, "Enviados Papais aos Grandes Khans" (Londres, 1971), pp. 34–40.
5 As infelizes vítimas foram o povo Tang'ut do Xia Ocidental. De Rachewiltz, Igor (trad.), The Secret History of the Mongols: A Mongolian Epic Chronicle of the Thirteenth Century (Leiden, 2006), vol. I, p. 198.
6 Jackson, Peter, Os mongóis e o Ocidente, 1221–1410 (Abingdon, 2014), p. 60.
7 Bird et al. (eds.), Cruzada e Cristandade, p. 316.
8 Ibid., pág. 322.
9 Esta conclusão, baseada na dendrocronologia, é expressa em Büngten e Di Cosmo, 'Aspectos climáticos e ambientais da retirada mongol da Hungria', p. 6. Veja também Jackson, The Mongols and the West, pp. 72–3.
10 Jackson, Pedro,*Os mongóis e o mundo islâmico: da conquista à conversão*(New Haven e Londres, 2017), p. 78.
11 Robert, Patriarca de Jerusalém em Barber e Bate, Cartas do Oriente, pp. 142–3.
12 Ibid., págs. 143–4.
13 Ibid., pág. 144.
14 Hillenbrand, As Cruzadas: Perspectivas Islâmicas, p. 222.
15 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 145.
16 Ibidem.
17 *Crônicas das Cruzadas: Sendo narrativas contemporâneas da Cruzada de Ricardo Coração de Leão / por Ricardo de Devizes e Geoffrey de Vinsauf; e da Cruzada de São Luís / por Lorde John de Joinville*(Londres, 1848), p. 379.
18 De Rachewiltz, Enviados Papais aos Grandes Khans, p. 214.
19 A carta de John Sarrasin foi traduzida em Bird et al (eds.), Crusade and Christendom, pp. 354–60.
20 Ibidem.
21 Al-Makrisi, em Crônicas das Cruzadas: Sendo narrativas contemporâneas, p. 544.
22 Ibid., pág. 545.
23 Ibid., pág. 547.
24 Ibid., pág. 432.

25 Crawford, Paul (ed.),*Os 'Templários de Tiro': Parte III dos 'Atos dos Cipriotas'*(Aldershot, 2003), pp. 37–8.
26 Hülagü Khan para Luís IX, traduzido em Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 145.

Capítulo 25: O Inimigo do Inferno

1 Amitai-Preiss, Reuven, Mongóis e Mamelucos: A Guerra Mamluk-Ilkhanid, 1260-1281 (Cambridge, 1995), pág. 36.
2 Carta de Hülagü Khan a Qutuz, traduzida em Lewis, Bernard, Islam: From the Prophet Muhammad to the Capture of Constantinople (Nova York, 1974), vol. I, pp. 84–5.
3 Ibid., pág. 84.
4 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 155. Observe, no entanto, o argumento de Peter Jackson de que, na verdade, os francos subestimaram a cautela dos mongóis em atacar os aparentemente frágeis estados latinos por medo de provocar uma nova cruzada e, assim, cumprir a profecia de sua própria derrota em solo cristão. Jackson, Peter, 'A Crise na Terra Santa em 1260', English Historical Review 95 (1980), págs. 496–9.
5 Amitai-Preiss, Mongóis e Mamelucos, p. 33.
6 Para uma discussão sobre as evidências desse pacto de neutralidade, cujos detalhes são bastante vagos, veja Jackson, 'The Crisis in the Holy Land in 1260', p. 503.
7 Amitai-Preiss, Mongóis e mamelucos, p. 41; Lewis, Islã: do profeta Maomé à captura de Constantinopla, vol. I, p. 87.
8 *'Templário de Tiro'*, p. 38. Na verdade, o autor, que contribuiu com uma grande parte dos Atos dos Cipriotas, provavelmente não era um Templário, mas apenas um escrivão que esteve por um tempo a serviço do grão-mestre Templário William de Beaujeu.
9 Ver Khowaiter, Abdul-Aziz, Baibars o Primeiro: Seus Esforços e Conquistas (Londres, 1978), pág. 24.
10 *Ibn`Abd al-Zahir*em Fátima, Baybars I do Egito, p. 98.
11 *'Templário de Tiro'*, pág. 24.
12 *Ibn`Abd al-Zahir*em Fátima, Baybars I do Egito, p. 151.
13 Barber e Bate, Cartas do Oriente, p. 159.
14 Thorau, Peter, O Leão do Egito: Sultão Baybars I e o Oriente Próximo no Século XIII (Londres e Nova York, 1992), pp. 98–104.
15 Ibid., pág. 160.
16 Humphreys, R. Stephen, 'Aiúbidas, mamelucos e o Oriente Latino no século XIII', *Revisão de Estudos Mamluk*2 (1998), págs. 11–13.
17 Thorau, O Leão do Egito, p. 168.
18 *'Templário de Tiro'*, pág. 59.
19 Ibid. Veja também Thorau, O Leão do Egito, pp. 191–2.
20 *Ibn`Abd al-Zahir*; esta tradução: Gabrieli, Francesco, Arab Historians of the Crusades (Berkeley e Los Angeles, 1969), p. 311.
21 Sobre A extraordinária energia de Baybars nesses anos, veja Irwin, Robert, The Middle East in the Middle Ages: The Early Mamluk Sultanate, 1250–1382 (Beckenham, 1986), p. 46.
22 A história é relatada em 'Templário de Tiro', p. 69.
23 Para uma discussão sobre as alegações de veneno, Thorau, O Leão do Egito, pp. 241–3.
24 *'Templário de Tiro'*, pág. 100.
25 Abu al-Fida; tradução em Gabrieli, Historiadores Árabes das Cruzadas, p. 342.
26 *'Templário de Tiro'*, págs. 101–2.
27 Ibid., pág. 104.
28 Abu al-Fida; tradução em Gabrieli, Historiadores Árabes das Cruzadas, p. 345.
29 *'Templário de Tiro'*, pág. 109.
30 Abu al-Mahasin; tradução em Gabrieli, Historiadores Árabes das Cruzadas, p. 347.

31 *'Templário de Tiro'*, pág. 113.
32 Ibidem.
33 Abu al-Mahasin; tradução em Gabrieli, Historiadores Árabes das Cruzadas, p. 347.
34 Abu al-Fida; tradução em Gabrieli, Historiadores Árabes das Cruzadas, p. 346.

Capítulo 26: Fragmentos e Sonhos

1 As origens do apelido "Torsello" agora são obscuras.
2 Sobre a história familiar e os hábitos de leitura de Marino Sanudo, Lock, Peter (trad.), Marino Sanudo Torsello, o Livro dos Segredos dos Fiéis da Cruz / Liber secretorum fidelium crucis (Farnham, 2011), pp. 1–8. Apoiei-me nas informações biográficas e na tradução textual deste volume para o que se segue.
3 Tyerman, CJ, 'Marino Sanudo Torsello e a Cruzada Perdida: Lobbying no Século XIV', Transactions of the Royal Historical Society 32 (1982), p. 65.
4 Tradução em Housley, Norman (ed.), Documents on the Later Crusades: 1274–1580 (Basingstoke, 1996), p. 17.
5 Ibid., pág. 41.
6 Para uma discussão sobre Fidenzio, veja Schein, Sylvia, Fideles Crucis: The Papacy, The West and the Recovery of the Holy Land 1274–1314 (Oxford, 1991), pp. 93–102. Sobre o gênero de tratados de recuperação em geral, veja Leopold, Antony, How to Recover the Holy Land: The Crusade Proposals of the Late Thirteenth and Early Fourteenth Centuries (Aldershot, 2000).
7 Lock (ed.), Livro dos Segredos dos Fiéis da Cruz, p. 154.
8 Os mapas, British Library Add.MS 27376, foram digitalizados e podem ser visualizados viawww.bl.uk.
9 Sobre a colônia muçulmana siciliana em Lucrea, veja Maier, Christoph T., 'Cruzada e retórica contra a colônia muçulmana de Lucera: Sermones de Rebellione Sarracenorum Lucherie in Apulia de Eudes de Châteauroux', Journal of Medieval History 21 (1995), especialmente p. 366 e apêndices.
10 Smith, Damian J. e Buffery, Helena, O livro dos feitos de Jaime I de Aragão / Uma tradução do catalão medieval Llibre dels Fets (Farnham, 2003), pp. 379–80.
11 Veja Strayer, JR, 'A Cruzada contra Aragão', Speculum 28 (1953), p. 104.
12 O O texto latino da bula contra Pedro de Aragão está em Fontemoing, Albert, Les Registres de Martin IV (1281–1285) (Paris, 1901), pp. 107–14.
13 Citar de 'The Templar of Tyre', p. 164. Veja também Barber, Malcolm, The New Knighthood: A History of the Order of the Temple (Cambridge, 1994), p. 294.
14 Um A tradução em inglês do plano de cruzada de Molay pode ser encontrada em Barber, Malcolm e Bate, Keith (eds.), The Templars: Selected Sources (Manchester, 2002), pp. 105–9.
15 Tradução: Housley, Documentos sobre as Cruzadas Posteriores, pp. 36–7.
16 *Ibn al-Athir*, vol. II, pág. 324.
17 Bula papal Ad providam; esta tradução de Barber e Bate, The Templars: Selected Sources, p. 320. Os hopistaleiros não receberam propriedades templárias na Espanha ou em Portugal, que foram reservadas para distribuição papal a outros.
18 Nicholson, Helen, Os Cavaleiros Hospitalários (Woodbridge, 2001), pp. 46–7.
19 Dupuy, Mark, "Uma ilha chamada Rodes" e o "caminho" para Jerusalém: mudança e continuidadeem 'Exórdia Hospitaleira na Idade Média Tardia', em Nicholson, Helen (ed.), The Military Orders 2: Welfare and Warfare (Farnham, 1998), pp. 346–7.
20 Ver Luttrell, Anthony, 'A Coroa Aragonesa e os Cavaleiros Hospitalários de Rodes: 1291–1350',*Revisão Histórica Inglesa*76 (1961), págs. 1–19.

Capítulo 27: Admiráveis Mundos Novos

1 Taylor, Craig e Taylor, Jane HM (trad.), A biografia cavalheiresca de Boucicaut, Jean II Le Meingre (Woodbridge, 2016), p. 49.

2 Taylor e Taylor, A biografia cavalheiresca de Boucicaut, pp. 25, 30.
3 Dado Wilson, Chris, Henry IV (New Haven e Londres, 2016), p. 61.
4 Ibid., pág. 62.
5 Hector, LC e Harvey, Barbara F., The Westminster Chronicle, 1381–1394 (Oxford, 1982), pp. 446–9.
6 Dado Wilson, Henrique IV, p. 69.
7 Português Toulmin Smith, Lucy (ed.), Expedições à Prússia e à Terra Santa feitas por Henrique, Conde de Derby nos anos de 1390-1 e 1392-3: sendo as contas mantidas por seu Tesoureiro durante dois anos (Londres, 1894), p. liv.
8 Dado Wilson, Henrique IV, p. 73.
9 Taylor e Taylor, A biografia cavalheiresca de Boucicaut, p. 52.
10 Ibid., pág. 59.
11 Ver por exemplo Coopland, GW (trad.), Carta ao Rei Ricardo II: um apelo feito em 1395 pela paz entre a Inglaterra e a França: texto original e versão em inglês de Epistre au Roi Richart / Philippe de Mézières (Liverpool, 1975).
12 Nas palavras de Christoph Brachmann, a campanha de Nicópolis foi uma "conflagração bastante intrigante de cruzada,*viagem chevaleresque*e ataque contra os turcos em defesa do reino húngaro'. Brachmann, Christoph, 'A Cruzada de Nicópolis, Borgonha e o Sepultamento de Cristo em Pont-à-Mousson', Journal of the Warburg and Courtauld Institutes 74 (2011), p. 183.
13 Taylor e Taylor, A biografia cavalheiresca de Boucicaut, p. 63.
14 Macaulay GC (ed.), As Crônicas de Froissart (Londres, 1904), p. 444.
15 Taylor e Taylor, A biografia cavalheiresca de Boucicaut, p. 72.
16 Ibid., págs. 187–98.
17 O o relato mais recente da queda de Granada é Drayson, Elizabeth, The Moor's Last Stand: How Seven Centuries of Muslim Rule in Spain Came to an End (Londres, 2017).
18 De acordo com o resumo do seu diário de bordo, agora perdido, da sua primeira viagem, feito pelo historiador Bartolomé de las Casas. Esta citação de Cohen, JM (trad.),*As Quatro Viagens de Cristóvão Colombo*(Londres, 1969), p. 37.
19 Ibidem.
20 Ibidem.

Epílogo

1 Em comum com muitos meios de comunicação e em respeito à decisão do Censor Chefe da Nova Zelândia de proibir a distribuição de materiais referentes aos ataques, decidi não incluir aqui links para o vídeo descrito ou o texto do manifesto do perpetrador. Ambos são fáceis de encontrar online, mas são, desnecessário dizer, extremos e desagradáveis.
2 Declaração da Frente Islâmica Mundial, arquivada emhttps://fas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm.
3 Branco Casa Arquivos, disponível no https://georgewbush- whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010916-2.html. Para a declaração explícita de Bin Laden resposta ao uso da palavra "cruzada" por Bush, veja "Transcrição da entrevista de Bin Laden em outubro",CNN.com, 5 Fevereiro 2002,http://edition.cnn.com/2002/WORLD/asiapcf/south/02/05/binladen.transcript/.
4 'Guerra de Bin Laden contra os “cruzados”', Daily Telegraph, 25 de setembro de 2001.
5 Transmissão de Bin Laden na Al Jazeera, 15 de fevereiro de 2003.
6 Eilperin, Juliet, 'Críticos atacam após Obama falar sobre Cruzadas e escravidão em café da manhã de oração',
Washington Post, 5 de fevereiro de 2015.
7 Bar-Yosef, Eitan, 'A Última Cruzada? Propaganda Britânica e a Campanha da Palestina, 1917-18', *Revista de História Contemporânea*36 (2001).
8 'Alegação do ISIS no Sri Lanka mistura tâmil e árabe', Asia Times, 22 de abril de 2019.

Bibliotecagrafia

Fontes primárias

Académie des inscriptions et belles-lettres, Recueil des historiens des croisades: Historiens Orientaux, 5 vols, Paris: Imprimerie Nationale, 1872–1906.

Ailes, Marianne e Barber, Malcolm (eds. e trad.), A história da Guerra Santa: 'Estoire De La Guerre Sainte' de Ambroise, 2 vols., Woodbridge: Boydell Press, 2003.

Andrea, Alfred J. (trad.), A captura de Constantinopla: a 'Hystoria Constantinopolitana' de Gunther de Pairis, Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1997.

—— Fontes contemporâneas para a Quarta Cruzada, Leiden: Brill, 2000.

Anon (trad.), Crônicas das Cruzadas: sendo narrativas contemporâneas da Cruzada de Ricardo Coração de Leão / por Ricardo de Devizes e Geoffrey de Vinsauf; e da Cruzada de São Luís / por Lord John de Joinville, Londres: Henry G. Bohn, 1848.

Appleby, John T. (trad.), The Chronicle of Richard of Devizes of the Time of King Richard the First, Londres: Thomas Nelson & Sons, 1963.

Asbridge, Thomas S. e Edgington, Susan B. (trad.), 'As Guerras Antioquenas' de Walter, o Chanceler: Uma Tradução e Comentário, Aldershot: Ashgate, 1999.

Babcock, Emily Atwater e Krey, AC (trad.), Uma história de feitos realizados além do mar / William of Tyre, 2 vols, Nova York: Columbia University Press, 1943.

Bachrach, Bernard S. e Bachrach, David S. (trad.) A Gesta Tancredi de Ralph de Caen: Uma História dos Normandos na Primeira Cruzada (Aldershot: Ashgate, 2005)

Barber, Malcolm e Bate, Keith (eds.), Os Templários: Fontes Selecionadas, Manchester: Manchester University Press, 2002.

Barber, Malcolm e Bate, Keith (trad.), Cartas do Oriente: cruzados, peregrinos e colonos nos séculos XII e XIII, Farnham: Ashgate, 2010.

Barton, Simon e Fletcher, Richard (trad.), O mundo de El Cid: crônicas da reconquista espanhola, Manchester: Manchester University Press, 2000.

Bédier, J. e Aubry, P. (eds.), Les chansons de croisade avec leurs melodies, Paris: Champion, 1909.

Berry, Virginia Gingerick (trad.), Odo of Deuil: De Profectione Ludovici VII in Orientem, New Iorque: WW Norton, 1948.

Bettenson, Henry (trad.) e Evans, GR (introdução), Cidade de Deus / Santo Agostinho, Londres: Penguin, 2003.

Biddlecombe, Steven (trad.), The Historia ierosolimitana of Baldric of Bourgueil, Woodbridge: Boydell Press, 2014.

Bird, Jessalynn, Peters, Edward e Powell, James M. (eds.), Cruzada e Cristandade: Documentos Anotados em Tradução de Inocêncio III à Queda de Acre, 1187–1291, Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013.

Bouquet, Martin et al. (eds.), Recueil des historiens des Gaules et de la France, 24 vols, Paris: Imprimerie Impériale, 1737–1904.

Brand, Charles M. (trad.), Deeds of John and Manuel Comnenus / por John Kinnamos, Nova York: Columbia University Press, 1976.

Broadhurst, Roland (trad.), As viagens de Ibn Jubayr, Londres: Jonathan Cape, 1952.

Chazan, Robert (ed.), Deus, Humanidade e História: As Narrativas da Primeira Cruzada, Berkeley e Londres: University of California Press, 2000.

Chibnall, Marjorie (ed. e trad.), A história eclesiástica de Orderic Vitalis, 6 vols, Oxford: Clarendon Press, 1969–78.

Christiansen, Eric (trad.), História dos normandos / Dudo de St. Quentin, Woodbridge: Boydell Press, 1998.

Cohen, JM (trad.), As Quatro Viagens de Cristóvão Colombo, Londres: Penguin, 1969.

Collins, Basil (trad.), As melhores divisões para o conhecimento das regiões: Ahsan al-Taqasim fi Ma'rifat al-Aqalim / Al-Muqaddasi, Leitura: Garnet Publishing, 2001.

Constable, Olivia Remie (ed.), Medieval Iberia: Leituras de fontes cristãs, muçulmanas e judaicas, 2ª ed., Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2012.

Coopland GW (trad.), Carta ao Rei Ricardo II: Um apelo feito em 1395 pela paz entre a Inglaterra e a França: texto original e versão em inglês de Epistre au Roi Richart / Philippe de Mézières, Liverpool: Liverpool University Press, 1975.

Crawford, Paul (ed.), Os Templários de Tiro: Parte III dos 'Atos dos Cipriotas', Aldershot: Ashgate, 2003.

David, Charles Wendell (trad.), The Conquest of Lisbon / De Expugnatione Lyxbonensi (nova ed.), Nova Iorque: Columbia University Press, 2001.

De Gayangos, Pascuel (trad.), A História das Dinastias Maometanas na Espanha: Extraído do Nafhu-t-tib min ghosni-l-Andalusi-r-rattib wa tarikh Lisanu-d-Din Ibni-l-Khattib / por Ahmed ibn Mohammed al-Makkari, 2 vols, Londres: Allen, 1840–3.

De Rachewiltz, Igor (trad.), A história secreta dos mongóis: uma crônica épica mongol do século XIII, 2 vols., Leiden: Brill, 2006.

Dostourian, Ara Edmond (trad.), Armênia e as Cruzadas: Séculos X a XII: A Crônica de Mateus de Edessa, Londres: University Press of America, 1993.

Edgington, Susan (trad.), Albert of Aachen: Historia Ierosolominitana / História da Viagem a Jerusalém, Oxford: Clarendon Press, 2007.

Edgington, Susan B. e Sweetenham, Carol (trad.), The 'Chanson d'Antioche': An Old French Account of the First Crusade, Farnham: Ashgate, 2011.

Eidelberg, Shlomo (trad.), Os judeus e os cruzados: as crônicas hebraicas da Primeira e Segunda Cruzadas, Madison e Londres: University of Wisconsin Press, 1977.

Fontemoing, Albert (ed.), Les Registres de Martin IV (1281–1285), Paris: Thorin et Fils, 1901.

Franzen, Cola (trad.), Poems of Arab Andalusia, San Francisco: City Lights Books, 1989.

Gabrieli, Francesco, Historiadores árabes das Cruzadas, Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1969.

Garmonsway, GN (trad.), The Anglo-Saxon Chronicle, Londres: JM Dent, 1953.

Gerson, Paula, Shaver-Crandell, Annie e Stones, Alison, Guia do Peregrino para Santiago de Compostela. Um Guia Turístico com 580 Ilustrações, Londres: Harvey Miller, 1995.

Gibb, HAR (trad.), The Damascus Chronicle of the Crusades: Extraído e traduzido da crônica de Ibn Al-Qalanisi, Londres: Luzac, 1932.

Giles, John Allen (trad.), Crônica dos Reis da Inglaterra de William of Malmesbury, Londres: Henry G. Bohn, 1847.

Português Giles, JA (trad.), Roger of Wendover's Flowers of History, 2 vols, Londres: Henry G. Bohn,

1849. Giles, JA (trad.), Matthew Paris's English History from the Year 1235 to 1273, 3 vols, Londres: Henry G. Bohn, 1852–4.

Greenia, M. Conrad (trad.) e Barber, Malcolm (introdução), Bernard of Clairvaux / In Praise of the New Knighthood, Trappist, Kentucky: Cistercian Publications, 2000.

Hagenmeyer, Heinrich (ed.), Epistulae et chartae ad historiam primi Belli Sacri spectantes quæ supersunt aevo aequales ac genuinae, Innsbruck, 1901.

Hall, M. e Phillips, J., Caffaro, Gênova e as Cruzadas do Século XII, Farnham: Ashgate, 2013.

Hector, LC e Harvey, Barbara F. (trad.), The Westminster Chronicle, 1381–1394, Oxford: Clarendon Press, 1982.

Hill, John Hugh e Hill, Laurita L. (trad.), Raymond d'Aguilers / Historia Francorum Qui Ceperunt Iherusalem, Filadélfia: American Philosophical Society, 1968.

Hill, John Hugh e Hill, Laurita L. (trad.), Peter Tudebode / Historia de Hierosolymitano Itinere, Filadélfia: American Philosophical Society, 1974.

Hill, Rosalind (ed.), Gesta Francorum et Aliorum Hierosolimitanorum: Os feitos dos francos e os outros peregrinos a Jerusalém, Oxford: Clarendon Press, 1962.

Hirsch, Theodor et al. (eds.), Scriptores rerum Prussicarum: Die Geschichtsquellen der Preussischen Vorzeit bis zum Untergange der Ordensherrschaft, 6 vols, Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1861–1965.

Hollander, Lee M. (trad.), Heimskringla: História dos Reis da Noruega / Snorri Sturluson, Austin: University of Texas Press, 1964.

Housley, Norman (ed.), Documentos sobre as Cruzadas Posteriores: 1274–1580, Basingstoke: Macmillan, 1996.

Huici Miranda, A. (trad.), Kitab al-mu'yib fi taljis ajbar al Magrib, Tetuán, 1955.

Huillard-Bréholles, Jean Louis Alphonse (ed.), Historia diplomata Friderici secundi, 12 vols, Paris: Henri Plon, 1852–61.

Krey, agosto. C. A Primeira Cruzada: Relatos de Testemunhas Oculares e Participantes, Princeton: Princeton University Press, 1921.

Levine, Robert (trad.), Os feitos de Deus através dos francos: uma tradução de 'Gesta Dei per Francos' de Guibert de Nogent, Woodbridge: Boydell Press, 1997.

Levtzion, N. e Hopkins, JFP (eds.), Corpus de fontes árabes antigas para a história da África Ocidental, Princeton: Markus Wiener Publishers, 2000.

Lewis, Bernard, Islam: Do Profeta Muhammad à Captura de Constantinopla, 2 vols., Nova York: Harper & Row, 1974.

Lock, Peter (trad.), Marino Sanudo Torsello, o Livro dos Segredos dos Fiéis da Cruz / Liber secretorum fidelium crucis, Farnham: Ashgate, 2011.

Loud, GA (trad.), A Cruzada de Frederico Barbarossa: A História da Expedição do Imperador Frederico e Textos Relacionados, Farnham: Ashgate, 2010.

Luard, Henry Richards (ed.), Annales Monastici, 4 vols, Londres: Longman, Green, Longman, Roberts e Green, 1865.

Lunde, Paul e Stone, Caroline (trad.), Ibn Fadlan e a Terra das Trevas: Viajantes Árabes no Extremo Norte, Londres: Penguin, 2012.

Macaulay GC (ed.), As Crônicas de Froissart, Londres: Macmillan, 1904.

Magoulias, Harry J. (trad.), Ó Cidade de Bizâncio, Anais de Nicetas Coniates, Detroit: Wayne State University Press, 1984.

Marquês d'Albon, Cartulaire g*éné*ral de l'Ordre du Temple, 1119?-1150, 2 partes, Paris: Librarie Antiga, 1913–22.

Melville, Charles e Ubaydli, Ahmad (eds.), Cristãos e mouros na Espanha, vol. 3, Fontes árabes (711–1501), Warminster: Aris & Phillips, 1992.

Michael, Maurice (trad.), Os Anais de Jan Długosz: Annales seu cronicae incliti regni Poloniae, Chichester: IM Publications, 1997.

Mierow, Charles Christopher (trad.), Otto de Freising e seu continuador, Rahewin / The Deeds of Frederick Barbarossa, Toronto: University of Toronto Press, 1994.

Mirot, Léon (ed.), La Chronique de Morigny (1095–1152), Paris: Librairie Alphonse Picard et Fils, 1909.

Nicholson, Helen (trad.), A Crônica da Terceira Cruzada: O 'Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi', Farnham: Ashgate, 1997.

Pertz, GH (ed.), Monumenta Germaniae Historica, Scriptores XVI, Hanover: Deutsches Institut für Erforschung des Mittelalters, 1859.

Peters, Edward (ed.), Sociedade Cristã e as Cruzadas 1198–1229, Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1971.

Pfeiffer, Franz (ed.), Deutsche Classiker Des Mittelalters, 12 vols, Leipzig: FA Brockhaus, 1864–72.

Richard, DS (trad.), Baha al-Din Ibn Shaddad / A rara e excelente história de Saladino, Farnham: Ashgate, 2002.

Richard, DS (trad.), A Crônica de Ibn al-Athir para o Período das Cruzadas de al-Kamil fi'l Ta'rikh, 3 vols, Farnham: Ashgate, 2010.

Riley-Smith, Jonathan e Riley-Smith, Louise (eds.), As Cruzadas: Ideia e Realidade, 1095–1274, Londres: Edward Arnold, 1981.

Robinson, IS (trad.), Alemanha do século XI: as crônicas da Suábia, Manchester: Manchester University Press, 2008.

Röhricht, Reinhold (ed.), Regesta Regni Hierosolymitani, 1097–1291, 2 vols, Innsbruck, 1893–1904.

Ryan, Frances Rita (trad.) e Fink, Harold S. (ed.), Fulcher of Chartres / A History of the *Expedição a Jerusalém, 1095–1127*, Knoxville: University of Tennessee Press, 1969.

Ryan, William Granger (trad.) e Duffy, Eamon (introdução), The Golden Legend: Readings on the Saints / Jacobus de Voraigne, Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2012.

Scott James, Bruno (trad.) e Kienzle, Beverly Mayne (introdução), The Letters of St Bernard of Clairvaux, Guildford: Sutton Publishing, 1998.

Sewter, ERA (trad.) e Frankopan, Peter (introdução), The Alexiad / Anna Komnene (ed. Rev.), Londres: Penguin, 2009.

Shirley, Janet (trad.), A Canção das Guerras Cátaras: Uma História da Cruzada Albigense, Aldershot: Ashgate, 1996.

Sably, WA e Sably, MD (trad.), A História da Cruzada Albigense: 'Historia Albigensis' de Peter of les Vaux-de-Cernay, Woodbridge: Boydell Press, 1998.

Sinclair, TA (trad.) e Saunders, Trevor J. (ed.), The Politics / Aristotle, Londres: Penguin, 1992.

Slack, Corliss Konwiser (ed.), Crusade Charters: 1178–1270, Tempe: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2001.

Slane, William MacGuckin (trad.), Dicionário biográfico de Ibn Khallikan, 4 volumes, Paris, 1842–71.

Smith, Damian J. e Buffery, Helena (orgs.), O Livro dos Atos de Jaime I de Aragão / A *Tradução do catalão medieval 'Libre dels Fets'*, Farnham: Ashgate, 2003.

Smith, Dulcie Lawrence (trad.), Os poemas do rei Mu'tamid de Sevilha, Londres: John Murray, 1915.

Smith, Jerry C. e Urban, William L. (trad.), The Livonian Rhymed Chronicle, Londres: Routledge Curzon, 2007.

Stevenson, Joseph (trad.), A História de Guilherme de Newburgh, Felinfach: Llanerch, 1996.

Stone, Edward N. (ed.), Três antigas crônicas francesas das Cruzadas, Seattle: University of Washington Publications, 1939.

Stubbs, William (ed.), Radulfi de Diceto Decani Lundoniensis Opera Historica / As Obras Históricas do Mestre Ralph de Diceto, 2 vols, Londres: Longman, 1876.

Sweetenham, Carol (trad.), História da Primeira Cruzada de Robert the Monk / Historia Iherosolimitana, Abingdon: Routledge, 2016.

Taylor, Craig e Taylor, Jane HM (trad.), A biografia cavalheiresca de Boucicaut, Jean II Le Meingre, Woodbridge: Boydell Press, 2016.

Thackston, WM (trad.), Naser-e Khosraw's Book of Travels (Safarnama) / traduzido do persa, Albany: Bibliotheca Persica, 1986.

Tibi, Amin T. (trad.), O Tibyān: memórias de *`Abd Allāh B. Buluggīn, último Zīrid Amīr de Granada / `Abd Allah ibn Buluggin*, Leiden: Brill, 1986.

Toorawa, Shawkat M. (trad.), Consortes dos califas: mulheres e a corte de Bagdá / Ibn Al- sā'I, Nova York: New York University Press, 2017.

Toulmin Smith, Lucy (ed.), Expedições à Prússia e à Terra Santa feitas por Henrique, Conde de Derby nos anos de 1390-1 e 1392-3: sendo as contas mantidas por seu Tesoureiro durante dois anos, Londres: Camden Society, 1894.

Upton-Ward, JM, A Regra dos Templários: O texto francês da Regra da Ordem dos Cavaleiros Templários, Woodbridge: Boydell and Brewer, 1992.

Vause, Corrine J. e Gardiner, Frank C. (trad.), Inocêncio III / Entre o homem e Deus: seis sermões sobre o ofício sacerdotal, Washington DC: Catholic University of America Press, 2004.

Wilkinson, John com Hill, Joyce e Ryan, WF (eds.), Peregrinação a Jerusalém 1099–1185, Londres: Hakluyt Society, 1988.

Wolf, Kenneth Baxter (trad.), Os feitos do conde Roger da Calábria e da Sicília e de seu irmão, o duque Robert Guiscard: por Geoffrey Malaterra, Ann Arbor, Michigan: University of Michigan Press, 2005.

Wright, Thomas (ed.), As obras históricas de Giraldus Cambrensis, Londres: George Bell & Sons, 1894.

Fontes secundárias: livros

Airaldi, Gabriella e Kedar, Benjamin Z. (eds.), I Comuni Italiani nel Regno Crociato di Gerusalemme / As comunas italianas no Reino Cruzado de Jerusalém, Gênova: Istituto di Medievistica, 1986.

Allen SJ e Amt, Emilie, The Crusades: A Reader, Ontário: University of Toronto Press, 2010.

Amitai-Preiss, Reuven, Mongóis e mamelucos: a guerra mameluca-ilcanida, 1260–1281, Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Angold, Michael, A Quarta Cruzada: Evento e Contexto, Harlow: Pearson, 2003.

Asbridge, Thomas S., A criação do Principado de Antioquia, 1098–1130, Woodbridge: Boydell Press, 2000.

Baker, Derek (ed.), Mulheres medievais, Oxford: Basil Blackwell, 1978.

Barber, Malcolm, A Nova Cavalaria: Uma História da Ordem do Templo, Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

——Os Estados Cruzados, New Haven e Londres: Yale University Press, 2012.

Barber, Malcolm (ed.), As Ordens Militares I: Lutando pela Fé e Cuidando dos Doentes, Aldershot: Variorum, 1994.

Becker, Alfons, Papst Urban II (1088–1099), 3 vols, Stuttgart: Hiersemann, 1964–2012.

Boas, Adrian J., Jerusalém na época das Cruzadas: sociedade, paisagem e arte na Cidade Santa sob o domínio franco, Londres: Routledge, 2001.

——The Crusader World, Londres e Nova York: Routledge, 2016. Boas,

Adrian J. (ed.), The Crusader World, Abingdon: Routledge, 2016.

Boyle, JA, The Cambridge History of Iran, vol. 5. Os períodos seljúcida e mongol, Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

Brett, Michael, O Império Fatímida, Edimburgo: Edinburgh University Press, 2017.

Brink, Stefan e Price, Neil (eds.), O Mundo Viking, Londres: Routledge, 2008.

Buck, Andrew D., O Principado de Antioquia e suas Fronteiras no Século XII, Woodbridge: Boydell Press, 2017.

Chazan, Robert, No ano de 1096: a primeira cruzada e os judeus, Filadélfia: Jewish Publication Society, 1996.

Christiansen, Eric, As Cruzadas do Norte, 2ª ed., Londres: Penguin, 1997.

Christys, Ann, Vikings no Sul: Viagens à Península Ibérica e ao Mediterrâneo, Londres: Bloomsbury Academic, 2015.

Cobb, Paul M., A corrida pelo paraíso: uma história islâmica das cruzadas, Oxford: Oxford University Press, 2014.

Collins, Roger, A conquista árabe da Espanha, 710–797, Oxford: Basil Blackwell, 1989.

Constable, Giles, Cruzados e cruzadas no século XII, Farnham: Ashgate, 2008. De Rachewiltz,

Igor, Enviados papais aos grandes cãs, Londres: Faber, 1971.

Dickson, Gary, A Cruzada das Crianças: História Medieval, Mitologia Moderna, Londres, Palgrave Macmillan, 2008.

Drayson, Elizabeth, A última resistência do mouro: como sete séculos de domínio muçulmano na Espanha chegaram ao fim, Londres: Perfil, 2017.

Edbury, Peter W., Cruzada e Assentamento: Artigos lidos na Primeira Conferência da Sociedade para o Estudo das Cruzadas e do Oriente Latino e apresentados a RC Smail, Cardiff: University College Cardiff Press, 1985.

Edgington, Susan B. e Lambert, Sarah, Gendering the Crusades, Cardiff: University of Wales Press, 2001.

Erdmann, Carl, A origem da ideia de cruzada / Traduzido do alemão por Marshall W. Baldwin e Walter Goffart, Princeton: Princeton University Press, 1977.

Fletcher, Richard, Espanha moura, Nova York: Henry Holt and Company, 1992.

Folda, Jaroslav, Arte Cruzada: A Arte dos Cruzados na Terra Santa, 1099–1291, Aldershot: Lund Humphries, 2008.

Fonnesberg-Schmidt, Iben, Os papas e as Cruzadas do Báltico 1147–1254, Leiden: Brill, 2007.

Fouracre, Paul, A era de Charles Martel, Harlow: Longman, 2000.

França, John, Vitória no Oriente: Uma História Militar da Primeira Cruzada, Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Frankopan, Peter, A Primeira Cruzada: O Chamado do Leste, Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press da Harvard University Press, 2012.

Galatariotou, Catia, A formação de um santo: a vida, os tempos e a santificação de Neófito, o Recluso, Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Gervers, Michael (ed.), A Segunda Cruzada e os Cistercienses, Nova York: St Martin's Press, 1992.

Gillingham, John, Richard I, New Haven e Londres: Yale University Press, 1999.

Dado Wilson, Chris, Henry IV, New Haven e Londres: Yale University Press, 2016. Glasse,

Cyril, The New Encyclopedia of Islam, 4ª ed., Londres: Horizons Editions, 2013.

Harris, Jonathan, Constantinopla: Capital de Bizâncio, 2ª ed., Londres: Bloomsbury Academic, 2017.

Hillenbrand, Carole, As Cruzadas: Perspectivas Islâmicas, Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

Hodgson, Natasha R., Mulheres, Cruzadas e a Terra Santa na Narrativa Histórica, Woodbridge: Boydell Press, 2007.

Hosler, John D., O cerco de Acre: 1189–1191, New Haven e Londres: Yale University Press, 2018.

Houben, Hubert, Rogério II da Sicília: um governante entre o Oriente e o Ocidente, Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Irwin, Robert, O Oriente Médio na Idade Média: o antigo sultanato mameluco, 1250–1382, Beckenham: Croom Helm, 1986.

Jackson, Peter, Os mongóis e o Ocidente, 1221–1410, Abingdon: Routledge, 2014.

——Os mongóis e o mundo islâmico: da conquista à conversão, New Haven e Londres: Yale University Press, 2017.

Kedar, BZ (ed.), Os chifres de Hattin, Londres: Variorum, 1992.
Kedar, Benjamin Z. e Riley-Smith, Jonathan SC com Nicholson, Helen J. e Evans, Michael, *Cruzadas: Volume 3*, Abingdon: Routledge, 2004.
Kedar, Benjamin Z., Phillips, Jonathan e Riley-Smith, Jonathan, Cruzadas: Volume 11, Abingdon: Routledge, 2012.
Kennedy, Hugh, Castelos dos Cruzados, Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
Khowaiter, Abdul-Aziz, Baibars, o Primeiro: Seus Esforços e Conquistas, Londres: Green Mountain Press, 1978.
Kostick, Conor, A estrutura social da Primeira Cruzada, Leiden: Brill, 2008.
Laiou, Angeliki e Mottahedeh, Roy P. (eds.), As Cruzadas da Perspectiva de Bizâncio e do Mundo Muçulmano, Washington DC: Biblioteca de Pesquisa e Coleção Dumbarton Oaks, 2001.
Lane Fox, Robin, Agostinho: Conversões e Confissões, Londres: Allen Lane, 2015.
Lee, Jeffrey, O lobo de Deus: a vida do mais notório de todos os cruzados, Reynald de Chatillon, Londres: Atlantic Books, 2016.
Leopold, Antony, Como recuperar a Terra Santa: as propostas de cruzadas do final do século XIII e início do século XIV, Aldershot: Ashgate, 2000.
Lev, Yaacov, Estado e sociedade no Egito fatímida, Leiden: Brill, 1991.
——Saladino no Egito, Leiden: Brill, 1998.
Lippiatt, GEM, Simão V de Montfort e o governo baronial, Oxford: Oxford University Press, 2017.
Loud, GA, A Era de Robert Guiscard: Sul da Itália e a Conquista Normanda, Harlow: Longman, 2000.
Lyons, Malcolm Cameron e Jackson, DEP, Saladino: A política da Guerra Santa, Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
MacCullough, Diarmaid, Uma História do Cristianismo, Londres: Allen Lane, 2009.
Madden, Thomas F., Enrico Dandolo e a ascensão de Veneza, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2003.
Mango, Cyril, A história de Oxford de Bizâncio, Oxford: Oxford University Press, 2002. Matthew,
Donald, O reino normando da Sicília, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
Menocal, Maria Rosa, Scheindlin, Raymond P. e Sells, Michael A. (eds.), A literatura de Al-Andalus, Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
Metcalfe, Alex, Os Muçulmanos da Sicília Medieval, Edimburgo: Edinburgh University Press, 2009.
Michaud, M., Bibliothèque des Croisades: Troisième partie, Paris, 1829.
Português Moore, John C., Papa Inocêncio III (1160/1–1216): Arrancar e Plantar, Leiden: Brill, 2003.
Morris, Colin, A Monarquia Papal: A Igreja Ocidental de 1050 a 1250, Oxford: Clarendon, 1989.

Morton, Nicholas, Os Cavaleiros Teutônicos na Terra Santa, 1190–1291, Woodbridge: Boydell Press, 2009.

——O Campo de Sangue: A Batalha por Aleppo e a Reconstrução do Oriente Médio Medieval, Nova York: Basic Books, 2018.

Mullins, Edwin, Em busca de Cluny: o império perdido de Deus, Oxford: Signal Books, 2006.

Munari, Franco, Stache, Ulrich Justus, Maaz, Wolfgang e Wagner, Fritz Kontinuität e Wandel. *Poesia Latina de Naevius bis Baudelaire*, Hildesheim: Weidmann, 1986.

Nicholson, Helen, Os Cavaleiros Hospitalários, Woodbridge: Boydell Press, 2001.

Nicholson, Helen (ed.), The Military Orders 2: Welfare and Warfare, Farnham: Ashgate, 1998.

O'Callaghan, Joseph F., Uma história da Espanha medieval, Londres: Cornell University Press, 1975.

——Reconquista e Cruzada na Espanha Medieval, Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2002.

Paul, Nicholas L., Para seguir seus passos: as Cruzadas e a memória familiar na Alta Idade Média, Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2012.

Phillips, Jonathan e Hoch, Martin (eds.), A Segunda Cruzada: Escopo e Consequências, Manchester: Manchester University Press, 2001.

Powell, James M., Anatomia de uma Cruzada: 1213–1221, Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1986.

Pringle, Denys, As igrejas do Reino Cruzado de Jerusalém: um corpus, 4 vols, Cambridge: Cambridge University Press, 1993–2009.

Português Reilly, Bernard F., A disputa entre a Espanha cristã e muçulmana 1031–1157, Oxford:

Blackwell, 1992. Riley-Smith, Jonathan, Os primeiros cruzados e a ideia das cruzadas, Londres:

Athlone Press,

1986.

——Os primeiros cruzados: 1095–1131, Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

——Hospitalários: A História da Ordem de São João, Londres e Rio Grande: Hambledon Press, 1999.

Robinson, IS, O Papado 1073–1198: Continuidade e Inovação, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Rubenstein, Jay, O sonho de Nabucodonosor: as cruzadas, a profecia apocalíptica e o fim da história, Nova York: OUP, 2019.

Runciman, Steven, Uma História das Cruzadas, 3 vols., Cambridge: Cambridge University Press, 1951–4.

Sadeque, S. Fátima, Baybars I do Egito, Dacca: Oxford University Press, 1956.

Sanders, Paula, Ritual, política e a cidade no Cairo fatímida, Albany: State University of New York Press, 1994.

Schein, Sylvia, Fideles Crucis: O Papado, o Ocidente e a Recuperação da Terra Santa 1274–1314, Oxford: Oxford University Press, 1991.

Skinner, Patricia (ed.), Desafiando os limites da história medieval: o legado de Timothy Reuter, Turnhout: Brepols, 2009.

Smith, LM, A história inicial do mosteiro de Cluny, Oxford: Oxford University Press, 1920. Somerville, Robert, Concílio de Piacenza do Papa Urbano II: 1 a 7 de março de 1095, Oxford: Oxford Imprensa universitária, 2011.

Thorau, Peter, O Leão do Egito: Sultão Baybars I e o Oriente Próximo no Século XIII, Londres e Nova York: Longman, 1992.

Tranovich, Margaret, Melisende de Jerusalém: O mundo de uma rainha cruzada esquecida, Londres: East & West Publishing, 2011.

Turner, Ralph V., Leonor da Aquitânia, New Haven e Londres: Yale University Press, 2009.

Tyerman, Christopher, A Guerra de Deus: Uma Nova História das Cruzadas, Londres: Allen Lane, 2006.

——Como planejar uma cruzada: razão e guerra religiosa na Alta Idade Média, Londres: Allen Lane, 2015.

Uebel, Michael, Transformação extática: sobre os usos da alteridade na Idade Média, Nova York e Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

Urban, William, Os Cavaleiros Teutônicos: Uma História Militar, Londres: Greenhill Books, 2003.

Van Cleve, Thomas Curtis, O Imperador Frederico II de Hohenstaufen: Immutator Mundi, Oxford: Clarendon Press, 1972.

Ward, Benedicta, Milagres e a Mente Medieval, ed. rev., Aldershot: Wildwood House, 1987. Warren WL, Henrique II, nova ed., New Haven e Londres: Yale University Press, 2000.

Fontes secundárias: artigos de periódicos e teses

Azhari, Taef, 'Cronistas muçulmanos e a Quarta Cruzada', Cruzadas 6, 2007.

Baadj, Amar, 'Saladino e as campanhas aiúbidas no Magreb', Al-Qantara 34, 2013.

Blake, EO e Morris, C., 'Um eremita vai para a guerra: Pedro, o eremita, e as origens da Primeira Cruzada', Estudos em História da Igreja 22: Monges, eremitas e a tradição ascética, 1985.

Brachmann, Christoph, 'A Cruzada de Nicópolis, Borgonha e o Sepultamento de Cristo em Pont-à-Mousson', Journal of the Warburg and Courtauld Institutes 74, 2011.

Brett, Michael, 'Ifriqiya como um mercado para o comércio saariano do século X ao XII d.C.', *Revista de História Africana*10, 1969.

Browning, Robert, 'A Morte de João II Comneno', Bizâncio 31, 1961.

Büngten, Ulf e Di Cosmo, Nicola, 'Aspectos climáticos e ambientais da retirada mongol da Hungria em 1242 d.C.', Scientific Reports 6, 2016.

Cassidy-Welch, Megan, '"O Damietta": Guerra, Memória e Cruzada no Egito do Século XIII', *Revista de História Medieval*40, 2014.

Chevedden, Paul E., 'A visão das Cruzadas de Roma e Damasco: as perspectivas geoestratégicas e históricas do Papa Urbano II e ʿAlī ibn Ṭāhir al-Sulamī', Oriens 39, 2011.

Colish, Marcia L. 'Pedro de Bruys, Henrique de Lausanne e a Fachada de St.-Gilles', Traditio 28, 1972.

Cowdrey, HEJ, 'A pregação do Papa Urbano II na Primeira Cruzada', História 55, 1970.

——'A Campanha de Mahdia de 1087', English Historical Review 92, 1977.

De Ayala, Carlos, 'Sobre as Origens das Cruzadas na Península: O Reinado de Alfonso VI (1065–1109)', Medium Aevum 7, 2013.

De Vivo, Filippo, 'Justificativas históricas do poder veneziano no Adriático', Journal of the History of Ideas 64, 2003.

Doxey, Gary B., 'Cruzados Noruegueses e as Ilhas Baleares', Scandinavian Studies 68, 1996. Dragnea,

Mihai, 'Vingança Divina e Justiça Humana na Cruzada Wendish de 1147', Collegium *Medieval*29, 2016.

Ehrlich, Michael, 'Desenvolvimento da paisagem urbana em Acre no século XII', Journal of the Royal Asiatic Society 18, 2008.

Folda, Jaroslav, 'Imagens da Rainha Melisende nos Manuscritos da História do Outremer de Guilherme de Tiro: 1250–1300', Gesta 32, 1993.

Gaposchkin, M. Cecilia, 'Os ecos da vitória: comemorações litúrgicas e paralitúrgicas da captura de Jerusalém no Ocidente', Journal of Medieval History 40, 2014.

Grant, Alasdair C., 'Perspectivas de Pisa: O Carmen in victoriam e a Guerra Santa, c.1000–1150', English Historical Review 131, 2016.

Guidoboni, Emanuela, Bernadini, Filippo, Comastri, Alberto e Boschi, Enzo, 'O grande terremoto de 29 de junho de 1170 (Síria, Líbano e centro-sul da Turquia)', Journal of Geophysical Research 109, 2004.

Hodgson, Natasha, 'Honra, Vergonha e a Quarta Cruzada', Journal of Medieval History 39, 2013.

Humphreys, R. Stephen, 'Aiúbidas, mamelucos e o Oriente Latino no século XIII', Mamluk *Revisão de Estudos*2, 1998.

Hurlock, Kathryn, 'Uma Vida Transformada? Geoffrey de Dutton, a Quinta Cruzada e a Santa Cruz de Norton', Northern History 54, 2017.

Jackson, Peter, 'A Crise na Terra Santa em 1260', English Historical Review 95, 1980.

John, Simon, 'A "Festa da Libertação de Jerusalém": Lembrando e Reconstruindo a Primeira Cruzada na Cidade Santa, 1099–1187', Journal of Medieval History 41, 2015.

Jones, Andrew W., 'Fulk de Neuilly, Inocêncio III e a Pregação da Quarta Cruzada', *Comitatus: Um Jornal de Estudos Medievais e Renascentistas*41, 2010.

Joranson, Einar, 'O problema da carta espúria do imperador Alexius à corte de Flandres', *American Historical Review*55, 1950.

Kostick, Conor, 'Coragem e covardia na Primeira Cruzada, 1096–1099', War in History 20, 2013. Lay,

Stephen, 'Um leproso de púrpura: a coroação de Balduíno IV de Jerusalém', Journal of Medieval *História*23, 1997.

Leighton, Gregory, 'A Ordem Teutônica criou uma paisagem sagrada na Prússia do século XIII?', Journal of Medieval History 44, 2018.

Luttrell, Anthony, 'A Coroa Aragonesa e os Cavaleiros Hospitalários de Rodes: 1291–1350', *Revisão Histórica Inglesa*76, 1961.

Madden, Thomas F., 'Fora e dentro da Quarta Cruzada', International History Review 17, 1995.

Maier, Christoph T., 'Cruzada e retórica contra a colônia muçulmana de Lucera: Sermones de Rebellione Sarracenorum Lucherie in Apulia de Eudes de Châteauroux', Journal of Medieval History 21, 1995.

——'O papel das mulheres no movimento das cruzadas: uma pesquisa', Journal of Medieval History 30, 2004.

Malkiel, David, 'Destruição ou Conversão: Intenção e Reação, Cruzados e Judeus, em 1096', *História Judaica*15, 2001.

Marshall, Christopher J., 'As motivações cruzadas das cidades-repúblicas italianas no Oriente Latino, *c*.1096–1104', Rivista di Bizantinistica 1, 1991.

Mayer, Hans Eberhard, 'Estudos sobre a história da rainha Melisende de Jerusalém', Dumbarton Oaks Papers 26, 1972.

——'Angevinos versus normandos: os novos homens do rei Fulk de Jerusalém', Proceedings of the American Philosophical Society 133, 1989.

Morton, Nicholas, 'Walter, o Chanceler, sobre Ilghazi e Tughtakin: a perspectiva de um prisioneiro', *Revista de História Medieval*44, 2018.

Nicholson, Helen, 'Mulheres na Terceira Cruzada', Journal of Medieval History 23, 1997.

Powell, James M., 'Honório III e a liderança da Cruzada', Catholic Historical Review 63, 1977.

Power, Rosemary, 'A Morte de Magnus Barelegs', Scottish Historical Review 73, 1994.

Queller, Donald E. e Katele, Irene B., 'Atitudes em relação aos venezianos na Quarta Cruzada: as fontes ocidentais', International History Review 4, 1982.

Roach, Daniel, 'Orderic Vitalis e a Primeira Cruzada', Journal of Medieval History 42, 2016.

Runciman, Steven, 'O declínio do ideal cruzado', The Sewanee Review 79, 1971.

Salvadó, Sebastián, 'Reescrevendo a liturgia latina do Santo Sepulcro: Texto, Ritual e Devoção para 1149', Journal of Medieval History 43, 2017.

Shepard, Jonathan, 'Quando o grego encontra o grego: Alexius Comnenus e Bohemond em 1097-98', *Estudos Bizantinos e Gregos Modernos*12, 1988.

Smith, Thomas W., 'Historia Damiatina de Oliver de Colônia: uma nova testemunha manuscrita em Dublin, Trinity College Library MS 49', Hermathena 194, 2013.

Stephenson, P., 'Alexíada de Anna Comnena como fonte para a Segunda Cruzada', Journal of Medieval History 29, 2003.

Strayer, JR, 'A Cruzada contra Aragão', Speculum 28, 1953.

Sweeney, James Ross, 'Hungria nas Cruzadas, 1169–1218', International History Review 3, 1981.

Tamm, Marek, 'Como Justificar uma Cruzada? A Conquista da Livônia e a Nova Retórica Cruzada no Início do Século XIII', Journal of Medieval History 39, 2013.

Tyerman, CJ, 'Marino Sanudo Torsello e a Cruzada Perdida: Lobbying no Século XIV', *Transações da Royal Historical Society*32, 1982.

——'Houve alguma cruzada no século XII?', English Historical Review 110, 1995. Williams, John, 'Cluny e Espanha', Gesta 27, 1988.

Wolsing, Ivo, '"Olha, aí vem o meio-homem!" Deslegitimando Tancredo de Lecce no Liber ad honorem Augusti de Pedro de Éboli', Al-Masaq (online), 2018.

Yewdale, Ralph Bailey, 'Bohemond I, Príncipe de Antioquia', dissertação de doutorado, Universidade de Princeton, 1917.

Índice

Abádidas21
'Abbas259–60,262
Califado Abássida113,128,161–2,262,277–8,284–
5,292Restauração mameluca de435–6
extinção pelos mongóis428–9Abd
Allah26
Abu al-Fida397,446–7
Abu al-Mahasin446
Abu Ali188
Abu Bakr al-Baghdadi484,487
Abu Shama280,341
Abu Yahya412
Acre120,153,155
Visita de Balduíno II a177–
8Eduardo I da Inglaterra
em441
queda de (1291)443–7,451,455,483
e a Quinta Cruzada371,373–4e os
mamelucos435
e os mongóis430–1A captura
de Saladino293
cerco de (1191)307–13,316,356,373
Adalia, a marcha dos cruzados franceses para249–
51Adelaide, regente da Sicília138,151,157,170,194
Adhémar, bispo de Le Puy53,56,79–80,87,89,103,106,115–16,123
Afonso Henriques, rei de Portugal233,234–6,237,238Agincourt,
Batalha de474–5
Inês de Courtenay283,288
Agni, Thomas, bispo de Belém430Ahmad
Sanjar266
Aimery, irmão de Guy de Jerusalém293al-
Adid, califa fatímida263,264,271

morte277–8,281,282
al-Adil (Saphadin), sultão aiúbida314,316,373,374
morte377–8
al-Afdal, Malik114–15,120,121,122,126,130
al-Afdal, filho de Saladino290,292
al-Andalus21,26,28,29,46,232
al-Ashraf383
al-Ashraf Khalil, sultão mameluco e a queda de Acre443–7al-Faiz259–60,263
al-Kamil, sultão aiúbida378,379–80,380–1,382,383–4,387,394
morte413
e Frederico Hohenstaufen397–400al-Makrisi420
al-Mansur, califa almóada358al-Mansurah
e a Quinta Cruzada382,383,385,390e a Sétima Cruzada421–3
al-Mu'azzam374,378–9,383,397
al-Muqaddasi187–8
al-Muqtadir de Saragoça48
al-Mustadi, califa abássida271,277–8,281al-Mustansir II do Egito429
al-Musta'sim de Bagdá428–30al-Mustazhir bi-Allah161
al-Mu'tadid de Sevilha20
al-Mu'tamid de Sevilha20,21,22,23,26,27–8,29–30,36,41,48,54
al-Mutawwakil de Badajoz48
al-Nasir, califa almóada359,370al-Qadir de Toledo26–7
Al-Qaeda483,484,485
al-Qasr (Portugal)370
al-Salih283,284
al-Salih Ayyub do Egito413
al-Salih Isma'il de Damasco413
al-Zafir, califa fatímida do Egito259–60,261,262
Alberto de Aachen68,69,105,125,131,143,152Alberto, o Urso230
Alberto, bispo de Riga343–6,348,403Alberto, conde de Biandrate135–6
Cruzada Albigense348–57,360,361,369,417

Alepo102,103,105,199,253
O fracasso de Balduíno II em capturar174–6Campo de Sangue167–9,170–1,173,187
e Nur al-Din252,265
manifestantes em Bagdá162–3,164,165,167,175
e Saladino284
Alexandre II, Papa24,25
Alexandre III, Papa286,321
Alexandria271,279,320,329,332,341,474,483
Alexios, príncipe bizantino331–2
Aleixo I Comneno, imperador bizantino32–41,130,206,243
aparência32
e Boemundo82–3,133
morte167
e a Primeira Cruzada72,73,84–5,87–8,88–9,93–4,95,103,106,119
e o Papa Urbano II50–3
e Sigurd I da Noruega155–6,158e os turcos35–6,37–9,40,50,52
e Veneza320
Aleixo II Comneno, imperador bizantino306Aleixo III Ângelo331,334,335
Aleixo IV, imperador bizantino335,336
Aleixo Comneno116
Aleixo V Ducas 'Mourtzouphlos', imperador bizantino337,338,339–40Afonso I, o Batalhador de Aragão232
Afonso VI de Castela e Leão21–3,26–7,28,30,131,138–9,148,194,232,233,306
e monges clunianos47–8morte139
e o Papa Urbano II52
Afonso VII, rei de Castela e Leão233,234,238
Alice, Princesa de Antioquia193–4,196–7,199,205–6Alix, princesa francesa306
Almóadas234,261,358–9
Almorávidas27–9,30,54,138–9,212,233,358
e cruzados em Portugal233,234,237,370invasão das Ilhas Baleares157
A cruzada de Jaime I de Aragão contra412Campanhas sicilianas contra Ifriqiya225
Alpes Arslan36
Afonso, conde de Poitiers421

Amalrico, rei de Jerusalém263–4,264,279,286–7,288,314
morte283
e o Egito Fatímida266,267–8,269,270,271–3,274
Amaury,
Arnaud354,355,359Amaury de
Lusignan455Amaury de
Montfort413
Ambroise,
cronista304,310,312Ambrósio,
bispo de Milão65Américas,
descoberta de478–9Anacletus II,
antipapa211Anatólia36,428
André II, rei da Hungria389André,
rei da Hungria373,374André de
Montbard207
*Crônica Anglo-Saxônica*183–4,187,190
Ana Comnena, princesa bizantina35,38,167
a Alexíada33,36,37,39,241–3,258
nascimento e criação31–3
em Bohemond75,78,83,85,116,132,133,155,243
na Primeira Cruzada71–2,84
Antioquia34,38,91,93
A destruição de Baybars438–9
Destruição mameluca do porto de St.
Simeon434principado de153,164,196–7,205–
6,419
e a Segunda Cruzada251,253–4
cerco e queda de94,97–109,113,115–
17,120Guerra de Sucessão Antioquena373
antissemitismo67–9,127,218–19,460e a
Terceira Cruzada302
Apúlia34,78,152
conquista de11–13,35
Aqsunqur al-Bursuqi175
Ardern, Jacinda482
Aristóteles65,392
Arnaud
Amaury354,355,359Arnoldo de
Brescia210
Arnold de Lübeck345
Arnulfo de Chocques116,130,132
Arqa (Akkar)119
Arsuf293,437–8

Artuq113
Ascalon152,190,261,264,267,293
Ásia Menor
e o império bizantino34,36,38–9,41,53,85Primeira
Cruzada em71–2
Assassinos114,166,188,261,285,314,441
e os mongóis428
Auditoria tremenda(bulas
papais)299Agostinho de Hipona,
Santo65Augusto, imperador
romano23Aybeg al-Turkmani424
Ayn Jalut, Batalha de431–2,434
Ayyub, sultão do Egito415,420,421
Sultanato aiúbida279,281,372–3e a
Cruzada do Barão413–14fim
de423–4
e os Khwarazmianos415
e a Sétima Cruzada419–20
*veja também*al-Kamil, sultão aiúbida; Saladino (Yusuf ibn
Ayyub) Azerbaijão429

Bagdá
Califado Abássida113,128,161–2,292
Manifestantes de Aleppo162–
3,164,165,167,175Conquista mongol de428–9
Bahriyya422–3,424
*Bahriyya*Mamelucos421,423–5
Balaque172–3
Balduíno de Boulogne80,96
como Balduíno I de Jerusalém133–4,138,152–
3,165morte e a sucessão169–70
e o cerco de Sidon155Visita de
Natal a Jerusalém129–33
como governante de Edessa101–
2,106,116,117Balduíno de Bourcq, conde de
Edessa134,165
como Balduíno II de
Jerusalém170e Aleppo174–5
e Antioquia196–7
e a cruzada de Damasco188–90
morte e herança181,193,195,197–8

prisão de173
e os Templários180–1,184
visita o Acre177–8
Balduíno, conde de Flandres323,332–3
Balduíno de Forde, arcebispo de Canterbury1–2,302Balduíno I, imperador de Constantinopla340,341–2Balduíno II, imperador de Constantinopla417–18,419,435
Balduíno III, rei de Jerusalém194,207,254,261,263,264,289
Balduíno IV, rei de Jerusalém283,287,288,289Balduíno V, rei de Jerusalém289
Ilhas Baleares149–50,157,412
Balian de Ibelin288,293–4,298região do Báltico
guerra santa contra os Wends228–32Cruzada da Livônia343–8
Ordem Teutônica404,461–2
os Banu Matruh225,226
Barbastro25,26,27
Barcelona22,23
Barkiyaruq99
Cruzada dos Barões413–14
Baybars, Rukn al-Din424–5,430,431,434–9,451campanha contra os estados cruzados436–41morte442
como líder mameluco433,435–6assassinato de Qutuz432–3
Bayezid I, sultão otomano472–3Bayt Jibrin204
Beaufort, Cardeal Henry475
Becket, Thomas, arcebispo de Canterbury50,352Beda, Venerável66
Bedum, cruzado pregando em365–8Beirute293,371
Bela, rei da Hungria409Bento XIII, Papa472Bento de York302Mosteiros beneditinos45
Berengária de Navarra306,307,310,315–16
Berkyaruq118
Bernardo de Cazenac357

Bernardo, São (Bernardo de Claraval)207,384pregação dos cruzados216–21,226,247
*De Laude*186
e a guerra santa contra os Wends230–2e o Papa Eugênio III212–13,214
e os Templários185–6
Bernardo de Sédirac, arcebispo de Toledo48–9Bernardo de Valence205
Bernold de St Blasien43,51–2Bertrand, conde de Trípoli165Belém293,398,416
Béziers355
Bilbao271–2
Bin Laden, Osama483,484
Bjorn Ironside149
Branca de Castela414,417,418
Igreja de Bogomil348
Boêmia475
Boemundo I de Antioquia75–91,137,243
aparência78
exército em Constantinopla82–5captura e prisão133personagem75
Visita de Natal a Jerusalém129–33morte155
e a Primeira Cruzada78–91nomeação de75
e o cerco e queda de Antioquia100–1,103–5,106,108–9,115–17cerco de Nicéia85–8
Boemundo II de Antioquia165,167,188,193–4,196,253Boemundo III de Antioquia270
Boemundo IV de Antioquia373Boemundo V de Antioquia419
Boemundo VI de Antioquia-Trípoli429,430,434–5,438–9,441Bonifácio IX, Papa472
Bonifácio de Montferrat332,341Bonifácio VIII, Papa454
Livro de Clemente382
Boucicaut (Jean II de Meingre)470–5
e Henry Bolingbroke465–6,467,468,469

Breivik, Anders Behring482
Grã-Bretanha, Jerusalém e a Primeira Guerra
Mundial485Buri, atabeg de Damasco188,189
Bush, George W.484,487
Bizâncio15,31–41,66
e Antioquia132–3
e Chipre307
e a queda de Jerusalém para
Saladino299e a Quarta Cruzada331–41
e a Terceira Cruzada308–
9Guarda Varangiana146
e Veneza320,321–2
*veja também*Aleixo I Comneno, imperador bizantino; Constantinopla; Manuel I Comneno, imperador bizantino

Cadmo (Homaz),
Monte250Cesareia46,120,293
Captura mameluca de436–
7Cairo260–1,262,270–1,272–3
Calábria34
conquista de11–13,35 Calixto
II, Papa173 Caltabellota, Paz de
(1302)455
Cameron, David486
Carcassonne350,355–6,361
Cartago9
Castelnaudary356–7
Castela21,22
Cátaros348–57,360,361
crenças348–50
perseguição de350–
7Celestino III, Papa315
Carlos Magno, Sacro Imperador Romano44,66,247,473
Carlos, conde de Anjou421,423,439–40,442
Carlos V, rei da Espanha e imperador do Sacro Império
Romano475Carlos de Valois454
Carlos VI, rei da
França471Cheney, Dick484
Cruzada das Crianças358
China188
Quios178

Coniates, Nicetas336,339,340–1,342Cristianismo e justificação das Cruzadas62–7Cilícia34,136,373 monges cistercienses185,186,213,214,349Clemente III, antipapa43
Clemente III, Papa299
Clemente V, Papa457,458,459,461Clemente VII, Papa467
Cleópatra96
Clermont, Conselho de54–6,58,63,66,80,131,482
Cluny, abadia de24,44–9,54
Coloman, Rei70
Colombo, Cristóvão477–9Conrado, duque da Mazóvia401
Conrado III de Jerusalém (Conradin)433,440Conrado III, rei dos alemães212,219–20
e a Segunda Cruzada244–6,248–9,255,256,300
e os Wends229,231Conrado IV da Alemanha414
Conrado de Montferrat312,314,332–3Conrad von Thüringen404
Constança, rainha da Sicília325,391
Constantino Ducas38Constantino, o Grande34Constantino Kalamanos270Constantino XI Paleólogo476Constantinopla33–5,53,54
Balduíno II como imperador de417–18,419,435
Palácio de Blaquerna35,334,335
Câmara de Porfírio31–2O exército de Boemundo em82–5Coluna de Constantino32
e a Primeira Cruzada62,71–3,76–7,81–97e a Quarta Cruzada331–41
e o Império Otomano471–2,473,476e a Basílica de São Marcos, Veneza320
e a Segunda Cruzada243–4,246,248Sigurd I da Noruega em155–6

Córdoba20,412
Corfu244

Creta34
Cumanos37,40,389
Chipre34,102,306–7,331,396–7,419–20

Daimbert (Dagobert), arcebispo de Pisa131–2,132–3,136,139,140
Dalmácia34
Damasco103,111,162,181,205,341
  cruzada de 1129187–
  9Henry Bolingbroke
  em466e os
  mongóis431,432
  O governo de Nur al-Din em255–
  6,265cerco de (Segunda
  Cruzada)255–7
Campanhas de Damietta
  Quinta Cruzada375–85,387,398
  Sétima Cruzada420–1,422,423
  e os Cavaleiros Teutônicos389,390
Dandolo, Domenico321
Dandolo, Enrico, doge de Veneza319–
  42,449cegueira319
  morte341–2
  carreira diplomática321–2
  antecedentes
  familiares321e a Quarta
  Cruzada
    saque de Constantinopla333,334–5,336,340–1saco
    da Zara329–31
    navios venezianos326–30,422
  e Veneza320–1
  visita de enviados franceses a322–
4,326Dandolo, Vitale321
Daniel, o Abade164Danishmend
Ghazi133,135
Da'ud278
Dinamarca229,394
*Dictatus Papae*49–50
Diego Gelmirez, arcebispo de Santiago de Compostela171–
2Dirgham264,268,269,274
*Divina dispensação*231
Długosz, janeiro409
Domenico Michiel, doge de Veneza173,174,177
Dorileu89–91,93,245–6,248–9

Drogo12
Dirráquio, Batalha de35,38,78,155

Edessa101–2,106,116,117,164
queda de5,211–12,216,221,225,253
e Nur al-Din252–3,265e a
Segunda Cruzada239
Eduardo I, rei da
Inglaterra441Egito34,259–75
Alexandria271,279,320,329,332,341,474,483
Cairo260–1,262,270–1,272–3
e a Quarta Cruzada327,341
Expedição de Luís IX à (Sétima Cruzada)419–23Sultanato
mameluco423–5,427–8,429–30
inundação do Nilo382–4,420
Saladino em271,273,274,275,281–2,283–5
*veja também*Sultanato Aiúbida; Campanhas de Damieta; Egipto
Fatímida Einar Skúlason153
Eisenhower, Dwight D.486
El Cid (Rodrigo Díaz de
Vivar)22Leonor de Castela441
Leonor, duquesa da Aquitânia306
casamento com Henrique II da
Inglaterra258,287casamento com Luís VII da
França215–16
e a Segunda Cruzada246,247,248,249,250,253–4,257–8Emerias
de Altejas62
Emérico, rei da Hungria329 Emicho
de Flonheim, conde67,70–1Inglaterra
e a Quinta
Cruzada369Conquista
Normanda11
Sigurd I da Noruega em147–
8Efraim de Bonn219
Eraclius, patriarca de Jerusalém287
Eugênio III, Papa211–15,225,226,231,234,247
*Divina dispensação*231
*Praedecessores quânticos*213–
15,216cruzados europeus
a Cruzada Albigense348–57a
Cruzada da Livônia343–8

aprovação papal de286,347Eustáquio, conde de Boulogne170

Fakhr al-Din398
Egito fatímida98,102,113–15,119,130,134,140,169,176
Cairo260–1,262,270–1,272–3
declínio do califado260–2fim do califado277–9ataques a Jerusalém199
Fernando III, rei de Castela412Fernando, rei de Aragão477–8,478–9Fidenzio de Pádua451
Quinta Cruzada362,365–85,393,419pregação de cruzados em Bedum365–8Campanha Damietta375–85,387,389
viagens da Renânia e da Frísia369–71e os mongóis409–10
em Portugal370–1
e os Cavaleiros Teutônicos389,394
Primeira Cruzada5,17,451
e Boemundo75–91
Constantinopla82–5
marcha de76–7,81–97e os normandos78–81
Pedro, o Eremita, e a Cruzada Popular59–62,67,69–73,81,82,86–7,91
Apelo de mobilização do Papa Urbano II56–8,66–7,78,138
cerco de Antioquia94,97–109
cerco de Jerusalém112,120–8
sobreviventes135
Primeiro Concílio de Latrão234Primeira Guerra Mundial485Florina da Borgonha146
Abadia de Fontevrault, Anjou317Formentera149–50
cruzadas do século XIV462Quarta Cruzada
e Constantinopla331–41
e enviados franceses em Veneza323–4,326–7O apelo do Papa Inocêncio III para323–4
saco da Zara329–31,353

e navios venezianos326–30,334–5,336–8
*veja também*Dandolo, Enrico, doge de
Veneza Quarto Concílio de Latrão360
França
Cruzada Albigense348–57,360,361,369e a
queda dos Templários456–8torneio em Saint-
Inglevert465–6,467,470
Francisco de Assis, São349,379
Franciscanos349,379
Árabes Fraxinet46–7
Frederico I, Sacro Imperador Romano (Barbarossa)244,300,308–9,321,388
Frederico II Hohenstaufen, Sacro Imperador Romano378,381,382,384,390–3,394–400,403,417,
433
e al-Kamil397–400antecedentes
e personagem391–3morte405
como rei de Jerusalém395–400,414e
Luís IX da França418
e os mongóis411,412
e o Papa Gregório IX396,400,401–2,404–6
Frederico da Suábia309,388
Froissart, Jean473
Fulcher de Chartres54–5,104,121,129–30,164Fulk,
conde de Anjou287
morte207
como herdeiro da coroa de Jerusalém181,182–4,187,188
como rei de Jerusalém195–6,197–
207Cheio de Neuilly325
Fulk de Villaret451,459

Galiza22,23,24,148,232,233
Gastão de Béarn127
Genghis Khan (Temüjin)407,409,410–
11,414Geoffrey de Rancon, senhor de
Taillebourg240Geoffrey de Dutton384–5
Geoffrey Plantageneta183
Jorge de Antioquia, vizir da Sicília223–5,226,227–8,244,304Jorge
VIII, Papa299
Geórgia381,411
Geraldo de Gales2,301
Gerard de Ridefort288,293

Gerold de Lausanne, patriarca de Jerusalém397,398,399Gertrudes de Sulzbach245
*Gesta Francorum (Atos dos Francos)*78–9,80–1,85,90,100,104,107,118,128,130,134
Gibelet293
Godofredo de Bouillon80,82,84,89,95–6,102,130,140,169
  morte133–4
  e o cerco de Jerusalém123,124,125Godfrey de la Roche, bispo de Langres216Godric de Finchale136
Graham, Billy486
Granada26,476–7Cristãos gregos
  na Sicília14
  *veja também*Bizâncio
Gregório IX, Papa396,397,400,401,402–3
  e Frederico II Hohenstaufen396,400,401–2,404–6e os mongóis411–12
  *Rachel sua vida*413
Gregório VII, Papa25–6,46,49–50,66,79
  *Dictatus Papae*49–50Gregório X, Papa451
Grunwald (Tannenberg), Batalha de461–2,486
Guibert de Nogent60,63,128,139
Gunther de Pairis330,332,338–9Gutalda de Aschenburgo219
Guy de Lusignan, rei de Jerusalém288,289,291,292,293,307,314,399e o cerco de Acre308,312
Güyüg Khan418–19

Adriano, imperador98
Hafsidas440
Haifa120,293,437,446
Halldór Skvaldri149,150
Harald Hardrada146Harim, Batalha de270Hastings, Batalha de80
Hattin, Batalha de290–3,307,308,378,399,414,416
Hebron293
Henrique Bolingbroke (mais tarde Henrique IV da Inglaterra)465–70,473,475Henrique da Borgonha149

Henrique, cardeal-bispo de Albano 300
Henrique de Glanvill 235
Henrique de Lusignan de Chipre-Jerusalém 397, 455
Henrique I, rei da Inglaterra 147, 183–4, 194
Henrique II, Rei da Inglaterra 50, 183, 258, 287–8, 306
  e a Terceira Cruzada 300–1
Henrique II Pobozwy, duque da Silésia 409
Henrique III, rei da Inglaterra 354, 361–2, 398, 399, 413
Henrique IV, Sacro Imperador Romano 39, 43, 50
Henrique, rei consorte de Jerusalém 323
Henrique de Lausanne 211–12
Henrique da Livônia 345
Henrique V, rei da Inglaterra 474–5
Henrique VI, Sacro Imperador Romano 315, 325, 388, 391
Henrique VIII, rei da Inglaterra 475
Hermann Balk 402
Hethum, rei da Armênia 419, 429
Sacro Império Romano
  e Frederico II Hohenstaufen 390–1
  e o papado 43–4, 50
Honório III, Papa 362, 378, 390, 393, 394, 395
Hospitalários 179–80, 190–1, 204–5, 372, 456
  e a Batalha de Hattin 290, 293
  e a queda do Acre 445
  Destruição de fortalezas pelos mamelucos 437, 441, 446
  em Rodes 459–60, 461
  e o saque de Jerusalém 416
  e os Cavaleiros Teutônicos 388, 390, 397
Hugh, o Berserk 81–2
Hugo, bispo de Edessa 210
Hugh, bispo de Jabala 210, 212
Hugo, conde de Vermandois 80, 83–4, 89, 134–5
Hugo, duque da Borgonha 309
Hugo de Gibert 293
Hugo II de Chipre 433–4
Hugo III de Chipre, rei de Jerusalém 442, 444, 445
Hugo de Jabala 293
Hugo de Le Puiset, conde de Jaffa 198–9
Hugo de Lusignan, rei de

Chipre373,374Hugo de Payns178–87,190,394

em Jerusalém178–81
busca apoio para movimento de cruzadas181–4
e a organização e regra dos Templários184–5,186Hugo de St Pol332–3,335
Hugo de Semur, abade, mais tarde São Hugo de Cluny45–6,47–8,54Hülagü, comandante mongol427–9,430,432,435,437
*humilhação*349
Humphrey de Toron293
Guerra dos Cem Anos453,471
Hungria389
e os mongóis409,412–13e o Império Otomano472 e a Cruzada Popular69–71
Hus, Jan475
Husechin96

Ibelin293
Ibn Abd al-Zahir433Ibn al-Adim167
Ibn al-Athir16–18,104,105,126,128,174,188,202,275,399
sobre a queda de Edessa210em Nur al-Din252
sobre o saque do Cairo272em Shirkuh268
sobre a campanha siciliana em Ifriqiya224,225,227–8sobre o cerco de Acre310
sobre o cerco de Damietta380sobre os cruzados espanhóis358
sobre os Templários458
Ibn al-Jawzi391,392,393,399,416
Ibn al-Kardabus139
Ibn al-Labbana29–30
Ibn al-Qalanisi99,101,105,115,120,154sobre os manifestantes de Aleppo163
em Ayyub279
em Damasco189–90em Ismah Khatun162em Nur al-Din265
na Segunda Cruzada246,256–7

Ibn Hamdis[19–20,29,30]

Ibn Hassul36
Ibn Hayyan25
Ibn Idhari149
Ibn Kathir429
Ibn Khallikan114–15
Ibn Rushd392
Ibn Ruzzik, Tala'i262,263–4,267,274Ibn
Shaddad
sobre Saladino279–
80,292sobre o cerco de
Acre310
Ibn Tulun177
Ibn Wasil393
Icônio309
Ifriqiya11 de setembro,16–18,30,261
Mahdia136–7
Campanhas sicilianas em223–8
Iftikhar al-Dawla115,120,121,122,124,125,126
Ilghazi ibn Artuq111–13,166–7,172,191,194
e o Campo de Sangue167–8,169,170
Imad al-Din al-Isfahani280,282
Inab, Batalha de258,265
Inocêncio II, Papa211,226
Inocêncio III, Papa5,358–9
e a Cruzada Albigense350–2,353,355,357
morte362–3
e a Quinta Cruzada369,373
e a Quarta Cruzada327,333,335,362saque de
Constantinopla340
saco da Zara330–1
e a Cruzada da Livônia347,348
*Pós miserável*323–4
*Quia major*365,368
e cruzados espanhóis e portugueses358–9,362e os
Cavaleiros Teutônicos389
Inocêncio IV, Papa417,418–
19Iona, Ilha Sagrada de146
Invasão do Iraque (2003)484
Irene Angelina331–2
Irene Doukaina32,243
Irene, Imperatriz245,248

EI (Estado Islâmico)484–5,486–7
Isaac II Ângelo331,335
Isaac Comneno de Chipre306–7
Isabel I, rainha de Jerusalém214,323,372
Isabel II, rainha de Jerusalém372,395,396
Isabel, rainha de Castela477–8,478–9
terrorismo islâmico483–7
Ilha de Man145,184
Ismah Khatun161–2,163
Ismael de Damasco415,416
*Itinerário Peregrinorum*301,302,310Izz
al-Din Jurdik274

Jacques de Vitry363
Jafa120,123,133,152,153,293,313,371,470
  Captura mameluca de438
  e a Terceira Cruzada313,314,315Jagiello
da Lituânia469
Jaime I, rei de Aragão360,412,440,454
James de Molay455–6,457–8
James, St24,148
James de Vitry, bispo de Acre371,376,377João
de Vienne473
Jerusalém1,11,54,111
  projetos de construção201–5
  e o império bizantino41
  Igreja do Santo Sepulcro179,200,201,203–4arte cruzada
  em200–1
  queda de (1099)5
  Ataque fatímida em113–15
  e a Quinta Cruzada379–80,382,384e a
  Primeira Guerra Mundial485
  e a Quarta Cruzada327,329
  Frederico II de Hohenstaufen como rei de395–
  400,414Henry Bolingbroke em470
  Hospitalários179–80,190–1,204–5,388
  reino de153–4,371–3,384,398,414
  e os mamelucos435,452–3
  Os planos de Marino Sanudo para
  recuperar449–53e o Império Otomano476

e Pedro, o Eremita60–1
e o Papa Urbano II53,55,57–8
saqueado pelos turcos corazinianos414–17Mosteiro de Santa Maria dos Latinos179A
captura de Saladino (1187)5,293–4,297–9
Governadores seljúcidas de111,113–15
cerco de (Primeira Cruzada)112,120–8
sucessão da coroa de287–9,433–4,442
e os Templários178–80,190–1,205e os Cavaleiros Teutônicos389
e a Terceira Cruzada313,314–15
Jesus Cristo63,64,65,107,109e os cátaros349
judeus
na Renânia67–9,127,218–19
na Sicília14,15
*veja também*antissemitismo
*jihad*274
e Baybars435e Nur al-Din266
e Saladino280,282,284
jizya(imposto infiel)14,15
Joana, irmã de Ricardo Coração de Leão303,304,305,306,307,314,315,316–17
João Batista83,179,188
João de Brienne, rei de Jerusalém372,375,376,381–2,389,395,400,417
João de Gaunt466–7,469João de Ibelin396–7
João II Comneno, imperador bizantino167,178,199,206,241João de Jaffa434
João de Joinville418,422,423
João, rei da Inglaterra314–15,326,353,354,369João de Patmos64
João de Trastâmara467João XXII, Papa450Joscelin de Courtenay165
Joscelino I, conde de Edessa172–3,188,197
Joscelino II, conde de Edessa197,211,252,265Joscelino III de Courtenay288
Judas Macabeu63,64,90conceito de 'guerra justa'65

Justiniano, o Grande97

Karbugha, Qiwam al-Dawla106–7,108–9
Kemal al-Din175
Kerak290
Khusraw, Nasir117
Turcos Khwarazmianos e o saque de Jerusalém414–17Kibotos72–3
Figura do 'Rei Davi'410Kinnamos, John245
Kitbugha429,431–2

La Forbie, Batalha de416,417,418
Lagmadr, rei da Ilha de Man e das Hébridas184Las Navas de Tolosa, Batalha de359,362,370,476
Latakia131
Lebounion, Batalha de39,40
Legnica, Batalha de407–9,411Leão I, rei da Armênia389Leão II, rei da Armênia373Leão III, Papa66
Leão IX, Papa12Leão21,22
Leopoldo, duque da Áustria312,315Leopoldo VI, duque da Áustria373Lisboa
  conquista de232–9
  Sigurd I da Noruega em149,157Lituânia, Henry Bolingbroke em468–9Litot390
Livônia
  Irmãos da Espada346,348,403Ordem Teutônica em404
Cruzada da Livônia343–8
Atentados de Londres, metrô e ônibus (2005)484–5Luís, conde de Blois323,324,325,332–3Luís II, duque de Bourbon468
Luís IX, rei da França439,445morte e canonização440
  e os mongóis435
  e a Sétima Cruzada417–23,425

Luís VI, rei da França215
Luís VII, rei da França215–16,217,286–7,300
e a Segunda Cruzada246–9,253–4,257,258
Luís VIII, rei da França361,414,417Lucera,
colônia muçulmana em454
Lúcio III, Papa211 Ludwig,
duque da Baviera382Calma,
Ramon451,456–7
Lida293
Lyon, Primeiro Conselho de416–17

Ma'arrat (Marra)117–18
Macedônia15,35,82
Carta de Magdeburg229–30
Magnús Pernas Descalças145–6
Mainz, ataque à população judaica67–
9Majolus, abade de Cluny46–7
Malaterra, Geoffrey14,16,17,81
Malik-Shah38,98–9,113
Malta137,460,483
Mamelucos5,433–47,451
*Bahriyya*421,423–5,430,432,433
captura dos estados cruzados436–47
e peregrinos cristãos a Jerusalém452–3e os
mongóis424,427–33
e os otomanos476
*veja também*Baybars, Rukn al-Din
Manganeois Prodomos244
Manuel I Comneno, imperador bizantino206,228,265,272,306
e a Segunda Cruzada243–4,245,246,248,255
Manzikert, Batalha de36,52,66
Margarida de Beverley297–
8,302,316Margarido de Brindisi303–4
Maria Comnena272,288,293
Marino Sanudo, o Velho449–53,456,463
*O Livro dos Segredos*449,452
Marco
Antônio96Martinho IV,
Papa454–5Martinho de
Pairis325Martinho V,
Papa475

Mas'ud, sultão de Rum246
Matilda, filha de Henrique I da Inglaterra183,194Mawdud, atabeg de Mosul165–6,175
Saltério de Melisende200–1
Melisende, rainha de Jerusalém254,289
  morte264
  como governante conjunto195,196,197–207
  casamento com Fulque de Anjou181,183,194como único governante207–8
Mesopotâmia34,97,415Miguel, o Sírio252–3Miguel VII Ducas38
Miguel VIII Paleólogo, imperador de Constantinopla435Mina de Speyer219
mosteiros24
  Casas Clunaicas44–5
Mongkë, o Grande Khan427,429
Mongóis5,405–6
  exércitos e filosofia da guerra410–11Batalha de Legnica407–9,411
  e os estados cruzados413–14Horda Dourada437
  Ilcanato471
  e os mamelucos424,427–33,435e a Sétima Cruzada418–19avanço ocidental de409–13
Montferrand205
Mosul284,285
Muhammad ibn Muwaffaq277Muhammad, Profeta113,122,294
Muhyi-al-Din294Mu'in al-Din Unur256Mu'izzi (poeta)118
Mujir al-Din265Muret, Batalha de359
Mu'tamin al-Khilafa281

Nablus293
Napoleão Bonaparte460,483
Nasr ibn 'Abbas259–60,262

Nasridas de Granada477Navarra22
Nazaré293,398,435Neófito, o Recluso, St.299Nova Ordem da Paixão472novo mundo5
Nova Zelândia, tiroteios na mesquita de Christchurch481–2,486Niceia38,72
O cerco do Império Bizantino a85–8Nicolau de Colônia358
Nicolau II, Papa12–13,49
Nicolau IV, Papa443,451
Nicópolis472–3
Nicéforo III, imperador bizantino35Nicetas Coniates336,339,340–1,342
Nikomedia38 Nivelo de Fréteval59Nizaris veem Assassinos
Nogaret, Guilherme de457
Non parum animus noster(bula papal)286Normandos11
conquista da Sicília13–16,19conquistas na Espanha17
e a Primeira Cruzada78–81Família Hauteville11–13
invasão do sul da Itália11–13,31,35e o Papa Gregório VII50
*veja também*Roger I, conde da Sicília
Nur al-Din252,253,258,265–7,275,425
e Damasco255–6,265
morte282–3,285
e Edessa252–3,265
e o Egito Fatímida266,267,268,270,273–4,275
e Saladino279,281–3,284,285
Nyklot, Príncipe231

Obama, Barack484
Odo de Deuil215–16,217,248,250,251
Odo, duque da Borgonha53
Odo de Lagery ver Urbano II, Papa (Odo de Lagery)

Odisseu234
Ögödei Khan411,412,413
Olaf, St153
Antigo Testamento, justificação para as Cruzadas63–4Oliver de Colônia365–8,369,370,373,374,375
  e a campanha de Damietta376–7,377–8,382,384,385Ordem da Dama Branca do Escudo Verde473–4Orderic Vitalis195–6
Oswald, St, rei da Nortúmbria66
Otto, bispo de Freising212,220,231,245,249Otão IV da Baviera391–2
Império Otomano471–3,475–6

papado
  em Avignon450
  pregação de cruzadas nos últimos anos453–4,462e a queda de Edessa210–15
  reformas gregorianas49–50
  e o Sacro Império Romano43–4,50justificativa para as Cruzadas66–7cisma467,475
  e Espanha23,24,25–6 e cruzados espanhóis234
bulas papais
  *Auditoria tremenda*299
  *Dictatus Papae*49–50
  *Divina dispensação*231
  *Non parum animus noster*286
  *Pós miserável*323–4
  *Praedecessores quânticos*213–15,216,236
  *Quia major*365,368
  *Rachel sua vida*413Pascoal II, Papa140–1,157,179
  e os Wends230Paulo, São64,96,189,365
Paz de Deus66Pechenegues35,37,39,40
Pedro, o Cruel, rei de Castela466Pedro II, rei de Aragão359–60Pedro III, rei de Aragão454–5

Pelágio de Albano378,380,381,382,384,389,409–10
Cruzada Popular62,69–73,79,81,82,91
Pérsia36
Pedro Bartolomeu107Pedro
de Bruys211–12 Pedro de
Castelnau254,352
Pedro Damião49
Pedro de
Dursburg389,402Pedro de
Eboli304
Pedro, o Eremita59–62,67,69,70,70–3,86–7,103
Peter Montagu, mestre dos Templários383,387–
8Pedro de Vaux-de-Cernay353–4,357,360
Pedro, o Venerável212Filipe
da Alsácia286
Filipe, conde de
Flandres309Filipe I, Rei da
França51,80
Filipe IV 'Le Bel', rei da França457,458Filipe
de Mézières472
Filipe da Suábia332,391–2
Filipe II Augusto, rei da França325–6,356,417
e a Cruzada Albigense350,353
e Montfort360
e o cerco de Acre309,310–11,312
e a Terceira Cruzada300–1,303,305–6,315
peregrinos151–2,164–5,452–3
Pisídia95
Plaisance, rainha de Jerusalém433–
4Polônia e o Império
Otomano472Ordem Polonesa de
Dobrzyn403
Pons, conde de
Trípoli188,197,205Portugal
cruzados em358–9
e a Quinta Cruzada370–1e a
Segunda Cruzada232–9Sigurd I
da Noruega em149
*veja também*Lisboa
Ordem Portuguesa de Cristo458
Pós miserável(bula papal)323–4
Preste João (personagem mítico)410,411,418Prússia

Henry Bolingbroke em469
e a Ordem Teutônica402–3,404

Qalawun, sultão mameluco442–3Qaraqush278,282,307
Qilij Arslan72,73,85–6,88,89,91,93,98,133,135,146,206,309
Praedecessores quânticos(bula papal)213–15,216,236
realeza194–5
Quia major(bula papal)365,368Qutb al-Din Mawdud252
Qutuz, sultão mameluco do Egito427–8,429–30,431–3

Rachel sua vida(bula papal)413Radwan, emir de Aleppo135,167Raimbold de Caron135
Rainald Mazoir197
Ralph de Caen82,88,96,97,103,107Ralph, o Vermelho de Pont-Echanfray81–2Ranulf, conde de Chester385
Raol (padre), sobre a queda de Lisboa234,235,237,238–9Raoul, pregador cisterciense francês218–19
Rashid al-Din Sinan314
Raimundo de Aguilers90,109,117,118,126–7
Raymond, conde de Toulouse53,56,79–80,84,87,89,90–1,116,117,119,134–5,140
e o cerco de Jerusalém123,124,125,126Raimundo II, conde de Trípoli205
Raimundo III, conde de Trípoli270,288Raimundo de Poitiers206,253–4,265Raimundo VI, conde de Toulouse316,359
e a Cruzada Albigense351–2,353,354–5,356–7
morte363
Raimundo VII, conde de Toulouse360–1Raymond-Roger Trencavel355,356
*Reconquista*5,25,358,362,453,458,476–7,483
e monges clunianos47e
os Hospitalários460
Reforma475Reginaldo de Sidon288
Renato de Montmirail332
Reinaldo de Châtillon266,288,289–90,293Renânia,
São Bernardo, chamado para cruzados217–19

Rodes34,459–60,461,470
Ricardo de
Devizes302Ricardo, conde da
Cornualha413
Ricardo I, rei da Inglaterra (Coração de Leão)157,301–2,303–17,326,391,398
aparência301
em Chipre306–7,331
morte316–17
e Henry
Bolingbroke470casado305–6
na Sicília303,304–5
e o cerco de Acre309,310–
13Ricardo II, rei da
Inglaterra466,470Ricardo do
Principado80
Roberto, bispo de
Nantes415Roberto, conde de
Artois421,422
Robert 'Curthose', duque da Normandia80,89,90,102,123,134,184
prisão147–8,182
Roberto Guiscard12–13,66,75,78,87,157,243
e o império bizantino35,38,39
conquista da Sicília13,14,15,16e
o Papa Gregório VII50
Roberto I, conde de Flandres39–40,53,134
Roberto II, conde de Flandres80,84,102,123
Roberto, o Monge55–6,83,86,91
em Jerusalém122
sobre o cerco de
Nicéia86Roger Borsa78
Roger I, conde da Sicília9–
12,66,78,157conquistas e morte137–8
conquista da Sicília13,14–16,19,35 e a
Primeira Cruzada80
e Ifriqiya11 de
setembro,16–17e o Papa
Urbano II52
Roger II, rei da
Sicília138,151,157,170,199,211,304Influências culturais
árabes e gregas em227
e Ifriqiya223,224,225–8
Roger de Salerno165,167,168,173Roger
de Wendover369
Rollo12

colapso do oeste65
e Constantinopla32,33–4
Romano IV Diógenes, imperador bizantino36Romano de Le Puy198
Roncesvalles473
Rothard, arcebispo de Mainz68Rumsfeld, Donald484

Saewulf164–5
Safad438
Sagrajas (Zallaqa), Batalha de28Saher de Archel235
Saif al-Dawla Mas'ud174Saif al-Din252,256
'Dízimo de Saladino'301
Saladino (Yusuf ibn Ayyub)1–2,279–81,321,398,425
captura de Jerusalém (1187)5,293–4,297–9personagem e carreira279–81
morte372–3
no Egito271,273,274,275,281–2,283–5
construção de impérios283–5
invasão do reino de Jerusalém289–94e Nur al-Din279,281–3
e a Terceira Cruzada307–8,313,314,315
Salza, Hermann von387–8,389–90,393–4,395,396,398,403,406
morte404–5
e o Touro de Ouro de Rimini400–1Samarcanda414
Sancho I, rei de Portugal304
Santiago de Compostela24,47,148,316,369
Sarrasin, John420
Saxônia, guerra santa contra os Wends228–32Sayf al-Din279
Sayf al-Din Esendemür456Escócia184,411
Segunda Cruzada5,242,243–58,285,287,410
e Bernardo de Claraval216–21,384e Conrado III da Alemanha219–20cruzados franceses227–8,246–51,253–4
cruzados alemães227–8,229,231,244–6,248–9

em Portugal232–9
e os predecessores quânticos213–15,216e a campanha siciliana contra Ifriqiya225–8
Turcos seljúcidas35–6,37–9,72,140,331,419
e Antioquia98–9colapso do governo de471
e os estados cruzados165,166,176
e os fatímidas113–15,261e os mongóis428
*veja também*Qilij Arslan
Sérvia39
Sétima Cruzada417–23
Campanha Damietta420–1,422,423
Sevilha20–1,26
Shajar al-Durr421,424
Shawar ibn Mujir al Sa'di264,268,269,271,272–4
Shirkuh, Asad al-Din268–71,273–5,279
Sibila, rainha de Jerusalém288,289,308Sicília
destruição da linhagem real dos Hohenstaufen439–40,454'Grifos' de Messina304
e o Sacro Império Romano391Campanhas Ifriqiya223–8
conquista normanda de9–12,13–16,19,35Sigurd I da Noruega em150–1,157
e a Terceira Cruzada303,304–5,306Guerras das Vésperas Sicilianas454–5
Sidon293,419,429
cerco de153,154–5,162Sigismundo, rei da Hungria472
Sigurd I da Noruega145–59,220,220–1,235,370
em Constantinopla155–6
como um cruzado ou peregrino158–9na Inglaterra147–8
na Galiza148,232
na Palestina151–5
em Portugal149,157
na Sicília150–1,157Simão de Dover235Simão de

e a Cruzada Albigense353–5,356
em Aragão359–60
morte360–1
e a Quarta
Cruzada329,332Estatutos de
Pamiers357
Simão de Montfort, o Jovem354,361–
2Simão de Trier219
Sexta Cruzada396
Esmirna36,38
Snorri Sturluson149,150,151,154,155,156,157
Canção das Guerras Cátaras,
*A*356,359Espanha20–30,138–40
al-Andalus21,26,28,29,46,232
Barbastro25,26,27
os 'monarcas católicos'477–8,478–9
reinos cristãos22,25,47–8
Córdoba20
cruzados em139,234,286,358–9,362
Galiza22,23,24,148,232,233
Granada29,476–7
Cruzada castelhana de João de
Gaunt466–7málaga29
Reinos taifa muçulmanos20,21,24,25,26,29,47,48,54,119,140
Sevilha20–1,26
Toledo17,21–2,26–7,28,58
*veja também*Almorávidas; Reconquista
Atentados no Sri Lanka (2019)486–7
Camponeses de
Stedingen402Estêvão de
Cloyes358
Estêvão, conde de Blois80,84,97,103,106,117,134–5,182
Stuttfield, Thorarin147
Suleiman, o Magnífico460,476Sven
da Dinamarca146Irmãos da
Espada346,348,403
Sybilla, rainha de Jerusalém288,289Síria
e Antioquia97,99
e o império bizantino34,41
estados cruzados5,102
e o Egito Fatímida268–70

Conquista mongol de429As
conquistas de Saladino
em284–5

Tafurs108
Taj al-Muluk Buri187
Tancredo de
Hauteville80,82,84,89,96,102,119,127,134,165Tancredo da
Sicília304–5
Tannenberg, Batalha de461–2,486
Tarrant, Brenton481–2
Tarso96–7
Tártaros409
*veja também*Tatikios
mongóis87,90,93,117
Tayy272
Tayyibis261
o Templário de Tiro (autor)432,438,442,443,444,445,446
Templários178–80,190–1,205,212,262,372,374
e a Batalha de Hattin290,291,293e a
queda do Acre444–5,446
queda de455–8
fortalezas437,446,455–
6organização e regra184–6e o
saque de Jerusalém416e a
Segunda Cruzada250–1
e os Cavaleiros Teutônicos388,389–90,397
Térrico293
terrorismo no século XXI481–2,483–7
Cavaleiros Teutônicos372,387,388–90,394–5,400–4,456,461–2,486
fortaleza de Montfort397
e o Touro de Ouro de Rimini400–1e
Henry Bolingbroke465,468
e o saque de Jerusalém416
Teobaldo, conde de Champagne323,324,325,353,413–
14,417Teobaldo IV, conde de Blois182
Tessália34,35
Thierry, conde de
Flandres270Terceira
Cruzada5,300–17,353
e Jerusalém313,314–15
preparativos para301–
2cerco de Acre307–13

e os Cavaleiros Teutônicos388Terceiro Concílio de Latrão350 Thomas de Beverley297,316Thoros, governador de Edessa101–2Thoros II, príncipe armênio270Trácia34,37,82,336
Tiberíades293
Timur, o Coxo (Tamerlão)476Timurtash173,194
Toledo17,21–2,26–7,28,48
Toron293
torneios325
Trajano, imperador98
Trípoli153,164
Guerra de Sucessão Antioquena373conquista siciliana de223,224–5,226–7
Troyes, Conselho de186Trégua de Deus66Tudebode, Peter95
Tughtakin de Damasco111,164,165,167–8,174,187,189,191
Turan-Shah, sultão aiúbida421,422,423–4
turcopoles291Turcos
e o império bizantino35–6,37–9,40,50,52,66,72,85
Cumanos37,40,389
Turcos Khwarazmianos e o saque de Jerusalém414–17
*veja também*Pneus turcos
seljúcidas120,154,162,320
captura cristã de173–4

Califado Omíada20,21
Estados Unidos, ataques terroristas483–4
Urbano II, Papa (Odo de Lagery)42,43–58,131,362,451
fundo43–4
e Boemundo79
e a abadia de Cluny44–9,54
Conselho de Clermont54–6,58,63,66,131,482
pregação de cruzada56–8,59,61–2,66–7,78,81,128,138,214
sobre as cruzadas na Espanha139,234
morte140

papado50–8
Sínodo de Piacenza51–
2,66e Roger I da Sicília137
Urbano III,
Papa299Urbano VI,
papa467Usama ibn
Munqidh260

Valência27
Veneza41,319–30,449,454
Tratado de Balduíno II com177–8,180–
1cunhagem (o grosso)322
Quarta Cruzada e navios venezianos326–30,334–5,336–8
poder naval173–4,320,326–7
Basílica de São Marcos320,321,326–
7riqueza e prestígio de320–1
*veja também*Dandolo, Enrico, doge de Veneza
Vesconte, Pietro452
Vézelay, o apelo de São Bernardo aos cruzados216–
17Victor III, Papa43
Vienne, Conselho de458,459
Villaret, Fulk451,459
Villehardouin, Geoffrey
de319,323,326,327,333Vital II Michiel, doge de
Veneza321
Vitale Giovanni136
Viterbo351
Vogelweide, Walther von
der381Volkwin403

Valdemar II, rei da
Dinamarca394Valdenses349
País de Gales1,2,145,302
Walpote,
Henrique388Walter de
Cesareia198–9Walter, o
Chanceler168Mapa
Walter180
Walter de Sans-Avoir62,70,71,73
Warmund de Picquiny, patriarca de Jerusalém171–2,178Welf
VI da Baviera220
Wends156,228–32,347
Wieselburg, cerco de70
Guilherme II, Kaiser da Alemanha485

Guilherme, arquidiácono de Paris 356
Guilherme de Beaujeu 444, 445
Guilherme de Bures 181, 183, 189
William Clito, conde de Flandres 182
Guilherme, o Conquistador, duque da Normandia e rei da Inglaterra 12, 40, 80, 126
Guilherme de Gellone 66
Guilherme I, conde da Provença 47
Guilherme I, rei da Sicília 303
Guilherme I, o Piedoso, duque da Aquitânia 44
Guilherme II, rei da Sicília ('O Bom') 303–4, 321
Guilherme II (Rufus), rei da Inglaterra 80
William Braço de Ferro 12
Guilherme IX, duque da Aquitânia 206
Guilherme de Malmesbury 148
William, marquês de Montferrat 293
Guilherme de Tiro
  sobre Alice de Antioquia 196–7
  sobre Amalrico de Jerusalém 263, 267, 272, 274
  sobre Balduíno II de Jerusalém 170, 193
  na cruzada de Damasco 189
  sobre Leonor da Aquitânia 258
  sobre Fulk de Anjou 182, 200
  sobre Hugo de Le Puiset 198
  em Ilghazi 172
  em Melisende 208
  em Nur al-Din 252, 270, 283
  sobre Raimundo de Poitiers 253, 254
  sobre Saladino 285
  e os Templários 180, 181
  sobre os venezianos 174
  sobre o assassinato de Zengi 252
Wladislau, duque da Boêmia 218

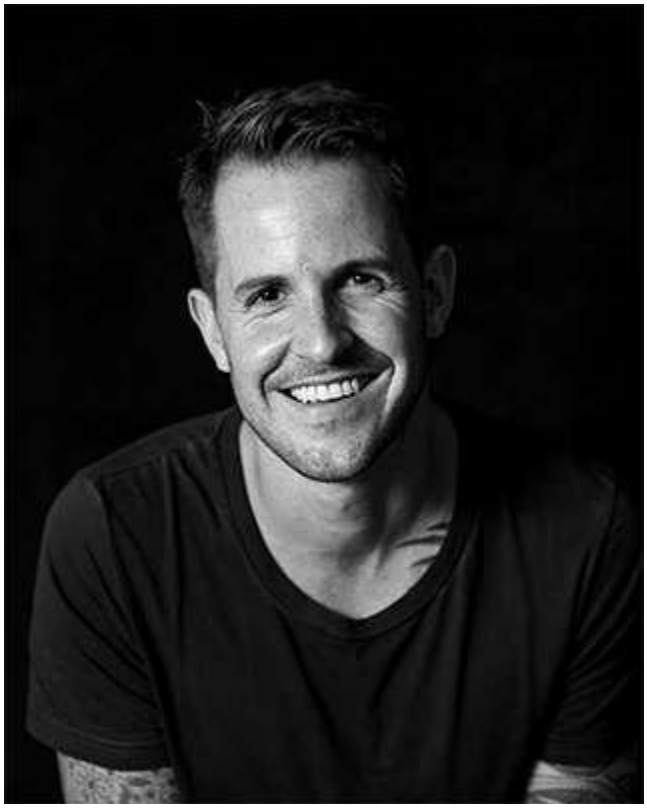
Xerigordo, cerco de 72

Yaghi-Siyan 98–100, 101, 102, 103, 104–5, 106, 438
Yaranqash 251–2

Yusuf ibn Ayyub veja Saladino (Yusuf ibn Ayyub)
Yusuf ibn Tashfin28,29
Yusuf II, califa almóada370Yvette de Jerusalém193,194

Zara e a Quarta Cruzada329–31,353
Zengi, Imad al-Din196–7,199,205,206,253,265,275,279,425
ataque a Edessa211–12
morte251–2
Ziani, Sebastião321
Zirids10,17
Sicília e Zirid Ifriqiya223–8

Sobre o autor



DUMJUNSDan é historiador, radialista e jornalista premiado. Seus livros, incluindo "Os Plantagenetas", "Carta Magna", "Os Templários" e "A Cor do Tempo" (com Marina Amaral), venderam mais de um milhão de cópias em todo o mundo. Ele escreveu e apresentou dezenas de programas de TV, incluindo a aclamada série "Secrets of Great British Castles", da Netflix/Channel 5. Durante dez anos, Dan escreveu uma coluna semanal para o London Evening Standard e seus textos também foram publicados em jornais e revistas, incluindo The Sunday Times, The Daily Telegraph, The Wall Street Journal, Smithsonian, GQ e The Spectator.

Um convite da editora

Apolo é uma impressão da Cabeça de Zeus.

Esperamos que você tenha gostado deste livro. Somos uma editora independente dedicada a descobrir livros brilhantes, novos autores e ótimas histórias. Junte-se a nós emwww.headofzeus.come faça parte da nossa comunidade de amantes de livros.

Manteremos você atualizado com nossos últimos livros, blogs de autores, prévias especiais, ofertas tentadoras, chances de ganhar edições autografadas e muito mais.

Entre em contato:olá@headofzeus.com

www.headofzeus.com

@cabeçadezeus

@HoZ_Books

Cabeça dos Livros Zeus